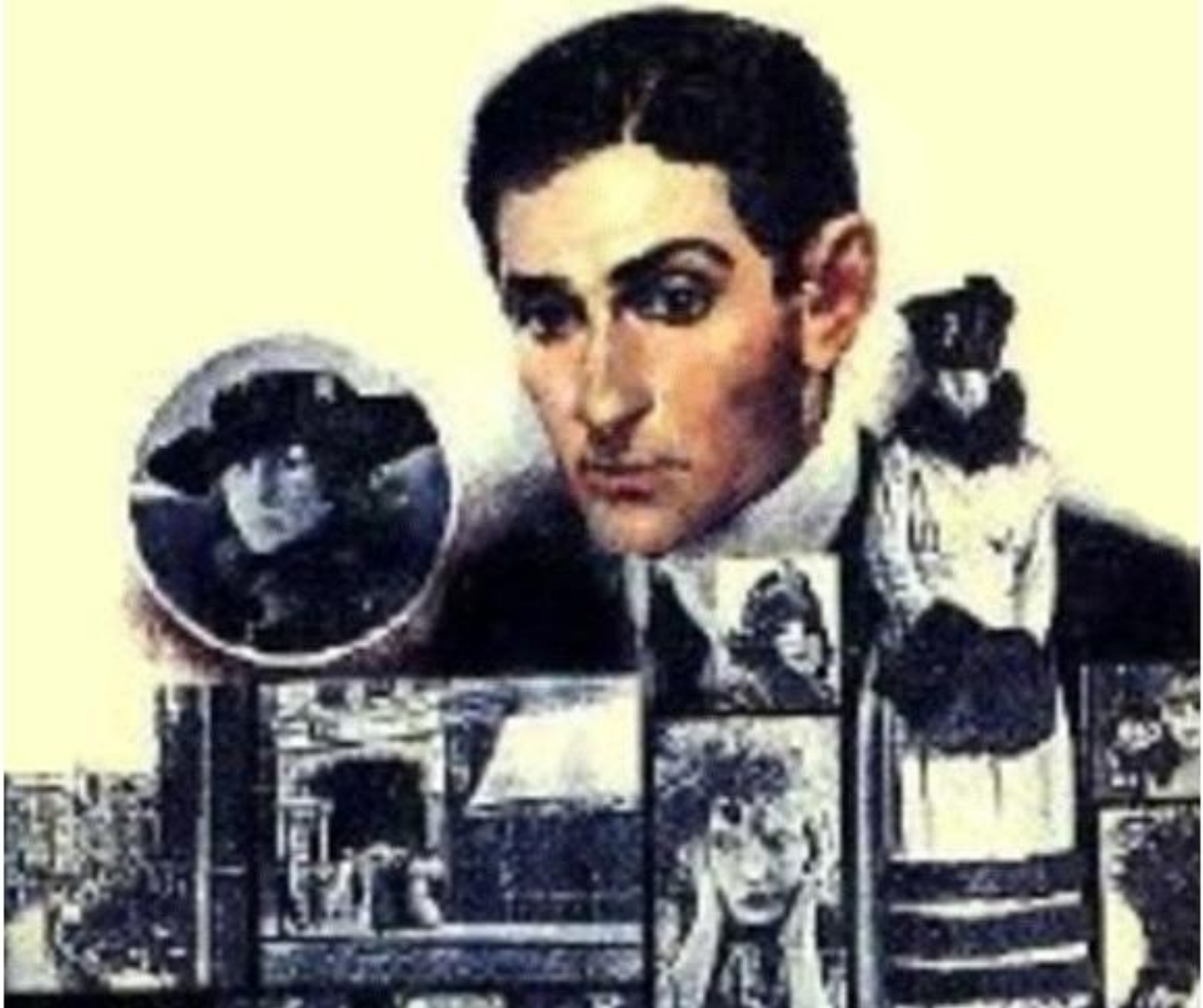
MAX

HOWARD FAST



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.us*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Howard Fast

M A X

Tradução de A. B. Pinheiro de Lemos

Record

1982

Rachel e Avrum

Bênçãos

CAPÍTULO UM

NOVEMBRO 1891

Max aos 12 anos

Como acontece com a maioria das pessoas que entram neste mundo, Max Britsky o fez de forma violenta e involuntária. Assim que a vida lhe foi incutida, com uma palmada na bundinha vermelha, ele gritou de raiva e ressentimento, com uma voz e vigor que surpreenderam o Dr. Segal, segurando-o de cabeça para baixo, pelos pés.

— Mas que coisa! — murmurou o Dr. Segal. — Um patifezinho esquelético, mas cheio de vida. Não deve ter mais que dois quilos e meio, mas como está vivo!

O nascimento ocorrera no apartamento de Abraham Britsky, na Henry Street, no Lower East Side da cidade de Nova York, no 15.° dia de novembro de 1879. Foi antes do tempo em que a maioria das crianças nasceria em hospitais. A mãe de Max, Sarah Britsky, estava estendida na cama, olhando para a visão vaga de um pequeno pedaço de carne rosada e vermelha, como uma rã, os pés seguros pela mão do Dr. Segal: seu primeiro filho. Sarah Britsky ainda não tinha 23 anos. Quando não estava exausta, lívida, suando, salpicada de sangue, ainda tremendo do parto, era uma jovem relativamente atraente, com feições regulares e uma boa cabeça de abundantes cabelos castanhos. O marido, Abe, era cinco anos mais velho e também mais assustado do que ela. Quando estava trabalhando — seis dias por semana, exceto naquele dia — era um cortador numa fábrica de roupas, que lhe pagava sete dólares por semana para um dia de 12 horas.

Max era seu primeiro filho. Mas Abe Britsky era um homem viril e, depois que Max entrou na vida clamorosamente, irmãos e irmãs foram aparecendo quase que por uma programação cósmica. Freida nasceu em 1880; 12 meses depois, um bebê recém-nascido morreu sem nome. Reuben apareceu em 1883 e pouco menos de três anos depois, em 1886, Sheila viu a luz do dia. Esther nasceu em 1888 e 14 meses depois, em 1889, Benjamin Britsky juntou-se à crescente população dos Estados Unidos.

O país tinha território em abundância, mas o pequeno apartamento de água fria na Henry Street não podia ser expandido. Possuía dois quartos do

tamanho de um closet, uma pequena sala de estar, uma pequena sala de jantar e uma pequena cozinha. Como os cômodos eram enfileirados, um depois do outro, sem qualquer ligação com o exterior, além de um poço de ventilação, escuro e estreito, chamavam-no de apartamento ferroviário. E era também conhecido como apartamento de água fria, já que o senhorio não fornecia água quente. Por um ano depois do nascimento do sexto filho, Abe Britsky jurou que pediria um aumento, exigiria um aumento, suplicaria um aumento. Mas, infelizmente, toda a sua virilidade parecia se concentrar nas gônadas e a coragem lhe faltava cada vez que se aproximava do patrão. Assumindo a única alternativa que lhe parecia razoável e dentro da sua competência, ele arrumou um trabalho aos domingos, como taifeiro na barca da Pennsylvania Railroad para Nova Jersey. Mas trabalhar sete dias por semana provou ser demais para a sua constituição já esgotada e, aos 40 anos, ele caiu morto no trabalho, vítima de uma maciça trombose da coronária.

Max estava se aproximando do 12.° ano quando o pai morreu, deixando Sarah Britsky com seis filhos pequenos, um apartamento ferroviário na Henry Street e 12 dólares e 20 cents no jarro marrom na cozinha, que funcionava como o banco Britsky. Como as economias dos Britsky só haviam passado da marca dos 50 dólares uma vez, desde o nascimento de Max, baixando muitas vezes até dois dólares, uma reserva de 12 dólares nada tinha de excepcional. Tanto Abe como Sarah Britsky eram imigrantes, ele da Lituânia, ela da Polônia, os dois lançados através do oceano a caminho do Novo Mundo pelas energias coletivas de suas famílias, que haviam ficado para trás. Através dos anos, houvera a esperança persistente de que outras pessoas da família pudessem eventualmente vir se juntar a eles. Mas como isso não acontecera, a esperança finalmente se desvanecera. Quando Abe morreu, a Sinagoga Beth Sholom levantou o dinheiro para um funeral simples. Depois, Sarah voltou para casa com os filhos e ponderou se deveria se matar. Não havia, naquele tempo, nenhum programa oficial de assistência social, nenhuma ajuda aos pobres, exceto a proporcionada por instituições de caridade particulares, e as que se estendiam ao Lower East Side de Nova York estavam além do alcance de Sarah. Assim, ainda por completar os 12 anos, Max Britsky tornou-se o chefe de uma família de sete pessoas, o esteio de suas vidas e esperanças.

Max assumiu seu papel. Enquanto a mãe chorava e clamava a sua dor, apavorando os cinco filhos menores, Max agiu. Estava na sexta série da escola pública na East Broadway; silenciosamente, subjetivamente, encerrou seus estudos. Transmitiu sua decisão à mãe laconicamente, dizendo apenas:

— Vai dar tudo certo.

— Mas como ousa dizer uma coisa dessas? — gritou Sarah. — Estou

morrendo e você me diz que vai dar tudo certo!

Ela falou em iídiche, pois seu inglês ainda era muito deficiente, não dava para ser usado sob tamanha tensão emocional. E, depois, esbofeteou Max. O que era de se esperar. Se o seu amor por um homem, agora falecido, que a mantivera grávida pela maior parte dos últimos 13 anos não era tão sincero quanto aparentava, a enormidade da tragédia com que agora se defrontava não podia ser exagerada. Assim, a desfaçatez daquele garoto esquelético de 12 anos transformou a dor em raiva. À sua maneira, Max compreendeu isso e aceitou o golpe sem qualquer ressentimento.

Anos mais tarde a vida de Max seria o alvo de muita indagação social e artística. Mas ninguém levou em consideração os fatores que o formaram — fatores que fizeram o menino que se tornou o pai do homem. O homem, em anos posteriores, foi muitas vezes acusado de desonestidade. Mas não era desonesto e também não era um ladrão. O menino foi ladrão uma vez, excluindo-se os pequenos furtos inconseqüentes; ladrão de verdade foi apenas numa única ocasião. O furto consistia de seguir a carroça de leite, durante a madrugada, no bairro rico em torno do Gramercy Park, ao norte, já que a entrega de leite era algo que dificilmente se encontrava nos arredores da Henry Street. As duas ou três garrafas de leite que resultavam de tais incursões eram encaradas com amargura por Sarah, mas aceitas em silêncio. A única incursão de Max no roubo de verdade foi recebida com uma ira mais vocal.

Aconteceu no dia seguinte ao funeral do pai, o dia em que ele disse à mãe que as coisas acabariam dando certo, o dia em que enfrentou a necessidade de dinheiro imediato. Havia alguma comida no apartamento, trazida por pessoas da sinagoga, que tinham uma vaga afinidade tribal, mas afora isso eram estranhas, pois Abe Britsky não tivera uma vida social ou religiosa que valesse a pena mencionar. Havia pão e queijo, um saco de batatas e um salame. Mas com a fome habitual da família Britsky, não era muito mais do que a ração para um dia. E não havia dinheiro. Max Britsky era um realista. Na sua idade, não tinha muitos cursos de ação abertos à sua frente, mas era perfeitamente capaz de enfrentar os que representavam uma parte de sua realidade. Ficou pensando no alpendre na frente do cortiço que alojava sua família, um menino pequeno, muito magro, cabeça comprida e estreita, nariz pontiagudo, boca larga de lábios cheios e olhos de um azul muito claro. Os cabelos castanhos-claros cobriam as orelhas, desgrenhados. Os sapatos eram muito gastos, com buracos nos dedões e nas solas. As meias eram frouxas e rasgadas, a calça curta esfiapada na altura dos joelhos, uma camisa suja e puída, uma suéter velha complementando a indumentária.

Era o final de setembro e assim ele ainda não tinha de se confrontar com o

tempo do inverno, uma perspectiva inquietante, já que seu capote do ano passado fora transferido para Freida. Mas uma coisa de cada vez e um dia depois do outro. Hoje, ele precisava de dinheiro para sobrevivência. Depois de considerar todas as alternativas, Max entrou em ação.

Era de dois quilômetros e meio a distância dos cortiços da Henry Street para os desfiladeiros de concreto do distrito financeiro, que ficava ao sul. Max poderia ter parafraseado um ladrão posterior, que explicou que assaltava bancos porque era onde estava o dinheiro. No seu único caso de crime premeditado, Max encaminhou-se para o distrito financeiro pelo mesmo motivo, a presa um homem corpulento, de barriga estofada. Um homem assim podia ser encontrado nas proximidades de Henry Street, só que as barrigas do gueto não ostentavam relógios e grossas correntes de ouro. Na esquina da Pine com a Nassau, Max encontrou uma barriga conveniente, coberta por um colete branco e cruzada por uma grossa corrente de ouro de indiscutível qualidade. O dono dessa corrente de ouro estava empenhado em conversa profunda com outro cavalheiro. Nenhum dos dois percebeu o menino magro que se aproximou sorrateiramente, agarrou de repente a corrente de ouro, com os dez dedos, e deu um puxão. O colete se abriu, botões voando, a botoeira que continha a corrente se rasgou, o relógio na extremidade foi arrancado do bolso. Antes que qualquer dos homens se recuperasse da surpresa e começasse a berrar "Pega ladrão!", Max já se esgueirara pela multidão.

A rua era seu elemento, a rua o acalentara e lhe proporcionara toda a sabedoria que possuía. Quando os gritos de "Pega ladrão!" finalmente soaram, Max já estava a um quarteirão de distância, entrando por uma viela. Um homem correndo atrai uma multidão; um menino correndo não chama a atenção de ninguém. Max correu por todo o percurso até a loja de penhores de Moe Splenski, na Rivington Street. Já estivera ali, com peças de latão, maçanetas, dobradiças e suportes, encontrados no depósito de lixo na South Street. Mas nunca fora até ali com qualquer coisa que valesse mais de 10 cents. A corrente e o relógio que Max empurrou pelo guichê gradeado para Splenski valiam muito mais do que 10 cents. Splenski examinou atentamente, abriu a tampa do relógio, mexeu os ponteiros. E depois ofereceu dois dólares a Max.

— Vá se foder — disse Max. — Meu pai morreu ontem. Minha mãe tem seis filhos. Quero vinte dólares.

As poucas palavras abrangiam toda a situação. Estudando os frios olhos azuis do menino, Splenski cofiou a barba e assentiu.

— Dez dólares.

Splenski sabia que a corrente e o relógio valiam pelo menos cem. Max estendeu a mão.

— Devolve.

Splenski pôs a corrente e o relógio fora do alcance dele.

— Seu pai morreu ontem?

— Isso mesmo.

— Doze dólares.

— Como eu já disse, vá se foder.

— E se eu chamasse a polícia?

— Pode chamar. Diga que quero pôr no prego o relógio do meu pai. E aproveite para dizer também de onde vêm as outras coisas que tem aqui.

— Você é um garoto atrevido.

— O problema é meu. Quero em notas de um dólar... só notas de um dólar. E sei contar.

A partir desse dia e desse momento, a escola se tornou uma coisa do passado. Max estava agora no ofício de sobrevivência. Compreendeu prontamente que as oportunidades de emprego eram poucas e insuficientes para um garoto de 12 anos. Nenhum lhe pagaria o que precisava para sustentar uma família de sete pessoas, seis das quais eram crianças abençoadas com apetites saudáveis. Max tinha de ser um operador independente e para isso precisava de capital. Voltou ao apartamento da família e pôs apenas 18 dólares na mesa, diante da mãe angustiada, retendo dois dólares.

— O que é isso? — perguntou Sarah.

— Aquele filho da puta do Himmelman já esteve aqui?

Himmelman era o senhorio.

— Não fale palavrão!

— Ele esteve aqui? Isso é tudo o que estou perguntando.

— Esteve.

— E o que ele disse?

— O que ele disse? O que ele disse? — Sarah estava gritando, furiosa, esquecida que se dirigia a um menino de 12 anos e falando como poderia ter feito com o marido, num ganido arrebatado, quase ameaçador. — O que poderia dizer aquele príncipe do mal? O aluguel vence amanhã. Pague ou caia fora. Ele fareja a morte como um cachorro fareja a imundície. Dizem que ele vive na parte alta da cidade, junto com os judeus ricos, mas veio bater na minha porta antes que o pobre Abe esfriasse na sepultura. E vai nos jogar na rua!

A voz dela se alteou ainda mais ao final. O pequeno Benny Britsky, de apenas um ano e meio, estava deitado no berço que passara de um nascimento para outro. As outras quatro crianças estavam na cozinha, partilhando o drama pavoroso que se abatera sobre a família, observando, escutando, tentando compreender a mensagem do dia do juízo final. Max apontou para o dinheiro.

— Tem dezoito dólares aí. Nove dólares para o aluguel e nove dólares para comprar comida. Ninguém vai pôr a gente na rua.

— Onde arrumou isto? — perguntou Sarah, pegando o dinheiro.

— Que diferença faz? Eu consegui.

— Você roubou, seu desgraçado!

Sarah tornou a esbofetear o filho, só que desta vez sem muita força e convicção.

— Não vamos passar fome e ninguém vai nos jogar na rua — disse Max, firmemente.

Já houve declarações de intenções muito piores.

Foi uma presunção de Max declarar, em anos posteriores, que tinha sido criado no meio do show business, que aquilo estava em seu sangue. A pequena operação que ele iniciou, junto com os outros empreendimentos independentes, tinha apenas uma tênue ligação com o show business. Mas, como outros de seus empreendimentos, partilhava da mesma imaginação. Max pensava em coisas que escapavam aos outros. Mas, em seu caso, a imaginação era limitada e orientada com a intensidade de um raio laser. Se Max fosse levado à introspecção e forçado a declarar por que tinha de aceitar a responsabilidade pela sobrevivência das sete vidas que constituíam a família Britsky, não seria capaz de apresentar uma resposta. Mas a questão não foi formulada, por outra pessoa ou por si mesmo.

O show business, por outro lado, vicejava na cidade de Nova York no ano de 1891. Além dos teatros de língua inglesa, havia quatro companhias iídiches, duas alemãs, uma italiana e uma tcheca. A expulsão do teatro iídiche da Rússia pelo czar, poucos anos antes, provocara uma verdadeira explosão do drama iídiche no Lower East Side. Na língua inglesa, mais de 40 teatros prosperavam com uma sucessão de peças medíocres, entremeadas de vez em quando por obras de Shaw, Ibsen, Barrie e Shakespeare, além de Strindberg, Hardy e outros europeus consagrados. A era do teatro nativo americano ainda estava no futuro, mas o amor e obsessão pelo teatro eram uma parte da época. Os nova-iorquinos adoravam o teatro. Todos que podiam pagar o preço de um ingresso iam ao teatro em uma ou outra ocasião — exceto pelos lojistas nascidos na Europa, cujas longas horas de trabalho e dificuldades com a língua os tornavam indiferentes ao teatro falado em inglês.

Max sabia disso muito bem e foi o motivo pelo qual preservou seu capital de dois dólares. Cada manhã, depois da morte do pai, Max saía de casa às seis e meia, acompanhado pelo irmão Ruby, de oito anos. Eram as duas crianças

Britsky com idade suficiente para dizerem a Kaddish, a oração judaica para os mortos, que o filho repete todas as manhãs e todas as noites, durante um ano, após a morte do pai. Max transformou Ruby em seu substituto, largando-o na porta da sinagoga com o comentário de que ninguém jamais comera uma oração.

Eles comiam *bagels*, no entanto, o pão duro, indigesto, no formato de anel, trazido para a América na década de 1870 pelos imigrantes judeus da Europa Oriental. Como ainda era muito cedo para Max se lançar no que seria lembrado como seu ingresso no show business, ele foi no primeiro dia à fábrica de *bagels* de Kurtz, na Broome Street. Já estivera ali uma vez, na manhã de domingo, em companhia de Shutzie Levine, de 17 anos, tolerando Max como ajudante, a quem pagara 10 cents pelo trabalho da manhã. As pequenas fábricas do East Side funcionavam 12 horas por dia, seis dias por semana, concedendo aos trabalhadores judeus apenas um dia de folga, o sábado. Como Shutzie ainda estava na escola secundária, o domingo era o único dia em que podia se empenhar no negócio de vender *bagels* quentes aos trabalhadores.

Max, cujos estudos pertenciam ao passado, entrou no negócio num dia de semana. Avançou pela padaria quase sem ser percebido, saboreando os aromas sofregamente, observando os padeiros moldarem os *bagels* num movimento rápido, ao mesmo tempo complicado, largando-os nos caldeirões com água fervendo, de onde eram pescados e levados para o forno, lá adquirindo uma tonalidade acastanhada, quase dourada.

Alguém finalmente percebeu-o e indagou o que estava querendo.

— Quero cem *bagels* — respondeu Max, pondo uma nota de um dólar em cima do balcão.

— Por que não está na escola?

Todo o mundo adulto era intrometido, bisbilhoteiro, desconfiado. Lojistas entravam e saíam da padaria com imensos sacos de *bagels*. Ninguém os interrogava. O dinheiro deles era suficiente.

— A escola só abre às nove horas.

Na Stylish Shirtwaists, Inc., na East Broadway, foi a mesma coisa. Um porteiro gordo, sentado à porta do prédio velho, quis saber por que Max não estava na escola.

Max pensou: vá tomar no cu, seu saco de bosta. Em voz alta, ele contou a história do pai morto e de muitas bocas para alimentar.

— Vai lhe custar vinte cents para entrar aí.

O porteiro não se deixava afetar pelos sentimentos e estava além da compaixão. Vivia num mundo de mentiras e mentirosos. O próprio Max ficaria surpreso se ele aceitasse a história.

— Dez cents — contrapropôs Max.

Acertaram por 15 cents e depois Max informou-o de que podia ser uma fonte de renda diária. Lá em cima, entre as máquinas de costura ruidosas, Max vendeu seus *bagels*, ainda quentes, cobrando dois cents por unidade e obtendo um lucro de cem por cento. Quando o capataz tentou expulsá-lo, as mulheres nas máquinas de costura sentiram pena dele e defenderam o seu direito de vender a mercadoria. Max despertava compaixão e simpatia. Podia assumir uma expressão tristonha que tornava o seu rosto extremamente atraente; era pequeno e muito magro. Quando explicou sua situação às operárias, os corações delas encheram-se de ternura. Naquele único prédio, em três firmas, Stylish Shirtwaists, Sylvan Frocks e Ben's Blouses, ele vendeu os cem *bagels*. Seu capital aumentou em quase 50 por cento, passando para três dólares, menos os 15 cents que pagara ao porteiro. Foi com isso que se lançou no show business.

Naqueles dias, quando uma peça de teatro estreava na cidade de Nova York, os responsáveis colocavam centenas de cartazes nas vitrines de centenas de lojas de varejo. Os cartazes tinham geralmente 45 x 60 cm e anunciavam o nome do espetáculo, os principais atores e uma idéia da história. Em troca do uso de sua vitrine como local de exposição, o mercador recebia dois ingressos para o espetáculo. A maioria dos lojistas no Lower East Side era indiferente às peças em língua inglesa, apresentadas em outro mundo que existia na parte alta da cidade; quase sempre davam os ingressos ou os vendiam por uns poucos cents. Certa ocasião, numa mercearia, onde fora fazer compras para a mãe, Max vira uma mulher pagar 50 cents por um par de ingressos, que o dono da loja teria dado em breve para qualquer pessoa. Mas como a mulher era uma prostituta, o lojista exigira o pagamento, como um meio de satisfazer sua indignação moral. Max, que nunca vira um espetáculo teatral e não tinha a menor vontade de fazê-lo, não pudera compreender o que uma mulher de seu bairro, onde o dinheiro se gastava em comida e roupas quase que exclusivamente, estava fazendo ao desperdiçar tanto em ingressos para o teatro. Com um raciocínio simples e direto, ele chegara à conclusão de que as prostitutas eram viciadas em teatro. Era um raciocínio dedutivo dos mais precários, mas era também, uma adivinhação afortunada, pois entre as centenas de prostitutas que exerciam o seu ofício nas Ruas Allen, Orchard e Ludlow, o teatro na parte superior da cidade estava muito em voga. Era a ligação vital com um pouco de classe, um verniz de cultura, um vislumbre da vida fora do gueto.

Assim, contrabalançando uma necessidade contra a outra, Max foi direto e específico. Entrou na oficina de conserto de sapatos de Sal Marietta e disse:

— O que vai fazer com os ingressos que recebeu pelos cartazes na sua

vitrine? Eu gostaria de comprar.

Sal não tinha tempo nem inclinação para o teatro de língua inglesa.

— Ouvi dizer que sua pobre mamãe faleceu.

— Meu pai.

— Pior ainda, uma coisa terrível.

Em italiano, ele comentou que aquele lugar fedia, que a vida era uma vasta latrina e os pobres comiam merda. Max acenou com a cabeça em concordância, os olhos azuis muito grandes, úmidos e vulneráveis.

— Eu lhe dou isto — disse Sal, oferecendo um dólar a Max. — Pode ajudar.

— Não quero dinheiro — protestou Max. — Obrigado, Sal, mas não é isso o que quero. Estou interessado nos ingressos pelos cartazes.

— Para quê? Sua mamãe está morta e você vai ao teatro?

— Meu pai. E compro os ingressos. Por 25 cents cada.

Ele deixou a oficina de Sal com dois pares de ingressos, para uma apresentação de Devil May Care, com Lucy Demar, e para a reapresentação de The Mikado, de Gilbert e Sullivan, que tivera uma estréia triunfante em Nova York há cerca de seis anos.

Explicou o que tencionava fazer com os ingressos, achando que Sal não iria prejudicá-lo. Mesmo então, Max já era um bom juiz da natureza humana. Sal prometeu guardar os ingressos para ele no futuro. De alguma forma, Max compreendia a barreira entre aqueles pequenos comerciantes que tanto trabalhavam e o mundo do teatro na parte superior da cidade, o mundo dos lampiões a gás brilhantes, bons restaurantes, homens a rigor e mulheres de vestido comprido. O teatro do centro mais próximo ficava na Rua 14, a um quilômetro e meio ou um continente de distância, dependendo de quem se era. Os teatros mais novos, na altura da Ruas 20 e 40, eram ainda mais inacessíveis. Nunca ocorreria a Sal Marietta ir ao teatro, algo que também nunca poderia passar pela cabeça de Max.

A mãe de Max, Sarah, nascera em 1856, fora transplantada aos 16 anos para o Lower East Side da cidade de Nova York. Anos depois, Max se lembraria e tentaria compreender o que fora a vida para Sarah. Ela tinha apenas 35 anos quando o marido morrera, mas já estava esgotada e derrotada, o sumo da vida lhe fora espremido, perdera-se para sempre a frágil porção de beleza juvenil que outrora possuíra. Estava trancada num quarto sem saída; estava além do planejamento, esperança ou sonho. A idéia de que aquele menino estranho, diferente e esquelético pudesse sustentá-la e à família era insuportável. A

capacidade de amar também lhe fora arrancada, substituída pelo medo, raiva e frustração. Entregue à própria sorte, poderia muito bem ter esperado pela morte ou extinção. Uma mulher em sua situação, em outro grupo étnico, poderia muito bem ter-se matado e aos filhos; Sarah deixaria que a vida se encarregasse da execução de uma maneira mais lenta.

Mas Max trouxe dinheiro e a família sobreviveu. Era uma afronta à monstruosidade normal da vida. Ao invés de sentir-se grata, Sarah ficava revoltada, lamuriava-se, descarregava sua raiva no filho. Por mais estranho que possa parecer, Max compreendia.

Mas sua compreensão e aceitação da mãe estavam enterradas no fundo do inconsciente, quase como um animal; como um cachorro desprezado se apega à lealdade, Max se apegava a Sarah. Jamais perguntava a si mesmo se amava aquela mulher terrível, porque de uma estranha maneira era sábio o bastante para compreendê-la. Ele era culpado de negar à mãe a extinção horrível que seria a sua vingança contra a vida e as circunstâncias. Proporcionava-lhe um presente absurdo e inadmissível: a continuação da existência. Inacreditavelmente, mas também compreensivamente, era algo que a mãe não podia perdoar-lhe. Max negava a lógica egoísta e terrível de seu fado e tragédia iminentes. Expressamente, nenhum dos dois compreendia isso; mas no processo de viver, tornou-se a essência do relacionamento entre ambos. Era diferente com os irmãos.

Max nunca se desligava dos seis seres humanos que dependiam dele. A sobrevivência da família era a sua própria sobrevivência; o destino da família seria o seu destino. Era um fato, não uma compaixão ou dever, uma realidade, porque ele desconhecia qualquer outra realidade; e ao aceitar isso, ele também aceitava a ira e irritação da mãe. Tentava protegê-la. Escrevia bilhetes para a irmã Freida, 13 meses mais moça, levar à escola; mentia para a mãe sobre a sua ausência das aulas. Quando foi apanhado na mentira, depois de uma visita do inspetor escolar, aceitou os tapas e a descompostura da mãe.

— Você é um vagabundo! — gritou Sarah. — Um pequeno vagabundo!

Mas a raiva de Sarah estava enfraquecendo; começava a emergir do miasma do desespero. Dias e semanas já haviam transcorrido desde a morte do marido e a família ainda sobrevivia, havia comida à mesa.

— Faço o que tenho de fazer — respondeu Max. — Não sou um vagabundo, mamãe.

— Doze anos e se metendo com putas!

— Não tenho nada a ver com putas, mamãe. Apenas vendo ingressos a elas.

— O Sr. Greenbaum diz que você virou cafetão.

— Ele é um mentiroso! Não sou cafetão!

Max odiava essa palavra. Compreendia os aspectos financeiros do lenocínio e prostituição desde os oito anos. Era tudo parte das ruas. Podia não entender muito bem as emoções e desejos que acompanhavam a profissão mais antiga do mundo, mas tudo existia a uma distância a pé de sua casa, onde os cafetões e prostitutas proliferavam. Houvera uma ocasião em que encaminhara um freguês a Suzie Brinkerhoff (fora apenas uma vez). Suzie lhe dera um dólar por isso. Era uma mulher grande, sensual, de trinta e poucos anos, cabelos louros oxigenados. Era também sentimental. Estava a par da história de Sarah Britsky e seus seis filhos, adorava Max. Era tão sentimental que os olhos ficavam marejados de lágrimas cada vez que Max se aproximava para vender-lhe ingressos para o teatro. A seus olhos, Max não era o garotinho esquelético, mas o amante atencioso e altruísta que jamais conhecera, além do filho maravilhoso que nunca tivera. Era indiferente às roupas esfarrapadas e linguagem de sarjeta de Max; vestia-o com suas próprias fantasias. E sempre comprava quaisquer ingressos que ele oferecesse, alegremente pagando dois dólares por um par. Quando outras prostitutas faziam comentários obscenos para Max, Suzie lhes mandava fechar as bocas sujas. E dizia a Max:

— Fique longe dessas putas nojentas, porque elas fedem com a doença social.

E, depois, ela dava uma aula explícita sobre a natureza da sífilis e gonorréia, nada omitindo e descrevendo com fervor e entusiasmo os prognósticos das doenças. De certa forma, ela adotou Max.

— Ele é minha mascote — dizia Suzie às outras prostitutas.

O mercado para os ingressos teatrais de Max se ampliou. Ao mesmo tempo, ele expandiu o mercado de *bagels*. A maioria das fábricas em sótãos lhe estava vedada, mas ele conseguiu encontrar mais duas para acrescentar à sua freguesia, Garden Dress e Birdie Blouses. Nos dois casos, tinha de subornar o porteiro. Poucos meses depois da morte do pai, Max estava vendendo mil *bagels* por semana, o que lhe proporcionava, deduzidas as despesas, um lucro líquido de oito dólares. Na primeira semana depois da morte do pai, mesmo se descontando a receita do relógio roubado, ele presenteou a mãe com nove dólares. Aumentou para 12 dólares na segunda semana e na terceira levou para casa 14 dólares e 60 cents, mais do que o pai jamais ganhara — e ainda mantendo o capital para o negócio de *bagels*. Nem todas as semanas eram tão lucrativas. Contudo, de semana a semana, as seis crianças Britsky e Sarah, a mãe, conseguiam comer e pagar o aluguel.

Sarah abrandou. O milagre incompreensível de um garoto esquelético de 12 anos salvando-os da morte e fome não podia deixar de impressioná-la.

Gritava com Max com uma freqüência cada vez menor, seus tapas e ira se voltavam mais para as outras crianças. E houve até uma ocasião em que, com lágrimas nos olhos, ela conseguiu balbuciar para Max:

— Obrigada, muito obrigada.

Max já a vira, por diversas vezes, mostrar o amor e ternura que se espera de uma mãe, só que dirigido para seus irmãos, Não havia no mundo qualquer possibilidade de Max compreender o que ocorria. Também não podia perguntar à mãe por que era tão gentil com os outros e tão tristemente brutal com ele. E não podia especular que, tendo substituído o marido dela como o provedor, não apenas estava negando a Sarah o papel de maternidade e desvelo, mas também abandonando a sua própria posição como um dos filhos dela. Nenhum desses pensamentos ou conclusões era possível para o garotinho magricela. Assim, quando a mãe lhe ofereceu esse débil gesto de gratidão, Max não foi capaz de reagir.

A ausência de reação, quer fosse prazer ou irritação, não indicava uma carência de equipamento humano. Somente os santos continuam a amar quando não há retribuição e Max estava longe de ser um santo. O que sentia pela mãe e os irmãos era uma espécie de servidão tribal, um espírito de clã compulsivo, não amor, nem mesmo emoção, mas um conjunto de circunstâncias a que nunca tentou se esquivar. O fato de a mãe conseguir engolir a amargura e ressentimento por tempo suficiente para lhe agradecer nada significava para ele; sua única satisfação vinha da redução do incômodo de sua interferência. Quando pensava na mãe, era apenas para exprimir o desejo de que o deixasse em paz; não lhe ocorria livrar-se dela, queria apenas que o deixasse em paz, pois todos estavam sob os seus cuidados para sempre.

Os garotos que Max conhecia — um pouco mais velhos, um pouco mais jovens — todos trabalhavam, alguns mais, outros menos. Não havia uma infância feliz e tranqüila, de brincadeiras despreocupadas, no Lower East Side. Os garotos vendiam jornais, entregavam encomendas, recolhiam papel estanhado e vendiam, encontravam os mais diversos trabalhos no cais de pesca no East River; abriam as portas de cabriolés no centro da cidade por gorjetas de um cent, recolhiam ferro-velho para os negociantes do ramo, tudo depois das horas da escola, essas e mais uma centena de outras atividades; e se havia um dólar por semana para se ganhar, era um bom pagamento. E outros garotos roubavam coisas, mas também não havia mais que um dólar por semana para se ganhar com isso. Existiam num mundo fervilhante, barulhento, turbulento, apinhado de cortiços construídos às pressas, precários, cheios de lixo, ruas repletas de carrinhos de mão, uma procissão interminável de cavalos arrastando carroças, charretes, cabriolés, carros de bombeiro, até mesmo uma carruagem imponente

de vez em quando, perdida ou desviada, todos os cavalos urinando até que as sarjetas tinham um fluxo amarelo incessante, defecando a comida de milhares de pardais e pombos, que faziam desse enorme torvelinho de humanidade o seu habitat.

Max era diferente. Ele se esforçava todos os dias até quase cair de fadiga, mas não vendia seu trabalho a ninguém. Em sua filosofia pragmática, havia apenas dois caminhos. Vendia-se a própria força a um dólar por semana ou vendiam-se outras coisas e se usava a inteligência. Mas quando se usava a inteligência, levavam-se outras pessoas a pensar, o que podia ser prejudicial. Se aquele garoto estava disposto a pagar 25 cents por ingressos que os comerciantes recebiam pelo uso de suas vitrines e que quase sempre davam de graça, então poderia também pagar 35 cents. Ou até mesmo meio dólar. Não havia fluxo de mel interminável daquela colméia em particular. Foi somente um ano depois que Max começaria a organizar outros garotos como distribuidores de *bagels* e acrescentar café quente ao seu cardápio. No intervalo, ele vagueou cada vez mais em busca de cartazes de teatros.

Foi assim que descobriu o salão de máquinas automáticas de diversão acionadas por um cent, o *penny arcade*, que pertencia a Rowdy Smith, na esquina da Segunda Avenida com a Rua 14. Em Nova York, uns poucos quarteirões formavam um bairro, dez quarteirões podiam ser um universo de distância. Em algumas ocasiões, Max já vagueara pelo norte até a Rua 14, mas estava muito além do seu mundo habitual. Tinha em sua mente uma vaga imagem do estabelecimento de Rowdy Smith, mas apenas isso. E agora, para seu prazer, descobriu uma dúzia de cartazes alinhados na vitrine do *penny arcade*. Nenhuma delícia atraía Max, nem as roletas, nem os jogos de habilidade, nem o boliche em miniatura, nem os cinetoscópios. Contudo, ali estavam e ficaram registrados em sua mente. Max comentaria, muito tempo depois:

— Entrei lá e mudei o mundo. Não se enganem a respeito, pois foi mesmo lá que começou, no *penny arcade* de Rowdy Smith.

Mas isso foi muito tempo depois, quando o *penny arcade* já desaparecera e Rowdy Smith partira ao encontro de seus ancestrais.

Em 1891, no entanto, Rowdy Smith estava muito vivo, um irlandês grandalhão, cabelos brancos, em torno dos 60 anos, o rosto tão vermelho quanto fogo de uísque suficiente para flutuar um encouraçado, a pança enorme de cerveja suficiente para flutuar uma esquadra. Ele estava em seu guichê, à entrada do salão, recebendo o ingresso de dois cents pelos que eram persuadidos a entrar e experimentar suas muitas delícias. De vez em quando trovejava por um megafone, numa voz que podia ser ouvida a quarteirões de distância. A mulher, quase tão grande quanto ele, desfilava de um lado para outro, com um avental

cheio de moedas de um cent. Os olhos azuis-claros de Smith encontraram-se com os de Max, cujo queixo mal alcançava o balcão do guichê. Alguma coisa naquele garoto, seu ar de inocência desamparada, fez Smith sorrir de prazer.

— O que posso fazer por você, garoto? — perguntou ele. — Ou tem dois cents para entrar ou terá de ficar olhando do lado de fora.

— Todos esses cartazes na sua janela — disse Max. — O que faz com os ingressos?

— Por que está interessado?

— Eu os compro. Pago vinte e cinco cents para cada um.

— E depois vende pelo dobro?

— Não. Ganho cinco ou dez cents em cada ingresso. Mas também arrumo os fregueses.

— É um jogo velho. Saia da frente, filho — Ele acenou para que Max se afastasse. — Fique de lado. Há fregueses pagantes atrás de você.

Dois fregueses pagaram e entraram, depois Max voltou ao guichê.

— Ainda está aqui? — disse a Max. — Quantos anos você tem, garoto?

— Doze anos.

— São duas horas da tarde. Por que não está na escola?

Max estudou Smith por um momento, pensativo, depois lhe contou a verdade. Smith riu e sacudiu a cabeça.

— Tudo isso é besteira, filho. E você sabe disso muito bem. Está me dizendo que sustenta sua mãe e mais cinco outras crianças? Há quanto tempo isso acontece?

— Desde setembro.

A mulher de Smith aproximou-se do guichê. Os negócios eram pouco movimentados durante o dia. Ele contou a história de Max.

— Pobre garoto — murmurou a mulher.

— Se é que ele diz a verdade.

— O que ele está querendo? Dinheiro?

— Quer comprar os ingressos que a gente recebe para deixar pendurar os cartazes.

— É mesmo? — Ela virou-se para Max. — E para que, se é tão pobre?

— Eu os vendo.

— E quanto nos pagaria?

— Dou vinte e cinco cents por cada.

— Venda logo os malditos ingressos! — disse ela para o marido, bruscamente. — Sempre os dá ao primeiro vagabundo que aparece para pedir!

— E não guardo alguns para o marido de sua irmã?

— Ele é o pior dos vagabundos. Venda tudo ao garoto.

Depois disso, Max voltava ao estabelecimento de Rowdy Smith todas as semanas. Smith e a mulher se tomaram de simpatia pelo garoto, algo um tanto estranho, já que Max não era a mais simpática das crianças... se é que a palavra "criança" podia ser aplicada a ele. Nos anos que se seguiram, o conceito de infância permaneceu nebuloso na percepção de Max, uma terra em que nunca entrara e de onde não partira, uma simples ilusão artificial pelo seu ponto de vista. Smith tinha um cachorro vira-lata que mantinha ao seu lado no guichê; se fazia uma imagem de Max em sua mente, era como um equivalente humano do cachorro — duro, resistente, esperto, capaz da maior violência e rancor, se pressionado demais. Ele observou um dia, em silêncio e interesse objetivo, quando Max foi acuado perto do *penny arcade* por dois garotos irlandeses, ambos maiores e mais velhos. Max não se limitou a reagir; acuado e provocado pelos insultos anti-semitas, ele investiu como um animal selvagem, acertando com o cotovelo na virilha de um garoto, pulando em cima do outro, os braços a lhe envolverem o pescoço, os dentes mordendo uma orelha. Havia uma espécie de frenesi louco, mas calculista, na maneira como Max brigava. Não era o jeito com que os garotos costumam brigar, pois ele queria arrancar sangue e infligir dor. Os dois garotos irlandeses se desvencilharam e correram. Tremendo com o esforço, Max entrou no salão e fitou o rosto inquisitivo de Smith.

— Nenhum irlandês miserável vai me chamar de judeu filho da puta — disse ele.

— É está absolutamente certo — concordou Smith.

Só uns dois meses depois de Max ter aparecido pela primeira vez no salão foi que Smith lhe disse:

— Você é muito sério para um garoto, Max. Por que não experimenta alguns dos prazeres daqui? É um lugar para se divertir.

— Não tenho dinheiro para gastar em diversão.

— Mas gaste assim mesmo. Afinal, você é um garoto.

— Não.

— Experimente o cinetoscópio. É uma coisa maravilhosa.

— Não.

— Custa só um cent.

— Não.

— Aqui tem um cent — disse Smith, estendendo uma moeda para Max. — Vá experimentar.

Rowdy Smith recebera as máquinas de cinetoscópio apenas poucos meses antes de conhecer Max. O movimento já era tão grande que ele encomendara uma placa para pendurar na porta: **SALÃO DE CINETOSCÓPIO**. Na verdade, as máquinas que ele alugava não eram o famoso cinetoscópio de Thomas A.

Edison, mas as produzidas por meia dúzia de imitadores que haviam entrado no mercado. Cerca de quatro anos antes, Edison se empenhara na tarefa de criar uma máquina que permitisse às pessoas olhar para fotografias em movimento. Montara um aparelho com esse objetivo em sua oficina, mas deparara com a necessidade de um sistema para alimentar as imagens. Na mesma ocasião, George Eastman, trabalhando em Rochester para melhorar a sua câmera Kodak, descobriu um novo material para pôr no rolo, um material que Edison pôde depois reestruturar para o seu cinetoscópio. Era uma estrutura como uma caixa, 30 cm x 30 cm x 100 cm. Havia aberturas para os olhos e quando se acionavam as manivelas, uma imagem dentro da caixa assumia a ilusão de movimento. Depois de criar a máquina, Edison perdeu todo o interesse. Mais tarde, um promotor chamado Tom Lombard convenceu-o a permitir a fabricação de 10 máquinas para a Exposição Colombiana, em Chicago. Edison concordou inicialmente e depois se arrependeu por seu envolvimento no que considerava um espetáculo vulgar. Contudo, sem violar sua patente, começaram a aparecer imitações de sua máquina. O tipo mais simples era o que Rowdy Smith oferecia aos seus fregueses. Quando se acionava a manivela, uma série de fotografias em cartões era movida em rápida sucessão, dando uma ilusão um tanto brusca do que, na maioria dos casos, era o processo de uma mulher se despindo para entrar no banho, sendo despida por um amante ou qualquer outra variação do mesmo tema. O processo sempre terminava um pouco antes da revelação final. Como toda a coisa durava apenas 10 segundos, a lascívia era quase que inteiramente evitada. Apesar disso, ao preço de um cent, a novidade de movimento, combinada com a sugestão de pornografia, era fascinante, especialmente para os mais jovens.

No caso de Max, não havia inocência sexual a ser excitada. Há meses que ele era uma espécie de agente de ingressos teatrais para as prostitutas. Já as encontrara em todos os estágios de vestir e despir. A anatomia feminina não tinha segredos eróticos para ele explorar como *voyeur*. Ao girar a manivela do cinetoscópio, portanto, sua atitude foi mais crítica do que apreciativa. Quando Smith lhe perguntou se gostara, ele deu de ombros, comentando:

— Não se mexem de verdade.

— O que você queria por um cent? Follies Bergères?

— Não, queria era alguma máquina estúpida que faz a pessoa acreditar que vê fotografias em movimento.

— Você é um filho da puta durão, não é mesmo, Max?

— Talvez. Mas não jogo fora o meu dinheiro.

— Isso é verdade. Vou lhe dizer uma coisa, filho. Já me contaram que Thomas Edison está trabalhando na coisa de verdade, que tem uma máquina que

você olha e vê as coisas se movendo para valer. Quando eu tiver alguma dessas máquinas aqui, eu lhe pagarei outra experiência.

— Está bem — disse Max. — Por que não?

CAPÍTULO DOIS

1897

Max aos 18 anos

Em 1897, numa linda tarde de março, Max e Suzie Brinkerhoff estavam jantando no restaurante Empire Dairy, na Segunda Avenida. Embora servissem um excelente jantar de pratos fixos a 30 cents, a economia não era o que levava Max até lá. Era a sopa de batata. Ele explicou a Suzie:

— Não sou um *gourmet*, é claro... ei, pronunciei certo, não é mesmo?

— Você me pegou de jeito. O que significa isso?

— Ter classe em matéria de comida. Minha mãe é uma cozinheira horrível, a pior do mundo. Por isso, desenvolvi o gosto por boa comida. Não faz sentido?

— Acho que sim.

— E a sopa de batata daqui.. . Não sei muito bem, talvez eles torcessem o nariz se fosse servida no Delmonico's. Mas meu julgamento é de que é o máximo, absolutamente o máximo.

Suzie sacudiu a cabeça, sorriu afetuosamente.

— Você é um garoto engraçado, Maxie. Às vezes me faz sentir que tem muita classe, não apenas em relação à comida, mas também em outras coisas. Três ou quatro das garotas, já conversamos sobre isso, todas concordaram que se você tivesse um lugar prefeririam trabalhar para você em vez de qualquer outro. Não precisaria ser algum lugar grande, luxuoso, apenas um lugar...

Max sacudiu a cabeça.

— Não. Esqueça.

— Mas por quê?

— Porque não sou um cafetão. Detesto cafetões. Jamais conheci um cafetão que não sentisse vontade de dar uma porrada na cara.

— Isso só acontece porque todos os cafetões são nojentos.

— E quer que eu vire um deles?

— Você é diferente.

— Não, não e não, Suzie. Esqueça.

Max levantou-se, pegou a carteira, largou um dólar na mesa. Gostava

disso; gostava de dar gorjetas grandes. Os garçons lembravam-se dele e gostava disso também. Apressavam-se para servi-lo quando aparecia.

— Para onde está correndo? — perguntou-lhe Suzie. — Pensei que tínhamos combinado um programa para esta noite.

— O programa inclui um espetáculo. Quer que eu deixe você de fora? Fique sentada durante o show, depois vamos tomar café com bolo, junto com Bert.

— Já vi o show e posso dispensar o seu amigo Bert.

— Tem novidade esta noite, duas piadas novas.

— Se você se arrumasse comigo e mais duas ou três garotas, Maxie, poderia ganhar uns 300 ou 400 dólares por semana. É uma grana alta, não se pode desprezar.

— Já disse que não!

— Está bem, está bem, não precisa ficar zangado. Obrigada pelo jantar.

Ela virou-se abruptamente e começou a se afastar.

— Ei, para onde está indo?

— Sou uma garota que trabalha, Maxie. E não melhoro a minha renda sentada naquele Bijou pulguento para ouvir você dizer piadas estúpidas.

O Bijou, que estava localizado na West Broadway, entre a Prince Street e a Spring Street, era um *music hall*, o que significava um teatro para trabalhadores. Atendia mais à população de língua inglesa do que aos imigrantes. Fora construído em 1823 e suas luzes da ribalta haviam sido outrora apenas velas. A iluminação agora era de gás. O estilo e jeito do entretenimento no Bijou — e também, diga-se de passagem, da maioria dos outros *music halls* da cidade de Nova York — fora copiado originalmente dos *music halls* britânicos e depois adaptado ao gosto local. O espetáculo consistia de uma mistura do que seria um dia chamado de *vaudeville* e do que seria conhecido como burlesco, só que os atos nunca eram abertamente indecentes ou obscenos. A essência da comédia de *music hall* era uma espécie de *double-entendre* vulgar, que os menos lascivos podiam fingir não compreender. As canções eram quase sempre baladas, algumas trazidas de Londres e mudadas, já que não havia naquele tempo qualquer proteção internacional aos direitos autorais. O Bijou tinha 540 lugares, apresentava dois espetáculos todas as noites, matinês duplas, na segunda e quarta-feiras, duas matinês e três espetáculos noturnos aos sábados. Max e seu parceiro, Bert Bellamy, que apresentavam um ato cômico rotineiro, recebiam 44 dólares por semana, que dividiam ao meio. Era um bom pagamento. Havia *music hall* que pagava muito menos pelos atos.

Max conhecera Bert Bellamy no salão de Rowdy Smith, quatro anos antes. Bellamy tinha 15 anos na ocasião, um ano mais velho que Max, alto, sardento, nariz arrebitado, olhos castanhos. Trabalhava de noite no salão, entre oito e dez horas, o período de maior movimento. Fora contratado por Smith depois que o agravamento do artritismo reduzira as horas que sua mulher podia trabalhar. Bellamy recebera um avental, com bolsos imensos, cheios de moedas de um cent. Circulava pelo salão, dando troco e vigiando os trapaceiros.

Ele e Max tornaram-se amigos. Na verdade, foi o único amigo que Max fez em todos os anos de sua luta árdua para emergir da infância no começo da maturidade. Max sentia-se fascinado por Bert Bellamy. Suas origens eram tão pobres quanto as de Max. Também como Max, a infância com suas supostas brincadeiras despreocupadas lhe passara despercebida. Era um sobrevivente, como Max, sobrevivendo graças à esperteza e astúcia adquiridas nas ruas. Mas, ao contrário de Max ou de qualquer outro garoto no mundo limitado do amigo, Bert Bellamy era um americano branco e protestante (presbiteriano), o produto de mais de 10 gerações de brancos protestantes nascidos na América, Todos os outros garotos que Max já conhecera ou brigara eram judeus ou católicos, sempre o filho de um imigrante. Bellamy era diferente e de outro lugar, outro planeta, outra cultura — ou pelo menos assim Max o via e compreendia. Na verdade, Bert Bellamy era o filho de um pai alcoólatra e de uma mãe que não podia lembrar. A mãe sumira quando Bellamy tinha apenas dois anos. O pai, um carpinteiro, bebera até a morte, o que acontecera quando Bellamy tinha 16 anos. Depois disso, Bert abandonara a residência num porão que mal podia ser chamado de apartamento, passando as noites num pequeno depósito nos fundos do salão de Rowdy Smith.

Mas como ele sempre vivera por conta própria, mais ou menos, desde que podia se lembrar, a morte do pai não fizera muita diferença. Ele e Max tinham muita coisa em comum: eram ambos produtos das ruas, sobreviventes e astuciosos nos meios e caminhos para a sobrevivência; e ambos possuíam o talento para a imitação. Ambos eram magros, vigorosos, de pernas compridas, com uma excelente coordenação. Podiam aprender qualquer passo de dança em poucos minutos. Quando Max tinha 16 anos, Bert persuadira-o a formarem uma dupla e criarem um número, passando a arrastá-los aos *music halls*. Jamais pagavam para entrar. Diziam ao porteiro dos bastidores que tinham um encontro marcado com o gerente, a fim de mostrar-lhe um número. Mesmo quando eram expulsos, geralmente tinham tempo suficiente para assistir a alguns atos dos bastidores. Conseguiram a primeira apresentação experimental depois de quase um ano de prática. Agora, faziam algum sucesso, como uma dupla de canto e dança, além de contarem piadas.

Bert estava maquilado e esperando quando Max apareceu naquela noite. E irritado porque faltavam apenas oito minutos para entrarem em cena.

— Fique calmo — disse Max, suavemente. — Estou chegando agora porque levei Suzie para jantar.

— Você ainda está metido com aquela puta gorda? Vamos logo, mude de roupa.

Bert já estava usando a imensa calça axadrezada, o colarinho folgado de celulóide, colete rosa e casaca preta. Max pôs a calça verde e o casaco roxo.

— Ela é minha amiga.

— O que consegue dela, Max? Eu lhe ofereço alguns dos melhores pedaços de carne da velha Nova York e você torce o nariz.

— Não vou para a cama com ela... e o que você considera um lindo pedaço de carne não me atrai.

— Está bem, está bem. Você escuta um tambor diferente.

— Como?

– Nada, nada. Li num livro ou coisa parecida. Queria repassar aquele novo número e agora não temos tempo. Estamos quase na hora de entrar em cena.

Aplicando a maquilagem rapidamente, Max disse:

— Não se preocupe. Vamos seguir de ouvido.

— Tem certeza?

– Claro. — Ele deu um empurrão cordial em Bert. – Vamos em frente. Não estou querendo bancar o arrogante para cima de você, companheiro. Apenas tive um pesadelo de tomar uma dose.

– Nunca andei por essas bandas — disse Bert.

— Uma questão de sorte.

Ele virou-se no pequeno camarote para deparar com o gerente, que sussurrou em voz rouca:

— Por onde diabo vocês estiveram?

— Descendo o *Swanee River* — cantarolou Bert.

— Engraçadinho...

Bert estava no palco. Uma marola de aplausos por trás da luz de gás; ninguém esperava muito de uma dupla masculina de canto e dança. Eram apenas parte do cenário. Bert fez uma mesura.

— Bellamy e... — Ele olhou ao redor, embaraçado. — Bellamy e...

Ainda estava sozinho no palco. A repetição arrancou alguns risos da audiência.

— Pois aqui estou — disse Bert, abrindo os braços, num gesto de desespero —, a única dupla de um só homem de canto e dança em Nova York.

Era uma nova abertura. Bert podia ver Joe Guttman, o gerente, parado nos

bastidores, mastigando um charuto apagado. Estava se prolongando demais e dentro de um momento não daria mais para agüentar. Onde estava Max? Por que sempre se deixava ser persuadido a fazer as coisas por aquele judeuzinho metido a sabido? E foi nesse instante que Max apareceu, arrastando os pés pelo palco, a própria imagem do abatimento e rejeição. Bert não estava representando quando lhe disse asperamente:

— Onde diabo você se meteu?

— Um homem quer ser amado por si mesmo...

— Mas uma coisa dessas é possível? Aqui estou, no palco do Bijou, tentando apresentar uma dupla de canto e dança, de que faço parte, e digo "Apresentando Bellamy e..." e o quê? — Além de Max, Bert avistou a carranca no rosto de Guttman. Ele estava levando a cena ao pé da letra, sem ter a menor idéia de que se tratava de uma nova abertura. O homem era um cretino, mas deviam ter esperado por isso e avisado. Agora, ele podia muito bem baixar a cortina sobre os dois. — E nada — arrematou Bert, desesperado.

— Então cheguei atrasado. Sabe o que me aconteceu?

— Como posso saber? Estou aqui no Bijou!

— Pois vou lhe contar o que me aconteceu. Mas fique calmo. Vou contar o que me aconteceu. A dois quarteirões daqui, bem na esquina da West Broadway com a Canal Street, fui detido por uma garota bonita.

— Uma garota bonita? E qual era o nome dela?

— Como vou saber? Não fomos apresentados. Eu não a estava levando para casa. Fui detido por ela.

— Você foi parado por ela. Broadway e Canal. Continue.

Bert deixou escapar um suspiro de alívio. O ritmo da conversa já alcançara Guttman, no instante mesmo em que ele se adiantava para baixar a cortina. Guttman parou e virou-se para escutar.

— Eu disse: "Dona, não faço esse tipo de coisa".

— Isso é mentira. O que ela disse?

— Ela disse: "Experimente. Caso contrário nunca saberá o que está perdendo". Eu disse a ela que bem que gostaria, mas estava a caminho do trabalho.

Bert passou a língua pelos lábios.

— Então ela disse: "Mas que coincidência! Podemos trabalhar juntos".

— Como soube que foi isso que ela disse? — perguntou Max.

— Foi isso o que ela disse?

— Eu disse que foi isso que ela disse. E depois ela disse: "Vamos trabalhar juntos".

— E você nem mesmo é bonito.

— Foi o que eu disse a ela. Mas ela disse que não tinha a menor importância.

— Disse a ela que não sabe distinguir a parte de cima da de baixo, meninos de meninas?

— Disse, sim. Mas ela falou que não tinha importância.

— E o que aconteceu? O que aconteceu?

— Eu disse a ela que não tinha dinheiro.

— Disse isso? E o que ela disse?

— Ela disse: "Suma daqui, seu vagabundo nojento, ou chamarei a polícia!".

Houve um longo momento de silêncio e depois a audiência aplaudiu. Foram aplausos vigorosos. A nova abertura funcionava.

Sempre que via uma escola, quer fosse primária ou secundária, Max experimentava uma sensação de perda, uma tristeza sem definição, uma depressão que o levava à defensiva. Como um reencontro com um antigo amor perdido, que não mais se amava, não havia espaço para a compreensão ou acomodação. Seu amor-ódio da escola era complexo demais para que pudesse decifrar. Ele podia ser propenso à introspecção; tinha bastante imaginação e instinto para isso; mas a introspecção também era ameaçadora. Interferia com um credo simples e prático: ele fazia tudo o que tinha de fazer.

Ele tinha de ir hoje à escola, porque havia um bilhete da professora de Ruby, pedindo à Sra. Britsky que fosse procurá-la, a fim de conversar sobre determinadas dificuldades que ela estava encontrando com Reuben Britsky. Reuben estava agora com 14 anos, na oitava série da escola pública. Descrevendo o irmão sucintamente, Max leu a carta e depois disse:

— Ele é um pequeno vagabundo. Sempre foi.

— De que adianta dizer isso? — indagou Sarah, falando em iídiche. — Quando você está em casa, ele está na escola; e quando ele está aqui, você está trabalhando.

— Então quer dizer que a culpa é minha?

— Não falei isso. Acontece apenas que ninguém o disciplina. Ele é grande demais e não me escuta.

— Pois vai escutá-la. Ou quebrarei o seu maldito pescoço. Pode estar certa de que ele vai escutá-la.

— Não posso ir à escola.

— Por que não?

— O que você quer de mim, Max? Mal posso falar inglês. E você quer

que eu vá a uma escola e fale com uma professora? Como poderei? Se o seu santo pai falecido...

– Está bem, está bem, pode deixar que eu vou! Max não podia suportar ouvir o pai ser descrito como um santo. — Eu vou!

Ele saiu da cozinha furioso. Era a mesma cozinha, o mesmo apartamento de cortiço, infestado de baratas, o mesmo cheiro fétido de urina no corredor lá fora, a mesma rua fedorenta e barulhenta... tudo a mesma coisa, tudo recendendo fetidamente a miséria e pobreza. Nada mudava, nem mesmo a escola pública, a mesma escola que ele cursara até a sexta série.

A um quarteirão da escola, no outro lado da rua, mas com a escola bem à vista, Max parou e estudou-a, compreendendo que há anos dava uma volta, recusava-se a enfrentá-la. Pois agora estava encarando-a, o prédio de quatro andares, de tijolos vermelhos, destacando-se na Clinton Street há meio século. Mas podia visualizar toda a escola com exatidão, sem precisar pôr os pés lá dentro. O prédio fora convertido num hospital para os soldados na Guerra Civil, logo depois de sua conclusão; as crianças ainda o chamavam de enfermeira, um apelido que persistira ao longo dos anos. As salas de aula no segundo andar tinham paredes corrediças. Quando havia uma assembléia, as paredes eram empurradas para trás e todo o segundo andar se transformava num vasto salão. As paredes repousavam sobre rodinhas, cada seção com dois metros e meio de largura por três de altura. Quatro garotos eram designados para deslocar cada seção. Durante o seu último período na escola, Max conquistara a designação para uma das seções. Com algum desdém, ele recordou o orgulho que sentira na ocasião. Grande coisa, pensou agora: O privilégio de empurrar uma parede. E, depois, ele atravessou a rua e entrou na escola.

O escritório ficava no primeiro andar. Num banco, diante da porta, três garotos estavam sentados, olhando soturnamente para o chão. Era um tempo em que uma escola pública gratuita tornara-se uma espécie de lugar sagrado, a palavra da professora aceita como lei, o sistema e a estrutura sagrados aos olhos das crianças imigrantes e seus pais. Havia poucas violações da disciplina e, quando ocorriam, a própria escola era transformada numa espécie de cadeia, com a criança culpada permanecendo na sala de aula por horas depois do encerramento, escrevendo interminavelmente a natureza de sua ofensa. Contudo, não era essa a fonte da ordem e obediência nas escolas; em vez disso, era o fato de que os próprios imigrantes, os irlandeses, judeus e italianos que constituíam o grosso dos pais, encaravam a escola gratuita como um santuário, uma dádiva incrível e inacreditável para seus filhos. O que quer que eles sofressem e suportassem, a sujeira, pobreza, frio e fome, havia a escola como uma promessa para seus filhos. Dentro desse sistema, o infrator era enviado para o gabinete,

como acontecia com aqueles três garotos, sentados no banco ao lado da porta, aguardando sua vez e seu destino.

Max parou por um momento para fitá-los. Pelo menos Ruby não estava hoje ali. Dentro do gabinete, uma mulher matronal fitou-o com uma expressão inquisitiva.

— Tenho uma carta da Srta. Sally Levine pedindo para vir até aqui — explicou Max.

— Você é muito jovem para ser pai — disse a mulher, desconfiada.

— Tem razão. Vim falar sobre meu irmão Ruby. Ele está na turma da Srta. Levine. Minha mãe recebeu uma carta, deveria vir. Mas ela não pôde vir.

— Por quê?

— Está doente — respondeu Max, optando pela explicação mais curta.

— Lamento muito. Bom, acho que você pode conversar com a Srta. Levine. Vai encontrá-la na Sala 322. Suba dois andares e vire à direita.

Max assentiu e retirou-se. Tornou a parar diante da porta, sorrindo para os três pecadores.

— Tenham boas maneiras, seus sacaninhas — disse ele, baixinho.

Subindo para a Sala 322, ele descarregou silenciosamente a sua raiva contra Ruby: "O pequeno filho da puta tinha de me fazer vir a um lugar estúpido como este!" Contudo, ele também estava sob o domínio do lugar, envolto e sufocado pela mitologia que impregnava o velho prédio. Abriu a porta da Sala 322, gentilmente, hesitante.

A porta ficava no fundo da sala e, assim, Somente a professora e um aluno o viram entrar. Max ficou surpreso com a juventude da Srta. Levine. Estivera na escola pela última vez aos 11 anos e nessa ocasião os 22 anos da Srta. Levine — como soube depois — teriam parecido uma idade bem madura; agora, aos 18 anos, ele poderia descrevê-la como uma criança. Ela possuía feições atraentes, olhos castanhos, uma boca pequena e delicada, cabelos castanhos lustrosos, que usava num grande coque por cima da nuca, uma austeridade que era de *rigueur*, em sua profissão. A mesma austeridade explicava a blusa branca abotoada até o pescoço, de mangas compridas, a saia comprida e cinza. Apesar da indumentária sóbria e sem graça, no entanto, Max teve a impressão de um corpo esbelto e ao mesmo tempo de boas curvas.

A Srta. Levine estava de pé num lado da frente da sala. Entre ela e Max, no fundo da sala, havia seis fileiras de carteiras, meia dúzia em cada uma, com um corredor no centro, separando três e três. Cada carteira era uma unidade separada, aparafusada no chão. O aluno em qualquer dos lados de um grupo de três carteiras podia escapulir, mas o do meio ficava preso até que outro saísse. Mesmo quando garoto, Max já considerara que era um sistema absurdo. Toda a

frente da sala era coberta por um quadro-negro, sobre o qual estava escrito a giz, em letras impecáveis: "O soneto é um poema de 14 linhas. O ritmo da palavra que contém é chamado pentâmetro iâmbico. Deve ter rimas, que podem variar, mas que devem se conformar a certas restrições históricas".

Mas nunca ouvira falar de soneto e não tinha a menor idéia do que significava pentâmetro iâmbico. Sentiu um súbito ímpeto de fúria contra o filho da puta de seu irmão menor, que o metera naquela situação. Ao mesmo tempo em que pensava nisso, ouviu a garota de 14 anos, olhos arregalados, rosto franco, parada na frente da turma, no outro lado da Srta. Levine, declamando:

Ó, Milton, deverias estar vivendo agora,
A Inglaterra precisa de ti: virou um brejo
De águas estagnadas, altar, espada e pena,
A riqueza imensa...

A menina percebeu a presença de Max no fundo da sala, hesitou, parou; os outros alunos seguiram o seu olhar, virando a cabeça, fitando Max. Ele tentou juntar tudo — o que estava escrito no quadro-negro, o poema que a menina recitava e que não lhe fazia o menor sentido, o fato de Ruby não estar presente, todos os rostos virados para ele, a Srta. Levine agora avançando em sua direção.

— Quem você é e por que está interrompendo a minha aula?

Ela não era certamente do tipo tímido, ou pelo menos não em seu terreno.

— Sou Max Britsky. Escreveu uma carta sobre Ruby, meu irmão.

Ela estava falando antes mesmo de Max terminar:

— Ruth, continue, por favor. "A riqueza imensa de amor e música." – Continue dessa linha.

Ruth recitou:

... a riqueza imensa de amor e música,
tudo falta no antigo dote inglês...

Por cima da voz da menina, a Srta. Levine disse bruscamente:

— Se fizer a gentileza de esperar lá fora, Sr. Britsky, eu lhe falarei dentro de poucos minutos.

Ela abriu a porta para ele, praticamente expulsando-o para o corredor. Max ficou parado ali, furioso, frustrado, desolado com a consciência da própria ignorância em termos de uma turma da oitava série, dizendo a si mesmo: Aquela cadela... aquela cadela de bunda seca! Quem ela pensa que eu sou, empurrando-me como se eu fosse sujeira na frente de uma vassoura? Eu deveria entrar nessa

sala e dizer a ela o que está precisando ouvir, poucas e boas, na frente de toda a turma.

Mas ele não fez isso. Permaneceu junto à porta, esperando. E quando a Srta. Levine finalmente apareceu, Max murmurou:

— Desculpe... não tive a intenção de atrapalhar sua aula. Mas me disseram lá embaixo que eu poderia subir.

— Mas não deixou de atrapalhar a minha aula.

— Já falei que não tive essa intenção — disse Max, a raiva voltando. — Mas o que queria que eu fizesse? Mandaram-me subir para a Sala 322 e agora você está querendo me arrancar a cabeça!

Ela fitou-o com uma expressão pensativa e depois acenou com a cabeça.

— Tem razão. Fui grosseira, não é mesmo? Não sei se você pode compreender, mas a aula de poesia é a mais significativa em tudo o que ensino. Ter aquela criança, que vem de um ambiente onde não se fala inglês... Bem, a presença dela na frente da sala, recitando de memória a ode de Wordsworth a Milton, é uma coisa simplesmente incrível. Foi por isso que me mostrei tão brusca, Sr. Britsky. Por favor, aceite minhas desculpas.

Escutando-a, Max estava pensando que ela era muito atraente e muito diferente de todas as pessoas com quem já falara. Suas palavras eram diferentes, sua maneira de falar era diferente; ele não tinha qualquer estrutura de referência para enquadrar. Tentou recordar suas professoras quando tinha 11 anos; mas quando uma mulher era observada como uma mulher, não havia qualquer possibilidade de uma ligação subjetiva entre as idades de 11 e 18 anos. O nome da Srta. Levine indicava que ela era judia. Max jamais ouvira falar de uma pessoa com o nome Levine que não fosse judia. Mas também nunca ouvira falar de uma moça judia que não fosse um produto do gueto do Lower East Side; e se o gueto produzira a Srta. Levine, por que ela parecia e falava daquele jeito? E como se tornara uma professora? Nos seis anos de sua vida entre a entrada e saída da escola pública, Max jamais conhecera uma professora judia.

Max ficou fitando-a fixamente, sem dizer nada. A Srta. Levine informou-o de que só podia deixar a turma por um momento e depois acrescentou:

— Chamei a mãe de Reuben.

— É que... minha mãe... — Max estava confuso e indeciso. — Minha mãe é da velha terra. Não fala inglês muito bem e estava com medo de vir a um lugar como este.

Não era absolutamente o que ele tencionara dizer. Não contava com qualquer necessidade de explicação. Diria simplesmente que a mãe estava doente. Não podia compreender agora por que falara a respeito. Mas a Srta. Levine limitou-se a assentir e disse que compreendia.

— A maioria das mulheres imigrantes vivem em estado de medo. É lamentável, mas é o que acontece.

Max escutou e acenou com a cabeça, sem ter muita certeza se entendia o que ela estava querendo dizer.

— De qualquer forma, você é o irmão dele e largou o trabalho para vir até aqui. O que significa que a educação de Reuben tem alguma importância para a família.

— Não, não exatamente... não larguei o trabalho para vir aqui. Sou um artista de teatro. — Ele estava atolado, emaranhado na sua tentativa de fabricar uma explicação. — Mas isso não significa que não esteja interessado na educação do meu irmão. Acontece apenas que não tenho matinê hoje.

— Oh!

O que significava aquele "Oh"? Desprezo? Desdém?

Max perguntou bruscamente:

— Qual é o problema com Ruby?

— Já viu que ele não está aqui. Por acaso está doente?

— Matando aula! Aquele... — Max engoliu as palavras.

— Não é simples gazeta, embora ele falte às aulas pelo menos um dia por semana. Ele falsifica bilhetes da mãe, bem escritos, mas evidentes. Como pode perceber, ele nada tem de estúpido. É muito inteligente, mas turbulento, rebelde, insubordinado. Quase que deixo escapar um suspiro de alívio quando ele não aparece.

— Eu gostaria de já ter sabido disso antes.

Max falou sombriamente, tão sombriamente que a Srta. Levine sorriu para o jovem austero, obstinado, parado à sua frente.

— Pode estar certa de que não haverá mais gazeta, Srta. Levine. E mais nenhuma insubordinação. Ele vai andar na linha daqui por diante.

— Isso vai ajudar muito o comportamento da turma, Sr. Britsky.

— Pode deixar que cuidarei de tudo.

— Obrigada. E, agora, tenho de voltar para a sala.

Foi só ao final da tarde que Max voltou ao apartamento na Henry Street. Eram quase cinco horas. Quando ele entrou na cozinha, Ruby estava saindo e Sarah lhe gritava:

— São cinco horas e você vai sair! Já está quase na hora do jantar!

— Não quero jantar, mamãe.

— Que história é essa de não querer jantar?

Estavam todos na cozinha, espectadores da cena entre Ruby e a mãe.

Freida, já com 15 anos, desabrochando, as roupas apertadas, como uma ameixa madura na casca; as duas outras meninas, Esther e Sheila, de 9 e 11 anos respectivamente, Esther com inesperados cabelos ruivos, Sheila muito magra e de pernas compridas, parecida com Max; e o bebê, Benny, quase oito anos... todos vivos e saudáveis, porque Max os mantivera vivos e saudáveis, todos integrados como partes do drama intenso que suas vidas se tornara, apinhados como estavam no pequeno apartamento. Viviam em contato belicoso, gritavam, brigavam, implicavam, porque não tinham espaço ou privacidade, porque careciam de qualquer orientação para definir suas vidas; contudo, ao mesmo tempo, estavam intensamente conscientes e intrigados pela qualidade eletrizante e dramática de suas brigas.

— Então você vai sair — disse Max a Ruby.

— Vou, sim.

— Sair sem jantar?

— Isso mesmo. Talvez.

— Diga a ele! — gritou Sarah. —- Diga que ele pode jantar em casa!

Max ignorou-a.

— Talvez vá ao Delmonico's?

— O que é o Delmonico's? Mas não, não vou a nenhum lugar assim. Comerei um cachorro-quente na barraquinha.

— Com que vai pagar?

— Tenho 30 cents. Muita coisa.

— Tem toda razão! — explodiu Max. — Tem toda razão, seu cabeça de merda! É muita coisa mesmo. Se tem 30 cents, ponha em cima da mesa para mamãe comprar comida. Você roubou, seu desgraçado!

— Max, eu não...

— Cale essa boca! Ponha o dinheiro na mesa ou lhe darei uma porção de dentes para jantar!

— Max, por favor! — suplicou Sarah.

Mas diante da ira do irmão, Ruby esvaziou o bolso, largando na mesa uma moeda de um quarto de dólar e mais cinco de um cent.

— Agora entre e faça os seus deveres de casa! — acrescentou Max.

— Não vou fazer dever nenhum. Não tenho.

— Não tem mesmo. E quer saber por que não tem? Porque fez gazeta hoje! E quantas outras vezes? Preste muita atenção ao que vou dizer agora. Perca outro dia de aula e faça mais alguma brincadeira com a sua professora que vou pessoalmente lhe arrancar o couro. E agora entre e faça os seus deveres de casa. Se não tiver nenhum, então trate de inventar!

Durante os três dias seguintes, Max não foi capaz de pensar em muita coisa a mais, além de na Srta. Levine. Travou conversas fantasiosas com ela, nas quais misteriosamente emergia como um estudante de Harvard ou Yale, lugares de que conhecia apenas os nomes e umas poucas conotações nebulosas. Ou então se tornava um magnata, um construtor de ferrovia rico, além da imaginação, levando-a a passeio pela cidade numa maravilhosa carruagem aberta, puxada por dois cavalos. Max e seu amigo, Bert Bellamy, haviam certa vez tentado redear, como se chamava, diante do restaurante Delmonico's, na esquina da Quinta Avenida com a Rua 26. O redeador era um garoto que segurava as rédeas quando as carruagens paravam diante do Delmonico's, descarregando os fregueses para jantar. Seu pretexto era o de que impedia que o cavalo empinasse, conseguindo às vezes ganhar uma gorjeta de meio dólar. Mas a competição era feroz e os porteiros brutais. Quando pegavam um garoto, espancavam-no impiedosamente. Depois que Bert fora encurralado e espancado, ele e Max desistiram. Contudo, Max lembrava-se das carruagens, dos homens em trajes de gala, das mulheres cheias de jóias, pérolas e diamantes, em seus vestidos suntuosos, incrivelmente enfeitados, de seda, *moiré*, tafetá e rendas. Para Max, não eram mulheres exageradamente vestidas ou vulgares, apenas invejáveis. Via a si mesmo descendo de uma daquelas carruagens, acompanhado da Srta. Levine. Suas fantasias, no entanto, eram frustradas pelo fato de não conhecer o primeiro nome da moça.

O que fizera com a carta? O nome dela estava escrito na carta, mas não chegara a lê-lo, tamanha fora a sua irritação ao tomar conhecimento do conteúdo. Vasculhou todo o apartamento à procura da carta, o resto da família indagando: "O que está procurando, Max?" Mas a carta sumira. Ele chegou a pensar em perguntar a Ruby qual era o primeiro nome da Srta. Levine, mas acabou repelindo a idéia. Falou a Bert de seu dilema e ouviu uma sugestão impaciente:

— Pergunte a ele, seu *schmuck.*

Max ficou imóvel abruptamente, no ato de passar a maquilagem no rosto.

— Você está louco?

— Não eu, companheiro. Você é que vai acabar ficando doido de tanto pensar nesse rabo-de-saia.

— Ei... não fale assim dela!

— Jesus, Maria e José, perdoem-me!

— Não posso perguntar a ela.

— Por que não? Ela não é uma zinha? Está bem, peço desculpas. Ela é uma dama, não é mesmo?

— Claro.

— E então?

— Ela é mais velha do que eu.

— Maxie, meu garoto, ponha a cabeça no lugar. Nunca fodi uma mulher que não fosse mais velha do que eu. Se não for assim, o que vai conseguir? Uma cadeia.

— Ela não é desse tipo.

— Ah...

— Escute, não quero mais falar sobre isso. Esqueça.

Na primeira vez em que foi à escola, depois da visita por causa de Ruby, passavam exatamente 10 minutos das três horas da tarde e Max escondeu-se na entrada de um cortiço no outro lado da rua. Disse a si mesmo que fazia isso para certificar-se de que Ruby estava comparecendo à escola. Mas se era assim, por que fora até ali depois das três horas, quando a maioria dos alunos já deixara a escola? Por que não 10 minutos antes das três horas? Ora, que se dane tudo, disse a si mesmo. Estou aqui, não é mesmo? E estou atrasado.

Foi somente quando faltavam 10 minutos para as quatro horas que a Srta. Levine apareceu, flanqueada por outras duas professoras e assim descendo a rua, até desaparecer. Escondido em segurança na escuridão do vestíbulo do cortiço, Max pôde observá-la pelo vidro da porta que dava para a rua. No dia seguinte, Max admitiu para si mesmo que estava ali para observá-la deixar a escola. Mas naquele dia e nos dois seguintes, a Srta. Levine saiu acompanhada pelas outras duas professoras. Somente no quinto dia de observação é que ela deixou a escola sozinha, desacompanhada.

E foi somente quando ela já havia percorrido metade do quarteirão que Max reuniu coragem suficiente para sair em seu encalço, em passadas longas, quase correndo, balbuciando impulsivamente:

— Olá, Srta. Levine!

Sua voz saiu como um guincho trêmulo. A professora virou-se e fitou-o com espanto. Ele ficou parado, sorrindo, com uma cara de tolo.

— Sr. Britsky.

Max assentiu.

— Estava indo para a escola? Já é muito tarde. O expediente acabou.

— Não... isto é, sim. Como está o garoto?

— O garoto?

— Meu irmão, Ruby.

— Ah, sim... Ele está se esforçando. — Ela fitou-o com uma expressão

estranha. — Isso mesmo, ele está se esforçando. Foi um prazer encontrá-lo.

E depois, ela começou a se afastar. Andando ao seu lado, Max disse:

– Não se incomoda se eu acompanhá-la?

A Srta. Levine tornou a parar, fitando-o com uma expressão pensativa.

– Acho que está pensando que me comporto como um maluco — murmurou Max.

Desta vez, a Srta. Levine ficou sem saber o que dizer.

– Sei disso porque também acho que estou me comportando como um doido. Mas é que não pude pensar em outra maneira de conhecê-la.

— Mas já me conheceu, Sr. Britsky. E se quisesse me falar de novo, bastava enviar um bilhete para a sala.

— Não era isso o que eu estava querendo dizer. Isto é, não era exatamente isso. Eu queria conhecê-la... apenas conhecê-la... não porque estou ligado a algum garoto que age como um pequeno vagabundo. Estou conseguindo me explicar?

— Acho que posso compreender.

— Posso então lhe pagar um café? Podemos sentar em algum lugar e conversar?

— Não... acho que não.

— Por que não?

— Por um lado, porque estou indo para casa, onde tenho coisas a fazer.

— É casada?

— Isso não é da sua conta, não é mesmo, Sr. Britsky?

— É, sim.

— Não concordo com isso. Mas se quer mesmo saber, não sou casada. — Ela fitou-o atentamente, os olhos castanhos esquadrinhando-lhe o rosto. — Sempre faz isso? Detém as pessoas na rua para fazer perguntas pessoais?

— Sabe que não. Está querendo zombar de mim?

— Não, mas é o que você está pedindo, de tão nervoso e assustado.

— Eu? — disse Max, indignado. — Eu, assustado?

— Moro na Rua 10, em Greenwich Village — disse a Srta. Levine. — É uma longa caminhada, mas quando o tempo está bom gosto de voltar a pé para casa.

— Posso acompanhá-la?

— Pode, sim, se quiser. E se tiver tempo.

Começaram a andar. Para Max, era uma experiência nova, aquela sensação de profunda satisfação e grande realização fluindo do ato simples de andar ao lado de uma moça. Contudo, ele compreendia que, um momento antes, a Srta. Levine estivera prestes a repeli-lo. Não pôde deixar de indagar o que a

levara a mudar de idéia.

— Já lhe disse. Você estava muito assustado.

— Isso é bobagem. Não estou assustado. E não sei... nem mesmo sei como conversar com alguém como você.

— Está conversando comigo, Sr. Britsky.

— Tem razão. Você não é daqui, não é mesmo?

— Daqui?

— Daqui... do East Side.

— Não, não sou. Nasci no Brooklyn. Não é tão longe assim, mas uma distância grande para se percorrer diariamente. É desde que estou dando aulas que moro aqui.

— Acho que pareço uma espécie de arruaceiro para você.

— Nada disso. Estou apenas curiosa a seu respeito. Disse que era um artista. Mas é muito jovem...

— Tenho 18 anos. Não sou tão jovem assim.

— Mas não pode ter saído da escola secundária há mais que uns poucos meses.

Max ficou em silêncio por um momento, depois confessou que deixara a escola aos 12 anos.

— Por quê?

— Para trabalhar.

— Sei que as crianças trabalham, mas você poderia ter freqüentado a escola também.

— Meu pai morreu. Deixou minha mãe e seis filhos. Não tínhamos parentes, ninguém que levantasse um dedo para nos ajudar, ninguém que se importasse se vivíamos ou morríamos. Alguém tinha de cuidar da família.

— Uma mulher e seis filhos?

— Isso mesmo.

A Srta. Levine diminuiu o ritmo dos passos, depois parou e olhou fixamente para Max, como se o estivesse vendo pela primeira vez.

— E você fez isso... aos 12 anos?

— Não estou mentindo — disse Max, na defensiva. — Ninguém mais cuidou da minha família... e todos estão vivos, não é mesmo?

— Não quis insinuar que você estivesse mentindo. Apenas é uma história incrível demais.

Naquela noite, Bert disse a Max:

– Está querendo dizer que apenas a acompanhou até em casa e depois foi

embora? Maxie, meu filho, você tem miolos... e quer saber onde estão seus miolos? Na calça.

– Está certo. Mas acontece que esta não é uma mulher qualquer. Não é uma vagabunda.

– Todas as mulheres são iguais. Você me apresenta a essa dona e garanto que um dia depois estarei metendo a mão por baixo de sua saia.

— E eu o mataria por isso, seu filho da puta!

— Ah, o garoto está falando sério. Você se apaixonou, companheiro.

Mas o relacionamento de Max com o amor, romântico ou não, era nebuloso. Ele estava ligado à família, mas não lhe tinha amor. Desde que deixara a escola que não lia um livro e, assim, suas noções de uma ligação romântica não estavam enfeitadas pela literatura. Lia os jornais apenas de forma superficial, pois não se interessava por política. Mais freqüentemente lia uma publicação de apostas, *Cockfight Specials*, que tratava não apenas de brigas de galo, mas também de brigas de cachorros. E de vez em quando lia *Dirty Dillies*, que era uma revista grosseira de pornografia. Mas ler desempenhava um papel de menor importância em sua vida e as noções de amor projetadas nos *music halls* não podiam absolutamente ser consideradas inspiradoras. Apesar de tudo, porém, alguma coisa despertou dentro dele, compelindo-o como nunca acontecera antes. E ele esperou novamente pela Srta. Levine, quando ela deixava a escola.

Se o mundo de Max era muito limitado, pelo menos ele o conhecia e explorava, aceitava a expansão com a mente totalmente aberta. Max sabia como as prostitutas se vestiam, sabia como as garotas de sua própria classe se vestiam, sabia até como se vestiam as damas da parte superior da cidade; e se a Srta. Levine vestia-se de certa forma de uma maneira diferente de qualquer desses grupos, Max podia aceitar e aprender alguma coisa com isso. A saia cinza de estambre que caía até os tornozelos era bem cortada e parecia pender e fluir graciosamente com os seus movimentos. Usava um casaco azul-escuro e por baixo uma blusa, da qual apenas o jabô era visível. Carregava uma valise e uma bolsa. Desta vez, Max ignorou o fato de que ela estava acompanhada por outra professora. Foi andando ao seu lado e disse:

— Por favor, deixe-me levar sua valise.

Ele pegou a valise prontamente, antes que a Srta. Levine pudesse protestar. Ela ficou aturdida e um pouco afogueada. Apresentou-o à outra professora:

— Srta. MacClintock, este é o Sr. Britsky.

Max levantou o chapéu, acenou com a cabeça e disse:

— Como tem passado?

Nunca antes, em toda a sua vida, ele cumprimentara alguém exatamente

daquela forma. Achou que se saiu bastante bem. Na primeira esquina, a Srta. MacClintock seguiu em outra direção, deixando-os a sós. A Srta. Levine disse então, com alguma aspereza:

— Isso não pode continuar, Sr. Britsky. Não posso ser abordada toda vez que deixo a escola.

— Só fiz isso... apenas uma vez antes. Esta é a segunda. Portanto, não é toda vez que deixa a escola.

— Duas vezes já é o suficiente. O que está querendo?

— Acho que queria apenas conhecê-la... ser seu amigo.

— O quê?!

A surpresa e indignação da moça atingiram Max como um tapa na cara. Aparentemente, ela percebeu que o atingira em cheio, pois andou apenas mais alguns passos, depois que Max estacou abruptamente; depois, virou-se e voltou para junto dele.

— Desculpe.

— Pelo quê? Não houve nada. Este vagabundo do East Side a está aborrecendo e você o manda cair fora. Não há problema. Este é um país livre.

— Não foi essa a minha intenção.

— Claro que foi. Pensa que eu não sei o que sou? Sou Britsky, o que é um nada. Não tenho educação e não tenho classe. E com uma cara como a minha, também não sou atraente,

— É um rapaz muito atraente, Sr. Britsky, e está levando a coisa longe demais. Sou quatro anos mais velha e acho que deveria fazer a corte a uma moça da sua idade.

— Sei disso. Já entendi o recado.

A Srta. Levine agora sorriu ligeiramente.

— Quer saber de uma coisa? Eu ia me afastar há um momento e deixá-lo com a minha valise. Acho que isso indica o quanto confio em você. É muita gentileza sua carregá-la para mim. Não quer me acompanhar até em casa?

— Claro.

— Até a Rua 10? É uma caminhada e tanto.

— Não vai se importar?

– Se pedi, foi porque gostaria.

— Está bem.

Percorreram outro quarteirão em silêncio e, depois, ela disse:

— Qual é o seu primeiro nome, Sr. Britsky? Tem um primeiro nome?

— Gosta de caçoar, não é mesmo? Claro que tenho um primeiro nome. Max.

— Max?

— Isso mesmo, E o seu nome é...?

— Sally.

— Se me chamar de Max e eu chamá-la de Sally, o mundo não vai acabar por isso, não é mesmo?

— Acho que não.

— E então?

— Então o quê?

— Então vai me chamar de Max e deixar eu chamá-la de Sally?

Estavam agora na Houston Street e viraram para oeste, na direção da Broadway. Mais uma vez, a Srta. Levine parou e fitou-o.

— Com que finalidade, Sr. Britsky?

— Mas que diabo! — explodiu Max. — Quero apenas que sejamos amigos! Quero acompanhá-la da maneira como um guia faz com uma moça. Quero vê-la de novo sem ter de ficar esperando do lado de fora daquela escola nojenta como um idiota rematado. Quero levá-la para jantar fora.

— Isso é inteiramente impossível.

— Por quê?

— Acho que é melhor não entrarmos nisso. Você ainda é muito jovem. Sou mais velha e creio que temos muito tempo em comum, se é que é alguma coisa.

— Se contar o tempo, é quatro anos mais velha. Mas se levar em consideração o que é preciso para crescer nesta maldita cidade, sou 10 anos mais velho. Talvez pense que não passo de um vagabundo, por isso nada temos em comum, porque deixei a escola aos 12 anos e não falo como você. Mas...

Max estava agora sorrindo para ela.

— Mas o quê?

— Mas pode apostar que vou crescer. Deixe-me levá-la para jantar esta noite. Aposto 20 dólares que vai gostar de mim o bastante para fazer de novo.

– É mesmo? Pois está bem. Só que não esta noite. Amanhã.

— O quê? É pra valer?

– Claro que é. Eu disse que pode me levar para jantar amanhã à noite. Mas quero que compreenda que aceito o seu convite com alguma apreensão. Nunca fomos apresentados formalmente.

Max não sabia muito bem o que ela estava querendo dizer, assim como não tinha muita idéia do significado social de uma apresentação formal. Só tinha certeza de que ela aceitara o seu convite para jantar, na noite seguinte.

– Muito bem! Maravilhoso! Vou me apresentar neste momento. — Ele fez uma reverência, tirando o chapéu. — Meu nome é Max Britsky. Não sou ninguém agora, mas tenciono me tornar alguém. E pode estar certa de que não

terá embaraços ao meu lado. Max Britsky se apresenta!

O entusiasmo dele era tão exuberante que a Srta. Levine desatou a rir.

— Sally...

— O que é?

— Está vendo? Sally... eu a chamei de Sally. Experimente Max.

— Como?

– Experimente me chamar de Max. Apenas experimente.

— Max.

— Tá vendo? Não dói.

— *Está*... — Ela engoliu em seco.

— Continue — disse Max.

— Não. Estou sendo horrível, corrigindo o seu jeito de falar.

— Não tem importância. Preciso aprender.

Ao chegarem à Washington Square, estavam muito mais à vontade um com o outro. Sally apontou para as casas no lado norte do parque.

— Quando se tornar o grande milionário Max Britsky, poderá me comprar uma daquelas casas.

— Hã?

Max virou a cabeça abruptamente para fitá-la.

— Apenas como um presente. Ainda seremos meros amigos, será como Diamond Jim, distribuindo jóias a torto e a direito.

Ela mudara, despojando-se do manto austero de professora.

— Que casa?

— Aquela servirá — disse ela, jovialmente, apontando para uma linda mansão de tijolos vermelhos.

— Não me esquecerei.

Frustrado, furioso no pequeno quarto que partilhava com Ruby, os dois dormindo juntos numa cama antiga e pequena, os dois ternos pendurados de um gancho na parede, o reste das roupas metido numa cômoda escalavrada, Max tentou dar um nó de gravata-borboleta e não conseguiu. Ele vasculhou uma gaveta e pegou uma gravata comum. Precisava ser passada, mas Sarah estava ocupada em outra coisa. Max podia escutar a mãe gritando com sua irmã Freida. Apertados no pequeno apartamento de água fria, junto com um exército interminável e invencível de baratas e percevejos, eles viviam em tensão permanente. Gritavam e tinham acessos de raiva uns com os outros. Agora, ouvindo a mãe, Max pensou na possibilidade de trazer a Srta. Levine àquele hospício. "Entre, Srta. Levine. Esta é minha mãe e aqui estão os meus irmãos."

Sarah acabara de denunciar a filha Freida, de 15 anos e meio, como uma vagabunda. Freida defendeu-se da única maneira que conhecia, tentando gritar mais alto do que a mãe:

— O que pensa que eu sou? Alguma espécie de aberração? Não estamos na Europa! Não sou sua prisioneira, você não pode decidir com quem eu me encontro e com quem vou casar!

— Deus me livre! — exclamou Sarah.

— Um garoto olha para mim e só por isso sou uma vagabunda. Isso é tudo o que sempre tem para me dizer, que sou uma vagabunda. Lindas palavras!

— Você se comporta como uma vagabunda, veste-se como uma vagabunda, é uma vagabunda! — gritou Sarah. — Fica se encontrando com vagabundos numa confeitaria! Quem faz isso além de uma vagabunda? Diga-me! Vamos, diga-me!

— Está bem, está bem! Daqui por diante só irei a bailes. No Waldorf, é claro. Queira por favor promover o meu *début*. Ou devo passar as noites sentada em casa, roendo as unhas?

Incapaz de suportar por mais tempo, Max foi até a cozinha e gritou:

— Parem com isso! Cada vez que estou em casa vocês duas começam a gritar uma com a outra!

— Vocês duas! Vocês duas! — explodiu Sarah. — De repente não sou sua mãe! Sou alguma coisa que você chama de vocês duas! Não sou nada! Sou lixo!

Ela pegou uma toalha de prato e tentou limpar o pouco de ruge que Freida aplicara no rosto. Freida reagiu. Max teve de intervir para separar as duas.

— Vocês duas estão loucas! Completamente loucas!

Sarah começou a chorar.

— Estou louca! — soluçou ela. — Tenho um filho que é um vagabundo, vive metido com prostitutas e artistas, tenho uma filha que não presta. Mas devia estar feliz. Como não estou feliz, então estou louca.

Max abraçou-a.

— Não quis dizer que você está doida, mamãe. Apenas vocês me deixam maluco. — Ele acenou para que Freida saísse e ela obedeceu. — Não, não quis dizer isso. Acho apenas que não deveria se transtornar por uma coisa sem importância.

— Sem importância? O que é sem importância? E o que está fazendo com essa camisa limpa?

— Vou sair.

— Você sai todas as noites...

— Mamãe, eu trabalho no *music hall*. E você sabe disso.

— Às cinco horas? E precisa de uma camisa limpa para trabalhar no *music*

hall? Minha comida não é suficiente? Precisa comer também o veneno daqueles chinas e italianos?

— Não é veneno, mamãe.

Subitamente, Sarah descobriu que Freida desaparecera.

— Onde ela está?

— Ela saiu, mamãe. Voltará dentro de uma hora.

Pobre criança, pensou Max. Isto é um asilo de lunáticos. Freida, por outro lado, renovava-se a cada vez que escapava do apartamento na Henry Street. Quaisquer que fossem as fantasias românticas que acalentava, a única realidade que conhecia era a rua lá fora e sua população. A confeitaria ficava na esquina da Pike Street e era dirigida pelo Sr. Rabinowitz. Os tempos eram inocentes de tóxicos e se alguém queria esquecer os tormentos do mundo podia comprar o Composto Vegetal de Lydia Pinkham, perfeitamente legal, embora fosse temperado com ópio, para não falar de uma dúzia de outros produtos encontrados nas prateleiras de qualquer drugstore e igualmente alterados com ópio. Mas os garotos, nascidos de imigrantes novos que haviam atravessado o Atlântico para povoar o East Side de Nova York, não eram dados aos tóxicos ou ao uísque. Em sua adolescência ansiosa, entravam no século XX com nada mais letal do que doces, deixando de lado as batalhas entre turmas e os pequenos roubos. O Sr. Rabinowitz tinha um balcão estocado com mais de uma centena de variedades de doces de um cent, nada mais que um cent. Por cinco cents, podia-se comer, até enjoar, alcaçuz, bastões de açúcar-cande, puxa-puxa mole, balas de menta, cremes, bombas, balas de goma, puxa-puxa duro, algodão-doce e dezenas de outras variedades, cujos nomes se perderam no nevoeiro dos tempos. Nos meses quentes de verão, o Sr. Rabinowitz sempre tinha na loja um enorme bolo de gelo; por dois cents, ele despejava uma boa porção de gelo picado num prato de papel e depois acrescentava um ou dois sabores, sacudindo-os de vidros, do mesmo tipo usado pelos barbeiros para dispensarem tônico capilar. O resto da loja do Sr. Rabinowitz era ocupado por jornais, revistas, charutos, além dos blocos, lápis e crayons usados pelas crianças que estavam na escola. O Sr. Rabinowitz e a mulher, ambos pequenos, cabelos grisalhos, rostos pálidos, aceitavam a função da loja como um ponto de encontro para os jovens. Não havia outra. Era a norma. Se a loja ficava muito apinhada, com a garotada gritando, empurrando, roubando, a Sra. Rabinowitz empunhava uma vassoura e expulsava a todos para a calçada.

Mas era mera formalidade. Estavam agora na calçada quando Freida se juntou a eles, Rocky, Joe, Shutzie, Stumphead, Izzy. Lizzie estava lá. Sempre estava lá e parecia não ter outro lar. Era chamada de Lizzie Comida e era uma garota fácil, ao ponto de convidar toda a turma, tendo relações com um rapaz

depois de outro. Miriam, como Freida, resistia aos rapazes, simulava ou tentava. Havia outras garotas, Josie, Becky e Clara. Mas, tirando Lizzie, basicamente limitavam-se a brincadeiras turbulentas e muita esfregação. Quando se cansavam de fazer hora na confeitaria, eles seguiam para a South Street, o rio, as docas, os barcos de pesca, mas sempre em grupo. Eram garotos judeus e quando se deslocavam tinham de tomar cuidado com o território irlandês e com o território italiano, mas especialmente com os guardas, que os espancavam pelo simples prazer de espancá-los.

Essa era a fuga de Freida, a sua terra de romance, o seu alívio do aperto e mau cheiro do apartamento da Henry Street, sua recompensa, como sentia, por suportar a vida. Pelo que sabia, não tinha outra escapatória. Contudo, havia momentos, quando os dois iam para o East River, esgueiravam-se para a beira de um cais e ali sentavam, contemplando as estrelas no céu e as luzes da cidade refletidas a tremeluzir na água, os barcos passando lentamente, em que Freida saboreava alguma coisa de outra realidade. Mas nunca durava.

Muito tempo depois, recordando a primeira vez que saiu com Max Britsky, Sally disse a um entrevistador:

— Foi a maneira do homem. Ele tinha uma maneira grandiosa, se é que se pode pensar num garoto de 18 anos, cujo mundo estava confinado ao gueto do Lower East Side, como tendo uma maneira grandiosa. Não estou falando de boas maneiras... algo que ele não tinha. Estou falando de sua atitude, de sua postura. Max nunca se sentiu inferior. Talvez fosse esse o seu segredo. Aonde fomos? Quem pode se lembrar? Acho que foi um restaurante italiano...

Foi o restaurante de Mama Maria, na Elizabeth Street, que ficava à beira do gueto italiano, com um crescimento explosivo. O jantar custava 30 cents, prato feito, incluindo antepasto, massa, um prato principal de vitela ou galinha, sobremesa e café. A garrafa de vinho tinto que Max pediu, num gesto de magnificência, custava 25 cents.

O preço não tinha importância; era o gesto e a atitude que contavam. Aquele era um novo, diferente e fascinante Max Britsky. À luz da vela, no meio da toalha quadriculada, vermelha e branca, ele estava muito bonito, o rosto fino, queixo pontudo, nariz aquilino, olhos azuis muito brilhantes, lembrando a Sally de ilustrações que vira de bucaneiros e conquistadores espanhóis. Essa imagem combinava com a sua intensidade e confiança, proporcionando a Sally um excitamento que nunca experimentara com qualquer outro homem. Era emocionante e assustador ao mesmo tempo. O homem magro, pequeno, muito jovem, se transformara numa pessoa de poder e persuasão; e ela, por sua vez,

reagia a isso como uma Srta. Levine muito diferente.

Abandonara a blusa branca e a saia austera de professora, usava agora um lindo vestido azul de crepe da China. Embora não houvesse maquilagem perceptível no rosto, Max desconfiou que havia um afogueamento de ruge nas faces. Ela achou que o pequeno restaurante italiano era "maravilhoso" e a comida "deliciosa".

— Mas não saio tanto com rapazes, Sr. Britsky, a ponto de me considerar uma conhecedora dessas coisas — acrescentou ela, com uma encantadora sinceridade. — Talvez algum dia, quando tiver alcançado o seu Monte Olimpo, possa me levar a alguns desses lugares como o Delmonico's, o Albermarle e o Brunswick.

Max era bastante sensível para compreender que ela estava se esforçando ao máximo para impressioná-lo. Embora não conhecesse absolutamente a referência ao Monte Olimpo, mesmo assim sentiu que estava sentado diante de uma mulher muito inocente e simples. O que lhe deu coragem para insistir que ela o chamasse de Max.

— Chega de Sr. Britsky. Você é Sally e eu Max. E não pense que é uma coisa que digo a todas as moças, pois a verdade é que esta é a primeira vez que tenho um encontro assim.

Ela ficou olhando para o prato por um longo momento e depois perguntou o que significava um encontro assim.

— Bom...

Max não continuou. Chegou à conclusão de que não precisava explicar a Sally Levine o que estava querendo dizer com um encontro assim. Mudou a conversa para o seu trabalho e descobriu que Sally nunca estivera num *music hall*.

— Por quê?

— Você sabe muito bem o motivo. Claro que sabe. As moças nunca vão a esses lugares.

Max não contestou essa declaração com a menção de que via diversas moças no teatro todas as noites. Muito do seu interesse por Sally Levine derivava de seu conceito dela como uma pessoa de outro mundo; e se no mundo dela as moças não iam a *music halls*, Max aceitava com a maior satisfação. Apesar disso, ele trabalhava num *music hall*.

— Só uma vez — disse ele. — Pode querer ir até lá por curiosidade. Não creio que haja alguma coisa por lá que possa ofendê-la.

— Talvez em alguma outra ocasião.

— Mas arrumei um ingresso para você esta noite. É o melhor lugar da casa.

— Eu não poderia ir.

— Por que não?

— Sozinha? Como eu poderia ir lá sozinha, Max?

— Não estará sozinha. Isto é, claro que não sentarei ao seu lado, pois estarei no palco. Mas ninguém vai incomodá-la. Talvez pense que um *music hall* é algum lugar horrível. Mas não é. As famílias assistem aos espetáculos.

Sally sacudiu a cabeça.

— Por favor, aceite. Bert e eu nos apresentamos 15 ou 20 minutos depois que o espetáculo começa. Há apenas um ato de cachorro bem comprido e depois entramos em cena. Assim, só terá de ficar sozinha por cerca de 45 minutos. E depois mudarei de roupa e irei buscá-la. Afinal, estava querendo saber como aprendi a fazer o que faço, quando não tive qualquer experiência ou treinamento.

— Bom... — Sally estava vacilando. — Você entraria comigo? Eu não teria de entrar sozinha?

— Claro que não. E depois eu voltaria e sairíamos juntos. Arrumei uma cadeira no corredor, na quarta fila. Portanto, não haverá qualquer problema. Terei duas horas e meia antes do próximo espetáculo. Poderemos tomar um café. E, se você quiser, levarei meu parceiro Bert. Depois a levarei em casa.

Ela estava dividida entre a curiosidade e as convenções. Desde que deixara seu lar seguro e pacífico, a pequena casa de vigamento de madeira em Flatbush, onde nascera e crescera até a maturidade, a convenção fora o seu escudo e proteção. O pai e a mãe tinham vindo para a América, procedentes de Viena, poucos anos depois da Guerra Civil. Eram judeus, mas se consideravam uma espécie muito diferente da dos judeus da Europa Oriental que estavam se despejando na América aos milhares e se tornavam uma massa fervilhante de humanidade, vivendo no gueto de Lower East Side da cidade de Nova York. Sally fora para o gueto com profunda apreensão; ali era a selva, mas era também uma terra de maravilhas e um lugar onde todas as coisas eram possíveis. O Lower East Side ficava a poucos quilômetros de Flatbush geograficamente, mas culturalmente estava a um mundo de distância. No Brooklyn, não havia uma Washington Square nem a Madison Square, os dois centros incríveis e maravilhosos de riqueza, cultura e excitamento, que haviam transformado Nova York numa rival de Londres.

Sally podia ser insegura e limitada pela convenção, mas não era um camundongo assustado. Ao chegarem ao Bijou, ela experimentou um delicioso ímpeto de excitamento. Já houvera rapazes que a procuravam na casa em Flatbush, mas eram todos apáticos e enfadonhos, destinados à advocacia, medicina ou Wall Street, na melhor tradição judaico-alemã. Nunca houvera alguém como Max, alguém com aquele ar de selvageria e ousadia. Desde que

estava residindo e dando aulas em Nova York que nunca saíra com nenhum rapaz, até que Max aparecera. Embora Nova York pululasse de homens, Sally não tinha a menor idéia de como conhecê-los, ainda mais porque quase todo o corpo docente da escola era constituído por mulheres. Assim, era emocionante estar ali naquela noite, em meio às luzes e ao alvoroço da West Broadway, com mulheres muito pintadas (que ela classificava de mulheres de vida fácil) e homens vistosamente vestidos ao seu redor, carrocinhas e pregoeiros, os operadores do jogo conhecido por monte, vendedores de amendoim. Era tudo maravilhoso, excitante, cheio de vida. Para Sally, que estivera lendo Emile Zola, parecia muito com as ruas de Paris, transplantadas para o Novo Mundo. E lá estava ela, encaminhando-se para um *music hall*, em companhia de um dos artistas, a mão forte de Max segurando o seu braço.

Bert já estava em sua fantasia de guarda e se maquilando quando Max entrou no camarim e perguntou:

— Que merda está fazendo?

— Acho que estou pintando a cara. O que você acha?

— A fantasia de guarda.

— Vamos fazer o ato de guarda e vagabundo. Há um sujeito lá fora do Circuito Alderman. Se ele gostar do nosso número, pode nos dar 12 semanas fora desta pocilga: Filadélfia, Boston, Chicago, até Kansas City. Sabe o que recebemos por três noites em Kansas City? Trezentos dólares pelo ato. Guttman diz que está certo, podemos nos ausentar durante as 12 semanas se o sujeito do Alderman gostar da gente. E quando acabar o circuito, voltaríamos a trabalhar aqui. É possível até que não precisemos voltar para cá. Guttman acha que dá classe ao Bijou ter um ato em Chicago ou qualquer outro lugar. Mas quem sabe? Talvez, possamos passar para a Madison Square.

— Puxa vida!

— Qual é o problema? — perguntou Bert. — É uma boa rotina. E você sabe disso.

— Estou com Sally na platéia.

— Sally?

— Você sabe quem é. A professora.

— E daí? Pode começar a educá-la.

— Ela não é uma vagabunda. É uma dama.

— Não acredito em você. Está completamente iludido.

— Podemos fazer outra coisa.

— Não! Escute, Maxie, esta é a nossa grande oportunidade. Não a

estrague. Guttman disse ao sujeito do Circuito Alderman que vamos apresentar o número do guarda e do vagabundo. Ele sabe do que se trata e está esperando.

— Oh, merda, merda... — lamentou se Max.

O homem ao lado de Sally Levine não parava de fitá-la. Ela decidiu ignorá-lo. O joelho dele deslocou-se lentamente, quase imperceptivelmente, aproximando-se, encostando no crepe da China. Sally afastou seus joelhos bruscamente, grata porque o corredor ficava à sua esquerda. Todo o seu corpo ficou tenso, enquanto observava os cachorros treinados se apresentarem. Quando a cortina finalmente subiu para Bellamy e Britsky, ela já perdera o ânimo receptivo e olhava para o palco criticamente, os lábios contraídos.

O cenário ao fundo era de um parque, velho e desbotado, a pintura descascando, alguns pontos rasgados do pano visivelmente costurados. Na frente, havia um banco de praça, no qual estavam instalados um vagabundo e uma mulher desgrenhada de meia-idade. Estavam separados por cerca de dois palmos; a bolsa da mulher estava no banco, entre os dois. Sally teve dificuldade, a princípio, em reconhecer Max no vagabundo. Ele pusera um nariz vermelho grosso, de palhaço, o rosto estava escurecido por uma barba de uma semana. Usava uma calça larga, remendada, um casaco velho, também remendado. Depois que a cortina se levantou, os dois, o vagabundo e a mulher, continuaram sentados, imóveis e silenciosos. Por si só, isso já provocou uma reação nervosa da audiência, um princípio de aplausos.

A mulher finalmente pegou a bolsa, abriu-a, deu uma espiada lá dentro, quase como se não conseguisse ver. E depois gritou, uma sucessão de uivos, de arrepiar os cabelos. O vagabundo não fez nada, não teve qualquer reação, qualquer movimento. Por motivos que Sally não pôde compreender, a audiência desatou a rir, um riso que aumentou quando um guarda entrou em cena. Então aquele era Bert Bellamy, sobre o qual tanto ouvira falar! Ele empunhava um imenso cassetete, com o qual cutucou a mulher desgrenhada, dizendo:

— Muito bem, dona, pode parar de gritar agora.

Ela parou de gritar e apontou em silêncio para o cassetete.

— É o meu cassetete — disse Bert. — Nunca tinha visto um cassetete antes?

— Não tão grande.

— Tem toda razão. — Ele falava com um forte sotaque irlandês e a esta altura a audiência se entregava a convulsões de riso. — E agora pode me explicar por que diabo estava gritando?

— Ele roubou meu dinheiro — disse a mulher, apontando para Max.

— Eu? Eu? Eu? — gritou Max, indignado.

Bert cutucou-o com o cassetete.

— Devolva o dinheiro, seu vagabundo nojento, ou vou transformar sua cabeça num tambor.

— Não peguei nada. Ela está doida.

— E o que é essa protuberância no seu bolso?

— Protuberância?

Max levantou-se, olhando aturdido para a protuberância em questão.

— Meu dinheiro!

A mulher meteu a mão no bolso de Max. E, no instante seguinte, desfaleceu.

— O que fez com ela, seu porco imundo? — berrou Bert.

— Eu? Não fiz nada.

— O que é isso no seu bolso?

— Bolso? Quem tem bolso?

Max puxou para fora as pontas rasgadas do que restava dos bolsos. A cortina baixou, sob um estrondo de aplausos e risos. Sally levantou-se e deixou o teatro. Lá fora, na rua, fez sinal para um cabriolé de aluguel, esperando ter dinheiro suficiente na bolsa para pagar a corrida.

E tinha. Chegando à Rua 10, subiu os degraus para a varanda da pensão em que alugava um quarto mobiliado, deixando escapar um suspiro de alívio e murmurando para si mesma:

— Este é o fim do Sr. Britsky.

Mas claro que não era. Uma hora e meia depois, Max estava batendo em sua porta.

— O que você quer? — perguntou ela, furiosa.

Sally vestia agora um chambre comprido. Os cabelos castanhos, escovados, caíam até quase a cintura. Lá de baixo, a senhoria gritou:

— Está tudo bem, Srta. Levine?

— Está, sim, Sra. Schwartz.

— São 11 horas. É muito tarde para visitas. Espero ter alugado o quarto para uma pessoa decente e de boa moral.

— Ele é meu irmão, Sra. Schwartz. — Para Max, ela acrescentou, num sussurro: — Saia daqui, por favor, antes de arruinar inteiramente a minha reputação.

— Eu deveria ter vindo antes, mas tive de me apresentar no segundo espetáculo.

— Vá embora, por favor.

— Quero falar com você — suplicou Max. — Precisamos conversar.

— Não temos mais nada a dizer um para o outro.

— Deixe-me entrar por cinco minutos. Isto é tudo o que lhe peço... cinco minutos. — Ela pareceu hesitar e Max insistiu: — Somente cinco minutos. Como decidiu nunca mais me ver, cinco minutos não podem ser tão terríveis.

— Está certo, eu lhe darei cinco minutos.

Ela abriu a porta e tornou a fechar assim que Max entrou. O quarto era pequeno, mas não desagradável; e para Max era pitoresco, cheio de invenções, diferente de qualquer quarto em que já estivera antes. Havia nas paredes três cartazes imensos de Parrish e Mucha. O Mucha era de Sarah Bernhardt, enquanto nos jardins dos cartazes de Parrish pessoas da *art nouveau* se divertiam em trajes incrivelmente fluidos. Os cartazes eram coloridos e atraentes, assim como a colcha rosa e amarela, o tapete de trapos no chão. Max adivinhou que esses e outros toques agradáveis não constavam do quarto mobiliado, mas espelhavam o gosto da Srta. Levine. Ele entrou no quarto hesitante, mais desconcertado do que nunca na presença da moça.

— Sei que meti os pés pelas mãos — disse ele. — Estraguei tudo. Acho que a única coisa que queria no mundo era lhe causar uma boa impressão. Não pense que não sei como era sujo aquele *shtick*. Mas juro por Deus que não tinha a menor intenção de apresentar o *shtick* do guarda e do vagabundo esta noite. Mas acontece que estava lá um sujeito do Circuito Alderman, que inclui 11 teatros pelo país. Bert e Guttman, que é quem dirige o Bijou, prometeram a ele que apresentaríamos o ato. Não havia saída. Se você acha mesmo que sou um vagabundo ordinário, então não há mais nada que eu possa dizer... De que está rindo?

— Que o seu discurso... — Ela tornou a se engasgar com o riso. — Que o seu discurso é o mais engraçado que já ouvi e não entendi a metade.

Ele permaneceu em silêncio, fitando-a, os lábios comprimidos.

— E ainda por cima o magoei. Max, sinto muito.

— Por que não diz logo que não sou bastante bom para você? Por que não diz que sou um vagabundo e me expulsa? Sabe o que minha mãe diz sobre judeus alemães? Olham para a gente como se fôssemos animais, como se nem sequer fôssemos humanos.

— Max, Max, não somos judeus alemães, mas austríacos.

— Dá no mesmo.

— Pobre Max, eu o magoei profundamente. — Ela se adiantou, pôs as mãos em suas faces, beijou-o de leve nos lábios. — Você me perdoa?

— Ei, você me beijou de verdade!

— Beijei.

— Não vou lavar o rosto. Por muitas semanas.

— Que coisa horrível! — falou ela, contraindo os lábios.

— Você me beijou mesmo?

— Beijei. — Sally virou-o e empurrou-o para a porta. — E agora vá para casa. Voltaremos a nos ver na segunda-feira, se você quiser.

— Gostaria até demais, mas fomos contratados na hora. Temos 12 semanas... Buffalo, Chicago, Kansas City, Nova Orleans e Filadélfia. Mas voltarei. Pode apostar que voltarei.

CAPÍTULO TRÊS

1898

Max aos 19 anos

Nunca antes Max batera em sua irmã Freida. Dera alguns tapas em Ruby, quando fora necessário; e quando Ruby protestava contra a surra, Max lhe dizia:

— Se eu não ensinar você no momento certo, quem vai fazê-lo?

Havia aí alguma compreensão e terreno mútuo, como também acontecia quando se tratava de incutir um pouco de bom senso à força em Benny, que estava com nove anos. Mas Freida se lamuriou:

— Pare com isso! Pare com isso! Você não tem o direito de me bater!

Ele dera um tapa violento em cada face, no rosto e não no traseiro. Freida choramingou:

— Você não é meu pai! Não tem o direito!

— É mesmo? E quais são os meus direitos? Vamos, diga, sua pequena vagabunda!

— Não sou uma vagabunda! Aconteceu. Simplesmente aconteceu.

— Que diabo está querendo dizer com isso... simplesmente aconteceu.

— Eu não sabia como parar. Não podia parar.

— Não podia, parar! — replicou Max, a voz rouca. — Sua cadela estúpida! Não tem o bom senso de uma porca! Quase 18 anos e faz uma coisa dessas! Depois vem me dizer que não pôde evitar.

Ela jogou-se na cama, soluçando. Max pairou por cima, estendendo um dedo em sua direção, e gritou, se é que um sussurro rouco pode ser chamado de grito:

— Sabe o que vai fazer? Pois vou lhe dizer o que vai fazer. Vai casar com ele.

Os soluços de Freida cessaram. Ela se sentou na cama.

— Como?

— Vai casar com ele.

— Ficou louco?

— Eu? Eu? A louca está na minha frente.

— Ele é um garoto estúpido.

— É mesmo? E você?

— Morrerei primeiro. Eu me matarei Juro... — O ânimo de Freida mudou, o desafio se transformou em súplica. — Maxie, Maxie, ajude-me, por favor.

— Ajudar? O que há para ajudar? Quer um dote? Quer que eu assalte um banco para que você e aquele idiota possam começar a vida juntos?

— Eu me matarei.

— Não diga besteira.

— Ajude-me, por favor.

Max fitou-a atentamente. Foi possivelmente a primeira vez em sua vida em que olhou para a irmã e realmente a viu: os olhos avermelhados e inchados de tanto chorar, as faces rosadas, a boca graciosa, os seios grandes e firmes, esticando a blusa. Ela era uma mulher exuberante e desejável. Alguma coisa nessa descoberta atingiu-o e comoveu-o.

— Não conte a mamãe — soluçou Freida.

— Está bem.

— Vai me ajudar, Max?

— Talvez. Vamos ver. Mas se isso acontecer de novo...

— Nunca mais! Juro que nunca mais!

— Claro, claro.

Max virou-se subitamente, segurou a maçaneta da porta que dava para o corredor e abriu-a bruscamente. Ruby quase caiu para dentro do quarto. Agarrando-o pela gola da camisa, Max sacudiu-o brutalmente murmurando:

— Seu desgraçado!

— Não ouvi nada, Max — suplicou Ruby.

Ele tinha 14 anos, era corpulento, quase tão alto quanto Max.

— Uma só palavra a respeito e farei com que se arrependa de ter nascido — murmurou Max. — Está entendendo, seu desgraçado?

— Entendi, Max, entendi tudo. E você está me sufocando.

— Era o que eu devia mesmo fazer. Uma só palavra e ainda o farei.

— Juro por Deus...

— Cale essa boca!

Max empurrou o irmão para fora do quarto e tornou a bater a porta. Virou-se de novo para Freida, que o fitava agora com o primeiro vislumbre de esperança nos olhos.

— Onde você está? — perguntou Max, sombriamente. — Em que mês?

— Acho... que no terceiro.

— Não sabe com certeza, sua sem-vergonha estúpida?

Ela recomeçou a chorar e Max lhe disse;

— Pare com isso. Tudo que não precisamos agora é que mamãe apareça

aqui e a encontre chorando.

— Vai fazer alguma coisa, Max?

— Farei, sim.

— Vai me ajudar?

— Já falei que sim.

Ele já estava atrasado. Olhou para o relógio. Era um excelente relógio de algibeira suíço, com um veado em alto-relevo na tampa, que se abria ao se comprimir uma mola oculta, a caixa de ouro de 14 quilates. Max o comprara por 12 dólares de um receptador chamado Louis Harelip, que funcionava num porão na Pearl Street. Harelip jurara que era mercadoria estrangeira, o que significava que o relógio fora roubado na Europa e revendido ali. Verdade ou não, Max estava orgulhoso do relógio. Os ponteiros lhe disseram agora que eram 5:45 da tarde.

— Fique calma — murmurou Max.

Ele tinha de passar pela cozinha para sair. A mãe estava sentada ali, chorando à mesa da cozinha. Sentados à mesa junto com ela, totalmente sufocados pelas lágrimas de Sarah, estavam Benny, de nove anos, Esther, de dez, e Sheila, de doze, inclinados sobre os seus cadernos, fazendo os deveres de casa. Não tinham defesa contra as lágrimas da mãe. Sarah sabia muito bem que as lágrimas eram a sua grande arma, o último recurso, que cada vez mais se tornava o primeiro.

— Por que está chorando, mamãe? — perguntou Max, perdendo a determinação de passar por ela em silêncio e deixar o apartamento.

— Eu deveria rir? — soluçou Sarah.

— Não estou lhe dizendo para rir, mas que motivo tem para chorar?

— Não pragueje comigo em sua ótima linguagem americana, Você briga com sua irmã e bate nela... e ainda me pergunta por que estou chorando? O que eu criei, afinal? Animais?

Sem responder, mas não de todo imune aos soluços e lamúrias manipulativos da mãe, Max encaminhou-se para a porta.

— Aonde você vai?

— Vou sair.

— Sair! Sair! Cozinho com todo carinho e você sai para comer em algum restaurante imundo.

Max fugiu, batendo a porta do apartamento, descendo a escada do cortiço agora correndo, pulando dois ou três degraus, escapando de uma prisão para a liberdade das ruas. Raramente questionava os seus grilhões, que a sociedade chamava de responsabilidade e estavam enraizados em vagas e distantes crenças e tabus religiosos e tribais. Seu parceiro, Bert Bellamy, que era branco e

protestante, completamente livre desses fardos misteriosos, dissera-lhe certa ocasião:

— Não entendo por que você atura aquele bando estridente e lamuriento. Não é o pai deles. Se eu fosse você, Maxie, trataria de me mandar e deixaria que todos se danassem. Bem que estão merecendo. Seria uma lição para eles.

Mas isso era Bert, para quem os milhares de fios da servidão eram invisíveis; contudo, num momento como aquele, Max quase que podia acalentar a idéia.

O rosto dele ainda tinha vestígios do que acontecera em casa quando Sally Levine abriu-lhe a porta do seu quarto mobiliado e indagou qual era o problema.

— Não há nenhum.

— É mesmo? Você apenas resolveu se sentir infeliz esta noite?

— Está bem, decidi assim.

Ela inclinou-se para a cadeira em que Max arriara e beijou-o na testa.

— Se ficarmos assim, Maxie, vamos acabar gritando. O que não queremos, não é mesmo? Portanto, vamos recomeçar do início e esquecer que lhe perguntei qual era o problema.

Max não podia ficar furioso quando ela estava presente; sorriu e perguntou se deveria se levantar para entrar no quarto de novo.

— Se você quiser.

— É demais — suspirou Max. — Ainda não tenho 20 anos e já estou com cinco filhos e uma mãe que não me dão um momento de sossego. Tenho às vezes a nítida impressão de que estou prontinho para ser metido num hospício.

— Por que não pensa que está fazendo uma coisa boa e nobre?

— Nobre?

— Acho que sim. Mas não quero falar sobre isso. Fiz um guisado de carneiro para mostrar que sei cozinhar de verdade. Não precisa me pagar um jantar cada vez que passamos uma noite juntos. Não é nada de extravagante, mas também tudo o que tenho é este pequeno queimador. Mas acho que está gostoso e com isso não precisaremos correr. O Chautauqua fica na Cooper Union, a poucos quarteirões daqui.

— Como?

— O Chautauqua. É apenas um nome pretensioso para uma assembléia ou uma conferência. Não pode deixar de lembrar que lhe falei a respeito. Todas as professoras da escola estarão presentes...

— Oh, não! Está querendo que eu conheça todas aquelas suas amigas elegantes e educadas, só para bancar o idiota...

— Pare com isso, Max. Eu lhe falei com bastante antecedência e você se mostrou muito interessado. E não precisa ser apresentado a ninguém, se não

quiser. E não é uma simples conferência, mas uma demonstração.

— Do quê?

— Lembra que me contou que ficou muito excitado quando era garoto e viu um cinetoscópio?

— Claro. Foi no salão do Rowdy Smith. Gostaria de saber se ele ainda está vivo ou já morreu.

— Pois esta noite, na Cooper Union, a Aliança Educacional de Nova York vai mostrar uma coisa nova e sensacional. É como um cinetoscópio, só que muito melhorado. Todo mundo está começando a só falar disso. É o que chamam de cinema.

— Chamam de quê?

— Cinema. — Enquanto falava, Sally punha duas mesinhas diante de cadeiras.. Uma esteira de palha em cada, uma tigela de guisado de carneiro, um copo de vinho. — É uma refeição muito simples, mas num quarto... Gosta de pão doce?

Max há muito que já chegara à conclusão de que era certo tudo o que Sally fazia. O quarto em que ela vivia era o seu outro mundo. Se conhecesse a expressão, Max diria que ela possuía bom gosto; o mundo dele, por outro lado, era insípido. Claro que Max não pensava exatamente nesses termos, mas essa era a sua opinião em relação a Sally.

— Está uma delícia — disse ele, provando a comida. — O que é esse tal de cinema?

— É uma coisa inventada por um homem chamado Thomas Alva Edison, o mesmo que inventou a lâmpada elétrica.

— Faça o favor de não ficar pensando que sou um idiota. Sei quem é Edison.

— Tenho certeza de que você não é um idiota. Ao contrário, acho-o tão brilhante que às vezes isso me assusta. E você sabe disso. Mas acontece que sou uma professora e não consigo perder o hábito de explicar tudo.

— O que é um cinema?

-— As imagens no cinetoscópio se moviam, não é mesmo?

— É, sim. Eu vi. E não era nada de mais.

— Quer parar de bancar o garoto duro, e que sabe de tudo, por um momento, para me deixar explicar?

— Está bem, explique — concedeu Max, acenando com o braço.

— Obrigada. Tentarei não ser didática, se você parar de bancar o judeu esperto do East Side.

Max não sabia o que significava a palavra didática e classificou-a junto com o comentário de que era simplesmente um garoto judeu do East Side, quer

quisesse ou não.

— Por que isso tem de acontecer, Max? Você é sensível demais e sempre acha que os outros estão bancando os superiores. Pois não me sinto absolutamente superior. Tudo o que queria era que você se divertisse esta noite, pois é justamente o tipo de coisa que pode interessá-lo. É uma coisa nova. Você já conhece as lanternas mágicas que usamos na escola. Pois é parecido com lanternas mágicas, pelo que me disseram, só que a imagem se move. E se move de verdade, não no cinetoscópio, mas numa tela imensa.

— Só acreditarei depois de ver — declarou Max.

Ele se mostrou contrariado no caminho para a Cooper Union, falando sobre as amigas dela e uma palavra como "didática". O que ela pensava que ele sentia quando lhe falava palavras que ninguém jamais ouvira antes?

— Didática, Max.

— Didática.

— Tudo o que significa é ensinar. Pessoas que não podem parar de assumir atitudes de quem está ensinando, mesmo em conversas normais, são chamadas de didáticas.

— Então por que não falou em ensinar?

— Porque não é exatamente a mesma coisa. É nisso que está a beleza das palavras, Max, as delicadas nuanças dos sentidos. Não fique impaciente, Max. Você absorve tudo muito depressa, como um camaleão...

— Lá vem você de novo.

Estavam na Cooper Union agora, felizmente para Sally, que se arrependia de ter comparado Max a um lagarto que mudava de cor de um instante para outro. Ela se ocupou com as apresentações. Max sorriu, acenou com a cabeça, pouco falou; e, à medida que conhecia as professoras que eram colegas de Sally, seu respeito por ela aumentou. Não foi capaz de situar qualquer outra como judia. De um modo geral, eram iguais às professoras de que se lembrava do seu tempo de estudante, mulheres de lábios contraídos, espartilhos apertados, brancas e protestantes, muitas delas solteironas. Achou que a descontração com que Sally as cumprimentava e circulava entre elas era absolutamente maravilhosa. Era um mundo estranho e diferente o que ele encontrava ali e tratou de registrar cada aspecto com cuidado e curiosidade.

Seguiu Sally e suas colegas para uma sala grande, no andar térreo. Evidentemente, o uso normal era como estúdio de pintura, pois havia cavaletes encostados ao longo de uma parede e prateleiras cheias de telas. Para aquela noite, seis fileiras de cadeiras dobráveis haviam sido armadas, uma dúzia de

cadeiras em cada fileira. Um lençol branco bem grande, com cerca de dois metros e meio por outros tantos, fora pregado numa das paredes da sala, na frente das cadeiras. No fundo da sala, dois homens guarneciam uma máquina, que lembrou a Max uma câmara de tamanho exagerado, com três rodas grandes e uma manivela. Um emaranhado de fios levava a um conversor e daí a um bocal de luz elétrica.

Fascinado, Max parou, olhou o projetor, até que Sally sussurrou-lhe que não restariam lugares para sentar, puxando-o para cadeiras na última fila.

— Pode examinar tudo depois — disse ela. — Aquele é o Sr. Benton.

Sally apontou para um homem corpulento, calvo, que se postara na frente da sala e estava limpando o pincenê, esperando que o murmúrio cessasse.

— Ele é o nosso professor de ciências da oitava série. Quase todos os professores de ciências são homens. Suponho que acham que uma mulher não é capaz de conhecer a fundo qualquer ciência.

Como se ouvisse as palavras de Sally, o Sr. Benton acenou com a cabeça, sorriu ligeiramente e terminou de limpar o pincenê, colocando-o não sobre o nariz, mas na caixa que tirou do bolsinho do paletó. Depois esfregou as mãos, contemplando a platéia com um ar de condescendência, obviamente satisfeito por já ter conhecimento do mundo em que todos os presentes estavam agora prestes a ingressar.

— Boa noite e sejam bem-vindos. — Houve alguns aplausos polidos e o Sr. Benton continuou: — Sou o Sr. Benton e ensino ciências na Escola Pública Nove. Os que são da escola me conhecem e a meus métodos, às vezes heterodoxos. Para os que não me conhecem, devo dizer que tento incorporar os últimos desenvolvimentos no campo da ciência às minhas aulas. Contudo, não tenho certeza se meus alunos regulares estão preparados para esse desenvolvimento, a menos, é claro, que possam ser orientados para o objetivo de uma nova área na educação. É esse o pensamento do Sr. Enoch Rector, que teve a gentileza de promover esta noite para nós e que terá o maior prazer em ouvir suas impressões e sugestões...

— Por quanto tempo ele vai falar? — perguntou Max, impaciente.

Rostos se viraram em sua direção, com expressões de desaprovação. Sally apertou-lhe o braço, sussurrando:

— Seja paciente.

O Sr. Benton estava pedindo à platéia que mantivesse a mente aberta, a fim de perceber as implicações do método além do conteúdo.

— Poderíamos desejar por outro conteúdo, mas infelizmente este é o único filme... talvez não o único, mas apenas um de dois ou três que existem no país. Filme é possivelmente um termo que nunca ouviram antes. É um termo

novo, para indicar a imagem em movimento. Define a diferença entre o que assistiremos esta noite e o que já podem ter visto nos cinetoscópios dos *penny arcades*... se é que freqüentam esses lugares. Ah, a diferença! Assistirão esta noite a uma lanterna mágica que se move. E não tentarei explicar ou diluir a magia por qualquer meio. Que a magia se imponha por si mesma!

Ele fez uma pausa, deixando que as palavras palpitassem com sua própria força.

— Ele fala demais — sussurrou Max. — Vai passar a noite inteira falando.

Benton abriu os braços e Max virou-se para observar os homens junto ao projetor no fundo da sala. Eles estavam balançando a cabeça, entediados.

— Não tenho desculpas suficientes para pedir às damas presentes pela exibição desta noite — continuou Benton. — O filme que estão prestes a assistir foi feito durante a luta de boxe em disputa do título de campeão entre James Corbett e Bob Fitzsimmons, em Carson City, no Estado de Nevada...

Ele fez outra pausa, deixando que a onda de excitamento, choque e desaprovação expectante percorresse a audiência. Houve sussurros por toda parte agora, inclusive o de Sally dizendo a Max:

— Não posso acreditar... uma luta de boxe! Acho que eu não teria vindo, se soubesse.

Max recostou-se, relaxado, um sorriso malicioso se estampando em seu rosto, enquanto aqui e ali, na audiência, mulheres se levantavam para ir embora. Quase todas eram idosas e excessivamente rígidas. Talvez uma dúzia delas passaram pelos que permaneceram sentados, os lábios contraídos numa expressão de repulsa, os rostos revelando a opinião sobre os que ficavam.

Benton suplicou em vão:

— Senhoras, senhoras, por favor! Não estão numa luta de boxe, o que também considero anticristão e degradante. Estão na Cooper Union, uma das maiores instituições educacionais deste país, tendo o privilégio... isso mesmo, o privilégio... de testemunhar esta descoberta científica, esta descoberta excepcional, do Sr. Thomas Alva Edison, um cristão tão firme quanto qualquer outra pessoa.

Não adiantava. Benton acabou desistindo e as mulheres indignadas se retiraram sem qualquer súplica adicional. A maioria da audiência permaneceu. Um tanto desolado, ele explicou que, no total, haviam sido feitos 11.000 pés de filme.

— Mas para assistir a tudo ficaríamos aqui por muitas horas e duvido muito que até mesmo vocês, cuja devoção à ciência os mantém nesta sala, haveriam de querer testemunhar todo o espetáculo de algo tão brutal e sangrento como uma luta de boxe. Vamos apresentar dois rolos, um total de 1.600 pés de

filme, o que vai durar cerca de 20 minutos. Proponho realizarmos em seguida uma discussão a respeito. Vou agora apagar as luzes, pois precisamos de escuridão para que o projetor possa funcionar de maneira adequada.

Benton apagou as luzes e houve algum momento de escuridão, com muitos risinhos e sussurros nervosos --— tudo se transformando num silêncio atônito quando a tela se iluminou, mostrando as figuras de dois homens num ringue de boxe, dois homens machucados e cobertos de sangue, golpeando-se mutuamente com uma ferocidade soturna e cansada. O que espantou Max foi a absoluta validade do espetáculo. Nada ali era simulado, nada era falsificado. Ele estava literalmente assistindo à famosa luta entre Fitzsimmons e Corbett, em que Bob Fitzsimmons, o ferreiro da Nova Zelândia, nocauteara o ágil e gracioso "Gentleman Jim", que acima de tudo era a presença mais improvável para um campeão de boxe. E o golpe final não fora um típico soco americano, um direto no queixo, limpo e clássico, mas um murro no plexo solar, desprezível, tipicamente britânico, que deixara o pobre, bonito e decente Gentleman Jim paralisado, incapaz de levantar a mão em sua defesa. Max apostara na luta, perdera dinheiro, discutira a luta uma centena de vezes, sem jamais ter uma noção mais do que vaga de onde ficava Carson City, Nevada. Agora, ali, o milagre entre os milagres, estavam dois grandes lutadores se esmurrando diante de seus olhos. A impossibilidade maravilhosa, incrível e inacreditável dominou Max, como nenhuma outra coisa jamais conseguira. Ele ficou, imóvel, olhando fixamente para a tela, com a intensidade de quem estava numa espécie de transe.

Manteve-se imune aos gritos de protesto que começaram a ser ouvidos das professoras ali reunidas. Mais tarde, ele diria a Sally:

— Mas que cadelas estúpidas! Assistem a um milagre e ficam pedindo para parar!

E as professoras estavam realmente querendo que a projeção terminasse. Não lhes importava absolutamente estarem assistindo a um processo que poucos seres humanos haviam testemunhado antes e muito menos o fato de desfrutarem o privilégio de testemunhar em ação o que talvez tenha sido o mais hábil pugilista que já pisou num ringue. Nada daquilo pesava contra o horror que sentiam pelo cruel esporte do boxe, trazido da Inglaterra e ainda ilegal na maioria dos lugares dos Estados Unidos.

— Já chega! Já chega!

E outras vozes diziam:

— É horrível demais!

Ou então:

— Como podem fazer uma coisa dessas?

Benton deveria ter previsto. Mesmo em lugares como Hoboken e West

New York, onde lutas de boxe ilegais podiam ser promovidas, ninguém jamais sonhara em convidar uma mulher a assistir ao espetáculo. Uma mulher alta e magra, tom uma voz autoritária, lembrou isso a Benton, levantando-se e dizendo-lhe firmemente:

— Isso já foi longe demais, Sr. Benton.

— Mas estamos assistindo a um processo, madame, não a uma luta de boxe — protestou Benton.

— Estamos realmente assistindo a uma luta de boxe, Sr. Benton. E se o seu grande avanço científico é usado para isso, então eu o deploro profundamente.

As mulheres estavam se comprimindo no corredor entre as cadeiras para sair. Benton, cedendo à pressão, acendeu as luzes. Os homens no projetor suspenderam a exibição, enquanto as mulheres se retiravam. Elas tinham de passar pelo mesmo lugar em que Max estava, ainda sentado, imóvel, rígido, alheio à sugestão sussurrada de Sally para que se levantasse e desse passagem.

— Max...

Ele se levantou agora, correndo os olhos pela sala, observando grupos em acalorada discussão, vendo o Sr. Benton a se defender com veemência. Sem dizer uma só palavra a Sally, Max foi até o fundo da sala, onde os dois responsáveis pela projeção estavam enrolando o filme de volta. Max ficou observando-os. Como ele era um dos poucos homens na audiência um deles lhe perguntou:

— Quem é essa gente? Formam alguma liga pela temperança?

— São professoras.

— Ah... dá para entender.

Max aproximou-se do projetor.

— Posso dar uma olhada?

— À vontade.

O outro homem disse a Max:

— Vamos logo, meu chapa. Temos de arrumar tudo e sair daqui.

Sally ficou parada a um lado, observando Max circular o projetor, parecendo um animal predador cercando sua presa. Subitamente, ele virou-se para os homens e perguntou:

— Como funciona? O que faz esse negócio funcionar? Como conseguem aquela imagem em movimento na parede?

— Escute, meu chapa, a coisa funciona. Você paga e assiste ao espetáculo. Somos eletricistas. Não somos professores.

— Temos de arrumar tudo e ir embora — acrescentou o outro.

Max meteu a mão no bolso, tirou seu dinheiro e contou cinco notas de um

dólar.

— Cinco dólares — disse ele, furioso. — Deve ser suficiente para pagar dez minutos do tempo de vocês. Não estou pedindo que façam nada demais, apenas que me expliquem como funciona essa coisa.

— Vamos com calma, garoto.

— E não me chame de garoto!

A sala estava agora vazia, com exceção do Sr. Benton, duas jovens professoras que obviamente apoiavam o seu interesse pela ciência, Sally, Max e os dois técnicos. Benton e as duas outras professoras foram se postar ao lado de Sally e ficaram observando. Um dos homens pegou os cinco dólares oferecidos por Max e disse:

— Eu não sabia que teríamos tanta confusão esta noite. Muito bem, você pagou e será atendido. Isto aqui é o que se chama um projetor de filme e foi montado pela companhia do Sr. Edison, lá em Jersey. Deu cinco dólares para saber como funciona, pois então escute com toda atenção. Aqui dentro tem uma lente. É o que chamamos de uma lente objetiva. Dê uma olhada nessas imagens no celulóide e vai pensar que são negativos... se conhece alguma coisa de fotografia. Mas não é o que acontece. São positivos. Dê agora uma olhada nesta roda e verifique como estes dentes se ajustam aos buracos no celulóide. A roda com os dentes é controlada por esta manivela. Observe agora. Giro a manivela e este obturador balança para frente e para trás. Sem o obturador, ficaria tudo borrado. Mas o obturador separa cada imagem, dá uma identidade separada, como falamos, permitindo que seja captada pelo olho do espectador. Já esteve alguma vez numa dessas espeluncas onde há cinetoscópios com mulheres tirando as roupas?

Max assentiu.

— Pois vamos em frente. Um cinetoscópio ordinário, diferente da máquina sofisticada do Sr. Edison, pega uma sucessão de imagens de ação e as reúne, com um pequeno gatilho que vai virando uma de cada vez. Projeta-se uma luz em cima e a imagem parece ter movimento. Pois isto aqui não é muito diferente. Quando as imagens da luta entre Fitzsimmons e Cobertt foram tiradas, usaram uma nova espécie de câmera. Ao invés de se ter uma chapa fotossensível com um pedaço de película dentro, que é exposta quando se abre o obturador, essa câmera usa o mesmo tipo de mecanismo que temos neste projetor, um filme se enrolando numa roda. O obturador se abre num relacionamento determinado com a passagem do filme e assim se obtém uma sucessão contínua de imagens. Quanto mais depressa o obturador se abre, mais imagens se consegue... o que está em relação com a velocidade com que se gira a manivela, é claro.

— Não é tão fácil quanto parece — interveio o outro homem. — Digamos

que queremos pôr este projetor para funcionar durante uma hora. Pois não dá, é tempo demais. Acho que o limite de tempo realista é de cerca de 20 minutos. Depois, o projetor tende a esquentar, porque o problema de pôr luz suficiente aí dentro para projetar o filme é muito difícil de resolver. Não se pense que o Sr. Edison não conseguiu inventar uma lâmpada com luz suficiente. Ele pôde fazer isso facilmente. Mas como ventilar o calor? Este ventilador ajuda, mas mesmo assim o projetor ainda fica quente como o inferno.

E o primeiro prontamente acrescentou:

— Para não mencionar que é preciso manter esta manivela girando, em sincronia com o sujeito que fez o filme. A gente tem de torcer para imprimir o mesmo ritmo que ele deu. Só que é impossível chegar à perfeição e é por isso que o filme é tão sacudido. — Ele apontou para os pequenos buracos no lado do filme. — Isto aqui também nos dá problemas, porque ainda não temos uma maneira de perfurá-los com uma igualdade absoluta. Mas estamos trabalhando nisso.

— Quer dizer que trabalham para o Sr. Edison? — perguntou Max.

— Isso mesmo.

— Ele faz o filme?

— Não. Mas é ele quem o manipula. O filme é feito de acordo com as suas especificações, mas de nada adianta sem a câmera. É preciso ter uma câmera especial e acho que só existe uma meia dúzia até agora. O que acha, garoto? A aula valeu os seus cinco dólares?

Quando saíram, Sally também perguntou a Max:

— Valeu os cinco dólares?

— Pode apostar que sim.

— Mas por quê? Acho que é uma coisa extraordinária, mas a visão de dois homens se esmurrando até a morte... eu poderia continuar a viver sem isso.

— Isso nada significa. Não estou absolutamente preocupado com a luta. O que me interessa é a câmera e o projetor. Será que não percebe? É o começo de uma coisa que nunca existiu antes.

— É apenas uma diversão, Max. Sempre tivemos a lanterna mágica. Esta é uma lanterna mágica com movimento, mais nada.

— Tem razão.

— Ei, para onde você está indo? — perguntou Sally, quando ele virou para leste. — Está seguindo pelo caminho errado.

— Hã?

— O que deu em você, Max?

— Não sei...

— Você só pode estar louco — disse Bert a Max. — Se tem miolos na cabeça, tratará de esquecer tudo isso.

— É minha irmã.

— Muito bem, é sua irmã. Ou a rainha da Inglaterra. A natureza de uma mulher é ser comida. De que vai adiantar dar uma surra nele?

— Ele aprenderá. É a única maneira.

— Há ocasiões em que você exibe uma veia das mais terríveis, Max.

— É assim que me sinto.

— Poderia obrigá-lo a casar com sua irmã.

— Preciso fazer isso. Eu já a sustento e não vou querer mais uma boca para alimentar. Seja como for, ela diz que prefere se matar a casar.

O nome dele era Joe Greenthal. Max arrancara o nome de Freida pelo processo simples de ameaçar virar-lhe as costas, se tentasse proteger o rapaz. Ele foi depois à esquina perto da confeitaria na Pike Street e perguntou por um garoto chamado Joe Greenthal. A compaixão não era uma coisa que Max tivesse em grande estoque, mas quase que sentiu pena do garoto chamado Joe Greenthal, que era gorducho, de cara redonda, olhos castanhos mansos. Poderia ter desistido de fazer qualquer coisa se não tivesse exposto suas intenções a Bert. Na verdade, o que ele expusera fora simplesmente o que podia exprimir: o complexo de orgulho, honra de família, sua própria masculinidade, os sentimentos sobre a estupidez e ignorância do resto da família, somente ele sendo capaz de projetar aos outros algum valor e importância... essas coisas ele não podia converter em palavras.

Não obstante, levavam-no a fazer coisas que não eram de sua natureza básica. Possuía uma profunda repulsa interior à violência, quase genética e certamente tribal e cultural. Mas ele disse ao rapaz chamado Joe Greenthal que precisavam conversar, a sós, sobre Freida, levando-o para longe da confeitaria, na direção do rio. O rapaz estava assustado e se lamuriou:

— Puxa, eu não sabia que ia acontecer. Não tencionava fazer nada de ruim. Gosto de Freida.

— E foi por isso que a comeu? Porque gosta dela?

— Não sabia que ia acontecer. Juro que não sabia.

— Mas o que estava pensando? Que é a cegonha que traz os bebês? Pois vou lhe ensinar diferente, vou mostrar que não existe nenhuma cegonha, apenas garotos escrotos como você.

E, com isso, Max desferiu um soco na barriga de Joe Greenthal. Quando o rapaz se dobrou, Max levantou o joelho e jogou-o de costas no chão. Joe Greenthal ficou estendido na calçada, todo encolhido, gemendo de dor. Max

gritou-lhe:

— Fique longe dela, seu filho da puta, ou voltarei para quebrar seus braços.

No dia seguinte, Freida lhe disse:

— Você é louco. Arrancou dois dentes de Joe. Eu odeio você. E sempre odiarei.

— Então você me odeia. Mas tem de aprender. E aprende. Você também.

Mas Max odiou a si mesmo, o que era uma sensação nova. Ficou pensando no garoto de olhos mansos. E, poucos dias depois, disse a Freida, apaziguadoramente:

—- Eu não queria machucá-lo. Mas tinha de dar uma lição no garoto.

— Mas isso é demais! — exclamou Freida. — Você é muito metido a besta. Só porque está saindo com aquela professora, pensa que é bom demais para nós. *Eu tinha de dar uma lição nele*! Não aprende com ninguém, dá lição a todo mundo. É o espertinho. Por que não conta à sua amiga professora que deu uma surra num garoto só porque ele gosta de mim?

Max ficou impressionado. Nunca pensara em Freida como alguém com coragem suficiente para enfrentá-lo. Mas a raiva de Freida transformou-se em autocomiseração e ela começou a chorar.

— Oh, Max, o que vou fazer? O que vai acontecer comigo? Tudo o que posso pensar é que tenho de me matar!

— Não se mate.

— Mas o que mais poderei fazer?

— Cuidarei de tudo.

— Mas como cuidará de tudo? Acha que pode fazer qualquer coisa, que pode controlar o mundo inteiro? Você é muito metido a esperto, tão seguro de que é capaz de tudo!

— Já disse que cuidarei de tudo.

Naquela noite, sentado diante do espelho de seu camarim, contemplando o rosto fino e aquilino, Max sentiu uma onda de repulsa, que incluía o ruge e o creme que estava passando no rosto, a calça larga e quadriculada ridícula que usava, a rotina à sua espera e de Bert quando a cortina se levantasse, toda uma maneira de viver que proporcionara vida e sustento a seis pessoas da sua família. Sally, tentando suavizar os seus modos ásperos, lia-lhe poesia de vez em quando, na esperança de interessá-lo. Havia um longo poema sobre um "marujo antigo" e um verso que dizia: "Em vez de uma cruz, havia um albatroz pendurado em seu pescoço". Eram todos seus albatrozes.

— Sabe o que é um resgate? — ele perguntou à Bert, que estava usando um batom para aumentar o tamanho da boca.

- Está se referindo a dinheiro de seqüestro?

— Isso mesmo. Preciso de um resgate de um milhão de dólares.

— A quem seqüestraram... Vanderbilt?

— A mim... e já não agüento mais. Estou cheio desta merda. Estou cheio do *peckle* de todo mundo.nas minhas costas.

— O que é um *peckle*?

— Iídiche para fardo.

— Sua irmã acabou com você, não é mesmo?

— Ela não é nada. Apenas uma garota estúpida. Arrumei alguém para cuidar dela, mas vai me custar 50 dólares.

— Como se pode encontrar alguém assim?

— Por intermédio de Suzie. Não se pode deixar de reconhecer o valor dessas prostitutas... quando a gente está sendo espremido, elas aparecem com alguma solução. Sempre dão um jeito. Mas são 50 dólares perdidos e isso dói.

— Você está quebrado?

— Não.

— Então por que está reclamando do dinheiro? Afinal, 50 dólares não são o fim do mundo. E se estiver precisando de dinheiro...

— Isso mesmo, preciso de dinheiro, mas não para resolver o problema de Freida. Posso cuidar disso. É uma ninharia. Neste momento, preciso de dinheiro como um bebê precisa do leite materno. Não tenho. Posso ter uns 200 dólares. E também não tenho a menor idéia de como consegui guardar tudo isso com seis bocas famintas, berrando e guinchando. Só que não é suficiente. Então, de que adianta?

— Suficiente para quê?

Max virou-se para Bert, fitando-o atentamente, como se o estivesse vendo pela primeira vez.

— Você nem mesmo é casado, Bert. O que faz com o seu dinheiro?

— Eu gasto.

— Não me venha com essa. Você reluta tanto quanto eu em se separar de um dólar. Quanto já conseguiu guardar, Bert?

— Por quê?

— Tenho uma idéia. Há semanas que estou convivendo com ela, devorando-a e deixando que me devore as entranhas. É uma idéia que pode dar certo, que pode nos fazer milionários. — Max espetou Bert com o dedo. — Vai querer entrar comigo? Esta vida nojenta e estúpida não vai nos levar a parte alguma. É uma vida que fede. É degradante.

— O que é degradante?

— Esta merda que fazemos todas as noites, enfiando um cabo de vassoura

por dentro da calça para arrancar risos, um *double-entendre* vulgar, piadas sujas, cair de rabo no chão... toda essa estúpida rotina. Preciso de mil dólares. E poderemos esquecer que já vimos um *music hall*.

— Se você precisa de 50 dólares para a sua irmã. pode contar comigo. Mas não me venha com uma conversa fiada de ficar rico depressa. Sou um garoto criado nas ruas, como você. Não gosto do que fazemos... mas é melhor do que trabalhar numa dessas fábricas que nos tiram o couro ou ser balconista em alguma loja, Por isso, estou feliz.

— Está mesmo?

— Pode apostar que sim.

— Pois então continue feliz do jeito como está — disse Max, amargamente. — Mas vou falar francamente e não se esqueça do que vou dizer. E digo que você tem merda no sangue... amistosamente, é claro, porque somos velhos amigos. . . mas ainda acho que você tem merda no sangue. Mas não se esqueça de uma coisa: sabe o que vai acontecer, já que não quer trabalhar comigo no que estou pensando?

— O que será? — indagou Bert, jovialmente.

— Vai acabar trabalhando para mim.

— Desde que o pagamento seja bom, não há problema.

Ele foi procurar Suzie, Suzie a puta, como os garotos a chamavam. Ele sempre procurava Suzie quando estava com problemas. Aos 15 anos, fora introduzido por Suzie no mundo do sexo. Ela amava Max — na medida em que podia amar algum homem e talvez porque ele fosse mais um menino do que um homem — e lhe dissera:

— Fique longe das putas ou lhe torcerei o pescoço Se pegar uma gonô está perdido, toda a sua vida estará liquidada, porque não há cura. E quem lhe disser que tem cura, está de conversa mole. Toda puta desta cidade está contaminada e jamais pense que alguma é diferente.

— Mas você está limpa, não é mesmo? — disse Max.

— Uma ova que estou. Poderia estar, mas não presto e joguei minha vida fora. Os Brinkerhoff são tão bons quanto os Kuhn, os Lehman, os Straus ou quaisquer outros dos judeus de classe da cidade alta. Eu poderia ter passado toda a minha vida metida em sedas e veludos, comendo no Delmonico's, com uma carruagem para desfilar de um lado para outro da Quinta Avenida, Mas tive de arruinar tudo e me tornar uma puta. Só que não vou contaminar um garoto bonito como você. Só lhe darei um pouco de amor para o seu próprio bem e porque gosto de você.

Ela estava dizendo a verdade. Max já ouvira a história de outras garotas, muitas vezes, que Suzie era a filha de uma daquelas famílias meio míticas de judeus alemães que haviam chegado à América duas ou três gerações antes do fluxo de camponeses judeus da Europa Oriental, gente que acumulava riqueza e dispunha de influência, que controlava grandes casas bancárias e indústrias, que vivia em mansões de alvenaria e granito, na Quinta Avenida e na Madison. Ele nunca soubera o que acontecera para transformar Suzie numa prostituta do gueto e nunca tivera coragem de lhe perguntar. Agora, Max não era mais um garoto de 15 anos e Suzie era uma "prostituta gorda e envelhecida, de quarenta e tantos anos, que riu de simpatia.

— Eu deveria ter arrebentado o rabo dela — disse Max.

— Por quê, seu palhaço estúpido? — indagou Suzie, subitamente irritada. -— Porque é um homem com um pauzinho nojento que não sabe fazer outra coisa além de foder? Vamos supor que você fosse uma mulher. Alguma vez perguntou a ela como se sentia, o que precisava, o que é sua vida naquela pocilga na Henry Street? — Suzie sacudiu a cabeça, com uma expressão desolada. — Ah, o que você sabe? O que qualquer um de vocês pode saber? Jamais conheci um homem que fosse algo mais que um *putz* duro ligado a um bebê chorão. Mas vou ajudar. Avisarei à Sra. Kaner que você vai procurá-la.

— Quem é a Sra. Kaner?

— Ela era parteira na velha terra e agora cuida de garotas que pegaram a doença de sua irmã. Mais vai custar caro.

— Quanto?

— Cinqüenta dólares.

— Quer saber de uma coisa? Por toda a vida me matei de trabalhar para sustentar esta família nojenta e talvez guardar alguns dólares. Foi preciso um ano para juntar 50 dólares.

— Sinto muito — balbuciou Freida. — Sinto muito e estou apavorada. O que vão fazer comigo, Max? Vão me cortar toda?

— Pare com isso! Será apenas a Sra. Kaner. Ela era parteira. Sabe o que faz. Portanto, pare de chorar. Só pode culpar a si mesma.

— Acho que mamãe sabe — lamuriou-se Freida.

— Mamãe não sabe de nada. E, pelo amor de Deus, pare com isso!

O cortiço em que a Sra. Kaner operava ficava na Orchard Street. Para alcançá-lo, Max e Freida esgueiraram-se por um emaranhado de carrocinhas, garotos berrando, carroças guiadas por dementes, cocheiros praguejando, pilhas de lixo, cachorros, gatos... e olhos que se viraram para observá-los quando

entraram no cortiço. Evidentemente, a profissão da Sra. Kaner era do conhecimento público. Max levou uma trêmula Freida por um corredor que fedia a urina, mais ainda que o seu próprio prédio na Henry Street, até um apartamento nos fundos do andar térreo. A porta se entreabriu uma fresta à batida de Max, uma voz de forte sotaque perguntou quem era.

— Max Britsky. Foi Suzie Brinkerhoff quem me mandou.

A porta se abriu mais alguns centímetros e dois olhos azuis desconfiados fitaram de um rosto encarquilhado.

— Essa é sua irmã?

— É, sim.

— Suzie disse quanto... 50 dólares?

— Disse.

— Tem o dinheiro aí?

Max assentiu. A Sra. Kaner terminou de abrir a porta, deixou-os entrar, tornou a fechar. A cozinha, sempre o primeiro cômodo num cortiço de água fria, era bastante limpa.

— Primeiro tem de me pagar — disse a Sra. Kaner, firmemente.

Max tirou a carteira e contou dez notas de cinco dólares. A Sra. Kaner tornou a contar o dinheiro, dobrou as notas, levantou a saia para revelar uma perna fina, metida numa meia preta, presa por uma surpreendente liga rosa. Depois, ela afagou o ombro de Freida.

— Pare de chorar, querida. Já fiz isso umas 500 vezes e até hoje ninguém morreu.

A última afirmação era certamente uma mentira. Freida quase morreu. Teve uma infecção e passou três semanas na cama, com febre alta, suando, ardendo, no apartamento quente e sem qualquer ventilação da Henry Street. Max culpou a si mesmo e declarou à irmã:

— Trate de ficar boa, Freida. Juro que vou lhe compensar tudo isso.

— Não se preocupe, Maxie — balbuciou ela. — Você não tinha a intenção de que isso acontecesse. E me ajudou. O que eu falei era verdade: preferia morrer a me casar com aquele idiota.

Mas ela não morreu. Por anos depois, recordou o incidente com uma curiosa mistura de amargura, raiva e gratidão. Para Max, por outro lado, acrescentou mais uma peça ao quebra-cabeça permanente que era sua mãe, Sarah Britsky. Ele podia aceitar como algo normal o fato de Sarah culpá-lo pelo que acontecera a Freida — não que ela jamais soubesse exatamente o que acontecera — mas ficou aturdido com o cuidado e desvelo que a mãe dispensou a Freida durante toda a doença.

Max nunca pôde ter certeza se Sarah adivinhara o que acontecera a Freida.

Se ela teve suspeitas, nunca as manifestou; e durante as três semanas em que Freida ficou na cama, a mãe cuidou-a com gentileza e paciência. Apesar de toda a pobreza, as crianças Britsky eram saudáveis. Tirando as doenças comuns da infância naquele tempo, como catapora, sarampo e caxumba, elas foram poupadas das doenças mais graves. A luta de Freida contra a morte era a primeira na família e Sarah enfrentou-a sem histeria. Ficava sentada ao lado da cama de Freida por horas a fio, lavando-lhe os braços e pernas com água fria, a fim de esfriá-la no calor do quartinho miserável, mantinha compressas frias em sua testa, preparava caldo de carne para alimentá-la e exibia, de um modo geral, um grau de desvelo e ternura que Max nunca antes testemunhara. Embora Sarah temperasse isso aumentando a intensidade de sua amargura contra Max, o fato é que ele ficou com a impressão de que a mãe era outro tipo de pessoa. O que aumentou a sua confusão, mas não a sua compreensão.

CAPÍTULO QUATRO

1899

Max aos 20 anos

Há uma escola de pensamento que sustenta que os indivíduos influenciam a história e o curso do que chamamos civilização, enquanto outra nega isso e formula uma teoria de forças implacáveis, Mas o Sr. Isaac Schimmelmeyer era menos que uma força implacável, possivelmente menos que um indivíduo de qualquer importância, exceto como um judeu devoto e um membro da raça humana, pois suas idéias eram poucas, sua imaginação limitada; mesmo assim, ele desempenhou um papel curioso e nada insignificante na criação desse processo singular que veio a ser conhecido como a cultura do século XX. Mas seu ato de contribuição criativa foi consumado na ignorância. Ele jamais dedicara qualquer pensamento ao fato de que, aos 60 anos, estava no limiar do século XX. Nada sabia de uma conferência de paz realizada em Haia, a fim de que o novo século pudesse transcorrer sem guerras; nada sabia dos guerrilheiros da resistência filipina, que haviam pegado em armas contra o invasor americano naquele ano de 1899; nada sabia da resistência encarniçada dos bôeres na África do Sul, desbaratando as tropas britânicas enviadas para destruí-los; e nada sabia da Liga Antiimperialista, fundada em sua cidade e apoiada por representantes de todos os partidos políticos, a fim de que a nação nunca mais maculasse as suas mãos.

O que o Sr. Schimmelmeyer sabia e o que sentia quase ao ponto de paralisia era a morte de sua esposa, Sadie. Ela fora a força, o cérebro, o poder por trás de seu empreendimento comercial, que era uma grande loja de varejo na West Broadway, um pouco ao sul da Broome Street. Uma placa grande, na frente da loja, dizia: ARMARINHO SCHIMMELMEYER. Talvez nada no mundo, em termos de loja de varejo, seja tão complicado quanto um armarinho, que vende pelo menos mil artigos diferentes, entre fitas, botões de uma centena de tamanhos e tipos, entretelas, forros, correias, rendas, linhas, agulhas, colchetes, ganchos, tecidos, papéis, fitas adesivas, tesouras, tirantes, alfinetes, carretéis, giz de marcação e assim por diante; interminavelmente, Numa era em que a maioria das mulheres fazia as suas próprias roupas e quase todas as roupas de seus filhos,

o armarinho era o caminho para uma costura bem-sucedida. Mas isso era antes da era do computador e havia necessidade de uma mente especial para operar um armarinho. A Sra. Schimmelmeyer possuía uma mente assim, o que já não acontecia com o marido. Assim, depois da morte de Sadie, atolado e irremediavelmente perdido na complexidade do armarinho, o Sr. Schimmelmeyer decidiu vender a loja e ir viver com a filha na Filadélfia. Foi assim que contribuiu para o desenvolvimento singular do século XX. Ele afixou um cartaz que proclamava: GRANDE VENDA PARA SAÍDA DO MEGOCIO. E acrescentou, em letras menores: Todo Estoque Pela Metade do Preço.

Como passava todos os dias pela loja do Sr, Schimmelmeyer, às vezes até duas ou três vezes por dia, Max não podia deixar de perceber o cartaz. A princípio, não pensou em nada, porque o Sr. Schimmelmeyer tinha uma loja e não um teatro. Mas, depois, outra peça de causa entrou no lugar. Aquela era a Congregação Beth Sholom, onde Max fora meia dúzia de vezes, depois da morte do pai, para dizer uma oração por sua alma... não por convicção na eficácia da oração, mas para atender às súplicas da mãe. A Congregação Beth Sholom era um *shul*, a palavra iídiche para indicar a combinação de sinagoga e escola que os judeus ortodoxos usavam como um centro comunitário desde tempos imemoriais. Quando o grande fluxo de judeus da Europa Oriental chegou à América, ao final do século XIX, sua primeira necessidade, tão grande quanto a necessidade de comida e abrigo, foi a de casas de oração e ensino. Vagamente, eles sabiam que os judeus ricos da cidade alta, os judeus alemães que haviam chegado à América meio século antes, haviam construído grandes casas de oração a que chamavam templos; para o judeu ortodoxo, no entanto, o templo era uma abominação e o judaísmo reformado daqueles judeus da parte alta da cidade quase tão estranho quanto o cristianismo.

Constituíam uma comunidade de pobres, sem dinheiro para construir qualquer coisa. Assim, reuniram seus recursos e alugaram lojas aqui e ali, por todo o East Side. Cada loja recebia um nome sagrado apropriado, era mobiliada com bancos de fabricação artesanal e um púlpito, transformando-se rapidamente numa casa de culto — tudo feito na ignorância do fato de que os quacres e os congregacionistas haviam feito mais ou menos a mesma coisa, dois séculos antes, Foi a lembrança dessa alteração funcional de espaço que se combinou com o cartaz do Sr. Schimmelmeyer para levar Max à ação que determinou o curso de sua vida.

Desde que assistira ao filme da grande luta entre Fitzsimmons e Corbett que Max estava sob o seu encantamento, totalmente fascinado pelo fato de que imagens de pessoas em movimento podiam ser projetadas numa tela. Fora para ele um dos momentos mais emocionantes de toda a sua vida e sua fantasia criara

variações intermináveis do que se poderia projetar.

— Será que não compreende? — disse ele a Sally. — Nunca houve nada igual.

— O cinetoscópio já existe há anos, Max.

— Isto não é um cinetoscópio.

— Max, ninguém quis ficar para assistir àquela luta horrível — insistiu Sally, pacientemente. — Metade da audiência se retirou.

— Porque eram professoras e estavam assistindo a uma luta de boxe. Mas a idéia... será que não a excita?

— Não muito, Max.

Mas ele se recusava a ser influenciado por Sally. Se ficara tão fascinado e emocionado, o mesmo poderia acontecer com outras pessoas; e se as pessoas pagavam para assistir à rotina vulgar e estúpida que ele e Bert apresentavam todas as noites no Bijou, então pagariam ainda mais ansiosamente para assistir a fumes, imagens em movimento. Era essa a idéia que excitava Max e que ele remoeu por vários meses. Fez indagações sobre câmeras e projetores, descobriu que seria difícil mas não impossível obter o equipamento de Edison, talvez um pouco menos difícil adquirir o equipamento francês. Havia também um homem chamado Dickson, que trabalhara para Edison e agora patenteara o seu próprio projetor. Num domingo, Max fez uma viagem através do Rio Hudson, na barca Erie. Era a primeira vez que pegava a barca para atravessar o rio até Nova Jersey, já que sua viagem para o Circuito Alderman fora para o norte, partindo da estação Grand Central. A viagem de barca através do vasto rio deixou-o emocionado. Teria de levar Sally numa viagem de barca. Mas essa determinação saiu de sua mente quando chegou a West Orange, em Nova Jersey, conhecendo o lugar em que Edison produzia seus filmes. Foi um trabalhador dali quem mencionou Louis Lumière, que desenvolvera câmeras e projetores por conta própria na França. Gravando o nome, mal conseguindo pronunciá-lo direito, Max foi procurar firmas de exportação e importação na Pearl Street, querendo saber como se podia adquirir coisas da França; mais do que isso, como se podia comunicar com pessoas e companhias na França. Tinha pouco conhecimento de qualquer coisa e nenhum preparo para qualquer coisa. Por mais estranho que pudesse parecer, nenhuma das pessoas com quem ele falou tinha qualquer idéia de que uma imagem em movimento podia ser algo pelo qual as pessoas pagariam dinheiro para assistir.

Em Nova Jersey, Max assistiu a alguns filmes de Edison. A extensão variava de três a seis minutos. Um deles era de uma moça dançando. Outro mostrava dois cachorrinhos brincando. Um terceiro apresentava dois acrobatas e dois malabaristas. Custou-lhe 10 dólares para entrar no estúdio e conseguir que

os homens lhe mostrassem os filmes. Depois do filme da luta de boxe, aquelas coisas eram desapontadoras. O mesmo homem que mencionara Lumière, Sam Snyder, de 27 anos, permitiu que Max lhe pagasse uma cerveja num bar em West Orange. Ele informou a Max que o processo já existia há três anos. Max sabia onde ficava o *music hall* de Koster e Bial?

— Talvez eu não soubesse onde ficava West Orange —, comentou Max — mas conheço todos os *music halls* de Nova York. Esse fica na Rua 34. Eu e meu parceiro, Bert, nos apresentamos lá durante cinco noites. Mas trabalhamos quase que exclusivamente no Bijou.

— Quer dizer que você é um sujeito de *music hall*? — perguntou Snyder, subitamente excitado.

— Sou, sim.

— Pois eu ia contar que o Sr. Edison fez uma exibição lá há três anos. Todos pensávamos que era a primeira apresentação pública de um filme, só que dois sujeitos na Alemanha, um deles um tal de Skladanowsky, tinham feito a mesma coisa um ano antes. Parece que eles são muito bons, mas o espetáculo do Sr. Edison foi um fracasso. Como se interessou por esse negócio?

— Acho que as pessoas pagariam para assistir, se alguém abrisse um teatro só para apresentar filmes.

— Já ouvi falarem isso antes, só que ninguém acha que possa dar certo.

— Vamos supor que eu consiga — disse Max. — Você trabalharia para mim?

— Claro... se me pagar o suficiente. Mas acho que está com o cachimbo cheio de ópio e tendo sonhos irreais — disse Snyder sorrindo.

— O mais importante é o teatro. Sabe quanto custa alugar um teatro? Acho que se eu tivesse um teatro, poderia resolver todo o resto. O único problema é que o tipo de pessoa em quem estou pensando nunca vai ao teatro. Não tem condições para isso. E mesmo que tivesse, não teria a menor idéia do que está acontecendo.

— E isso o deixa aonde?

— Creio que afogado na merda até o pescoço — murmurou Max.

Uma semana depois, descendo pela West Broadway, ele viu o cartaz anunciando que o Sr. Schimmelmeyer estava deixando os negócios e lembrou-se de suas visitas a Beth Sholom para orar pela alma do pai.

Estava ajustando essas duas possibilidades em sua mente — um armarinho que fechava e uma sinagoga que funcionava numa loja na Hester Street — quando Joe Guttman, seu chefe e gerente do Bijou, perguntou sua opinião a respeito dos filmes.

— Soube por Bert que você está um pouco maluco por esse assunto,

talvez um *mayvin*. É verdade?

— Estou interessado — respondeu Max, cuidadosamente.

— Pois eu também.

— Está querendo dizer que pode transformar o Bijou num lugar para se apresentar filmes? — indagou Max, ansiosamente.

— Eu seria louco se fizesse isso. Não há a menor possibilidade. Mas nas casas de Keith e no Circuito Procter estão instalando projetores para apresentarem filmes de três minutos entre os atos.

— Sei disso — disse Max, com evidente repulsa. — Mas eles são uns *scbmucks*. Não sabem o que representa um filme.

— Estou entendendo... eles são uns schmucks, mas você sabe de tudo.

— Quando vende um ingresso por 35 cents e lota um *music hall*, acha que isso é o fim do mundo? Uma ova que é! Pois vou lhe dizer uma coisa, Sr. Guttman. Há milhões de pessoas que nunca puseram os pés num *music hall*, porque nunca tiveram 35 cents para gastar com um ingresso. Talvez também porque tenham medo de entrar num *music hall*, especialmente com crianças.

— Pois quanto acha que eu deveria cobrar, seu sabe-tudo?

— Cinco cents.. . e três cents para as crianças.

— Cinco cents? Precisa mandar examinar a sua cabeça. Max. Fique no seu *shtick* e deixe as altas finanças em paz.

Naquela noite, Max fez o seu *shtick*. Ao deixar o *music hall*, foi até o armarinho do Sr. Schimmelmeyer, na West Broadway. Ficou parado na frente pelo menos por meia hora, remoendo, contando, calculando.

Na manhã seguinte, Max estava de pé às sete horas, ao invés de dormir até oito e meia ou nove horas. Quando se juntou à família, à mesa do café da manhã, na cozinha, Sarah disse:

— Ei, olhem quem está aqui! Nosso ator nos faz a honra!

Na verdade, era a primeira vez em muitas semanas; mas, por outro lado, o comentário da mãe era típico. Max não podia se lembrar de uma palavra gentil de Sarah. Ele vivia com a impressão de que ela o culpava pela morte do pai e, por mais irracional que isso fosse, mais o culpava do que sentia-se grata pela sobrevivência da família.

Os quatro Britsky mais moços — Benny, 9 anos, Esther, 11 anos, Sheila, 13 anos, e Ruby, 16 anos — acabaram de comer e saíram para ir à escola. Freida, recuperada e saudável, mas não tão jovial quanto antes, trabalhava agora numa fábrica de blusas na Houston Street. Preparou-se para sair, enquanto Sarah começava a tirar a mesa. Max disse:

— Preciso conversar com você.

— Mamãe, deixe a louça na mesa.

— Está bem, vou deixar tudo. A louça se lava sozinha.

— Só alguns minutos.

Ela fitou-o, com uma xícara e um pires nas mãos, sem qualquer prazer no rosto.

— Pode falar.

Na porta, Freida parou para escutar, a curiosidade despertada.

— Mamãe, tenho lhe dado dinheiro por todos esses anos... Guardou alguns dólares, não é mesmo?

— Guardei?

— Estou perguntando, mamãe.

— E se eu guardei? Quem vai cuidar de mim?

— Eu cuido de você, mamãe. Cuido de toda a família. Sempre cuidei. Mas neste momento preciso de dinheiro. E se você pudesse me dar algumas centenas de dólares...

— Será que estou tão louca assim?

— Seria apenas por alguns meses e depois eu pagaria tudo.

— Você vai embora e nós morremos de fome.

— Por que eu iria embora, mamãe?

— Você não é diferente dos vagabundos com que se mete, os atores e prostitutas...

— Tenho 60 dólares guardados, Max — disse Freida. — Pode usar o meu dinheiro.

— Você tem 60 dólares guardados? — gritou Sarah.

— Esqueça — disse Max.

— Todo mundo tem segredos — lamentou Sarah. — Trabalho como uma escrava para vocês e é assim que me pagam, com um dinheiro escondido que não vejo nunca.

— Desculpe, mamãe — murmurou Max. — É melhor esquecer o que falei.

Ele saiu do apartamento. Freida disse a Sarah:

— Pode ficar com o meu dinheiro, mamãe. Tem sido muito boa para mim. Eu só estava guardando para lhe comprar alguma coisa.

O Sr. Schimmelmeyer falou a Max de seu desespero:

— O problema não é a locação. O mundo inteiro passa pela West Broadway. Mas olhe só para o tamanho desta loja. Um armarinho. Tem mil artigos, talvez cinco mil... quem pode contar? Minha esposa, que descanse em paz, sabia de tudo, onde estava cada coisa, qual era o preço. Mas onde encontrar

alguém como ela? Estou ficando maluco. Faltam 10 dias para terminar o mês e juro que não vou pagar outro mês de aluguel. Ou vendo tudo até lá, ou meu estoque vai para aquele *goniff* do Meyers, lá na Orchard Street. Ele me oferece 500 dólares, é pegar ou largar. Tenho cinco mil dólares em mercadorias aqui, no mínimo. Mas o que devo fazer... me matar?

— Claro que não — disse Max. — E lamento saber de tudo isso, Sr. Schimmelmeyer. Lamento muito. Quem é o proprietário da loja?

— Adolf Schmidt. Ele não é judeu, mas pensa que os judeus são ricos. Pois vou lhe dizer uma coisa: ele é rico. Sabe como chamam um prédio como este, uma loja de frente com um andar por cima? Chamam de pagador de impostos. Schmidt comprou por uma ninharia, de um velho ianque chamado Culbertson. Ele paga de impostos 300 dólares por ano. Recebe de mim 100 dólares por mês, o que dá 1.200 dólares por ano. Tem três apartamentos lá em cima. Aluga dois, a 20 dólares por mês cada um, mora no outro. Assim, ele ganha 140 dólares por mês sem levantar um dedo. Minha esposa, que descanse em paz, e eu trabalhamos até não poder mais e temos um lucro de 60 ou 70 dólares por mês. Portanto, não é possível ele dizer que é pobre e os judeus são ricos.

O que foi exatamente o que Adolf Schmidt disse a Max:

— Vocês, judeus, são todos ricos. Sou um homem pobre, lutando para sobreviver. O aluguel é de 1.800 dólares por mês.

Schmidt estava almoçando na cozinha de seu apartamento, por cima da loja. Era muito gordo, bem como sua esposa. Com um gesto de boa vontade, ou de bons negócios, ele convidou Max a acompanhá-lo, servindo-se de uma travessa de salsicha branca e repolho roxo. Max recusou a comida, mas aceitou uma garrafa de cerveja.

— Já sei — disse Schmidt. – Salsicha não é kosher.

— O preço também não é — comentou Max. — Schimmelmeyer paga 100 dólares por mês.

— Então conversou com Schimmelmeyer... Pois vou lhe dizer uma coisa sobre Schimmelmeyer. Ele tem um arrendamento antigo daquele ianque estúpido, Culbertson. A loja vale duas vezes o que ele paga.

— Posso comprar o arrendamento dele — sugeriu Max, arriscando um tiro no escuro.

— Teria mais três meses de arrendamento e não seríamos amigos. Ficaríamos inimigos. Prefiro que sejamos amigos.

— Está certo. Mil e 600 dólares por ano.

— Mil e 700.

— Mil e 600 e assino um contrato de cinco anos.

— Sete anos.

— Seis anos.

— Sete anos.

— Sete anos — concordou Max. — É um homem duro nos negócios, Sr. Schmidt.

— Quando se lida com judeus é preciso ser duro ou se cai fora dos negócios. Você me paga um mês de aluguel e pode abrir no primeiro dia do mês. Hilda, pegue o meu talão de recibos.

Max contou 134 dólares, o que o deixava com um capital total disponível de 61 dólares. Schmidt tornou a contar o dinheiro, preencheu o recibo e assinou-o. Enquanto Max o dobrava e guardava na carteira, Schmidt lhe disse:

— Espero que Schimmelmeyer não o tenha esfolado pelo estoque. Ele alega que não sabe de nada, mas pode estar certo de que é um velho astuto.

— Não estou comprando o estoque dele — informou Max.

— Vai formar todo um estoque novo? O que há de errado com o estoque de Schimmelmeyer? Pode comprá-lo bem barato.

— Não estou no negócio de armarinho.

— É mesmo? Mas não disse...

— Não, não disse.

— Então qual é o negócio que vai fazer na loja?

Max sentiu-se muito tentado a dizer a Schmidt que tencionava transformar a loja numa sinagoga. Mas resistiu à tentação e disse bruscamente:

— Um teatro de imagens em movimento.

— Um o quê?

— Um teatro de imagens em movimento.

— O que é um teatro de imagens em movimento?

— Um lugar em que se exibe filmes.

— Nunca ouvi falar nisso.

— Ninguém mais ouviu. Seremos os primeiros, Sr. Schmidt.

— Você está doido. Uma loja não é um teatro.

— Esta vai ser.

— Tome o seu dinheiro de volta. Não quero fazer negócio com você.

— Aceitou meu dinheiro e me deu um recibo — disse Max, com uma confiança que no íntimo não sentia. — É um arrendamento consumado. Tente voltar atrás e terá um processo judicial nas mãos.

— Então, você me enganou — disse Schmidt. — Eu deveria saber que não se pode fazer negócios com um judeu.

— Deveria mesmo — concordou Max. — Não tenho a menor dúvida quanto a isso.

"Ianque" era a palavra usada por todo o Lower East Side como uma espécie de designação negativa. Quando se lidava com uma pessoa que não era obviamente judia, polonesa, húngara, alemã, russa, romena ou de qualquer dos vários outros grupos étnicos que habitavam a área, estava se tratando com um ianque. O Sr. Hodgkins era um ianque. Estava sentado por trás de sua mesa no Rivington National Bank e fitava Max com uma expressão desconfiada, enquanto o informava:

— Um banco, Sr. Britsky, empresta dinheiro. Está absolutamente certo nessa suposição. Contudo, parece-me que sua experiência com bancos é um tanto limitada. Emprestamos dinheiro para empreendimentos razoáveis, mas exigimos uma garantia.

Max respirou fundo, amaldiçoou a própria ignorância, disse a si mesmo: Vá se foder, seu moço, pois pensa que sou um *schmuck*. E depois indagou:

— Como assim?

Incapaz de controlar uma contração divertida no canto da boca, o Sr. Hodgkins explicou que a garantia era uma coisa concreta, um título, alguma propriedade, que valesse pelo menos 30 por cento mais que o dinheiro emprestado pelo banco, que só assim poderia ter a certeza de que o empréstimo seria pago.

— Em outras palavras — disse Max —, vocês operam da mesma forma que uma loja de prego.

— Uma o quê?

— Uma loja de penhores, Sr. Hodgkins. Vim aqui com uma idéia que talvez seja única e me pede para arrumar essa tal garantia! Se eu tivesse alguma coisa que valesse mil dólares, poderia pôr no prego e não precisaria vir suplicar a um idiota como você.

Naquela noite, ele disse a Sally:

— Fui a outros três bancos e em todos foi a mesma coisa. — Estavam no quarto de Sally. — Vamos sair. Estou me sentindo sufocado. Sinto que o mundo inteiro está me sufocando.

— Para onde você quer ir, Max?

— Vamos sair daqui! Não quero mais ficar num maldito quarto mobiliado!

— Não me queixo. É o meu lar.

— O que é um lar? Passei toda a minha vida naquele saco de merda da Henry Street! Sete pessoas naquele lugar nojento, infestado de baratas, uns

mijando em cima dos outros...

— Não vou permitir que você continue a falar assim, Max! — gritou Sally. — Não quero esta linguagem aqui! E se este quarto não é bastante bom para você, pode sair e voltar para os seus vagabundos!

A inesperada explosão de ira e independência por parte de Sally espantou Max. Ele fitou-a em silêncio por um longo momento e depois exclamou:

— Você tem toda razão! Não sou da sua classe, Srta. Levine! O que o *gossen fung* está pensando, envolvendo-se com uma professora de alta classe?

E, com isso, ele saiu do quarto, furioso, batendo a porta e deixando Sally aturdida e assustada. Ela forçara a situação e agora Max se fora. Nunca antes fora capaz de aceitar o fato de que queria Max; agora, experimentava um terrível tremor de medo. Ele se fora e talvez nunca mais voltasse.

Lá embaixo, no vestíbulo da pensão em que Sally residia, havia um desses novos instrumentos maravilhosos, chamados telefones. A Sra. Schwartz, a senhoria, instalara-o no ano anterior, depois de resistir por meses às exigências e persuasões dos inquilinos. Uma hora e meia depois de Max ter ido embora, a Sra. Schwartz foi bater na porta do quarto, queixou-se de ser obrigada a ficar subindo e descendo a escada por causa do maldito telefone e depois informou a Sally que a ligação era para ela. Sally desceu a escada correndo. Mas não era Max. Era Bert, ligando do Bijou. Ele queria saber onde estava Max.

— Não sei — respondeu Sally, meio histérica.

— Está chorando?

— Não... isto é, acho que sim.

— Vocês brigaram?

— Acho que sim.

— Mas isso foi uma estupidez! — gritou Bert. — Max não é apenas Max! É parte de um ato! Que diabo vou fazer agora? Entrar em cena sozinho?

— Não fiz de propósito.

— Onde ele está?

— Não sei.

Sally foi se jogar na cama e lançou-se a um acesso de lágrimas incontrolável. Todas as sextas-feiras, Sally jantava com os pais no Brooklyn. Era filha única e os pais, Lilian e Arthur Levine, emigrantes de Viena e proprietários de uma mercearia, faziam dela o centro adorado de seu universo. Poucos meses depois de começar a sair regularmente com Max, ela falou aos pais sobre ele. Os pais abstiveram-se de qualquer julgamento, até que ela estivesse pronta para apresentá-lo. Contudo, não puderam deixar de insinuar que um artista de *vaudeville* indigente, que deixara a escola aos 12 anos, não estava à altura de uma moça de família boa e de recursos — eles eram proprietários da casa em

que viviam, em Flatbush — com uma instrução normal e um emprego firme no sistema de escola pública da cidade de Nova York. Os comentários foram brandos, não mais que uma indicação do óbvio, mas suficientes para afetar Sally, que jurara a si mesma que terminaria o relacionamento com Max. Mas ela não terminara e, na verdade, não tivera outros pretendentes. Os poucos conhecidos de sua família que haviam sugerido encontros empalideciam para tamanha insignificância, em comparação com o ímpeto, dinamismo e excitamento de Max, que Sally não tivera qualquer dificuldade em fazer sua opção.

Ela continuara a se encontrar com Max. Agora, diante da perspectiva de estar tudo acabado e de que fora a responsável por isso, Sally sentiu-se totalmente acabrunhada. Recordou as qualidades positivas de Max, sua inteligência e vivacidade, sua confiança inabalável, seu senso de autoridade — pondo de lado sua ignorância, vulgaridade e, é claro, o seu lugar de origem, o horrível apartamento na Henry Street, que ela jamais conhecera. Mais uma vez, Max assumiu uma imagem romântica, alimentada e moldada pelas leituras de Sally. Finalmente, na exaustão de suas lágrimas, ela adormeceu... para ser despertada por alguém batendo fortemente na porta. Era Max. E já era quase meia-noite.

— Aquela cadela lá embaixo não queria me deixar entrar. Tive de ameaçar que arrombaria a porta.

Sally abraçou-o.

— Isso não significa que não estou mais furioso — acrescentou Max.

— Bert telefonou.

— Já sei. Perdi o espetáculo. Perdi os dois espetáculos... a primeira vez que isso aconteceu. — Max arriou numa cadeira. — Não me importei. Não tenho você... e quero que o resto do mundo se foda.

— Max!

Ele nunca antes usara aquele termo na presença da moça.

— Desculpe, desculpe. Apenas escapuliu. Já é horrível eu não saber falar um inglês bonito e, ainda por cima, tenho de dizer palavrões na sua presença.

— Não foi nada.

— O que estou fazendo lá naquele palco, como um macaco, dizendo piadas estúpidas e sujas, me comportando como um palhaço? Quero alguma coisa. Não posso passar o resto da minha vida naquele buraco nojento da Henry Street, cheio de percevejos. Nunca lhe contei isso, mas houve um dia em que Ruby e eu... dormimos na mesma cama, até hoje... foi há seis ou sete anos, os lençóis estavam encharcados de sangue dos malditos percevejos, que nos levavam à loucura; acabamos pegando querosene, despejando no colchão e ateando fogo. Foi de espantar que não tivéssemos queimado a casa toda, talvez

até devêssemos ter feito isso, com a mãe berrando sem parar... Oh, diabo, de que adianta.

— Como pode dizer de que adianta? — perguntou Sally, outra vez animada, agora que Max voltara.

— Como? Pois vou lhe dizer como. Encontro finalmente uma saída. Tenho uma idéia que vai virar o mundo pelo avesso. Sabe qual é a idéia? Tem de me escutar agora, Sally! Quer me escutar?

— Claro que sim. Estou contente por você ter voltado. Mas já é muito tarde.

— Não me importo que seja tarde, porque vou acabar ficando louco se não falar com alguém sobre isso. Está lembrada da ocasião em que fomos à Cooper Union e assistimos ao filme da luta entre Fitzsimmons e Corbett? Suas amigas professoras ficaram chocadas, mas fiquei tão excitado que quase mijei na calça. Lá vou eu de novo! Desculpe, não vai acontecer outra vez. Mas tenho pensado a respeito desde então. Pense em todos os milhares e milhares de pessoas que vivem aqui no East Side e também em outros lugares. Não vão a *music halls*, porque a maioria acha que não são decentes. Além disso, não há dinheiro para isso. E também não há dinheiro para ir ao teatro. A maioria nem mesmo entende inglês muito bem. Assim, mesmo que fossem ao teatro não faria muito sentido... mesmo que pudessem ir, o que não é o caso. Mas aqui tem os filmes. Isso mesmo, os filmes. Eu podia abrir um lugar, cobrar cinco cents para os adultos e três cents pelas crianças e podia ganhar... Eu faria uma fortuna!

Os olhos azuis de Max faiscavam, o corpo esguio vibrava de excitamento.

— Oh, Max, como poderia? Não quero jogar água fria nos seus planos, mas esse sonho...

— Não! Não! Vai me escutar até o fim! Tudo o que eu tinha no mundo eram 195 dólares e 60 cents. Era o que havia na minha conta de poupança no Bowery Bank. Saquei 150 dólares. Lá na West Broadway tem um armarinho, dirigido por um sujeito chamado Schimmelmeyer. Ele está deixando os negócios. Fui falar com o senhorio, que é um alemão chamado Schmidt. Fiz um acordo para arrendar a loja de Schimmelmeyer, por um prazo de sete anos. Para se ver a certeza que eu tenho. Sete anos e dei a Schmidt os 134 dólares pelo aluguel do primeiro mês, para que ele não possa voltar atrás... de tanta é a certeza que tenho. E o que estou fazendo? Escute bem. Ponho 200 cadeiras dobráveis na loja de Schimmelmeyer. Tem bastante espaço. Faço um trato com um sujeito chamado Sam Snyder, que trabalha para Edison, lá em Nova Jersey. Edison paga a ele uma ninharia. Concordo em pagar 50 dólares por semana, 20 a mais do que Edison paga, além de cinco por cento dos meus lucros. Ele não acha que estou louco. É um projecionista. Sabe onde podemos arrumar um projetor,

pagando apenas 10 dólares por semana. E também já arrumou seis filmes diferentes... um é de macacos, muito bom, outro é de um sujeito que tenta saltar de um celeiro e voar com um par de asas malucas, um terceiro mostra um mágico fazendo truques... este é o mais demorado, tem seis minutos. Mas, no total, temos 20 minutos de filmes. E agora me diga onde vai se encontrar um adulto que não está disposto a pagar cinco cents para ver tudo isso. Vamos supor que ele tenha cinco filhos. Paga 15 cents pelas crianças e mais cinco para si mesmo. E é tudo bonito e puro. Os rabinos e os padres não vão bradar que é uma coisa suja, que os crentes devem se manter a distância. Sabe quanto eu vou ganhar... só naquela loja na West Broadway? Vamos, pergunte, pergunte.

— Está certo, Max. Vou perguntar.

— Não estou adivinhando. Juro por Deus que não é um mero palpite. Previ tudo cuidadosamente, até o último detalhe, calculando quantas pessoas verão o espetáculo duas vezes. Se eu abrir ao meio-dia e fechar às 11 horas da noite, ganharei 200 dólares por dia, durante a semana. Posso até chegar aos 400 dólares por dia, aos sábados e domingos. Isso não é uma loucura, mas a pura realidade. Então por que não faço? Porque me expulsaram de todos os bancos ao sul da Rua 14. Mil dólares. Se quer que a gente empreste dinheiro, Maxie, tem de nos dar uma garantia. Sabe o que eles estão querendo dizer com isso?

Sally assentiu.

— Não é suficiente eles exigirem nove por cento de juros, como os malditos sanguessugas que são. Querem também uma garantia. Eu iria procurá-los se tivesse uma garantia? Foi o que perguntei a todos eles. Mas de que adianta?

Ele sacudiu a cabeça, desolado.

— Vai desistir, Max?

— O que posso fazer, Sally? Bem que tentei. Quero casar com você.

— Nunca me pediu. Como sabe que eu casaria com você?

— Não casaria? Não casaria? Afinal, você é a única garota com quem eu já quis casar.

— Max, Max, você tem 20 anos.

Ele levantou-se de um pulo, balançando os braços.

— Isso que se dane! Tenho 20 anos... e daí? Quer que eu fique sentado quietinho e espere até chegar aos 50 anos? Nunca fui garoto. Tinha 20 anos quando estava com 12.

Subitamente, ele baixou os braços e ficou olhando para ela, visivelmente abatido, como um garotinho prestes a desatar a chorar.

— Max... — murmurou ela, gentilmente.

— O que é?

— Tenho guardado dinheiro desde que comecei a trabalhar, Max. Tenho quase mil e 400 dólares, o que inclui um presente de 300 dólares da minha Tia Lucy. Mas o dinheiro é meu, para qualquer coisa que eu quiser. Se precisa de mil dólares e acredita mesmo nessa coisa de filme, então posso emprestar.

— Como? — balbuciou Max, aturdido.

— Não me ouviu? Posso emprestar mil dólares.

— Nunca me falou que tinha todo esse dinheiro — disse ele, indignado.

— Você nunca me pediu.

— Acha que vou aceitar o seu dinheiro? Acha que sou um cafetão?

— Max, Max, o que deu em você? Não acho que você seja uma coisa tão horrível. Nunca, mas nunca mesmo, nem em mil anos, pensaria que você é um cafetão. Quando você foi embora, eu me senti tão infeliz que poderia ter morrido.

— Está querendo dizer que sentiu saudade?

— Claro que senti saudade. Acho que você se tornou uma parte da minha vida.

— Quer dizer que me ama?

— Acho que sim.

Ele se adiantou e tomou-a nos braços. Era a primeira vez que a abraçava daquela maneira, aconchegando-a contra seus braços e corpo, beijando-a plenamente, não os beijos ligeiros que haviam trocado antes, mas um beijo profundo, exuberante, as bocas abertas, as respirações se misturando; e dominado por esse tipo de paixão, Max não pôde mais se conter. Não era alto, mas era bastante forte. Levantou Sally em seus braços, levou-a para a cama. E, no instante seguinte, estava estendido ao lado dela, apalpando-lhe as roupas, tocando os seios pela primeira vez, conseguindo abrir-lhe a blusa, enquanto ela suplicava:

— Não, Max, não... Temos de esperar. Não podemos fazer isso. Estragaria tudo.

Ele compreendeu isso e foi capaz de indagar a si mesmo o que pensava estar fazendo. Sally era meiga, pura e casta; não era justamente por isso que a amava? Não era uma vagabunda das ruas; não era como sua irmã Freida, que deixara qualquer idiota comê-la; era a mulher que se tornaria sua esposa. Max parou de tentar despi-la. Tornou a acariciar os seios, mas gentilmente, com paciência. Beijou-a. Ficaram deitados assim, beijando-se, acariciando-se, o excitamento e a tensão de Max aumentando, até que ejaculou na calça. Sally percebeu o que acontecera e sorriu em compreensão. Estranhamente, o amor que Max sentia por ela não diminuiu. Ele também não sentiu a repulsa de si mesmo que sempre experimentava quando fazia sexo com alguma prostituta. Era uma

descoberta nova.

— Seremos sócios — disse ele a Sally depois, quando estava prestes a se retirar. — Não é apenas algum dinheiro que está me emprestando. Estamos metidos nisso juntos. Estaremos juntos em tudo.

— E o que eu vou fazer? — perguntou Bert. — Caio morto ou corto a garganta? Ou subo ao telhado e me jogo lá de cima?

— Entre no negócio comigo — suplicou-lhe Max. — Ao diabo com essa merda de trabalhar para mim. Não precisa trabalhar para mim. Somos parceiros há muito tempo, podemos continuar assim. Não quero qualquer coisa do seu dinheiro, Bert. Mas preciso de você. Tem um tipo de classe que eu jamais conseguirei. É um americano de verdade, não um garoto da Henry Street. Se ficarmos juntos, podemos atear fogo no mundo.

— Claro, claro... com a minha aparência e sua inteligência — comentou Bert, amargamente.

— Não foi isso o que eu quis dizer. E você sabe que não foi.

— Então me diga o que foi.

— Estou lhe oferecendo a metade de tudo.

— A metade de nada é nada. Se quer mesmo ser generoso e bancar meu amigo, então continue com o número por mais dois meses. Encontraremos um substituto nesse período e poderemos treiná-lo.

- Não posso, Bert. Passo o dia inteiro correndo de um lado para outro. Tenho milhões de coisas para fazer. Preciso descobrir cada filme que existe, quando serão feitos outros. E vou precisar de pelo menos dois dias para descobrir alguém que me venda cadeiras dobráveis... 200 cadeiras, que não existem para vender, só para alugar. Assim terei de mandar fazer.

— Não pode imaginar como sinto pena de você.

— Bert, estou deixando o ato. E não volto atrás dessa decisão.

— Então é isso — disse Bert, amargurado. — Vai embora, me deixa de um momento para outro. Eu que me dane. Tudo que se dane. Você é um amigo e tanto, Max, um amigo de verdade.

Enquanto isso, Sally também se empenhava numa discussão infrutífera. Foi jantar com os pais na sexta-feira, na casa no Brooklyn. Os Levine viviam numa rua aprazível, toda arborizada, em Flatbush, uma pequena casa amarela, de vigamento de madeira, uma varanda se estendendo por três lados, Max nunca estivera na casa de Sally, que por sua vez nunca estivera no apartamento da Henry Street. Mas ela já ouvira o bastante de Max para ter uma boa noção de como era. Não podia deixar de comparar com a respeitabilidade da casa de seus

pais. Eles haviam chegado à América uma geração antes da grande maré de imigração judaica da Europa Oriental. Um bairro ensolarado, bonito, quase suburbano, como Flatbush, podia estar a um mundo de distância do gueto turbulento, fervilhante, imundo e barulhento do East Side, mas mesmo assim ainda havia suficientes ligações de vínculos tribais para fazer Sally estremecer nessas ocasiões e murmurar para si mesma: "Ainda bem que sou daqui, graças a meus pais".

Pensamentos desse tipo minavam a sua coragem. Só depois que o jantar acabara e continuavam sentados à mesa, digerindo a comida deliciosa que incluía galinha e peixe, foi que Sally descarregou suas notícias — estava agora noiva de um certo Max Britsky, emprestara mil dólares para que ele entrasse num negócio que ainda não existia, mas que ele haveria de criar e que seria conhecido como o negócio de filme. Pronto, o segredo estava revelado. Sally ficou esperando, A mãe também esperou. As duas olharam para Arthur Levine, que tentou se controlar.

Não era fácil. Numa época de famílias grandes, eles só tinham uma filha, a quem adoravam. Ela nunca fora maltratada, surrada, castigada. Era uma boa moça. Tinham muito orgulho dela. Mas Max Britsky...

— Não quero ser alguém que joga água fria na fervura — começou Arthur Levine. — Sua mãe e eu respeitamos a opção que você fez. Mas já pensou bastante a respeito? Um artista de *vaudeville*, com uma família que você mesma diz que ele não quer que conheça, que abandonou os estudos aos 12 anos. Sally, Sally, pense em si mesma. É uma moça bonita e talentosa. O filho de Sam Goldman ficaria de joelhos pela oportunidade de pedi-la em casamento... e Sam tem o seu negócio de roupas. Há também Jack Kanter ou Richard Cohen, rapazes que poderiam lhe oferecer alguma coisa. A Sra. Cohen disse à mãe que tudo o que seu filho quer é a oportunidade de se encontrar com você, fazer-lhe um pouco de companhia. E ele já foi aprovado para se tornar advogado. Kanter é médico, já um residente. Por que você haveria de desperdiçar oportunidades tão boas?

— Não estou desperdiçando nada, papai. Você não conhece Max. Não foi por sua culpa que deixou a escola quando tinha 12 anos. Não foi porque ele seja estúpido. É um dos rapazes mais inteligentes que já conheci. Só deixou a escola por um ato de nobreza. Já contei como ele tomou conta da mãe e dos irmãos...

— É verdade, já nos contou — disse Lillian Levine, interrompendo a filha bruscamente. — E contou também que ele é quatro anos mais moço do que você. Que tipo de casamento será esse?

— Você sabe o quanto trabalhou e poupou arduamente para ter esse dinheiro — disse o pai de Sally. — E dá a ele desse jeito. O que posso dizer,

Sally? O que devo dizer?

— Você nunca o trouxe aqui. Que tipo de rapaz namora uma moça e não conhece os pais dela?

Os olhos de Sally ficaram enevoados. Ela estava à beira das lágrimas. O pai, incapaz de suportar a visão da filha chorando, apressou-se em dizer:

— Já chega. Não temos o direito de falar coisa alguma até conhecê-lo. Portanto, deve trazê-lo aqui. Depois, veremos o que fazer.

Ao final, Adolf Schmidt resolveu não recorrer aos tribunais para anular o contrato de Max como seu inquilino. Ele explicou à mulher que um arrendamento por sete anos não era uma coisa que se encontrava todos os dias da semana e que o aluguel era melhor do que o pago por Schimmelmeyer. Schmidt previra inclusive a possibilidade de ser obrigado a reduzir o preço do aluguel, pois a loja era muito grande. Naquele estágio do desenvolvimento da cidade de Nova York, uma loja grande era mais difícil de alugar do que uma pequena, pois a era dos vastos mercados ainda estava no futuro. Cheio de curiosidade, Schmidt observou sombriamente quando Max assumiu o armarinho e criou o que lhe parecia o caos. Os mostruários, balcões e prateleiras foram retirados e levados numa imensa carroça, apesar dos protestos de Schmidt.

— Vou repor tudo dentro de sete anos — garantiu Max.

Ele vendera o lote por 20 dólares. As paredes da loja foram pintadas com um cinza-claro, o chão de cinza-escuro.

Era uma sugestão de Sally. Contra a sua vontade, apesar dos presságios dos pais, ela estava se tornando fascinada pelo projeto de Max. Sem mais nada, estava completamente dominada pelo dinamismo dele. Max fazia tudo, observava tudo, supervisionava tudo. Teve de inventar uma cabine de projeção em que seria instalado o artefato de lanterna mágica, que lançaria as imagens em movimento para uma tela. Ficou sentado no quarto dela até duas horas da madrugada, enquanto Sally fazia um desenho depois de outro, até chegarem finalmente a uma planta do que ele queria. Quando descobriu que as cadeiras dobráveis eram muito leves e seriam deslocadas da fila, Max imaginou um meio de unir 10 cadeiras. Uma noite, ele pegou um trem para Rochester, no próprio Estado de Nova York, desdenhando o custo extra de um leito, a fim de ter uma reunião com George Eastman, que a princípio reagiu com desprezo diante daquele judeu magro e atrevido, com sua fala do gueto. Mas havia alguma coisa em Max, uma energia, uma intensidade, que levou Eastman a escutá-lo, ao invés de expulsá-lo. Max não se sentiu intimidado nem desconcertado na presença do grande inventor e industrial. Eastman vislumbrou a vastidão dos sonhos de Max.

Demorou-se a mostrar a Max o mais recente desenvolvimento em filme de rolo. Mostrou uma tela nova, prateada ao invés de branca, com a qual vinha fazendo experiências.

— Quero uma — disse Max. — Quanto vai me custar?

— Não vai lhe custar nada. Mandarei uma prateada e outra branca. Experimente as duas e descubra a que produz melhores resultados.

Acordado no trem que o trouxe de volta de Rochester, durante toda a noite, Max deleitou-se com a sua reunião com George Eastman. O Sr. Eastman podia não saber quem Max era, mas Max sabia quem era Max. E, no dia seguinte, ele disse a Sally:

— Lá estava eu, o pequeno Maxie Britsky, sentado com um dos maiores homens da América e um ianque ferrenho. Ele poderia ter-me jogado pela porta afora. Mas não o fez. Escutou a minha idéia com a maior atenção.

— Mas é claro que ele só podia fazer isso! — exclamou Sally. — Percebeu logo que você era a coisa mais sensacional que já entrara em seu escritório.

— E como ele pôde perceber isso?

— Eu pude perceber... e, se ele é tão esperto, também pôde. Além do mais, pense em todo o filme que ele venderá se o seu plano der certo.

— Isso me ocorreu.

— Você terá dinheiro suficiente, Max? Se precisar de mais, ainda tenho...

— Nada disso — protestou Max, levantando a mão. — Vou conseguir. Abrimos na próxima semana e ainda tenho 85 dólares. Tive de pagar a primeira semana de salário a Sam Snyder e também tive de enviá-lo para Filadélfia a fim de ver mais dois filmes que descobrimos. Um é de *cowboy*, um desses bandidos do Oeste...

— Dois outros filmes, Max — corrigiu Sally. — Tente. Você pode falar corretamente quando quer.

— Claro, claro. Pode estar certa de que venho tentando. O tal *cowboy* é um pistoleiro, que saca a sua arma e atira.

— Pode-se ver em que ele está atirando?

— Não. O filme só tem três minutos. Acho que ele toma uma garrafa de uísque antes. O outro filme é de uma garotinha que engatinha pela sala, puxa a toalha de uma mesa cheia de porcarias. Uma coisa bate nela e a garotinha começa a chorar. A mãe aparece e a pega no colo. Muito bom. Sam diz que é uma coisa de primeira e podemos consegui-lo bem barato. Não estamos pagando os filmes. Eu apenas assino as notas, para pagar no mês que vem. Deus querendo... se não quiser, eu me matarei.

— Não deveria falar assim, Max. Eu ainda tenho dinheiro.

— Claro, claro... e eu ainda tenho 85 dólares, só que 50 é para o pintor e terei de pagar amanhã.

Max poderia ter mandado fazer uma placa por até cinco dólares. Mas não queria economizar nessa área. Não tinha possibilidade de ter alguma coisa como o Bijou ou qualquer outro dos *music halls* existentes na cidade. Por mais que enfeitasse, uma loja ainda era uma loja. Talvez estivesse um pouco acima das pequenas sinagogas que se haviam instalado em lojas por todo o East Side, mas ainda assim era uma loja. Felizmente, tinha portas duplas dando para a rua. Max fez um pequeno vestíbulo, com uma porta de vaivém dando para o teatro improvisado, com um pequeno guichê envidraçado à direita, por trás do qual ficaria Freida. Todos os instintos lhe diziam que o empreendimento viveria ou morreria, dependendo da honestidade da pessoa que vendesse os ingressos. Ele podia confiar em Freida. Contudo, a loja ainda era uma loja, o que levou Max a investir quase todo o dinheiro que lhe restava no cartaz. Tinha 12 metros de comprimento, estendendo-se por toda a fachada. O nome estava escrito em letras amarelas, sobre um fundo vermelho: **MAX BRITSKY'S ORPHEUM.**

Num dia frio e desagradável, ao final de novembro, no ano de 1899, ao meio-dia, a placa foi instalada na West Broadway. Foi um evento que passou despercebido nos anais da história. Outras coisas foram lembradas: as encarniçadas batalhas dos bôeres contra os britânicos na África do Sul; os nascimentos de Charles Laughton e Noel Coward, cujas vidas seriam moldadas em grande parte por aquela placa na loja de Max Britsky; e também a primeira gravação magnética de som, embora isso fosse desconhecido na época. Mas as pessoas em movimento e ação num dia frio não estão preocupadas com a história. Os trabalhadores amaldiçoavam o tamanho e a falta de jeito do cartaz, enquanto o Sr. Schmidt, a tudo observando sombriamente, dizia a Max que sua propriedade estava sendo arruinada.

— Orpheum — disse ele. — O que é isso?

— Já ouviu falar do Orpheum de Guttman e do de Keith. Pois é isso.

— Vai abrir amanhã?

— Exatamente.

— Amanhã vai nevar.

Schmidt estava certo. A neve começou a cair na manhã seguinte, flocos úmidos e desagradáveis, que se derretiam ao tocar na calçada. Ainda era muito cedo na estação para uma nevasca de verdade, mas Max sentiu um aperto no coração quando contemplou o céu escuro.

— Ainda me quer lá? — perguntou Freida. — Vai inaugurar assim mesmo?

— Claro.

Sam Snyder montara um programa de seis filmes. Imitando o estilo dos teatros autênticos, Max comprara um cavalete e inscrevera o programa num cartão Bristol: **MACACO BRILHA, O ACROBATA, OS PEQUENOS, A CARROÇA, FILHOTES** e, finalmente, **O MÁGICO**. A melhor coisa a que Max já assistira era O Mágico. Tinha quase cinco minutos e apresentava o mágico internacionalmente famoso, Harvey Eddelson. Não havia truques da câmera, uma coisa que despertava o entusiasmo de Sam Snyder e era a delícia dos experimentadores. A câmera simplesmente focalizava Eddelson, de frente, enquanto ele apresentava o seu sortimento de truques espantosos. Todos os seis filmes somados davam um total de projeção de 19 minutos e 33 segundos. Snyder juntara os filmes, a fim de que o espetáculo fosse ininterrupto. Foi sugestão de Sally, quando assistiu aos filmes, que talvez fosse bom acrescentar um título e algumas palavras descritivas sobre cada um. Ela também achava que o homem que fizera os filmes devia receber alguma espécie de crédito ou reconhecimento, como acontece com o pintor de um quadro ou o autor de um livro. Mas nem Max nem Snyder consideraram que isso tinha alguma importância — e Snyder chegou a admitir que, em dois casos, não sabia quem fora o autor do filme. Mas concordaram com os títulos e as palavras descritivas. Para Macaco Brilha, Sally escreveu: "Os macacos são mais espertos do que as pessoas? Quem sabe? Observe e veja". Para O Acrobata, ela escreveu: "Quem é esse homem que voa como um pássaro? É o acrobata. Veja e se emocione". Para Os Pequenos, ela escreveu: "Todo mundo adora um bebê. Nada é mais lindo do que os queridinhos". Para A Carroça, ela escreveu: "Serão em breve tão obsoletas quanto os dinossauros? Quem sabe?". Para Filhotes: "Veja essas coisinhas lindas. É uma pena que não possa levar um para casa". E para O Mágico: "No mundo inteiro só há um Eddelson, o mestre da ilusão".

Max ficou deliciado. Sally persuadiu uma amiga, estudante de arte, a desenhar os letreiros em todos os cartões por cinco dólares. Snyder levou os cartões para serem fotografados no estúdio de Edison em Nova Jersey. Sally, que ainda não se entusiasmara de todo com o empreendimento, animou-se quando viu suas próprias palavras em filmes.

Mas estava nevando.

— Vou abrir de qualquer maneira — declarou Max à família Britsky reunida, ao café da manhã, na cozinha do apartamento na Henry Street. — Abro mesmo que caia outra nevasca como a de 88.

Todos absorveram as suas palavras. Nem mesmo Sarah teve qualquer comentário cáustico e desdenhoso sobre a situação. Passara anos a gritar com Max, culpando-o por todos os infortúnios. A verdade era que o desprezava. De alguma forma, além de sua compreensão, ela o considerava responsável por não

ter um marido, por seu futuro sem esperança, por sua pobreza — mas tudo isso sem qualquer tipo de percepção, a mente exprimindo-se simplesmente com irritação e raiva. Contudo, naquele dia, até mesmo a raiva se diluíra. Seu filho Max possuía alguma espécie de teatro e hoje era a inauguração. Ela desviou sua raiva e amaldiçoou o tempo. Os outros Britsky absorveram o excitamento, queriam saber quando poderiam assistir ao espetáculo.

— Depois da escola — disse-lhes Max. — Mamãe levará vocês.

Ele pôs um dólar na frente da mãe, acrescentando:

— Mas vai pagar por eles, mamãe. Aqui está o dinheiro. Freida estará no guichê, mas terá de pagar assim mesmo. Cinco cents por você e três cents pelas crianças, com exceção de Ruby. Ele já está bastante crescido. Paga o preço inteiro. A diferença está em 12 anos. Sei que Sheila já tem 13 anos, mas ela não parece.

Rindo, Freida comentou:

— Está enganando a si mesmo, Max.

— Estou fazendo uma brincadeira — disse ele, sorrindo. — Mas sei que Sheila tem 13 anos.

— Por que devemos pagar? — indagou Sarah. — Sou sua mãe. Sua mãe também tem de pagar?

— Porque todo mundo paga — disse Max, incisivo. — Ninguém entra de graça.

Excetuando, é claro, os passes que ele distribuíra na delegacia de polícia local, permitindo ao capitão e tenentes entrarem de graça com suas famílias, tantas vezes quantas desejassem.

Ele combinara jantar com Sally e depois irem ao espetáculo noturno. Assim, garantia um prazo razoável entre o aparecimento de sua família e o de Sally. Max, acompanhando Sally, chegou à loja às 11 horas, uma hora antes da inauguração. Sam Snyder estava à espera, o rosto redondo normalmente jovial exibindo uma expressão preocupada, balançando a cabeça por causa do tempo horrível.

— Está horrível — murmurou ele. — Vai nos prejudicar.

— Vamos superar tudo — afirmou Max, com uma confiança que não sentia. E acrescentou para Freida: — Vá ocupar o seu lugar.

— Está frio.

— Então fique de casaco. Vou lhe dizer uma coisa, mana. Se não quebrarmos hoje, dentro de um mês eu lhe comprarei um belíssimo casaco de pele.

— Está caçoando.

— É uma promessa.

Max meteu a mão no bolso do casaco e tirou dois rolos de moedas de um cent e um saco de moedas de cinco cents, 10 cents e um quarto de dólar.

— Aqui está o troco, num total de sete dólares.

Ele não acrescentou que agora só lhe restavam 85 cents o total de sua riqueza neste mundo.

— Está falando sério sobre o casaco de pele? -— perguntou-lhe Snyder. — Vai mesmo comprar um casaco de pele para ela ou estava apenas caçoando?

— O que acha?

— Não sei, Sr. Britsky, simplesmente não sei. Nunca trabalhei antes para um.

Ele se conteve a tempo.

— Para um judeu... não era isso o que ia dizer?

— Não exatamente — murmurou Snyder, subitamente nervoso.

— Em primeiro lugar, passe a me chamar de Max. E eu o chamarei de Sam. Em segundo, você vai mesmo trabalhar para um judeu e tem de encarar esse fato. Ou chega à conclusão de que sou um ser humano como todo mundo ou vai estragar tudo.

— Não tive essa intenção — balbuciou Snyder, o rosto se avermelhando.

Ele era um jovem grandalhão e gordo, de movimentos lentos, boa índole e, como Max sentiu instintivamente e diria mais tarde, "esperto como o diabo". O rosto redondo era simpático, de olhos azuis joviais, cabelos louros. E declarou naquele instante:

— Acho que você tem uma grande coisa, do contrário não largaria meu emprego. Pode estar certo que o respeito. Há muita gente que odeia judeus, mas não é o meu caso. E vou dizer outra coisa. Sou luterano e muitas vezes, quando era garoto, fui chamado de "chucrute nojento", porque meu pai veio da Alemanha e falava com um forte sotaque. Como você se sente em relação a um luterano?

— Não sei. Você é o primeiro com quem converso.

— O mesmo acontece comigo.

— Daremos um jeito. — Max sorriu. — Você é casado, Sam?

— Tenho dois filhos e minha esposa cozinha muito bem. – Quer jantar com a gente?

— Um dia desses, com toda certeza. E, sobre aquele casaco de pele... não faço promessas para caçoar das pessoas. Ela terá o casaco de pele. Fique comigo e também lhe farei algumas promessas.

— Vamos fazer uma experiência. — Snyder estendeu a mão, pegando os flocos da neve de novembro. — Está melhorando.

Max assentiu. Snyder estava bloqueando o cartaz que dizia: **GRANDE**

INAUGURAÇÃO. Max puxou-o para o lado. Umas poucas pessoas pararam diante da loja. Era um dia de semana.

— Talvez fosse melhor fazer a inauguração no sábado — comentou Freida.

O cartaz de Grande Inauguração anunciava: "Um novo entretenimento. FILMES. Por cinco cents, desfrute o que é mais recente em entretenimento. Uma exibição emocionante e maravilhosa de ciência e arte. Uma experiência que você jamais esquecerá".

Freida desenrolara o rolo de ingressos. Eram ingressos velhos, não usados. Max os comprara de Guttman, que elevara seus preços e não tinha uso para eles. Havia mil ingressos num rolo.

— Diz aqui Bijou Palace, 35 cents — informou Freida, preocupada.

— Ninguém lê. E se alguém o fizer, vai pensar que está fazendo uma barganha. De qualquer forma, temos um espetáculo melhor que o do Bijou.

— Deveria ter alguém para recolher os ingressos, Max. Lá dentro, como no Bijou.

— Esqueça. Basta rasgar cada ingresso ao meio quando o vender. Guarde a metade para os nossos registros. Trouxe a caixa de charuto como mandei?

— Está aqui.

Freida suspendeu a caixa.

— Ótimo.

Snyder suspirou e entrou para armar o projetor. Freida vendeu os primeiros ingressos às 11:40. Eram quatro damas das ruas, cujos negócios quase paravam àquela hora. Eram estranhas a Max e estavam muito excitadas com a idéia de imagens em movimento. Foram seguidas por um homem e uma mulher — turistas, concluiu Max. Depois veio Silverman, que tinha uma mercearia no outro lado da rua e disse a Max:

— Por cinco cents, posso gastar meia hora. Minha esposa está na loja. Ela virá quando eu voltar.

Uma carruagem com quatro passageiros parou junto ao meio-fio.

— O que é isso? — perguntou a Max um homem da carruagem.

— Filmes.

— E o que são filmes?

— Uma coisa parecida com os cinetoscópios.

— Que diferença faz, Vincent? — Uma mulher na carruagem disse ao homem. — Vamos sair logo desta maldita carruagem.

O grupo despachou a carruagem e comprou quatro ingressos. A esta altura, os flocos de neve haviam quase parado, uma pequena multidão se concentrava diante do Britsky Orpheum. Quando faltavam cinco minutos para

meio-dia, Freida já vendera 111 ingressos. Até mesmo Schmidt e a esposa apareceram, informando a Max que, como senhorios, deviam ter ingressos de cortesia. Max tirou do bolso uma moeda de 10 cents, comprou dois ingressos de Freida e entregou-os ao casal.

Max entrou na loja ao meio-dia. Enfiou a cabeça na cabine de projeção e perguntou a Sam Snyder:

— Está tudo pronto?

— Está.

— Então comece — disse Max, exuberante.

Snyder ligou um interruptor e começou a girar a manivela. No outro lado da loja, na tela prateada de Eastman, apareceu a legenda **MAX BRITSKY APRESENTA FILMES.**

A família Britsky apareceu precisamente às quatro horas. Há anos que Sarah vinha cuidadosamente guardando moedas, principalmente de um cent e uma ou outra de cinco cents, escondendo sua fortuna num jarro de leite de louça branca. Com o passar do tempo, acumulara 53 dólares, dos quais gastou quatro e meio para comprar o material de um vestido novo, de veludo verde. Seis dólares foram para um casaco novo, o primeiro que comprava desde a morte do marido; não de segunda mão, mas novo. Usava agora todos os seus atavios, inclusive um chapéu com penas coloridas, ao se encaminhar para o guichê do Orpheum de Max Britsky, com toda a família em sua esteira, Benny, Esther, Sheila e Reuben. Era um momento extraordinário para Sarah. Com uma expressão compenetrada, Freida perguntou:

— Quantos, por favor?

Ao que Sarah respondeu:

— Dois para adultos e três para crianças. E eu não deveria esperar na fila.

— Tem de ser assim, mamãe – explicou Freida. — É um negócio maravilhoso. Estamos fazendo muito dinheiro.

— Ainda sou sua mãe.

Lá dentro, Max esperava pela família.

— Guardei cinco lugares para vocês — sussurrou ele.

— Na frente?

— Não, mamãe. O melhor lugar não é na frente. Vê-se melhor quando não se está muito perto.

Relutante, Sarah aceitou os lugares, convencida de que Max cedera os lugares na frente a pessoas mais privilegiadas. Depois, sua atenção e a dos outros Britsky fixou-se na tela. Pelos 20 minutos seguintes eles ficaram assistindo à

projeção em silêncio, extasiados; e quando Max sugeriu que ficassem para outra sessão, prontamente aceitaram.

Depois, Sarah abrandou, livrando-se da raiva e frustração por um momento e dizendo a Max, quase com ternura:

— Foi maravilhoso, querido, uma coisa linda. Quase não pude acreditar em meus olhos.

Max, por sua vez, não podia acreditar em seus ouvidos. A mãe estava sendo gentil e cortês. Se isso já acontecera antes, ele não podia se lembrar.

Sally manteve as suas reservas. Max fizera uma coisa em que ninguém jamais pensara antes, pelo menos nos Estados Unidos. Reunira um programa de filmes e montara uma espécie de teatro em que podiam ser apresentados. Mas até Max ir buscá-la, às sete horas no dia da inauguração, ela ainda duvidava que as pessoas pudessem pagar para assistir a filmes. Além do fato incrível das imagens terem movimento, não despertavam muito interesse para Sally. Max bem que argumentara que o grosso da população de Nova York — ou de qualquer das outras grandes cidades do país — nunca ia a um teatro ou a um *music hall*, mas Sally não acreditava que se pagasse algum dinheiro, mesmo que fosse apenas cinco cents, pelo que Max tinha a vender.

Mas quando entrou no quarto dela, naquela noite, Max estava eufórico.

— Até seis horas -— ele informou a Sally -— já tínhamos conseguido 52 dólares e 24 cents. Sabe o que isso significava... durante a tarde, num dia de semana? Significa que esta noite, antes de fecharmos, estaremos com 150 dólares em caixa ou perto disso. E quer saber de outra coisa? Todo mundo está adorando. As pessoas saem e voltam com seus amigos. Tive de pôr Ruby como indicador de lugares... uma coisa em que não tinha pensado. Estou pagando a ele cinco dólares por semana, para trabalhar depois das aulas. E este é o primeiro dia. E nem mesmo tive a lembrança de pôr um anúncio no jornal. Mas acontece que Sammy Snyder conhece um sujeito que trabalha para o *Tribune*. Sammy diz que ele vai escrever uma história sobre a gente. Não posso levar você para jantar esta noite, Sally. Como eu poderia comer, se estou tão excitado? Tenho de voltar ao teatro. Está bem, é apenas uma loja... mas para mim é um teatro. Sally, o que significa *orpheum*?

Max jamais fora quieto ou contemplativo, mas Sally também nunca o vira tão excitado, andando de um lado para outro do pequeno quarto, recusando o convite dela para sentar por um momento.

— Como?

— *Orpheum*... o que essa palavra significa?

— Significa um teatro, Max.

— Mas é claro! Pode me encontrar lá mais tarde?

— Tem certeza de que quer mesmo se encontrar comigo esta noite, Max?

— Certeza absoluta. Sei que já viu o programa, mas quero que observe o lugar cheio de gente. Faz a maior diferença.

E fazia mesmo, conforme Sally constatou, parada ao lado de Max, junto à cabine de projeção, olhando para a tela por cima das fileiras de cabeças.

— Só que alguma coisa está faltando — ela sussurrou para Max.

— O que está faltando?

— Está quieto demais.

— Quieto? Escute só as risadas!

— Não estou me referindo a isso, Max. Deveria ter um piano, com o pianista tocando uma música para acompanhar as imagens.

Ele levou-a para fora, pensando: Ela está doida. Mas o comentário fora de Sally e Sally era esperta. Max lhe dava o crédito de ser a única pessoa que conhecia que podia ser mais esperta do que ele; se havia alguma coisa de que Max jamais duvidava era de sua própria inteligência. Lá fora, havia uma fila diante do guichê de ingressos. Max não queria ninguém de pé. À medida que o dia fora passando, improvisara o seu método de operação. Contratara Ruby como indicador, instruindo-o para verificar todos os lugares vazios e comunicar a Freida. Quando Max se aproximou, Freida queixou-se de que estava cansada.

— Passei o dia inteiro aqui, Max. Nem mesmo pude sair para fazer pipi.

— Ela saiu, sim — disse Ruby. — E eu lhe trouxe um sanduíche e café.

— Paguei com o meu dinheiro — protestou Freida.

— Tire do dinheiro dos ingressos — autorizou Max. — Encontraremos uma solução para tudo. Afinal, este é apenas o primeiro dia.

Freida e Ruby olhavam atentamente para Sally. Então ali estava a famosa professora de Max. Depois, Freida perguntou a Ruby:

— O que há de tão especial nela? É magra demais... para quem gosta de mulher assim.

Max afastou-se com Sally, descendo a rua.

— Vamos tomar um café?

— Aquela não é sua irmã?

— É, sim...

— Ela é bonita. Por que não me apresentou, Max? E o rapaz não é seu irmão?

— É, sim.

— Não compreendo você, Max. Por que não quer que eu conheça qualquer pessoa de sua família?

— Vai conhecer todo mundo. Assim que eu estiver pronto. — Max tratou de mudar de assunto. — Podemos tomar um café aqui. Estou congelando. Esqueci o casaco. Fiquei só com o paletó durante o dia inteiro.

— Não me respondeu.

Max ocupou-se por um momento com o garçom, explicando a Sally que subitamente sentia a maior fome. Esquecera de almoçar. Pediu presunto com ovos e mais carne de porco com feijão. Quando estava eufórico, desafiando o mundo, Max comia presunto. Sarah mantinha uma cozinha *kosher*. Toda a contrariedade e amargura que Max sentia em relação à mãe, negadas, reprimidas, desvaneciam-se por um momento quando ele comia presunto. Em termos de Sarah, era o seu ato de independência e desafio, embora o explicasse a si mesmo como uma prova para Sally de que era tão indiferente quanto ela às regras do judaísmo ortodoxo.

— Estou pensando no que você disse a respeito de estar tudo muito quieto, Sally. Acha mesmo que um pianista poderia tocar uma música que combinasse com as imagens?

— Ele poderia tocar, por exemplo, com o filme das crianças uma música leve e bonita, como *Menina dos Cabelos Louros*, de Debussy. E com O Mágico talvez pudesse tocar alguma coisa de *O Palácio do Rei da Montanha.*

— O que é essa *Menina dos Cabelos Louros*?

— Uma música doce e maravilhosa. Há tantas músicas, peças para piano e canções, que um bom pianista poderia encontrar alguma coisa para combinar com qualquer filme. Mas tudo isso não me faz esquecer sua família. Quero conhecê-los... e você precisa também conhecer minha família.

— Está bem, está bem. Apenas dê um pouco mais de tempo.

— É por causa do lugar em que você vive, aquele apartamento horrível na Henry Street? Tem vergonha de lá, Max? Mas já me contou a respeito. Sei de tudo.

— Não, não sabe... não sabe de nada.

No dia seguinte, Max foi ao Bijou e conversou com Isadore Lubel, o pianista que tocava nos intervalos entre os números.

— Quanto você ganha aqui?

— Quatro dólares por dia... quando trabalho.

— Eu lhe pagarei cinco dólares, trabalho firme, sem dias de inatividade.

— Negócio fechado. Por esse dinheiro firme, Max, posso beijar seu rabo todos os dias.

— Não precisa chegar a isso. Basta tocar bonito. Tenho de procurar um piano para alugar agora. Assim, encontre-se comigo dentro de duas horas no meu teatro. Explicarei então o que quero que faça.

Cinco semanas depois da inauguração do Britsky's Orpheum, Max abriu sua segunda loja, na Primeira Avenida, pouco depois da Houston Street. Era um prédio de esquina, de dois andares, construído num terreno baldio antes ocupado por posseiros húngaros, que viviam em barracos de papel alcatroado e cultivavam uma horta. Eles deram lugar ao progresso. Max alugou as duas lojas do prédio, retirando a parede que as dividia. Sua experiência com o Britsky's Orpheum dera os melhores resultados. Sam Snyder atraíra mais dois empregados do Sr. Edison para se juntarem ao que já estava se tornando a organização Britsky. O próprio Snyder era mais valioso como um descobridor de filmes, procurando-os por toda parte, para alimentar o apetite insaciável de dois teatros de imagens em movimento.

— Você tem de compreender por que não posso lhe pagar aqueles mil dólares neste momento — disse Max a Sally.

— Não estou pedindo o dinheiro, Max.

— Sei disso. Mas quero pagar. Significa muito para mim pagar tudo. Mas você sabe que até o meu último cent está indo para a casa nova na Primeira Avenida. É muito maior, com 340 lugares.

— Não preciso do dinheiro, Max. Mas por que está com tanta pressa? Ainda é jovem.

— Jovem? Não sei o que significa essa palavra. Só peço que me dê mais algum tempo e fique comigo, menina.

— Max, quero que você vá a Flatbush e conheça minha família. Eles não me darão sossego enquanto não o conhecerem. E quero que seja doce e encantador. O que mais desejo no mundo, neste momento, é que eles gostem de você.

— Não pode imaginar quantas coisas estão acontecendo neste momento. E para cumular tudo, estou tendo problemas com Clancy.

— Não ouviu uma só palavra do que falei, Max. Quem é Clancy?

— Um guarda irlandês da delegacia da Houston Street, um filho da puta gordo.

— Você não tem o menor respeito por mim! — exclamou Sally. — Usa uma linguagem de botequim!

— Desculpe. Juro que... Desculpe, Sally.

— Quero que conheça meu pai e minha mãe. Como posso ter certeza de que você não usará essa linguagem na presença deles?

— Não vou usar, Sally. Apenas estou um pouco nervoso agora. Esse Capitão Clancy quer 30 dólares por semana... só para ter um guarda na frente do

teatro.

— Por que precisa de um guarda na frente?

— Não preciso. Mas se eu não pagar, eles vão me expulsar de lá. Não se pode espirrar nesta cidade sem pagar à polícia.

Mais ou menos, era verdade.

— Está pedindo demais — dissera Max ao Capitão Clancy.

— Ora, Maxie, meu garoto, é uma ninharia. Vai querer abrir outros lugares no meu território, não é mesmo?

— Não tenho planos agora.

— Mas terá, rapaz. Houve um outro rapaz judeu como você que abriu uma loja de roupas para mulheres na Rivington Street. Ele relutou em nos pagar uns poucos dólares para proteção, com meus homens arriscando a vida todos os dias para manter a segurança dos cidadãos. Pobre rapaz. A loja foi saqueada, ele levou uma surra, acho que nunca mais voltará a ser o mesmo.

Max disse a Sally:

— Tenho esse problema para resolver e mais uma vintena de outros. Mas ouvi o que disse. Claro que ouvi. Mas o que me diz de você? Tem certeza de que deseja que seu pai e sua mãe me conheçam?

— Certeza absoluta. Max deu de ombros.

— Está certo.

— Quando?

— Logo depois que eu inaugurar o teatro da Primeira Avenida.

Mesmo com todas as exigências que o segundo ponto para projeção de filmes impôs a Max, ele não conseguiu se esquivar da família. Agora que trabalhavam pelo menos em parte para ele, tornaram-se onipresentes; e o relacionamento de Max com a família mudou. Sarah sempre exigira, mas os outros aceitavam, um tanto submissamente. A submissão desapareceu agora. Todos passaram a exigir, pois Max se transformara numa fonte autêntica. Queriam um piquenique. Outras famílias faziam piqueniques; por que não os Britsky? Pressionaram Max até que ele cedeu e, numa manhã de domingo, toda a família Britsky partiu para Washington Heights. Como era dezembro, o dia estava frio, apesar de excepcionalmente ensolarado. Quem tivesse a menor experiência de piqueniques não teria escolhido tal dia; mas para os Britsky seria uma ocasião maravilhosa mesmo que a neve estivesse caindo.

Entre todos os Britsky, somente Max já estivera ao norte da Rua 23; o mundo além era tão informe para os Britsky quanto a África Negra. Por dois dólares, Max contratara Shecky Blum para levá-los ao elevado da Nona Avenida,

em seu velho *fiacre*, um carro aberto, de quatro rodas, puxado por um cavalo, onde todos os sete Britsky conseguiram se espremer. Três sentaram em cada banco, de frente uns para os outros, com Benny acomodado no chão. Max comprara lugares marcados no Pullman do trem elevado. A família lá se instalou, contemplando as maravilhas da ilha de Manhattan, indiferentes ao frio e aos olhares desaprovadores dos afetados passageiros que partilhavam o carro, desacostumados à presença de criaturas tão barulhentas quanto os Britsky. Mas os Britsky não se importavam com isso. Só tinham olhos para as maravilhas lá fora, enquanto o trem corria ruidosamente pelas avenidas Nove e Columbus. Max assumiu o papel de guia da excursão, apontando as colinas verdes e os bosques do Centrai Park, à direita, a paisagem das magníficas Palisades se erguendo sobre o Rio Hudson, à esquerda. E havia as novas realizações daquela cidade incrível e fascinante que era Nova York, os grandes prédios de apartamentos, o já famoso Dakota e o vasto e espetacular Museu de História Natural, que ofuscaria todos os outros do seu gênero, no mundo inteiro, quando ficasse pronto. E, para cumular tudo, a estrutura elevada subiu bastante, ao norte do Central Park, tão alto sobre o vale que o trem parecia — pelo menos para as crianças Britsky — estar voando sem qualquer apoio; em reação a isso, todos gritaram e gritaram, de medo e alegria;

Ao final da linha, na Rua 155, eles subiram a colina para a imponente área de piquenique, deserta naquele mês de dezembro. Não importava que estivessem meio congelados. Ali estavam finalmente, no campo, contemplando as grandes propriedades que se estendiam pelo Harlem Valley e alcançavam o East River, muitas com ancoradouros particulares e iates, agora fora da água para o inverno; no rio, rebocadores puxavam barcaças pelo canal de navegação; além do rio, gramados amplos, sebes, árvores, campos cultivados e mansões rurais do Bronx. Era certamente um dia para se lembrar.

Outro dia para ser lembrado foi quando Max finalmente se deixou convencer por Sally a uma excursão a Flatbush.

Quando ele confessou a Sally que nunca antes estivera no Brooklyn, ela lhe disse:

— Como pôde ser tão insular, Max? Existe aquela ponte maravilhosa, gloriosa, que é diferente de todas as outras pontes do mundo. Sabia que viajantes da Inglaterra e França, para não falar de outros lugares, vêm até aqui só para contemplarem a ponte e atravessarem-na? E você, que vive a poucos quarteirões de distância, nunca se deu ao trabalho de atravessá-la.

— É uma questão de tempo...

— Tempo, tempo, tempo... você não faz outra coisa que não falar de tempo e alegar que não dispõe de nenhum. Tem 20 anos e vai deixar sua vida passar sem jamais ter sido jovem.

Diante disso, Max cedeu outro domingo e foi visitar os pais de Sally. Ela ficou tão satisfeita que não pôde deixar de ser didática. Explicou cuidadosamente a Max, enquanto viajavam no *fiacre* de Shecky Blum, contratado para o dia, que Flatbush fora uma cidade independente, com uma história própria eloqüente, até ser anexada ao Brooklyn, apenas um ano antes. Por gerações fora uma sossegada cidadezinha holandesa. Sally explicou que até o nome vinha de palavras holandesas, *vlacke bos*, que significavam planícies de bosques. Com o tempo, a origem do nome fora esquecida, havendo uma deturpação para Flatbush. Ela disse também que fora ali que o General Sullivan resistira, com os seus bravos continentais, impedindo a destruição total do exército americano, mais de um século antes. Max não tinha a menor idéia de quem fora o General Sullivan e apenas uma noção vaga do que acontecera há um século. A história não era o seu ponto forte. Mas ele ficou satisfeito com a maneira pela qual Shecky Blum absorvia cada palavra de Sally — até o ponto em que permitiu que o cavalo avançasse em marcha lenta.

— Vamos logo, Shecky! — disse Max bruscamente. — Não estamos numa sala de aula.

— A dama é muito esperta — comentou Shecky.

Flatbush era muito mais bonita do que Max imaginara. Embora fosse inverno, as árvores frondosas, as casas aconchegantes, uma ou outra fazenda que ainda sobreviviam, as folhas secas agitadas pelo vento, a deliciosa fragrância de fumaça de lenha ao invés do mau cheiro do gueto, a apenas duas horas de viagem da Henry Street, tudo se combinava para deixá-lo com a sensação de irrealidade que só se experimentava em sonho. Tentou imaginar o que poderia ter sido sua vida e infância se tivesse crescido num lugar bucólico como aquele. E disse a Sally:

— Você é uma garota de sorte.

Ele vestira o seu terno bom, de sarja azul. Ao chegarem à casinha pintada de amarelo, com porta e janelas brancas, onde Sally nascera e passara a maior parte de sua vida, Max saltou do *fiacre* e ajudou Sally a desembarcar. Tinha certeza de que estava sendo observado de uma janela e não desejava que os Levine o encarassem como um palerma mal-educado, que não estava à altura de sua filha. Mas sentia-se deslocado, contrafeito. A casa era a mais elegante em que já entrara — na verdade, a primeira casa de uma só família em que já entrara. Tinha de reavaliar Sally, separá-la do pequeno quarto mobiliado e situá-la naquele novo cenário. A mãe e o pai eram pessoas comuns, comerciantes; mas

sua respeitabilidade substancial, de classe média baixa, colocava-os muito acima dos antecedentes caóticos de Max. Seu comportamento foi humilde, polido. Max possuía não apenas sensibilidade, mas também, como Sally já ressaltara, a capacidade camaleônica de se adaptar. Os Levine estavam preparados para alguma espécie de selvagem do gueto; em vez disso, descobriram-se como anfitriões de um jovem magro, bem-apessoado, que elogiou a comida da Sra. Levine e o charuto que o marido lhe ofereceu. Max não era um fumante regular. Jamais comprava charutos, mas podia saboreá-los; quando lhe eram oferecidos, fumava-os com uma competência profissional. Fumaram no frio da varanda dos fundos, já que a Sra. Levine não permitiria que sua casa fosse poluída pela fumaça de charuto. Sentados ali, os dois de capote, o Sr. Levine sondou o potencial de Max, enquanto Sally ajudava a mãe com a louça. Max explicou toda a sua situação: duas casas de projeção de filmes já em funcionamento, um terceiro local pronto para ser arrendado, uma aceitação plena do público.

— E suas intenções em relação à minha filha são sérias? — indagou o Sr. Levine, que não tinha papas na língua.

— Absolutamente sérias. Mas isso não significa que Sally está disposta a casar comigo. Ela tem idéias próprias.

— E como tem — concordou o pai. — Qual é a sua idade, Max?

— Farei 21 anos em novembro.

— Mas como ainda estamos em janeiro, você na realidade só tem 20 anos. Sally é quase quatro anos mais velha. E nossa Sally é uma moça linda e inteligente, parte o coração ver quantas oportunidades ela está perdendo. Praticamente todas as suas amigas já casaram. Se ela continuar solteira, esperando que um rapaz como você se firme na vida, será necessário que ele tenha condições de sustentar uma esposa. Mas, para isso, é preciso ter um mínimo de salário. Perdoe-me por ser tão franco, Max, mas quando você teria isso?

— Serei igualmente franco, Sr. Levine. Amo Sally. Ela é a única moça de quem já gostei. Mas ela sabe qual é a minha situação. Tenho minha mãe e cinco irmãos para cuidar. Assim, o que preciso não é de um salário. Preciso de muito dinheiro e vou ganhá-lo.

O que não deixou o Sr. Levine muito tranqüilo. Depois que eles partiram, Sally disse que seus pais haviam gostado de Max, a mãe achara que ele era um jovem simpático e responsável. Mas outra questão impressionou Max ainda mais do que a opinião dos pais de Sally. Poucos dias depois, ele tornou a contratar a carruagem de Shecky Blum para levá-lo à estrada de Flatbush. Na visita anterior, ele vira um estábulo com um cartaz de **À VENDA**. Ficava na área comercial principal, em meio a diversas lojas de varejo, lembrança de uma época, não

muito anterior, em que toda a região fora agrícola. Max examinou meticulosamente a construção, verificou a solidez das vigas, mediu todos os lados e concluiu que, com uma limpeza, pintura e alguns reparos modestos, poderia colocar ali 400 cadeiras dobráveis. Flatbush não era o Lower East Side. Ali, os ingressos custariam 10 cents para os adultos e cinco cents para as crianças. Mesmo que não lotasse, Max calculou que poderia arrecadar 150 dólares por dia durante a semana, talvez 250 nos fins de semana. Passou a maior parte do dia negociando com um certo Sr. Hixby, da Hixby & Collins, corretores imobiliários de New Brooklyn. Finalmente, assinou um contrato. Assumiu uma hipoteca existente de 1.300 dólares e efetuou um pagamento em dinheiro de 350 dólares. Foi assim que surgiu o Britsky's Flatbush.

A casa de Flatbush foi um sucesso quase desde o início, mas consumiu as reservas em dinheiro de Max. Depois, quando ele já dispunha de recursos suficientes para saldar a dívida, Sam Snyder descobriu uma pequena companhia da Filadélfia que estava produzindo filmes de 10 minutos. Escolhiam um assunto, como trens, e mostravam uma variedade de trens em movimento, em diversos ângulos, avançando na direção da câmera, afastando-se da câmera, atravessando uma ponte, sendo reparados nas oficinas. Se o tema era o jardim zoológico, filmavam diversos animais. Ou fixavam-se num ponto determinado de uma cidade e filmavam tudo o que ali acontecia. Max foi se encontrar com Sam na Filadélfia e assinou uma opção por toda a coleção de 17 filmes, com um direito de exclusividade em princípio por todos os filmes adicionais que a companhia tencionasse produzir. Apesar de poder programar os filmes para exibição em três teatros, misturando-os em diversas combinações, a fome de filmes de Max nunca podia ser saciada.

Em junho foi encontrado um quarto lugar, perto da Tompkins Square. Assim, foi somente em outubro que Max pôde preencher um cheque de mil dólares e apresentá-lo a Sally. Levou-a para jantar naquela noite, usando um smoking que alugara na Wormser's, uma loja que se especializava em roupas para casamentos, na Orchard Street. Comprou um buquê de flores rosa e violetas. Sally usou um vestido malva de crepe da China, os cabelos empilhados no alto da cabeça, um toque de ruge nas faces e lábios. Como ainda não possuía savoir-faire para investir contra o Delmonico's, Max mesmo assim conseguiu reservar uma mesa na Holland House, na Quinta Avenida, para onde seguiram num cabriolé de aluguel. Max pediu champanha e filé como o prato principal. Entregou o cheque de mil dólares a Sally pouco antes da sobremesa, pedindo-a em casamento ao mesmo tempo.

— Max, querido, você é o homem mais doce e maravilhoso do mundo.

— Não quero ser maravilhoso. Quero apenas ser seu marido.

— Falaremos a respeito em outra ocasião.

— O momento é agora.

— Max, a noite está adorável — disse Sally, gentilmente. — Acho que é uma das mais agradáveis da minha vida. Por favor, não vamos estragá-la com uma discussão.

— Basta você dizer sim e não haverá qualquer discussão.

— Não esta noite. Por favor, Max.

Magoado, aturdido, ele passou o resto da noite quase sem falar. Na porta do seu quarto, Sally disse:

— Por favor, Max, não fique zangado. Quer me dar um beijo de boa-noite?

— Para quê?

— Max...

— Boa noite! — resmungou ele, virando-se e descendo a escada.

CAPÍTULO CINCO

1902

Max aos 23 anos

Sally começou a chorar.

— Chorar não ajuda — disse o pai. — O que estamos fazendo aqui? Somos seus inimigos? Ou somos duas pessoas que a amamos mais do que quaisquer outras no mundo?

— Mais do que isso — disse a mãe. — Mais do que isso, querida.

— Mas não sei se estou apaixonada por ele — sussurrou Sally. — Nem mesmo sei se gosto muito dele.

— O amor! Aí vem o amor de novo...

— Sally, minha querida — disse a Sra. Levine —, na velha terra os casamentos eram acertados com os pais, não com as crianças. Quem falava em amor? Mas posso lhe garantir uma coisa: a maioria daqueles casamentos deu mais certo do que os seus casamentos por amor aqui na América.

— Há cinco anos que está saindo com ele e agora, de repente, chega à conclusão de que não o ama — comentou o Sr. Levine.

— Vocês não compreendem — disse Sally, chorosa. — Max é uma companhia das mais divertidas... isto é, durante a maior parte do tempo... mas eu nunca tive certeza se o amava. E às vezes o odiava, de tão grosseiro e vulgar que ele pode ser.

— Deu-lhe mil dólares e não tinha certeza se o amava?

— Foi um empréstimo. Ele me pagou.

— Sally, sabe com quantos anos você está? — perguntou a Sra. Levine.

— Sei, sim — murmurou Sally, angustiada.

— Está com 27 anos...

— Ainda não completei 27.

— Mais dois meses e terá 27 anos — disse o pai. — Sabe o que é uma moça de 27 anos? Tenho de ser muito franco com você, minha querida. Uma moça de 27 anos já é uma solteirona... e não quero que isso aconteça com minha filha.

O choro de Sally tornou-se incontrolável. A mãe adiantou-se e abraçou-a,

murmurando para o marido:

— Veja só o que está fazendo com a criança!

— Ela não é mais uma criança.

— Você não tem coração.

— Claro que tenho um coração — disse o Sr. Levine. — Ficaria surpresa, Lillian, se soubesse o quanto eu tenho coração, o quanto existe para ser partido porque minha filha está virando uma solteirona.

— Mesmo que eu quisesse, não sei se ele casaria comigo — soluçou Sally. — Não o vejo há quase um mês.

— Você não sabe! — exclamou o Sr. Levine. — Somente o melhor tipo de moça judia do mundo... Diga-me...

Ele estava agora gritando e a esposa suplicou:

— Não grite, por favor.

— Está bem. — A voz dele baixou para um sussurro. — Apenas me diga onde ele vai encontrar outra moça como você, de uma boa família, que herdará todos os bens de sua mãe e seu pai, com um emprego de professora?

— Ela já estaria casada se não fosse pelo emprego de professora — interveio a Sra. Levine, incapaz de se controlar.

— Não posso obrigá-lo a casar comigo.

— Pode chamá-lo pelo telefone. Pode dizer a ele que quer conversar.

— E pedir a ele para casar comigo? Papai!

— Não imediatamente. Você começa por se encontrar mais com ele e o encoraja. Tenho certeza de que ele vai pedi-la em casamento, porque já sei que o coração dele se consome por você.

— Não sei disso. Por que ele estaria consumindo seu coração por mim? Eu corrijo a sua maneira de falar, digo como é vulgar...

— Por quê?

— Porque ele é, papai! Pode acreditar. Está me pedindo para acreditar em você, pois deve também acreditar em mim. Se ele me pedir em casamento e eu disser que sim, estarei então renunciando a toda esperança. Morrerei. Isso mesmo. Se é isso o que querem que eu faça, então morrerei.

— Você não vai morrer — disse o Sr. Levine, impaciente. — Que espécie de conversa é essa de que vai morrer? Por que deveria morrer? Há anos que vem se encontrando com ele. E me disse que gostava de sua companhia.

— Isso não significa que queira me casar com ele.

— Não? Sabe o que eu penso? Acho que você é muito mimada. E vou lhe dizer outra coisa. Quer partir meu coração, o coração de sua mãe? Pois então vire uma solteirona seca. Nada de filhos e netos...

A voz de Sally faltou-lhe. Ela soluçava como uma criança magoada.

— Deixe-a em paz! — gritou a Sra. Levine. — Pelo amor de Deus, deixe-a em paz! Ela vai fazer o que a gente mandar. É uma boa moça.

O escritório de Max ficava no Hobart Building, no lado sul da Rua 14, entre as avenidas Quinta e Sexta. Era um dos novos prédios de escritórios projetados pelo jovem e ousado arquiteto Bradford Lee Gilbert, construído no que era chamado de princípio da gaiola de aço. Tinha 10 andares e era servido por elevadores hidráulicos, cada um subindo por um poço de aço, que mergulhava no chão tanto quanto a altura do prédio. Os elevadores foram um dos motivos pelos quais Max alugara o escritório ali. Lera um folheto sobre o funcionamento dos elevadores hidráulicos e ficara tão fascinado que não podia deixar de ter escritório naquele prédio. Suas salas ficavam no oitavo andar. Bert Bellamy subiu no elevador até o oitavo andar, saiu, virou à esquerda no corredor e deparou com uma porta de vidro grande, na qual estava escrito, em letras douradas: **CIRCUITO DE TEATRO BRITSKY.**

— Essa não! — murmurou Bert. — É incrível demais para se acreditar.

O prédio impressionara-o. Os elevadores idem. Mas o letreiro dourado impressionou-o acima de tudo. Havia alguma coisa em letreiros dourados que nada mais podia igualar.

Bert e Max se haviam separado sem rancor. Por um ano depois, ainda se encontravam ocasionalmente, mas depois se passaram dois anos sem que houvesse qualquer contato entre ambos. Três dias antes, Bert encontrara uma mensagem à espera no camarim. Era um telegrama da Western Union, pedindo-lhe que fosse aos escritórios de Max Britsky no Hobart Building. Não escritório, mas o plural, escritórios. Compreensivelmente, Max poderia ter um escritório. Mas escritórios indicava outra coisa.

Lá dentro, Bert defrontou-se com uma moça bonita e gorducha, de olhos castanhos bem grandes, uma pilha maciça de cabelos castanhos e batom demais nos lábios. Estava sentada a uma mesa de recepção, sobre a qual se encontrava uma das novas máquinas de escrever Underwood, que eram a grande sensação na comunidade dos negócios. Na verdade, na semana anterior, Bert criara um novo *shtick*, baseado na complexidade de uma máquina de escrever. Juntamente com a moça e a mesa, havia duas cadeiras na sala de recepção, uma mesinha baixa, com diversos exemplares do *Saturday Evening Post*. Havia no chão um tapete de palha. Havia também uma planta num vaso no canto da sala.

A moça por trás da mesa observou astutamente, presenteou-o com um de seus sorrisos mais simpáticos, adivinhando que se tratava do Sr. Bellamy.

— Isso mesmo.

— O Sr. Britsky está à sua espera. Pode entrar. Por aquela porta.

Na porta estava escrito "Privativo". Bert hesitou e a moça exortou-o:

— Entre, entre.

Bert entrou. Era uma sala de canto, com duas janelas, uma escrivaninha, por trás da qual Max sentava, duas cadeiras estofadas em couro, tapete no chão, cartazes com cenas de filmes nas paredes. Max, tão magro e juvenil quanto antes, levantou-se de um pulo ao ver Bert, contornou a mesa e apertou-lhe a mão efusivamente. Bert fitou-o, aturdido, depois correu os olhos pela sala.

— Pode se regalar — disse Max.

— Não acredito.

— Às vezes eu também não acredito.

Uma porta num lado da sala se abriu e um jovem baixo, corpulento, de rosto redondo, apareceu e disse:

— Sr. Britsky, estou com todo o material sobre aquela questão de violação da ordem pública... quando quiser dar uma olhada.

— Mais tarde, Freddy, mais tarde. Este é meu velho amigo, Bert Bellamy. — E, para Bert, ele acrescentou: — Quero apresentá-lo a Freddy Feldman. Freddy é meu advogado.

Freddy e Bert trocaram um aperto de mão. Depois, Freddy pediu licença e retirou-se. Bert olhou para Max com uma expressão atônita e não conseguiu se conter:

— Que história é essa de seu advogado?

— Ele trabalha para mim em tempo integral. Aquela é sua sala, ao lado da minha.

— Desde quando?

— Desde que ele terminou seus estudos no escritório de advocacia de Meyer Sonberg. Freddy é do quarteirão, da Henry Street. Crescemos juntos. Só que Freddy é esperto e continuou na escola, enquanto eu vagabundeava com você no *penny arcade*. Está pensando que eu não preciso de um advogado?

— Isso nunca me ocorreu.

— Pense um pouco, companheiro. Tenho 17 cinemas. Acha que posso me manter a par de tudo o que está acontecendo? Não há a menor possibilidade. Por isso tenho Freddy e também Jake Stein, meu contador. Freddy vigia Jake, para não deixá-lo me roubar. E também me mantém fora da cadeia, porque sempre se está violando 50 leis, em um momento ou outro, quando se possui casas de diversão pública, como é o meu caso.

— É um verdadeiro milagre — murmurou Bert, balançando a cabeça. — Não sei como você conseguiu, mas o fato é que conseguiu. Eu sou o *schmuck*, Max. Nunca se esqueça disso. Você me chamou e eu disse não.

— Somos amigos, Bert. Começamos juntos, quando éramos apenas garotos...

— Não estou procurando por compaixão! — interrompeu-o Bert, furioso. — Já disse que sou um *schmuck*, mas não estou procurando por esmola!

— Quem disse que estava?

— Você sabe que fui despedido.

— Ouvi dizer.

— Pois não vou morrer de fome. O Bijou não é o único *music hall* do mundo. Tenho um encontro marcado na próxima semana com Carruthers, que é o número um com a turma de Keith.

— Ele é um imbecil. E que tudo isso se dane! Sabe por que o Bijou fechou?

— Foi vendido, não é mesmo?

— Exatamente... e para mim, companheiro, se quer saber. Para o seu amigo Max Britsky. Eu o comprei.

— Você?! E nos despediu?

— Acalme-se. Ninguém está despedido. Os números foram suspensos. Guttman cai fora e tenho de arrumar um novo gerente. Mas vou lhe dizer uma coisa, Bert: os dias do *music hall* estão acabados. Vai existir uma coisa nova, um teatro com filmes, apresentando números nos intervalos. O primeiro na cidade de Nova York será o Bijou. Estou fazendo uma limpeza em regra, consertando aquelas velhas cadeiras, construindo uma cabine de projeção. Estou de olho em mais dois teatros, um no Brooklyn e outro na Segunda Avenida... teatros de verdade, não lojas adaptadas... mas isso tem de esperar, porque já estou ficando maluco de tentar fazer mil coisas ao mesmo tempo. Só que não vou ficar parado. Não vou estrear no Bijou com aqueles pedaços de filmes horríveis que tenho mostrado nas lojas. Edison está trabalhando em filmes que contam uma história. Ainda não vi nada, mas parece que é sensacional. E basta um filme desses para fazer um programa. O que acha de tudo isso? Vamos, diga-me.

— O que devo pensar? Você quer que eu puxe seu saco porque tem uma porra de uma máquina de fazer dinheiro e eu não tenho absolutamente nada?

— Você está mesmo furioso.

— Você me tirou o emprego! Quer que eu o beije por isso?

— Nada disso. — Max sentou-se por trás da mesa. — Pare de gritar comigo e escute.

— Estou escutando.

— Sente-se!

Bert arriou numa das cadeiras.

— Estou sentado, estou escutando.

Mas, por dentro, ele estava fervendo. Não pensando em Max, seu amigo de infância, seu parceiro em *shticks*, seu companheiro e confidente, mas pela primeira vez formando pensamentos amargos. Quem esse maldito judeu pensa que é? E quem ele pensa que eu sou... seu empregadinho, seu cachorrinho, para me chutar o rabo e depois me jogar um osso?

Max percebeu tudo no rosto de Bert, na contração dos lábios. E tratou de dizer:

— Muito bem, então você me odeia. Mas pode esquecer seu ódio por cinco minutos e prestar atenção?

— Já disse que estou escutando.

— Está certo. Antes do final deste ano terei três teatros... não lojas, mas teatros de verdade. E pode estar certo de que o Bijou não é o melhor dos três. Mas isso é apenas o começo. Estou lhe oferecendo um emprego... dirigir o Bijou e depois, quando eu comprar mais teatros, dirigi-los também. Isso significa que você terá de contratar os números, fazer as escalas de pagamento, programar os atos, arrumar bilheteiros honestos... terá de comandar todo o *shtick*. Estou mergulhado até o pescoço em abrir novas casas, tentar controlar a cadeia que já possuo, manter o dinheiro entrando e conseguir novos filmes. Sam Snyder cuida dos espetáculos nas lojas e da programação, mas também está sufocado de trabalho. É tudo o que tem agora, dirigir um empreendimento que arrecada pelo menos 10 mil dólares por semana em dinheiro vivo. E isso é apenas o começo. Está me entendendo, Bert? Apenas o começo!

— Max sorriu antes de continuar: — O Bijou não vai ser um poeira qualquer. O ingresso vai custar 25 cents, 15 cents para as crianças. Com os atos e o filme, teremos um espetáculo de 50 minutos, de 11 da manhã às 11 da noite, com um intervalo para esvaziar a casa. Pintarei por fora de branco e dourado, a casa terá a maior classe. E algum dia teremos uma centena de casas como o Bijou e até melhores, por toda a América. E quem está dirigindo tudo isso... eu, Sammy Snyder e Freddy Feldman. Preciso de você. Pagarei o dobro do que ganhava no Bijou e o aumentarei em 10 por cento cada vez que acrescentarmos um teatro de verdade à cadeia. O cinema... vai ser a coisa mais espetacular do mundo, pode estar certo. E então... o que me diz?

— O que posso dizer? Estou completamente tonto.

— Entre para o clube. Estamos todos tontos. Mas saiba que não é fácil. Trabalhamos 18 horas por dia. Mas algum dia... O que me diz?

— Levante-se, Max.

Max levantou-se. Bert contornou a mesa e abraçou-o, não livre da raiva, mas diluindo-a com o sentimento de culpa.

— Pare com isso — disse Max. — Se quer ser amoroso, saia e dê uma

trepada. Eu o verei no Bijou, às nove da manhã.

— O que acha dele, Freddy? — disse Feldman.

— Só dei uma olhada rápida nele.

— Mas me dê sua impressão.

— Um homem bem-apessoado. Ele não é judeu, não é mesmo?

— Vou lhe contar uma coisa, Freddy. Ao norte da Rivington Street, o mundo deixa de ser judeu. É sempre uma surpresa para mim quando penso a respeito, mas é um fato.

— Tem razão, Sr. Britsky.

— Mais uma coisa, Freddy.

— O que é?

— Quando Bert começar a trabalhar para mim...

— Contratou?

— Claro. Bert é quase tão esperto quanto eu. Começamos juntos quando éramos garotos. Devo alguma coisa a Bert e sempre pago quando estou devendo. É um princípio meu. Talvez você pense que não tenho princípios, Freddy. Confesso que não tenho muitos, mas ainda me restam dois ou três. Mas o que eu ia dizer é que Bert, quando começar a trabalhar para mim, vai me chamar de Max. E eu o chamarei de Bert. Portanto, é melhor parar com essa história de Sr. Britsky. Daqui por diante passe a me chamar de Max.

— Está bem, Sr. Britsky.

— Max.

— Max.

Sally era um tumulto de sentimentos conflitantes — confusão, medo, excitamento, aversão a si mesma —, tudo se combinando com uma estranha espécie de expectativa. Seu pai e mãe estavam corretos numa coisa: cada rapaz que ela conhecera na comunidade de Flatbush estava agora casado, ela não era mais considerada um bom partido nos termos estruturados pela rígida comunidade judaica em que vivia. Se tinha 26 ou 27 anos não fazia muita diferença; já era uma solteirona, uma entre muitas professoras que não casavam. Falava como elas, reproduzia seus maneirismos, assumia as suas posições em muitas coisas; e nessa parte de seu ser, sempre rejeitara a idéia de casar com Max. Também rejeitara Max por diversas vezes, uma rejeição que ele se recusara a aceitar inicialmente. Por outro lado, ela jamais conhecera alguém que pudesse comparar a Max. Ele era excitante, qualquer noite em sua companhia prometia

uma surpresa. Max estava sempre exuberante. Em comparação com ele, todos os outros homens que já conhecera eram insípidos, enfadonhos, apenas meio vivos.

As rejeições de Sally e a recusa de Max em aceitá-las se tornaram um padrão no relacionamento entre os dois... até que, finalmente, Max se cansara. Dois anos antes, ela parecia prestes a aceitar Max e tornar-se sua esposa. Mas depois recuara, devagar, mas firmemente. E agora não via nem tinha notícias de Max há mais de um mês. Resolveu então tomar a iniciativa, telefonou para ele e convidou-o a ir a seu quarto, para um jantar de "rescaldo". A moda do rescaldo varria Nova York na ocasião. Milhares de rapazes e moças chegavam à cidade, procedentes de todos os Estados da União. A maioria só encontrava lugar para viver em casas que ofereciam quartos mobiliados, sem o uso da cozinha. A invenção de um prato de barro, com uma estrutura de metal, que se podia pôr sobre um fogareiro de álcool, teve a maior acolhida. Os jornais apresentavam inúmeras receitas que podiam ser feitas em pratos de rescaldo. Sally escolhera um coelho à moda galesa, acompanhado por uma garrafa de excelente vinho francês. Também comprara uma pequena pedra de gelo, que lascou em pedaços para encher o esfriador de vinho. Isso e mais velas, uma toalha de mesa rendada que a mãe lhe dera e doces franceses para rematar a refeição constituíam a base do plano de Sally para capturar Max.

Era o motivo para os seus sentimentos tumultuados de medo, excitamento e expectativa. De alguma forma, naquela noite, manobraria Max a pedi-la em casamento e desta vez ela aceitaria. Não era uma professora branca e protestante, como suas colegas; solteira, não tinha lugar no mundo. E se tinha de casar, por que não com Max? Ele já era relativamente rico, um homem excitante, inteligente e bastante atraente. O que mais ela esperava? Seus sonhos românticos? Estava velha demais para ter sonhos românticos.

Mais tarde naquela noite, de barriga cheia de queijo derretido, pão torrado, vinho e doces franceses, Max disse:

— Meu sonho era o de algum dia nos casarmos. Mas o tipo de jogo que você fazia comigo...

Ele sacudiu a cabeça.

— Acha que era um jogo?

— O que mais podia ser? Num dia você gostava de mim, talvez me amasse, no outro era não, não, Max, sinto muito, não posso ver você amanhã, tenho de passar sozinha as próximas semanas, tenho de pensar por mim mesma...

— Oh, não! — exclamou Sally. — Foi essa a impressão que dei?

— Mais ou menos. Está sempre fazendo um inventário de si mesma, como se fosse alguma espécie de mercearia.

— E é assim que pensa de mim... como uma mercearia?

— Não foi o que eu quis dizer. Você sempre distorce minhas palavras.

— Espere um pouco, Max. Você já me pediu em casamento diretamente alguma vez?

— Talvez umas 50 vezes. Quer que eu peça de novo? Ei, Sally, vamos casar? Estou com 23 anos, o que significa que já sou meio crescidinho. Ganho 400 dólares por semana com a minha companhia, tenho o meu próprio carro, pronto para me servir oito horas por dia.

— É assim que você pede uma moça em casamento?

— Que diferença faz? Você não queria casar comigo quando eu não tinha um penico para mijar. ..

— É por isso! — gritou Sally. — Você pensa que é muito duro e esperto... um penico para mijar! Alguma coisa tem importância para você? Não tem padrões de polidez ou decência? Não pode aprender coisa alguma? Convido-o a vir aqui, faço tudo para que a noite seja tão agradável e apropriada quanto possível, mas você aparece e fala com uma linguagem que nem um estivador usaria...

— Desculpe, Sally...

— ...e estraga tudo.

Sally desatou a chorar, consciente de que estragara tudo irremediavelmente, pronta para correr até outro cômodo, batendo a porta. Só que não havia outro cômodo. Ali era tudo, aquele único quarto, que de repente se tornava sufocantemente pequeno e insuportável.

Max levantou-se e foi abraçá-la.

— Sally, Sally querida, não chore, por favor. Tem toda razão. Perdoe-me, por favor. Posso compreender por que não quer casar comigo.

— Mas eu quero! — soluçou ela.

— Você o quê?

Max deu um passo para trás, virando-a para fitá-lo.

— Não me olhe. Fico horrível quando choro.

— O que disse antes?

— Eu disse... — Sally respirou fundo. — Eu disse que quero casar com você.

— Foi isso mesmo o que disse?

— Foi, sim, Max... foi o que eu disse.

Max entrou na delegacia dizendo a si mesmo: Odeio estes lugares. Tenho encrencas cada vez que ponho os pés num. Desde que era garoto que venho pagando a essa gente. Não é uma delegacia de polícia, mas um banco.

O Sargento Carney, sentado por trás da mesa, acenou-lhe com a cabeça, o rosto comprido e triste.

— O que é agora? — perguntou Max.

— Seu irmão Benny.

— Então é aqui que ele está. Minha mãe vem arrancando os cabelos e é aqui que ele está. Prenderam o garoto?

— Isso mesmo, Sr. Britsky.

— Ele tem 13 anos — protestou Max, indignado.

— É melhor ir conversar com o Capitão Clancy.

— Mas ele está bem?

— Seu irmão? O sacana está com a cara cheia.

— Ah...

Max subiu a escada para a sala de Clancy. Com 110 quilos, uma mistura equilibrada de gordura e músculos por baixo de uma cara vermelha e cabelos ralos, estava sentado atrás de uma mesa atravancada. Terminava de comer um sanduíche e tomava cerveja.

— Ah, Max, meu coração chora por você. Mata-se de trabalhar por sua família e a única coisa que o pequeno filho da puta sabe fazer é entrar em cana.

— O que ele fez?

— Não o que ele fez, Max. O pobre coitado foi atraído. Os gêmeos Slunsky arrombaram a casa de peles do Cohen, lá na Division Street. Mas já pegaram os dois. Esses Slunsky não são fáceis.

— Mas onde Benny entra nisso?

— Deram um dólar a ele para ser vigia. E quando os guardas Delaney e Coogan se aproximaram, lá estava o seu irmão a assoviar e gritar. E por isso o agarramos junto com os Slunsky. O que vou fazer agora com o pequeno filho da puta?

— Deixe que eu cuido dele — disse Max. — Vai passar uma semana comendo de pé.

— Mas acontece que nós o pegamos no momento em que cometia um crime, Max.

Max meteu a mão no bolso e tirou um rolo de notas.

— Aqui tem 350 dólares...

O rosto rosado de Clancy permaneceu triste e impassível.

— ...e mais 150 amanhã. Clancy sorriu.

— Claro, Max. Pode levar o pequeno filho da puta para casa e ensinar a ele o que é a lei.

Trouxeram Benny para o lugar em que Max esperava. O rosto sujo de Benny estava riscado de lágrimas. Ao ver a expressão de Max, ele teria a maior

satisfação em voltar para a cela em que passara as últimas duas horas. Saindo da delegacia, ele balbuciou:

— O que vai fazer comigo? Vai me matar?

— Eu bem que gostaria, seu vagabundo ordinário.

— Não fiz nada, Max. Apenas me deram um dólar para ficar de vigia.

— Se não fosse pelo fato de que sua mãe assim saberia de tudo, eu esfolaria o seu rabo de tal maneira que passaria uma semana sem sentar. Mas o problema, seu cabeça de merda, é que tive de dar 500 dólares a Clancy, o que é provavelmente 500 vezes mais do que você vale, mesmo a varejo. Mas vai me pagar tudo, até o último cent. Daqui por diante, todos os dias, depois da escola, você vai trabalhar para mim. E quando tiver trabalhado os 500 dólares, talvez eu volte a falar com você.

Ele não podia ficar longe do Bijou. Uma coisa era alugar uma loja, enchê-la com cadeiras dobráveis e acrescentar uma cabine de projeção; outra muito diferente era ter um teatro inteiro. O New York *Times* prestou o tributo devido à iniciativa, com uma notícia que tinha o seguinte título: "Primeiro Teatro de Filmes Planejado por Max Britsky". Era a primeira vez que Max via seu nome em letra de fôrma. E sua exultação não foi arrefecida pelo que dizia a notícia mais adiante: "Os veteranos dos negócios teatrais não acreditam muito na possibilidade de um teatro sobreviver com filmes". Ele fora entrevistado por repórteres do *Times* e do Herald. Não, dissera ele, não tinha a intenção de mudar o nome. Em termos pessoais, o nome tinha uma importância nostálgica, pois já trabalhara no Bijou como artista. Com o Sr. Bellamy, ele apressou em acrescentar que estaria agora dirigindo o Bijou. O Sr. Bellamy permaneceu em segundo plano, observando, escutando, tentando relacionar aquele Max Britsky com o seu antigo parceiro. O teatro passaria a ser chamado de Britsky's Bijou. Max acrescentou que estava negociando outro teatro, o velho Garret, no Brooklyn. Havia necessidade de uma reforma ampla, mas isso seria feito e o teatro se chamaria Britsky's Orpheum. Eles sabiam que a palavra *orpheum* significava teatro e vinha da Grécia? E ali, no Britsky's Bijou, o primeiro filme a ser apresentado seria uma obra "nova e brilhante", intitulada *O Ladrão de Automóvel*.

Dois homens, Frank Stanford e Jack Calvin, haviam inaugurado uma locação em Plainfield, Nova Jersey, onde se produziam filmes. Stanford e Calvin não faziam os filmes diretamente; dirigiam uma agência de contratos da Filadélfia. Não se acreditava que o dinheiro para os filmes viesse deles. Todos estavam convencidos de que eram uma fachada para os interesses de Edison,

Eastman ou talvez da Bell Telephone Company. Sam Snyder, que vinha tratando com eles, não conseguiu determinar a fonte do apoio financeiro, mas ressaltou para Max:

— Isso também não importa. Eles estão fazendo a distribuição e nós temos de entrar nessa.

Max lhe disse que fosse em frente e assinasse um contrato de aluguel dos filmes.

Poucos dias antes da inauguração oficial do Bijou, Max passou o filme para si e algumas outras pessoas. A tela prateada, enorme em comparação com as telas dos cinemas em lojas, já era por si mesma uma visão emocionante. Max convidara Sally para se juntar a ele, Ruby, Sam Snyder, Bert Bellamy, Freddy Feldman e Isadore Lubel, o pianista, que agora também desempenhava as funções de diretor musical, não se limitando a tocar pessoalmente, mas também procurando pianistas constantemente para as casas que eram acrescentadas à cadeia. Como já assistira ao filme várias vezes, Sam Snyder cuidou da cabine de projeção. Max instalou-se e a seus convidados na primeira fila do balcão, concluindo que era o melhor ângulo para se assistir ao filme.

O filme tinha 14 minutos de duração e teria de ser projetado com outros menores para se ajustar ao plano de Max. O filme começava com um cartão emoldurado que dizia: **MAX BRITSKY APRESENTA.** Depois, vinham os créditos para os três homens envolvidos na produção. Não havia créditos para os atores, cenário ou qualquer parte técnica, assim como não havia identificação das funções dos produtores. Na primeira cena, a câmera estava fixada numa rua e por cerca de meio minuto simplesmente filmava o movimento. A princípio, o movimento era constituído apenas por cabriolés, carruagens, carroças. Depois, aparecia um automóvel. Era reconhecível como um dos Oldsmobiles de Ransom Eli; mas ao invés de ser aberto, tinha uma capota, a barra de direção era substituída por uma roda. Um homem e uma mulher, ambos cobertos por imensos guarda-pós, estavam sentados no carro, que foi parar junto ao meio-fio. O homem saltou e fez uma pantomima exagerada de polidez para ajudar a mulher a desembarcar. Dois garotos de cara suja e esfarrapados apareceram e começaram a examinar o carro, tocando-o aqui e ali. Era evidente que nunca tinham visto um automóvel antes e estavam atraídos por sua presença. A curiosidade dos garotos irritou o motorista, que afugentou-os e perseguiu-os pela rua. A câmera virou para acompanhar o motorista e os garotos a correrem.

Depois, a câmera voltou à mulher, que ainda estava parada na frente do carro. Ela retorcia as mãos e balançava de um lado para outro, o que obviamente visava a indicar alguma espécie de reação emocional, que não estava definida em relação a alguma coisa em particular, a não ser o fato de que seu

acompanhante se afastara em perseguição aos garotos. Depois de registrar as emoções dela por algum tempo, a câmera tornou a focalizar o motorista, que agora voltava. Virou-se em seguida para um guarda, que se aproximava da outra direção. Ele parou junto à mulher e houve uma conversa, com muitos acenos, gestos de apontar. O motorista chegou e a gesticulação continuou. O guarda finalmente abriu os braços e sacudiu a cabeça, como a indicar que não havia mais nada que pudesse fazer. A mulher resolveu então desmaiar e os dois homens se ajoelharam ao lado, para tentar reanimá-la. Quando recuperou os sentidos, ela e o motorista se afastaram numa direção, o guarda na outra, o automóvel permanecendo onde estava.

A câmera estava agora dentro de uma sala, duas superfícies pintadas formando um canto. Um homem sentava-se a uma mesa, tomando sopa. Os dois garotos estavam ao lado da mesa, falando e gesticulando. A princípio, o homem não prestou a menor atenção. Depois reagiu, levantando-se, pegando uma pequena valise e seguindo os garotos. A câmera voltou ao carro estacionado. Focalizou o carro simplesmente por cerca de 60 segundos, até que o homem e os garotos apareceram. O homem abriu a valise e tirou diversos instrumentos de assaltante. Sam Snyder gritou da cabine de projeção nesse instante:

— Max, os idiotas que fizeram este filme não sabiam que não se rouba um carro com ferramenta de assaltante. Ou então fizeram isso pelo efeito. A maioria desses Olds nem sequer tem uma chave de ignição. Pode-se simplesmente entrar e dar a partida, bastando saber guiar.

— Isso não importa! — gritou Max em resposta.

O roubo concluído, o ladrão e os dois garotos embarcaram no carro e se afastaram. O motorista apareceu neste momento, acenando com os braços, gritando, depois correndo atrás do carro. A mulher também apareceu e tornou a desmaiar. Parecia que desmaiar era a sua grande façanha e até Sally reagiu ao segundo desmaio com uma explosão de riso. O guarda também ressurgiu com mais acenos de braço e gritos silenciosos. E saiu correndo na direção do carro desaparecido. O homem voltou e reanimou a mulher. Os dois se abraçaram, aparentemente para alívio dele. Ficaram esperando na frente da câmera, até que o carro finalmente surgiu, o guarda guiando, o ladrão ao seu lado, algemado. Houve muitos gestos de alegria e parabéns do dono do carro.

Depois da apresentação do filme, todos os sete espectadores foram para o Café Coronet, na Segunda Avenida. O Coronet era o ponto de encontro regular, depois do teatro, dos atores que falavam iídiche, assim como dos escritores e intelectuais. Considerando-se um homem de teatro, Max passara a freqüentar o lugar. Gostava do ambiente, que era muito parecido com o de um café europeu, conforme lhe haviam informado; gostava do clamor das conversas e sentia-se

satisfeito, talvez porque tivesse tão pouca instrução, por estar presente num lugar onde o intelecto merecia tanto apreço. Desde a infância que o iídiche fora a sua segunda língua e era o meio de comunicação normal com a mãe. Mas sempre o encarara com desprezo e aversão, menos como uma língua e mais como um símbolo de opressão e miséria. No Café Coronet, no entanto, o iídiche era a primeira língua da maioria das mesas. Ali, subitamente, Max tinha a sensação maravilhosa de ter uma segunda língua sob seu domínio.

Naquela noite, Eli, o proprietário, sentou-os numa mesa redonda, bastante grande para caber a todos confortavelmente. Deu os parabéns a Max pela iminente inauguração do Bijou e cumprimentou Sally com evidente satisfação, pois fazia alguns meses que não a via. Sally manteve-se perceptivelmente em silêncio durante a discussão sobre o filme a que haviam acabado de assistir. Max observou-a, esperando. Depois que todos pediram comida, Max disse a ela:

— Você não gostou do filme. Dá para se perceber.

— Não é que eu não tenha gostado...

— Por que não dá logo a sua opinião, para variar, e diz que é uma porcaria?

— Não é uma porcaria — interveio Sam Snyder. — Por que então não dá a ela a oportunidade de dizer o que pensa?

— Está nervoso demais com isso, Max — comentou Freddy Feldman. — O que dissermos a respeito do filme não vai alterar a reação da audiência.

— Aonde está querendo chegar?

Foi Sally quem respondeu:

— Acho que terá uma boa reação da audiência, não importa o que eu ou qualquer outra pessoa pense. Creio que é isso o que Freddy quis dizer. Não importa o que qualquer um diga, é um grande avanço sobre os filmes pequenos que temos apresentado até agora.

— E o *Grande Assalto do Trem* que estão fazendo será melhor ainda — garantiu Snyder.

— Se é assim — disse Max a Sally —, por que você está tão azeda?

— Não estou azeda. Apenas estive pensando no assunto. Isso não é permitido?

— Claro que é. Qual o problema?

— Se você vai se zangar comigo outra vez...

— Calma, Sally — disse Snyder. — Max está nervoso. O que é compreensível, pois temos muito dinheiro investido no Bijou.

— O que estou dizendo não tem nada a ver com o que acontecerá no Bijou. A minha impressão é que o filme a que assistimos esta noite não é o produto de qualquer inteligência ou talento real. —Sally fez uma pausa, virando-

se para Snyder e acrescentando: — Não estou me referindo ao operador da câmera, Sam, ou a qualquer dos outros técnicos. Eles parecem saber o que estão fazendo. Falo do homem que teve a idéia. Ele parece não ter a menor noção do que estava fazendo. Tentou contar uma história ou apresentar um drama? Será que já viu uma peça de teatro ou leu algum livro? E quem disse aos atores como deveriam representar? Comportaram-se como dementes, sacudindo os braços freneticamente e fazendo caretas. — A voz se tornou murcha quando ela arrematou: — Não tencionava ser tão crítica, mas você pediu a minha opinião.

— Quer saber quem teve a idéia para o filme, Sally? — disse Snyder. — Pois devo lhe responder que provavelmente não foi ninguém. Já vi como trabalham em Rochester, no estúdio de Edison e também na Filadélfia. Nem mesmo escrevem alguma coisa. Alguém simplesmente apresenta uma sugestão. E, na maioria dos casos, nem sequer usam atores. Sendo assim, como se pode esperar que representem?

— Quer dizer que nem mesmo tentam contar uma história? — perguntou Feldman.

— Exatamente. Tenho ouvido muita gente falar a respeito. Há até um sujeito que diz que vai apresentar as peças de Shakespeare em filme. Mas isso é absolutamente impossível, pois não se pode contar uma história sem palavras...

— O que nos leva a outro ponto — interveio Max. — Não tivemos piano esta noite.

— Tem toda razão — disse Lubel. — Absoluta.

— Não deveríamos ter passado o filme sem o piano.

— Tem toda razão — repetiu Lubel. — Nos trechos longos em que a gente fica esperando que alguma coisa aconteça... pode-se entrar com um tema da abertura de Guilherme Tell ou mesmo com alguns acordes de *Anitra's Dance*. É possível então se livrar do nervosismo quando nada acontece. Portanto, não se pode julgar sem alguém ao piano para tocar alguma música.

— O problema é que ninguém sabe realmente o que fazer com os filmes — disse Snyder.

— Posso dizer o que se fazer com eles — declarou Max. — Apresentá-los e vender ingressos.

— Mas acho que estão tentando contar uma história melhor com o *Grande Assalto do Trem*. Pelo que estão falando agora, o importante é procurar coisas em que há movimento e ninguém fala. Foi provavelmente o motivo pelo qual fizeram *O Ladrão de Automóvel*.

Sally estava certa sobre a reação da audiência. O Bijou teve uma inauguração triunfal, ninguém reclamou da qualidade do filme. Ao contrário, o Herald, noticiando a inauguração (ainda não existia o crítico de cinema),

comentou que *O Ladrão de Automóvel* parecia ser um grande avanço na produção de filmes.

Não importava quanto dinheiro suas casas proporcionassem, Max estava sempre tão empenhado em expandir seu império que permanentemente tinha problemas de caixa. Desta vez, sob a orientação de Freddy Feldman, pôde negociar uma linha de crédito no valor de 50 mil dólares, com uma instituição do maior destaque, nada menos que o Chase Bank. Max entrou em seus imponentes escritórios, na Broadway, 177, não com o ar de um suplicante, mas com a confiança fácil de um conquistador. Mais tarde, ele disse a Sally:

— Foi um grande momento, mas eu não ficaria surpreso se sofresse um ataque do coração na hora.

— Ninguém tem ataques cardíacos aos 23 anos. Mas por que pensa nisso?

— Porque está sendo bom demais. Temos uma expressão para designar os judeus da parte alta da cidade. Nós os chamamos de *allrightniks*. Para eles, tudo dá certo. Para os judeus como a minha família, é apenas uma sucessão interminável de desastres. Como é possível então que tudo se ajuste nos lugares certos para mim?

Bert Bellamy colocou a coisa de uma maneira diferente:

— O que você tem de evitar, Max, é o dedo caprichoso de Deus. Sempre procura por pessoas como você.

Mas a linha de crédito do Chase Bank proporcionou a Max a oportunidade de realizar o que vinha planejando há algum tempo: comprar uma casa para a família Britsky. Como seu casamento estava marcado para junho, ele resolveu que poderia comprar duas casas logo de uma vez. A firma em que Freddy Feldman estudara Direito, Straus, Cohen e Meyer, um escritório eminente, especializado no setor imobiliário, tinha um cliente que estava construindo um conjunto de 12 casas na Rua 66, entre Central Park West e Columbus Avenue. As casas eram de madeira, com uma estrutura de tijolos e pedra, esta reservada para a fachada, um estilo que se tornava cada vez mais popular. Tinham aquecimento central, com metade da área do porão ocupada pela fornalha e *boiler*. A outra metade, nos fundos da casa, freqüentemente dando para um pequeno jardim, continha uma cozinha grande e uma despensa. O andar térreo era dividido em duas salas, uma sala de estar na frente e uma sala de jantar nos fundos, uma pequena varanda e um vestíbulo. Havia mais três andares, o segundo e o terceiro com dois quartos grandes e um pequeno, num total de seis. O último andar era composto por quatro quartos pequenos para os criados. Como o construtor enfrentava dificuldades financeiras, Max estava em condições de

comprar duas casas por um total de 22 mil dólares — um negócio excepcional, como Freddy Feldman lhe assegurou. Max tinha algumas reservas em pôr Sally tão perto de uma família que, para dizer o mínimo, era tão diferente da família dela. Além do mais, ela ainda não a conhecera como uma família. Mas ele achava também que a proximidade poderia oferecer algumas vantagens, embora no momento fosse incapaz de definir quais eram.

A perspectiva de possuir uma casa assim incutia-lhe medo e excitamento. É verdade que não se comparava às grandes mansões de pedra das ricas famílias de judeus alemães, mas mesmo assim era uma habitação muito além dos sonhos mais delirantes de um Max mais jovem. Quando reuniu toda a família na cozinha do apartamento de água fria, na Henry Street, a fim de apresentar o seu mais novo triunfo, ele esperava uma reação tão emocionada e satisfeita quanto a sua.

As três irmãs e os dois irmãos reagiram com a emoção e incredulidade apropriadas. Sarah, no entanto, acolheu a notícia com uma expressão desoladora.

— Não está satisfeita, mamãe? — indagou Max. — Precisa conhecer a casa. Tem um quarto tão grande quanto este maldito apartamento, sem percevejos e sem baratas... tudo novo, uma verdadeira mansão na cidade, como as casas dos judeus ricos.

— Não sou uma judia rica — murmurou Sarah, friamente.

— O que significa isso?

— Significa que estou feliz aqui.

— Mas aqui é a pior parte deste gueto nojento. É uma pocilga, uma pocilga imunda e fedorenta.

— Então é isso o que pensa de mim! Que estou vivendo numa pocilga.

— Não tem nada a ver com o que penso de você. Somos sete pessoas, apertadas aqui como sardinhas em lata. Detesto este apartamento.

— Passei a vida inteira aqui — disse Sarah. — Meus amigos estão aqui. Criei minha família aqui.

— Vai gostar da casa.

– Como sabe que vou gostar? O que gosto algum dia significou alguma coisa para você? Outros filhos se importam com sua mãe. Mas só vejo você alguns minutos pela manhã e mais nada.

— Daqui a um mês vamos mudar — declarou Max. — E ponto final.

Mais tarde, conversando com Sally, Max disse:

— Pode imaginar uma coisa dessas? Deixei minha mãe chorando. Compro uma mansão para ela, um lugar em que nunca sonhou morar, mas a sua reação é chorar por causa disso.

— Claro que posso imaginar, Max. Perguntou a ela?

— O que deveria perguntar? Desde que sou garoto que tomo conta dela.

Alimentei a família. Mantive todo mundo vivo. E pensa que recebi uma só palavra de agradecimento por isso?

— É justamente esse o problema, Max. Será que não pode compreender? Ela nada tem para dar a você e está lhe roubando o único papel que pode desempenhar, o de mãe.

— Mas como estou roubando minha mãe de qualquer coisa?

— Por que não a levou para conhecer a casa antes de comprar?

— Ela não saberia o que estava vendo.

— E eu saberia, Max? Por que não perguntou nada a mim? Eu gostaria ou não de viver ao lado de sua família? E como viajarei todos os dias entre a Rua 66 e a Clinton? Tenho medo de viajar no trem elevado todos os dias e também é uma longa caminhada até a estação. Além disso, não posso cuidar de uma casa de quatro andares.

— Oh, Deus... oh, Deus, estou apanhando por todos os lados. Tento fazer alguma coisa boa e é nisso que dá. Seja como for, você não vai continuar a trabalhar depois que a gente casar.

— Por que não?

— Porque não fica bem. Como eu poderia olhar alguém nos olhos? O que eu diria aos outros? Minha esposa trabalha. É isso o que eu diria? Não posso sustentar minha esposa. Ela precisa trabalhar.

— Já lhe ocorreu que uma mulher... até uma mulher cujo marido é um homem rico... pode querer trabalhar? Já lhe ocorreu que talvez sua mãe quisesse trabalhar? Mas você privou-a disso, não é mesmo? Tinha de ser tudo, mesmo aos 12 anos de idade. Ela não pôde sequer ser mãe.

— De que diabo está falando? — gritou Max.

Ele estava ficando nervoso. Sally pegou-lhe o braço e apertou.

— Max, querido, você pensa que quero humilhá-lo, mas não é isso o que acontece. É a última coisa do mundo que eu poderia querer. Mas passei a maior parte da minha vida aprendendo a ser uma professora. E acho que sou uma boa professora.

— Você pode me ensinar. Tem me ensinado. Quero que tenha filhos. Meus filhos. Pode ensinar a eles. Por toda a minha vida, Sally, sonhei em ter um lugar decente para viver, um lugar em que o corredor não fedesse a mijo e onde o lençol não estivesse todas as manhãs coberto de sangue de percevejos. Tenho agora uma casa assim. Não me faça ficar me sentindo horrível por causa disso.

— Está bem — concordou Sally. — Mas quero agora que me leve para conhecer sua mãe. Vamos casar daqui a um mês e nunca falei com ela.

— Por que ela não pode vir aqui? — perguntou Sarah. — Esta é a minha casa. Se ela quer me conhecer, então que venha até aqui.

Somente a menor parte das conversas de Max com a mãe passava por seus lábios; o resto era interior. Agora, ele estava pensando: Se tivesse parado alguma vez para pensar como este lugar realmente parece e cheira, com sete pessoas vivendo aqui, umas por cima das outras, com toda a sujeira e os percevejos, poderia compreender por que não quero que ela ponha os pés neste apartamento.

— Criei meus filhos aqui — acrescentou Sarah.

Não, disse Max, silenciosamente, eu os criei aqui. Em voz alta, ele disse:

— Reservei uma mesa no Café Coronet. É uma mesa redonda bem grande, todos poderemos sentar e comer um bom jantar. Ela poderá assim conhecer a família.

— Não como em restaurantes. São lugares de porcos.

— O Café Coronet é um restaurante kosher, mamãe — explicou Max, pacientemente. — O cozinheiro fará qualquer coisa que você quiser comer. Vai ser uma boa mudança para você, mamãe. E outra coisa, por favor: dei dinheiro a Freida, saia com ela e compre um vestido novo.

— Sente vergonha da maneira como eu me visto!

— Não tenho qualquer vergonha de você, mamãe. Só quero que pareça bonita.

Sally compreendia o temor de Max e sua determinação de que ela jamais pusesse os pés no apartamento da Henry Street. Ela trabalhara por anos numa escola no East Side, conhecia a Henry Street, assim como a Madison, Monroe, Alen, Orchard, Luldlow, Hester e todas as outras ruas apinhadas, imundas e malcheirosas, que constituíam o gueto. Havia ocasiões em que compreendia Max e seu coração se inflava de orgulho e compaixão por ele. Quem mais poderia ter feito o que ele fizera, assumindo uma família enorme aos 12 anos, criando-a e alimentando-a, mantendo-a unida por tantos anos? Por causa disso, estava ansiosa em conhecer a mãe dele, assim como o resto da família a que ainda não fora apresentada. Por outro lado, havia uma parte de Max que a repugnava, uma ferocidade de animal, que podia aflorar inesperadamente, um ímpeto quase insano, uma espécie de ignorância selvagem e orgulhosa. Nessas ocasiões, ela o odiava e temia; em outras, sentia pena dele. Mas nunca tinha certeza se o amava. A perspectiva de casamento tornava-se ainda mais ambivalente. E essa perspectiva poderia tê-la deixado completamente abalada se tivesse visto Max com sua secretária, no dia anterior ao jantar marcado no Café Coronet.

O nome da secretária era Etta Goodman e Max a contratara um ano e meio antes da data escolhida para seu casamento. A Srta. Goodman era uma datilógrafa, o nome usado para designar as mulheres com sua competência, antes

do termo mais eufemístico de "secretárias" ser criado para abranger todas as suas funções. Max não pudera deixar de comprar uma máquina de escrever, pois todos os tipos de máquinas sempre o encantavam. Precisava de alguém para operar a máquina e Freida recomendara Etta Goodman. Ela trabalhava então na Saxon Fabrics, como guarda-livros, a sete dólares por semana. Max lhe oferecera 10 dólares por semana, no instante em que ela informara que vinha tomando aulas de datilografia nas noites de terça e quinta-feira. A presteza de sua oferta não foi prejudicada pela aparência da jovem. Etta tinha 1,60 cm de altura, olhos escuros, cabelos ainda mais escuros, um jeito que fazia Max pensar num pêssego maduro, muito doce, no meio do verão, estofando a casca. Ela achou que Max era maravilhoso, uma opinião que Freida lhe incutira antes mesmo de conhecê-lo. A Srta. Goodman não era o tipo de mulher que se lamuriasse ou queixasse. Nem mesmo naquela tarde, antes do jantar programado no Café Coronet. Em vez disso, foi com algo de patético que ela comentou que Max nem mesmo comprara um sofá. O motivo para esse comentário foi que haviam acabado de fazer no chão o ato sexual. Max lembrou-lhe que não fora no chão, mas sobre um tapete grosso, todo de lã.

– Você é pesado — murmurou Etta, afastando a saia do rosto.

Max nunca lhe pedira para tirar as roupas além do calção, apesar das duas portas, para a sala de recepção e a sala de Fred Feldman, estarem trancadas. Mas era apenas em parte uma concessão à possibilidade de interrupção. A idéia de dois corpos nus, enlaçados num arrebatamento de paixão, ocorrera a Max como a satisfação de uma fantasia sexual, mas em seu mundo não era uma prática comum — nem mesmo uma prática incomum. O próprio Max tirava os sapatos e a calça em tais ocasiões, mas permanecia de camisa e também de cueca.

Ele alegou agora para Etta que pesava apenas 60 quilos. Mas ela insistiu:

— O que ainda é pesado. Você ficaria a tarde inteira em cima de mim, Max, se eu deixasse.

Max ficou de joelhos.

— E agora, boneca?

— Assim está melhor. Mas o chão ainda é o chão, Max. Você fica me dizendo que o tapete é grosso e de lã, mas isso não impede que seja o chão.

— A culpa é minha, boneca. Eu poderia trazer um lençol limpo e estender sobre o tapete...

— Não!

— Não?

— Não, não quero um lençol estendido sobre o tapete. Quero fazer numa cama. Ou mesmo num sofá. Um sofá seria melhor do que isto. Todas as vezes que fizemos, Max, foi no chão.

— É verdade — concordou Max, com uma cara de infeliz.

— E então?

— Não adianta prometer alguma coisa, porque esta é a última vez.

— Como assim?

— Não faremos mais isso, depois de hoje.

— Quer dizer que vai me despedir? Por quê? Não trabalho bem? Freddy diz que sou tão boa quanto o guarda-livros regular.

— Fique calma. Não vou despedi-la. Acha mesmo que eu mandaria você embora? Que tipo de patife pensa que eu sou? Deve pedir desculpas.

— Então é porque...

Os olhos de Etta se encheram de lágrimas de frustração.

— Porque eu vou casar.

— Com quem? Com aquela professorinha esquelética?

— Isso mesmo.

— Ah, é uma boa razão para a gente não fazer mais.

Max levantou-se e vestiu a calça.

— Para mim, é uma razão mais do que suficiente. Não sou um desses sujeitos que saem trepando por aí depois do casamento.

— Nunca fizemos numa cama, Max. Nem uma só vez!

Ela começou a chorar Max nunca a vira chorar antes.

— Vamos, pare com Isso, Deixei bem claro desde o começo qual era a situação entre nos. Alem do mais, para uma garota como você, é tudo um campo de caça, não é mesmo? Só aqui no escritório tem o Freddy e o Bert, nenhum dos dois é casado. Quer saber de uma coisa? Sally me esfolaria vivo, do jeito que estou falando. No fundo, o que estou querendo dizer é que Freddy e Bert não são casados.

— Quem se importa com o que Sally pensa? Além do mais, Freddy não sabe distinguir um lado do outro e só consegue pensar que posso engravidar. Bert está sempre no Bijou e não posso correr para lá só porque ele levanta um dedo.

Max teve de respirar fundo, por diversas vezes, antes de dizer:

— Não acredito nessas coisas que você disse.

— Por quê?

— Por quê?

— Você está *fodendo* com eles dois! Está *fodendo* com Freddy e *fodendo* com Bert!

— Por favor, Max, não use essa palavra. É uma palavra horrível.

— Durante todo o tempo!

— Não suporto essa palavra. Ela me deixa toda arrepiada.

— E não significa nada para você!

— Claro que significa. Gosto mais de você do que deles, Max. Você sabe disso.

— Nada mais de Max. Daqui por diante, vai me chamar de Sr. Britsky.

— Não tem importância que você case. Mas eu me divertir um pouco com Freddy e Bert é uma coisa terrível...

— Foder não é se divertir

— É, sim.

— É esse o seu problema Você é uma pessoa degradada.

— Não sou, não. Vai me despedir agora?

— Não, mas nossa intimidade acabou — declarou Max, muito rígido. — Daqui por diante, você me chama de Sr. Britsky e eu a trato de Srta. Goodman.

— Ah... — Ela levantou-se e fitou-o em silêncio por um longo tempo. Depois deu de ombros. — Muito bem, Sr. Britsky. Vai me convidar para o casamento?

— Claro que não.

— Por quê? Só porque está zangado comigo?

— Sugiro que volte a suas funções na sala de recepção, Srta. Goodman.

No Café Coronet, na noite seguinte, Sarah pôs um pouco de peixe gefüte na boca, mastigou com uma expressão pensativa e depois engoliu. O rosto permaneceu impassível.

— Sua mãe faz peixe *gefilte*? — ela perguntou a Sally.

— Às vezes, Sra. Britsky.

— O que significa às vezes? Ela não faz todas as noites de sexta-feira?

— Talvez faça. Mas não estou em casa todas as noites de sexta-feira.

— Não? E por que não?

— Mamãe, Sally vive em Nova York — explicou Max. — É uma longa viagem até o Brooklyn.

— Ela tem língua. Então deixe que responda diretamente. Quando se ama um pai ou mãe, então se faz qualquer viagem longa. E não se arruma desculpas Meu marido faleceu, que ele descanse em paz, deixando-me com seis filhos para criar.

Sarah mordeu outro pedaço de peixe, mastigando com um ar avaliador.

— Sua mãe põe açúcar no peixe *gefilte*?

— Não sei.

— Ela usa carpa?

— Não sei — murmurou Sally, apreensiva. — Nunca perguntei.

— E ela nunca mostrou a você?

— Não.

Todos olhavam para seus pratos, angustiados. Max fechou os olhos e fez um tremendo esforço para reprimir o ímpeto de raiva que ameaçava dominar-lhe a mente. E disse à mãe, em pensamento, somente em pensamento: Sua cadela gorda, estúpida e preguiçosa, há mais de cinco anos que não cozinha nada, nem sequer esquenta uma chaleira de água para o chá. Deixava Freida, Sheila e Esther fazerem toda a comida, limpar e arrumar o apartamento. Era por isso que vivíamos numa pocilga, porque elas eram pequenas e não sabiam fazer as coisas direito. Você sempre viveu do nosso trabalho e do nosso suor. Mas mesmo como um pensamento era atordoante. Uma parte da mente de Max o formulou, mas outra parte rejeitou-o com horror, uma terceira parte lhe disse que o falasse. Depois, seguindo a mesma linha de fantasia, ele viu a mãe gritando-lhe estridentemente, atraindo a atenção de todos no restaurante, murchando as almas de todos à mesa. Foi uma noite agradável, pelo menos no tocante ao tempo. Max e Sally atravessaram a cidade de volta ao quarto da moça. E, mais tarde, ele disse a Sally:

— De que adiantaria?

— Não sei — murmurou Sally.

Foi nesse momento que as lágrimas começaram.

— Não chore, por favor. Eu a amo. Não sou grande coisa, mas amo você. E não entendo por que decidiu casar comigo.

— Porque você é uma das melhores pessoas que já conheci!

Ela quase gritou as palavras e Max soltou uma risada cava.

— Pois deve saber que tipo de grande pessoa eu sou! Acha que sou uma grande pessoa se fiquei sentado naquela mesa e deixei que minha garota fosse insultada? Não tenho nada de grande pessoa.

— Conheci as crianças — disse Sally. — E não estou chorando pelo que sua mãe me disse. Estou chorando por tudo, porque não compreendo. Aquelas crianças são maravilhosas... e são suas, só existem por sua causa.

— Eles não têm nada de grandes. As meninas são ótimas, especialmente Esther, que tem apenas 15 anos e vai ser muito bonita. Mas Benny é um pequeno vagabundo, Ruby é um grande *schlemiel* e um *goniff*. — Ele fez uma pausa, enquanto Sally o fitava com uma expressão inquisitiva. — Ladrão, um patife ordinário. Parece horrível quando digo isso, mas é melhor você saber logo em que está se metendo. Tenho dois irmãos, Benny e Ruby. Eles roubariam as obturações dos meus dentes se pudessem enfiar a mão na minha boca. Tem razão, estou exagerando, mas quero que saiba que não fiz nada de sensacional. Mas tudo isso que vá para o diabo, pois não vou meter você numa casa ao lado

da minha mãe. Venderei aquela casa e arrumaremos outra.

— Não venda — disse Sally, firmemente. — Posso conviver com sua mãe. Exatamente como você, nunca pensei que pudesse viver num lugar tão bonito bem aqui na cidade. Darei um jeito.

— Então pare de chorar.

— Já parei.

Mas, lá no fundo, uma pequena chama de medo e ressentimento se acendeu, não se apagaria. Ela carecia da vontade de fugir, porque parecia não haver refúgio. Precisava casar; não dispunha de forças para suportar a peja de solteirona. Não havia alternativa para Max Britsky.

Duas semanas antes do casamento, o Britsky's Orpheum, o primeiro dos teatros em lojas que Max abrira, foi arrasado. O ataque ocorreu durante um espetáculo, desfechado por seis homens armados de machados. Quebraram as janelas externas, arrebentaram o guichê de venda de ingressos, de onde a bilheteira fugiu gritando, aterrorizaram os espectadores e os expulsaram, demoliram a cabine de projeção e o projetor, depois destruíram sistematicamente as cadeiras dobráveis, até que finalmente, entediados com tanta violência, resolveram ir embora. Passaram pelo menos 20 minutos no lugar. A bilheteira bem que correu para a delegacia de polícia, se esgoelando, mas nenhum guarda apareceu antes dos vândalos partirem.

Pouco depois, Max, Ruby e Bert apareceram. Max seguia na frente, com uma expressão sombria, circulando entre os destroços. Ele perguntou ao Guarda Kelly, agora no local, acompanhado pelo Guarda Murphy:

— Quem fez isso?

— Só Deus sabe — respondeu o Guarda Kelly. — Mas é melhor conversar com o capitão, Sr. Britsky. Quando começa uma coisa assim, é como um incêndio, não pára de sufocar.

— Acho que o Capitão Clancy falou sobre isso.

— É possível que ele tenha me sussurrado uma palavra no ouvido quando soube que seu velho amigo Max Britsky estava com problemas. Mandou até que Paddy e eu ficássemos de vigia aqui, a fim de evitar que roubem alguma coisa.

— Muito bem, façam isso e agradeçam a ele por mim.

Lá fora, na calçada, com Bert e Ruby, Max perguntou:

— O que acham?

— A turma de Monkey.

— Não resta a menor dúvida — concordou Bert. — Eles arrebentam tudo e depois Clancy cobra. Vai custar uma nota e tanto, Max.

— É possível, mas não ficarei de braços cruzados. Nenhum merda nojento como Monk Eastman vai destruir um estabelecimento meu e escapar impune.

— Não pode lutar contra ele, Max — disse Bert. — Monk é grande demais.

— Uma ova que não podemos, Bert. Temos lutado contra os grandes desde que aprendemos a andar.

— Pode nos custar caro. Ele tem uns 300 ou 400 vagabundos que pode recrutar. E o que nós temos?

— Não sei, não — murmurou Ruby, preocupado. — Ele controla o East Side.

— Vocês dois pensam muito e se preocupam demais. Deixem que eu pense e me preocupe. Não preciso de nenhum exército, apenas de meia dúzia de homens. Ruby, chame Shecky Blum e sua carruagem, depois procure três ou quatro dos vagabundos que são seus amigos. Diga a eles que estou pagando 50 dólares por uma noite de trabalho. E depois venha se encontrar comigo e com Bert, aqui mesmo, à meia-noite. Aproveite o tempo até lá para comprar também meia dúzia de bastões de beisebol.

— Eles não vão querer enfrentar Monk Eastman, Max.

— Por 50 dólares, eles estão dispostos a enfrentar qualquer coisa que respire. Mas não vamos brigar com ninguém.

– Então para que os bastões de beisebol?

– Para jogar beisebol, seu estúpido. E agora comece a fazer logo o que mandei.

Ruby sacudiu a cabeça, com um ar de infelicidade, trocou um olhar com Bert Bellamy. Não fazia muito sentido para os dois. Naquele tempo, Monk Eastman dominava o submundo de Nova York e também uma parte do "super-mundo", da St. Mark's Place e Rua 8, ao sul, até a Fulton Street, a leste da Lafayette Street. Seu quartel-general era um velho estábulo na Chrystie Street, com uma saída pelos fundos que dava na Bowery, bem no centro dos seus domínios. Dizia-se que, se houvesse necessidade, Monk podia levantar mais de mil "armas", que obedeceriam à sua liderança. Mas isso constituía um grande exagero. A maior parte dos seus seguidores era formada por vagabundos, bêbados e mendigos da pior espécie, que viviam em barracões e becos perto do cais. Em nenhuma de suas chamadas guerras de rua com outras quadrilhas, como a turma de Kelly, do West Side, houvera mais de 100 ou 150 de seus seguidores envolvidos. Mas isso e mais as legendas em torno de Monk Eastman eram suficientes para deixar Ruby e Bert profundamente perturbados. Ainda mais porque ninguém ignorava que Monk e o Capitão Thomas Clancy, da polícia de Nova York (muitas vezes descrita como a força policial mais corrupta do mundo

ocidental), trabalhavam de mãos dadas.

Monk Eastman contava com uma boa proteção. Controlava todo o jogo e prostituição em seu território, cobrava sua taxa de todos os jogos de faro, pôquer e dados, de cada dama das ruas, cafetão e madame. Também exigia pagamento da maioria dos comerciantes. Dividia os despojos semanais com os capitães das diversas delegacias em seu território. Era chamado de Monk, o Macaco, por causa de sua semelhança com a espécie. Tinha apenas 1,65 m de altura, mas era excepcionalmente musculoso, pesando mais de 90 quilos, o rosto uma mistura de nariz quebrado, dentes faltando, olhinhos de porco e orelhas disformes. Só tinha uma virtude, que era o amor pelos animais, e um único empreendimento legítimo, uma loja de bichos de estimação na Broome Street, com uma especialidade — mais do que isso, seu amor especial — que eram os peixes ornamentais.

Ali, quase todos os dias, podia-se encontrar Monk Eastman, admirando suas belezas tropicais; e foi ali, meia hora depois da meia-noite, que Max reuniu os seus vagabundos de 50 dólares, armados de bastões de beisebol.

— Podem começar — disse ele.

Todos sabiam que aquela loja silenciosa e trancada era província de Monk Eastman e por isso ninguém se mexeu. Shecky Blum disse:

— Ora, Max, esta é a loja de Monk. Você deve estar doido.

Max agarrou o bastão de Shecky e gritou:

— Afastem-se!

Com um golpe firme, ele arrebentou a tranca da porta. Depois, destruiu as duas vitrines e gritou para Shecky:

— Leve os seus homens para dentro. Não deve sobrar coisa alguma. Levará apenas dois minutos. E, depois, todos vão para casa, esqueçam que já estiveram aqui. E ninguém jamais saberá de nada.

Não foram necessários nem dois minutos para que o lugar fosse reduzido a escombros, com peixes de todas as cores estrebuchando no chão, cachorros assustados latindo, gatos persas miando. Shecky e seus companheiros voltaram para a carruagem e se afastaram a galope pela noite, toda a operação concluída antes que qualquer transeunte sequer começasse a perceber o que acontecera.

Max também se afastou, para o norte, na direção da Houston Street. Fumava apenas ocasionalmente, mas naquela noite pegou um charuto cubano da melhor qualidade, cortou a ponta e acendeu, aspirando com profunda satisfação. Estava fumando calmamente o charuto quando entrou na delegacia, para ser informado pelo Guarda Finnigan, na mesa do plantão:

— Sabe muito bem que é proibido fumar aqui, Sr. Britsky.

— É um charuto tão bom que deixarei que se apague tranqüilamente. Está

bom assim?

— O que veio fazer aqui a esta hora?

— Procuro o Capitão Clancy.

— Ele está em casa, dormindo.

— Ficarei esperando. Ele vai aparecer.

— Por que pensa assim?

— Apenas um pressentimento.

– Não posso imaginar um lugar pior para se passar o tempo. Mas se é essa a sua vontade, Sr. Britsky, esteja à vontade.

Max ficou sentado calmamente na saia de plantão, assistindo ao desfile de pequenos ladrões, bêbados, punguistas, perturbadores da ordem pública e prostitutas que haviam saído da linha ou da influência protetora de Monk – e depois o próprio Monk Eastman apareceu, acompanhado pelo Capitão Clancy. Monk exibia um brilho desvairado nos olhos, que se tornou ainda mais desvairado quando olhou ao redor e avistou Max.

— Então é aí que você está, seu filho da puta nojento! – berrou ele, saltando na direção de Max. — Vou abrir sua barriga e estrangular você com suas próprias tripas!

Ele mergulhou na direção do banco. Max escapuliu para o lado e depois correu para a mesa, onde o Sargento Finnigan observava os acontecimentos com um interesse objetivo. Monk foi atrás, desta vez sacando um revólver, que disparou duas vezes. Ambos os tiros erraram Max, cravando-se na mesa do Sargento Finnigan. A visão e o som do revólver, numa sala cheia de gente, levaram os guardas à ação. Agarraram Monk, enquanto o Sargento Finnigan pulava por cima da mesa e lhe arrancava o revólver da mão.

— Veja o que você fez — disse Clancy a Max —, promovendo tumulto e desordem numa delegacia de polícia.

Ele olhou para Monk, que se debatia violentamente nas mãos dos três guardas que o seguravam.

— Pode me dar uma boa razão para que eu não mande largá-lo e deixar que ele o faça em pedacinhos?

— Lá em cima — disse Max. — Na sua sala. Tenho muitas razões.

— Pois é melhor ter mesmo, rapaz, ou vai ser o judeu mais triste em toda a cidade de Nova York.

— Deixem eu pegar esse sujeito! — berrou Monk.

Clancy aproximou-se de Monk e disse:

— Cale essa boca, Monk. Devia saber que não se deve tentar assassinar alguém numa delegacia de polícia.

— Vou matar esse sujeito!

— Mais tarde, mais tarde... e não aqui. Não seria um tremendo escândalo se você o matasse aqui? O Sargento Finnigan vai metê-lo numa cela durante uma hora, para você esfriar um pouco. Ele também mandará buscar uma cerveja. E depois nós dois teremos uma conversinha.

Clancy subiu em seguida, com Max atrás. Em sua sala, Clancy bateu a porta, virou-se para Max e disse, furioso:

— Você é o filho da puta mais estúpido que já conheci, Max. Não sei o que deu na sua cabeça ao arrebentar a loja dos bichos de Monk. Ele adora aqueles peixes mais do que você e eu gostamos de uma carinha bonita. Se conseguisse encontrar uma sereia, Monk foderia com ela, esquecendo as suas putas nojentas. Você sabe que ele vai matá-lo e acho que fez por merecer.

— Ele não vai me matar.

— E posso perguntar por que não?

— Porque você não vai deixar.

— E por que eu haveria de impedi-lo, mesmo que pudesse?

— Ele respira, mija e caga porque você deixa. É o seu garoto, capitão. E juro por Deus que, no seu lugar, mandaria Monk de volta para a mãe. Ele cheira a estupidez.

— Está falando muito alto, garoto, e não tenho certeza se isso me agrada. Pode me explicar por que eu não deveria expulsar você daqui a pontapés e deixar que Monk o persiga pela rua?

— Muito bem, vou explicar o motivo. Simplesmente porque você será comissário de polícia.

— É mesmo? Você tem agora uma bola de cristal?

— Não.

— Mas é cheio de merda.

— Não é nada disso. Vou ser milionário e farei tudo o que puder para fazer de você o comissário de polícia, porque podemos trabalhar juntos.

Clancy sorriu friamente, olhando Max de alto a baixo, sem qualquer prazer.

— Qual é sua idade, Max?

— Tenho 23 anos.

— Não passa de um judeuzinho metido a besta e vai me fazer comissário de polícia.

— Sabe por que destruí aquela loja? — disse Max. — Não foi para me vingar de Monk. Quero mais que Monk se foda. Ele tem o cérebro de uma barata. Eu só queria reunir os dois aqui esta noite.

— E me arrancou da cama no meio da noite. — Clancy levantou-se, assomando por cima da mesa. — Não sei quem quebrou a sua loja, mas com

toda certeza foi você quem destruiu a de Monk. Eu podia metê-lo na cadeia por isso, se não estivesse assim privando Monk do prazer de surrá-lo até virar uma massa sangrenta e irreconhecível. E agora saia daqui!

— Monk resolveu me pressionar — disse Max, calmamente. — Uma casa destruída e depois, se eu não pagasse, uma segunda e uma terceira. Conheço o preço de Monk. Pago a ele 100 dólares por semana para me deixar operar e depois ele dá para você uns míseros 50 dólares...

— Saia daqui!

— ...uma ninharia. Estou disposto a pagar a você 500 dólares por semana e isso é apenas o começo.

Clancy estava contornando a mesa para impor fisicamente a ordem de expulsão. Parou de repente, olhando em silêncio para Max por um longo momento. Depois, acenou para uma cadeira.

— Sente-se.

Max sentou-se, um sorriso se insinuando em seus lábios. Clancy voltou à mesa, apoiando o queixo nas mãos e fitando Max com um novo interesse.

— Se está querendo me fazer de trouxa, garoto, não vou esperar que Monk acabe com você.

Max meteu a mão no bolso, tirou um rolo de notas e contou 10 de 50 dólares. Pôs o dinheiro na mesa.

— Isso é enganar alguém, Capitão Clancy?

— Todas as semanas? — Ele olhou fixamente para o dinheiro.

— Todas as semanas, até eu aumentar o pagamento. Daqui a um ano passará para 700.

Clancy estendeu a mão para o dinheiro, acariciou as notas.

— O que está comprando, Max? Não prometo o que não posso entregar.

— Muito bem, explicarei tudo. Quero que Monk Eastman deixe de me chatear. Quero que diga a ele para deixar minhas casas em paz ou vai botá-lo para fora dos negócios.

— E acha que posso fazer isso?

— Talvez em uma noite, capitão.

Clancy sorriu.

— Que mais?

— As notícias viajam depressa nesta cidade. Vaccarelli ouve o que Monk fez e começa a trabalhar para cima de mim no West Side. Quero que Vaccarelli compreenda que tem de me deixar em paz ou cairá fora dos negócios.

— Não é minha jurisdição.

— Sei que é território do Capitão O'Grady. Pague a O'Grady. Só quero lidar com você.

— Do meu dinheiro? — indagou Clancy, indignado.

— Claro que não. Darei o dinheiro para O'Grady. Mas dê um jeito de ficar abaixo de 200 dólares.

— Monk e Vacarelli podem não gostar... podem tornar-se umas feras.

— Vocês também podem. Vamos fechar o trato?

Clancy tirou uma garrafa e dois copos da gaveta da mesa. Serviu e entregou um dos copos a Max.

— Vamos beber, rapaz. Arrumei um judeu como sócio.

Max tomou o uísque, fez uma careta, limpou a boca.

— Vou me casar dentro de duas semanas.

— Meus parabéns.

— Estou convidando-o para o casamento.

Clancy acenou com a cabeça e tornou a encher os copos pequenos.

— E leve a patroa.

— Está certo.

— Conhece o Edil Sweeney?

— Tão bem quanto conheço a minha cara feia. — Clancy levantou o copo. — À nossa!

Max engoliu o uísque de centeio. Havia um velho ditado de que os judeus não eram capazes de beber. Que Clancy tomasse cuidado, pois ele poderia acompanhá-lo copo por copo.

— Quero que convide Sweeney e a patroa dele para o meu casamento.

— E por que ele haveria de ir? Sweeney é um homem importante na vida desta cidade. Que diferença pode fazer para ele que Max Britsky esteja se casando?

— Pode dizer a ele que vai partilhar uma mesa com o Sr. Charles F. Murphy.

— Como?

— Pensei ter falado bem claro, Capitão Clancy.

— Charlie Murphy?

— Isso mesmo.

Max falou friamente. Recostou-se e observou Clancy, que agora exibia sinais de nervosismo.

— Por que não disse logo que era amigo de Murphy? Por que toda essa confusão com Monk? Por que não falou antes?

— Limpo pessoalmente a minha casa. Não venho chorando pedir favores a ninguém. Pago para chegar até onde quero.

— Pode dar uma palavra favorável a Murphy? E não terá mais nenhum problema com Monk, Vaccarelli ou qualquer dos outros vagabundos sujos que

infestam esta linda cidade. É uma promessa.

Charles F. Murphy acabara de se tornar o chefe em Tammany Hall, o que o fazia o político mais poderoso de Nova York. Tomara o lugar de Dick Croker, um político arruaceiro, turbulento, de boca suja, finalmente liquidado por seus próprios pecados. Murphy, por outro lado, era um irlandês bem-apessoado, insinuante, que preferia a inteligência à força bruta, cujo sotaque suave podia ser cativante e sedutor. Apenas uma semana depois de o comitê executivo de Tammany ter derrubado Croker e eleito Murphy para o seu lugar, um jovem bem vestido aparecera no escritório de Max e informara que o Sr. Murphy gostaria de almoçar com o Sr. Britsky, no novo restaurante Delmonico's, na esquina da Rua 44 com a Quinta Avenida — na ocasião mais oportuna para o Sr. Britsky. Trêmulo, Max marcara uma data. Era a primeira vez que entrava no Delmonico's, mas estava armado com os conselhos de elegância de Bert e os conselhos financeiros de Fred Feldman.

— Sarja azul — disse Bert. — Nada mais serve. Sarja azul, sapatos pretos, camisa branca, gravata listrada. Basta parecer irritado e bem versado nas coisas, dar a impressão de que considera o garçom apenas um monte de merda.

— Parece que a porra do cardápio é em francês — murmurou Max.

— Que se foda o cardápio. Apenas diga ao garçom que vai querer um *entrecôte*... isso é francês para bife e salada. A carne primeiro, depois a salada. Vou escrever tudo. Deixe que Murphy peça o vinho. É coisa de classe pedir sem olhar para o cardápio. Se Murphy perguntar pela sobremesa, diga que vai querer a mesma coisa que ele.

Fred Feldman, por sua vez, disse:

— Tome todo cuidado, Max, como se estivesse andando sobre vidro. Dizem que Murphy quer uma fatia de tudo. Croker queria dominar a cidade, mas dizem que Murphy quer possuí-la. Estamos sentados numa mina de ouro e a notícia deve ter chegado aos ouvidos dele. Não há qualquer possibilidade de mantê-lo a distância, mas brigue como o diabo pelo quanto.

— Precisamos mesmo dar alguma coisa?

— Ou então nos mudamos para Filadélfia ou Boston.

Mas o cumprimento efusivo e o charme insinuante de Murphy, enquanto levava Max para uma mesa, pareciam contestar a advertência de Feldman. Ele se mostrou extremamente simpático com Max, as pessoas que o reconheciam e cumprimentavam enquanto os dois atravessavam o restaurante, o maître que o conhecia muito bem, os garçons e ajudantes.

— Você é apenas um rapaz — disse ele a Max. — Qual é sua idade?

— Tenho 23 anos.

— Pois essa é a melhor recomendação que um homem poderia ter. Eu próprio não era ninguém na sua idade, apenas um garoto pobre.

Pouco a pouco, ele foi extraindo a história de Max, seus antecedentes, sua família, confessando sua admiração "por uma coragem e amor que não se encontra facilmente hoje em dia".

— E vai agora casar com uma moça de primeira?

— No mês que vem — disse Max.

— Eu estaria exagerando se pedisse que convidasse a mim e à minha esposa para o casamento?

— Bem... sim... oh, de modo algum. Ficaríamos honrados, Sr. Murphy. Mas trata-se apenas de um pequeno casamento judeu, em Flushing.

— Não há pequenos casamentos judeus ou pequenos casamentos irlandeses, meu jovem. O que conta é a grandeza interior. E já é tempo de eu aparecer lá por Flushing. Quando se fica tempo demais afastado de qualquer parte desta populosa e impressionante cidade, a gente perde os contatos.

— Teremos a maior satisfação com a sua presença — disse Max prontamente encantado, mas ainda se perguntando qual seria o motivo para o almoço.

— Tenho ouvido muitas coisas boas a seu respeito. Está sendo chamado de jovem magnata. Mas não tinha idéia de que fosse tão jovem.

— Tive alguma sorte.

— Você chama isso de *masel*, eu chamo de *sechel* — disse Murphy, usando as palavras iídiches para "sorte" e "inteligência". — Possui uma rede de casas de projeção de filmes por toda a cidade. Espero que abra outras.

— Haverá mais — confirmou Max, acendendo o excelente charuto que Murphy lhe oferecera. — Temos 17 lojas de frente, mas nos próximos cinco anos planejo mudar todas para teatros de verdade. Nosso primeiro teatro de verdade, o Bijou, já está em funcionamento. Estamos reformando mais dois, um na Rua 14 e outro na Rua 23. E compramos dois terrenos no Harlem, onde um dia construiremos teatros.

Murphy mudou de assunto de repente, perguntando abruptamente a Max:

— O que você sabe sobre Tammany Hall, Max?

— Que é uma organização dos democratas, com a maior influência na cidade. Mas todo mundo sabe dessas coisas...

— O problema é que ninguém sabe tudo. Nos velhos tempos, há um século, quando começou, era Tammany e somente Tammany que defendia os interesses dos pobres contra os ricos e poderosos, os quais estavam querendo acabar com todas as coisas boas que a revolução nos trouxe. Há muitos coisas

terríveis que dizem contra Tammany, mas ninguém se lembra que, logo depois da Revolução Americana, os ricos e poderosos resolveram que fariam aqui o que tinham feito na Inglaterra, convertendo-se numa aristocracia. Organizaram uma coisa chamada de Sociedade dos Cincinatos, integrada por oficiais da revolução e seus filhos. E quem ia defender o povo, os soldados que tanto lutaram?

"Foi assim que Tammany surgiu, o povo contra os Cincinatos. E como eles deram à sua organização um nome em homenagem aos aristocratas da antiga Roma, resolvemos dar à nossa o nome do velho Chefe Tammany, dos índios delawares, famoso por sua sabedoria e amor à liberdade. Tínhamos 13 membros para dirigir nossa organização, um para cada uma das 13 colônias originais... conhecidos como grandes caciques, ainda como uma homenagem às tribos de índios. E quando os intrigantes sujos tentaram desfazer todo o bem da revolução, instituindo um governo baseado no medo e privilégio, quem ficou ao lado de Jefferson, em defesa da liberdade, foi Tammany Hall. Vai ouvir muitas calúnias lançadas contra o nome de Aaron Burr, porque ele matou Hamilton numa luta justa. Mas Tammany nunca virou as costas a Burr e lutamos com ele pela liberdade. Claro que todo ministro protestante pode adquirir uma reputação com um ataque ao velho Willie Tweed, emprestando-lhe um caráter que se ajustaria aos piores demônios do inferno e inventando histórias de como ele roubou a cidade em centenas de milhões de dólares. Tudo o que precisavam dizer era 'Esconjuro Tweed' e se ficava a salvo de todos os demônios. Mas nós dois, rapaz, você como judeu e eu como um católico romano, não temos ilusões a respeito dos ministros protestantes. Aí está um pouco da história da nossa organização. Achei que seria bom esclarecer as coisas antes de tratarmos de negócios."

Max escutou a história longa e um tanto desconexa de Tammany Hall com uma confusão respeitosa e quase total. Tammany Hall, como todo mundo sabia, controlava a cidade. Tammany Hall dominava a polícia e impunha ou deixava de impor a lei de acordo com a vontade de quem a dirigia. Em Nova York, como se dizia, só se mijava porque Tammany levantava a tampa do vaso. Tammany saqueara a cidade, ao longo do último meio século, ganhando dinheiro suficiente para pagar o resgate de todos os reis da Europa. Mas se alguém passava fome, podia estar certo de que no Dia de Ação de Graças ou no Natal contaria com uma refeição gratuita oferecida por Tammany Hall. E por que não, já que Tammany arrancava o seu dízimo de cada prostituta, cafetão, jogador e gangster que agiam à solta na cidade? Isso era do conhecimento comum e também de Max; mas o resto, a conversa sobre Jefferson e Burr, caciques e os índios delawares, não fazia o menor sentido para Max. Apesar disso, ficou grato a Murphy por esclarecê-lo e aguardou que as exigências fossem apresentadas.

— Tenho algumas perguntas a fazer — disse Murphy. — Soube que cuidou de sua mãe e seus irmãos desde garoto. É uma coisa muito boa, Deus vai recompensá-lo por isso. E você tem uma cabeça de verdade sobre os ombros. Esta coisa de filme é apenas o começo.

— Eis uma coisa com que tenho de concordar — disse Max.

— À medida que se expandir, cada vagabundo da cidade vai tentar lhe arrancar dinheiro, para não falar dos que se intitulam homens de negócios legítimos e estão aguardando a primeira oportunidade de cortar a garganta de um jovem judeu que foi mais esperto do que eles.

Max acenou com a cabeça e esperou.

— Você precisa de Tammany — acrescentou Murphy. — Precisa de mim.

— Quanto vai me custar? — perguntou Max, lentamente.

— Vinte por cento dos lucros.

— É muito.

— Um ano com a nossa colaboração e seus lucros vão dobrar.

— É demais — insistiu Max, obstinado.

— Diga o que acha justo.

— Cinco por cento.

— Está caçoando de mim — disse Murphy, sem raiva. — Mas tenho de respeitá-lo. Acabamos de assumir o Cappy's Music Hall, lá na Rua 23. Cappy bebeu e jogou até a bancarrota e tomamos a casa pelos impostos atrasados. Pode ficar com o título por 100 dólares e pagar os três mil e 200 dólares em impostos atrasados ao longo dos próximos 10 anos. E a propriedade vale no mínimo 150 mil dólares. Tudo muito discreto, mas legal. E isso é apenas uma indicação, meu rapaz, apenas uma indicação do que significa ter um amigo nos altos escalões. Dezessete por cento.

— Sete — disse Max.

Meia hora depois, trocaram um aperto de mão. Murphy possuía 11 por cento da operação de Max, com o acerto de que Max assumiria o Cappy's Music Hall e que Murphy alteraria as leis de zoneamento, para vantagem de Max e desvantagem de seus concorrentes.

— Posso garantir que não vai se arrepender — disse Murphy. — E seu casamento?

— Será um pequeno casamento judeu no Brooklyn — comentou Max.

— Eu não o perderia por nada neste mundo.

— Pensei em convidar o Capitão Clancy, da Houston Street, e o Edil Sweeney. Por acaso se importaria em partilhar uma mesa com eles?

— Terei o maior prazer.

Arthur e Lillian Levine nasceram na Europa, mais precisamente na Áustria. Arthur chegou à América ainda criança, em 1867. Os pais de Lillian chegaram à América, com ela, três anos depois. Como as duas famílias haviam se transferido dos Cárpatos para Viena, uma geração antes da mudança para a América, não podiam afirmar com razão que pertenciam ao gênero dos judeus alemães, da onda de emigração da Alemanha para a América entre 1820 e 1860; mas também não podiam se identificar totalmente com a grande massa de judeus da Europa Oriental, que começara a se despejar em Nova York na década de 1870. Estavam isolados num ponto intermediário entre os ricos e respeitáveis judeus alemães, os "judeus da cidade alta", e os terrivelmente pobres "judeus do gueto", do Lower East Side. O isolamento levou-os a se apegarem a uma etiqueta de classe média, como um náufrago pode se agarrar a uma pequena balsa.

A respeitabilidade praticamente substituíra a religião. Instalaram-se à margem da comunidade dos judeus alemães em Flatbush; às vezes, em seus sonhos, imaginavam Sally casada num dos grandes impérios financeiros dos judeus alemães ou pelo menos com um médico ou dentista alemão ou vienense. Max Britsky era alguém que nunca previram. À medida que o dia do casamento se aproximava, com Max se recusando obstinadamente a apresentar-lhes sua mãe, a apreensão deles aumentou. Tornou-se ainda maior quando Sally informou que não poderiam realizar a cerimônia de casamento no templo da Reforma a que pertenciam, seguida por uma pequena recepção em sua casa. A mãe de Max jamais poria os pés num templo da Reforma, que considerava a própria habitação do demônio.

Max fez o melhor que podia, nas circunstâncias. Passara a compreender que, assim como sua posição no mundo estava mudando, o mesmo acontecia com suas necessidades domésticas. Subitamente, Sally se tornava um grande trunfo. Ela possuía as qualidades que Max começava a encontrar em associados nos negócios: moderação, boas maneiras, a capacidade de falar a língua com perfeição e boa aparência num nível aceitável, sem a sensualidade opulenta das mulheres que o atraíam instintivamente. Em outras palavras, em seu léxico a se expandir, ela era uma dama. Max estava determinado a evitar que ocorresse qualquer coisa que pudesse afastá-la do casamento. Comprou um anel de noivado com um diamante grande e uma aliança de ouro, com rubis pequenos. Deu-lhe carta branca para mobiliar a casa nova. Também comprou uma carruagem Victoria dupla e contratou Shecky Blum para conduzi-la e cuidar do cavalo, com espaço no estábulo da Rua 67, no lado oeste da estrutura do trem elevado.

Sally, atordoada com essa cornucópia, convenceu os pais a alugarem o

Salão Marcus, na St. Mark's Place, para o casamento. Não foi um casamento muito grande ou opulento. As mesas no Marcus davam para 10 pessoas e cada família ocupou três mesas. No lado de Max, sua família, mais Sally e a namorada de Ruby ocuparam uma mesa. Em outra mesa sentou-se o pessoal da organização de Max que ele achou que devia convidar para o casamento. A terceira mesa era a de Tammany, como ele a classificou, ocupada por Murphy, Clancy e Sweeney, com suas respectivas esposas, Bert Bellamy e a garota por ele escolhida para a ocasião e Sam Snyder e esposa. O nome da esposa era Alice, uma mulher gorducha, de faces rosadas, uma massa de cabelos castanhos-claros empilhados no alto da cabeça, um sorriso fácil. Era a primeira vez que Max a encontrava e ficou surpreso com a maneira desinibida pela qual ela o abraçou e beijou, assegurando que sabia de tudo a respeito dele e não o perdoaria se não levasse Sally para jantar na casa deles muito em breve. Os Snyder tinham agora quatro filhos e um quinto estava a caminho.

— E depois, Deus querendo, ela vai parar — disse Sam Snyder.

— Escutem só ele falando! — exclamou Alice, rindo.

Esse sortimento de tipos não-judeus foi encarado com desconfiança e altivez por Sarah, que se enfeitou para a ocasião com um enorme vestido de seda rosa, todo coberto por pérolas brancas de imitação.

As 30 pessoas do lado dos Levine não passavam de rostos indistintos para Max, apesar de ter sido apresentado a todos. Nada, concluiu ele. Apenas *schmucks*. Como acontece tantas vezes nessas ocasiões, os dois grupos mantiveram-se friamente separados.

— Eles deviam estar gratos por um rapaz como Max, que é milionário, casar numa família que não tem nada para mostrar — comentou Sarah.

Max estava longe de ser milionário, apesar da recém-descoberta admiração financeira de Sarah pelo filho. Sua reserva de caixa, que aprendera a chamar de "estado de liquidez", praticamente desaparecera, a última parte sendo absorvida por uma dúzia de caixas de champanha, seu presente para o casamento. Mas, como ele assegurou a Sally, sua receita entrando, outra expressão que aprendera, continuava tão ininterrupta quanto o Rio Hudson.

O Marcus tinha um salão embaixo e outro em cima, um arranjo que o lado Levine da família aceitou com um desagrado resignado. O rabino era ortodoxo, providenciado por Max para agradar à mãe. Os 60 convidados sentaram-se em cadeiras dobráveis, com um corredor a separar Levine e Britsky. Os noivos — Sally num lindo vestido branco de organdi e renda, Max de smoking, este comprado — ficaram de pé sob um toldo, o rabino entoando "*Ha'ray att M'ku' deshet lee' b'ta'at zu k'dat moshe v'ysrael*". Max não pôde deixar de se perguntar como pudera ignorar o Marcus em sua busca de locais apropriados para cinemas,

calculando exatamente quanto deveria oferecer. Poucos minutos depois, Sally era sua esposa; ele esmagara um copo com o pé, de acordo com o costume judaico, pusera um anel no dedo dela; e, depois, a beijara. Enquanto todos se agrupavam ao redor para dar os parabéns, Max tentou criar em sua mente uma imagem erótica de levar a esposa virgem para a cama naquela noite. Mas nunca fora para a cama com uma virgem e a perspectiva era mais assustadora do que erótica.

A cerimônia de casamento se realizara no salão superior. As mesas estavam lá embaixo, um semicírculo em torno de uma pista de dança e de uma banda de jazz de quatro músicos. Quando desciam, Max e Sally se olharam, com o súbito alarme de duas pessoas que se conhecem há muito tempo, mas descobrem inesperadamente que são estranhos.

Murphy, chefe de Tammany Hall, príncipe e senhor feudal da cidade de Nova York, tomava champanha e observava Sally e Max dançarem uma valsa, sozinhos na pista para aquela primeira dança. E disse de repente ao Edil Sweeney:

— Aí está, Timothy, um dos homens mais extraordinários dessa cidade.

— O judeuzinho magricela?

— Esse judeuzinho magricela, Timothy, tem mais miolo e coragem no dedo mindinho do que você em todos os seus 130 quilos.

— Está zombando de mim.

Murphy sorriu e afagou a mão imensa de Sweeney. . — Estou mesmo, Timothy, estou mesmo.

Na mesa da família, observando o filho dançar, Sarah comentou para Freida:

— Quem tem um filho tão bonito quanto o meu? Não foi o que eu sempre falei, desde o dia em que ele nasceu? — Baixando a voz para um sussurro, ela acrescentou: — A garota que Ruby trouxe é judia?

— Não sei, mamãe.

— Ela não parece. Se ele casar com uma moça que não seja judia, juro que me matarei.

A moça que Ruby levara se chamava Kathy Sullivan, cujo pai era motorneiro na linha de bonde da Broadway. Ela observou Max e Sally dançarem, pensando que se envolvera com o Britsky errado. Era uma moça bonita, cabelos muito pretos, olhos azuis brilhantes e pele rosada. Atraiu a atenção de Max enquanto ele dançava e sorriu-lhe. Ele retribuiu.

— Quantos anos tem seu irmão? — ela perguntou a Ruby.

— Tem 23 anos.

Nada estava perdido, pensou ela. Havia muitos e muitos anos pela frente.

Benny não era totalmente desprovido de talento. Na oitava série da escola, uma professora descobrira que Benny tinha o dom para desenhar. Subitamente, Benny descobriu-se capaz de fazer uma coisa que as pessoas admiravam. Estava agora desenhando o rosto de Murphy na toalha de mesa quando Sarah se inclinou e deu-lhe um tapa na cara.

— Mas o que é isso, seu desgraçado? Riscando a toalha da mesa?

O Edil Sweeney olhou sem qualquer entusiasmo para a travessa de tripas recheadas e repolho que puseram à sua frente.

— O que é isto? — indagou sua esposa.

— *Kishke* — respondeu-lhe Bert Bellamy.

Ela era muito atraente, de cabelos ruivos, quase 90 quilos mais leve que o marido e pelo menos 15 anos mais moça. Sentada ao lado de Bert, já lhe indicara, com uma gentil pressão do joelho, que não era avessa a um conhecimento mais profundo, se fosse possível.

— É assim que chamam. É muito bom, tripa de boi com uma mistura de farinha de trigo e gordura, muito melhor do que parece. E o repolho é recheado com carne e passas... muito gostoso.

— Como sabe tanto de comida judia?

— Max e eu estamos juntos desde que éramos garotos.

— E quantos anos tem neste momento?

— Tenho a sua idade, Sra. Sweeney.

— Mas quanta gentileza! Tenho idade suficiente para ser sua mãe.

Ela sorriu, aumentando a pressão do joelho.

Os Levine não encaravam de forma muito favorável as mesas do lado Britsky. Observaram Bert dançar com a exuberante ruiva Sra. Sweeney, observaram a irmã de Max, Freida, dançar com o Chefe Murphy, a quem não reconheceram. Não ficaram impressionados quando informados de que se tratava do Chefe Murphy. Eram leitores da revista Harper's e achavam que Tammany era um consórcio de ladrões e assassinos. A estranha combinação de vulgaridade e miscigenação nas mesas do lado Britsky deixou-os aturdidos e perturbados. Apresentados ao enorme volume do Edil Sweeney, que considerava qualquer coisa que se mexia e respirava como um eleitor em potencial, ficaram desorientados com a sua cordialidade e os louvores que fez a Sally, partindo de alguém que seu jornal predileto classificava de ladrão e vigarista da pior espécie. Também se sentiram confusos quando viram Kathy Sullivan, inebriada pelo champanha, abraçar e beijar Max um pouco mais fervorosamente do que a ocasião exigia.

— Não gosto deles — sussurrou Lillian Levine para o marido. — Essa Sarah Britsky é uma das mulheres mais horríveis que já conheci. E olhe só para as pessoas que eles convidaram... Chefe Murphy, o Edil Sweeney e aquele Clancy, a quem fomos apresentados. Ele não é da polícia? Nem parece humano. O que aconteceu com a minha pobre filha?

O marido confortou-a da melhor maneira que podia. Max tentou tirar a Sra. Levine para dançar, mas ela protestou que estava velha demais para essas coisas. Depois, Sarah Britsky tentou atrair os dois Levine para uma dança popular antiga, que era praticamente de *rigueur* num casamento judeu. A Sra. Levine fugiu para o banheiro, onde desatou a chorar. Mas o marido aderiu à dança, assim como o contingente irlandês, que achou-a quase idêntica a uma antiga dança popular irlandesa. Sally deixou Max dançando e seguiu a mãe até o banheiro.

— Estou desconsolada — disse a Sra. Levine, entre as lágrimas. — Que espécie de gente eles são?

— Não chore, mamãe — suplicou Sally. — São pessoas simples. E é de admirar que Max e os irmãos tenham crescido. É um verdadeiro milagre. A mãe é terrível, mas acho que isso acontece porque a vida dela foi terrível.

— E você vai viver numa casa ao lado dessa mulher.

— Darei um jeito, mamãe. Por favor, não chore mais.

Naquela noite, Max e Sally sentaram-se no quarto, as malas, prontas para a lua-de-mel em Niagara Falls. Exausto, cheio de uma mistura inquietante de champanha, vinho e uísque, um pouco embriagado, cheirando a álcool e fumaça de charuto, Max olhava para Sally, pensando numa ação que seria tão nova para ele quanto para Sally: o defloramento de uma virgem.

E fitando-o, sentada na beira da cama que escolhera com tanto prazer, em suas quatro colunas e dossel, o rosto pálido de Sally sobressaía numa pilha de organdi amarrotado. O que estou fazendo aqui?, ela perguntou a si mesma. Como posso enfrentar esta situação? Devo ter agora inter-curso sexual com este homem que é meu marido. Como aconteceu? Acho que morrerei se ele tentar fazer amor comigo. Mas por que me sinto assim? Houve ocasiões em que quase o amei, mas então não era pelo resto da minha vida. Agora, é pelo resto da minha vida. Sobre o que vamos falar, o que diremos um ao outro? E o que faço agora? Devo me despir? Por que ele não faz alguma coisa, qualquer coisa, ao invés de apenas ficar sentado, olhando para mim?

Um ronco suave respondeu à indagação.

— Max!

Não houve resposta.

Sally sentiu-se impelida a acordá-lo. Parecia ter sido completamente abandonada.

— Max!

Não houve resposta. Sally sentiu que os olhos se enchiam de lágrimas. Limpou-as e aproximou-se de Max.

— Levante-se — disse ela, firmemente.

Passou os braços em torno dele, fez com que ficasse de pé, meio que o arrastou para a cama. Max não era pesado nem muito mais alto do que ela, o que ajudava. Tirou-lhe os sapatos, depois a camisa e a calça. A visão do corpo magro, estendido ali, só de cueca, provocou-lhe um acesso de riso. Tirou-lhe as meias, ainda rindo, de pé ao lado da cama, ainda com o vestido de noiva. Sacudiu-o.

— Max, Max, esta é a sua noite de núpcias!

Umas poucas palavras murmuradas soaram em resposta, mas ele continuou de olhos fechados.

Sally sentou-se na beira da cama, ao lado dele, fitando-o. Max era mesmo bonito, disse a si mesma, não tinha um grama de gordura. Isso pelo menos era positivo. Ela formou a imagem mental de ir para a cama com o Edil Sweeney, pensando naquela massa enorme despida. Teve outro acesso de riso. Mas o que devia fazer agora? Tornou a contemplar Max. Com uma ousadia que nunca se julgara capaz, pôs a mão sobre a parte da cueca de Max que cobria os órgãos sexuais. Sentiu os contornos do pênis e testículos, sentiu um excitamento crescente dominá-la. Observou o corpo dele reagir, sons murmurados saindo de seu estupor alcoólico. Sob a mão de Sally, o pênis começou a inchar. Ela retirou a mão abruptamente. E recomeçou a rir. Tomara três copos de champanha durante a noite, o suficiente para proporcionar-lhe a desculpa de que estava embriagada, não como Max, mas mesmo assim um pouco bêbada.

— É isso, estou bêbada.

A auto-ilusão era necessária. Sally tirou o vestido de noiva, depois de se debater por um momento com os fechos. Tirou também a camisa, todo o espartilho desnecessário, o calção imenso.

— Tudo porque estou bêbada.

Nunca antes experimentara aquele tipo de desejo intenso. Finalmente ficou nua, o corpo esguio adorável à luz velada da única lâmpada, os mamilos firmes nos seios pequenos. E disse bruscamente:

— Acorde, Max!

Ele abriu os olhos desta vez e fitou-a. Sally apagou a luz e deitou na cama ao lado dele. Max estava outra vez adormecido. Ela começou a afagar-lhe o

pênis, sua excitação crescendo à medida que o membro ficava ereto. E depois, ainda meio adormecido, ele inclinou-se e enlaçou-a.

CAPÍTULO SEIS

1906

Max aos 27 anos

Os escritórios no Hobart Building haviam sido ampliados, melhorados e redecorados. Havia três moças que nada faziam além de trabalhar em máquinas de escrever. Havia dois guarda-livros que trabalhavam sob as ordens de Jake Stein, cuja porta exibia agora o título de tesoureiro. Havia uma nova recepcionista no lugar de Etta Goodman, que era agora a assistente administrativa de Max. A nova recepcionista era uma ruiva bonita, chamada Della O'Donnell, parente distante do Chefe Murphy. Jake Stein afirmava que Murphy pedira que Max a contratasse para ter uma espiã nos escritórios. Max, no entanto, achava que a espionagem que Della O'Donnell podia fazer era insignificante; e mesmo que fosse verdade, Murphy tinha o direito de contar com alguém lá dentro para informá-lo como andavam os negócios.

Por um lado, Max sentia-se atraído por Della O'Donnell. Ela possuía as mesmas qualidades de Alice Snyder, uma jovialidade serena e inabalável, um corpo rechonchudo e uma exuberância que o faziam imaginar como seria estar casado com uma mulher assim. Mas era ridículo pensar que se tratava de uma espiã do Chefe Murphy. Contudo, era indicativo da maneira como operava a mente de Jake Stein. Feldman, que não gostava de Jake Stein, mencionara a Max que poderiam substituí-lo.

— Mas ele é muito bom — protestou Max.

Ao que Feldman respondeu:

— Bom demais.

Max disse a Feldman que pensaria a respeito. Quanto mais pensava, porém, menos possível se tornava despedir alguém que tinha mulher e filhos, que era brilhante em seu trabalho e não dava mostras de ser o escroque que Feldman o considerava.

O problema de Etta Goodman era mais difícil. Seu trabalho como assistente administrativa era quase todo uma combinação do emocional e físico, embora não mais exercido no chão. Ao redecorar sua sala, Max acrescentara um sofá grande. A aquisição do sofá e sua seqüela eram uma decorrência do

relacionamento sexual de Max com Sally — uma chama fraca para começar, que depois virara um mero bruxuleio e acabara por se extinguir. Ainda produzira dois filhos, antes de apagar, praticamente cessar de existir. A partir daí, a ligação ou exercício (como Max muitas vezes o julgava) com Etta Goodman fora renovada. Max e Etta estavam em ação no sofá quando Della tocou a campainha e informou-o, através do aparelho de intercomunicação que acabara de ser instalado, que dois homens desejavam falar-lhe. Seus nomes eram Frank Stanford e Jack Calvin. Os nomes eram vagamente familiares, mas Max não pôde situá-los. Como não tinham um encontro marcado, ele disse a Della que podiam esperar ou declarar qual o negócio e marcar uma reunião para outro dia. Della respondeu que o negócio deles era a produção de filmes. Max disse que deveriam então esperar, se desejavam falar-lhe. Etta ficou observando Max ajustar a calça e abotoar a camisa.

— Parece que você nem gosta mais — comentou ela.

— Tenho outras coisas na cabeça.

— Claro, claro. Como você disse depois que casou com Sally...

— Pare por aí. Sally é minha esposa. Isto é diferente. Há mulheres que gostam e também há mulheres que têm sensibilidades diferentes, como Sally...

— Mulheres como eu, porque só presto mesmo para ser fodida.

— Não gosto dessa palavra, ainda por cima usada por uma mulher. Além do mais, não sei o que está havendo com você, do jeito que vem emagrecendo.

— Gosto de mim assim. E o que vai fazer agora? Quer me despedir? Quer se livrar de mim?

— Pare com isso! Quem quer se livrar de você? Toda vez que eu digo alguma coisa você começa a gritar que estou querendo mandá-la embora. Trate de se controlar.

— Você gostaria de ficar eternamente sob a ameaça de ser despedido? Nem mesmo sei o que pensa de mim.

— Você não será despedida. Está apenas em brasas, como Sally diz...

— Não quero saber o que Sally diz! Estou cheia de ouvir o que Sally diz!

— Calma, calma — disse Max, gentilmente, abraçando-a.

— Sou uma pessoa, da mesma forma que Sally.

— Tem toda razão.

Max conduziu-a para fora da sala, através da porta do escritório de Fred Feldman, que não estava.

— Sente-se — disse Max. — Descanse um pouco. Enxugue as lágrimas. E depois pode ir para casa, se quiser.

— Quero ser o que supostamente sou: uma assistente administrativa.

— Sei disso e chegaremos a esse ponto. Prometo.

Ele voltou à sua sala, perguntando-se o que deveria fazer com Etta. Gostava dela. Não era uma mulher inteligente — ao contrário, primava um pouco pela estupidez — mas isso só servia para aumentar seu sentimento de culpa. Não era capaz de despedir quem quer que fosse. Era considerado implacável, de acordo com sua reputação nos círculos financeiros da cidade, mas acabara de concordar em pôr o irmão Benny na folha de pagamento, mesmo sabendo que Benny não passava de um pequeno vagabundo e que nunca seria algo melhor. Sua mãe recebia 400 dólares por semana para cuidar da casa, onde morava com Freida e Penny, mas estava sempre reclamando que não era o suficiente. Fred Feldman lhe dissera:

— Detesto dizer isso, Max, mas alguém tem de falar. Jake Stein diz que Ruby está metendo a mão. Isso nos custa pelo menos 100 dólares por semana.

Max dera de ombros.

— Isso não tem a menor importância. Podemos arcar com o prejuízo. E se quer ser técnico, Jake é tão safado quanto Ruby.

Ele estava encurralado e a pobre Etta Goodman era apenas outra barra nas grades. Não tinha a menor idéia de onde viera a armadilha e como se metera nela, mas era um fato irremediável. Foi sentar-se à sua mesa e ficou olhando para a parede do outro lado, imaginando por que enganava Sally, tentando compreender por que ser um milionário aos 27 anos parecia nada significar. O aparelho de intercomunicação lembrou-lhe nesse instante que o Sr. Stanford e o Sr. Calvin ainda estavam esperando.

— O que eles querem? — Max perguntou a Della.

Ela deixou passar um momento antes de responder que queriam falar sobre filmes. Os nomes atiçaram alguma coisa em sua memória.

— Está bem, mande-os entrar.

Ambos eram altos, de meia-idade, terno de sarja azul e camisa branca. Stanford tinha uma. cabeça comprida e estreita, olhos azuis, cabelos grisalhos, bem rentes. Calvin era mais corpulento e de rosto redondo. Stanford tirou um relógio de ouro do bolso do colete, contemplou-o por um longo momento e depois disse a Max:

— Manteve-nos esperando por 28 minutos, Sr. Britsky. O que significa um péssimo julgamento, uma péssima prática de negócios ou simplesmente péssimas maneiras.

— Péssimas maneiras — comentou Calvin, olhando ao redor.

— Por acaso eu os conheço? — indagou Max, fazendo um esforço para reprimir a raiva. — Não tinham uma reunião marcada.

— Não é uma questão de péssimas maneiras, mas sim um péssimo julgamento — disse Stanford. — Marcamos um encontro com sua assistente

administrativa, uma tal de Srta. Goodman.

— É mesmo? — Max abriu os braços. — Ela não me informou. Lamento.

— Acontece.

— Sentem-se, por favor — disse Max. — Posso lhes oferecer alguma coisa? Um drinque?

Os dois se sentaram, mas recusaram a oferta, observando-o atentamente, pensativos. Calvin lembrou-lhe que anos antes haviam feito negócios com Sam Snyder. E acrescentou:

— Estávamos começando a produzir filmes.

— Estou lembrado.

— Não mais lidamos diretamente com Sam. Mas a verdade é que, a esta altura, produzimos ou controlamos 90 por cento dos filmes no país.

— Só produzimos uma parte — explicou Stanford. — Mas nossa organização de distribuição controla mais de 90 por cento. No seu caso, Sr. Britsky, aluga todo o seu produto de nós.

— Eu não sabia disso. Sam e Jake Stein, meu tesoureiro, é que cuidam dos aluguéis. Quero pedir desculpas outra vez por mantê-los à espera.

— Não foi nada. Queremos que compreenda uma coisa, Sr. Britsky. Estamos um pouco aborrecidos porque nos deixou esperando, mas isso nada tem a ver com a nossa proposta. Representamos a National Distributors. Possuímos patentes sobre dois tipos de câmeras.

— Pensei que Edison...

— Achamos que nossas patentes podem ser mantidas. Mas isso é uma coisa além do nosso produto. Vamos tratar agora do seu caso específico. Opera 14 poeiras e sete teatros regulares. Tem ainda três novos teatros em construção, além da conversão de nove salões de conferência e recepção. Isso o transforma no maior operador no negócio de firmes. Sua receita se situa entre 35 e 55 mil dólares por semana.

— Como descobriram tudo isso... através de espiões plantados na minha organização?

— É um cálculo por fora, Sr. Britsky. Mas parece que chegamos perto.

— Muito bem, vamos supor que sim. Aonde isso nos leva? O que estão querendo aqui?

— Viemos falar de negócios.

— Se querem falar sobre o aluguel de filmes e o preço que pagamos, eu gostaria que Sam Snyder e Jake Stein estejam presentes. Além do meu advogado, Fred Feldman.

— Não é necessário — disse Calvin. — Ainda não, Max.

Ele fez uma pausa, para avaliar o efeito do tratamento, observando os

lábios de Max se contraírem.

— Você se tornou milionário à custa do nosso sangue, Max.

— De que diabo está falando?

— Dos filmes.

— Pago por eles.

— Mas não o suficiente. Está muito longe do suficiente, Max.

— Quer dizer que pretendem aumentar o preço?

— Espere um momento — disse Stanford. — Não falamos nada sobre aumento do preço. Não é a nossa intenção. Queremos outra coisa, achamos que temos o direito.

— Que coisa?

— Queremos uma participação de 50 por cento em seu negócio... metade de tudo o que arrecada em suas casas e metade da propriedade. Tomaremos as providências necessárias para que os teatros Britsky se tornem uma empresa pública e entregará 50 por cento das ações à National Distributors.

Max sorriu.

— É uma piada estúpida.

— Estamos falando sério.

— Continua a ser uma piada estúpida.

— Péssimas maneiras — disse Calvin.

— Não tente nos ignorar — disse Stanford. — Estamos falando sério. Se sairmos daqui sem um acordo, tiraremos todos os filmes de suas casas em três dias. Não terá o que mostrar.

Max não respondeu. Ficaram se olhando e quando o silêncio se estendia perigosamente, como um elástico esticado ao máximo, Calvin lhe disse:

— Tire alguns dias para pensar a respeito.

— Pensar em quê? — indagou Max. — Como me matei de trabalhar por sete anos para construir o circuito e depois entregar a metade a vocês? Querem saber de uma coisa? Minhas casas andam meio vazias atualmente. Sabem por quê? Porque os filmes de vocês são uma porcaria! Porque as pessoas já estão cheias de ver um cavalo correndo por uma pista, uma locomotiva avançando em sua direção, uma garotinha quicando uma bola ou algum palhaço jogando uma carroça num rio. Vocês não têm cabeça para abrir um teatro e não têm cabeça para fazer filme decente. Por isso lhes direi o que devem fazer: vão para o diabo que os carregue! Se querem meus teatros, terão de passar por cima do meu cadáver!

Calvin foi o primeiro a reagir:

— Você não passa de um judeuzinho filho da puta, Britsky. Acaba de cavar a própria cova. Vamos ficar com todo o seu circuito no processo de

bancarrota.

Stanford jogou um cartão em cima da mesa.

— Se mudar de idéia, procure-nos.

Sally mudara bastante no decurso dos três anos e meio como esposa de Max Britsky e dona da casa na Rua 66. Tivera dois filhos: Richard, nascido em 1903, e Marion, nascida um ano e sete meses depois. Também mobiliara a casa de acordo com seu próprio gosto, o que representava uma defesa sólida contra o gosto de Sarah Britsky e suas três filhas, Esther, Sheila e Freida. Durante os três anos e meio, Esther e Sheila se haviam casado, os respectivos maridos se tornando posteriormente empregados de Max. Freida, depois de um período de raiva, amargura, hostilidade e ciúme, tudo concentrado em Sally, renunciara à luta e se tornara amiga e confidente. As duas passaram então a unir suas defesas contra o desejo aparente de Sarah de destruí-las. Nem Sally nem Freida podiam compreender a fonte do veneno de Sarah, uma vingança aparentemente implacável contra a própria vida. Depois de três visitas à casa ao lado, Sally nunca mais pusera os pés lá. Até mesmo Max percebeu a diferença entre os móveis simples que Sally escolhera e a coleção de grotescos vitorianos que Sarah e as filhas atulharam em sua casa. As duas criadas contratadas por Sarah viviam aterrorizadas com a patroa. Freida só pode dizer a Sally, em explicação:

— Ela é doida, mas sempre foi um pouco doida.

Freida disse a Sally, depois que a hostilidade e ciúme foram superados:

— Sei que você quer vender a casa e mudar. Mas eu morrerei se fizer isso. Não precisa ir até lá. Não precisa conversar com ela. Max compreende. Vai visitá-la e ela o insulta. Não sei como ele suporta.

Sally também não sabia. Na verdade, à medida que o tempo foi passando, ela sentiu que conhecia Max cada vez menos. Depois que Marion nasceu, Sally e Max não retomaram uma vida sexual, que fora intermitente na melhor das hipóteses. Sally alegava dores contínuas e problemas ginecológicos — todos inexistentes — e Max aceitava as desculpas sem questionar. A vida sexual dos dois nunca fora satisfatória. A compreensão sexual de Max ainda estava condicionada pelo conhecimento das ruas adquirido na infância, segundo o qual sexo era uma coisa que o homem desfrutava e a mulher suportava — com exceção de algumas mulheres, como Etta Goodman. Assim, a indiferença de Sally ao prazer sexual proporcionava-lhe uma certa pureza e classe aos olhos de Max. Ele gostava da idéia de que sua esposa estava acima de tais coisas. Sally, por sua vez, sabia apenas que sua repulsa a Max fora superada em muitas coisas, mas ainda persistia em termos de intimidade. Os avanços dele só serviam para

deixá-la tensa, levando-a a procurar refúgio psicológico numa rejeição de seus próprios sentimentos e sensações.

Não havia ninguém a quem ela pudesse recorrer em busca de orientação e conselho. Suas noções de sexo eram confusas e a propensão para se fixar num mundo romântico de fantasia só contribuía para agravar a confusão. A mãe jamais discutia tais assuntos com ela, pois isso seria inconcebível. O sexo também não era discutido entre as professoras, que haviam sido as únicas amigas por tantos anos. A única amiga que ela tinha agora era Freida, mas não podia discutir seu relacionamento sexual com Max com a irmã dele. Assim, Sally aceitava a situação, como tantas outras mulheres de sua época, sem sentir que estava condenada à infelicidade. Ainda considerava Max como um homem singular e espantoso; tinha uma bela casa, muito além de todas as expectativas que já acalentara; e tinha ainda dois filhos maravilhosos. Havia uma babá para as crianças, o que lhe proporcionava todo o tempo que podia querer. Além disso, Freida estava ali quase todos os dias, extremamente devotada aos filhos de Sally, pronta para cuidar deles, se a mãe desejasse algumas horas só para si.

Da parte de Max, seu respeito por Sally não diminuíra. Não se acostumara ainda ao fato de que uma mulher como Sally tivesse casado com ele, Max Britsky. Ela era sua posse, mas uma posse preciosa, de alta classe. No dia em que se encontrou com Stanford e Calvin, Max telefonou para Sally e comunicou que haveria uma reunião em casa naquela noite. Queria que ela estivesse presente.

— Quer mesmo, Max? Tenho ingressos para um concerto esta noite. Ia com Freida, porque sei que você detesta concertos.

— Esqueça o concerto. E deixe que Freida arrume algum rapaz para acompanhá-la, só para variar. Preciso que você me ajude na reunião desta noite.

— A que horas?

Como ela podia recusar, quando Max dizia especificamente que precisava de sua ajuda? Fora o primeiro atrativo dele, há muito e muito tempo.

— Podemos jantar cedo. Direi a todos para aparecerem às oito horas.

Às oito horas da noite, todos estavam presentes na sala de jantar de Max, tomando o chá que Sally servira e comendo fatias de bolo — todos apropriadamente sombrios. A esta altura, todos os presentes, inclusive Sally, já tinham conhecimento do ultimato de Stanford e Calvin e da resposta de Max. Sam Snyder era o mais velho do grupo, com trinta e poucos anos agora, gordo e próspero, vice-presidente da organização, com mulher e cinco filhos, uma casa em Brooklyn Heights.

Bert Bellamy, diretor das operações de teatros, continuava solteiro. Max achava que ele nunca casaria. Uma carapaça se endurecera em torno de Bert, nenhum homem ou mulher jamais recebia o direito de penetrá-la. Houvera um

tempo em que Max teria confiado sua vida e fortuna a Bert, sem a menor hesitação. Mas agora? Houvera uma ocasião, há muito tempo, em que faziam tudo juntos — bebiam juntos, faziam programas com mulheres juntos, partilhavam sonhos e segredos, abraçavam-se depois de uma ausência. Mas isso não mais acontecia. Bert se encasulava em seus ternos de três peças, trancafiava-se por trás de uma corrente de ouro, usava colarinhos duros e gravatas escuras, raramente sorria.

Fred Feldman, por outro lado, estava sempre com o coração à mostra. Adorava Max e tentava protegê-lo. Compreendia a estranha inocência por baixo do exterior duro e experiente de Max, um conhecimento que nem Bellamy nem Stein partilhavam. Stein era um homem faminto, olhos famintos, mãos famintas — esperto demais para ser um guarda-livros, mas rude demais para ser algo além, até que Max o contratara. Tinha um rosto fino e comprido, sobrancelhas espessas, o hábito de arrancar cabelos do nariz. Sally o detestava; quando ele se juntou aos outros, à mesa, ela preparou-se para bater em retirada.

— Fique, por favor — pediu-lhe Max.

— Ela pode suportar a fumaça de charuto? — indagou Bert.

Max foi pegar a caixa. Subitamente, era como um sonho, aqueles homens que trabalhavam para ele sentados numa sala de lambris, em torno de uma mesa de carvalho maciço, fumando os melhores charutos havana, enquanto eram servidos de conhaque de uma garrafa de cristal. Além do sonho, nada fazia muito sentido. Nem mesmo o futuro sinistro indicado por Stanford e Calvin podia se ajustar à realidade.

— Max? — murmurou Sally.

Todos observavam-no, enquanto ele permanecia imóvel, com a garrafa de conhaque na mão.

— Estou pensando.

— Gosto da fumaça de charuto — comentou Sally. — Caso contrário, já teria me retirado.

— Ninguém gosta, apenas suporta.

Houve silêncio, todos olhando para Max, que se sentou cautelosamente, como se o aspecto insubstancial da realidade tivesse contagiado a tudo na casa.

Ele era Max Britsky. O passado estava muito próximo, o passado de pobreza e indignidade, sujeira e baratas, o fedor de urina impregnando todo o cortiço na Henry Street. Ali estava ele, agora, o passado muito mais real que aquele presente. Nunca realmente sobrepujara a maldição dos oprimidos; estava cheio de raiva, frustração e medo, mas nada podia expressar, nem para si mesmo. Ainda era um judeuzinho nojento. Olhou ao redor. Lá estava Sally, de pé na extremidade da mesa, hesitante.

— Pelo amor de Deus, sente-se! — disse-lhe Max, bruscamente.

Ela sentou-se, imaginando o que fizera para deixar o marido tão zangado. Mas Max apressou-se em acrescentar: — Desculpe. Estou assim porque aqueles dois filhos da puta me deixaram com os nervos à flor da pele.

Fred Feldman perguntou:

— Não há outra fonte para se conseguir filmes, Max?

— Claro. Fazem alguns em toda parte. Mas isso não nos ajuda. Temos mais de 30 casas de exibição. E se os filmes da National são umas porcarias, o que se poderia esperar dos outros? — Ele virou-se para Snyder. — Sam, podemos produzir os nossos próprios filmes?

— Talvez.

— O que significa esse talvez?

— Significa que aqueles filhos da puta da National podem nos pegar de jeito... — Ele virou-se para Sally. — Desculpe minha linguagem, Sra. Britsky. Eles estão mancomunados com Edison e Eastman. E assim que começarmos a comprar filme e câmeras, entrarão em ação.

— Para não mencionar que levaria muito tempo — disse Jake Stein. — As casas já estão meio vazias agora. Se ficarem vazias de todo durante um mês talvez não possamos sobreviver.

— O que está querendo dizer com esse talvez? Todo mundo está com um talvez. Podemos ou não sobreviver?

— Não sei, Max. Tenho de me sentar com os livros e fazer alguns cálculos meticulosos. Também preciso de decisões. Quem mantemos na folha de pagamento e quem mandamos embora? Temos porteiros, indicadores, zeladores, operadores, bilheteiras... todo um exército de pessoas. E não seria apenas um mês. Quanto tempo se leva para fazer um filme? Temos aluguéis a pagar, talvez impostos.

— Detesto jogar água fria nas coisas — interveio Feldman — mas estou escutando e penso em outra coisa. Fez a pergunta errada a Jake. Quis saber quanto tempo podemos sobreviver se as casas ficarem fechadas...

— E qual é a pergunta certa? — perguntou Max, asperamente.

— Deveria perguntar como podemos sobreviver da maneira como as coisas estão neste momento. Há cinco anos, os filmes constituíam uma coisa nova e improvável e por isso as pessoas não objetavam em assistir a algum espetáculo estúpido, mostrando um cachorro se erguendo sobre as patas traseiras e pedindo comida. De qualquer forma, cinco cents não era muito a pagar. Por 10 cents, uma mãe podia ter uma hora de descanso de três filhos. Mas quando se cobra 25 cents em seus teatros, as pessoas querem alguma coisa em troca.

— Apresentamos coisa melhor do que um cachorro suplicando comida —

protestou Max. — O que me diz de *O Bombeiro* e O *Grande Assalto do Trem*?

— Quantas vezes pode apresentar O *Grande Assalto do Trem* e esperar que as pessoas paguem para assistir? As outras coisas que exibimos são umas porcarias que ninguém agüenta mais. Assim, mesmo que comecemos a produzir filmes, estaremos perdidos se forem iguais aos que a National tem produzido.

— Concorda com ele? — perguntou Max a Snyder.

— Acho que sim.

— Ele está certo sobre os espectadores — disse Bert Bellamy. — As cifras estão caindo. Não dá para notar muito nas lojas, mas o golpe é forte nos teatros. Estamos quase no prejuízo e todo o lucro vem das lojas.

— Não posso acreditar — murmurou Max. — Simplesmente não posso acreditar no que vocês estão dizendo. No fundo, o que falam é que os filmes não passam de um capricho passageiro, uma moda temporária. Mas não acredito nisso. O cinema é a maior coisa que já aconteceu na indústria de entretenimento. Você que é tão esperto, Fred, me responda uma coisa. Como é possível que nos teatros em que apresentam Shaw e Shakespeare... e muitas peças não passam da maior porcaria, pelo que Sally me diz... estão sempre de casa lotada?

— Pergunte a Sally — respondeu Fred.

Todos se viraram para Sally, que acenou com a cabeça e disse:

— É isso mesmo que está acontecendo. Tentei comprar ingressos para *Hedda Gabler*, que estreou na semana passada. Mas me disseram que está tudo vendido, com semanas de antecedência. E não é apenas porque Nazimova está representando Hedda. É porque Ibsen conta uma história maravilhosa sobre uma mulher e tenta explicar os atos dela.

— Apresente uma coisa assim na Houston Street e a casa fecha em 24 horas — disse Max.

— Não estou dizendo que *Hedda Gabler* é o material para filme. Acho apenas que quase tudo que se apresenta, até mesmo O *Grande Assalto do Trem*, é completamente sem graça. Não há uma história e nunca se prende de verdade a atenção da audiência. Há uma coisa que se aprende quando se faz um curso de teatro. É o que se chama de empatia e significa fazer a audiência sentir e sofrer o que o ator está sentindo e sofrendo. É uma coisa que existe em todas as boas peças de teatro, mas nunca se encontra nesses filmes horríveis.

Houve um longo momento de silêncio. Max nunca ouvira Sally se exprimir naqueles termos. Sally, por sua vez, estava dominada por uma onda de embaraço, que lhe dava o desejo de poder se retirar para a invisibilidade. Mas Sam Snyder, procurando pelas palavras certas, sacudiu um dedo para Sally e disse:

— Tem toda razão, Sra. Britsky. É preciso uma história. Minha esposa e

eu sempre pensamos assim. Mas acontece que ninguém diz nada num filme. Essa é a diferença entre o filme e o teatro. E como se pode contar uma história que prenda a atenção das pessoas sem palavras? Acabei de ler o novo livro de O. Henry e ele consegue realmente emocionar. São histórias sensacionais, todas sobre esta cidade... mas com palavras. Ele não poderia contar qualquer história sem palavras. O título que escolhe é Quatro Milhões... quatro milhões de histórias para contar bem aqui em Nova York.

— Os filmes não são para isso — disse Jake Stein.

Feldman acenou com a cabeça para ele.

— Você se torna de repente um perito em filmes.

— Eu gostaria de ouvir o que Sally tem a dizer — interveio Bert Bellamy. — Pelo menos ela tem pensado a respeito.

— Sou ainda menos perita que o Sr. Stein — protestou Sally. — Ele conhece o negócio, enquanto eu apenas assisto aos filmes.

— Acho que sabe mais do que qualquer um de nós — insistiu Snyder. — Pelo menos fica na frente da tela, Sra. Britsky. E nós ficamos por trás do projetor.

— É verdade, tenho pensado muito a respeito e acho que há uma maneira de contar uma história com palavras, mesmo que não se possa ouvir o que estão dizendo. Tirei a idéia dos franceses que estão fazendo filmes. Eles interrompem as cenas com cartões escritos. Por exemplo: vão mostrar cenas de uma usina de aço e filmam um cartão em que está escrito "Uma usina de aço na margem do Ródano"... ou algo assim.

— Fazemos a mesma coisa — disse Max.

— Só que às vezes. Eles usam com mais freqüência. Mas eu estava pensando em dar um passo à frente. Vamos supor que o Sr. Snyder aqui é personagem de uma história, em que diz à esposa: "Vamos sair para dar um passeio, minha querida". Ele é filmado ao dizer essas palavras. Assim que a cena acaba, coloca-se o cartão em que isso está escrito.

— Espere um instante — disse Fred Feldman. — Acho que me perdi. Poderia explicar de novo?

Os olhos fechados, Snyder estava com as mãos cruzadas à sua frente.

— Estou tentando visualizar. O cartão não deveria aparecer antes de ele falar?

— Claro que não. O certo é depois. A coisa é a seguinte, Sr. Feldman. Observe-me enquanto digo: "Acho que daria certo". Mas está assistindo a uma imagem sem som. Mas acho que vai se lembrar da imagem quando ler o cartão.

— Vamos supor que se possa fazer isso, Sally — interveio Max. — Acontece simplesmente que a maioria das pessoas que vai a nossas casas não

sabe ler.

— Não a maioria — protestou Bellamy. — E se algum garoto estiver presente com a mãe, poderá ler para ela.

— Tem um ponto aí.

— Mas não vamos entrar nisso — disse Max. — Quero saber como Sally projetaria isso por uma história completa.

— Ainda não pensei em tudo, Max. E devo confessar que a maior parte das coisas me ocorreu enquanto estava sentada aqui, esta noite. Teria de ser uma história muito simples e acho que não precisaríamos usar cartões para tudo. Vamos supor que nós dois estivéssemos brigando, gritando um com o outro...

– Não gritamos um com o outro — interrompeu-a Max. — Não quero que ninguém tenha essa idéia.

— Estou apenas tentando explicar uma situação. Claro que não brigamos, mas vamos supor que as pessoas na história o fazem. Poderíamos mostrá-las a gritar e sacudir os braços. Não precisaríamos pôr todas as palavras em cartões. Não tenho certeza, mas é a minha impressão.

— Quanto tempo teria de durar um filme assim? — perguntou Sam Snyder.

— Não sei. Nunca pensei sobre isso.

— Se fosse uma história de verdade — disse Bellamy — não se poderia contá-la em muito menos de uma hora. E se essa coisa de cartão funcionasse... Seria necessário tempo para ler. A maioria das pessoas não lê depressa.

— A maioria nem lê.

— Não posso aceitar uma coisa assim — disse Stein. — É absurdo demais, alguém falar e depois as palavras aparecerem escritas.

— É justamente esse o problema — disse Snyder. — Simplesmente não posso pôr as duas coisas juntas, alguém falando e depois as palavras. Vamos supor que alguém saque uma arma e diga "Mãos ao alto!" Há um cartão. O outro sujeito diz: "Não, senhor, não vou levantar as mãos". Precisamos de outro cartão. O primeiro sujeito, o que está com a arma, atira no outro... mas quando? Enquanto estamos lendo o cartão?

— O que pode dizer, Sally? — perguntou Max.

— Acho que estão complicando desnecessariamente uma coisa simples. Devem estar lembrados daquele filme de Baby Lou que tivemos há quatro ou cinco anos. Ela cai no sono, o cachorro late, aparece um cartão que diz: "O cachorro latindo acorda Baby Lou". Mas tudo o que precisavam escrever no cartão era "Au, Au, Au". Seria a mesma coisa. A verdade é que as pessoas estão lendo cartões há anos, mas ninguém jamais pensou em usá-los para o diálogo. — Ela olhou de um rosto para outro, depois levantou-se e acrescentou: — Dêem-

me um minuto, por favor.

Ela saiu correndo da sala. Max perguntou aos outros:

— O que acham?

— Estou tentando visualizar — respondeu Feldman.

— Pode dar certo — disse Snyder.

— Ela é muito inteligente, só que a coisa é inteiramente impossível — objetou Bellamy.

— Por quê?

— Temos mais de 30 casas. Levaria dois ou três meses para fazer um filme do jeito que Sally está pensando, talvez com uma hora e meia de duração. E para fazer 10 ou 20 filmes... estaríamos liquidados.

Max sacudiu a cabeça.

— *Schmuck.*

— Como?

— *Schmuck,* inglês puro e simples. Talvez o que Sally pense seja uma loucura. Mas se pudermos fazer, não vamos precisar de 30 filmes. Basta um e depois mandamos os laboratórios tirar 30 cópias. Apresentamos o mesmo filme em todas as casas.

— E de onde vamos tirar uma audiência para todas as noites e todas as casas com o mesmo filme?

— Dos três milhões e meio, quatro milhões de habitantes desta cidade que nunca assistiram a um filme. De todos os ianques que nos dizem que filmes são ótimos para judeus, irlandeses, italianos e alemães, que não sabem ler, mas não servem para americanos de sangue azul. Porque Sally está certa, é a conclusão a que a gente chega quando se pensa bem a respeito. Exibimos umas porcarias estúpidas. O cinema é provavelmente a maior invenção de Edison e tudo o que fazemos para aproveitar isso é mostrar um mágico tirando pombos e coelhos de uma cartola, até que ninguém agüenta mais ver um pombo, depois um cavalo correndo, um trem correndo, um automóvel correndo. Li que estão vendendo 150 lugares de pé para cada apresentação de César e Cleópatra, que estreou na semana passada. Quantos lugares em pé vendeu no Bijou no ano passado, Bert?

— Pense bem, Max. As pessoas estão assistindo César e Cleópatra de pé porque é a mais nova peça de Shaw. O que vamos fazer... contratar Shaw para escrever histórias para os nossos poeiras?

Sally voltou à sala. Tinha alguns cartões na mão e foi sentar-se numa extremidade da mesa.

— Vou fazer uma pequena experiência — disse ela.

— Por favor, não fiquem amolados. Só vai levar um ou dois minutos.

Todos se viraram para fitá-la, expectantes. Sally começou a falar, mas

nenhum som saiu de seus lábios. Depois, ela levantou um dos cartões, no qual estava escrito em crayon preto: "Estou tentando provar meu argumento". Depois de alguns segundos, ela largou o cartão no chão e tornou a mexer os lábios. Suspendeu outro cartão: "Os filmes podem contar uma história". Mais alguns segundos e o cartão também caiu no chão, ela voltou a mexer os lábios. Veio o terceiro cartão: "Acreditam agora?" Todos bateram palmas e Sam Snyder gritou:

— Funciona! A coisa dá certo, Sra. Britsky!

— É possível — admitiu Stein.

— Para mim funciona — concordou Feldman.

— O que você acha? — Max perguntou a Bert.

— Acho que pode dar certo. É arriscado, mas pode dar certo.

— Você adora Bert, não é mesmo? — disse Sally a Max.

Ele acabara de entrar no quarto. Sally estava sentada na frente da penteadeira, escovando os cabelos castanhos. Usava um chambre de seda branca que ganhara de presente de aniversário de Max, que observou-a agora com cautela e incredulidade — sempre com um pouco de cautela e um pouco de incredulidade. Não porque Sally fosse bonita. À medida que a juventude passara, a beleza que ela pudera ter possuído se desvanecera rapidamente. Era uma mulher pequena, magra, murcha.

— Talvez — disse Max. — Estamos juntos há muito tempo. Bert me levou para o ato e talvez isso me tenha salvado a vida na ocasião.

Sally sabia que era uma mulher pequena, magra, murcha; não tinha ilusões. E por isso mesmo ficara ainda mais espantada quando Bert, seguindo-a ostensivamente até a copa, em busca de gelo para seu drinque, abraçara-a pelas costas, pondo as mãos sobre seus seios pequenos. Nenhum homem jamais lhe fizera isso antes, com exceção de Max. Assim, não tinha qualquer reação. Teria gritado, se não compreendesse que o grito acarretaria conseqüências desagradáveis. Por isso, limitara-se simplesmente a sussurrar, em voz rouca:

— Pare, por favor. Não faça isso, Bert.

— Por que não?

— Porque eu não quero.

— Acho que quer.

— Não, não quero... e se não tirar as mãos, vou começar a gritar.

Todo o corpo de Bert se comprimia contra o dela, pudera sentir a pressão do pênis endurecendo.

— Está ansiosa por isso, Sally. Sabe disso. Nada recebe de Max... e não me diga que é feita de pedra.

— E você é o melhor amigo de Max!

— O que isso prova?

— Não tem o menor senso de lealdade... depois de tudo o que ele fez por você?

— E que diabo a lealdade tem a ver com isso? Você é uma mulher, eu sou um homem. E nunca mais me diga o que Max fez por mim. — Bert afastara-se dela, acrescentando: — Pense a respeito, Sally, apenas pense.

E depois se virara e deixara a copa.

Agora, no quarto, ela se perguntava: O que fazer numa situação assim? Deve-se contar ao marido? Ou fingir que nunca aconteceu?

— Como ele salvou sua vida, Max?

— Ensinou-me a roubar pão sem ser apanhado.

— Estou falando sério, Max.

— Eu também.

— Não pode estar falando sério sobre roubar pão,

— Por que não?

— Porque você nunca roubaria coisa alguma.

— Eu não roubaria 10 dólares, cem ou mil. De que isso me adiantaria? Seria uma estupidez. Um homem que rouba é estúpido ou está desesperado.

— Mas...

— Já sei, já sei. Falei que Bert me ensinou a roubar pão sem ser apanhado.

— Está sempre caçoando de mim, fazendo-me sentir que cresci num lugar protegido, sem conhecer nada do mundo.

— E não foi o que aconteceu?

— Claro que não! Fui professora numa escola na Clinton Street. Quero saber se existe um lugar pior que a Clinton Street.

— Você está zangada de verdade.

— Estou mesmo! — gritou Sally. — E muito zangada. Faço uma pergunta sobre Bert e me responde como se eu fosse uma idiota.

Max nunca a vira assim antes, o rosto pálido e tenso, os lábios se repuxando, as mãos tremendo.

— Eu não estava caçoando, Sally. Era apenas um garoto e tinha sete pessoas para alimentar... sete. E comíamos pão quando não havia mais nada. Foi o que nos manteve vivos. Naquele tempo, os ricos viviam na área de Gramercy Park, Madison Square, Washington Square e Quinta Avenida, abaixo da Rua 23. A maioria recebia pão fresco em casa, entre cinco e seis horas da manhã. Bert ensinou-me como seguir as carroças de pão. Quando o entregador entrava numa casa, nós roubávamos um pão. Quase nunca dava para notar e por isso a polícia não era chamada.

— Você roubou pão... realmente roubou pão?

— O Chefe Tweed roubou mais de 200 milhões de dólares desta cidade. William Henry Vanderbilt gabava-se de ser o homem mais rico do mundo. Murphy diz que ele era orgulhoso demais para roubar qualquer coisa abaixo de um milhão de dólares. Mas Jay Gould não era orgulhoso e roubava qualquer coisa que não estivesse pregada. Já Jim Fisk roubava mesmo que estivesse pregada, enquanto Fernando Wood...

— Sei de tudo sobre Fernando Wood. E sei também dos outros nomes que você falou. Mas isso faz com que roubar seja certo?

— Quando se rouba para não morrer de fome, então é certo! — disse Max, falando bem devagar.

Ele estava furioso agora. Quem ela pensava que era para fazer sermões e assumir aqueles ares? Desde o dia em que se conheceram que Sally lhe fazia sermões, ostentando a sua inteligência superior e boas maneiras. Ele saiu do quarto, batendo a porta. Lá embaixo, arriou uma cadeira na sala de estar e acendeu um charuto. A escuridão estava de acordo com o seu ânimo, mas fumar no escuro era incômodo. Ele se inclinou e acendeu um abajur. Tudo fácil e tranqüilo agora. Nada mais de lampiões de querosene malcheirosos ou bicos de gás perigosos. Era um homem rico. Só precisava apontar para alguma coisa e era sua. Só que agora toda a coisa se tornara um castelo de cartas. Toda aquela conversa fiada, depois do jantar, não somava para dar um único rolo de filme. Era muito fácil falar sobre uma coisa que ninguém jamais fizera antes. Mas quando punha a realidade diante da fantasia só podia contemplar o desastre. Dentro de uma semana, a menos que renunciasse à metade de seu negócio, seus teatros ficariam às escuras. Sally entrou na sala e arriou uma cadeira na frente dele.

— Eu não tencionava gritar com você, Max.

— Não foi nada.

— Creio que você pensa agora que tudo de que falamos esta noite não vale coisa alguma. Não há possibilidade de você fazer, só porque ninguém mais fez.

Max ficou espantado com a percepção dela.

— Acho que é assim mesmo que me sinto.

— Ninguém jamais tinha feito as coisas que Max Britsky fez. Não foi sempre assim?

Max sorriu.

— Está tentando fazer com que eu me sinta bem?

— Por que não?

— E há algum motivo para eu me sentir bem?

— Claro que há... derrotar aqueles filhos da puta: Stanford e Calvin.

— Eu nunca tinha ouvido você falar palavrão.

— Já era tempo.

— Tem razão. O que faz você pensar que podemos derrotá-los?

— Eu o conheço, mas eles não. Estão ansiosos em se lançarem contra Max Britsky. Mas você pode reduzi-los a picadinho.

— Acha mesmo? — Pois então me diga uma coisa: por onde devo começar com essa sua idéia de fazer filmes?

— Estive pensando nisso. Tem de haver uma história... uma história escrita... a fim de que o operador da câmera saiba exatamente o que filmar quando for fazer uma cena. E para que os atores também saibam. E acho que cada cartão de diálogo deve ser preparado de antemão. Mesmo que sejam mudados depois, devem estar prontos, caso contrário só teríamos confusão e nada faria muito sentido.

— Mas onde vamos encontrar tudo isso? Quem pode fazer, se ninguém jamais fez antes?

— Se quiser, eu posso fazer.

— Você?

— Isso mesmo. Por que não?

— Eu estava pensando em alguém que escreve essas peças de teatro que fazem tanto sucesso, como Shaw, Ibsen ou Wilde.

— Oscar Wilde já morreu. Portanto, creio que não se interessaria.

— Muito bem, então ele está morto — disse Max, irritado.

— Eu só estava querendo dizer, Max, que esses homens ou outros iguais haveriam de querer muito dinheiro. E mesmo com toda a reputação deles, não há como saber se podem fazer mais do que eu. E pelo menos não haveria qualquer prejuízo se minha tentativa não desse certo.

— Muito bem, pode tentar. E darei algum jeito de fazer o resto.

— Agora, largue esse charuto e vamos para a cama.

O chefe Murphy escutou sombriamente o relato de Max.

— Se eles estivessem em Nova York, Max, eu ainda poderia fazer alguma coisa. Mas a National está baseada na Filadélfia. Quanto a Edison, ninguém se mete com ele. Quer mesmo lutar contra isso?

A impressão de Max era a de que Murphy não queria ser incomodado. Se a National assumisse 50 por cento da organização, ele continuaria com os seus 11 por cento ou então Stanford e Calvin não poderiam operar em Nova York.

— Prefiro queimar todos os meus teatros antes de entregar àqueles filhos

da puta.

— Está sendo muito radical, Max.

— Talvez você não esteja do meu lado — comentou Max, observando Murphy atentamente. — Só não quero que fique contra mim.

— O que o faz pensar que eu poderia ficar contra você?

— Pode pensar que perderia os seus 11 por cento.

— E você perderia os seus 89 por cento.

— Nada disso. Não vou perder coisa alguma.

— Está bem. Pode contar com isso: não estou contra você. Não sei quais são as armas de Calvin e Stanford, mas tenho certeza de que você está com um barril cheio de merda para despejar em cima deles.

O que nunca ocorreu ao Sr. Alvin Berry que era o chefe do departamento de empréstimos do Chase Bank, na Broadway, 177. Via sentado à sua frente um jovem austero, metido num terno azul de sarja. Berry tinha uma contagem pessoal para classificar as pessoas que vinham solicitar empréstimos. Um dos primeiros itens era a maneira de vestir. Se o solicitante usava sarja azul, como acontecia com 90 por cento dos cidadãos estáveis que ganhavam a vida ao sul da Fulton Street, já marcava muitos pontos. Uma camisa branca e um colarinho combinando aumentavam a credibilidade. Mas não apenas se vestia da maneira apropriada, mas as unhas se achavam limpas e os cabelos cortados da forma conveniente. Quando o encontro fora marcado, o Sr. Berry indagara sobre os antecedentes de Max Britsky. Observava agora com o maior interesse o jovem que era o mais novo milionário súbito de Nova York. O Sr. Berry não estava surpreso pelo fato de que Max, apesar de milionário, precisava de dinheiro desesperadamente, mas sentia-se surpreso porque aquele judeu de origens nebulosas no gueto do East Side estava tão bem vestido, era bem-apessoado e ainda por cima falava corretamente. Ignorava que Max encontrava-se terrivelmente tenso e fazia um esforço desesperado para controlar a fala e a gramática.

— Em termos de garantia — disse Max — operamos 33 casas. É claro que nem todas são teatros, no sentido legítimo da palavra. Há 14 que são o que chamamos de poeiras, lojas comuns, enquanto outras são salões de conferências adaptados. Menciono isso apenas para indicar a extensão da nossa operação. Mas dispomos de 10 teatros, construídos especificamente para a produção teatral. Quatro se encontram hipotecados. Seis não têm qualquer ônus. — Ele tirou de uma valise uma pasta estufada com documentos e acrescentou: — Aqui estão todos os dados.

Folheando a pasta, Berry perguntou:
— De quanto está precisando, Sr. Britsky?
— Meio milhão.
— Pode deixar este material comigo? Nós o informaremos da decisão.

Berry telefonou para o escritório de Max dois dias depois, comunicando que estava aberta a linha de crédito no valor de 500 mil dólares. Mas isso era apenas o começo. Jake Stein preparou uma projeção do quanto custaria manter os teatros enquanto estivessem fechados. Stein era um homem lúgubre. Considerava-se não apenas um simples contador, mas o guardião da chama, uma chama que ninguém mais compreendia e que se apagaria no instante em que virasse as costas.

— Vai consumir todos os nossos dólares, Max. Ficaríamos quebrados se não fosse pela linha de crédito do banco. Precisamos despedir todo mundo.

— Não comece a despedir tão depressa. Quero que se livre das lojas. Venda as cadeiras e projetores, se não conseguir vender os arrendamentos. Mas não acredito que se chegue a esse ponto. A National não vai nos dar qualquer filme, mas fará negócios com os compradores, se vendermos tudo. A mesma coisa se aplica aos salões de conferências adaptados. Venda tudo. Passe os arrendamentos, incluindo cadeiras e projetores na venda. Temos de fazer perto de um milhão.

— Está louco, Max? Fala em vender 23 casas. O que nos restaria?

— Os teatros. A era das lojas adaptadas acabou. Claro que sei que estão sendo abertos por toda parte, mas a febre vai terminar. Se não tivermos sucesso, estaremos liquidados de qualquer maneira. Mas se tudo der certo, será o fim desse tipo de casa. Quem vai querer assistir um cachorro pular através de um arco quando pode ter uma diversão teatral de verdade?

— Ainda acho que você está louco. Mas ficamos com os teatros. O que vamos fazer? Despedimos todo mundo?

— Calma, Jake, calma. Não se apresse em despedir ninguém. Vamos verificar antes quanto dinheiro vai entrar das casas que venderemos. Saberemos então quem precisaremos despedir. Talvez ninguém. Tenho de descobrir quanto custa fazer um filme grande, algo que nem sei por onde começar.

Fred Feldman enveredou por outro caminho. Depois de algumas horas na biblioteca jurídica de seu antigo patrão, ele informou a Max que podiam mover um processo líquido e certo contra a National Distributors.

— Nos termos da Lei Antitruste Sherman, Max, a coisa está absolutamente clara. Não há escapatória. Eles estão enquadrados. Acho que podemos arrancar até 10 milhões de dólares.

— Quer saber de uma coisa? Sam Snyder não está conseguindo comprar câmeras. A notícia já se espalhou e acho que até a companhia telefônica está envolvida na conspiração contra a gente.

— Puxa vida! Sabe o que isso nos dá? A maior ação antitruste do ano!

— Só que não vamos fazer isso. Snyder parte para a França amanhã. Pode comprar lá todas as câmeras de que precisamos, até melhores que as daqui. Trará também 20 mil pés de filme. Contratamos dois sujeitos da Edison, onde o pagamento é péssimo. Montaremos o nosso próprio laboratório.

— Mas tem de mover a ação contra a National, Max. Podemos deixá-los esfolados.

— Para quê, Freddy?

— Eles tentaram nos liquidar. Vamos retribuir a gentileza.

— Talvez nos tenham prestado um favor. Perguntei a Murphy o que achava de um processo. Ele respondeu que ir contra a National, a companhia telefônica, a Edison e a turma de Rochester teria tanta possibilidade de sucesso quanto uma bola de neve no inferno. Eles que se fodam, Freddy. Tenho coisas mais importantes com que me preocupar.

Entre as coisas mais importantes estavam dois ingressos para assistir *O Admirável Crichton,* de J. M. Barrie. A peça estreara em Nova York quatro anos antes, em 1902, com bastante sucesso, e estava sendo agora representada por seis semanas no Clarion Theatre, na Rua 14. Havia planos para demolir o Clarion e se construir um prédio de apartamento no lugar, porém Max tinha uma opção para comprá-lo. Ainda era válida por três meses. Durante esse período, os proprietários só aceitavam peças de tempo limitado. Crichton era representado por Wil Frederickson, um ator inglês bastante competente, embora sem nada de excepcional. A peça era dirigida por um recém-chegado ao teatro, chamado Gerald Freedman. A função de um diretor na América era coisa nova. Muitas peças ainda eram apresentadas sem qualquer pessoa em particular na direção, havendo apenas uma participação limitada do produtor. Sally achava que algo tão novo e complicado quanto o filme que tencionavam produzir precisava de uma pessoa de teatro para supervisioná-lo. Os pais de Gerald Freedman residiam em Flatbush e eram vizinhos dos pais de Sally. Quando a mãe de Sally soube que ela estava escrevendo um filme, sugeriu Freedman como alguém que poderia ser útil. O fato de Freedman trabalhar num teatro sobre o qual Max tinha uma opção era pura coincidência, mas ajudou-a arrumar excelentes lugares.

Sally não sabia como Max reagiria à sátira de Barrie. Para sua surpresa,

ele adorou a peça, ficou deliciado com o conceito de um mordomo superior ao patrão. Quando foram aos bastidores, Max abandonou a sua atitude desconfiada e cínica habitual e apertou a mão de Gerald Freedman com o maior entusiasmo, insistindo que os acompanhasse numa ceia no Rector's.

Freedman era um ano mais moço que Max, cinco ou seis centímetros mais alto, já começando a perder os cabelos. Tinha olhos castanhos, grandes e tristes, por trás de óculos de lentes grossas, um rosto comprido e estreito, nariz proeminente... um tipo de feiúra que era atraente e excepcional. A reapresentação da peça de Barrie representava o seu primeiro trabalho profissional importante. Antes disso e desde a sua formatura no City College, fora garçom no Palm Restauram, na Bleecker Street, passando todas as horas vagas entregues ao teatro, primeiro como ajudante geral, depois pintando cenários e desempenhando pequenos papéis, participando ainda de produções amadoras, na Cooper Union e na Henry Street. Portanto, a linha de sua vida já cruzara duas vezes com a de Max. O que voltava a acontecer no Clarion Theatre.

— Isso tem de significar alguma coisa, Gerald... Gerry. Não se importa que eu o chame de Gerry, não é mesmo? Você me chama de Max e Sally é Sally. Como vamos trabalhar juntos intensamente, não há motivo para sermos formais.

— Está certo — disse Freedman. — Mas tenho de ser franco. Estou muito atraído pela oportunidade que me oferece, mas nunca fiz um filme do tipo de que a Sra. Britsky falou...

— Ninguém fez.

— ...ou qualquer outro. Tenho de ser sincero. Nada sei a respeito de filmes. Só tenho a noção mais vaga de como são feitos.

— Já foi aos meus cinemas em lojas?

— Pelo menos cem vezes.

— Assistiu a *O Grande Assalto do Trem*? — perguntou Sally.

— Claro. Duas vezes.

— Se pensar em *O Grande Assalto do Trem* como um incidente numa história comprida que dá para se entender, então compreenderá o que queremos.

— Ainda não vejo qual poderia ser a minha função.

Max riu e afagou o ombro de Freedman. Com apenas 27 anos, Max já estava assumindo um comportamento ao mesmo tempo paternal e feudal. Afinal, estava no Rector's, em plena Rua 43, presidindo uma ceia num restaurante que considerava mais importante que o Delmonico's, embora menos esplêndido, levado até lá por sua própria carruagem. Max não partilhava o senso de perdição que dominara seus companheiros na organização. Em determinado momento, Charley Rector parou à mesa e disse:

— Prazer em vê-lo, Sr. Britsky. Está mais adorável do que nunca, Sra.

Britsky.

Max ficou na maior satisfação, pois era um sinal inequívoco de que já estava sendo aceito. Tivera algumas horas de dúvida depois do encontro com Stanford e Calvin, mas já estavam dissipadas. Agora, não havia mais quaisquer dúvidas sobre o sucesso final do projeto. Conquistara aquele lugar, ali estava sentado com a esposa e o jovem Freedman sobre os candelabros de cristal, tomando champanha, comendo ovos à Benedict e algumas colheres do suflê de chocolate que pediu para sobremesa, acendendo um excelente havana. Que os outros tivessem dúvidas. Ele sabia que faria aqueles filmes novos porque assim tencionava e sempre conseguia tudo o que queria.

— Quando o momento chegar, Gerry, eu lhe direi qual é a sua função.

Não que Max tivesse no momento alguma idéia a respeito, mesmo que vaga. Mas, a seu ver, isso não era o mais importante. O principal era seguir em frente, produzir o filme.

O pequeno, apertado e improvisado estúdio que Edison construíra em Nova Jersey para fazer os seus filmes de 10 minutos não fazia qualquer sentido para Max. Mas também ele não tinha nenhuma idéia definida do que deveria consistir um estúdio apropriado para a produção de filmes. As operações na Filadélfia eram conduzidas num antigo estábulo, mas Max achava isso tão limitado e sem sentido quanto o estúdio de Edison. Seu pensamento foi influenciado pelos teatros autênticos que assumira e convertera em casas de projeção de filmes. Admirava a altura dos bastidores desses teatros antigos, a maneira como os cenários podiam ser removidos e guardados. Gostava da noção de uma câmera filmando de uma distância de 10 ou 15 metros, embora jamais tivesse testemunhado isso. Começava a adquirir o hábito de ver as coisas com o olho de uma câmera, isolando a realidade ao seu redor e imaginando-a numa tela. A aversão pelos temas curtos e simples dos filmes até então produzidos fora aumentando com o passar dos anos. A estupidez e inutilidade de tais filmes tornaram-se algo a que assistia com indiferença ou irritação. Enquanto procurava por um lugar para produzir seus filmes, foi aumentando seu excitamento pelo que se propunha fazer. Dia após dia, percorria as ruas de Lower Manhattan, rejeitando todas as sugestões de que poderia encontrar o que procurava em Nova Jersey ou no Bronx. O centro de Nova York era a sua base, seu lugar de sustento. Tinha de ser ali. E finalmente encontrou.

Era um antigo depósito de gelo, na Rua 18, entre as avenidas Nona e Décima, um prédio com 14 metros de largura, 33 metros de comprimento e com um teto de 20 metros. O espaço interior era vazio, com exceção das escadas e patamares na parede dos fundos. Havia uma plataforma de carga nos fundos, dando para a Rua. 17. No tempo em que era depósito, o gelo ficava empilhado

do chão ao teto, separados os blocos por serragem. Estava agora vazio, exceto pelas pilhas de serragem no chão. O corretor que o mostrou a Max informou que podia ser comprado por 15 mil dólares. Os novos depósitos de gelo tinham elevadores hidráulicos, aquele era muito pequeno e estreito para continuar a ser aproveitado.

— O que me faz imaginar o que tenciona fazer com o prédio — comentou o corretor.

— Ganhar dinheiro — respondeu Max, laconicamente.

Feldman manifestou sua dúvida enquanto elaborava os documentos para a transação:

— É uma construção absurda, Max. Vamos supor que precisemos vender. Quem o compraria?

— Dentro de cinco anos, o terreno valerá duas vezes o que pagamos pelo prédio. O seu problema, Freddy, é que se preocupa demais com as coisas.

— É para isso que você me paga.

Sam Snyder, por outro lado, ficou deliciado com o prédio. Ele voltou da França poucos dias depois do negócio ser concluído, trazendo as câmeras e milhares de pés de filme, cheio de excitamento e notícias. A principal era a de que George Meliès, o produtor de filmes francês, planejava fazer o mesmo tipo de filme dramático que Sally sugerira. Não restava a menor dúvida de que era uma idéia pairando no ar.

— A verdade, Max, é que o pessoal da National não poderá manter os nossos teatros fechados. Haverá filmes como os nossos na França e também na Inglaterra.

Snyder ressaltou que haveria necessidade de fazer muitas coisas no prédio que serviria como estúdio, como providenciar energia elétrica para uma superiluminação, ventiladores, construir cenários assim que a história fosse definida, contratar eletricistas e carpinteiros.

— É fácil falar sobre tudo isso, Max, mas na hora de fazer, a coisa toda muda. E se aqueles cartões falantes de Sally não forem aprovados, podemos largar mão.

— Darão certo — garantiu Max.

Enquanto isso, Gerry Freedman se tornara um visitante quase diário da casa da Rua 66. Sally jamais conhecera alguém como ele. Até certo ponto, Freedman partilhava a característica de autoconfiança de Max. Mas também tinha uma sensibilidade que Max jamais demonstrara. Parecia prever os pensamentos de Sally, conhecer a reação dela, antes mesmo de apresentar uma sugestão. Sem sua ajuda e encorajamento, Sally certamente teria abandonado o projeto, descartando o que já fizera como absurdo e sem valor.

Aquela primeira noite no Rector's deixara Freedman completamente fascinado por Sally Britsky. Cada um a seu gosto. Bert Bellamy descrevia Sally como um camundongo assustado. Outros a viam como uma mulher atraente. Max aceitava os elogios à aparência de Sally como, em suas próprias palavras, "uma merda política", já que provinham quase sempre de homens ligados a Tammany, de uma forma ou de outra. Certa ocasião, quando fizera o comentário para Murphy, este lhe dissera:

— Fica mais fácil dizer como nós irlandeses, meu rapaz. É o que chamamos de puxa-saco.

Mas jamais ocorrera a Max que Gerald Freedman ou qualquer outro homem pudesse se apaixonar por Sally. Afinal, ela era sua esposa, a mãe de seus filhos, apesar de nunca ter sido grande coisa como objeto sexual. Depois do nascimento de Richard e Marion, o relacionamento sexual entre Max e Sally praticamente cessara. Já se haviam passado dois anos desde que Marion Britsky ingressara no reino dos vivos, mas Sally ainda usava os efeitos posteriores do parto e da amamentação como uma desculpa para se abster de sexo.

Max estava plenamente disposto a aceitar tal situação, já que era muito confortável o seu relacionamento com Etta Goodman. Seu horror a doenças venéreas ainda persistia como na juventude, mas em sua mente Etta era uma moça judia boa e pura e assim permaneceria. E lhe dissera:

— Daqui por diante, você não olhará para outro homem. Entendido?

— Claro que entendo. Então por que não deixa aquela magricela e casa comigo?

— Sabe que não gosto desse tipo de conversa.

— Pois deixe-me lhe dizer uma coisa, Sr. Britsky. Não pense que nunca me olhei no espelho. Sou cinco vezes mais bonita que aquela sua professora. Posso não ser uma professora, mas sou tão inteligente quanto ela. Portanto, não venha me dizer que não posso olhar para outro homem.

Na próxima vez em que se encontrou com Etta, Max presenteou-a com um relógio de 200 dólares para usar na blusa. Mas ela não se abrandou e comentou asperamente:

— Ela tem carruagem e mansão, enquanto eu recebo apenas um relógio.

Quando Sally sugeriu que poderiam ficar mais confortáveis em camas separadas, Max não protestou. Mas sua mãe deixou bem claro o que pensava a respeito:

— É a coisa mais repulsiva que já conheci. Uma vergonha para todos.

— Sally quer assim.

— Ela quer a lua e você lhe dá a lua.

— Ela não tem conseguido dormir direito desde o nascimento de Marion.

— Deus nos livre que ela perca uma só noite de sono. Sua mãe pode passar uma semana sem dormir que você não levanta um dedo. Mas Sally não dorme bem e então se torna justo terem camas separadas.

Contudo, a última coisa no mundo que Sally podia cogitar era um ato de infidelidade, até mesmo um flerte brando. Em seu mundo, tais coisas não aconteciam. Freedman era um amigo, alguém com quem podia conversar. Não havia nada de errado em ter um amigo. Max pensava da mesma forma. Estava satisfeito por Sally e Freedman se darem tão bem. Sabia que precisava de talento como o de Gerald Freedman para o novo empreendimento a que se lançava. Estava mais consciente do que nunca de sua falta de instrução, não enganava a si mesmo considerando sua esperteza e habilidade como substitutas para o conhecimento. Havia todo um mundo que estava além do seu alcance, o mundo do teatro, livros e arte. Esse mundo estava amortalhado numa escuridão que o confundia e perturbava. Freedman era trunfo, assim como Sally. E havia outro ponto importante: Freedman era um homem. Max não podia aceitar a noção de que uma mulher era capaz de lidar com problemas criativos complexos, assim como não podia sequer acalentar a possibilidade de que Sally lhe fosse infiel. Por mais que apreciasse a instrução, a capacidade em potencial e o bom gosto de Freedman, não podia imaginá-lo como uma competição pela afeição de Sally. Freedman simplesmente não se enquadrava em qualquer das definições de atração masculina de Max.

Freedman e Sally trabalharam juntos por cinco semanas. O fato de não haver modelos anteriores para comparar e nenhuma tradição para orientá-los proporcionava-lhes um grau de liberdade com que não contariam se estivessem fazendo uma peça teatral. Também não se sentiam inibidos pelo fato de não terem qualquer experiência para criar um drama tradicional. Não estavam concorrendo com Shaw ou Ibsen; não concorriam com ninguém, nem mesmo com eles próprios, pois não tinham faculdades críticas. Assim, trabalharam com a maior animação, com uma cordialidade absoluta, em busca do produto final.

Max fizera muitas coisas nessas cinco semanas. Os arrendamentos das lojas e os títulos dos salões de conferências adaptados foram vendidos; a aquisição do antigo depósito de gelo fora consumada e carpinteiros e eletricistas lá trabalhavam agora, sob o comando de Sam Snyder. Os 10 teatros autênticos estavam fechados, passando por reformas. Quando reabrissem, a intenção de Max era cobrar 50 cents na platéia e 30 cents no balcão, o que resultaria numa receita, segundo os seus cálculos iniciais, pelo menos duas vezes maior do que tinha em toda a cadeia por ocasião do fechamento. Gastava dinheiro com uma generosidade real, convencido de que a manobra daria certo. Ao final das cinco semanas, eles se reuniram na casa de Max, a fim de tomar conhecimento do

resultado dos esforços de Sally e Gerald Freedman.

Sally retirou-se para um segundo plano. Em algum lugar, logo além do limiar da percepção consciente, compreendia que a projeção de uma mulher como um fator importante nos planos podia criar oposição e resistência. Quando se reuniram na sala de estar, ela explicou que Freedman descreveria a ação da câmera; nos momentos apropriados, ela mostraria um dos cartões de diálogo que estavam em seu colo. Combinara assim, apesar da oposição de Freedman e apesar de ter sido a responsável pela maior parte do trabalho criativo.

— Vai filmar esses cartões? — perguntou Fred Feldman.

— É o nosso plano. — Ela virou-se para Snyder. — Não haverá problema, não é mesmo, Sam?

— Absolutamente nenhum. Mas por quanto tempo pretende mostrar cada cartão?

Sally olhou para Freedman, que explicou:

— Tentamos limitar cada cartão a 12 palavras, além de preposições, conjunções e pronomes. A maioria tem menos de 12 palavras...

Sally percebeu a expressão no rosto de Max e apressou-se em dizer:

— Palavras como "e", "mas", "eu", "você", "ela", "ele"... não contamos, porque achamos que teriam um pronto reconhecimento. Mesmo assim, tentamos fazer as frases bem curtas. Nem sempre é possível.

— Não sei, não — disse Max. — As pessoas não costumam falar em duas ou três palavras.

— Mas isso não é o real — respondeu Freedman. — Acho que funciona. Agora, em resposta à pergunta de Sam, elaboramos os diálogos de duas maneiras. Primeiro, lemos cada cartão do jeito que se lê um livro, para si mesmo. Descobrimos que podíamos ler as 12 palavras em seis segundos. Depois, pronunciamos as palavras, pois é assim que fazem as pessoas que aprenderam a ler quando adultos... pessoas de instrução limitada, que ainda têm dificuldades com a língua... e isso demora o dobro, em torno de 12 segundos.

— E acho que muitas pessoas lerão em voz alta — acrescentou Sally. — Se alguém levar a mãe e o pai, se forem imigrantes e não souberem inglês, o filho não leria em voz alta para eles?

— Esperamos que num sussurro — comentou Freedman.

— Se precisarmos de mais de 12 palavras, claro que podemos aumentar o tempo do cartão.

— Deixemos para nos preocupar com isso depois -— disse Max. — Vamos seguir adiante.

— Está certo — concordou Freedman. — Primeiro, o título. Será *Jennifer, Criança das Ruas.*

— Jennifer? Mas que nome mais esquisito!

— Vamos abreviá-lo. No filme, será Jenny.

— Então por que não botar Jenny também no título?

— Deixe ele continuar, Max — interveio Bert.

— Não há razão para que não possa ser Jenny no título — disse Freedman. — Seja como for, nós a chamamos de Jenny. Ela vive com a mãe e o pai num apartamento de água fria. O nome do pai é Joe Kent, um bêbado, um homem brutal. Trabalha às vezes como estivador no porto. Mas passa a maior parte do tempo sem trabalhar, a família vive com dificuldades do pouco dinheiro que a mãe consegue com suas costuras e dos lápis que Jenny vende nas ruas. A mãe, que se chama Alice, é aleijada. Isso é a base para a história...

Fred Feldman interrompeu-o:

— Mas se é apenas a base, como vai contá-la? Não tenciona escrever tudo isso em cartões, não é mesmo?

— Claro que não. Vamos mostrar com a ação. A ação é mais importante do que qualquer outra coisa. Estou simplesmente situando Jenny.

Sally levantou o primeiro cartão: "Todo o seu dinheiro gasto em bebida, Joe Kent volta para casa".

— Mostramos o apartamento neste momento — disse Freedman. — É o nosso primeiro cenário. Alice, a mãe, está sentada diante da máquina de costura. Depois vem o cartão. Quase todos os cartões são de diálogos, mas precisamos de alguns de explicação pura e simples. Alice levanta os olhos, sorrindo a princípio. Vendo Joe cambalear, , de tão bêbado, o sorriso some. Ela abre os braços para indicar sua desaprovação desesperada. Ele sacode um braço e grita. Jenny entra correndo na sala.

Sally suspendeu o segundo cartão: "Não fale assim com mamãe. Você está bêbado".

— Ele se vira para Jenny e bate nela. A mãe se levanta, com um esforço sobre-humano, depois cai no chão. Jenny corre para a mãe, ajoelha-se e a abraça. Enfrenta o pai quando ele se aproxima.

Sally suspendeu um cartão: "Não toque nela".

— E se poderia saber que é Jenny quem está falando? — perguntou Bert.

— Com toda certeza. A câmera focalizaria Jenny. Ela diz as palavras e depois aparece o cartão. Voltamos a Joe Kent, a câmera acompanhando-o enquanto anda pela sala na maior fúria, esbarrando em móveis. Torna a se aproximar da esposa e da filha, cheio de raiva. A câmera mostra a reação assustada e desesperada das duas. Volta a Joe Kent, que grita com elas, depois vai até o armário, pega uma garrafa de bebida e toma tudo. Joga a garrafa na parede, vira-se para xingar novamente a mulher e a filha e depois sai, batendo a

porta. A câmera se desloca agora para outro ângulo, mostrando Alice e Jenny. Alice fala.

Sally suspendeu um cartão: "Ele não era assim. Antes de virar um bêbado, era um homem gentil".

Freedman levantou os olhos do seu roteiro.

— Devo dizer que, depois de começarmos, Sally e eu compreendemos que podíamos fazer coisas em que nunca pensáramos... como mudar a câmera de um lugar para outro. Na cena seguinte, Jenny sai de casa para o seu trabalho de vender lápis. Precisa fazer isso para que a família possa sobreviver. Eu gostaria de mostrá-la descendo a escada do prédio. Isso é possível, Sam?

— Acho que podemos dar um jeito. É apenas uma questão de ter bastante luz no lugar.

— E mostrá-la também saindo para a rua?

— Por que não?

Freedman voltou a se concentrar no roteiro:

— Há uma porção de detalhes, mas o fundamental é que essa criança pobre e doente sai para a rua a fim de vender seus lápis...

— Criança? O que é uma criança? — indagou Max. — Qual a idade dela?

— Dezoito anos — respondeu Sally.

— E qual é a doença? — perguntou Feldman.

— Não especificamos. Não é necessário. Pode ser simples desnutrição, fome, não ter o suficiente para comer. Mas não importa. Ela está na rua, suplicando às pessoas que comprem seus lápis. Mas ninguém compra. As pessoas passam indiferentes. E, de repente, ela desmaia.

— Como podem ver, é perfeitamente possível — interveio Sally. — Levamos a história até este ponto com apenas três cartões de fala e um cartão de explicação. Está gostando até agora, Max?

— Estou, sim. Mas é preciso saber para onde está indo. Peguei a história até aqui... o velho vagabundo bêbado, a mãe aleijada e a pobre criança. Mas quero saber o que vai acontecer a partir daí.

Freedman assentiu.

— Claro. Temos a cena em que ela desmaia e a multidão se reúne. Mas sabe como é uma multidão em Nova York. Todos olham, mas ninguém faz nada. — Ele fez uma pausa, batendo com a mão no manuscrito. — Pusemos aqui todas as orientações sobre a colocação da câmera, mas acho que seria melhor não entrar nesses detalhes, pois se poderia perder o fio da história. Não concorda, Sally?

— Claro. Acho que deve se limitar a contar a história. E quando chegar os momentos, levantarei os cartões apropriados.

— É melhor assim — disse Max. — Acho que começamos a compreender como funcionam os cartões. Vamos ouvir toda a história.

— Muito bem. Mais ou menos no instante em que Jenny cai, sem sentidos, uma limusine guiada por chofer se aproxima, pertencente a um cidadão chamado Manfred Van Dyme. Ele tem 26 anos de idade e é o único filho de uma família rica de Nova York, que remonta aos holandeses. E uma dessas pessoas sobre as quais Richard Harding Davis escreve, tão rico que não precisa trabalhar para viver. Mesmo assim, é uma pessoa muito decente.

— Não será, se for parecido com os banqueiros com quem costumo fazer negócios — comentou Max.

— Pois não é. Não está metido em negócios. Não trabalha em nada. Circula em seu automóvel, quando não está passeando a pé pela avenida. O carro está passando no momento em que Jenny desmaia.

Sally suspendeu um cartão: "Pare, Johnson".

— Johnson é o nome do chofer. O carro pára e Manfred salta, abre caminho através da multidão e se debruça sobre Jenny.

— Por que ninguém chamou uma ambulância? — perguntou Jake Stein.

— É uma história, Jake! — disse Max, asperamente.

— Manfred vê aquela linda moça caída ali, desmaiada. Sente-se comovido. Profundamente comovido. Olha com raiva para as pessoas que estão paradas ao redor e não têm compaixão suficiente para fazer alguma coisa para ajudar aquela pobre e linda moça. Ele a pega nos braços e leva para o seu carro. Johnson abre a porta, Manfred a coloca no assento e embarca. Neste ponto, Sally e eu achamos que se pode fazer uma coisa que parece bastante prática, mas que nunca vimos antes. Acho que Sam pode nos dizer se é possível.

— Diga o que é, Gerry. Farei o melhor possível.

— É o seguinte, Max. Ele a pega, por exemplo, na Rua 14. Achamos que a mansão de Van Dyme deve ser na Quinta Avenida, uma daquelas casas na altura das ruas 50 ou 60. Ele vai levá-la para casa...

— Para casa? — interrompeu Max. — Espere um pouco. Talvez eu não saiba exatamente como vivem esses aristocratas de sangue azul, mas tenho certeza de que nenhum deles vai pegar uma garota na rua e levar para casa, apresentar à mamãe e papai. Pelo menos não há os papais com quem tenho lidado.

— Não é bem assim, Max — respondeu Sally. — Está se antecipando. O pai e a mãe de Manfred estão excursionando pela Europa. É o que essa gente faz. Sempre leio como passeiam pelo Continente. E você deve compreender que Manfred é um homem diferente.

— Muito bem, ele deve ser Papai Noel à paisana... mas por que não?

Acho que toda criança pobre sonha com alguma coisa assim.

— Vamos voltar à sua pergunta, Gerry — sugeriu Snyder.

— Está certo. O que estamos querendo saber é se seria possível montar uma câmera numa carroça ou num desses carros que estão chamando de caminhão e filmar o automóvel de Manfred enquanto segue da Rua 14 até a Quinta Avenida. Podemos precisar da ajuda da polícia, mas Max diz que isso não é problema. Seria possível?

— Não sei, porque é uma coisa que ninguém jamais tentou. Mas creio que podemos dar um jeito. Já se põem câmeras num trem e se acompanham cavalos a galope. Mas este caso é diferente. Se pusermos a câmera na frente do carro de Manfred, ele avançaria direto para a platéia...

Sally interrompeu-o, muito excitada:

— Se puser duas ou três câmeras pelo caminho... ou mesmo uma só câmera a mudar de posição, então a platéia poderia ver o carro por vários ângulos.

— Ei, espere um pouco! — exclamou Max. — Por que não se põe a câmera no carro com Manfred, ao lado do chofer?

— Perto demais.

— Não há espaço.

Sam Snyder disse, com um excitamento crescente:

— Mas se pudermos fazer o que Max sugere... mesmo que tivéssemos de construir um automóvel especial, com uma plataforma ou algo parecido... seria espetacular.

Todos estavam agora dominados pelo excitamento, divisando uma interminável sucessão de cenas e possibilidades entre a Rua 14 e a Quinta Avenida. Manfred Van Dyme e Jenny Kent não eram mais figuras absurdas no papel, mas realidades palpáveis, a base da esperança de todos para o futuro. Reforçado por uma nova confiança e autoridade, Gerald Freedman continuou a relatar a história, com Sally mostrando os cartões com evidente orgulho:

— Em sua magnífica limusine, Manfred leva Jenny para a mansão na Quinta Avenida, entra com ela no colo e a ajeita numa cama de baldaquino. Ela está muito fraca. As pálpebras tremem. Os criados da mansão estão consternados. Quem é essa criatura que Manfred traz para casa? Manfred não dá a menor importância aos comentários. Chama um médico. Já está apaixonado por Jenny. O médico chega, examina Jenny e depois comunica a Manfred que as possibilidades de sobrevivência dela são mínimas. A moça parece estar morrendo.

O cartão que Sally mostrou nesse instante dizia: "Morrendo? Uma beleza assim pode morrer? Nunca! Você tem de salvá-la!".

— É Manfred quem diz isso. E quando o médico abre os braços e sacode a cabeça em desespero, Manfred torna a falar, no cartão mais comprido do filme: "Não, ela não vai morrer! Não deve morrer! Minha vida até agora foi vazia, sem sentido. Não pouparemos nenhum custo ou esforço para salvá-la!".

— Vai deixá-la morrer? — perguntou Max.

— Claro que não. Manfred fica em vigília à cabeceira de Jenny. Ela recupera a saúde. Manfred leva-a às melhores lojas, compra-lhe roupas elegantes, um casaco de pele. Os pais de Manfred ainda estão na Europa. O pai de Jenny descobre-a, aparece na mansão da Quinta Avenida, acusa Manfred de seqüestrar sua filha. Jenny chora, suplica ao pai para ir embora. Mas ela tem de acompanhá-lo, pois é menor de idade. O pai volta com um guarda que obriga Jenny a deixar a mansão. Manfred observa-os se afastarem.

— E ele não faz nada? — perguntou Max, indignado.

— O que ele pode fazer? — explicou Sally. — A lei está do lado do Sr. Kent.

— Mas a vida aplica uma vingança ao cruel bêbado Sr. Kent. Ele é atropelado por uma parelha de cavalos de carga e morre. Mas Manfred não sabe de nada. Sua vida é vazia. Os pais voltam da Europa. Enquanto isso, Jenny voltou a ser o único arrimo da mãe aleijada, vendendo lápis nas ruas. E é na rua que Manfred a encontra de novo. Ele suplica que ela o acompanhe. Jenny recusa. O mundo dele é uma coisa, o dela é outro. Os dois não podem se misturar. Mas Manfred a segue até em casa. Depois, manda seu advogado procurá-la, informando que um parente distante dela morreu, deixando uma herança de 10 mil dólares. Jenny aceita o cheque com lágrimas nos olhos. Sua mãe está doente, o estado se agravando, mas agora Jenny pode mandá-la para o hospital. A mãe acaba morrendo, apesar de todos os esforços para salvá-la. A única pessoa no cemitério, aparentemente, é Jenny, parada sozinha ao lado da sepultura.

Sally suspendeu um cartão: "Sozinha. Inteiramente sozinha no mundo. O que farei?".

— E de repente Manfred aparece, saindo de trás da árvore onde se escondia — disse Freedman. — Manfred se adianta. Jenny vira-se para fitá-lo. Manfred fala.

Sally suspende o último cartão: "Não. Você nunca esteve sozinha. Sempre fiquei ao seu lado. E sempre estarei"

– E o filme acaba — arrematou Sally.

Estavam todos comovidos e aplaudiram com o maior entusiasmo. O único associado de Max que tinha uma instrução superior era Fred Feldman, mas praticamente não incluía literatura ou teatro. A educação da própria Sally não incluía o julgamento comparativo de obras dramáticas. Além disso, nem ela nem

Freedman eram particularmente talentosos para escrever histórias. Não tinham qualquer tradição pela qual avaliar a obra criada. Todos partilhavam, de seu momento na história, uma relutância sentimental em encarar os fatos da própria existência. A realidade da vida em torno deles — a sujeira, miséria, crueldade social, a desesperança de tantos, a pobreza e fome que haviam sofrido ao longo de suas vidas — não criava uma reflexão artística. A capacidade de absorver o sentimento era sufocada pelo sentimentalismo, o que os levava à aprovação e aplauso. Sally ficou tão satisfeita que as lágrimas afloraram a seus olhos. Bert Bellamy declarou:

— Você tem toda razão, Max. Uma coisa assim... podemos lançar em todos os teatros ao mesmo tempo. E vamos acabar com os outros.

Fred Feldman achava que os pais ricos haviam sido negligenciados e comentou:

— Deveríamos mostrá-los a conhecerem Jenny.

Para Max, no entanto, era tudo uma questão de tempo, acima de qualquer outra consideração.

— Temos de trabalhar o mais depressa possível. Os teatros estão vazios. Talvez dê certo ou talvez nos arrebentemos. Mas qualquer que seja o resultado, não podemos mais perder tempo.

Dois dias depois, Max entrou em sua sala e deparou com Etta Goodman sentada à sua mesa, lendo o roteiro escrito por Sally e Freedman.

— Não se mexa, Etta. Continue sentada aí. Acho apenas que deveria ter me avisado que ia assumir, pois então poderíamos promover uma festa no escritório para comemorar.

— Não estou assumindo coisa nenhuma, Max. Apenas vi esta coisa em cima da mesa e me sentei aqui para dar uma olhada.

— Bisbilhota tudo que está em cima da minha mesa?

— Só algumas coisas. — Ela se levantou, contornou a mesa e foi beijá-lo no rosto. — Gostei muito.

— De quê?

— De *Jennifer, Criança das Ruas*. Só que o nome é muito bobo.

— De repente você se tornou uma especialista em nomes.

— Acho horrível.

— Mas deixe que a gente se preocupe com o nome. E agora suma daqui para que eu possa trabalhar

Mas Etta não se retirou. Afastou-se de Max e foi parar junto à mesa, sem desviar os olhos dele; depois disse, explosivamente:

— Vai transformar essa história num filme?

— Isso mesmo.

— É uma idéia maravilhosa.

— Obrigado por seu reconhecimento. E agora me deixe trabalhar.

Ela não se mexeu.

— Max, durante todos esses anos você vem fazendo sexo comigo, como se eu fosse uma peça da mobília. Nunca lhe pedi nada, nunca recebi nada...

— Tem um emprego! Tem um salário!

— O que está querendo insinuar? Não sou uma prostituta. Você me paga pelo trabalho que faço aqui. Posso não ser muito esperta, mas tento fazer da melhor maneira possível todo o trabalho que me dá. Sempre me esforço ao máximo. Mas o sexo... isso é de graça! Sally tem o mundo todo... a casa na Rua 66, seus filhos, um carro para ir aonde quiser, roupas, jóias, casacos de pele... e eu só tenho *bubkas*. Cuido de você, sou fodida por você, vou buscar café e sanduíches para você. E quando você trabalha até tarde, quem vai ao Rosenstein's para dizer o que devem fazer para o seu jantar e depois traz para cá? Eu, eu, eu... e para quê? Para quê?

Ela desatou a chorar e as lágrimas de uma mulher eram algo a que Max não podia resistir. Adiantou-se e abraçou-a.

— Escute, menina, vou-lhe confessar uma coisa sobre a casa na Rua 66. Durmo lá e ponto final. Isso é tudo. E só vejo meus dois filhos por alguns minutos, quando tenho sorte, mais nada. Eles têm uma maldita babá alemã, que só fala com os dois em alemão, porque minha esposa está criando os filhos para serem como os nojentos judeus alemães desta cidade. É só isso. E não é grande coisa, não é mesmo?

– Mas o que eu tenho?

– Você tem um emprego e tem a mim.

— E, no final, o que serei? Uma solteirona usada e seca.

– Isso não vai acontecer. Arrumaremos um marido para você.

– Que diabo está querendo dizer com isso? — gritou Etta, empurrando-o.

— Você não deve virar uma velha solteirona.

— Não quero marido nenhum. Eu o amo.

— Está bem, está bem. E agora enxugue as lágrimas e limpe o rosto.

— Não!

— Mas o que deu em você, Etta?

Ela se inclinou sobre a mesa e pegou o roteiro, estendendo-o para Max.

— Isto!

— Isso? Mas do que está falando?

— Vai fazer um filme grande com isto, não é mesmo?

— É, sim.

— Então vai precisar de uma atriz para representar o papel de Jennifer.

— Claro.

— Pois eu o quero. Serei Jennifer.

— O quê?!

— Isso mesmo que você ouviu — disse ela, largando o roteiro na mesa e de repente se tornando muito calma.

— Etta, Etta, estou gastando milhares de dólares nessa coisa. Preciso de uma atriz de verdade.

— Pois eu sou uma atriz.

— Desde quando?

— Há dois anos que venho tomando aulas na Segunda Avenida, por cima do restaurante Moshe's, com professores como o Sr. Adler e o Sr. Emmelman. Posso não ser uma Sarah Bernhardt, mas sei representar bastante bem para fazer o seu filme, se quiser me dar a oportunidade.

— Você está doida!

— Então estou doida. Por que não dá uma olhada em mim, Max? Vem deitando comigo há anos, mas nunca olhou para mim.

Max fitou-a nesse instante e compreendeu que era verdade. Nunca a contemplara realmente, como se costuma fazer com uma mulher nunca vista antes. Etta era um pouco mais alta do que ele seria capaz de dizer se lhe perguntassem, mais esguia. Talvez porque os seios de Sally fossem tão pequenos, os seios cheios de Etta sempre lhe deram a impressão de uma mulher mais gorda do que na realidade. Os cabelos castanhos eram lustrosos, as sobrancelhas retas, os olhos grandes e escuros, o nariz pequeno, os lábios polpudos, por cima do queixo arredondado.

— O Sr. Fritz Emmelman, meu professor dramático, acha que sou muito bonita — disse Etta.

— Não resta a menor dúvida de que é uma moça atraente. Falei alguma vez o contrário? Mas uma atriz... — Max sacudiu a cabeça. — Não é possíve1 Você está doida. Esqueça.

— Não esquecerei, Max — disse ela, o rosto se contraindo. — O que eu penso...

— Não quero saber o que você pensa. Quero apenas que deixe de bancar a chata e saia daqui.

— Sempre tive medo de você, Max, porque dizia a mim mesma: se fizer alguma coisa que ele não gostar, vai deixar de me amar e me despedir. Pois estou compreendendo que você não me ama, apenas acha conveniente ter alguém no escritório para trepar sempre que sente tesão. E não vai mesmo me despedir.

Quer saber por quê? Porque se me despedir posso procurar a besta da Sra. Sally Britsky e dizer: "Seu marido, Max, há anos que vem trepando comigo, mesmo na noite anterior ao casamento, para não falar de uma semana depois"...

— Você seria capaz de fazer isso?

— Talvez sim, talvez não.

— Você não é uma mulher desse tipo, Etta. Temos muita coisa entre nós. E quando foi que ameacei despedi-la?

— Talvez seja esta a primeira vez. Mas vou lhe dizer uma coisa, Max, quer você queira ou não saber. Acho que a maioria das mulheres tem uma chance; e às vezes só uma em toda a vida. Pois esta é a minha chance. Quero o papel em seu filme... e se não conseguir, não me importa o que possa acontecer.

– Mas a decisão não é só minha — protestou Max. Tem o tal de Freedman, que vai dirigir o filme, além de Sally, Sam Snyder...

– Ora, Max, não brinque comigo. Ninguém por aqui dá uma mijada sem você dizer que pode.

— Não sei. Vou pensar a respeito.

A escolha de Etta para o papel de Jennifer foi decidida sem maiores problemas, a partir do momento em que Max concluiu que só tinha duas opções: ou atendia ao pedido de Etta ou contratava alguém para matá-la. Como a segunda alternativa era impossível, não apenas porque tinha grande afeição por Etta, mas também por ser incapaz de fazer mal a um filhote de cachorro, muito menos a um ser humano, ele resolveu entregar-lhe o papel. Tomada a decisão, Max não ficou com rodeios: convocou Freedman a seu escritório e comunicou a decisão.

— Está brincando — disse Freedman, aturdido.

— Não, Gerald, não estou brincando. Quero que Etta Goodman faça o papel de Jennifer no filme.

— Mas ela não é uma atriz!

— Quem disse isso?

— Onde ela estudou? Onde já representou?

— Sabe, Gerald, você e eu podemos ter uma associação longa e lucrativa. Ou talvez não. Tem mais cabeça do que eu, mais instrução e cultura. Mas tem de aprender uma coisa ou estamos acabados desde já.

Freedman esperou.

— Um fato muito simples. Sou o patrão. Assumo os riscos, entro com o dinheiro, é meu pescoço que está em jogo. Quem vai fazer este filme, se é que será feito, não será você, Sally, os atores ou Snyder e sua equipe, mas eu. E sabe por quê? Porque sou eu quem quer que seja feito. E se eu não quisesse, se

pegasse o meu dinheiro e chutasse todo mundo, o filme não seria feito. E se pensa que tudo isso é besteira, então me responda por que estamos sentados aqui, nos Estados Unidos da América, com poeiras espalhados por toda parte, da Califórnia ao Kansas e Filadélfia, não havendo ninguém além de Max Britsky para ter a idéia de que é possível, no lugar das merdas sem sentido que apresentam, contar uma história de verdade num filme, talvez com uma hora e meia de duração.

Como Freedman não participara da reunião em que Sally levantara a idéia e como Sally não reivindicara o crédito depois, não estava em condições de contestar a declaração de Max. E não restava a menor dúvida de que possuía a força indiscutível do poder.

— E como sabemos que a Srta. Goodman não é capaz de representar? — continuou Max. — Talvez sim, talvez não. Vai depender de você. Terá de fazer com que ela represente direito. É uma moça muito bonita. E seu pai é um grande amigo. Prometi a ele. É uma promessa que não posso romper. Portanto, tenho de cumpri-la.

Mesmo enquanto falava, Max fez o registro de verificar se o pai de Etta estava morto ou vivo.

— Eu gostaria que não tivesse assumido esse compromisso — murmurou Freedman, meio acreditando nele.

— Mas acontece que assumi e não há saída. Só tem uma coisa. Etta Goodman é um nome tão atraente quanto Max Britsky. Temos de arrumar outro nome para ela. Descubra alguma coisa que dê a impressão de que se trata de outra Duse.

— Outra Duse?

— Isso mesmo.

Meio de brincadeira, sem saber que estava fazendo a história do cinema, Freedman sugeriu:

— Feona Amour.

— Feona Amour? Mas que diabo de nome é esse? Jamais conheci nenhuma Feona.

— Feona é um nome inglês ou galês... sei que é um nome que se encontra na Grã-Bretanha. E Amour... é a palavra francesa para amor. Juntei os dois nomes. Mas não estava falando sério. Ainda não conheço a Srta. Goodman. Talvez seja melhor conhecê-la antes e depois sugerir um nome.

— Nada disso. Vou lhe dizer uma coisa. Gosto do nome. Parece sonoro. Feona Amour. Isso mesmo. Ela é Feona Amour.

Etta ganhou assim um novo nome e conquistou uma vaga entre os imortais. Mas isso foi apenas o começo da confusão que envolveu a produção de

Abandonada. Não foi Freedman e sim Bert Bellamy quem informou a Sally que Feona Amour era a mesma Etta Goodman que fora assistente pessoal de Max, um eufemismo insinuado por uma ligeira contração nos lábios de Bert. Quando Sally exigiu uma explicação de Freedman, ele informou que Max tinha uma dívida com o pai de Etta. O resultado foi o primeiro acesso de raiva que Sally teve na vida, gritando para Max:

— O pior não é o que você fez no escritório, mas ter pegado meu trabalho e entregue a ela! Foi uma sujeira nojenta!

Era uma faceta de Sally que Max jamais conhecera antes. Poderia ser a mesma mulher tímida e gentil, de fala suave, que conhecera há tantos anos e com quem casara?

— Seu filho da puta asqueroso!

Ele nunca imaginara que Sally conhecesse tais palavras. As mulheres não diziam palavrões... a menos, é claro, que fossem prostitutas.

— Você trepa com ela!

— Juro por Deus que não, Sally! Juro por minha mãe!

— Por sua mãe!

— Sally...

Ela saiu do quarto e foi para o seu escritório particular, que ficava ao lado. Quando Max tomou coragem para ir atrás dela, poucos minutos depois, encontrou-a empenhada em rasgar cada cópia do roteiro. Segurou-lhe o braço.

— Não faça isso! Por favor!

— Largue-me!

Ela pegou uma tesoura e apontou-a ameaçadoramente para Max.

— Você não se atreveria!

— Experimente tentar me impedir para ver!

Sally não falou com Max durante as três semanas subseqüentes. Mas teve diversas conversas longas e francas com Freida. Era uma época em que o divórcio ainda se apresentava como uma coisa excepcional e as mulheres não rompiam o casamento por causa de um adultério. Àquela altura, Sally já vivera por bastante tempo no mundo de Max para perder toda e qualquer inocência que pudesse ter conservado depois do casamento. Freida assegurou-lhe que poucos casamentos eram melhores, acrescentando:

– Pelo menos Max não é um vagabundo. Não bate em você, não é um bêbado e ama os filhos. Creio até que, a sua maneira, ele a ama.

Felizmente, os cartões de falas permaneceram intactos, não tendo sido destruídos pela fúria de Sally. Haviam sido enviados a uma companhia para serem devidamente desenhados. Além do mais, ao final do filme, a maioria foi substituída, com novas falas escritas praticamente por todas as pessoas

envolvidas na produção. E também, felizmente, Max tinha uma cópia do roteiro no escritório.

Freedman convenceu Eric Sims, que fizera os cenários para o *Fausto de Gounod*, no Metropolitan Opera House, a projetar os interiores básicos para o filme. Max protestou inicialmente contra o preço de três mil dólares, mas acabou concluindo que valia pela associação de um nome tão famoso quanto o de Eric Sims à produção do filme. Estava agora gastando dinheiro num ritmo que o assustava, mas, como uma criança, exultava com a ação e confusão no interior do velho depósito de gelo — os carpinteiros construindo os cenários, os eletricistas com seus fios e cabos, os pintores, gente fazendo cortinas ou acertando os tapetes, um desfile de atores na seleção para o elenco. Nada assim jamais acontecera a Max no passado. Transformara lojas e salões de conferências em salas para a projeção de filmes. Mas o processo de fazer alguma coisa do nada, de uma mera criação no papel... isso era novo e mais emocionante, do que qualquer outra coisa em que já se empenhara.

Sentia-se constantemente frustrado por sua falta de conhecimento, a incapacidade de julgamento em questões criativas, a carência de instrução em geral, a ignorância da tecnologia que se usava. Como compensação, ameaçava todos os que estavam ao seu redor, bancava mais e mais o chefão tirânico. Contudo, mais do que qualquer outra pessoa envolvida no projeto, Max tinha alguma compreensão subconsciente de que aquilo seria um fator na mudança da história da raça humana. Não seria capaz de formular com tal precisão, mas há anos que sua mente estava impregnada por uma noção do poder das imagens projetadas na tela prateada. Era algo que se avolumara e se tornara parte do seu próprio ser.

Talvez por não possuir uma visão filosófica de sua vida e carreira, Max não tinha condições de controlar os aspectos mais contundentes de sua personalidade. Não podia abrandá-los e permitir que sua vida entrasse em foco. E veio o dia em que Bert Bellamy lhe disse:

— O que deu em você, Max? Está se tornando um verdadeiro filho da puta.

— Talvez esteja na hora — respondeu Max.

Ele acabara de ter uma explosão com Sam Snyder, depois que algumas cenas de teste mostraram que a iluminação era inadequada. Revelado, o filme estava escuro e indistinto. Com isso, perderiam três dias refilmando tudo, além do custo adicional. Snyder suportara a agressão com uma expressão aturdida, sem compreender nada.

Sam Snyder era meio gorducho e tranqüilo, um homem da família, devotado à esposa e aos cinco filhos, satisfeito com o seu trabalho e com a ampla

variedade de pratos alemães excelentes que sua esposa produzia... e, desde o início, o elo entre Thomas Edison como uma fonte e a energia impetuosa de Max Britsky. Desde que Max comprara o depósito de gelo na Rua 18 que Snyder mal via a família, primeiro fazendo a viagem à Europa, depois trabalhando 12 a 14 horas por dia convertendo o prédio num estúdio. Era totalmente devotado a Max e ficou acabrunhado com a explosão de fúria. Bert foi testemunha da cena e perguntou a Max:

— Por quê? Sem Sam, estamos perdidos.

Max foi procurar Sam e pediu desculpas.

— Não sei o que está me acontecendo, Sam. Você é o melhor amigo que tenho no mundo.

— Eu pensava assim.

— Vai se virar contra mim? Poderia me deixar, Sam. Eu ficaria desesperado.

— Eu jamais o abandonaria, Max. Você sabe disso.

Max procurou se desculpar com dinheiro. Era o que sempre fazia. Aumentou o salário de Snyder para 10 mil dólares por ano, uma quantia espetacular para a época e suficiente para levar Jake Stein às lágrimas.

— Tem idéia do quanto estamos gastando por dia? — perguntou Stein a Max. — E todo o dinheiro está saindo, nada entrando.

Depois, Max comprou um casaco de arminho para Sally... só que teve de comprar dois. Se comprasse para Sally e não para a mãe, Sarah não lhe daria sossego. É claro que Sally, ao descobrir que ele comprara um casaco igual para a mãe, recusou-se a usar o seu. Ao mesmo tempo, Gerry Freedman estava insistindo que Sally fosse consultada sobre o elenco. As batalhas eram encarniçadas.

— Não a quero aqui — disse Max. — Uma esposa é uma esposa. Ela tem tudo no mundo. Inclusive dois filhos para cuidar.

Dia a dia, Freedman começava a perceber a enormidade do projeto que assumira.

— Não está compreendendo, Sr. Britsky — disse ele a Sam. — A Sra. Britsky é muito modesta, mas é a sua criação, sua história. É verdade que ajudei, mas foi ela quem teve a idéia e pode ser muito útil.

Ele poderia acrescentar que Eric Sims, um homossexual de meia-idade, fizera-lhe alguns avanços, repelidos bruscamente. Depois disso, Sims não quis mais falar com Freedman. Por outro lado, Sims estava muito encantado com Sally.

Mas Sally não se sentiu absolutamente atraída pelo pedido de Max para que se integrasse ao grupo no antigo depósito de gelo.

— Com aquela sua prostituta presidindo tudo? Jamais!

— Ora, Sally, pare com isso. Etta Goodman não é uma prostituta.

— Claro que não. É filha de algum cavalheiro com quem você tem uma grande dívida. Você é um verdadeiro príncipe, Max.

— Ora, Sally...

— Falei com o pai dela.

Max não disse nada. O pai de Etta morrera há cinco anos.

— Esse filme, Sally, deve ser...

— Deve ser — interrompeu Sally. — Ora, por que me incomodo?

— Porque gosta de mim, pelo menos um pouco. Não é apenas por você e por mim. Há também as crianças. Tenho 10 teatros vazios, esperando. Se isso não der certo, Sally, está tudo perdido. Mas tudo mesmo.

— Quero que diga àquela cadela estúpida para não se meter no meu caminho.

Sally não apenas estava diferente, mas também sua linguagem mudara. Passara a usar palavras que antes não constavam de seu vocabulário. Era incrível. Mas não foi a única que sofreu um processo de mudança. Etta Goodman teve uma morte rápida. Feona Amour entrou na vida plenamente desabrochada.

Como Feona, Etta iniciou o processo de ser uma estrela embora não existisse tal coisa na ocasião. Não se pode dizer que possuía alguma espécie de presciência ou alguma visão de si mesma como fundadora de uma dinastia. Era simplesmente a emergência de seu espírito antes sufocado, como o desabrochar de um monstro. Começou com a costureira que preparou suas roupas, continuou com a cabeleireira e explodiu na operação de escolha do elenco. Freedman tinha de preencher um elenco grande com um orçamento limitado. Só podia fazer uma estimativa aproximada do tempo necessário para filmar a história; por causa disso, hesitava em tentar contratar atores importantes do teatro consagrado de Nova York. Acabou recorrendo ao teatro iídiche, que estava no auge de sua glória e que criara na Segunda Avenida, abaixo da Rua 14, um centro teatral que rivalizava com o teatro de língua inglesa. Além disso, os atores do teatro iídiche seguiam a escola da Europa Oriental; não apenas eram muitas vezes brilhantes como atores, mas tinham um nível emocional mais elevado e movimentos mais explícitos que os atores dos palcos tradicionais de Nova York, profundamente influenciados pelo estilo britânico. Os atores iídiches agitavam os braços, fechavam e abriam as mãos, convertiam seus corpos em instrumentos de expressão. Como não seriam ouvidas as falas, Freedman achava que essa qualidade específica seria extremamente vantajosa. E como os atores seriam mudos, empenhando-se numa espécie de mímica, não faria qualquer diferença o

fato de falarem inglês muito mal e com um forte sotaque. Mas Feona protestou.

— Todos falam como meu avô. É ridículo. E ela... — Feona apontou para Julia Schwartz, que trabalhava na Europa com Sarah Bernhardt e mesmo agora, aos 55 anos, era uma das grandes damas do teatro iídiche. — ... é insuportável.

Assim nasce uma estrela. Freedman suplicou, sofreu, transigiu, acabou dando um jeito. Para Sally, foi o sopro de vida renovada. Podia agora perceber que sua vida fora espremida numa carapaça de tédio desde que abandonara o ofício de professora. Não era uma dona-de-casa; não podia existir simplesmente para cuidar dos dois filhos pequenos. Sua amargura crescente era o resultado em grande parte de pura frustração. E descobriu-se trabalhando com Freedman num projeto que era ao mesmo tempo criativo e fascinante. Mas foi só depois que começaram a representar as cenas diante da câmera que Sally compreendeu como o projeto era novo e original. Foram filmando as cenas pouco a pouco, todos ficavam admirados e emocionados a cada trecho de filme que voltava do laboratório. Havia ocasiões em que a cena era um desastre total, o foco perfeito numa parte e tudo borrado em outra, exigindo que a cena fosse refeita. Havia também as cenas que careciam de um ponto de atração. Todos lançavam idéias novas, inclusive os atores; sem falar em Max, cujos olhos eram excepcionalmente perceptivos em termos do que a câmera podia fazer. Foi sua idéia acrescentar uma segunda e depois uma terceira câmera. Sally insistiu num engate giratório. Fred Feldman, míope, queixou-se que podia divisar os rostos. Experimentaram um novo tipo de refletor e depois tentaram aproximar a câmera de uma pessoa específica. Sam Snyder, trabalhando no problema do foco, foi a Nova Jersey e consultou seus antigos companheiros que ainda trabalhavam para Edison. Descobriu-se que precisavam de novas lentes, mas não havia tempo para inventá-las e produzi-las. Assim, trataram de improvisar.

Havia dias em que o velho depósito de gelo se transformava num campo de batalha, com os atores gritando para Max em iídiche, Max gritando em resposta na sua variedade pessoal da língua, Freedman suplicando por paz, Feona sacudindo os braços regiamente e Isadore Melchik, o famoso trágico da Segunda Avenida, contratado para fazer o papel do Dr. Anthony Leighton, sussurrando:

— *Meshuganas*, malucos! Fui lançado num covil de malucos, com uma mulher estúpida que se intitula Feona!

Felizmente, Feona não entendia iídiche — felizmente nesse caso, mas infelizmente em outras ocasiões, quando os membros do teatro iídiche que estavam no elenco se uniam em oposição a Etta Goodman e Pasquel Massoni. Ele era um italiano alto, bonito, de olhos escuros, contratado por Freedman para representar o papel de Manfred Van Dyme, já que ninguém no teatro iídiche se

enquadrava no conceito de Sally e os poucos que o faziam no teatro de língua inglesa estavam cumprindo outros compromissos. Massoni afirmava que fora um dos atores principais da Companhia Vittorio, de Milão, relativamente famosa. Ao excursionarem pelos Estados Unidos, em 1905, ele resolvera deixar a companhia e tentar a sorte no teatro americano. Como seu inglês era mínimo e como sobrevivera trabalhando de garçom no Dino's Spaghetti Hole, na Mott Street, Freedman achava que sua história era bastante duvidosa. Mas sua aparência era tão excepcional, cabelos encaracolados, em anéis pretos, que Freedman decidira correr o risco, explicando a Sally:

— Afinal, se posso ensinar Feona a ser Jennifer, também posso ensinar Pasquel a ser Manfred Van Dyme.

Sally concordou com a escolha, achando que Pasquel Massoni era tão atraente que a falta de talento e de inglês seria perdoada.

Por outro lado, os membros do teatro iídiche que estavam no elenco prontamente apelidaram-no de *luksh*, uma versão abreviada de *luckskon*, que em iídiche significa macarrão ou espaguete; depois de assistirem às suas primeiras tentativas no papel de Manfred, mudaram o apelido para *narisba luksh*, que podia ser livremente traduzido como cabeça-de-macarrão ou idiota. Ele e Feona juntaram forças como forasteiros. Sally observou exultante, enquanto Feona e Pasquel, cujo nome fora mudado por propósitos artísticos para Warren Heart, encontravam mutuamente um alvo de admiração e afeição. Partilhavam uma ignorância do iídiche, língua usada pela maioria do elenco para lançar imprecações contra os artistas principais, insultos quase sempre impublicáveis. Manfred, que já fora Pasquel e se tornara Warren, era tranqüilo e sensível... sensível até demais. Pressionado em demasia, podia chegar às lágrimas. Feona o tratava maternalmente. Freedman comentou para Sally:

— Não acha também que isto parece um asilo de loucos?

Sally acabara de passar meia hora tentando ensinar Yussel Shimkowitz, que fazia o papel do chofer de Van Dyme, a formular com a boca as palavras: "Pois não, Sr. Van Dyme. Será um prazer".

— Que diferença vai fazer se eu disser em iídiche? — argumentara Shimkowitz. — Quem vai me ouvir? Representei Falstaf em iídiche por onze semanas e lotei a casa. Se posso falar as palavras de Shakespeare em iídiche, também posso dizer as falas idiotas de um chofer idiota.

Felizmente, Sally não tinha um grande conhecimento e iídiche. E ninguém no estúdio conhecia italiano.

— Será mesmo que fará alguma diferença? — disse ela a Freedman. — Quantas pessoas saberão ler lábios na platéia, Gerry?

Os dois foram para um camarim, fecharam a porta e ficaram falando

silenciosamente para o espelho, enquanto o outro tentava ler as palavras. Poucos minutos depois, saíram rindo do camarim e se abraçaram. Foi o primeiro momento de abandono ou de alegria de qualquer espécie que Sally experimentava desde o dia do seu casamento. Eles perceberam de repente o que estavam fazendo e se separaram abruptamente.

— Desculpe — murmurou Freedman.

— Desculpar o quê?

— Acho que o fato de eu estar apaixonado por você.

— Isso é uma brincadeira?

— Parece assim?

Sally ficou imóvel por um longo momento, fitando-o fixamente. Depois, virou-se e fugiu. Freedman seguiu-a, mais devagar. De volta ao cenário, disse a ela:

— Estive pensando a respeito, Sally, e acho que não faz qualquer diferença o que eles dizem... mesmo que Manfred fale em italiano.

— Como? — Os pensamentos de Sally se concentravam em outras coisas. — Que disse?

— Estou falando da leitura de lábios. É uma coisa que ninguém faz. Amanhã de manhã vamos filmar na Quinta Avenida. Max já arrumou tudo com o Chefe Murphy. Fecharão a avenida e teremos 50 guardas para cuidar de tudo. Não se pode deixar de tirar o chapéu a Max. Ele sabe fazer as coisas direito.

— Tem razão — disse Sally bruscamente.

Fred Feldman pressionou Max para uma reunião. Max evitou-o. Feldman e Jake Stein discutiram o assunto, examinaram os livros juntos. Bert Bellamy, junto com Ruby Britsky, cuidara da venda dos nove salões de conferências que Max adaptara para salas de projeção. Cinco haviam sido vendidos à Companhia Cinematográfica Jessup e havia a comissão de corretagem habitual, com os cheques emitidos em nome de Cynthia Collins, agente da transação, com um escritório na William Street. A Srta. Collins era uma mulher atraente, em torno dos 40 anos, tendo preparado os documentos para a venda. Feldman não tinha qualquer suspeita de que a Srta. Collins era outra coisa além do que alegava. Contudo, quando tentou encontrá-la algumas semanas depois, a fim de conversar sobre uma pequena alteração nos contratos, verificou que ela jamais ocupara o alegado escritório na William Street ou qualquer outro escritório que se pudesse encontrar. As comissões se elevavam a quase cinco mil dólares. Feldman foi tratar do assunto com Jake Stein.

— Já sei — disse Stein.

— Como assim? O que já sabe?

— Conversei com Hymie Brockman. Ele está no negócio e conhece todos os corretores ao sul da Rua 14. Não há nenhuma Cynthia Collins. Nunca houve.

— Como?

— Exatamente o que eu disse.

— Por que não me falou? Por que não contou a Max?

— Escute, Freddy, eu adoro Max. Mesmo quando ele é um filho da puta, o que tem acontecido com bastante freqüência, continuo a adorá-lo. Ele é muito bom para mim. Minha esposa tinha de se internar na Keppleman's Mountain House, no condado de Sullivan, e eu precisava de 500 dólares. Max não teve a menor hesitação. Deu-me o dinheiro e não quis descontar do meu pagamento. Há anos que Ruby vem metendo a mão na receita. Fez um trato com os bilheteiros. Eles tiram dois dólares por noite... um dólar para Ruby, um dólar para o bilheteiro. Não é muita coisa, mas vai somando. E depois o irmãozinho Benny também entrou no roubo, pegando um pouco aqui e ali. Mas, sabe, nas poucas vezes em que tentei lhe falar a respeito, ele quase me esfola vivo. E possível que Bellamy esteja metido agora nessa trapaça. Mas quem é Bert? Simplesmente o maior e o mais antigo amigo de Max, desde que eram garotos, trabalhando juntos no *penny arcade*. O que vamos fazer agora? Dizer a Max que seu irmão e seu melhor amigo são escroques?

— Não temos certeza sobre Bert. Você mesmo disse que apenas é possível... o que não é suficiente. Mas se Max descobrir...

Feldman sacudiu a cabeça.

— Como ele vai descobrir, Freddy? São apenas uns poucos milhares de dólares. Deixe como está. Max está atualmente gastando duas vezes mais por dia. É sobre isso que temos de falar com ele. Se não acabarmos esse filme em mais uma semana, podemos todos sair de férias, porque não haverá mais dinheiro.

Mas sentar com Max para uma reunião não era fácil. Feldman e Stein podiam se preocupar com o dinheiro, mas Max tinha um imenso brinquedo para se divertir, todo o estúdio, com seus cenários, luzes, câmeras e atores. Sentia-se mais feliz do que em qualquer outra ocasião anterior, provavelmente mais feliz do que poderia se sentir no futuro. E quando Feldman finalmente encurralou-o num dos camarins, Max disse:

— Pare de se lamentar, Freddy. Vamos filmar os cartões amanhã e depois montar tudo. Isso feito, só precisaremos de 10 mil dólares para as cópias, 50 mil dólares para a publicidade e outros cinco mil para alugar o Rector's para a noite de estréia, oferecendo uma festa que esta cidade jamais esquecerá. Temos esses 65 mil dólares ou precisarei sair por aí a mendigar?

— Ainda nos restam 52 mil dólares e você não precisará mendigar. Pode deixar que eu farei isso. E arrancarei o dinheiro que falta do Chase, onde você já está endividado até o pescoço. Conseguirei outra hipoteca sobre os teatros. Mas já imaginou se tudo isso fracassar, Max?

— Estaremos fritos então, não é mesmo?

Passaram a semana seguinte montando tudo. Sam Snyder, junto com um rapaz chamado Martin Kellogg, a quem ele contratara da Edison, inventara uma espécie de ampliador, que permitia verem o filme enquanto o enrolavam para frente e para trás. Ninguém no grupo — nem Sam Snyder, Sally, Freedman ou Max — previra as dificuldades específicas na montagem do filme. O editor de filmes, treinado e experiente, ainda estava no futuro distante; naquele momento, eles tinham de inventar, adivinhar, torcer para que desse certo.

O consenso era de que todo o filme devia ter 100 minutos de duração, mas eles se descobriram com 183 minutos de filme, sem contar os cartões de falas. O que manter? O que suprimir? Havia uma cena de uma criança suja chorando na rua. Não tinha nada a ver com a história e fora feita acidentalmente, mas Sally a adorava. Ela também chorou quando a cena foi suprimida, o começo de milhões de pés de filme que ficariam sem uso, caindo ao chão e se acumulando ao longo dos anos nas salas de corte.

Houve discussões acirradas, confrontações aos gritos, súplicas — tanta emoção também fora aplicada na produção do filme — mas finalmente ficou pronto, surgindo um filme de longa metragem intitulado *Abandonada*, apresentando Feona Amour e Warren Heart. O elenco de atores coadjuvantes do teatro iídiche recebeu uma nomenclatura anglo-saxônica, a lista incluindo Thomas Morton, James Spalding, Oswald Smith, Joan Ashley, Alice Henderson e assim por diante. Mas Max rebelou-se contra a idéia de mudar seu próprio nome.

— Com atores é uma coisa, mas Britsky continua Britsky. E se os outros não gostarem, que se fodam.

A primeira projeção de *Abandonada*, o filme cortado e montado, realizou-se no antigo depósito de gelo, na tela improvisada que usava para assistir às tomadas diárias. A audiência era composta de Max, Freida, Ruby, Benny, Sally, Freedman, Feldman, Stein, Snyder, Bellamy e a maioria do elenco. Apesar de quase todos já terem visto as cenas por diversas vezes, ficaram bastante comovidos. Enxugaram as lágrimas, aplaudiram, aclamaram. Quando acabou, permaneceram sentados num silêncio respeitoso. Era difícil acreditar que aquela coisa incrível fosse uma criação deles.

Mas o silêncio não durou muito. Foi rompido pela voz retumbante de Julia Schwartz, indagando:

— Desde quando me tornei Joan Ashley? Depois de 55 anos sendo Julia Schwartz, com triunfos em Berlim e Paris, para não falar de Varsóvia, em palcos de verdade, em teatros de verdade, de repente passo a ser Joan Ashley?

— Para não falar de Thomas Morton! — bradou Isadore Melchik. — Não é suficiente que Melchik represente Hamlet, Macbeth, Rei Lear, para não mencionar minha tradução para o iídiche do César e Cleópatra, de George Bernard Shaw, em que Melchik representa Júlio César, e subitamente me torno Thomas Morton, que nem mesmo existe. Ou é Melchik ou entrarei com uma ação judicial.

— Por favor, por favor — suplicou Max. — Pensam que não sei que são grandes atores? Se Shakespeare estivesse vivo, iria à Segunda Avenida. Não tenho a menor dúvida quanto a isso. E em qualquer lugar de Nova York, mesmo entre os críticos mais esnobes, todos podem informar como Julia Schwartz e Isadore Melchik são grandes. Acham que não sei disso? Mas o sucesso deste filme dependerá da apresentação nas pequenas casas do Maine a Minnesota, para não mencionar lugares como Dakota do Sul e Oklahoma... o que, podem estar certos, será o fim dessas casas em lojas improvisadas e do lixo que exibem. Ou talvez não seja o fim, mas o começo de uma nova era. Na verdade, o que estou querendo dizer é que lugares assim nunca ouviram falar de um teatro iídiche. Se falarem em Segunda Avenida, ninguém saberá do que se trata. Se virem nomes como Schwartz, Melchik ou Massoni, não saberão quem são. Para não mencionar o que sentem em relação aos judeus. Sendo assim, por favor, encarem isso como o começo de uma carreira nova e espetacular em uma centena de filmes de Max Britsky...

A discussão se prolongou, mas ao final Max acabou prevalecendo. Mais tarde, porém, Sally lhe disse:

— Por que não está preocupado com o nome Britsky, Max?

Ele fitou-a em silêncio por um longo momento, antes de responder:

— Acho que estou acostumado.

Mas a resposta que ele pensou e não disse foi outra: Eles que se danem!

No dia seguinte, sentado em seu escritório com Fred Feldman e Jak Stein, Max lhes disse:

— Às vezes a gente fala e não escuta a si mesmo.

— Tem razão, o que quer que esteja querendo dizer com isso — concordou Feldman.

— Vou explicar o que estou querendo dizer com isso. Ontem, quando tentava convencer Melchik a se tornar Thomas Morton, fiquei exaltado. E até

exagerei.

— Foi uma boa argumentação — concordou Stein.

— Parem de concordar com tudo que eu digo. Não estou falando da discussão. Disse a Melchik que o filme será um grande sucesso, sendo exibido em todas as casas do Maine e Minnesota.

— Você é muito persuasivo — disse Feldman. — Só que não será exibido em outro lugar que não em nossos 10 teatros. Talvez nem mesmo neles, se você estourar uma fortuna numa festa grande no Rector's, como está planejando.

— Pare de se lamentar por causa de dinheiro, Freddy. Vou lhes dizer uma coisa. Quando se entra num lugar como o Chase Bank e se pede 20 ou 30 mil dólares, eles compreendem imediatamente que estão lidando com um vagabundo de mão estendida. Mas eles respeitam quando se pede meio milhão. E é justamente isso que você e Jake vão fazer amanhã: levantar meio milhão.

— Você perdeu o juízo, Max.

— Acha mesmo? Pois não está me ouvindo, assim como eu próprio não me ouvi. Falei a Melchik em todas as casas de projeção daqui até Grand Rapids, você me diz que pare de sonhar, porque não temos casas em Grand Rapids ou qualquer outro lugar, a não ser aqui e no Brooklyn. Pois é justamente esse o problema. Estamos jogando moedas por figurinhas, como os garotos na Henry Street. Temos uma coisa que ninguém mais neste país possui. Temos um filme de 90 minutos intitulado *Abandonada* e não há qualquer casa de projeção na América que não daria os colhões para exibi-lo. Mas nós ficamos sentados de braços cruzados, recolhendo as moedas de nossos míseros 10 teatros.

— Não são tão ruins assim — protestou Jake Stein. — São ótimos teatros.

— Acorde! Preste atenção! Não tenciono queimar nossos teatros. Estou simplesmente dizendo que há mil outros teatros que dariam o próprio sangue para exibir nosso filme, em vez da porcaria que a National lhes fornece.

Feldman fitava-o com uma expressão pensativa.

— Está percebendo a coisa, Fred?

— Estou, sim... mas é tão grande que me deixa assustado, Max.

— Ninharias, ninharias... estou cansado disso. Onde está escrito na Bíblia que a National e a Edison, além de mais duas ou três, têm uma patente para vender suas porcarias de 10 minutos, sem que mais ninguém entre no mercado? Vamos supor que criemos um esquema de porcentagem, ao invés do aluguel como a National usa. Vamos supor que digamos ao sujeito que possui três casas em Oklahoma City que lhe daremos três cópias, em troca de 50 por cento da receita da bilheteria. Acham que ele não aproveitaria prontamente a oportunidade?

— Max, Max, você está sonhando e reconheço que é um sonho dos mais

agradáveis — disse Stein. — Mas tenho de cuidar das despesas. No laboratório, o custo da cópia de um pé de filme é de cinco cents. O que dá pouco mais de 400 dólares para cada cópia do nosso filme. A despesa somente para Oklahoma City seria de mil e 200 dólares. E você quer mil cópias... 400 mil dólares!

— Tem outro problema — interveio Feldman. — O único laboratório com que podemos contar é o Tucker's, lá em Hoboken... e somente porque possuímos a metade. Mas o Tucker's leva uma semana para nos aprontar uma cópia, mesmo que largue todos os outros serviços. Os outros laboratórios estão vinculados à National, Edison ou Movie-land. Há tanta possibilidade de aceitarem serviço nosso quanto um bola de neve resistir no inferno. Não pense que o depósito de gelo é um segredo, Max. Todos os jornais da cidade têm bisbilhotado por lá. Os outros operadores estão esperando para ver o que acontece. Se *Abandonada* for um grande sucesso, eles começarão a produzir filmes de 90 minutos, pois já mostramos que isso é possível.

— Está escutando? — perguntou Stein. — Por favor, Max, está escutando?

— Estou escutando. Não aprendendo, apenas escutando. Se querem chorar no meu ombro, eu lhes darei um lenço.

— Estamos tentando ser realistas.

— É mesmo? Pois vou lhes dizer o que é ser realista. A verdade é que ninguém faz coisa alguma até que outra pessoa mostre como. Já comuniquei a Sam que quero que a produção no Tucker's seja dobrada, depois dobrada e dobrada de novo.

— De que forma?

— Dei a ele um cheque de 20 mil dólares. Para comprar a outra metade do laboratório. Não quero que ninguém apareça para nos dizer que não podemos usar o Tucker's da maneira que melhor atender a nossos interesses. E depois ele tem carta branca para contratar tudo o que precisamos para transformá-lo no maior laboratório do país.

— Você está louco, Max — sussurrou Stein. — Deu 20 mil dólares a ele... só que não temos esse dinheiro.

— Não está me escutando, Jake. Amanhã, você e Freddy vão procurar o Sr. Alvin Berry, na Broadway, 177, onde funciona o Chase Bank. Vão pedir a ele meio milhão de dólares. Vão empenhar tudo o que temos... os teatros, o próprio filme, o laboratório em Hoboken, as duas casas na Rua 66, se for necessário. Dêem até a metade do seu sangue, se ele exigir isso para sua maldita garantia ianque... mas não saiam de lá sem os 500 mil dólares. Pois enquanto estiverem fazendo isso, eu estarei contratando dois vendedores para saírem pelo país vendendo *Abandonada* e mais três outros filmes...

— Espere um instante, Max, por favor. Que três outros filmes?

— Não se pode reservar uma casa com um só filme. Eles exibem durante uma semana... e depois? Procuram a National e a National diz que se fodam. Se prefere fazer negócios com Britsky, então procure Britsky. O que faremos então... comprar nossa cópia e sair do negócio? Por isso, tive esta manhã uma reunião com Freedman e Sally, determinei que começassem a trabalhar imediatamente em mais três filmes.

— O que vamos usar como dinheiro? — lamuriou-se Stein.

— Você e Freddy cuidarão disso, Jake. Dentro de 10 dias vamos lançar *Abandonada*. Um teatro primeiro e depois os outros no dia seguinte. Mas, primeiro, faremos uma noite de estréia na Rua 23. Será um acontecimento de tanta classe quanto uma autêntica estréia teatral. Teremos a presença do prefeito e talvez do governador, de qualquer outra pessoa que Murphy achar que deve comparecer. Depois da estréia, onde só vamos passar o filme uma vez, oferecerei uma festa no Rector's para 300 pessoas. Temos uma galinha que vai pôr ovos de ouro como ninguém jamais sonhou.

Richard Britsky tinha três anos. Sua irmã, Marion, estava com um ano e sete meses. Possuíam os olhos azuis do pai, eram crianças saudáveis, de rosto redondo. Havia uma babá para cuidar deles, a Sra. Berger, uma viúva judia-alemã, a quem Sarah Britsky odiava e que ensinara as duas crianças a chamar Sarah de Ornar, uma palavra que ela detestava. Como a Sra. Berger servia de antídoto à sogra, Sally tolerava sua rigidez e encontrava algum conforto em sua origem étnica. Por outro lado, a situação da babá ou governanta na casa, com as duas crianças impecavelmente vestidas, nunca chegara a ser totalmente real para Sally. Quanto a Max, aceitava a situação como um desenvolvimento natural. Quando tinha tempo para as crianças, ele as admirava. Brincar com os filhos estava além de sua capacidade, mas insistia que as vidas deles fossem o oposto absoluto do que fora a sua.

Mas Sally notou que Freedman costumava brincar com as crianças. A babá estava de folga e Sally tinha de cuidar das crianças. Mas Freedman disse:

— Max acha que não podemos perder um só dia. E está sendo terrivelmente insistente.

— Sei como é isso. O mundo de Max consiste das coisas que ele quer que sejam feitas ontem. É por isso que ninguém mais é igual a Max, graças a Deus.

— Tem razão, ele é mesmo excepcional.

— Se ficar me olhando desse jeito, Gerry, não faremos muita coisa.

— De que maneira? Ah, sim, com o olhar pidão. Mas é que acabei de ver

um quadro no museu tão parecido com você...

Freedman desviou os olhos de Sally para Richard. Marion começou a chorar. Sally pegou-a no colo e embalou-a.

— Eles estarão dormindo daqui a pouco. Poderemos então conversar.

Richard também começou a chorar. Freedman fez caretas, espichou a língua.

— Sei que fica contrariada quando falo dos meus sentimentos por você — disse Freedman. — Tentarei não fazê-lo, mas...

Richard soltou um uivo.

— Acho que os dois querem tirar um cochilo — disse Sally. — Não sou a melhor mãe do mundo, caso contrário não deixaria meus filhos nas mãos daquela alemã horrível. Mas acontece que ela é muito eficiente.

Os dois levaram as crianças para o quarto. Richard e Marion haviam parado de chorar, estavam agora rindo. Sempre se divertiam quando Gerry estava presente. Ele cantava, fazia caretas, balançava-as em seus braços.

— Você deveria ter filhos — disse-lhe Sally. — Deveria casar e ter filhos, já que gosta tanto de crianças... além de ter muito jeito.

— Só acontece porque são seus filhos.

— Lá vem você de novo! Não deve continuar com isso, Gerry.

Ele ficou imóvel, olhando, escutando, enquanto Sally cantava para as crianças. Assim que dormiram, Freedman e Sally deixaram o quarto sem fazer barulho. Sally mostrou-se muito objetiva e profissional.

— Sabe como Max é quando toma uma decisão. Quer iniciar as filmagens dentro de 10 dias e depois quer começar mais um filme duas semanas depois.

— Ele quer a lua, não é mesmo? E também fica um tanto absurdo quando exige essas coisas. Temos de dizer a ele que não pode ser feito assim.

— É possível, Gerry, mas não tenho certeza. A sensação de que é impossível torna a coisa ainda mais excitante. Passei horas acordada ontem à noite, pensando em todas as coisas maravilhosas que podemos fazer com a câmera. E me lembrei daquela terrível tragédia da *General Slocum*. Foi uma coisa horrível, pavorosa. Se fizéssemos um filme a respeito...

— Oh, não, Sally... foi horror e sofrimento demais!

Sally se referia a um incidente que ocorrera quatro anos antes. Havia uma próspera comunidade de imigrantes alemães entre a Tompkins Square e o East River, ao norte da comunidade judia. Todos os anos, a Igreja Luterana de St. Mark, localizada no centro da área, organizava um piquenique da escola dominical. Em junho de 1904, a comunidade alugara uma velha barca de excursão, com uma roda lateral, para levar as mães e os filhos a Locust Grover, no Estreito de Long Island. Bem poucos homens participaram da excursão; a

maior parte era de mães e crianças, cerca de mil e 400 pessoas espremidas na velha barca. Subindo o East River, a barca se incendiara, transformando-se num inferno ardente. Fora a pior tragédia marítima da história de Nova York. Mais de mil mulheres e crianças morreram na *General Slocum*, deixando desolada e comunidade alemã e mergulhando-a num período de luto e desespero do qual não emergira por anos.

— Tem toda razão, Gerry, foi horrível, além de toda imaginação. Mas não é justamente essa a substância de tantos livros e peças? Não tenciono repetir o que aconteceu na *General Slocum*, mas apenas fazer um filme sobre um navio em chamas... algo que muito nos toca, aqui na cidade. E gostaria de salvar a maioria das pessoas.

— Não sei, não... É uma tragédia muito recente.

— Mas você tinha sugerido a guerra em Cuba.

— Acho que tem razão. Quando se quer emocionar as pessoas, deve-se mostrar coisas terríveis e emocionantes. Já definiu alguma história? Podemos conversar a respeito.

Foi a segunda produção de Max Britsky, *A Tragédia do Lucy Gray.*

Enquanto Max planejava o lançamento de *Abandonada*, Fred Feldman escreveu a seguinte carta: "Como um crítico de teatro, você talvez tenha ignorado o mundo dos filmes, as salas de projeções instaladas em lojas. E se por acaso entrou em algum teatro apresentando o que se chama eufemisticamente de drama em imagens em movimento, certamente encontrou bons motivos para continuar a ignorar esses lugares. Creio, no entanto, que criamos um filme que rompe todas as restrições do passado, que institui um novo campo de entretenimento e que não tem precedentes. É o primeiro de seu gênero e, portanto, possui uma importância histórica. Estou anexando dois ingressos para a noite de estréia, assim como um convite para uma festa no Rector's, que se seguirá à exibição de nosso grande filme, intitulado *Abandonada".*

Max assinou a carta, que foi enviada aos críticos de teatro do *The New York Times, New York Tribune, Sun, Journal* e *Herald.* Feldman teve dúvidas em dizer grande filme, mas insistiu no adjetivo, alegando:

— Não vamos esconder os nossos méritos.

O chefe Murphy apresentou Max a Stephen Allison, que funcionava como uma espécie de elo de ligação entre Tammany Hall e o Nossa Sociedade. Allison forneceu os nomes de duas dúzias de luminares que figuravam entre os Quatrocentos — como a elite social era chamada, na suposição de que havia apenas 400 pessoas dignas de reconhecimento social na cidade — que quase

certamente compareceriam à estréia do filme e à festa em seguida. Foram enviados convites também à elite política e aos nomes mais eminentes nos teatros iídiche e de língua inglesa. Max gastou dinheiro como se fosse uma coisa que estivesse saindo de moda, publicando anúncios em todos os jornais locais para anunciar a estréia, primeiro no Palace e no dia seguinte nos nove outros teatros de sua cadeia. Contratou 200 homens-sanduíches, como eram conhecidos os que usavam tabuletas penduradas na frente e atrás, a fim de desfilarem pelas ruas. A lotação do Palace ficou esgotada dias antes da noite de estréia. A expectativa foi tão grande que ele teve de vender ingressos antecipados também para os outros teatros. A esta altura, todos os seus dólares estavam esgotados e Max passou a tomar emprestado de Bert e Snyder, de quem quer que tivesse alguma reserva. Felizmente, o empréstimo do Chase Bank foi concedido dois dias antes da estréia: meio milhão de dólares a crédito de Max Britsky Productions.

Enquanto isso, a mãe e as três irmãs de Max faziam as suas contribuições para aumentar a dívida, com vestidos sob encomenda, sapatos novos, abrigos novos. Sheila se casara com um rapaz a quem Max dera um emprego, um certo Donald Greenway. Generosamente Max dera-lhe a alcunha de "Donald, o *schmuck*". As despesas do casal também lhe foram debitadas. O mesmo aconteceu com as roupas da mulher de Ruby, a ex-Kathy Sullivan, a quem Sarah evitava como se fosse a peste. Mas Max estava indiferente às despesas. O gasto de dinheiro, por si mesmo, não tinha qualquer sentido para ele; era importante apenas como um meio para se atingir um fim. Talvez seu próprio passado lhe tornasse quase impossível indagar o custo de qualquer coisa. Ao contratar os atores para *Abandonada*, nunca regateara o preço. Dava o que pediam.

E não importava o quanto custara a estréia de *Abandonada*, tudo transcorreu de acordo com o que planejara. A multidão de espectadores lotou a Rua 23 de tal forma que a polícia teve de intervir a fim de abrir uma passagem para as carruagens. A companhia de gás instalara lampiões especiais que banhavam a rua com uma luz esbranquiçada. As carruagens se misturavam com automóveis, parando diante do teatro para o desembarque dos elegantes ocupantes. O próprio Max, de casaca feita para a ocasião, postou-se à entrada do teatro. Não conhecia a maioria dos convidados, mas mesmo assim ele exultou com a ocasião. Ocorreu em sua mente um processo que haveria de repetir-se sem cessar durante os anos seguintes: aquele filme, *Abandonada*, era sua criação, ajudada e apoiada por Sally, Freedman, Snyder, atores, fotógrafos, cenógrafos, contra-regras, eletricistas, carpinteiros, mas apenas ajudada e apoiada por todos, pois era basicamente sua própria criação.

— Todos vocês, que estão entrando neste teatro, tomem nota e não se

esqueçam: Max Britsky apresenta.

Max finalmente também entrou, mas não para sentar. Foi se juntar a Sally, Freedman e Snyder, todos de pé por trás da última fila da platéia. No lado esquerdo do que restava do antigo palco — pois o *Palace* fora um teatro autêntico — um violinista estava de pé ao lado de um piano de cauda. Assim que a audiência terminou de se acomodar, ele começou a tocar, acompanhado ao piano por nada menos que Isadore Lubel, o primeiro dos pianistas de Max, apresentando um arranjo do próprio Lubel de *La Belle Helène*, de Offenbach. A percepção musical de Max deixava a desejar, mas seu senso de estilo e classe era bem desenvolvido. Por isso, acabara permitindo que Lubel tocasse essa música, embora não fosse muito adequada ao filme, após ser informado que Offenbach era judeu. Imprimira um programa para a estréia e lhe agradava ver ali escrito "Overture de Offenbach, arranjo de Lubel". Mais importante do que isso, Lubel encontrara um violinista que podia se adaptar instantaneamente às mudanças de ânimo, ritmo e intensidade que tirava do piano.

O filme começou e foi seguindo pelos 87 minutos seguintes. Max, Sally, Freedman e Snyder permaneceram de pé, observando com o nervosismo de pais amorosos. Escutaram as pessoas assoando o nariz, limpando a garganta e sussurraram triunfalmente "Lágrimas, lágrimas". Quando acabou, a audiência prorrompeu numa tempestade de aplausos e gritos de "Bravo, Bravo!"

— Vá lá na frente, Max — sugeriu Snyder. — Estão querendo alguém para receber os cumprimentos e agradecer. Esta não é uma audiência comum. É o mesmo público que comparece a uma estréia num teatro autêntico.

— Vamos lá — disse Max a Sally, pegando-a pelo braço. — Você começou, você fez. Receba algum crédito.

Mas Sally se encolheu toda, suplicando:

— Não, Max, eu não poderia. Simplesmente não poderia.

— Não tem problema. Deixe que todos saibam que tenho uma esposa.

— Por favor, não!

— Está certo — disse ele, pensando: não tenho nada, absolutamente nada. Depois, avançou pelo corredor, subiu no palco e abriu os braços, para acabar com as aclamações.

— Obrigado. Agradeço a todos do fundo do coração. Amanhã, *Abandonada* estará sendo apresentado em todos os 10 teatros Britsky. Nossa segunda obra-prima já se encontra em produção e uma terceira está sendo planejada. Obrigado por assistirem esta noite ao nosso grande esforço.

A festa no Rector's não foi um sucesso menor. Não havia nada parecido com o Rector's em toda a América, ou mesmo, como alguns afirmavam, em todo o mundo. O ingresso de Max ali, atravessando os portões do paraíso, conforme

Nova York avaliava tais coisas, resultara de um encontro com Charley Rector, promovido pelo Chefe Murphy. Max Britsky e Charley Rector experimentaram uma comunhão instantânea. Os começos de ambos eram similares. Charles Rector fora condutor de um bonde puxado a cavalo na linha da Sétima Avenida, mas a vida lhe sorrira ao abrir um restaurante de frutos do mar em Chicago e descobrira que, pelo expediente simples de cozinhar ostras ligeiramente em molho de creme, com alguns temperos delicados, obtinha-se um prato que reis podiam invejar. O guisado de ostras proporcionara-lhe fama e fortuna. Voltara para Nova York com seu dinheiro, criando ali o mais famoso restaurante da época, o Rector's, um prédio comprido, amarelo, de dois andares, dando para a Broadway, entre as Ruas 43 e 44. No andar térreo, entre espelhos e candelabros, havia uma centena de mesas, onde podiam jantar os elegantes, os famosos e os infames, os talentosos, os ricos e os poderosos. No segundo andar, os que não tinham fama ou elegância podiam desfrutar o privilégio de jantar no Rector's. Em ocasiões especiais, todo o segundo andar ficava reservado para festas particulares, como a que Max Britsky ofereceu na noite de estréia de seu primeiro filme. Max pagou sete mil dólares por 60 mesas a serem ocupadas por seus convidados. O filho de Charley Rector, George, o rosto gordo e redondo desmanchando-se num sorriso, por cima da imensa barriga, recebeu os convidados com o gesto supremo de reconhecimento, um aperto de mão quente e ligeiramente úmido de suor. A distância era da maior importância nos altos círculos sociais de Nova York. Ser conhecido e cumprimentado pelos Rector's, pai ou filho, não era pouca coisa. Para Max, houve outro avanço ainda mais expressivo. Não apenas ele estava ali, mas também colocara duas mesas à disposição da família de Sally, levando o pai e a mãe, tios e primos, ao Rector's, um lugar muito além de seus sonhos e aspirações, tanto quanto o Delmonico's, que era mais elite, embora menos famoso e atraente. Max cumprimentou-os de casaca e com um sorriso gentil, perdoando-os pela opinião anterior que haviam tido dele e dos outros Britsky.

E os outros Britsky se deleitavam com o esplendor do sucesso de Max. Sarah estava sentada como uma rainha-mãe, em metros e metros de cetim branco e linhas douradas. Lá estavam Ruby, Sheila e Esther, já casados. A mulher de Ruby, a ex-Kathy Sullivan, cumprimentou Max com um abraço efusivo, um pouco além de fraternal, sussurrando:

— Ponha-me num filme, Max.

Uma troca. Estava no tom da voz, na entonação, na cadência, Max ouvia pela primeira vez, mas haveria de encontrar a mesma coisa pela vida afora, por vezes incontáveis. Ele acenou com a cabeça e sorriu.

— Falaremos sobre isso depois.

Kathy Sullivan Britsky era uma jovem atraente, cabelos castanhos-avermelhados. Mas a rainha da ocasião foi certamente Feona Amour. Etta Goodman desaparecera para sempre. O próprio Max ficou atônito com a beleza deslumbrante de sua estrela. Pompa e circunstância haviam mudado tudo. Max se perguntou como fora possível que ela trabalhasse em seu escritório por tantos anos sem que ele jamais tivesse percebido como era bonita.

É claro que maquiladores profissionais, cabeleireiros e costureiras faziam uma grande diferença. Mas não havia como negar a beleza de Etta Goodman. Max inverteu os acontecimentos recentes em sua mente. Não soubera sempre? Não fora por esse motivo que a escolhera, por seu talento secreto e pela beleza que ninguém mais podia perceber?

É claro que todos estavam no Rector's — o elenco, os associados de Max, os líderes mais eminentes de Tammany Hall —, além de dezenas de outras pessoas que Max não conhecia, mas que depois daquela noite reconheceriam o nome de Max Britsky e sempre o ligariam a um rio de champanha e a montanhas escuras de caviar. Como o patrocinador de toda aquela suntuosidade, Max, filho de Abe Britsky, abria os braços. Que todos comessem, bebessem e fossem felizes, até mesmo Pasquel Massoni, que Max considerava um idiota rematado, como Pasquel ou como Warren Heart, mas que estava magnífico de fraque, o seu mais de 1,80 m de altura abraçando Max num aperto que o deixou sem fôlego.

— Eu o saúdo efusivamente, meu amigo! Expandiu meu coração, maestro!

Apenas Sally parecia incapaz de partilhar devidamente a alegria reinante. Queixou-se a Max de uma dor de cabeça.

— Esta é a nossa grande noite, Sally. Estamos comemorando a maior noite de nossas vidas.

Sally não se sentia triunfante. A cabeça doía, o estômago estava em polvorosa. Sempre que olhava para Max, descobria-se a perguntar quem ele era. Também lhe ocorreu indagar quem ela era, não como uma resposta, mas como uma indagação nebulosa. Estava sedenta e duas taças de champanha contribuíram para aumentar sua confusão. O caviar não lhe caía bem. Mas tentava se mostrar simpática com todas as pessoas, que lhe diziam que estava maravilhosa. E estava mesmo. Fora ao Metropolitan Museum of Art e encontrara o quadro a que Freedman se referira, um quadro de mãe e filha, por Mary Cassatt. A semelhança real a lisonjeava. Estava num momento da vida em que precisava desesperadamente de lisonja. Copiara o quadro para a festa, com um vestido de seda branca, em listras verticais, de azul-claro e marinho. Estava adorável e, como Max achava, tinha classe. A classe podia não ser um elemento que o excitava sexualmente, mas elevava seu ego. Fazia-o sentir-se seguro na

sala grande e reluzente, repleta de pessoas famosas e infames, sem falar nos ricos. Queria que Sally risse, sorrisse, fosse a anfitriã perfeita para o pessoal da sociedade, deixasse que todos ouvissem a sua fala eloqüente, como um meio de compensar seu inglês não tão impecável. Max sempre sentia a necessidade de ser justificado. O dinheiro o justificava, o poder o justificava, mas nenhum dos dois impressionava a sua sensibilidade tanto quanto Sally. Ela o justificava mais do que qualquer outra coisa. Agora, no entanto, Sally parecia doente e infeliz. Era uma traição e Max lhe disse, irritado:

— Este não é o momento conveniente para me deixar sozinho. Tome mais champanha. É importada, a melhor que Charley Rector serve... e isso faz com que seja a melhor que existe.

— Não posso beber e você sabe disso, Max. Acho que foi o champanha que me deixou enjoada.

— Mas não pode ficar sentada aqui deste jeito, com todo mundo olhando para você.

— Por favor, Max, quero ir para casa.

— A festa apenas começou. Vai durar a noite inteira.

— Não posso agüentar, Max. Estou passando muito mal.

Max finalmente cedeu ao inevitável. Procurou Gerry Freedman e lhe disse:

— Detesto fazer isso, Gerry, porque você é o grande homem esta noite...

Ele não pensava assim. Max era o grande homem naquela noite, mas lá estava Freedman, conversando com o crítico de teatro da revista Harper's, com três mulheres lindas e elegantes absorvendo cada palavra. Max não queria afastá-lo, pois Freedman poderia se sentir ofendido e isso era algo que ele não queria.

— Desculpe, Gerry — sussurrou ele —, mas Sally está passando mal.

— Passando mal? O que ela tem?

Max não percebeu o alarme de Freedman.

— Acho que bebeu champanha demais. Poderia levá-la para casa, Gerry? Não se preocupe com a festa. Cuidarei de tudo e você poderá voltar para cá...

— Não há problema — murmurou Freedman, tentando parecer um pouco desapontado. — Pode deixar que a levarei para casa.

Afastando-se do Rector's, num cabriolé de aluguel, Sally disse:

— Não sei como agradecer a você, Gerry. Tirei-o daquela festa maravilhosa, sinto-me tão estúpida e egoísta...

Ele interrompeu-a abruptamente:

— De jeito nenhum! Não posso imaginar qualquer outro lugar do mundo em que eu preferiria estar mais do que a seu lado. E quanto à festa... era uma reunião de tolos e que todos tenham bom proveito. Eu conversava com o crítico

da Harper's quando Max me encontrou. Mas os verdadeiros críticos, os da imprensa diária, estão em seus jornais, escrevendo... se é que vão dizer alguma coisa a respeito do nosso filme.

— Mas não acha que o filme é ótimo?

— Tenho minhas dúvidas — confessou Freedman. — Foi o melhor que pudemos fazer, mas estamos muito em cima. O que temos para comparar? Ibsen? Shaw?

— Claro que não. É uma coisa nova, diferente.

Fitando-a atentamente, na semi-escuridão, Freedman disse:

— Você está linda. Já se sente melhor?

— Muito melhor. A dor de cabeça passou.

Ele se inclinou e tocou-lhe o rosto com as pontas dos dedos. Depois, passou o braço por seus ombros e puxou-a.

— Você nem precisa entrar, Gerry. Pode ficar na carruagem e voltar para a festa.

Freedman ignorou-a, desembarcando e pagando ao cocheiro. Sally não protestou. Exceto pela luz na entrada, a casa estava às escuras e silenciosa. Mas havia luzes acesas nos quartos dos fundos, onde as crianças dormiam. Freedman acompanhou-a, enquanto Sally ia espiar em cada quarto.

— Eles parecem anjinhos quando dormem.

— Não é o que acontece com todos nós?

Sally levou um dedo aos lábios ao passarem pelo quarto da governanta, no andar inferior. À porta de seu próprio quarto, ela disse a Freedman:

— É melhor você voltar agora. Foi muito gentil. Obrigada.

Freedman abraçou-a e beijou-a. Ela não protestou. Em silêncio, suplicou-lhe que se fosse, enquanto ele se comprimia contra ela, sempre beijando-a.

— Deixe-me fechar a porta.

Freedman largou-a, ela fechou e trancou a porta, depois foi até a cama e puxou a colcha bordada. Entrou em seu quarto de vestir. Tremia enquanto tirava as roupas. O que estava errado com ela? Era uma mulher casada, mãe de dois filhos, uma matrona conveniente. Mas nunca, em toda a sua vida, experimentara um desejo tão intenso. Pôs um chambre. Doía de tanto desejo, tremia toda. Freedman apagara as luzes. Ela se adiantou, lentamente, cuidadosamente, no escuro. Sentiu a cama e se lançou nela e nos braços de Freedman, a inibição substituída por uma ferocidade de tigresa, montando nele, apertando com toda força seus ombros magros, até as unhas se cravarem na carne.

Depois, a paixão consumida, Sally voltou a ser uma garotinha, estendida ao lado dele, sussurrando como uma criança, acariciando os braços compridos e magros, passando os dedos pelas costelas. Quando Freedman tentou falar, ela

pôs a mão em sua boca.

— Não vamos falar sobre isso, Gerry. Aconteceu e pronto. Não quero falar a respeito e não quero ouvi-lo falar.

— Está certo. Mas que horas são?

Sally procurou pelo abajur, acendeu-o, fechou os olhos contra a claridade. Tornou a abri-los, contemplando curiosa o corpo nu de Freedman, comprido e magro, pensando no corpo de Max e comparando os dois, perguntando-se como podia ser tão objetiva e insensível numa coisa assim, perguntando-se se realmente amava Gerry Freedman — ou ele era como um médico, que surgia para uma pessoa doente com um medicamento milagroso?

— Como se sente agora, Sally?

— Melhor. Estou tentando compreender uma coisa. Ah, sim, você me perguntou que horas são. Uma hora.

— O quê? Qual a coisa que deseja compreender?

Saiu explosivamente, como um grito de angústia indignada:

— Eu o odeio!

— Quem?

— Max, Max, Max!

Sally não era mais objetiva. Estava agora transbordando de autocompaixão e começou a choramingar como uma criança machucada.

— Ele me tirou tudo... mente, corpo, virgindade... a mente, toda minha mente!

— Sally, Sally, pare com isso. Procure se controlar. Max não é um anjo. Você deixou de amá-lo, mas ele não é o demônio. Essas coisas acontecem.

— Nunca o amei!

— Por que então casou com ele?

— Por quê? Não compreende por quê? Por que não sou forte. Todos diziam que eu tinha de casar com ele... papai, mamãe e Max.

— Mas não precisa continuar casada com Max.

— Eu não tinha... não tinha...

Ela não podia dizer e por isso Freedman ajudou-a, sugerindo gentilmente:

— Intercurso.

— Isso mesmo. Há meses e meses. E nunca mais terei. Nunca! Acredita em mim?

— Claro que acredito.

O ânimo de Sally tornou a mudar, abruptamente.

— Não sabe que é uma hora da madrugada? Você tem de voltar ao Rector's! — Ela se tornara calma, prática, realista, como se a explosão de um momento antes nunca tivesse ocorrido. — Seja sensato agora, meu querido, e

volte depressa ao Rector's.

— O Rector's que se dane. Não quero voltar para lá.

— Mas Max...

— Max que se dane.

Sally saiu da cama e pôs o chambre.

— Sejamos sensatos, Gerry. Somos colegas de trabalho e espero continuarmos assim. A última coisa que eu gostaria no mundo seria uma briga entre você e Max.

— Saí de lá há mais de uma hora. O que vou dizer a Max?

— Max nem perceberá, no meio de toda aquela multidão. Vista-se agora e volte depressa. Tornaremos a nos ver amanhã.

No dia seguinte, o crítico do New York *Times* publicou o seguinte artigo:

> Sempre tendemos a encarar todas as criações artísticas — e *Abandonada* é uma criação artística, independente do que mais possa ser — em termos comparativos. Avaliamos as peças elisabetanas por Shakespeare, assim como avaliamos o nosso teatro atual por Shaw, Ibsen e Tchekov. Comparamos, verificamos os registros, estamos sempre muito conscientes da tradição. Então o que se pode dizer de *Abandonada*, esse filme extraordinário que teve sua estréia ontem à noite, no Palace Theatre? Não resta a menor dúvida de que é extraordinário; sua própria singularidade confirma tal julgamento. É o primeiro tratamento extenso de um tema dramático, no sentido clássico do teatro, tentado através do filme, um meio de comunicação novo e fascinante.
>
> Não se pode negar que isso abre portas incontáveis para outras experiências. Num passo longo e ousado, transferiu a produção de filmes da pura diversão técnica para o campo do drama. O uso inovador de cartazes com fala escrita, substituindo a fala ouvida, parece dar certo; quando refinado e dominado como uma técnica, pode muito bem levar a toda uma era de drama filmado. O trabalho da câmera também abre novos horizontes. O uso de uma câmera em movimento, em plataformas e automóveis, é ao mesmo tempo emocionante e inventivo. Ao que tudo indica, toda uma arte nova, baseada no uso da câmera em movimento, começará a existir.

Dizendo-se tudo isso, não se pode deixar de tirar o chapéu ao produtor Max Britsky, aplaudindo-se sua coragem e espírito pioneiro. Ao mesmo tempo, já que *Abandonada* nos é apresentada como uma obra de arte dramática, diferente dos fragmentos exibidos até hoje nas casas de projeção e até mesmo de O *Grande Assalto do Trem*, de Edwin S. Porter, deve ser julgada como uma obra de arte. Contudo, esse julgamento deve ser temperado pela compreensão de que todas as pessoas envolvidas nesta produção eram e são inovadoras.

Segundo as nossas informações, o uso dos cartões de fala foi uma idéia de Sally Britsky, a esposa do produtor. Uso a palavra idéia ao invés de invenção, já que cartões de explicação e exposição eram usados anteriormente em filmes. Mas nunca se usou de uma maneira tão inovadora e dramática. A história ou roteiro, como se pode chamar, do jeito como define cada cena, foi criação da Sra. Britsky e do Sr. Gerald Freedman, o diretor. Mesmo levando-se em consideração o sentimentalismo adolescente, a caracterização ingênua de ricos e pobres, não se pode descartar o filme como um drama sem valor. Não é absolutamente isso. Possui vigor, seriedade, compaixão. Capturou de tal forma a atenção de uma audiência sofisticada que mal havia um olho seco ao meu redor no teatro.

Devemos encarar *Abandonada* como um passo no desenvolvimento do drama americano, um passo da maior importância. Devemos pensar no que realizou e não no que deixou de realizar. O mais importante: proporcionou uma noite de entretenimento emocional.

O elenco foi bem escolhido. A direção do Sr. Freedman pode ter sido um tanto enfática, mas devemos aceitar o fato de que representar sem fala tem de se desenvolver como uma nova arte. O papel principal foi representado maravilhosamente por Feona Amour, uma novata no teatro americano, cujo desempenho foi desinibido e expressivo. Trata-se de uma pessoa maravilhosa para se contemplar, muito bonita. Tenho certeza de que tornaremos a vê-la. Como Jennifer, ela estava adorável.

Embora a Srta. Amour careça do treinamento e polimento de uma atriz teatral experiente, quase que compensa isso com sua simplicidade. Tanto ela como Warren Heart, o ator principal, podem ser criticados pela gesticulação excessiva, mas não estou

> absolutamente certo de que esse tipo de drama silencioso não exige tais excessos. Os outros membros do elenco estavam muito bem em seus papéis secundários, particularmente Thomas Morton e Joan Ashley.

Os outros jornais reagiram de maneira similar. Na verdade, a acolhida a Abandonada foi muito além de tudo o que Max esperava.

CAPÍTULO SETE

1912

Max aos 33 anos

Max convidara Clifford Abel, o arquiteto, para almoçar com ele, Sam Snyder e Fred Feldman, no Café Coronet, na Segunda Avenida. Clifford Abel, com apenas 37 anos, já conquistara uma reputação nacional como um inovador, ao lado de homens como Stanford White e Frank Lloyd Wright. Só que, no seu caso, ele abstinha-se do sombrio e da dignidade de granito. Como se dizia, Abel construía palácios, o que era justamente o motivo que levara Max a procurá-lo. A experiência de Abel era ampla e diversificada, mas aquela representava a sua primeira refeição num restaurante de laticínios judaico.

— Não encontraremos carne no menu — explicou Max. — Pode experimentar o peixe, que é excelente. Por que não tem carne? É diferente do que deseja o Sr. Upton Sinclair, aconselhando que todo mundo se torne vegetariano. O problema está nas leis dietéticas judaicas. Pessoalmente, não dou muita importância a essas coisas. Mas os restaurantes judaicos não querem afastar os judeus ortodoxos, que não comem nada num lugar em que se misture carne e produtos à base de leite. Assim, para vender pratos de carne e derivados de leite, um restaurante precisaria de duas cozinhas, dois cozinheiros, duas coleções de pratos, panelas e talheres. É muito mais fácil optar por uma coisa ou outra. Neste caso, o Café Coronet é um restaurante de derivados do leite.

Abel não tinha certeza se entendera a explicação de Max, mas acenou com a cabeça cordialmente e indagou sobre o peixe.

— Não está incluído na proibição — explicou Max.

— É melhor você pedir para mim — disse Abel. — Meus gostos são católicos.

— Receio que só tenha comida judaica — falou Max. — Não sabia que era católico.

— Só nos gostos.

Para alívio de Feldman, Abel virou a conversa para o motivo do almoço, confessando que nunca antes construíra um teatro.

— É uma arte toda especial. Dizem que acústica é uma ciência, mas

questiono isso. Acho até que seria melhor se contratassem Bill Tuthill. Seu Carnegie Hall é um milagre de acústica.

— Acontece que não quero nenhum Carnegie Hall ou algo parecido como a Metropolitan Opera House. Não quero nenhum teatro como os 50 que já possuímos. Neste momento, Sr. Abel, a cadeia Britsky consiste de 18 teatros aqui, na cidade de Nova York, 11 na Filadélfia, dois em Albany, dois em Pitsburgh, seis em Boston, dois em Atlanta e sete em Chicago. O total é de quase 50. A maioria era de teatros autênticos, havendo alguns auditórios de concertos, diversos *music halls* e uns poucos que nós mesmos construímos. Creio que Tuthill não entenderia o que estou falando. O nosso interesse são os filmes. Claro que a acústica é importante, mas não é a minha primeira preocupação. Para ser franco, acabo de chegar à conclusão de que o espetáculo de palco, o ato de *vaudeville*, não tem mais sentido. É o velho *music hall* tentando acompanhar o progresso. Até agora ninguém teve a coragem de acabar com o ato de *vaudeville*. Sei muito bem que nos antigos poeiras não havia *vaudeville*. Agora, no entanto, todo exibidor acha que se não tiver atos de *vaudeville* não está dirigindo um teatro de primeira classe. E por quê? Porque não compreende os filmes. Ou encara os filmes, o cinema como estão chamando, como um meio de ganhar dinheiro... e pode estar certo de que é um meio de ganhar dinheiro... ou então se sente inferior por causa disso. Não é o meu caso. Para mim, estamos apenas no começo de uma coisa que está além da imaginação de qualquer um. É por isso que o chamei para esta conversa. Que tal se eu lhe pedisse creme frio e peixe? É melhor do que qualquer prato que encontrará no Delmonico's ou no Rector's.

— Está bem — disse Abel.

O próprio Eli veio anotar o pedido. Eli era o proprietário, mas anotava pessoalmente os pedidos de alguns fregueses antigos e importantes. Agora, ele disse a Max:

— Meu filho Bernard... é o mais moço... diz que em *Uma História de Duas Cidades* foi omitida a parte mais importante. Ele está estudando o livro na escola.

— Todo mundo é crítico — explicou Max a Abel. Para Eli, ele respondeu: — Diga a ele que faremos uma seqüência. O custo da revolução francesa é muito alto. Estourou nosso orçamento. O peixe com creme parece ótimo.

— Está sempre ótimo.

Max comentou para Abel:

— Está vendo o envolvimento? Atrai milhões de pessoas. A nova peça do Sr. Synge, *O Playboy do Mundo Ocidental*, acaba de estrear. Já assistiu?

Abel acenou com a cabeça afirmativamente.

— Uma obra maravilhosa.

— Minha esposa arrastou-me para assistir. Acha que pode dar um filme. Não fiquei muito impressionado. Mas viu o envolvimento do filho de Eli? Ele ainda não sabe que a peça existe... Muito bem, tem de me obrigar a parar, pois posso falar sobre cinema durante o dia inteiro. O principal é que compreenda do que estou falando quando digo que quero um palácio. Quero um teatro, mas também quero uma coisa nova. Penso nesta nova casa como um palácio.

— Creio que existem alguns teatros que lembram palácios de tão ornados.

— Não é o suficiente. Em primeiro lugar, quero que seja grande, pelo menos dois mil lugares. Só um balcão, construído em termos da tela, não do palco. O Sr. Snyder é o nosso técnico. Quero que defina com ele o problema do nível. Quero também um órgão de tubos, bastante grande para explodir as paredes quando for tocado. Ao invés de um pianista, teremos um organista. Ouvi dizer que um órgão pode até reproduzir uma cena de batalha, se for necessário.

Virando-se para Snyder, Max acrescentou:

— Não é isso que vem me dizendo, Sam?

— Pode haver alguns fatores especiais, Sr. Abel, mas essa é a idéia básica. Até agora, só tivemos pianos e ocasionalmente, em teatros maiores, um trio formado por piano, violino e um conjunto de tambores. Venho estudando o órgão de tubos e creio que pode realmente melhorar o que estamos tentando fazer. Já assistiu ao nosso filme *A Luta na Ponte Concord*?

— Infelizmente, não — respondeu Abel. — Não vou ao cinema tanto quanto deveria.

— Podemos promover uma sessão especial para que o assista. O importante é que saiba que tenho um amigo que toca órgão em St. Catherine. Ele fez uma demonstração dos sons que pode conseguir para sugerir uma batalha. Foi uma coisa extraordinária.

— Não tenho a menor dúvida quanto a isso — concordou Abel. — Também já ouvi falar dos sons extraordinários que se pode tirar de um órgão de tubos. Se eu aceitar o projeto, terei de trabalhar com uma das grandes companhias fabricantes de órgãos... talvez na Europa, se não for possível conseguir aqui o que precisamos. Contudo, Sr. Britsky, ainda não tenho certeza de seus pensamentos sobre um palácio. É verdade que alguns dos meus prédios são mencionados como palácios, mas isso não passa de um eufemismo dos que acham que a ornamentação é um pecado.

— Muito bem. Desta vez vamos deixar que eles chamem um palácio de palácio. Não quero que a casa pareça algum teatro bonito e tranqüilo. Quero que seja encarada como um palácio do cinema.

— Mas qual é exatamente a sua idéia, Sr. Britsky?

— Já viu fotografias do Taj Mahal?

— Claro.

— Pois é essa a idéia geral. Não as torres, não exatamente a mesma coisa, mas algo que um garoto olhe e diga para a mãe que é um lindo palácio. E quando ele entrar, quero que encontre um saguão bastante grande para caber mil pessoas, não os saguões escuros, fedorentos e apertados dos teatros antigos. Quero duas escadas curvas, imensas, uma de cada lado... — Ele abriu os braços, curvando as mãos para ilustrar. — ... desse jeito, entende? — O peixe chegou e Max fez uma pausa, antes de dizer: — Pode comer. Vai passar fome se ficar sentado aí só a me escutar. E vou dizer mais uma coisa. Lá dentro, quando os espectadores levantarem os olhos, contemplando ao redor, quero que vejam os pontos... como é mesmo que chamam essas coisas como torres?

— Pináculos.

— Exatamente. Um palácio com pináculos. As pessoas lá dentro vão olhar por cima das paredes e quero que vejam o céu. Não o céu de verdade, mas como num cenário. Quando as luzes se apagarem, o céu estará escuro, com pontos de luz, como as estrelas.

Abel perdera o interesse no peixe. Olhava fixamente para Max, os olhos castanhos meio fechados. E murmurou, meio para si mesmo:

— Em Xanadu, Kublai Khan tomou uma decisão: onde o Alfa, o rio sagrado, corria por cavernas incomensuráveis para o homem, descendo para um mar sem sol. Assim, duas vezes 10 quilômetros de terreno fértil foram cercados com muralhas e torres...

Ele percebeu o que falava e parou abruptamente. Max sorriu e disse:

— Gosto disso. Gosto muito. Acho que pensamos da mesma forma, Sr. Abel. Quer o trabalho?

— Ainda nem discutimos o custo.

— O custo não importa. Se der certo, construo um palácio em cada grande cidade da América, um diferente do outro. O que acha disso?

— É um sonho que se torna realidade. Onde vamos construir o primeiro?

— Tenho um terreno na Sétima Avenida, esquina da Rua 52. Fica na parte alta da cidade, mas é lá que estará a ação. E então, Sr. Abel, trocamos um aperto de mão?

— Acho que sim.

Três andares do Hobart Building estavam agora ocupados pela Max Britsky Productions. Um ano antes, o prédio fora posto à venda e Max o comprara. Mas não mudara o seu escritório original. Construir um palácio para as pessoas que

desejavam passar umas poucas horas assistindo a um filme era uma coisa, mas criar uma sala como o interior de um palácio para o seu trabalho cotidiano era outra muito diferente. Della O'Donnell, que fora trabalhar no escritório há cerca de oito anos e era uma parente distante de Charlie Murphy, o chefe de Tammany Hall, passara de recepcionista a secretária pessoal de Max. Era a mesma ruiva exuberante, meio gorducha, de busto grande, maternal, sobre quem Max tivera fantasias conjugais, que viera a adorar Max, que fora abandonada por um marido alcoólatra e que, sendo um ano mais velha, tratava Max como seu filho predileto.

Por muitos anos Max não lhe dera qualquer cantada, tratando-a com um decoro exemplar, firme na sua convicção de que não devia envolver-se ao mesmo tempo com duas mulheres que trabalhavam para a sua companhia. Ao mesmo tempo, exibia uma ternura que subjugava Della. Pela primeira vez na vida, Max estava apaixonado de verdade, ternamente, romanticamente. Sua compulsão juvenil em relação a Sally fora algo diferente, uma busca desesperada por qualidades que lhe faltavam, mas nunca a combinação de ternura e paixão que sentia por Della. Contudo, passaram-se anos em que ele se encontrava com Della diariamente sem tomar qualquer iniciativa normal da parte de um homem pela mulher de quem gosta.

Em vez disso, ele assumiu uma atitude diferente. A intervalos de poucos meses, aumentava o salário de Della em cinco dólares, um ato que levava Jake Stein à loucura, pois ele sabia, como os outros no escritório, que não havia absolutamente nada de mais sério entre Della e Max. No Natal, Max enviava uma imensa cesta de acepipes para Della, sentindo que algo mais pessoal do que comida seria estranho e inexplicável. Descobriu finalmente quando era o aniversário da moça e enviou duas dúzias de rosas. No dia seguinte ao que recebeu as rosas, Della lhe disse, formalmente:

— Posso lhe falar a sós em sua sala, Sr. Britsky?

Na sala de Max, a voz tremendo um pouco, ela disse:

— Por que é tão gentil comigo, Sr. Britsky?

Max fitou-a em silêncio por um momento, tentando pensar numa resposta apropriada.

— Preciso saber — acrescentou ela, os olhos azuis começando a se toldar com as lágrimas. — Preciso saber de qualquer maneira, porque ninguém jamais foi tão gentil comigo antes. Não sei por que... não sei mesmo.

Max sacudiu a cabeça.

— Não sei o que dizer, Della. Gosto de você. Acho que a amo.

— Como?

— Desculpe— murmurou Max, com uma timidez que nunca exibira antes. — Eu não deveria ter dito isso.

— Oh, Sr. Britsky — soluçou Della. — Será que não sabe como me sinto?

— Não, não sei. Como é?

– Acho que é maravilhoso. Acho que é o melhor homem que já conheci.

— Você não pode ser tão doida assim — disse Max, sorrindo de satisfação.

— Mas não me atrevia a esperar que se sentisse assim em relação a mim.

— Mesmo quando sabia o que havia entre Etta e mim?

— Era uma coisa que eu podia compreender. Sei como sua esposa o trata. Gostaria às vezes de dar-lhe uma surra, pela maneira como o trata.

— Só que está tudo acabado — declarou Max, taxativamente. — Desde que ela se tornou Feona que está tudo acabado entre nós. Além do mais, nós dois jantaremos juntos esta noite, pois há uma coisa em que venho pensando por anos e não vou mais esperar.

Foi assim que começou. Não houve um ato de sedução. Della e Max se uniram sem qualquer dúvida ou hesitação. Ela continuou a trabalhar, explicando a Max que perderia o juízo se passasse o dia inteiro sozinha, sem fazer nada. Max, por sua vez, ficou deliciado com uma situação em que podia ter por perto, durante o dia inteiro, aquela ruiva maravilhosa, de faces coradas. Agora, hoje, Della levantou-se quando Max entrou na sala e sussurrou:

— Ela está lá dentro.

— Ela quem?

— A esposa de Ruby. Eu não queria deixá-la entrar, mas sabe como ela é.

— É verdade. Mais alguma coisa?

— Novos desenhos do Sr. Abel. Estão em sua mesa.

— Deu uma olhada?

— Dei, sim. São bonitos.

— Não estão extravagantes demais?

— Gosto de coisas assim. E sua esposa telefonou. Disse que esta noite haverá um jantar com o prefeito. Você não deve esquecer. Ele é simpático?

— Quem?

— O prefeito. O Sr. Gaynor.

— O negócio de Jay Gaynor é ser simpático. O meu não é. Por que deixou-a entrar?

— Ela é a esposa do Sr. Ruby. Não sei como tratá-la.

– Trate-a como uma vagabunda e não estará enganada.

Max entrou na sala. Kathy estava sentada em sua cadeira giratória, de costas para a porta, escondida pelo encosto alto.

— Feche a porta, Max.

— Está fechada — disse Max, cansado. — O que está querendo desta

vez?

Ele notou as roupas da cunhada, empilhadas meticulosamente em sua mesa, deixou escapar um suspiro.

— Oh, Deus, não...

Ela virou a cadeira, levantou-se, contornou a mesa para se postar diante dele. Estava inteiramente nua. Não era mais a criatura jovem e linda com quem Ruby se casara 12 anos antes, mas o corpo ainda estava atraente, os seios empinados e firmes, os quadris não muito avantajados.

— Que diabo está fazendo? — perguntou Max, furioso.

— O que você está querendo, meu caro cunhado? Há 10 anos vem me comendo com os olhos, há 10 anos venho suplicando para me pôr nos seus filmes. O tempo está passando muito depressa. Resolvi fazer uma troca.

— Ponha as roupas — disse Max, asperamente.

— Por quê? Não me quer? Não sou tão boa quanto Etta Goodman ou aquela vagabunda da O'Donnell lá na frente?

— Mas que diabo! Você é a mulher do meu irmão!

— E daí? Não conhece o seu irmão Ruby? Quando se trata de foder nos bastidores, ele me vence por dez a um. Portanto, não derrame lágrimas por ele.

Ela avançou na direção de Max, que recuou.

— Você quer entrar num dos meus filmes?

— Pensei que nunca perguntaria. Sou tão boa quanto qualquer outra que já conheceu, Max.

— Está bem, está bem. Convença Ruby a concordar e entrará num filme. Dou minha palavra. E agora trate de se vestir.

— Está falando sério, Max?

— Juro que estou.

Ela correu para Max, abraçou-o e beijou-o.

— Ponha as roupas!

Kathy comprimiu-se contra ele.

— Seu filho da puta cheio de tesão. Está com uma ereção tão grande quanto uma casa.

Max desvencilhou-se.

— Vista-se agora mesmo ou o trato está cancelado!

Ela suspirou, deu de ombros, voltou à mesa, começou a vestir-se.

— Ajude aqui, Max. Nas costas.

Mordendo os lábios, Max prendeu as barbatanas. E conseguiu murmurar:

— Como estão as crianças?

— Muito bem. Que tipo de filme, Max?

— O tipo certo. Termine de vestir-se e saia.

— Está bem, Max, mas não me sacaneie. Posso ser uma filha da puta, quando é necessário.

— Aposto que pode mesmo.

Depois que ela se retirou, Max disse a Della:

— Se algum dia a deixar entrar de novo na minha sala, eu vou...

As palavras lhe faltaram e Della lembrou gentilmente:

— Ela é a esposa do Sr. Britsky.

Seria difícil encontrar dois homens aparentemente mais diferentes do que Max Britsky e Sam Snyder. Os pais de Snyder eram imigrantes da Turíngia, no leste da Alemanha. O próprio Snyder era um luterano devoto e um marido totalmente fiel, cujos únicos vícios eram os charutos e a cerveja. Era um homem de fala macia, rosto redondo, tendo desenvolvido ao longo dos anos uma volumosa barriga, que enchia com pesada comida alemã. Os cabelos ruivos e os olhos azuis infantis podiam dar a impressão de inocência um tanto estúpida, que estava longe de corresponder à realidade — e a realidade era uma mente e uma visão que podiam ser diferentes das de Max, mas apesar disso inovadoras e às vezes brilhantes. Foi Sam Snyder quem montou as cabines de projeção, quem determinou os ângulos de projeção nos teatros, quem inventou novos e diferentes projetores quando a National Distributors venceu uma ação contra os que estavam em uso nas casas de Max. Foi também ele quem projetou e organizou o primeiro estúdio. Foi Sam Snyder quem viajou à França e se encontrou com Auguste Lumière, fazendo o trato, ao longo de três garrafas de vinho e um enorme ganso assado, que garantiu a Max um suprimento constante de filme francês, na ocasião em que a Eastman Kodak cortara o seu fornecimento, em conluio com o truste da distribuição. Na mesma ocasião, trabalhando com Lumière, Snyder cuidara para que a câmera francesa ficasse fora das patentes de Edison, evitando o envolvimento de Max numa ação judicial — e depois encomendando a Lumière 14 câmeras de uma só vez.

As diferenças que separavam Max e Sam Snyder serviam aparentemente para uni-los. Snyder idolatrava Max e considerava-o capaz de fazer qualquer coisa que compreendesse. Em 1912, quando Max tinha 33 anos, Snyder ganhava 400 dólares por semana, um salário espetacular para um gerente de produção. Max chegara a um ponto em que não tomava decisões sobre a produção de filmes sem primeiro consultar Snyder. Quando se confrontou com a necessidade de produzir seis filmes por mês, foi Snyder quem o convenceu de que era possível. Compraram um quarteirão de celeiros e estábulos apodrecidos em East Harlem, demoliram tudo e construíram na Rua 127 o primeiro estúdio

cinematográfico projetado especificamente para essa finalidade. Foi também através do relacionamento de Snyder com os Lumière que Max começou a comprar filmes da Europa, fechando o negócio um mês antes do lançamento de *A Rainha*, apresentando a grande Sarah Bernhardt. Max tinha preferência sobre os melhores filmes estrangeiros e trouxe para a América, entre outros, *Quo Vadis*, da Itália, e Guerra e Paz, da Rússia.

Mas foi a projeção de Sarah Bernhardt em *A Rainha* que levou Max e seus associados a pensarem no que se tornaria o sistema de estrelas. E foi Snyder quem o definiu. Junto com quatro outros produtores de filmes, Max iniciara, três anos antes, um intercâmbio que permitia a um produtor apresentar filmes dos outros. Mas a National Distributors interferira no acordo, avisando aos outros produtores que não mais teria seus filmes, se continuassem a fazer negócios com Britsky. Além disso, não poderiam usar os projetores da National, que detinha o monopólio sobre as patentes. Quando Max importou o filme de *Sarah Bernhardt*, os outros exibidores fizeram algumas tentativas de retomar o acordo, mas não foram além, pois careciam da coragem para tanto. Mas as casas independentes, ainda ligadas a Max, compraram o filme e exibiram-no para multidões espetaculares.

— É isso o que precisamos — disse Max a Freedman. — Sarah Bernhardt. Com ela, podemos vender qualquer coisa.

— Não podemos tê-la, Max. E a verdade é que o filme é horrível. Fazemos filmes melhores. Tentei usar estrelas do teatro. Mas não dá certo.

— Por que não?

— Porque elas não sabem como. São muito quietas. Por mais absurdo que possa parecer, Etta Goodman faz a coisa certa. Não sabe representar, mas como Feona, com todos os seus gestos e poses, dá justamente o que precisamos.

Na noite seguinte a essa conversa com Freedman, Max jantou na casa de Sam Snyder, na Rua 37, entre as avenidas Primeira e Segunda. Era uma casa de tijolos vermelhos, anterior à Guerra Civil, com uma frente de sete metros e meio, três andares, quatro quartos no segundo e mais quatro no terceiro, algo muito importante para quem tinha cinco filhos. Max sentia-se à vontade na casa de Snyder — mais até do que na perfeição imaculada de sua própria casa. A casa de Snyder nunca estava arrumada e nunca se encontrava imaculada, mas era confortável. Alice Snyder podia não ser a melhor dona-de-casa do mundo, mas era uma cozinheira maravilhosa, uma arte que nunca deixava ao encargo da única empregada. Produzia uma suculenta comida alemã, guisados e bolinhos fritos, várias espécies de carnes temperadas. Era uma comida que Max adorava; e como jamais engordava, podia comê-la ao ponto da saciedade.

Sally, que jamais censurava Max por passar uma noite longe de casa,

parecia na verdade apreciar as ocasiões em que ficavam separados, especialmente porque passava muitas trabalhando com Freedman, no fluxo interminável de roteiros. Ela não tinha muita coisa em comum com Alice Snyder, uma mulher de busto enorme, jovial, de origem holandesa da Pensilvânia, que não fora além da escola primária e não se interessava por nada além da família. Sentia-se aliviada por não ter de se juntar a Max no relacionamento social com seu marido. Max, por sua vez, experimentava na casa de Snyder uma sensação de conforto fácil e descontração que jamais conhecera antes, nem no apartamento da Henry Street nem na casa elegante na Rua 66. O conforto aumentou numa noite em que Snyder convidou-o para jantar com a família e ele teve de recusar.

— Por que não? — indagou Snyder. — Sally está esperando-o?

— Para dizer a verdade, não. Ela e Freedman vão se encontrar com dois escritores que querem contratar, no Rector's. Um deles é romancista e desejam impressioná-lo. Mas acontece... — Ele fez uma pausa, olhando atentamente para Snyder, indeciso. — A verdade é que convidei Della para jantar.

— Della O'Donnell?

— Isso mesmo — confirmou Max, beligerante.

— Pois leve-a junto. Gosto de Della e tenho certeza de que Alice vai adorá-la.

— Como pode ter tanta certeza?

— Confie em mim.

Snyder estava certo. Alice e Della eram muito parecidas, as duas compensando a pouca instrução com uma imensa sabedoria, as duas rechonchudas, quase gordas, numa época em que a esbeltez de uma mulher não era tão valorizada, as duas de fala macia, gentis, jamais desafiando a superioridade masculina, as duas muito bonitas. Della não se perturbou com a desordem ou com as crianças. O jantar foi um grande sucesso. O pato assado com molho de passas de Alice estava magnífico, a cerveja deliciosa, Max mais descontraído e contente do que Della jamais o vira antes. Ele e Snyder acenderam charutos cubanos, compridos e grossos, de 25 cents, enchendo a sala de jantar com nuvens de fumaça, a que nenhuma mulher objetou. Max comentou, com uma expressão sonhadora:

— Se eu tivesse cinco Sarahs Bernhardts na minha folha de pagamento, poderia dizer *vus felt mere.*

— E o que isso significa? — perguntou Della.

— Que não teria de me preocupar com absolutamente nada, exceto com aqueles fi.. . desculpem, exceto com o Sr. Frank Stanford, que dirige a National. Ele vai me procurar na próxima semana, caso eu viva até lá.

— O que ele quer desta vez? — indagou Snyder.

— Um quilo de carne, só que com todo o sangue que existe no organismo. Essa empresa, Alice, a National Distributors, não suporta que estejamos vivos. Primeiro, há 10 ou 12 anos, era uma distribuidora das maiores porcarias... não passavam disso as coisas de 800 pés que eles produziam e chamavam de filmes. Na ocasião, queriam se apossar de nossos teatros. Quando eu lhes disse que fossem chupar um ovo, cortaram o nosso fornecimento. Não teríamos mais filmes da National para os nossos poeiras. Deve estar lembrada que vendemos os poeiras e fizemos *Abandonada*. Foi o fim de uma era, embora não imediatamente. Assim que provamos que se podia fazer, outros produtores começaram a nos imitar. Passamos a fazer um intercâmbio de filmes, pois ninguém é capaz de produzir um filme novo para cada semana do ano.

Max fez uma pausa para acender o charuto e Snyder aproveitou para dizer:

— Só que talvez tenhamos de fazer isso.

— Talvez. Quem sabe? Como eu disse, outras companhias começaram a fazer filmes e estabelecemos um sistema de trocas. Menos a National. Aqueles filhos... Devem me desculpar, mas não posso manter uma linguagem impecável e falar sobre a National ao mesmo tempo.

— As crianças estão dormindo — disse Alice, calmamente. — Portanto, pode dizer o que quiser, Max. Tenho certeza de que tanto Della como eu sobreviveremos a isso.

— O problema é que a National nunca foi capaz de fazer um filme decente — continuou Max. — Com todo o seu dinheiro e poder, com a companhia telefônica por trás, com o apoio de Morgan, a turma de Rochester e o próprio Edison... nem assim eles tinham inteligência suficiente para produzir um bom filme. Assim, começaram a comprar os filmes dos outros.

— Menos os nossos — ressaltou Snyder.

— Menos os nossos. Isso mesmo. E é justamente o que Stanford e o truste querem tanto, que ele não consegue dormir à noite. Tentará comprar nossos filmes na próxima semana. Viu as cifras do filme da Bernhardt. Se eu tivesse 10 como ela.

— Pode fazê-las — disse Sam Snyder abruptamente.

— Pegue uma garota como Etta... Etta Goodman... — Ele fez uma pausa, olhando para a mulher e explicando: — Ela é agora Feona Amour. Se gastar bastante publicidade com ela, puser os seus filhos nos cartazes, terá uma coisa tão grande quanto a Bernhardt.

— É possível — concordou Max.

— Max, você tem a garota Welonsky, aquela jovem polonesa a quem

Gerry deu o nome de Renée Favour... — Della controlou seu excitamento. — Podia fazer isso com ela e também com Mary Malone.

— Leva tempo... muito tempo. — Max sacudiu a cabeça, infeliz. — O problema neste momento é outro: o que vão lançar contra nós desta vez? Aquele patife miserável do Stanford sempre tem uma arma no bolso. Não uma arma de verdade, Alice, mas alguma coisa para nos atacar. Apresentará uma ação judicial alegando que nossos projetores violam suas patentes. Já fez isso duas vezes. Nas duas, o Sam aqui, que Deus o guarde, deu um jeito de alterar o projetor para escapar ao processo. O mesmo aconteceu com as nossas câmeras. Freddy Feldman podia até fazer a cama nos tribunais. E detesto lembrar o quanto isso custa.

— Por falar em Feldman — disse Snyder —, ele tem um primo chamado Barney que trabalha no *Tribune*. Deve estar lembrado, escreveu aquela história sobre Etta e Pasquel, Feona ama Warren... ou será que não? O garoto é louco por cinema. Pode contratá-lo e entregar o problema em suas mãos... como transformar todas elas em Sarahs Bernhardts.

— Sem aprender a representar — Della não pôde deixar de dizer. — O que não é pouca coisa.

— Representar? — repetiu Max, desdenhosamente. — Quem precisa representar? É uma boa idéia, Sam. Vamos tentar.

— Tenho de suplicar para você vir me visitar — disse Sarah a Max. — É um milionário... e qual o proveito que um milionário pode tirar de uma velha judia?

— Não a tenho evitado, mamãe. Apenas estou afundado em problemas até o pescoço.

— E você mora ao lado. Mesmo agora, não viria me visitar se eu não fosse suplicar com sua esposa metida a besta. Por favor, avise a Max que sua velha mãe deseja falar com ele. Não qualquer pessoa. Não alguém que saiu das ruas, mas sua própria mãe, que escravizou o coração por ele.

— Mamãe, Sally não é metida a besta. Ela até disse que estou negligenciando você.

— Ah... então quando ela diz está certo e você vem correndo. Caso contrário, eu poderia cair morta. Coma alguma coisa. Passei metade da noite acordada só para cozinhar.

Ela apontou para um prato de bolos na mesa, junto com um bule de chá e xícaras. Era a mesa da sala de estar, coberta por uma toalha de renda. Pequena e redonda, estava na frente do enorme sofá de veludo. Embora o refinamento de seu gosto fosse mínimo, Max se encolhia em desespero cada vez que entrava na

casa da mãe. A sala de estar se encontrava atravancada de móveis grandes e desgraciosos, com um espalhafatoso tapete persa. Sobre pedestais de mármore, havia uma coruja empalhada, um esquilo também empalhado e um bronze de uma mulher de túnica. Em outra mesa se exibia uma coleção de conchas. Nas paredes de quatro metros de altura, chegando quase ao teto, havia uma série de quadros a óleo que Freida encontrara em diversos leilões que visitara. Max deu uma mordida num bolinho e elogiou-o. Sarah disse:

— Eu teria tempo para cozinhar se meus filhos fossem felizes.

— Qual é o problema agora, mamãe?

— Sua irmã Esther, minha linda Esther de cabelos vermelhos, está com dois filhos. Eles devem passar fome? É isso o que você quer?

— Como assim?

— Com Manny sem trabalhar, o que mais podia ser?

— Está querendo dizer que o vagabundo que casou com ela foi despedido outra vez? Convenci Plotkin a lhe dar o melhor emprego de vendedor que um homem pode ter e ele foi despedido mais uma vez?

— Que tipo de vida ela pode ter com o marido viajando durante todo o tempo?

— Pelo menos ele não atrapalha.

— Manny é um homem doce.

— É, sim...

— Posso ver a maldade em você. Vai deixar todos eles passarem fome.

— Não vou deixar ninguém passar fome, mamãe. Mas ele é um maldito *schmuck.*

Max levantou-se para ir embora.

— Não vai esperar mais um pouco? Tenho outra coisa para dizer sobre a casa ao lado.

— Como assim?

Ele estava de pé e começou a se encaminhar para a porta. Cada passo dava a impressão de que tinha de levantar o pé do piche derretido.

— A casa ao lado é onde você mora. Não tem mais um minuto para sua mãe?

— Está bem.

— Então sente-se.

— Prefiro ficar de pé. O que há com a minha casa?

— Não vejo você entrar, mas Freedman entra e sai a todo instante, exceto quando ela não está. Ao invés de criar os filhos, ela fica correndo de um lado para outro.

— Ela está trabalhando, mamãe.

— Ela não deveria trabalhar. É uma dama. O marido não tem bastante dinheiro? Por que então ela precisa trabalhar?

Max partiu neste ponto, as mãos tão cerradas que as unhas arranharam a pele. No dia seguinte, em sua sala, ele chamou Della O'Donnell e pediu que se sentasse.

— Fale-me a respeito de sua mãe, Della. Nunca me disse nada sobre sua mãe ou seu pai.

— Por que tão de repente, Max? Por que me chama à sua sala sem mais aquela e me pede para falar sobre minha mãe?

— Tenho meus motivos.

— Está bem. Meu pai era um vagabundo bêbado e costumava espancar minha mãe. Ela bebia. Se não bebesse, como poderia suportar? Eu era a única filha. Não gostava de meu pai e não gosto de falar a respeito. Não gostava de minha mãe, mas sentia pena. Meu pai era cocheiro e um dia seus cavalos enlouqueceram e dispararam, arrastando-o até a morte. Mamãe morreu um ano depois. Os Murphy mandaram-me para um colégio interno, com as Irmãs do Sagrado Coração. Ponto final. Aí está a história da minha vida, Max.

— Eu não deveria incomodar você.

Ele parecia tão desolado que Della contornou a mesa e beijou-o.

— Geralmente não faço isso durante as horas de trabalho.

— Por que não conheci você quando era garoto?

— Talvez nunca tenha sido um garoto, Max.

— Talvez não. E agora, Della querida, saia daqui e deixe-me pensar, porque dentro de meia hora conversarei com aquele filho da puta do Stanford. E chame Freddy e Sam. Preciso de apoio.

Ao sentar-se na sala de Max, junto com Snyder, esperando pela chegada de Stanford, Feldman disse:

— Acho que desta vez teremos de lutar contra ele... levá-lo aos tribunais, nos termos da Lei Antitruste Sherman, que a National violou uma centena de vezes. Este truste não é diferente de todos os outros. Ficam pensando que o mundo lhes pertence, até que aparece alguém para detê-los. É o que precisamos fazer.

— A idéia não me agrada — comentou Max. — Não gosto dos tribunais e não confio nos tribunais. National, a companhia telefônica, o pessoal de Rochester, Edison... todas as partes desse truste nojento estão furiosas, porque um punhado de judeus sem capital montaram juntos uma coisa com que nunca sonharam. Nós conseguimos. Criamos a indústria do cinema e agora eles nos mandam cair fora. Pois que se fodam todos!

— Isso mesmo. Mas deve ser feito à minha maneira.

— Calma, calma — disse Snyder, gentilmente. — Lembra-se quando fizemos *Abandonada*, Max? Você jogou tudo. Vendeu as lojas, aplicou até a última moeda no filme... - e deu certo. É verdade que eles odeiam os judeus, mas esses filhos da puta odeiam todo mundo... os irlandeses, alemães, polacos, italianos. Precisamos detê-los, Max. Não podemos mais viver assim. Não posso inventar um projetor novo cada vez que eles entram com uma ação judicial.

— Sabe o quanto pode custar? Diga a ele, Freddy.

— Pode chegar a meio milhão de dólares antes de terminar.

— E neste momento estamos fazendo quatro filmes, dois no Harlem e dois no depósito de gelo — disse Max. — De onde sai o dinheiro? E se chegar a um ou dois milhões de dólares?

— E se eles entrarem com uma ação contra as nossas câmeras enquanto ainda estivermos nas filmagens?

— Muito bem, vamos pensar nisso — disse Feldman.

— Agora, chame Della até aqui.

— Para quê?

— Vai ver. Confie em mim.

Max apertou o botão da campainha e Della entrou na sala.

— Ele já chegou? — perguntou Max.

— Está sentado lá fora, furioso. Não gosta que o deixem esperando.

— Deixe-o fumegar. E agora, Freddy?

Feldman apontou para a porta que dava para a sua sala.

— Deixarei aquela porta entreaberta, Della, com uma cadeira ao lado. Assim que Stanford entrar, pegue o seu bloco e vá para a minha sala. Sente-se ao lado da porta e tente anotar todas as palavras que forem ditas aqui.

— Não sei se conseguirei, Sr. Feldman. Não sou tão rápida assim.

— Pois tente. O importante é anotar o que Stanford disser. Pode remendar o que nós falarmos, mas não perca uma só palavra dele.

— Tentarei.

Frank Stanford, alto, elegante, cordial, não deixou transparecer qualquer sinal da irritação que Della observara. Apertou as mãos de Snyder e Feldman. Max, protegido pela mesa, não ofereceu a mão. Stanford também não a pediu. Comentou que Max estava com um ótimo aspecto.

— É porque tenho a consciência limpa — respondeu Max, friamente.

— Ora, Max, não há motivo para você se mostrar tão agressivo — disse Stanford. — Levou a melhor sobre a gente no filme *A Rainha.* Fizemos tudo para consegui-lo, mas parece que você está de romance com os franceses.

— Não há romance nenhum — interveio Feldman, tentando aliviar a tensão. — Vendemos bons filmes para eles. E eles nos vendem os seus melhores.

— Só isso?

— Mais ou menos.

— Nós oferecemos duas vezes mais do que vocês.

— Talvez eles não gostem das caras de vocês — disse Max. — São uns miseráveis de cara feia. Talvez os franceses não gostem disso.

Feldman olhou para Max com uma expressão suplicante, enquanto Stanford dizia:

— Não precisava dizer isso.

Max deu de ombros.

— É verdade. O problema, Stanford, é que você está sempre empunhando um machado toda vez que aparece.

— Trago ofertas. É assim que os negócios funcionam. Gostaríamos muito de ter *A Rainha*, mas podemos compreender como os judeus são unidos. E não temos qualquer ressentimento contra vocês por isso.

— Do que está falando?

— Ora, não é segredo para ninguém que Sarah Bernhardt é judia...

— E acha que foi por isso que conseguimos o filme? — indagou Max, friamente.

— Calma, calma — disse Stanford, abrindo os braços. — Não vamos ter uma desavença. Vim até aqui para apresentar uma proposta. Queremos os seus filmes. Vamos comprá-los ou alugá-los, como você preferir, abriremos o nosso estoque para o seu uso. Mas queremos os filmes europeus e o mercado europeu. Se concordar com isso, abriremos nossas portas para você.

Max desatou a rir.

— Não sei onde está a graça.

— Vá se foder! — exclamou Max.

– Eu já esperava por isso. Nunca conseguiu sair da sarjeta, não é mesmo, Britsky? Pois já estamos cheios de você... e agora pode se considerar liquidado. Vamos exterminá-lo. Vamos sufocá-lo com ações judiciais. Tornaremos impossível para você a aquisição de filme virgem, mesmo que tenhamos de comprar a metade da França para conseguir isso. E reteremos na alfândega todo e qualquer filme que você tentar importar. E podemos fazer isso. Temos o dinheiro e as ligações. Se pensa que pode vencer um truste do tamanho do nosso, então perdeu o juízo. Temos a companhia telefônica por trás de nós e todo o pessoal da Rochester! Vamos imobilizar todas as câmeras do seu estúdio. Não passa de um judeuzinho ordinário do East Side, Britsky, querendo ser mais do que é. Está doido se pensa que você, sozinho, sem os outros produtores da América, pode lutar contra o truste. Pois saiba que está liquidado!

Com isso, ele levantou-se e encaminhou-se para a porta, abriu-a, saiu e

bateu-a com toda força. Houve silêncio por um momento. Depois, Feldman sorriu, hesitante, Snyder olhou para ele. O sorriso era contagiante. Max desatou a rir. E conseguiu balbuciar, em meio ao riso.

— Ele não muda nunca. Esse filho da puta estúpido não muda nunca.

— Della! — chamou Feldman. — Venha até aqui!

Observando Feldman, Max continuou a rir. A esta altura, a intenção de Feldman era óbvia. Max podia abraçar e beijar o advogado pequeno e rechonchudo. Nunca lhe ocorrera que os companheiros tivessem adquirido o seu estilo ou mesmo que tivesse um estilo próprio. Snyder também percebera o raciocínio de Feldman e foi com a maior satisfação que observou Della entrar na sala, acenando com o bloco.

— Pegou tudo?

— Cada palavra.

Max contornou a mesa e foi beijá-la no rosto. Feldman disse a Della:

— Datilografe tudo, com três cópias a carbono. Corte o último comentário do Sr. Britsky... sabe do que estou falando, não é mesmo?

— Claro que sei, Sr. Feldman.

— Ótimo. Ponha o seguinte cabeçalho: Reunião nos escritórios de Max Britsky Productions, no Hobart Building, a 11 de abril de 1912. Presentes: Max Britsky, presidente; Samuel Snyder, vice-presidente; e Frederick Feldman, advogado. Depoimento tomado por Della O'Donnell...

— Mas ele não sabia que eu estava escutando, Sr. Feldman.

— Isso não altera coisa alguma. Faça as três cópias em carbono, traga o original e duas cópias para cá, mande Jake registrá-las em cartório. Entregue a terceira cópia para Millie, para tirar outras cópias. Quero três dúzias de cópias.

Della se retirou. Os três homens ficaram sentados em silêncio, se entreolhando. Depois, Max foi até um armário, pegou uma garrafa de Old Overholt e três copos pequenos. Serviu a todos e disse:

— Você costumava ser minha consciência, Freddy. Honesto Fred. — Ele virou-se para Snyder. — Pode acreditar numa coisa dessas?

— De jeito nenhum.

— A Stanford, o filho da puta imbecil — disse Max. Todos beberam. — Sabe o que vou fazer, Fred? Comprarei um espaço no *Tribune* e publicarei toda a coisa. Isso é legal?

— Por que não? Basta o *Tribune* concordar em publicar.

— Se eles não quiserem, o *Post* aceitará. Talvez não o *Times*, mas o *Post* com toda certeza. Qual é a sua manobra para acabar com o Sr. Stanford?

— Não o odeio tanto quanto você, Max. Estou atrás do truste. Stanford não passa de um garoto de recados. Clyde Hillering é o presidente da National.

As anotações irão para ele ainda hoje, devidamente autenticadas, com uma carta comunicando que estamos promovendo uma ação de indenização no valor de 20 milhões de dólares. É uma boa soma redonda. Violação da lei antitruste.

— E Rochester? — perguntou Snyder.

— Eles também receberão cópias, assim como o Sr. Edison. Não pensei numa matéria paga, Max. Minha idéia era mandar uma cópia para cada jornal e deixá-los decidir se querem ou não publicar como notícia. É claro que talvez ninguém queira publicar, de qualquer maneira, com receio de um processo por calúnia.

— Conheço Hillering — comentou Snyder. — Ele vai esfolar Stanford.

— A menos... — começou Max.

— A menos o quê?

— A menos que os dois sejam filhos da puta pervertidos.

— Tenho o pressentimento de que hoje é o começo do fim do truste — disse Feldman. — Quando a notícia se espalhar, todos os independentes vão tomar coragem. A ação judicial se prolongará por anos, mas o que conta é o valor de choque. E ao final, Max, pode estar certo de que venceremos.

O *Tribune* publicou a matéria paga de Max no dia seguinte. O caso tornou-se notícia em todos os jornais de Nova York e mais uns 300 ou 400 de outras cidades. Theodore Roosevelt tirou algum tempo do seu esforço para organizar o Partido Progressista, conhecido como Bull Moose, pelo qual concorreria às eleições presidenciais próximas, para enviar o seguinte telegrama a Max Britsky: **CUMPRIMENTOS E SAUDAÇÕES DE UM VETERANO INIMIGO DOS TRUSTES PT VAMOS ACABAR COM ELES MAX PT E QUANDO EU FOR ELEITO PRESIDENTE DE NOVO O GOVERNO VAI SE JUNTAR A VOCÊ PARA ACABAR COM A NATIONAL E A COMPANHIA TELEFÔNICA TAMBÉM PT NUNCA MAIS VÃO PRESSIONAR VOCÊ.** Max publicou o telegrama de Roosevelt no *Times* e no *Tribune*, em letras grandes. Fez depois a sua primeira contribuição política, enviando um cheque de cinco mil dólares para o comitê local de organização do Bull Moose.

Poucos dias depois, Snyder informou a Max que soubera que a National despedira Stanford.

— Até que estou com pena do filho da puta.

— Você ficou doido, Max.

— É possível.

No dia seguinte, Dan Silverman, o maior produtor de filmes e proprietários de cinemas em Boston, telefonou para Max.

— Em que posso servi-lo? — perguntou Max.

— Tomei coragem, Max. Mandei o truste se foder e tirei meus filmes. Mas agora estou num espeto. Preciso de filmes. Tenho 32 casas com um apetite por filmes quanto um cavalo por aveia.

— Está me propondo um intercâmbio?

— Estou num aperto. Você tem de me aceitar.

— Mandarei Freddy preparar os documentos. Mas já tenho 24 filmes em estoque desde que você me largou pela National. Quantos vai querer?

— Todos. Cada filme que você tem e ainda não exibimos.

Roosevelt foi a Nova York para fazer um discurso na Cooper Union. Convidou Max Britsky a subir no palanque e abraçou-o diante dos seus partidários entusiasmados. No dia seguinte, Abe Cohen, de St. Louis, e Frank Immelman, de Chicago, romperam com o truste e se juntaram ao circuito de intercâmbio de filmes de Max; Feldman parecia estar nas nuvens. Max convidou-o e à esposa Leah, uma mulherzinha tímida, a jantarem na casa da Rua 66. Durante toda a noite, ela não falou outra coisa além de "Por favor", "Obrigada" ou "Com licença". Sam Snyder e sua mulher, Alice, também estavam à mesa, já que o jantar era de certa forma uma comemoração de vitória. Alice estava muito quieta e apreensiva. Podia aceitar a inclusão de Della O'Donnell à sua mesa, mas duas mulheres relacionadas com Max eram mais do que podia suportar. Não que ela gostasse de Sally, que sempre se mostrara muito formal e reservada.

Feldman não era um bom bebedor. Tomou muito vinho e propôs um brinde truncado aos "dois grandes homens de nosso tempo, Teddy e Max".

— Eu não compararia Teddy a Max — comentou Sally.

Snyder sentiu o sarcasmo e hostilidade, mas Max, que também bebera demais, abriu os braços e disse:

— Eis aí uma mulher que respeita seu marido. Mas não se pode negar a Teddy o crédito que ele merece.

Quando Max entregou a Snyder um charuto cubano comprido, começando a acender outro para si mesmo, Sally disse bruscamente:

— Acho que vocês podiam esperar até que as mulheres deixassem a sala.

Bert Bellamy aceitou quando Frank Stanford telefonou e convidou-o para almoçar. Não havia qualquer intenção de deslealdade a Max, mas Bellamy simplesmente era um homem que estava convencido de que o mundo sempre muda. Não estava tão consciente do quanto ele próprio mudara, pois ainda preservava, em algum lugar no fundo de sua mente, um resquício do seu relacionamento antigo com Max. Mas era apenas um resquício. Nos velhos

tempos, aceitara o fato de Max ser inteligente e às vezes muito esperto. Podia aceitar essa generosidade. Era mais alto do que Max, mais bonito, igualmente rico. Agora, Max era milionário e Bert Bellamy o seu empregado. Fazia uma diferença e não restava a menor dúvida de que todos na indústria podiam perceber isso. Sally sabia, assim como Fred Feldman. E Frank Stanford também — sendo esse o motivo pelo qual procurara Bert.

Como Max, Stanford passara a maior parte dos seus anos adultos no negócio de cinema, conhecia a próspera indústria pelo avesso. Era alto, bem-apessoado, com mais de 1,80 m de altura, cabelos grisalhos, olhos azuis. Disse a Bellamy:

— Nós dois podemos conversar e nos entender, Bert, muito melhor do que consigo com Max. Talvez você pense que sou anti-semita. Mas isso é besteira. Se perco a calma e chamo alguém de judeu, é a mesma coisa que chamar algo por seu próprio nome, sem rodeios. Sempre esqueço como essa gente é sensível.

— Tem razão, eles são mesmo sensíveis — concordou Bert.

— Aquela minha declaração que Max registrou e com a qual fez tanto estardalhaço... Ora, a gente fica nervoso e fala demais. E eu não tinha a menor idéia de que minhas palavras estavam sendo anotadas.

Bert acenou com a cabeça e esperou.

— Parece horrível quando se imprime.

— É verdade.

— Posso compreender por que me tornei o bode expiatório do truste. Eles precisavam de alguém para arcar com toda a culpa. Mas já estou desempregado há três meses e tenho essa história de perseguidor de judeus pendurada no meu pescoço como um saco de cimento. Você me conhece há bastante tempo. Posso ser um filho da puta, mas não sou um perseguidor de judeus. Há anos que venho trabalhando com judeus. Se Max pensa que não há judeus no truste, está redondamente enganado.

Bert assentiu. Previa o que estava para acontecer e se perguntava por quanto tempo mais Stanford esperaria.

— Preciso de um emprego. Desesperadamente. Quero que peça a Max para me dar uma oportunidade. Soube que o negócio de intercâmbio de filmes está crescendo a cada dia e sei que sou um bom vendedor de filmes. Max também sabe disso.

— O que o leva a pensar que logo Max, entre todas as pessoas, lhe daria um emprego?

— É a impressão que a gente tem de Max. Ele é capaz de matar sem a menor hesitação, mas não guarda ressentimentos. Tudo o que desejo é que você fale com ele, convença Max a me receber. Faça isso por mim e nunca mais

esquecerei, Bert.

Bert deu de ombros.

— Não sei, Frank. Max é um sujeito esquisito e não há como prever de que maneira ele reagirá. Mas farei uma tentativa.

Uma semana depois, Della entrou na sala de Max e disse:

— Não vai acreditar quem está lá fora e diz que tem um encontro marcado com você.

— Frank Stanford?

— O próprio.

— Mande-o entrar.

Quando Stanford entrou, Max contornou a mesa, foi fechar a porta e convidou-o a sentar.

— Não se lamente — disse Max. — Detesto ver alguém me puxando o saco e por isso não me diga que está arrependido. Aqueles merdas do truste jogaram tudo em cima de você porque alguém tinha de levar o tombo. Agora, ninguém quer contratá-lo. Bert me falou tudo isso. Pode me dar um só motivo para que eu deva dar um emprego a você?

— Posso pensar em um — respondeu Stanford. — Foi minha estupidez que lhe deu a oportunidade de cair em cima da National. Agora, eles estão desmoronando, mesmo sem a sua ação judicial.

— É um bom motivo. Mas quem contrata alguém por ser estúpido?

— Não sou estúpido, Max. Sabe disso. Cumpria apenas uma missão.

— Muito bem. Fale com Bert. Ele dirige a seção de teatros.

— Só isso?

— Só isso.

— Não sei como agradecer...

— Esqueça.

Mais tarde, Della perguntou por que o fizera e Max respondeu:

— Não sei, menina. É um mundo nojento e quando se começa a cair... Ora, Frank não é pior do que qualquer de nós. Apenas estava no outro lado. Era o filho da puta deles. E agora é o nosso filho da puta. Podemos usá-lo.

Tinha de acontecer, mais cedo ou mais tarde. As pessoas tornam-se descuidadas. Estavam produzindo quatro filmes ao mesmo tempo, dois no antigo depósito de gelo e dois no estúdio novo no Harlem. Sally e Freedman muitas vezes trabalhavam juntos até meia-noite, Max passava cada vez mais noites no pequeno apartamento de Della, na Rua 23. Lembrava-o do quarto que Sally ocupara na Rua 10. Era estranho que a época de seu encontro e paixão por Sally

se tornasse tão distante que parecia pertencer a outra vida. Não estava apaixonado por Della. Nunca pensara em Della em termos de amor. Também não lhe ocorria que nunca mais deitara com outra mulher desde que fora para a cama com Della pela primeira vez — nem com sua esposa nem com qualquer das garotas bonitas que sempre se agrupavam à entrada dos estúdios e suplicavam um trabalho em filmes, a dois dólares por dia, dispostas a irem para a cama de qualquer um que lhes desse a oportunidade. Max não era introspectivo. Fazia o que julgava necessário, sem se entregar a qualquer exame interior mais profundo. Era suficiente que se sentisse bem em companhia de Della. Por um lado, Della era três centímetros mais baixa do que ele, enquanto Sally, de salto alto, era três centímetros mais alta; fazia uma diferença. Por outro lado, Della o afagava e aconchegava, jamais corrigia o seu jeito de falar.

Assim, com os dois caindo em existências separadas e se tornando cada vez mais apartados, era inevitável que Max entrasse um dia em casa, inesperadamente, e encontrasse Sally nos braços de Freedman, empenhados num beijo ardente e profundo. Foi antes da era de Sigmund Freud; se alguém disse a Max que eles haviam sido surpreendidos naquela situação porque assim queriam, ele responderia que a idéia era totalmente absurda. Para Max, era simplesmente um acidente.

Sally e Freedman, percebendo a presença de Max, separaram-se abruptamente. Os três permaneceram imóveis, como um quadro, por alguns segundos. Ninguém disse nada. Sally e Freedman olhavam fixamente para Max. E Max olhava além deles. Depois, Max passou entre os dois, que recuaram para lhe dar passagem. O incidente ocorrera no vestíbulo. Max foi para a sala de estar e ficou de pé, ouviu a porta da rua fechar. Estava com as mãos nos bolsos, olhando para a parede, quando Sally entrou na sala.

— Lamento que tenha acontecido assim — murmurou ela.

— Hum, hum...

Um longo momento de silêncio.

— Pelo amor de Deus, não vai dizer nada?

— O que há para dizer? Poderia pedir que não cagasse na sua própria porta, mas isso já aconteceu. O que você quer fazer? Casar com aquele bosta?

— Não!

— Então vá para a sua cama!

Desse momento em diante, Sally e Max tiveram quartos separados. Max não tornou a mencionar o incidente. Não tinha qualquer noção precisa do que sentia. Há anos que não tinha relações com Sally. Nunca desconfiara que ela pudesse ter apetites fortes e insatisfeitos, mas também não podia culpá-la. É verdade que nenhum conceito de direitos iguais jamais passara por sua cabeça;

se não experimentava qualquer senso de traição da parte de Sally, sentia uma invasão dos direitos de propriedade por parte de Freedman. Também estava desapontado consigo mesmo. Deveria ter ficado enfurecido. Deveria ter dado uma surra implacável em Freedman, por quem sempre sentia algum desprezo. Mas não estava furioso e não tinha o menor desejo de espancar Freedman. Na verdade, estava aliviado e isso o irritava. Não podia sequer despedir Freedman, pois todos os quatro filmes em produção estavam mais ou menos sob o controle dele, senão mesmo sob a sua direção.

O que irritou Max acima de qualquer outra coisa foi o fato de Freedman nunca aparecer para pedir desculpas ou dar uma explicação — se é que tais coisas podem ser explicadas. Em vez disso, Freedman continuou a se comportar como se nada de importante tivesse acontecido. Freedman mudara, mas a mudança fora tão gradativa, ao longo dos anos, que Max nunca percebera especificamente. Freedman estava adquirindo uma reputação nacional e, em algum grau, internacional. Quando dirigiu *Os Guerreiros*, um filme sobre a Guerra Civil rodado quase todo em exteriores, em Long Island, foram escritos artigos de crítica também a seu respeito. Nas entrevistas, Freedman não fez qualquer referência a Sam Snyder e suas inovações, como trilhos para uma câmera se movimentar e novas lentes para doses. Também não falou dos fotógrafos ou de um jovem e brilhante autor, Jo Stefenson, que escrevera o roteiro e encontrara um meio de substituir a maioria dos cartões de fala por ação. O filme foi adotado por Freedman como sua obra exclusiva, uma criação total. Não mais se sentia inseguro. Para o trabalho em Long Island, vestira culote e perneiras de couro. Embora nunca montasse num cavalo, gostava de enfatizar suas ordens com um rebenque, que batia na palma da outra mão. Também tinha um jovem que o acompanhava por toda parte, carregando um megafone e um recipiente com café quente. Não estava absolutamente inconsciente de sua encenação. Quando se iniciara como diretor de filme, tal criatura não existia. Ele achava que tinha de definir a criatura e era o que fazia.

Então ele está trepando com a minha mulher, pensou Max. Deveria quebrar o pescoço do filho da puta ou despedi-lo. Ou talvez as duas coisas.

Mas não fez nenhuma das duas. Simplesmente não se importava. Havia três novos diretores jovens trabalhando para ele, sob a orientação de Freedman. Quatro meses depois, achando que os novos homens podiam assumir o trabalho perfeitamente, Max convocou Freedman à sua sala e disse:

— Acho que você é um merda muito caro, Gerry, além de um filho da puta de segunda classe.

— Por que não me despede logo, Max, ao invés de voltar às suas origens na sarjeta?

— Deixei minhas origens para trás, Gerry. Caso contrário, arrancaria toda a merda que existe dentro de você. Mas é claro que está despedido.

Uma semana depois, Freedman foi trabalhar para a Sunrise Productions, em Nova Jersey. Cerca de seis semanas depois disso, Max leu nos jornais que Gerald Freedman e a nova estrela da Sunrise, Monica Legrange, iam casar. Ele sentiu pena de Sally. Subitamente, ela parecia mais velha, muito cansada. Há semanas que Sally trabalhava num roteiro baseado em David Copperfield. Era o primeiro roteiro que elaborava sozinha e Max prometeu-lhe que seria a produção mais importante que já realizara. Qualquer raiva que pudesse ter sentido transformou-se num enorme sentimento de culpa. E comprou-lhe um abrigo de arminho espetacular.

Sally agradeceu com indiferença.

— Não deveria ter contado a mamãe que estamos dormindo em quartos separados.

— Ela me perguntou. Está sempre vindo aqui quando não estamos.

— É que ela gosta de ver as crianças.

— Ainda é minha casa. Ela entra e bisbilhota tudo. Faz perguntas às criadas.

— Ela está transtornada por causa dos quartos separados.

Sally soltou uma risada desdenhosa.

— É demais! — Ela jogou o arminho para o outro lado do quarto. — Também estou transtornada! Diga isso a ela!

— Você não tem razão para sentir-se culpado — disse-lhe Della. — Ela fez a mesma coisa.

Max parou de andar de um lado para outro da sala, virou-se e fitou-a. Della estava sentada numa poltrona, costurando calmamente. O apartamento carecia da cor e do encanto que Sally dera à sua casa. Era solidamente confortável, com móveis confortáveis e sem imaginação, uma imagem da virgem com o Menino Jesus numa parede, tendo em frente um bordado que convidava a se dizer uma oração e abençoar aquele lar feliz. As janelas tinham cortinas de renda. No quarto, por cima da cama de Della, havia um crucifixo e a imagem de Cristo. Tudo isso deixava Max um tanto inquieto, especialmente no ato sexual sob o crucifixo. Para Max, o catolicismo de Della era desconcertante. Ela sentia o maior prazer em tê-lo como amante e certamente o amava. Mas já deixara bem claro que, se ele se divorciasse de Sally, nunca poderiam casar; e não sabia se poderia continuar a ter um caso com um homem divorciado.

Não que Max tivesse levantado a sério a possibilidade de divórcio. Era

incapaz de cogitar um divórcio de Sally, assim como não podia sequer pensar em separar-se da Britsky Productions. As duas coisas representavam grandes conquistas de sua vida, provas irrefutáveis de que a pobreza e desesperança que envolveram sua infância podiam ser superadas. Na verdade, Max jamais se desfizera de sua infância; o garotinho magricela, que assumira a responsabilidade pela sobrevivência de uma família de sete seres humanos, ainda vivia dentro dele, como um companheiro permanente. E foi esse garotinho magricela, tanto quanto o Max adulto, que se virou para fitar Della.

— Como assim? O que está querendo dizer com isso? É melhor explicar.

Della largou a costura e olhou para ele com uma expressão de surpresa.

— Explique tudo, Della.

— Está zangado comigo.

— Fez uma declaração e quero saber o que significa.

— Tudo o que eu disse foi que você não deve se sentir culpado. Parece estar sofrendo muito e não entendo o motivo.

— Não se preocupe com o meu sofrimento. Disse que ela fez a mesma coisa.

— Ah...

— Fale!

— Você me contou que encontrou-a beijando Gerry ardentemente. Sally tinha um caso com ele, Max. Há anos e anos. Todo mundo sabe. Eu tinha certeza de que você também sabia.

Ofegante, ele respirou com esforço. E gritou, depois de se controlar:

— É mentira!

— Max...

— Uma maldita mentira! Todo mundo sabe? Quem sabe? Diga quem sabe e como você sabe de tanta coisa!

Della abriu os braços, desolada.

— Max, querido, o que posso dizer?

— Já disse bastante. Quero agora saber quem disse que minha esposa está fodendo com Freedman.

Della sacudiu a cabeça.

— O que é então? Algum plano fantasioso para me levar a pedir divórcio de minha esposa? E nunca mais me fale sobre direitos iguais! Um homem tem o direito de trepar, se quiser! A mulher não! Jamais!

Ele saiu do apartamento, batendo a porta. Depois disso, no escritório, Max passou a tratá-la com um formalismo frio. Era agora Sra. O'Donnell. Sam Snyder convidou os dois para jantar. Max se desculpou. Mas Della foi e, depois do jantar, sentou-se com Alice Snyder e desabafou, chorando muito.

— Eu não queria assim — soluçou Della. — Pensei que ele soubesse. Todo mundo sabia. O bom senso me levou a pensar que ele também sabia.

- O bom senso não conta muito com Max Britsky.

— Já se passaram duas semanas e ele me trata como se eu não estivesse presente. Eu o amo. Amo de verdade.

— Se é esse o caso, Della, então você é uma idiota. Não gosto de falar assim, mas já está na hora de alguém lhe falar francamente. É uma jovem bonita...

— Jovem? Dá até para rir. Estou com 34 anos.

— Não parece. Deveria se casar com um bom rapaz, ter filhos, constituir uma família. Ainda pode fazer isso. Mas desperdiçou os últimos seis anos com Max. Ele nunca deixará Sally.

— Sou casada, Alice — balbuciou Della, entre as lágrimas. — Ele é um vagabundo, bêbado e imprestável, que me abandonou. Está vivendo com alguma vagabunda em Yonkers. Por isso não posso mais casar.

— Eu não sabia disso.

Inesperadamente, uma semana depois, Max convidou Della para jantar. Ela aceitou com o mesmo prazer imediato que caracterizara sua reação ao primeiro convite dele. Max levou-a ao Luchow's, na Rua 14, onde comeram salsicha com lentilhas e bolinhos, tomando cerveja escura. Della comentou como Max conseguia permanecer tão magro, enquanto ela engordava constantemente.

— Estarei em breve parecendo uma dessas irlandesas gordas e você não vai mais querer olhar para mim.

— Você é linda e sempre será linda.

As lágrimas afloraram aos olhos de Della.

— Ficou muito zangado comigo. Disse coisas horríveis. Pensei que nunca mais iria querer me ver.

— Sabe como me sinto em relação a Sally.

— Claro que sei, Max.

— Então não vamos falar de novo dessas coisas, está bem?

— Está, sim, Max.

Naquela noite, com a cabeça no busto abundante de Della, com o cheiro agradável do corpo da mulher a envolvê-lo, Max estava completamente em paz com a vida.

A inauguração do Britsky Xanadu foi um acontecimento da maior importância na cidade de Nova York, tanto do ponto de vista arquitetônico como de outros, representando o primeiro dos imensos e extravagantes templos à glória do cinema,

construídos entre 1912 e 1929. Quando a construção começou, Max obteve uma cópia do poema de Coleridge e leu-a muitas vezes, decidindo finalmente dar à casa o nome de Britsky Xanadu. Sally ficou consternada e disse a Max taxativamente que a junção dos dois nomes era absolutamente ridícula.

— Então serei ridículo — disse Max, dando de ombros

— Não faz sentido. Ninguém saberá pronunciar o nome direito.

— Que diferença isso faz? Como esse tal de Coleridge, que escreveu o poema, está morto há muito tempo, não pode dizer a ninguém qual é a pronúncia correta. O que eu gostaria que também acontecesse com o resto da língua inglesa.

— É tão terrível assim que eu tente melhorar a sua maneira de falar? Continuo achando que é ridículo.

Max suspirou.

— Então serei ridículo. Não é uma situação nova para mim, não é mesmo? E não entendo por que você deve se sentir ressentida.

— O que está querendo insinuar? — perguntou Sally, rispidamente.

— Que é tudo uma questão de ser ridículo. Já estou acostumado. Parece que todo mundo em Nova York sabe que Freedman está fodendo minha mulher, menos eu. Portanto, sou ridículo.

— Adora essa palavra, não é mesmo? — Sally estava agora gritando. — Usa-a contra mim como se fosse um porrete. Pois é verdade! Verdade! Verdade! Olhe só para você! Não passa de um vagabundo ordinário e vulgar do East Side! Você não passa disso, sempre será assim!

Max não pôde compreender por que sentiu-se aliviado. Estava muito calmo. Quem lhe gritava era uma estranha. E ele perguntou, quase gentilmente:

— Por que casou com esse vagabundo?

Sally começou a chorar. E sussurrou, quase como uma garotinha:

— Papai queria, mamãe queria.

— Acho que foi isso mesmo.

E ele se retirou. Mas o problema do nome ainda persistia. Max resolveu que apresentaria a questão a Abel e acataria a decisão dele. Cada vez mais, passara a depender de Abel em matérias de bom gosto. Era parte da harmonia e admiração mútuas que se desenvolveram entre os dois.

— Talvez eu esteja louco — disse Max — mas quero dar o nome de Xanadu. Mas há pessoas que acharam ridículo.

Clifford Abel achava que era insólito, mas não ridículo. E disse a Max:

— Na verdade, possui alguma validade. Como Kublai Khan, você assim decretou.

Della queria que o nome fosse Palladian, pois lera em algum lugar que um

grande teatro assim chamado fora construído em Londres. Max gostou do som da palavra, mas Abel ressaltou que tinha uma conotação histórica com o estilo clássico. O prédio que estavam construindo era tão distante do estilo clássico quanto a arquitetura podia chegar. Mas insistiu que em algum lugar do saguão estivesse escrito, em letras grandes e enfeitadas, que Kublai Khan mandara fazer um palácio assim. Abel gostou da idéia. Barney Enfield, o primo de Fred Feldman que trabalhava para o *Tribune* e fora contratado por Max, achou-a absolutamente fantástica. Depois que Sam Snyder sugeriu que tivessem o seu próprio homem de publicidade, a fim de transformar as atrizes de cinema em Sarahs Bernhardts, pelo menos em termos de fama, Max procurara Barney Enfield, conversara com ele e o contratara. Enfield gostou da comparação entre Max e Kublai Khan. Era uma boa publicidade.

Ocasionalmente, mas não com freqüência, Max passava algum tempo com os filhos. Fora desses encontros que surgira a sua idéia de pináculos. Max nunca se sentira à vontade com os filhos. Marion estava agora com sete anos e Richard com oito e meio. A babá alemã encarava Max como um intruso insólito e Max, por sua vez, achava seus filhos tão diferentes e estranhos que o contato não era fácil. Contudo, a sós com os filhos em raros momentos, ele costumava ler os livros infantis ilustrados. Max não conhecia tais livros. Não era um bom leitor, mas ficou encantado com as ilustrações. Eram desenhos de palácios de contos de fadas, com muitas torres. Sua fantasia foi despertada e levou um dos livros a Abel.

Muitas pessoas escarneciam dos entusiasmos que eram baseados na ausência de sofisticação e educação de Max. Mas isso não acontecia com Clifford Abel. Ele sentia-se atraído pelas erupções de excitamento de Max e pela natureza liberta de suas idéias. Um tanto pesarosamente, explicou que uma rua de Nova York não podia se assemelhar aos pináculos rochosos das ilustrações.

— Mas podemos ter as torres, Cliff — insistiu Max – Apenas duas, uma em cada lado da entrada, como um domo por trás. Quero que seja algo nunca visto num teatro. Uma coisa diferente, como os filmes são diferentes.

— Acho que é possível.

— E no interior, a sensação de que se está num sonho.

— Também é possível.

Quando Max finalmente escolheu o projeto que se tornaria o Britsky Xanadu, Barney Enfield publicou-o no *Tribune*, com uma história comprida de seus antecedentes. Manteve o interesse público permanente durante os 14 meses da construção. Ao longo desse período, foram poucos os dias em que Max não compareceu ao local, tão ansioso, interessado e excitado quanto um garoto com um brinquedo novo.

O interlúdio desagradável entre Max e Della O'Donnell fora esquecido por Max e perdoado por ela. Della compreendia Max muito melhor do que ele compreendia a si mesmo — seus medos e dúvidas, suas elucubrações desesperadas, tão longe da realidade. Della jamais conhecera alguém que a tratasse com tanta ternura e carinho quanto Max; por sua vez, ele nunca recebera uma devoção tão total. Contudo, Max era incapaz de admitir plenamente para si mesmo que, pela primeira e única vez em sua vida, estava realmente apaixonado por uma mulher que o amava. Podia aceitar o fato de que Della se tornara uma necessidade e não saberia viver sem ela, que os únicos momentos de paz, segurança e conforto que conhecia eram em companhia daquela mulher; mas, ao mesmo tempo, relegava-a para um lugar fora de seu mundo. Em seu mundo — ou melhor, aos olhos do mundo como o fantasiava — era o marido fiel de Sally e ela sua esposa fiel. A natureza incongruente de tudo isso não o incomodava.

Durante a construção de seu adorado brinquedo, o Britsky Xanadu, foi Della quem freqüentemente o acompanhou enquanto circulava entre os andaimes, guindastes e operários. Ela usava sapatos grossos em tais ocasiões, levantava a saia para deixar à mostra as meias quadriculadas de lã. Com os cabelos vermelhos flamejantes e o busto abundante, trazia alegria aos operários, sorrindo de seus gritos e assovios. Depois de algum tempo, passaram a conhecê-la bem. Constituíam um sortimento maravilhoso: pedreiros italianos, ferreiros irlandeses, estucadores judeus, carpinteiros ianques; quando Della ficava sem aparecer por alguns dias, recebiam-na com queixas amargas de sua ausência. Max sempre assistia a tudo isso com orgulho e satisfação. As únicas mulheres que já conhecera tão extrovertidas e desinibidas quanto Della eram as prostitutas de sua juventude. Com Della, porém, não havia hostilidade nem sedução, apenas o calor de sua natureza.

As escavações começaram no verão de 1912. Em janeiro do ano seguinte a estrutura exterior já estava concluída e um exército de homens trabalhava no interior. Faziam as paredes internas, não as do prédio propriamente dito, mas de madeira, a um ou dois metros da outra, recortada no alto para dar a ilusão de parapeitos. Por trás dessas paredes de madeira seria pintado um céu, com lâmpadas para completar a ilusão. Abel assim fizera para satisfazer o desejo de Max de que as pessoas no interior do teatro sentissem que se encontravam num palácio. Assim que o primeiro trecho dessa parede ficou pronto, ele quis que Max visse imediatamente. Tão excitado quanto um garoto — já que Abel duvidara que fosse possível — Max parou junto à mesa de Della e disse:

— Vamos embora, meu bem. Estamos a caminho de um palácio judeu na Sétima Avenida.

Della sacudiu a cabeça.

— Eu adoraria ir, Max, mas estou com uma terrível dor de cabeça. Acho que irei para casa.

— Meu carro está lá embaixo. Posso deixá-la em casa primeiro. A menos... — Ele tocou na testa de Della. — Não... Pensei que poderia convencê-la a me acompanhar, mas você está muito quente. Acho que tem febre.

— Não se preocupe. Estou bem. Quer mesmo que eu o acompanhe?

— Apenas se estiver bem.

— Então eu irei. Mas se tiver um desmaio, Max, você me leva para casa?

— Claro.

Della não tornou a se queixar da dor de cabeça. Pegaram Sam Snyder na saída. Clifford Abel esperava-os na obra. O teto recebera uma primeira camada de azul-celeste. Por insistência de Abel, os eletricistas instalaram lâmpadas o suficiente para iluminar cerca de três metros de falsa parede. Abel sentou-os em engradados, a fim de que pudessem olhar para cima. Pouco a pouco, foi aumentando o reostato. A ilusão era espetacular, uma sensação autêntica de que o sol se levantava por trás da parede ameiada. Della bateu palmas de prazer.

– É maravilhoso, Max! Absolutamente maravilhoso!

Não ocorreu a Della, por um momento sequer, que Clifford Abel tivesse alguma coisa a ver com o efeito. Para ela, era Max quem fazia todas as coisas, quem fazia o mundo girar, quem a abrigava e protegia.

– É mesmo maravilhoso — concordou Abel. — O mais estranho é que ninguém jamais pensou nisso antes, converter o interior em exterior. É uma ilusão extraordinária.

– E você é um gênio — declarou Max, generosamente.

— Nada disso. A idéia foi sua. Mas devo ressaltar que as estrelas no céu foram uma criação minha. Há 800 pontos de luz no teto. Quando tudo ficar pronto, o céu com uma tonalidade azul mais profunda, pode-se abaixar o reostato do nascer do sol e também controlar o brilho das estrelas com um segundo reostato. Não instalamos os pontos de luz ao acaso. Seguimos o padrão de um mapa estelar no meio do verão, a época em que a maioria das pessoas contempla o céu. Pense nisso, Srta. O'Donnell... está sentada aqui, esperando o filme começar...

— O órgão está tocando — interveio Max. — O quinto maior órgão de tubos de Nova York.

— Isso mesmo — concordou Abel —, o órgão toca e de repente as luzes começam a diminuir. Olha-se para cima e de repente não se está mais num cinema e sim num palácio murado, podem-se ver além das muralhas os últimos raios do sol poente. Olhem só. — Apontando para o teto, ele baixou o reostato. — E pelo teto surge o céu noturno do verão, apenas débeis pontos de luz a

princípio, mas cintilando cada vez mais intensamente, em toda as grandes constelações, Ursa Maior, Ursa Menor, Estrela do Norte...

Os olhos de Della estavam úmidos.

— Será o lugar mais lindo do mundo.

— É o que espero — murmurou Max.

Voltando para a Rua 23, Della aconchegou-se a Max. Quando ele tocou-lhe o rosto, descobriu que estava quente como fogo e molhado de lágrimas. Perguntou por que ela chorava e Della respondeu:

— Foi lindo, Max... absolutamente maravilhoso. Só que Sally estava lá e não queria que eu visse.

— Está enganada, Della. Sally não estava lá.

— Ela ficou atrás da parede. Olhava por cima.

Max carregou-a pela escada até o apartamento. Não sabia de onde provinha sua força, mas conseguiu. Também conseguiu despi-la e metê-la na cama, com uma colcha e um cobertor por cima. Max agradeceu a Deus por ter insistido, no ano anterior, que Della tivesse um telefone no apartamento. Quando deixou-a, a fim de telefonar para o médico, ela tremia sob as cobertas.

O Dr. Traub era um homem pequeno e gordo, que estava sempre resmungando. Examinou Della e disse que era pneumonia. Ela devia ser levada para o hospital.

— Quero o melhor que existe — disse Max.

O Dr. Traub já estava ao telefone; quando acabou de falar, comunicou a Max que pedira uma ambulância.

— O melhor hospital...

— Está certo, Sr. Britsky. Não fique nervoso. Estou mandando-a para o Mount Sinai. É o meu hospital. Tão bom quanto qualquer outro.

— Dinheiro não é problema — declarou Max. — Pode contratar os melhores médicos do mundo. Quero que ela fique curada.

— Dinheiro não vai adiantar nada. Ela tem pneumonia. Faremos o melhor possível. É uma parente sua, Sr. Britsky? Ela não parece judia.

— É minha secretária e associada.

O Dr. Traub acenou com a cabeça e não disse mais nada. Como era o médico da família Britsky, não havia necessidade de fazer mais perguntas.

— Quando a ambulância chegar, Sr. Britsky, vamos enrolá-la num cobertor. Poderá trazê-lo de volta. Também vai ao hospital?

Max assentiu.

— Sabe onde fica?

— Na esquina da Rua 100 com a Quinta Avenida?

— Isso mesmo.

Depois que a ambulância chegou e Della foi removida, Max desceu para o seu carro à espera. Shecky Blum fizera a transição da carruagem para a limusine há sete anos. A esta altura, sentia-se à vontade e superior ao volante do Buick novo de Max. Chegando ao Mount Sinai Hospital, ele perguntou a Max;

— O que faço agora?

— Não faz absolutamente nada. Fica sentado aqui.

— A Sra. Britsky queria o carro esta tarde.

– Já lhe disse o que fazer! Fique sentado aqui!

O Dr. Traub encontrou-se com Max no corredor.

— Ela está muito doente, Sr. Britsky. Estamos fazendo o melhor, só que no caso da pneumonia o melhor é praticamente nada.

— Quero vê-la.

– Está certo, apenas espere um minuto. Antes me responda: ela não é judia, não é mesmo?

— Que diferença isso faz?

– A diferença, Sr. Britsky, é que tenho de falar francamente. Ela tem família? É católica?

— Mas o que...

O Dr. Traub falou incisivamente:

– Espere um instante, Sr. Britsky. Estou falando algo importante. Se esta mulher é católica, precisa de um padre. Este é um hospital judeu e por isso não temos um padre de plantão. Mas se a Srta. O'Donnell morrer sem extrema-unção, o fato pode ser uma coisa terrível para a sua família. É por isso que a família deve ser avisada e precisamos de um padre... se ela é católica.

— Ela é católica, mas não vai morrer! Está me entendendo, doutor? Ela não vai morrer!

— Isso está nas mãos de Deus... e com a pneumonia Ele não tem se saído muito bem. Talvez ela tenha uma chance de 50 por cento de escapar, mas eu não apostaria sequer nisso. Estou sendo muito rude, porque a temperatura já se eleva a mais de 40 graus. O Dr. Solomon está examinando-a neste momento. É o nosso melhor especialista em infecções pulmonares. Mas não sei se ele poderá fazer alguma coisa.

— Posso vê-la agora, por favor?

— Pode, sim. Mas não se demore.

A mente de Max era um tumulto de pensamentos confusos e sensações angustiantes, enfrentando o que sentia por Della O'Donnell e ao mesmo tempo incapaz de assumir. Sentia-se tentado a cair de joelhos e suplicar a Della que vivesse, que não o abandonasse. Contudo, não foi capaz de fazer qualquer outra coisa a não ser ficar parado ao lado da cama, as lágrimas escorrendo pelas faces,

os dois médicos observando-o por um momento, curiosos, antes de saírem do quarto.

Della abriu os olhos, viu-o e sussurrou alguma coisa. Max inclinou-se para ouvi-la.

— Não chore, por favor — balbuciou Della,

O esforço de falar provocou-lhe um acesso de tosse, um catarro escuro e espumante saindo de sua boca. Uma enfermeira entrou no quarto e limpou o rosto de Della.

— Onde estão os médicos? — perguntou Max. — Por que não estão aqui?

— Eles nada podem fazer agora — disse a enfermeira. Molhava panos numa bacia com água fria e esfriava o rosto de Della. — Estamos fazendo o possível.

Os olhos de Della estavam agora fechados. Parecia respirar um pouco mais facilmente. Max saiu do quarto, foi até a recepção e pegou o telefone. Quando uma enfermeira tentou impedi-lo, explicando que os visitantes só podiam usar o telefone do saguão, Max tirou do bolso uma nota de 10 dólares, jogou para ela e disse:

— Vou usar este telefone de qualquer maneira.

Ele ligou para Tammany Hall e lhe informaram que Charles Murphy estava na prefeitura naquele momento, onde o prefeito entregava as chaves da cidade ao presidente americano recém-eleito, Woodrow Wilson.

— Pois é melhor ir até lá e encontrá-lo! — gritou Max. — Avise que Max Britsky telefonou. Estou no Mount Sinai Hospital, na Rua 100, é uma questão de vida ou morte. Ele tem de vir imediatamente. E trazendo um padre.

— Um o quê?

— Um padre! Um padre!

Já eram nove horas da noite quando Murphy chegou ao Mount Sinai. A esta altura, Della passara pelo delírio e mergulhara no estado de coma. Max saiu do quarto para recebê-lo. Murphy apresentou-o ao homem alto e corpulento em sua companhia, o Bispo Brady.

— Precisamos de um padre — murmurou Max.

— Eu sou um padre — respondeu o bispo.

Dominado pela emoção, Max falou com algum esforço:

— Acho que ela está perto do fim.

— Então não percamos tempo — disse o bispo.

Ele entrou no quarto. O Dr. Solomon estava ali, debruçado sobre a cama. O rosto contraído pelo desespero, Max ficou olhando e escutando. Quando o médico puxou o lençol por cima do rosto de Della, Murphy passou o braço pelos ombros de Max e levou-o para fora do quarto.

O Bispo Brady foi encontrá-los na sala de espera. Como já passara do horário de visita, os três estavam sozinhos na sala. Murphy tirou um frasco do bolso e entregou-o a Max.

– Tome um trago. Está precisando.

Max bebeu e devolveu o frasco.

— Desculpe não ter vindo antes, Max, mas é que eu estava com o presidente. Não podia sair sem mais nem menos. Mas ainda chegamos aqui a tempo. Pobre criança...

— Que sua alma seja abençoada — disse Brady. — Só a conheci por um momento, mas pude ver a marca da bondade e inocência em seu rosto. Deus a perdoará e a receberá.

Max nunca chorara antes e mal percebia agora que as lágrimas ainda escorriam por seu rosto. Perguntou-se o que Della teria para ser perdoado. Nos seis anos em que ela fora sua secretária e amante, nunca ouvira uma palavra de raiva nem vira um ato de arrogância ou hostilidade.

— A pobre criança não tem família, somente eu e minha esposa — comentou Murphy.

— Assumirei tudo — disse Max:. — Quaisquer que sejam os custos do funeral, tudo o que precisar.

Brady observava Max com o maior interesse.

— Deve ter amado essa mulher com todo o seu coração.

Eu nunca disse isso a ela, pensou Max. Nunca disse que a amava. Por quê? Ele esfregou os olhos, sentiu as faces molhadas. Enfiou a mão no bolso para pegar o lenço e encontrou dois ingressos ali. Olhou-os, curioso, depois estendeu para Murphy.

— Amanhã de noite... talvez possa aproveitá-los. O novo show de George M. Cohan, Broadway Jones. Ela gostava de George M. Cohan. — Max levantou-se abruptamente e acrescentou: — Oh, merda! Mas que mundo estúpido e sem sentido!

CAPÍTULO OITO

1914

Max aos 35 anos

Natalie Love, que nascera Alexa Vasovich, 23 anos antes, espreguiçou-se indolentemente, bocejou e sorriu para Max. Quando ela sorria assim, fazia-o lembrar-se de Della O'Donnell; e quando alguma coisa o lembrava, uma pontada de dor o invadia. Havia outras coisas pelas quais Alexa levava-o a recordar a amante. Tinha a mesma pele clara, olhos azuis, braços e pernas arredondados. Os cabelos eram diferentes, sedosos, cor de milho, não era tão rechonchuda quanto Della fora. O que estimulou Max a lembrá-la de não engordar mais.

— Eu não sou gorda, Max, não é mesmo?

Ela empurrou as cobertas para o lado, exibindo o corpo nu, adorável.

— Cubra-se. Não quero que pegue um resfriado.

— Está sempre preocupado com a possibilidade de alguém pegar um resfriado.

— Não importa. — Max acendeu um charuto. — Cubra-se.

— Está bem. — Alexa suspirou. — O que acha que meu pai diria? Trabalhou durante todos aqueles anos no porto, se arrebentando por uns míseros seis ou sete dólares por semana, até que morreu sob uma corrente que quebrou suas costas. E aqui está a pequena Alexa, uma estrela do cinema, ganhando 300 dólares por semana. E fodendo com o Sr. Max Britsky.

– Alexa, não gosto de ouvir esse tipo de palavreado de uma dama.

– Fodendo?

— Isso mesmo.

— Mas você fala a todo instante!

— Para um homem, não tem problema. Não para uma dama. Não conheci seu pai. Ele era estivador?

— O que mais um polaco podia ser? As docas ou os matadouros. E ele odiava os matadouros. — Ela fitou Max com uma expressão pensativa. — Você gosta de mim verdade, Max?

— Por que acha que a transformei numa estrela, pela emoção? Há dois anos, quando filmávamos *A Escrava*, vi aquela loura e perguntei a Hook Mason

quem era a belezinha. Ele me disse que era alguma polaca estúpida que contratara por três dólares por dia. Está aí uma coisa que não me agrada. Não gosto quando alguém fala em polaco estúpido, húngaro nojento ou irlandês sujo, porque esse mesmo sujeito daqui a pouco começará a me chamar judeu filho da puta. E isso vai me deixar com vontade de encher o camarada de porrada. Mas a verdade é que estou ficando muito velho para brigar. Por isso falei a Mason que mais uma coisa assim e podia voltar para a Filadélfia, a fim de fazer filmes com a National. Ele pediu desculpas, começou a me puxar o saco, perguntou se eu estava interessado em você.

— E estava, não é mesmo, Max?

— Não. Afinal, Alexa, eu nunca tinha visto você antes. Mas é claro que fiquei interessado. Não transformei você em estrela? Pago 300 dólares por semana. E gosto de você. O que eu pago nada tem a ver com o fato da gente trepar. Nunca fui para a cama com uma mulher de que não gostasse. Desprezo os homens que fazem isso.

— Ouvi dizer que a Biograph paga 800 dólares semana a Mary Pickford...

— O que mais você ouviu? Eu ouvi que os anjos cantam melhor do que o coro do *Metropolitan Opera House*. Você está aprendendo, menina, mas ainda não é nenhuma Mary Pickford. E pode ter certeza de que é muito mais afortunada por estar com a Britsky Productions e não com a Biograph. Eles nunca fizeram um filme que pudesse comparar com os nossos.

— Não vou trabalhar com a Biograph, Max. Você sabe disso.

— Eu sei e meu advogado também sabe.

Alexa começou a chorar.

— Por que está chorando? O que eu falei para deixai você assim?

— Advogados... acha que eu sou capaz de deixar você e jogaria os advogados em cima de mim.

— Ora, meu bem, vejo as coisas do jeito que são. É o estilo de Max Britsky. As pessoas saem por aí dizendo que Max Britsky é um filho da puta. Talvez sim, talvez não. Tenho de cuidar de Max Britsky, porque ninguém mais fará isso por mim. Não está me entendendo, não é mesmo? Pois vou explicar. Há anos que a Vitagraph e a Biograph mantêm os nomes de seus atores em segredo, a fim de que eles não possam pressionar para conseguir um aumento de pagamento, Mary Pickford teve de suar sangue para superar isso. É uma coisa que eu nunca fiz. Torno meus atores famosos, porque mais pessoas lotam minhas casas para vê-los na medida em que são mais famosos. Tenho nove cinemas feitos por Clifford Abel através do país, todos são palácios como nenhum rei jamais teve a chance de possuir. E vivem cheios. Agora você me diz que Mary Pickford ganha 800 dólares por semana. Sabe que eu faço negócios com o Chase

Bank, na Broadway, 177. Berry é o gerente de lá e recebe 40 dólares a menos por semana do que pago a você. Mas vou dizer outra coisa. Mary Pickford ganha 800... pois você ganha 850, a partir da próxima semana.

— Max...

— Pense a respeito.

— Não fala sério, Max. Está brincando, não é mesmo?

— Não, não estou brincando. Volto agora ao escritório e falo com Jake Stein, meu tesoureiro. Ele me diz: Max, você ficou louco. E eu respondo: Uma ova que estou doido. Depois, chamo Barney Enfield e digo a ele: Temos a estrela de cinema mais bem paga dos Estados Unidos da América. Mais do que isso, do mundo, porque os franceses pagam uma ninharia. E com essa guerra *schmuck* começando lá na Europa, nem mesmo uma ninharia vão pagar. A Britsky Productions tem Natalie Love, que não apenas é mais bonita que Pickford ou Gish, mais talentosa e mais sensual, mas também mais bem paga. E isso é o mais importante para os americanos... quem ganha mais tem de ser o melhor. Com esse tipo de coisa, Barney começa a mandar histórias para os jornais e revistas e conseguimos pelo menos 50 novas fotografias suas publicadas. E eu contrato Oscar Bitterman, que acaba de lançar uma nova peça de sucesso na Rua 42, para escrever um roteiro, a fim de que Barney possa dizer que a estrela mais cara da América vai estrelar o filme mais caro. Consigo assim dois milhões de dólares de publicidade e talvez uns 50 milhões de dólares de novos negócios. Tudo isso me custa 550 dólares por semana por uma mocinha... e não posso imaginar um lugar melhor para meter esse dinheiro....

Alexa levantou-se da cama de um pulo, foi abraçar Max, cobriu-lhe o rosto de beijos.

— Oh, Maxie, eu amo você, amo você, amo você!

Ele desvencilhou-se.

— A esse preço, por que não?

— Amanhã, Max?

— Amanhã, meu bem. Estarei numa suíte dupla, a caminho de Chicago e de lá para Los Angeles. Talvez esteja tomando a decisão mais importante de minha vida. Quem sabe?

Ele pensara a respeito algumas vezes, mas a coisa só começara a tomar forma, como uma possibilidade concreta, depois que almoçara com Irving Lunberg, no Café Coronet, duas semanas antes. Lunberg era um pequeno produtor, um homem que fazia meia dúzia de filmes por ano e dependia inteiramente de Max para sua distribuição. Fazia seus filmes num lugar chamado Hollywood, um

distrito do condado de Los Angeles, onde montara um estúdio num velho estábulo, numa estrada chamada Gower Street. Lunberg vinha pressionando há 12 meses para que Max o comprasse. Max resistia à idéia. Lunberg, em sua opinião, fazia filmes de terceira categoria. Como o homem acompanharia a companhia, Max não tinha o menor desejo de possuir qualquer dos dois. Por outro lado, ele simpatizava com Lunberg e convidava-o para almoçar em todas as suas visitas a Nova York.

Naquele dia estava chovendo, o terceiro de um aguaceiro sem parar. Max comentou que uma equipe sua, trabalhando numa externa, estava há três dias parada. Lunberg disse prontamente que isso não aconteceria em Hollywood.

— Por quê? Lá não chove?

Lunberg era um homenzinho gordo e careca, pálpebras a comicharem constantemente, o que lhe dava uma aparência de permanente excitamento. As mãos tremiam, o que aumentava a impressão. Era evidente que a comida judaica ainda não aparecera em Hollywood, pois ele pediu um sortimento surpreendente de panquecas recheadas, creme azedo, bolinhos de batata e uma pasta conhecida como *kasha-varanashkas.* E, ainda por cima, pediu *bagels* e queijo-creme.

– Barriga vazia me deixa nervoso — ele explicou a Max.

— Dá para perceber. E a chuva?

— É claro que chove. Não pode deixar de chover. Só que chove de uma maneira inteligente e é possível armar um esquema de filmagem que não leve ninguém à miséria, como acontece com o tempo aqui.

— E como isso acontece?

— De abril a novembro, pode-se ter certeza de que não vai chover e não se terá um céu nublado. De maio a outubro, pode-se ter certeza absoluta de que não vai chover. O dia é claro como você nunca viu, Max... uma luz pura, perfeita, deslumbrante. Coma um pouco, Max.

Ele empurrou pela mesa a travessa com os bolinhos de batata.

— Não estou com fome. Fale-me mais.

— Não são como os que mamãe fazia.

— O quê?

— Os bolinhos de batata.

— Você estava falando de Hollywood.

— Como eu disse, o ar é doce e puro, não tem a fuligem que se encontra aqui. As colinas são cobertas de cactos e outras coisas assim, há bastante espaço. Ninguém esteve por lá até hoje, com exceção das companhias de petróleo. E já encontraram algum petróleo no meu quintal. Pode imaginar uma coisa dessas? Petróleo na Gower Street! Já leu os livros de Zane Grey?

— Não leio muito. Mas conheço o nome. Minha esposa já me falou dele.

— É mesmo? Mas era de se esperar. Como está Sally?

— Acho que está bem. Estamos nos divorciando, Irving.

— Lamento muito.

— Vamos voltar a Hollywood e a esse tal de Zane Grey.

— Claro, claro. Li dois ou três livros dele. O homem escreve sobre o Oeste, com muitos *cowboys*, pistoleiros, essa coisa de Bufallo Bill. E fiz um roteiro. Não vou dizer que roubei uma história do Sr. Grey, porque ele nunca poderia reconhecer qualquer semelhança com seus livros. Há um rancho mexicano no sul do condado de Los Angeles. Levamos nossas câmeras para lá, junto com o nosso ator *cowboy*. Ele não é um *cowboy* de verdade, mais sim um húngaro de Pittsburgh, chamado Frank Lutzman. Mudamos o nome dele para Don Durango. Fizemos um bom filme, Max, acho que você vai gostar. Mas também acho que haverá uma verdadeira loucura por esses filmes de *cowboy*.

— Por quê?

— Porque todo mundo está procurando por astros *cowboys*.

— Ninguém precisou ir a Hollywood para fazer O *Grande Assalto do Trem*.

— Este é diferente, Max. Tem espaço, colinas, um cenário como nunca sonhou.

— Quando podemos assisti-lo?

— Esta tarde. Deixei o filme no hotel.

O filme do Oeste que Lunberg produzira e que não chegava a ser exatamente um plágio de Zane Grey foi o argumento final que convenceu Max de que Los Angeles tinha de ser visitada e considerada a sério como um lugar para se fazer filmes. O filme de Lunberg não podia ser chamado de bom, mas era o primeiro de seu gênero a que Max já assistira: uma história sobre o faroeste, filmada não em Long Island ou nas planícies com muitos pinheiros em South Jer-sey, mas no próprio Oeste. As montanhas espetaculares, cobertas pelo chaparral, a amplidão da terra e do céu, os *vaqueros* mexicanos de excepcional habilidade... tudo isso se combinou para incutir em Max um anseio estranho e romântico, além do pressentimento de que bons filmes com tal cenário poderiam resultar em bilheterias extraordinárias. Como ele disse a Alexa, poderia estar diante da decisão mais importante de sua vida.

Naquela manhã, ele seguiu de seu apartamento para o escritório no Hobart Building, onde Fred Feldman o aguardava.

— Tenho boas e más notícias, Max. O que vai querer ouvir primeiro?

— As boas notícias.

— Sam está no escritório?

— É possível.

— Pois então chame-o e também a Bert Bellamy. Quero fazer um anúncio formal. Pegue a garrafa de *schnapps* que guarda na mesa, Max, e prepare quatro copos.

Max sorriu enquanto escutava Feldman. O advogado era ainda menor do que ele; isso facilitava Max gostar dele. Era baixo, prematuramente calvo, gordo, mais corpulento a cada ano. Naquele momento estava tão excitado que tinha de fazer o maior esforço para não começar a pular e dançar.

Max tocou a campainha, chamando a secretária, que era nova, Josie Levy, de vinte e poucos anos, nariz afilado, muito eficiente. Pediu a ela que descobrisse Snyder e Bellamy. Quando eles entraram na sala, Max acabara de encher os quatro copos com o uísque de centeio Golden Wedding.

— Vamos beber — disse ele.

— A quem estamos bebendo?

— A Feliz Chapman.

— E quem é Feliz Chapman?

— Apenas um juiz federal — respondeu Feldman, jovialmente. — Apenas um velho juiz do Tribunal Distrital Federal, para o sul de Nova York, que acaba de tomar sua decisão sobre um caso. Querem saber o que ele decidiu?

Feldman tomou um gole do *schnapps*, engasgou, bebeu de novo, respirou fundo e conseguiu balbuciar:

— Vamos, bebam também!

— Está bem — disse Max. — Ao meritíssimo!

— E como não sabem o que o meritíssimo decidiu, vou informá-los primeiro. Antes de mais nada, ele decidiu que a National está violando a Lei Antitruste Sherman, assim como a Lei Clayton e mais algumas outras, para não mencionar a conspiração para fixar preços, conspiração para impedir o livre exercício do comércio e conspiração para eliminar a concorrência. Se isso não é sensacional, então não sei o que pode ser. Meus amigos, o truste está liquidado, acabado, castrado. E quem conseguiu isso? Nada menos que a Max Britsky Productions!

Todos bateram palmas. Max levantou-se e fez uma mesura.

— Quase que sinto pena dos pobres coitados... mas eles que se fodam! Nunca fizeram um bom filme. Assim que a notícia se espalhar, todos os exibidores amedrontados que estavam sob o tacão deles estarão pedindo para entrar em nosso intercâmbio de filmes.

— E deixaremos todo mundo entrar — concordou Bert, sorrindo. — Talvez deixemos que nos bajulem um pouco, mas vamos aceitá-los. Sirva outra rodada, Freddy. E desta vez eu farei o brinde. Max e eu começamos há muito e muito tempo... percorrendo um longo caminho, desde o *Penny arcade* de Rowdy

Smith. Certo, Max?

— Certo. Imagino que o pobre coitado já morreu há muitos anos.

– Foi lá que tudo começou, acionando as manivelas dos velhos cinetoscópios. Por isso, meu brinde é ao velho Rowdy Smith, que Deus guarde o seu coração irlandês.

— Bebo a isso — disse Max.

— Mas com tudo isso — especulou Snyder — ainda vamos para a Califórnia? Daqui a poucos dias estaremos com mais negócios do que poderemos cuidar.

— O que é mais razão ainda para se ir... só que você terá de ficar por aqui, Bert. A distribuição é seu filho e terá de cuidar dele. Se acertarmos alguma coisa lá na Califórnia, você poderá desfrutar de muito sol pelos próximos anos. Enquanto isso, alguém precisa lidar com aqueles pobres e libertados produtores.

Feldman permaneceu na sala de Max depois que os outros dois se retiraram. E disse a Max:

— Compreende o que está pondo nas mãos de Bert, Max?

— Pare com isso de uma vez por todas! O que há entre você e Bert? Não se esqueça de que Bert é como um irmão... muito mais do que aqueles vagabundos imprestáveis a quem chamo de meus irmãos.

— Está bem, está bem — disse Feldman prontamente. — Não precisa explodir comigo. Só fiz uma pergunta.

— Pois então pare de fazer essa pergunta. Você disse que tinha boas e más notícias. Podemos cuidar agora das más notícias.

— Sally.

— Foi o que pensei. Diga-me o que ela está querendo.

— Um milhão de dólares.

— É brincadeira.

— Gostaria que fosse, Max. Mas não é. Ela quer um milhão de dólares e também a casa na Rua 66.

— Pensei nisso. Ela pode ficar com a casa.

— Ela sabe que estamos de partida para a Califórnia e sabe que se você ficar lá, sua mãe também irá. Quer a opção para comprar a casa de sua mãe por cinco mil dólares.

— Vale quatro vezes mais, mas ela pode ficar com a casa. O milhão é que não compreendo. Ela nunca foi assim. Jamais se mostrou tão louca por dinheiro.

— Pois está agora. Quer a custódia das crianças e mais uma pensão de 20 mil dólares por ano.

— Além do milhão de dólares?

— Exatamente, Max.

— Isso é um absurdo. Não tenho um milhão de dólares. Você sabe disso, Freddy. Não tenho porra nenhuma. Take Stein paga as minhas contas e a cada mês me dá o dinheiro que sobra do meu pagamento, uns 700 ou 800 dólares. Nem mesmo tenho uma conta bancária.

— Max!

– Qual é o problema? Pensa que estou enganando você... logo você, meu advogado?

– Quem é o dono da Britsky Productions, Max?

— Eu. Quem mais podia ser?

– Exatamente. E a Max Britsky Productions é a maior proprietária de cinemas e a maior produtora de filmes não apenas da América, mas também do mundo... isso mesmo, maior do que a Biograph ou qualquer outra.. . e sabe quantos milhões isso vale?

— E daí? Devo vender minha companhia?

— Talvez.

— Você ficou doido!

— Quer me escutar, Max?

— Se você tem alguma coisa a dizer, então escutarei. Mas não venha me dizer que talvez eu tenha de vender esta companhia. Pode ir se foder, se é isso o que está pensando.

— Quer se acalmar e me escutar? Trabalho para você há 12 anos e ainda não o traí. Portanto, pode aceitar o fato de que tenho alguma lealdade e tento fazer o que é melhor em seu interesse. Mas às vezes me pergunto se você realmente sabe o que representa a Max Britsky Productions, porque ainda a dirige como a confeitaria da Clinton Street em que fazia ponto quando era garoto.

— Isso é besteira, Freddy. Ninguém conhece esta companhia tanto quanto eu. É a minha vida.

— Você a conhece e ao mesmo tempo não conhece. Deixe-me relatar o que você possui. Há nove cinemas grandes que construímos e possuímos integralmente. Há outros 721 que possuímos ou arrendamos. Possuímos este prédio, o Hobart. Temos três estúdios, o antigo depósito de gelo no centro, o estúdio no Harlem e o que compramos em Fort Lee no ano passado. Neste momento, temos quatro filmes em produção. Nos últimos 12 meses, produzimos 31 filmes de longa-metragem e só Deus sabe quantos filmes de curta-metragem. Há mais de três mil pessoas em nossa folha de pagamento. Eu e Jake tentamos calcular o quanto valemos... e chegamos a sete ou oito milhões de dólares, sem contar as hipotecas. E pode ser muito mais.

— Mesmo assim, não tenho um milhão de dólares para pagar a Sally.

Quanto temos em caixa neste momento?

— Em torno de 160 mil dólares. Mas não é isso o que me preocupa, Max. Estou pensando no que Alvin Berry, do Chase Bank, tem falado. Devemos fazer um lançamento de ações e nos transformarmos numa empresa de capital aberto.

— Não! De jeito nenhum! Construí esta companhia e não vou entregá-la a ninguém.

— Não precisa entregar. Não importa o que aconteça, você ficará com 51 por cento das ações e assim manterá o controle. Continuará o dono da companhia. Podemos pagar a Sally com cinco por cento das ações, o que valerá muito mais de um milhão de dólares em pouco tempo, se é que já não vale agora. Berry mandou seu economista fazer uma projeção de nossos lucros. Estão dobrando a cada dois anos, enquanto triplica o nosso valor líquido. Nunca houve nada parecido, Max. Todos os figurões da velha escola, os goyim poderosos, os Rockefeller, Morgan, Lamont e Carnegie, estão se roendo por dentro. Com todos os seus bancos, usinas siderúrgicas e poços de petróleo, eles nunca viram uma máquina de fazer dinheiro como a indústria do cinema. Pensaram que podiam se aliar ao truste e nos liquidar. Descobriram agora que não podem e jamais o farão. Mas não é uma coisa que você possa continuar a manter sozinho na palma da mão.

— Não consigo imaginar o que deu em Sally. Ela não é esse tipo de pessoa. Não é mesmo. Ela me disse na última vez que conversamos: "Max, sua linguagem é realmente bastante vulgar, esquece tudo o que lhe ensinei. E fala assim por que é a arma que tem contra mim". E ela está certa. Absolutamente certa. É a mulher mais esperta que já conheci, mas nunca foi louca por dinheiro.

— Pois agora ela está insegura e assustada. Mas pode estar certo, Max, de que Sally poderá lhe arrancar muito mais de um milhão se a briga for parar nos tribunais. Não quero que isso aconteça. E vou lhe dizer outra coisa. Você tem gente como Sam Snyder e Bert Bellamy, para não falar de mim mesmo. Trabalhamos juntos há anos, não há nada tão importante para nós quanto esta companhia, depois de nossa família...

— Onde está querendo chegar, Freddy? Não pago o bastante? Sam Snyder ganha 40 mil dólares por ano. Não há outro negócio neste país que pague tanto a um executivo, como sabe muito bem. E você...

— Max, Max, não estou dizendo que somos mal pagos. Mas temos mulher e filhos. Você possui a Britsky. Se eu sofro um ataque do coração e caio morto, minha mulher fica sem nada. Nunca pensei que chegaria a lhe dizer isso, mas merecemos uma parte do negócio. Pode negar que merecemos?

— Sam Snyder também pensa assim? E Bert? Ele também acha que está levando a pior?

— Sam não falaria nada, mesmo que fosse para salvar a própria vida. Mas sabe o que Sam sente em relação a você. Acha que é o maior sujeito do mundo. Mas onde nós estaríamos se não fosse por Sam? Quanto a Bert, nada posso dizer, mas tenho a impressão de que ele se sente assim também.

— Acha que pode falar comigo desse jeito e escapar impune, Freddy?

— O que vai fazer? Despedir-me? Pois faça isso! Sabe muito bem que posso ganhar muito mais do que me paga se abrisse o meu próprio escritório. Ninguém mais tem coragem de falar com você. Pois já está na hora de alguém começar.

— Calma, calma. Não precisa se irritar.

— Não? Talvez esteja na hora de eu me irritar. Se tivesse contratado um daqueles grandes escritórios *goyisha* do centro para lutar neste caso do truste, teria pago pelo menos meio milhão. Mas consegui tudo apenas pelo salário que me paga, ajudado somente por dois garotos que estão aprendendo. Leah e as crianças passam às vezes semanas a fio sem me ver, enquanto você fica trepando com toda garota bonita que é escolhida para um filme...

— Cale a boca! Está entendendo? Cale a boca! Quem você pensa que é para me falar desse jeito?

— Vou lhe dizer quem eu sou! Seu ex-advogado!

Feldman virou-se para sair da sala, mas Max disparou de sua mesa e alcançou-o antes que chegasse à porta. Segurou o braço de Feldman e obrigou-o a girar.

— Largue-me! — gritou Feldman.

Ao que Max também gritou:

— Onde você pensa que vai, seu filho da puta idiota? E como um irmão para mim. Acha que pode me abandonar desse jeito? Pois não vai... nem que eu tenha de encher você de porrada para ficar aqui!

Ele abraçou o pequeno e gordo advogado com tanta força que Feldman chegou a estremecer de dor. Quando se separaram, Feldman desatou a rir e Max acompanhou-o.

— Está bem, está bem, Freddy. Sente-se e vamos conversar. Mas quero dizer uma coisa. Em todos os anos que estive metido com Della, nunca toquei em outra mulher. Tenho agora o que costumam chamar de necessidade biológica e isso é tudo. Sally vai me deixar ver as crianças?

— Claro. Podemos acertar isso. Mas com Sally vivendo aqui, se você se mudar para a Califórnia... Será uma longa viagem de trem.

— Não importa. De qualquer forma, meus filhos são como estranhos para mim. Não sei por quê, exceto pelo fato de que nunca houve uma vida de família verdadeira naquela casa com Sally. Mas darei um jeito.

Feldman sacudiu a cabeça, apreensivo.

— Tenho de falar também com você sobre Ruby e Benny, uma coisa que detesto.

— Por quê? Você me fala sobre tudo o mais. Até me diz como sou um filho da puta. Faça o que achar melhor... e se Sally se contentar com cinco por cento das ações, pode dar a ela. Tire também a mesma coisa para você, Sam e Bert. E, agora, o que tem a me dizer sobre Ruby e Bert?

— Já lhe falei antes, Max, e detesto ter de voltar a isso. Eles estão lhe roubando.

— O que podem roubar? Ninharias. Tiram um pouco e se sentem realmente grandes homens por isso. Pois quero que se danem. O que Jake Stein acha?

— Pedi a ele para fazer um levantamento. Jake respondeu que não é motivo para nos preocuparmos. Sabe de tudo e faz algumas manobras nas contas para encobrir. Tenho às vezes a impressão de que ele faz isso também por conta própria.

— Se começar a nos prejudicar, pode deixar que tomarei providências drásticas. Mandarei todo mundo embora, mesmo que isso parta o coração de mamãe.

A perspectiva de deixar a cidade de Nova York por um destino incerto, em algum lugar no oeste, não era fácil de Max absorver. Nunca estivera na Califórnia e, se pensava a respeito, era como um deserto desolado e inóspito. Nova York, por outro lado, era mais que um lugar geográfico; a cidade representava as suas raízes, origens, língua e segurança.

Como Max, a cidade estava flexionando seus músculos, expandindo-se e vivendo com uma energia ilimitada. No Woolworth Building, acabara de ser erguida a mais alta estrutura artificial do mundo. O metrô novo, em expansão, proporcionava a viagem mais longa e barata do mundo, por cinco cents. As enormes pontes figuravam entre as maravilhas do mundo. Max nunca se sentira diminuído pela cidade; era o seu lugar, seu mundo, qualquer outro era tão vago que se tornava praticamente inexistente. Longe dali, uma guerra estava sendo travada, com milhões de homens em movimento, matando, destruindo, devastando. Muito mais importante, no mundo de Max, era a emergência de um jovem chamado Charlie Chaplin, que acabara recentemente um filme intitulado *Making a Living* (Ganhando a Vida), em que contracenava com uma atraente atriz chamada Marie Dressler. Mas havia também a Califórnia e, parado na Grand Central Station, ainda nova, a enorme arcada transformando-a certamente

numa das maiores estações ferroviárias do mundo, Max experimentou um calafrio de medo, uma sensação de que talvez a glória tivesse ficado para trás dele, encerrada. Não que formulasse seus pensamentos nesses termos, era bastante sensível para saber que as coisas têm um começo e um fim. A Califórnia era muito vaga, muito incerta, para representar uma continuação válida. Sam Snyder terminou de verificar a bagagem e veio se juntar a Max e Fred Feldman.

— Tudo certo — disse ele a Max. — Temos apenas 10 minutos antes do trem partir. É melhor nos aprontarmos.

— Anime-se — disse Feldman a Max. — Eu sempre quis ir para a Califórnia. Podemos até gostar.

— Hollywood — murmurou Max. — Que diabo de nome é esse?

— Não precisa ser necessariamente em Hollywood, Max. Pelo que sei, há bastante espaço por lá para se construir um estúdio.

Sentado no compartimento, o trem seguindo para o norte, pela margem leste do Rio Hudson, Max recomeçou a resmungar. E finalmente, quase com raiva, ele anunciou que ia para o vagão de estar, a fim de fumar um charuto. Voltaria a encontrá-los ao jantar.

Depois que Max se retirou, Sam Snyder perguntou:

— O que ele tem, Freddy?

— Está assim há bastante tempo. Desde que Della morreu.

— Já faz mais de um ano.

— Acho que não é uma questão de tempo. Aconteceu algo com ele. E as mulheres... é como uma droga. Ele tem de trepar com toda mulher bonita que trabalha para a gente. Eu me preocupo com isso, porque mais cedo ou mais tarde vamos ter um processo de paternidade grande e vultoso.

— É curioso que ele nunca tenha olhado para outra mulher, nem mesmo Sally, enquanto Della estava viva — comentou Snyder. — Devem ter sido cinco ou seis anos. Costumava levar Della para jantar em nossa casa. E se mostrava muito relaxado e feliz. Não que algum dia a gente tenha feito alguma coisa de especial. Minha Alice é uma grande cozinheira. Não posso deixar de admitir isso. Ela faz a melhor comida alemã deste lado do oceano... uma comida deliciosa e pesada, o motivo pelo qual tenho esta barriga. Ficávamos sentados, comendo e tomando cerveja. Depois, Della e Alice passavam para a sala de estar, enquanto Max e eu fumávamos um charuto e conversávamos sobre os negócios. Acho que quase sempre sobre a parte técnica. Lembro da ocasião em que eu trabalhava num substituto para aqueles malditos tubos de vapor de mercúrio que usávamos para iluminação. Deixavam todo mundo com cara de doente. Tínhamos de pintar os rostos... O que eu estava falando, Freddy?

— Sobre as visitas de Max à sua casa.

— Tornou-se uma coisa regular. Todas as noites de quarta-feira. As crianças adoravam Max. Ele costumava levar presentes para as crianças, até que Alice suplicou que parasse, pois estava mimando-as demais. Max sentava no chão e brincava com as crianças. Mas, pelo que sei, ele nunca fez isso com seus próprios filhos.

— É verdade. Ele diz que seus filhos são como estranhos.

— Só pode ser porque Sally meteu na cabeça deles coisas contra Max.

— Sally não faria uma coisa dessas — declarou Feldman.

— Talvez não. Mas ela sabia o que estava acontecendo. E às vezes, quando tinha alguma desculpa, procurava-o em nossa casa. Talvez ela tenha contratado um detetive para segui-lo. Seja como for, o fato é que ela sabia de tudo.

— Por que Max não se divorciou de Sally e casou com Della? Ela está pedindo o divórcio agora. Por que ele não tomou a iniciativa, enquanto Della ainda vivia?

— Não sabe? Em primeiro lugar, Della era casada. Como católica, não podia se divorciar do vagabundo que era seu marido. Conversei com Steve Maguire há uns dois anos, creio que seis meses antes da morte de Della. Steve disse que o Chefe Murphy tinha bastante influência no Vaticano para conseguir a anulação do casamento de Della e isso custaria apenas dois mil dólares. Mas quando falei a Max a respeito, ele disse que não adiantava e que não seria capaz de enfrentar sua mãe se deixasse Sally para casar com Della.

— Essa... Por Deus, as pessoas são muito estranhas. Pois é o que ele está fazendo agora.

— Não ele, mas Sally.

Enquanto essa conversa se desenrolava no compartimento, Max estava no carro-salão, onde fumava um excelente charuto cubano de 25 cents e tomava um uísque. Uma gorjeta de um dólar gravou o seu nome na memória do garçom, que disse, ao lhe entregar o uísque:

— Basta me chamar se precisar de mais alguma coisa, Sr. Bri-tsky.

Uma mulher sentada em frente a Max fitou-o com interesse. Max já a notara e calculara que era uma compradora ou estava no *show business*, pois as mulheres sozinhas, viajando em primeira classe, que não pertenciam a essas profissões geralmente evitavam o carro-salão. A mulher tinha quarenta e poucos anos, vestida com elegância, mas sobriamente, com menos maquilagem do que se poderia esperar de alguém do *show business*. Tinha feições regulares, cabelos e olhos escuros, um bom corpo — uma mulher atraente, mas que não chegava a ser deslumbrante. Depois de alguns minutos de observação, a mulher correu os

olhos pelo carro. Não estava apinhado e a meia dúzia de homens não a observavam nem a Max, uma desatenção que obviamente deixou-a satisfeita. Ela se levantou abruptamente e foi ocupar a cadeira ao lado de Max, dizendo, sem qualquer preâmbulo:

— Ouvi seu nome, Sr. Britsky, e só o tinha encontrado antes em um único outro lugar. Minha atitude pode ser pouco feminina, mas... não importa. É um nome difícil. Deve ser no mínimo um primo.

— Primo de quem?

— De Max Britsky. Sou compradora para a Altman's, de Nova York. Meu nome é Frances Button e compro sapatos. Como pode ver, algumas coisas são predestinadas.

— Max Britsky.

— Foi o que pensei. Sapatos e bolsas. Viajo muito Pela Nova Inglaterra e para oeste, até Chicago. Ocupo a maior parte das horas solitárias com filmes. Sou uma fã ardorosa, mais do que isso, uma viciada. E sempre procuro por Max Britsky Productions. É o próprio?

— Isso mesmo. Britsky em carne e osso. Posso lhe oferecer um drinque?

— Tomarei um xerez, se não se incomoda.

Max gesticulou para o garçom e fez o pedido.

— O que estava querendo dizer ao falar em predestinação? — perguntou ele, virando-se para a mulher ao seu lado.

— Não nós dois, Sr. Britsky. — Ela desatou a rir. — Nada disso. A predestinação está em meu nome. Frances Button, de botão, compradora de sapatos. Botão... sapatos. Meu nome de solteira era Smith, mas tive de casar, entre todas as pessoas, logo com Oscar Button. Felizmente, o casamento acabou há alguns anos, em termos amigáveis e sem briga, principalmente porque não pedi uma pensão. E nem poderia pedir, porque aquele vagabundo não teria como pagar. E para que preciso dele? Posso ganhar o meu sustento... e até que muito bem, para uma mulher.

O garçom trouxe o copo de xerez e Max pagou.

— Está viajando com sua esposa, Sr. Britsky?

— Não. Com duas pessoas que trabalham comigo.

— Homens, é claro.

— Possivelmente.

— Possivelmente? Ah, mas que senso de humor! Adoro trens. Algumas das pessoas mais interessantes que já conheci estavam em trens. É claro que jamais me encontrei antes com um importante produtor de cinema, mas há sempre gente interessante. Tenho certeza de que já combinou o jantar com seus amigos, mas depois...

— O que acontece depois do jantar?

— O vagão depois do refeitório. Camarote D.

— Por quê?

— Por que não? Um pouco de riso, alguns drinques. O que mais pode haver, Sr. Britsky?

— Não sei. E também não a conheço. Não vai querer ir para a cama comigo, Sra. Button. Posso ter uma doença venérea.

— Não precisava ser tão grosseiro.

— Tem razão. Sinto muito.

— Não, não sente. No fundo, é um judeuzinho grosseiro e repulsivo.

Com isso, ela levantou-se e deixou o carro. Max tornou a acender o charuto, que se apagara.

Os três homens estavam no camarote duplo, relaxados, em mangas de camisa e suspensórios, sem sapatos, os pés levantados, tomando cerveja e fumando charutos, olhando pela janela para os arroios e *canyons* do Arizona. As formações irregulares e maravilhosas de pedra vermelha, preta e amarela, os cortes profundos e assustadores na terra, os cactos e algarobeiras, tudo era diferente de qualquer coisa que já haviam visto antes. Nem Snyder nem Feldman tinham estado a oeste de Chicago. Max já passara dois dias em Denver, em companhia de Bert Bellamy, mas suas recordações eram de uma cidadezinha horrível e insípida, no meio de uma pradaria vasta e insípida. Mas aquilo era diferente. A paisagem alterava seu ânimo, excitava-o e exaltava-o, afastava a depressão que o dominava desde que deixara Nova York. Era algo como nunca sonhara, uma terra de maravilha, uma terra de sonho, acima de tudo uma terra de cinema. Contemplando a paisagem pela janela, ele experimentou uma sensação maravilhosa de plenitude, um vazio que era quase enaltecedor, diferente de tudo que já conhecera. Nada queria naquele momento. Ali estava, no pequeno compartimento de um trem, com boa cerveja e um bom charuto, com dois velhos amigos que eram mais íntimos que quaisquer outras pessoas no mundo, e não havia absolutamente nada que o frustrasse ou despertasse o seu desejo.

— Quando eu era garoto — lembrou Sam Snyder — papai levou-me para assistir ao Show do Oeste Selvagem de Buffalo Bill. Foi praticamente o maior dia da minha vida. Apertei a mão dele. Podem acreditar nisso? Apertei a mão de Buffalo Bill Cody, em carne e osso. Jamais esquecerei. Ele vestia um traje de couro de gamo, todo franjado, absolutamente espetacular. E com dois revólveres de cabo de madrepérola.

— Pelo que ouvi dizer — comentou Max — os revólveres eram

carregados de chumbo grosso, a maneira que ele tinha para não errar qualquer tiro.

— Não quero acreditar nisso.

— O mais perto que já estive de um desses sujeitos foi quando estudava Direito no escritório de Meyer Sonberg. um sujeito entrou e tornou-se nosso cliente. O nome dele era Bat Masterson. Já ouviram falar?

— Quem não ouviu? — disse Snyder.

— Era um desses pistoleiros do oeste, como Billy the Kid — falou Max.

— Nada disso. Billy the Kid era um pistoleiro. Bat Masterson era um xerife ou algo parecido, numa daquelas cidadezinhas por que passamos ontem... Dodge City, se não me engano. Ele foi trabalhar em jornal numa cidade do Oeste... talvez Chicago, não me lembro exatamente. Alguém fez um trato com ele para contar sua história em livro e depois passou-o para trás. Não me lembro dos detalhes mas ele precisava de um advogado de Nova York. Alguém encaminhou-o a Sonberg, que me chamou e disse: "Freddy quero que conheça um dos maiores homens deste país"! Trocamos um aperto de mão. Era um sujeito muito simpático.

Houve um longo momento de silêncio. Max fumava o charuto, contemplando a paisagem rosa, vermelha e púrpura. Depois, Snyder disse:

— Apertei a mão de Touro Sentado. Ele participava do mesmo show. Tenho sua fotografia autografada num cartão-postal. Sempre pensei em mandar emoldurar para os garotos e nunca me lembro.

— Como ele aprendeu a escrever?

— Acho que só sabia assinar o nome. Ensinaram-lhe só isso. Ouvi dizer que Buffalo Bill, ao fechar o negócio com ele para participar do Show do Oeste Selvagem com alguns dos seus bravos, não precisou entrar com dinheiro. Touro Sentado quis apenas a concessão de cartões-postais de si mesmo. Vendia-os por 25 cents.

— O que significa ter boa cabeça para os negócios — concordou Max. — Mas não tenho certeza se quero isso no roteiro.

— Que roteiro?

— Eu estava sonhando enquanto vocês falavam. *As Aventuras de Buffalo Bill*... o primeiro grande filme sobre o Velho Oeste. Um filme espetacular, para valer, não aquela porcaria que o *schlock* do Lunberg fez com os seus *cowboys* mexicanos. Quero *cowboys* de verdade, às centenas. E tribos de índios inteiras.

— Não sei se ainda resta alguma tribo de índio inteira, Max — comentou Feldman.

— Encontraremos.

— E os búfalos? — interveio Snyder. — Onde encontraremos os búfalos?

— Daremos um jeito. E se não conseguirmos encontrar, usaremos vacas fantasiadas. Quem sabe a diferença entre um búfalo e uma vaca?

– Receio que muita gente — disse Feldman.

– Está bem, está bem, então encontraremos búfalos de verdade. E alguém para fazer o papel de Buffalo Bill. Ei, ele ainda está vivo?

— Claro que não — disse Snyder.

– Esperem um instante — murmurou Feldman. — Estou lembrando agora. Ele está mesmo vivo. Li um artigo a seu respeito no *Tribune* na semana passada. Acho que dizia que ele pensava em montar um novo espetáculo.

— Mas é demais!

— Max, talvez Fred possa entrar num acordo com ele – sugeriu Snyder. — Aposto que Buffalo Bill ficará interessado. Poderíamos trabalhar juntos.

— De qualquer forma, Custer está morto — disse Max. — Pensei na última batalha de Custer. Com uma coisa assim, podiam-se dispensar os cartões de fala... bastava deixar as pessoas assistirem à ação.

— Entendo onde está querendo chegar — murmurou Snyder. — Seria sensacional.

Foram uns poucos dias estranhos e de certa forma maravilhosos na vida de Max. Embora ele tornasse a atravessar o continente de trem por muitas e muitas vezes, nos anos subseqüentes, nunca mais houve a mesma qualidade ou magia daquela primeira viagem. Naquela noite, quando Snyder e Feldman acharam que já era hora de dormir, Max deixou-os e foi para o carro-salão. Era-lhe impossível dormir naquele momento; sentia-se totalmente vivo. Era como se tivesse nascido adulto no dia anterior e relutasse em renunciar a um momento sequer da sensação. Era quase meia-noite e Max estava sozinho no carro. Antes de fechar o bar, o garçom preparou-lhe um uísque com água. Max acendeu um charuto para acompanhá-lo. O gosto suave do uísque diluído somou-se à fumaça do charuto para aumentar sua sensação de contentamento livre e desimpedido. Sentia-se jovem e forte, parte de algum fluxo natural da existência — sentimentos que não podia definir nem ter a esperança de comunicar. Ocorreu-lhe que Sally, a antiga Sally, a Sally que conhecera há tanto tempo, poderia compreender como ele se sentia. Mas essa Sally não mais existia.

Max estava sentado no carro-salão há cerca de meia hora quando o trem parou. O garçom veio perguntar-lhe se não gostaria de saltar e respirar um pouco de ar fresco, já que o trem ficaria parado ali por 20 minutos.

— Onde estamos?

— No Deserto de Mojave, Sr. Britsky. Trocamos de locomotiva e nos

abastecemos de água aqui.

— É mesmo um deserto? Claro que eu gostaria de dar uma olhada.

— Então é melhor pegar o chapéu e o casaco, Sr. Britsky. Está frio lá fora.

Max foi buscar o casaco e depois desembarcou. O ar estava gelado, tão frio que teve de enfiar as mãos nos bolsos, mas puro e agradável, com uma fragrância estranha, que ele nunca conhecera antes. Quando levantou os olhos para o céu, tornou a experimentar algo novo e incrível, um céu que parecia arder com a luz das estrelas. Ficou aliviado por ter deixado o charuto no cinzeiro. Havia ali um pureza que o espantava e assustava; não se fumava charutos, não se falava, os movimentos eram cautelosos, como se qualquer gesto ou som inoportuno pudesse dissipar a magia. Ele foi andando lentamente pela longa fila de vagões escuros e silenciosos, até o ponto em que a locomotiva descarregava a pressão acumulada em longos jatos de vapor. Um maquinista, acompanhado por um lubrificador, cumprimentou-o com um aceno de cabeça. O silêncio foi rompido, um trem apitou estridentemente a distância. Max postou-se entre os trilhos, enquanto um trem de carga, seguindo para leste, aproveitava a parada da composição de passageiros num desvio e passava ruidosamente, vagão após vagão, sem fim e aparentemente para sempre.

Mais tarde, de volta ao carro-salão, reacendendo o charuto, Max experimentou uma sensação agradável de segurança. Ele foi para o camarote pouco depois, deitou-se e adormeceu quase que no mesmo instante, embalado pelo balanço do trem.

Fred Feldman tinha um parente chamado Stanley Meyer, um primo em primeiro ou segundo grau — Feldman não estava muito certo do parentesco — que se mudara para Los Angeles alguns anos antes. A mudança fora causada pela saúde de sua mulher. Lá instalado, Stanley Meyer se metera nos negócios imobiliários, escrevendo a Feldman que "é o tipo de mercado em que nem mesmo o maior idiota consegue escapar ao sucesso". Feldman explicou a Max que Meyer não era absolutamente um idiota, mas antes um corretor dos mais astutos, que conhecia a fundo toda a área de Los Angehs. Meyer esperava-os quando o trem parou na estação de Santa Fé, um homem alto, magro, de rosto solene, que não tinha a menor semelhança com seu primo do Leste.

Depois que foram apresentados e a bagagem recolhida, depois que Meyer pediu-lhes que não julgassem Los Angeles pela estação simples e mal cuidada, ele informou que fizera reservas para o grupo no Alexandria Hotel, na esquina das ruas Quinta e Spring.

— É um hotel excelente, bem no centro. Consegui arrumar a única suíte

de três quartos e ficarão bem instalados. Reservei toda esta semana para trabalhar com vocês. Mas se nada encontrarem, também dedicarei a isso a próxima semana, cancelando todos os outros compromissos. Nós os queremos aqui, em Los Angeles, Sr. Britsky. A Keystone Company, de Mack Sennett, já está aqui. A Biograph e o Sr. Lasky estão cogitando seriamente de se mudarem também para cá. A coisa ainda é pequena, mas tenho a impressão de que, com o tempo, ainda vamos superar Nova York... como um centro de produção de filmes.

— Veremos o que é possível — disse Max. — Se nada mais, posso lhe garantir que tenho a mente aberta... e que não me queixo do sol e do calor.

O carro de Meyer, estacionado diante da estação, era um Pierce Arrow 66, grande e potente, aberto.

— É um verdadeiro monstro, mas é o que precisamos por aqui — explicou Meyer. — Em alguns lugares há estradas que são chamadas de estradas, mas em outros há trilhas de carroças que também se chamam de estradas. E se precisa também de um carro alto, pois a chuva por aqui é sempre para valer. Devem ter notado que levo quatro pneus sobressalentes.

— É muito bonito — comentou Max. — São vendidos aqui?

— Claro.

— Pois então encomende um para mim.

Meyer balançou a cabeça em concordância, com um novo respeito. Seguindo da estação de Santa Fé para o hotel, Max estava boquiaberto de satisfação. As casas miseráveis construídas às pressas, a maioria não muito melhor que barracões, as torres de petróleo abandonadas se erguendo por toda parte, as ruas sem calçamento, os imensos e ruidosos bondes passando por trilhos que cortavam as ruas... nada disso o incomodava. Estava encantado com as colinas ao redor, com a exuberante vegetação semitropical, a profusão de roseiras subindo pelas cercas velhas, o céu azul e a fragrância maravilhosa do ar.

— Ainda ontem, éramos um campo petrolífero, talvez o mais rico da América — explicou Meyer. — Nesse tempo, como costumávamos dizer, não se podia ver a ponta do nariz sem uma torre de petróleo além. Mas agora o petróleo está acabando e talvez possamos substituí-lo por uma cidade. Não em toda parte, é verdade, mas em algumas áreas ainda se podem contar 10 torres de petróleo para cada quarteirão.

Naquela tarde, depois que os três viajantes tomaram banho e desfrutaram um excelente almoço no grandioso restaurante do Alexandria, sob um espetáculo sensacional de vitrais, todos se reuniram em torno de uma mesa na suíte. Meyer abriu um mapa grande do condado de Los Angeles.

— Trouxe este mapa do condado porque podem ficar totalmente confusos

sem isso — disse ele. — É um lugar muito grande e ouvi alguém afirmar que o condado é maior do que todo o Estado de Rhode Island. É possível. Mas vamos aos negócios. Freddy me escreveu indagando sobre a operação de Lunberg. Ele tem um velho estábulo num subúrbio chamado Hollywood. É uma pequena comunidade estagnada, sem qualquer coisa para recomendá-la.

— Lasky não se instalou lá? — perguntou Max.

— Foi, sim. Como Lunberg, ele alugou um velho estábulo na Vine Street, que é de terra, descendo das colinas de Hollywood. Mas a coisa de Lasky é provisória. Fui informado que ele alugou o espaço para fazer alguns filmes, mas mantém a sua operação no Leste. Freddy acha que não é essa a sua intenção, Sr. Britsky. É isso mesmo?

— Claro — respondeu Max. — Gosto de manter toda a minha operação num só lugar. Já está tudo espalhado demais. Temos o escritório no Hobart Building, na Rua 14, que é de minha propriedade. Não a Rua 14, é claro, mas o prédio. Temos também estúdios na Rua 18, no Harlem, e em Jetsey. Acabaria enlouquecendo se instalasse mais um estúdio aqui na Califórnia. Portanto, Stanley, se me vender a idéia, eu me mudarei de armas e bagagens para cá. É assim que costumo operar. Não faço as coisas pela metade.

— Isso é ótimo. Fico contente por ter dito logo, pois nos poupará muito tempo. Já lhe disse antes que Lasky e a Biograph pensam em se mudar para cá. Mas, por enquanto, limitam-se a alugar qualquer estábulo ou celeiro em que possam meter os equipamentos. Não vai querer algo assim, não é mesmo?

– De jeito nenhum, Stanley. Sam Snyder aqui é quem comanda a nossa operação técnica. Explique a ele como funcionamos, Sam.

–_Somos um pouco diferentes dos outros — disse Snyder. — Temos mais de 700 cinemas por todo o país e precisamos alimentá-los constantemente com novos filmes. Temos um sistema de intercâmbio, pelo qual trocamos filmes nossos com os de outras companhias. Mas Max não dormiria se estivéssemos à mercê desses outros produtores. Assim, temos de fabricar diretamente o nosso produto básico. O que significa que precisamos manter um mínimo de seis filmes em produção a qualquer momento. É o mínimo mesmo. Muitas vezes temos mais de 20 filmes em produção...

— E isso se torna insuficiente, à medida que abrimos novos cinemas — acrescentou Max.

— Exatamente. Sendo assim, o que precisamos se viermos para cá? Durante a viagem de trem, o Sr. Britsky, o Sr. Feldman e eu conversamos sobre os filmes de *cowboys* e índios. O Sr. Britsky está convencido de que será esse o grande sucesso no cinema. Por isso, vamos precisar de bastante espaço. Sugeri ao Sr. Britsky que construíssemos uma cidadezinha do Velho Oeste, como as que

vimos do trem. Ele concordou. Achamos que precisamos de um terreno com 500 hectares pelo menos. Precisamos armar inúmeros palcos, camarins, escritórios, oficinas para os carpinteiros e costureiras, um depósito grande para guardar cenários. E precisamos de mais outras coisas, como geradores para a iluminação e um bom suprimento de água. Costuma fazer muito frio por aqui?

— Nunca faz frio. Na maioria dos dias de inverno, de dezembro a março, a temperatura oscila entre 20 e 30 graus. Pode cair à noite para cinco graus, mas é raro. Em quase todas as noites de inverno fica entre oito e dezesseis graus. No verão, que vai de abril a novembro, fica alguns graus mais quente, dia e noite. Mesmo durante a temporada das chuvas, temos sol quase todos os dias. Às vezes há intervalos de semanas entre as chuvas. Em maio e junho, temos manhãs com neblina, mas se dissipa antes de meio-dia.

— E acha que pode nos conseguir o que precisamos? perguntou Max.

– Não resta a menor dúvida. Só que não em Hollywood. Há ruas e casas demais em Hollywood. Não foram nada agradáveis com seu amigo Lunberg. Sabia que nenhum banco de Hollywood quis fazer negócios com ele? Ou com Lasky, diga-se de passagem. Não porque o crédito deles não fosse bom, mas porque não gostam de judeus de Nova York. Dá para acreditar numa coisa dessas? Os bancos não aceitaram o dinheiro deles. Seja como for, não passa de uma cidadezinha nojenta e não creio que possa oferecer o que está procurando, Sr. Britsky. — Meyer fez uma pausa, criando expectativa. — Há um sujeito chamado Harry Culver, dono de uma enorme propriedade, que está tentando vendê-la ou dividir. Chama-a de Culver City. Se olharem o mapa, está bem aqui, ao norte de El Segundo e Inglawood. Ele me procurou ontem, porque Lunberg informou de que vocês viriam para cá. O problema de Harry Culver é que ele quer manter os direitos de exploração mineral. Está convencido de que existe um vasto lençol de petróleo sob a sua propriedade. Só que ele não sabe onde. E não creio que vocês, depois de investirem todo o dinheiro de que estão falando, queiram vê-lo a erguer torres de petróleo e perfurar o terreno. Além disso, acho que ele quer mais do que a terra vale, quase 500 dólares por hectare. Podemos reduzir esse preço, mas ainda acho que não é o lugar certo.

— Por quê? — perguntou Max.

— Paisagem. Não há o tipo de amplidão e paisagem que procura na propriedade de Harry Culver. Mas seguindo para o norte, temos Santa Monica e Beverly Hills. Nenhum dos dois oferece o espaço ou paisagem que precisam.

— E para o sul? — indagou Snyder.

— Por aqui, temos campos petrolíferos. Em Palos Verdes, há colinas e pequenas propriedades. Para o interior, o terreno é plano e quase tudo árido. Neste momento, estou apenas fazendo uma exposição. Visitaremos amanhã

todos esses lugares. Não quero que pensem que estou pressionando-os para que aceitem alguma área que seja mais do meu interesse. Se trouxerem seus negócios para cá, vai haver centenas de pessoas querendo comprar casas e terrenos. Assim, se eu cuidar bem de você agora, terei muitos negócios lucrativos no futuro.

— Faz sentido — concordou Max. — Deve ter pensado muito a respeito, Stanley. Qual é a sua idéia?

— Bem aqui, há uma serra que é conhecida como Montanhas Santa Monica. Para o interior, aqui fica o que chamam Colinas de Hollywood. A serra não chega a ter mais de 300 metros de altura, mas as elevações são escarpadas e impressionam. Ao norte dessas colinas, aqui, há o que se chama de Vale de San Fernando. A maior parte é plana ou ondulante, não há loteamento, a terra é barata. Pode-se comprá-la por 100 ou 150 dólares, o hectare. Ao norte, o preço é ainda menor. Há bastante espaço aberto e aqui, aqui e aqui... — Ele apontou para as margens leste, oeste e norte do vale, acrescentando: — ... existe o mais espetacular cenário de montanhas que se pode encontrar em qualquer lugar do Oeste. Segue-se para oeste, na direção do canyon Malibu, e se encontra alguns dos ranchos mais espetaculares, da Califórnia... bem baratos. Falaram em *cowboys*, e índios, não é mesmo? Pois é possível comprar um rancho de 250 ou 300 hectares por uma ninharia. E se quiserem um cenário de deserto, que supera tudo o que já sonharam, basta ir ao Vale da Morte, que fica bem perto. Com tudo isso, ainda se pode chegar ao centro de Los Angeles em uma hora e meia de viagem, através do Passo Cahuenga. Minha sugestão seria a extremidade leste do vale, onde teriam tanto um bom espaço plano e mais os contrafortes das Montanhas San Gabriel. É isso o que eu tinha a dizer. E amanhã podemos começar a ver tudo.

Na manhã seguinte, com os três homens acomodados em seu Pierce Arrow, armados com refrigerantes gelados, cerveja e sanduíches, Meyer avisou.

— Não se deixem impressionar por nossas estradas. É verdade que a maioria não é melhor do que trilhas de carroças, mas lembrem-se de que há 20 anos esta cidade praticamente não existia. E agora está crescendo como nenhum outro lugar dos Estados Unidos. Se construírem um estúdio, a cidade abrirá estradas para ligá-los. Pode custar alguns dólares em propina... mas o que não custa? Pelo que já ouvi a respeito de Tammany Hall, vocês não são estranhos a persuasões desse tipo.

— Dizem que acontece — concordou Max.

— Estou apenas querendo ser sincero — comentou Meyer.

— Ninguém jamais ganhou dinheiro com a sinceridade. E agora vamos conhecer os tais lugares.

E Meyer mostrou-lhes tudo, pelas quatro horas seguintes. Seguiram para o norte, por uma estrada de terra, até a aldeia de Hollywood, viraram para oeste, pelo Hollywood Boulevard, que também era de terra, passando por uma avenida larga, toda arborizada, com nogueiras-pecã. Viraram para o sul em Fairfax, desceram para o Vale Wilshire, onde havia poucas casas, mas muitas plantações de cevada e trigo. Diversos campos estavam abandonados, a única colheita que exibiam era uma verdadeira floresta de torres de petróleo. Uma estrada de terra larga para oeste era chamada de Wilshire Boulevard. A maior parte estava coberta por cascalho havendo aqui e ali pequenos trechos que pareciam de pavimentação asfáltica. Os fazendeiros que possuíam os campos em torno das torres de petróleo, absorvendo um rio de ouro negro, haviam desistido da agricultura e da irrigação. Os campos, agora abandonados, estavam marrons, sem vida. As casas que se podiam avistar do Wilshire Boulevard se achavam em deterioração, assim como os galpões à beira da estrada, onde outrora se guardava a colheita para embarque. Somente aqui e ali se avistava um posto de gasolina, recentemente instalado, revelando um surto de prosperidade.

— Parece horrível — admitiu Meyer — mas um sujeito chamado Burt Green tem uma idéia que pode mudar tudo. Bem aqui, onde estamos neste momento, era o Rancho Rodeo Las Águas. Green organizou a Companhia de Terra e Água Rodeo e comprou toda a antiga concessão espanhola. O lugar recebeu o nome de Beverly Hills.

— Quem é Beverly? — perguntou Feldman. — A mulher dele?

— Essa é a parte mais engraçada da história. O Presidente Taft costumava passar as férias num lugar de Massachusetts chamado Beverly Farms. Por algum motivo, Green resolveu aproveitar o nome. E como a propriedade inclui aquelas colinas ao norte, ele deu o nome de Beverly Hills. Participei há poucas semanas de um jantar oferecido por Green a um grupo de corretores imobiliários. Ele nos alimentou como paxás e passou uma hora e meia contando o que tencionava fazer com esta propriedade. Quer incorporá-la como uma cidade autônoma, embora esteja quase que totalmente cercada pela cidade de Los Angeles. Mas ele pode conseguir, se instalar aqui uma população de 500 pessoas. Acha que chegará a isso nos próximos meses. Depois, ele planeja abrir ruas e vender lotes, convertendo o lugar numa das cidades mais luxuosas da América. Está vendendo hectares por 750 dólares e um quarto de hectare por 500 dólares. Talvez seja um investimento interessante para vocês. Não para o estúdio, é claro, mas para as casas que podem querer construir.

Continuaram a seguir para oeste e a cidade foi se tornando cada vez pior, as poucas casas cada vez menos atraentes o Wilshire Boulevard passando a Orange Boulevard, as torres aumentando, o cheiro de petróleo impregnando o ar.

Ao se aproximarem do mar, o ar tornou-se mais agradável. Em Santa Monica, pararam a fim de trocar um pneu, à beira de um penhasco. Era um lugar bastante agradável, os chalés já avançando para a beira da estrada, que corria pelo alto do penhasco. Apontando para a área pantanosa lá embaixo, Meyer comentou:

— Quando drenarmos isso, talvez dentro de mais um ano, teremos uma das melhores praias do país. O que vocês precisam compreender é que esta cidade começa a fervilhar. Voltem dentro de 12 meses e não a reconhecerão.

Comeram seus sanduíches e tomaram cerveja em Santa Monica. Depois, virando para o sul, voltaram para o hotel. Meyer combinou ir buscá-los de novo na manhã seguinte, bem cedo.

Antes do jantar, Max passou uma hora ao telefone, falando com Nova York. À mesa do jantar, ele anunciou:

— Telefonei para Cliff Abel. Disse a ele para vir até aqui. Portanto, passarei mais uma semana em Los Angeles. E acho que vocês dois também ficarão por aqui... uma semana pelo menos. Talvez mais.

— Acha que ele é o homem para isso? — indagou Snyder.

— Não acha que está indo um pouco depressa demais? — sugeriu Feldman. — Este é um lugar estranho, Max. Para ser franco, me deixa um pouco arrepiado. O que sabemos a respeito? Estamos a um milhão de quilômetros de qualquer lugar.

— Tem razão, nada conhecemos sobre este lugar. Mas posso cheirá-lo. É um lugar meio maluco, mas está certo... certo para fazer filmes. Não podemos continuar espremidos lá no centro de Nova York e no Harlem. Cada vez que cai neve ou chove, temos de tirar nossas câmeras da rua. E ainda tem a maldita companhia telefônica e mais Edison e sei lá quem mais nos processando por cada peça de equipamento que Sam monta. E quando finalmente estamos prontos para filmar, nenhum ator aparece por causa do tempo. Este lugar é novo e aberto. Faz sentido para a gente, mesmo que não faça sentido por qualquer outra coisa.

Feldman olhou para Snyder, que acenou com a cabeça e disse:

— Max tem razão. Sei como deve estar se sentindo Freddy, porque tem toda a sua família em Nova York. Alice e eu somos de Milwaukee e por isso não teremos maiores problemas em pegarmos as crianças e nos mudarmos para cá. Mas Max está certo. Precisamos sair de Nova York. Talvez algum dia Eastman aperfeiçoe o tal filme que nos permitirá trabalhar ao ar livre sem a claridade do sol. Mas, neste momento, vamos enlouquecer no esforço de cumprir os prazos.

— Você tem de compreender, Freddy — disse Max, gentilmente —, o que é o cinema. Eu próprio estou apenas começando a entender. É uma coisa em constante movimento. Os autores nos fornecem roteiros maravilhosos que não

podemos filmar, porque somos obrigados a ficar trancados dentro de um estúdio. Se permanecermos em Nova York, Lasky, Ince e a Biograph, até mesmo um vagabundo como Lunberg, vão nos fazer parecer vagabundos. Mas isso não vou admitir. De jeito nenhum. Assim que resolvermos com Meyer onde vamos construir, deixarei Sam e você aqui e voltarei para começar a providenciar a mudança. Terei um filme sendo produzido aqui no próximo mês e por isso é melhor você aceitar logo o inevitável. Terá de arrumar alojamentos e todo o resto. Enquanto isso, Cliff Abel inicia a construção do estúdio.

— Isso é loucura, Max — protestou Feldman. — Não pode ir tão depressa. Temos três estúdios no Leste, para não falar do Hobart Building e dos cinemas. Não se pode liquidar tudo isso da noite para o dia.

— E quem falou em liquidar? Manteremos os estúdios e continuaremos a fazer filmes por lá. Bert Bellamy pode dirigir a operação em Nova York. Ao mesmo tempo, construiremos um estúdio aqui, bastante grande para abrigar tudo, com espaço suficiente para produzirmos 25 ou 30 filmes ao mesmo tempo.

— Desisto — murmurou Feldman, desolado.

Na manhã seguinte, Meyer tomou a pegá-los com seu Pierce Arrow. Como o vendedor eficiente que era, depois de mostrar-lhes os campos petrolíferos melancólicos de West Hollywood e West Los Angeles, levou-os para o norte, através do Passo Cahuenga, para o Vale de San Fernando.

— Não é tão longe assim da cidade — explicou ele, apontando para um dos carros coletivos grandes, interurbanos, que passava pelo *canyon* na direção contrária. — Esses carros levam ao centro de Los Angeles em meia hora. Um eficiente sistema de transporte. Mas teremos também uma estrada pavimentada para o vale até o princípio do ano.

Max sentia-se fascinado, enquanto desciam para o vale. Era o mais próximo do Jardim do Éden que já conhecera – o ar doce como o mel, laranjas, pomares de nogueiras-pecã, pereiras e pessegueiros, até onde a vista podia alcançar – sem torres de petróleo. Era um vale fértil, aprazível, suculento, cercado por montanhas altas e espetaculares, incólume, deslumbrante. Não podia haver a menor dúvida de que fora para aquilo que viera à Califórnia. Aquele era o lugar.

— Posso conseguir aqui 50 hectares por 12.500 dólares — informou Meyer.

— Quero 150 hectares.

Max estava pensando no único poema que conhecia de cor:

Em Xanadu Kublai Khan ordenou
A mansão imponente do prazer;

Onde Alfa, o rio sagrado, corria
Por cavernas ao homem infinitas,
Descendo para um mar sem sol.
Duas vezes 10 quilômetros de terreno fértil,
Por muralhas e torres bem cercados.
Lá estavam jardins viçosos, de regatos sinuosos,
Muitas árvores fragrantes a desabrocharem,
Bosques tão antigos quanto as colinas,
Envolvendo com o verde as clareiras de muito sol.

— Não é um lugar selvagem, cheio de índios, mamãe — disse Max. — Ninguém anda pelas ruas com um revólver na mão, dando tiros nos outros. Juro que isso não acontece.

— Freida chorou de não agüentar mais. Pode compreender isso? Ou será que está tão ocupado com *shiksas* para se lembrar que tem uma irmã com 34 anos que ainda não casou? O que ela vai encontrar por lá? *Cowboys*?

— Seria uma sorte.

— Isso é maneira de falar? — Sarah começou a chorar. — É melhor me matar de uma vez. Assim, não teria mais responsabilidades.

— Não chore, mamãe. Por favor. Não suporto quando você chora.

— Fui uma escrava dos meus filhos durante toda a vida. Trabalhei até não poder mais. E o que consegui com isso...

Ela se engasgou com as lágrimas.

— Por favor, mamãe...

— Em primeiro lugar, você me arranca da minha casa na Henry Street e me arrasta para longe, a um lugar onde não conheço ninguém. Tenho agora uma vida aqui, duas filhas casadas, meus filhos também, netos, tudo o que uma mulher pode sonhar. E de repente você aparece e me diz para largar tudo isso e ir para um lugar onde os índios nos matarão.

— Juro que não há índios na Califórnia, mamãe.

— O que há então? Gente como Buffalo Bill?

— É um lugar como qualquer outro.

— O que Sally pensa disso?

— Não sei.

— Como não sabe?

— Ninguém contou a você? — indagou Max, inseguro.

— O que deveriam me contar?

— Sally e eu estamos separados. Vamos nos divorciar.

— O quê?!

— Não fique nervosa, mamãe.

— Mas isso é demais! Estão me tirando minha casa e também meus netos, mas não posso ficar nervosa!

— Não estou tirando sua casa, mamãe. Pode ficar aqui, com Freida, se quiser. Só que ela me disse que prefere ir para a Califórnia. Ruby e Benny também vão. Dei ao vagabundo que casou com Esther o emprego de mal dirigir o Bijou, mas o marido de Sheila parece gostar da idéia de se mudar para a Califórnia...

— Então eu devo ficar aqui! — gritou Sarah. — Vai se livrar de mim, me deixar aqui com aquela sua mulher metida a besta, que pensa que é melhor do que qualquer outra pessoa no mundo! Mas por que se incomodar? Pode me matar logo de uma vez! Pode me jogar na rua e me deixar morrer de frio! Assim é melhor!

— Ninguém está se livrando de você, mamãe. Já disse que comprei um terreno em Beverly Hills e Clifford Abel está projetando uma casa para nós. Terá sete quartos, bastante espaço para você e Freida. E não há pressa, pois a casa não estará pronta por mais seis meses, talvez um ano.

Na verdade, levou um ano e meio para que a casa de Max em Beverly Hills ficasse pronta. Durante a maior parte desse período, Max viveu num pequeno chalé que fora parte do terreno de 150 hectares que comprara no Vale de San Fernando. Realizou cinco viagens de trem entre Los Angeles e Nova York, ida e volta. Mas foi quando voltou da primeira viagem a Los Angeles que conversou com a mãe e Sally. A casa de sua mãe e a de Sally ficavam lado a lado (Max se mudara para uma suíte no Waldorf-Astoria), mas ele não podia percorrer os poucos passos de uma porta a outra. A entrada em sua antiga casa lhe estava proibida. A reação de Sally à sua voz, pelo telefone, foi bater prontamente com o fone no gancho. Finalmente, depois de várias conversas com Fred Feldman, Sally concordou em recebê-lo. Pela primeira vez, em muitos meses, Max subiu os degraus da casa que fora outrora o seu lar. O encontro fora marcado para duas horas da tarde, quando as crianças ainda se achavam na escola, porém Max tinha a intenção de prolongar a visita até que voltassem. Não se podia dizer que ele sentia realmente saudades dos filhos. Richard e Marion eram-lhe estranhos demais para que sentisse qualquer angústia pela separação. Mas tinha um profundo senso de dever, combinado com o sentimento de culpa.

Sally abriu a porta pessoalmente. Usava uma blusa branca de cambraia, com remate de renda, uma saia cinza de lã, descendo até os tornozelos. Os cabelos estavam penteados para trás e presos por uma fita na nuca. Havia um

mínimo de ruge nas faces e lábios. O rosto se tornara um pouco mais austero, os lábios contraídos, pequenas rugas nos cantos. Não parecia muito diferente do que fora por ocasião do casamento, 12 anos antes. Praticamente não engordara, o corpo continuava esguio e elegante; contudo, contemplando-a agora, Max não conseguiu encontrar qualquer reação em si mesmo, nenhuma palpitação emocional que explicasse por que se sentira tão compulsivamente atraído anos antes.

Sally deixou transparecer uma reação emocional. Fitou Max friamente, quase com aversão, disse calmamente que reservara meia hora para a visita, o que significava que, no final das contas, ele não veria as crianças. Max não quis contestar imediatamente, limitando-se a acenar com a cabeça e entrar.

Quando se sentaram na sala de estar, muito rígidos, Sally foi logo dizendo, sem qualquer preâmbulo:

— Suponho que veio falar sobre o acordo. Aceitei a proposta de Feldman sobre as ações para mim e 20 mil dólares por ano de pensão, além desta propriedade e da casa de sua mãe. Mas também quero cinco por cento das ações da companhia para cada uma das crianças.

– Por quê? — Max ficou surpreso. — As crianças ficarão com tudo quando eu morrer.

— Quando você morrer está muito longe e aquela matilha de lobos que é a sua família lutará em disputa de cada moeda. Além disso, só Deus sabe que criatura vulgar estará vivendo com você na ocasião.

— Não entendo — murmurou Max, cansado. — Não quero brigar com você, Sally. Simplesmente não entendo por que que me odeia tanto.

— Odiar não é o verbo certo. Eu o desprezo.

— Não conheço tantas palavras como você e continuo a não entender por que me odeia. O que fiz a você?

— Além de me transformar no alvo do riso desta cidade, além de ir para a cama com cada atriz que contrata...

— Isso é um absurdo. Que história é essa de cada atriz que contrato? Não passa de invenção e você sabe disso.

— Vai negar que teve um caso com Della O'Donnell e praticamente viveu com ela durante vários anos, enquanto ainda éramos casados? E teve também aquela vagabunda da Etta Goodman. E Alexa... aquela sem-vergonha que chama de Natalie Love. Ora, para que continuar?

— Porque não há para onde ir. Então fiz tudo isso. Mas por que não pergunta a si mesma qual o motivo? Ir para a cama com você era como deitar com a porra de um iceberg. E desde que as crianças nasceram que sua cona de alta classe está tão trancada quanto o cofre do Chase Bank!

Sally levantou-se de um pulo e gritou:

— Não quero esse tipo de linguagem asquerosa na minha casa! Acho melhor você sair daqui!

— Mas que diabo, Sally, o que fiz a você? Por que me odeia tanto?

Sally fitou-o fixamente, o rosto tremendo de raiva.

— É melhor se retirar, Sr. Britsky. Não o quero aqui. — A voz de Sally tremia, ela parecia estar fazendo um grande esforço para falar. — Não o quero aqui absolutamente. Você me enoja. É um homenzinho vil e repulsivo.

Suspirando, Max levantou-se e disse:

— Sinto muito, Sally. Não queria que algo assim acontecesse. Penso às vezes que estou enlouquecendo porque não consigo entender o que aconteceu. Nós não nos amávamos?

— Oh, não! — gritou Sally. — Nada disso! Amor? Você não é capaz de amar qualquer coisa além de seus malditos filmes... e não os teria se eu não mostrasse como fazer. Vou lhe dizer o que aconteceu. Você me venceu. Obrigou-me a casar com você... o pequeno e sujo Max Britsky, da Henry Street, que vivia como um animal, com sua família de animais. Desperdicei minha vida e agora não tenho nada. Absolutamente nada.

Ele se retirou, sem ver os filhos. Naquela noite, jantando com Fred Feldman, o encontro com Sally tornou-se algo insuportável.

— Esteve com ela? — perguntou Feldman.

— Estive.

— Ela levantou a questão das ações para os filhos?

— Levantou.

— E como foi o encontro?

— Bem.

— Ela se mostrou amistosa?

— Não exatamente.

— Não? — Feldman sacudiu a cabeça. — É uma pena. Eu esperava que vocês dois pudessem conversar em paz pelo menos durante uma hora, acertando os ponteiros.

— Ficou doido, Freddy?

— Claro que não. É assim que se fazem essas coisas. Tentei convencê-la de que cinco por cento das ações valerão em torno de cinco milhões de dólares dentro de um ou dois anos.

— E ela acreditou?

— Acho que não. Mas obtive a concordância de Sally para que as ações das crianças, se você aceitar isso, fiquem em usufruto irrevogável, com o direito de voto conferido a você, até que elas tenham 30 anos. Não é uma idéia das

piores, Max. Afinal, você ainda é jovem, pode casar outra vez, ter mais filhos. A medida protege Sally e seus filhos.

— Acha que tenho cara de um *schmuck* que mete a mão em cumbuca duas vezes?

— Você é quem sabe. Mas temos de acertar o direito de visita às crianças. Não será fácil, se você se mudar para Los Angeles e Sally permanecer aqui.

— Mal conheço meus filhos. São como estranhos para mim. Nem mesmo sei o que sinto por eles... e me olham de uma maneira esquisita.

— Como assim?

— Como se eu fosse alguma espécie de animal... não sei direito. Acho que Sally fala coisas de mim. Tentei dar um beijo em Marion na última vez em que a vi. Ela se afastou. Só Deus sabe que tipo de animal as crianças pensam que sou!

— Você tem direitos legais, Max.

— Não, Freddy, não tenho. Absolutamente nenhum. O que posso fazer? Dizer às crianças que não sou um assassino e que é legal acreditarem em mim? Que se dane tudo! Dê o que ela está pedindo e não vamos mais nos preocupar com isso.

Se Max possuísse em seu vocabulário a palavra "quinta-essên-cia", teria classificado Clifford Abel como a quinta-essência do goy. Enquanto Max era baixo, Abel tinha 1,88 m de altura; enquanto Max era moreno, Abel tinha uma vasta cabeleira loura e pele muito clara; enquanto Max era magro e rígido, compacto, Abel tinha ossos largos e um corpo sem qualquer excesso de carne. Somente os olhos eram parecidos, de um azul brilhante. Sonhos afins os uniam. Abel adorava Max. Em sua imaginação, vestia Max com um turbante e túnicas de seda, procedentes do Oriente, com muitas bestas de carga em sua caravana, trazendo especiarias fragrantes, fardos de tecidos maravilhosos, jóias de valor inestimável.

Max, por outro lado, pensava em Abel da mesma forma que o duque de Milão considerara outrora a Leonardo. Em termos de negócios — comprar, vender, fixar preços — Clifford Abel era totalmente ignorante. Cabia a Max determinar seus salários e honorários. Mas como um artista, Max tinha confiança absoluta nele, garantindo-lhe que concluídos os projetos de construção seria ele e mais ninguém o diretor artístico do estúdio, ao invés dos jovens de Yale e do Instituto Carnegie que eram contratados, despedidos e xingados interminavelmente.

Clifford Abel compreendia Max. Quando Max levou-o à Califórnia para conhecer os 150 hectares no Vale de San Fernando, Abel passou a língua pelos lábios numa reação de intensa satisfação. Onde havia apenas laranjeiras, nogueiras e mato, Max disse:

— Bem aqui ficarão os portões. Bem grandes. Quatro metros de largura.

— Seis — disse Abel.

— Madeira?

— Ferro batido.

— Ótimo. Uns dois metros de altura?

— Três.

— E o nome por cima.

— Em letras de latão.

Compreendiam-se mutuamente. Por Abel, o estúdio se chamaria Xanadu. Mas Max, abrindo o caminho para os mais tímidos, como Lasky, Zukor, Laemmle, Warner e Mayer, não quis saber de tal ambigüidade. Seria Max Britsky Studio. Havia um estábulo por trás do chalé em que Max instalara sua residência na Califórnia. Com algumas reformas e a instalação de eletricidade, Clifford converteu o estábulo em seu estúdio de arquiteto. Contratou dois jovens desenhistas de San Francisco. Passava horas sentado com Max, examinando os desenhos. Max queria um muro de tijolos de quatro metros e meio de altura, cercando todos os 150 hectares. Mas Abel convenceu-o de que nem mesmo a riqueza gerada pela Britsky Productions poderia suportar facilmente 10 ou 11 quilômetros de um muro assim. Os preços haviam mudado desde os tempos de Kublai Khan. Chegaram a um meio-termo, com um muro se estendendo por cerca de seis hectares e o resto com uma cerca de arame de três metros de altura. Nova York ensinara a Max o tipo de insanidade de espectador que envolvia a produção de filmes. A seu ver, o Vale de San Fernando ainda era uma região inexplorada, um Jardim do Éden, mas ele sabia muito bem como as cidades cresciam e mudavam depressa. Haveria dois portões grandes para o estúdio, ambos bem guardados. Lá dentro, Abel construiria seis palcos, cada um com uma área de chão de 500 metros quadrados, podendo conter quatro cenários de bom tamanho. Além disso, Max sugeriu uma rua de cidade. Abel achou que podia ser feita à maneira de Potemkin.

— E o que isso significa? — perguntou Max.

— Potemkin foi uma espécie de administrador de Catarina, a Grande, imperatriz da Rússia na ocasião, há uns 150 anos. Acho que ele queria que a imperatriz pensasse que reinava sobre algo melhor do que a realidade. Assim, quando ela viajava, Potemkin mandava construir lindas aldeias pelo caminho. Mas como sairia muito caro construir aldeias de verdade, ele só fazia as fachadas... como se fossem cenários ao ar livre.

— Maravilhoso. Absolutamente maravilhoso.

— Podemos ter também uma pequena aldeia rural...

— Boa idéia, Cliff. Só que poderia fazer as casas de verdade. Vamos

começar a trazer os atores e técnicos, precisamos de um lugar para instalá-los.

— Sabe quanto isso vai custar, Max?

— Não se preocupe com dinheiro. Freddy está nos convertendo numa companhia de capital aberto e teremos mais dinheiro do que saberemos como gastar. Além disso, os bancos estão fazendo tudo para me emprestarem dinheiro. Com essa guerra maluca na Europa, temos o tipo de prosperidade com quem ninguém jamais sonhou. Assim, você trata de construir e deixa que eu me preocupe com o pagamento.

Na primavera de 1915, as plantas de Clifford Abel já haviam sido suficientemente desenvolvidas para as propostas dos construtores. No começo de maio desse ano, iniciou-se a construção do Max Britsky Studio.

CAPÍTULO NOVE

1923

Max aos 44 anos

Havia alguns aspectos de um mundo em transformação que Max observava e considerava da maior importância, e havia outras coisas que descartava. A Grande Guerra na Europa era uma loucura além de sua compreensão. O fato de seu irmão mais moço, Benny, ter-se alistado assim que a América se juntara aos Aliados, sendo embarcado para a França, não contribuíra para melhorar sua opinião a respeito de Benny ou da guerra. E como Benny voltou da Europa ileso e mais insuportável do que nunca, Max não reconheceu os benefícios da vida militar.

Era mais fácil descartar a guerra como uma manifestação de loucura apartada dele do que escapar à insanidade local conhecida como Lei Seca. Ao contrário da guerra, a Lei Seca podia ser amenizada por dinheiro. Alguns acertos financeiros renovaram o acesso do estúdio às melhores bebidas importadas.

Na área do guarda-roupa, Max absteve-se de mudanças. Um estilo de vestir da Califórnia Meridional estava entrando em moda — o estilo Hollywood, como foi chamado — mas Max jamais aceitou a validade das roupas esportes. E com razão.

Não tinha antecedentes históricos pessoais para as roupas esportivas ou de lazer. Sua primeira aquisição de um terno que não era de segunda mão fora um traje de três peças, de sarja azul. Pagara quatro dólares, na loja de Barney Schlochter, na Canal Street. Sua mais recente aquisição de sarja azul fora um terno sob medida, feito por Mort Singleton, cuja alfaiataria na Vine Street, em Hollywood, era a mais exclusiva de Los Angeles. O preço fora de 195 dólares. Tirando o fato do tecido e do corte serem melhores, não era muito diferente do primeiro terno de Max. Ele não se interessava muito por roupas. Possuía duas dúzias de ternos, mas eram todos de sarja azul ou estambre cinza-escuro. Usava sapatos pretos, camisas brancas, gravatas em listras diagonais, de diversas tonalidades de azul e cinza. Os chapéus eram de feltro, do tipo chapéu-melão. Comprara o primeiro para imitar o Chefe Murphy e desde então não encontrara motivo para mudar.

Assim, naquele dia de 1923, caminhando devagar pela calçada paralela à praia de Santa Monica, Max usava um terno de sarja azul, com colete, chapéu-melão na cabeça. Eram cinco e meia da tarde. Ele viera de carro do estúdio, até o ponto em que Sunset Boulevard alcança o Oceano Pacífico. Estacionara ali e iniciara a sua longa, lenta e solitária caminhada pela praia. Gostava daquele trecho da praia mais do que a parte ao sul, onde os magnatas contemporâneos construíam as suas grandes mansões à beira-mar. Ali, a praia estava intacta, ainda não fora estragada. Max não sentia o menor desejo por uma casa monumental, pelos estranhos castelos que seus colegas haviam erguido no Sunset Boulevard, em Beverly Hills e à beira da praia. Construíra uma casa sólida, bastante grande, para a mãe, Freida e ele próprio, mas raramente dormia ali. Preferia o pequeno chalé no terreno do estúdio.

Clifford Abel reformara o chalé de acordo com as especificações de Max, decorando-o a seu gosto. O andar térreo continha o escritório de Max, uma mesa de recepcionista à entrada e uma pequena sala para a secretária. Como o chalé era de estuque, num estilo colonial espanhol modificado, Abel resolvera convertê-lo inteiramente em colonial espanhol simples, quase austero: o chão era de azulejos, as paredes brancas, o mobiliário importado de Guadalajara, da pequena fábrica de móveis de amigos do arquiteto. Havia três banheiros no prédio. O segundo andar tinha dois quartos relativamente grandes. Max adorava o chalé. De certa forma, era o seu primeiro lar autêntico, o primeiro lugar que lhe pertencia inteiramente, a seu gosto, e não partilhado com outra pessoa. Pensara em dividir ao meio o segundo quarto, a fim de que os filhos pudessem usá-lo, se e quando o visitassem. Mas acabou concluindo que o terreno de um estúdio não era lugar apropriado para crianças. Os filhos só apareceram uma vez e ficaram na casa de Sarah, detestando tudo, assumindo o papel de duas crianças mal-humoradas e silenciosas, odiando a avó, Tia Freida e talvez o próprio Max. Não adiantou Freida dizer a Max que Sally envenenara as crianças contra a família; Max sofreu como jamais sofrera com qualquer outra coisa antes. Marion tinha 12 anos e Richard estava com quase 14, quando foram passar dois meses de verão com o pai. Eram crianças bonitas, saudáveis, de olhos azuis, e deixaram Max mais infeliz do que se sentira em toda a sua vida. Eram inteligentes e arremedavam o jeito errado de falar do pai, trazido do gueto. Mas faziam-no sutilmente, assim como as outras hostilidades, sem criarem uma situação que Max pudesse perceber. Não que ele tivesse qualquer desejo de confrontar ou disciplinar os filhos. Por toda a compreensão de Max, aquelas crianças podiam ter vindo de outro planeta. Há três anos que estudavam numa escola particular exclusiva no Upper East Sid, em Nova York, por decisão de Sally.

Depois de duas semanas difíceis na casa em Beverly Hills, que incluíra

uma cena terrível com a avó, as duas crianças resolveram que queriam voltar a Nova York. Max não protestou. Telefonou para Sally, combinou tudo e despachou os filhos com uma abundância de presentes caros. No ano seguinte, Sally informou a Max que as crianças protestaram contra a visita. Ele aceitou prontamente, sem discutir. Com isso, não houve mais necessidade de se preocupar com o problema de um quarto a mais no chalé no estúdio.

Mas havia outros problemas que tinham de ser enfrentados. Uma de suas necessidades, para fazer isso, era estar sozinho. Se alguém lhe perguntasse o motivo e se fosse capaz de articular a resposta, Max teria respondido que toda a sua vida fora um sonho e a única maneira de despertar, pelo menos por alguns momentos, era ficar sozinho, de preferência à beira do mar. Ali, com uma brisa fresca soprando do oceano, podia encontrar alguma sanidade. Andava com as mãos nos bolsos, o chapéu inclinado para trás, a cabeça esticada para a frente, um vulto pequeno e desamparado, impecavelmente vestido.

Naquela noite, enquanto andava, Max percebeu que era seguido. A pessoa estava a uns 15 metros atrás. Quando Max andava, sua sombra andava; quando Max parava, a sombra parava. Max finalmente virou-se e confrontou a pessoa que o seguia e que prontamente estacou. Os dois ficaram imóveis, ao crepúsculo que começava, fitando-se.

A pessoa que o seguia era uma moça em torno dos 20 anos. Os cabelos louros eram lisos, bem curtos, olhos azuis grandes, rosto largo e bonito. Era magra, com um vestido azul simples, de algodão, e sandálias. Ela não arredou pé, com um desafio patético. Era igual a mil outras moças que Max via diariamente nas ruas de Los Angeles. Max aproximou-se dela. A moça permaneceu onde estava.

— Seguir um estranho pode levar uma moça como você a muita encrenca.

— Você não é um estranho.

— É mesmo? Já fomos apresentados?

— Não.

— Então, como não sou um estranho?

— Você é Max Britsky... ou pelo menos eu acho. É mesmo?

— É por isso que está me seguindo? Porque sou Max Britsky?

— É, sim.

— Acha então que seguindo Max Britsky pode vir a conhecê-lo?

— Isso mesmo.

— E depois lhe pedir um emprego?

— Não é simplesmente pedir um emprego, Sr. Britsky. Mas é mesmo o Sr. Britsky?

Havia um tom de dúvida na voz.

— Talvez seja alguém parecido comigo.

— Ninguém é parecido com o Sr. Britsky.

— Muito bem. É assim que se fazem amigos.

— Não foi essa a minha intenção, Sr. Britsky, não foi absolutamente essa. É um homem muito simpático. É apenas por causa da maneira como se veste, esse chapéu engraçado. Já vi em filmes. Ninguém mais por aqui usa um chapéu assim. Não quis dizer um chapéu engraçado, mas...

— Não precisa ficar nervosa. Qual é o seu nome?

— É o Sr. Britsky? — insistiu a moça, suplicante.

— Sou, sim. Quer dois chapéus como este no mesmo lugar?

— Sou atriz.

— Como se eu não soubesse. Estou surpreso, meu bem. Parece até que não sei que toda garota loura e de olhos azuis, que ganha um concurso de beleza na escola secundária, ou então apenas lhe dizem que é bonita, vem para Hollywood, com 10 mil outras. Por isso, é uma grande surpresa para mim que seja uma atriz. Meu conselho é simples: deixe de ser uma atriz e volte para casa. — Livrando-se do problema, Max virou-se para continuar a caminhada, arrematando: — E não me siga: isso me deixa nervoso.

— Por favor. — Ela agarrou-o pela manga, segurando com força. — Por favor, Sr. Britsky.

— Por favor o quê? — perguntou Max, desvencilhando-se.

— Tudo o que quiser, Sr. Britsky. Pode me levar para a cama. Farei tudo o que quiser. Qualquer coisa.

Max virou-se e fitou-a, curioso.

— Qualquer coisa?

— Isso mesmo. Por favor.

— Para quê?

— Para que me dê um papel... qualquer papel. Preciso disso de qualquer maneira. Não posso continuar assim. Por favor...

Ela começou a chorar.

— Detesto ver uma mulher chorando. Talvez, no final das contas, eu não seja Max Britsky. Eu próprio não tenho muita certeza.

— Está se divertido à minha custa.

Max estendeu-lhe seu lenço.

— Enxugue os olhos e pare de chorar. Qual é o seu nome?

— Gertrude... Gertrude Meyerson.

Ela enxugou os olhos e devolveu o lenço a Max.

— De onde você é, Gertrude?

— Milwaukee.

— Qual é a sua idade?

— Tenho 20 anos.

— E agora você me diz onde mora, eu vou buscar meu carro e a levarei para casa. E não continue a deter as pessoas na rua e dizer que está disposta a levá-las para a cama. Talvez não seja Max Britsky. Talvez seja alguém que corte essa sua linda garganta para ficar com o cordão de ouro pendurado em seu pescoço.

— Não é de ouro, mas apenas imitação.

— *Mazeltov*! Não é ouro.

— E não pode me levar para casa.

— Por quê?

— Não tenho uma casa. Tinha um emprego como garçonete, mas perdi porque não quis ir para a cama com o macaco que eu detesto. A senhoria me despejou. Dormi na praia ontem à noite. Minha mala está na praia.

— Então, você não quis ir para a cama com o tal sujeito, mas com Max Britsky...

— Sou uma atriz.

— Por um papel é diferente?

— Claro.

— E por acaso pensa que nunca recebi antes uma oferta tão interessante?

Ela fitou-o em silêncio por um longo momento, depois comprimiu as palmas contra as faces e fechou os olhos. Ficou assim por alguns segundos, depois baixou as mãos, virou-se e começou a se afastar. Já dera uma dúzia de passos quando Max chamou-a:

— Gertrude!

Ela parou e virou-se.

— Vá buscar sua mala na praia, Gertrude. — Ela aproximou-se de Max, como se estivesse andando em vidro. — Vou levá-la para jantar. E depois do jantar lhe darei um cartão para o diretor de elenco do Britsky Studio. Talvez ele a contrate para alguma coisa, talvez não. E por fazer isso, eu deveria mandar examinar minha cabeça. Além disso, não costumo ir para a cama com garotinhas que me seguem pela praia. É a sua primeira lição, se quer permanecer em torno de Max Britsky.

— Está brincando?

— Não, não estou.

— Esperará aqui?

— Claro.

O rosto da jovem mudou, o corpo também mudou, como se uma garrafa da juventude tivesse se despejado em cima. Correu pela praia, olhando para trás

a cada poucos passos, a fim de verificar se Max ainda estava lá. A mala era uma velha mochila, ela levantou-a da areia e voltou correndo para junto de Max.

— Isso é tudo? — perguntou Max. — Não tem mais nada neste mudo?

— É tudo.

— E se não me seguisse esta noite, se minha cabeça não estivesse mole, o que aconteceria?

— Não sei. Alguma coisa sempre acontece. Alguém paga cinco dólares e me leva para a cama, se tenho sorte.

— Já fez isso antes?

— Uma ou duas vezes. Claro, eu poderia mentir. O que faria se estivesse com tanta fome, Sr. Britsky?

— A mesma coisa.

— Ainda vai me pagar o jantar?

— Acha que eu a largaria assim só porque deu uma trepada por alguns dólares? Se fosse assim, Gertrude, eu teria de largar de mão talvez 75 por cento das mulheres que conheço... e olha que estou fazendo um cálculo por baixo. Pelo menos você estava com fome.

Chegaram ao carro, um Packard comprido, lustroso, pintado de preto e prateado. Gertrude ficou olhando fixamente para o carro, em admiração silenciosa.

— Jogue a mochila no banco de trás.

— É lindo.

— O custo também foi lindo. Já houve um tempo em que eu poderia viver cinco anos com o dinheiro que esse carro me custou. Entre.

Deixaram a praia, o Packard roncando suavemente, enquanto subiam o Sunset Boulevard, na direção de Pacific Palisades. Gertrude perguntou onde iam comer.

— Não consigo deixar de pensar nisso. Acho que é o motivo pelo qual sinto tanta fome.

— Está muito faminta? Se está mesmo, podemos parar e comprar um sanduíche. Caso contrário, podemos esperar e jantar com um rei. Mas, pensando bem, isso não deve acontecer antes de nove horas. Portanto, talvez seja melhor comer logo o tal sanduíche.

Max parou ao lado de uma barraquinha em Pacific Palisades, onde um cartaz anunciava ***NACHOS E TACOS*** **DE PRIMEIRA CLASSE.**

— Pode estar certo de que são os melhores ao norte da fronteira.

O proprietário, um homenzinho que claudicava, cumprimentou Max efusivamente.

— Prazer em vê-lo, Sr. Britsky. Já faz muito tempo. Como tem passado?

— *Bueno, bueno*, não tenho do que me queixar, Pedro. Esta é Gertrude. Ela está morrendo de fome. Portanto, prepare dois nachos reforçados. E cerveja. — Ele virou-se para Gertrude. — Gosta de cerveja, menina?

— Claro.

— É a melhor cerveja mexicana, talvez a melhor do mundo. Também vou tomar uma cerveja, Pedro.

Max pôs no balcão uma nota de 10 dólares, quando a comida chegou e disse a Pedro que podia ficar com o troco.

Gertrude devorou os dois *nachos* e aceitou um terceiro.

— Estão querendo me tirar daqui, Sr. Britsky — comentou Pedro.

— O quê?

— Formaram uma câmara de comércio. Pacific Palisades está se tornando um lugar chique. Não faz muito tempo não havia ninguém por aqui, mas agora não querem uma barraquinha de comida mexicana estragando a paisagem.

— Se precisar de um advogado, Pedro, basta me telefonar. Pedirei a Freddy para cuidar do caso.

De volta ao carro, Gertrude perguntou:

— Come muito aqui, Sr. Britsky? Num lugar como este?

— A comida não é boa?

— Claro que é... mas você é Max Britsky.

— O que quer que ele seja agora, menina, o pequeno Pedro Sanchez já foi meu *vaquero* capataz. Caso não saiba, *vaquero* é a palavra mexicana para *cowboy*. A diferença é que são muito melhores que os *cowboys*. Sempre os usamos quando fazemos um filme de *cowboy*. Pedro recrutava o pessoal para mim, até que caiu do cavalo de mau jeito e quebrou o quadril. Arrumei essa barraquinha para Pedro, pois ele não pode mais montar. E vou dizer mais uma coisa, menina: comeu melhor lá esta noite do que vai comer com o rei.

— Que rei? Está falando de um rei de verdade?

— Claro.

— Está caçoando de mim.

— De jeito nenhum. É um rei de verdade, igualzinho às histórias de Cinderela que produzo em minha fábrica de sonhos. Num momento você está largada na areia, em plena praia de Santa Monica, no instante seguinte se encontra com a barriga cheia de *nachos* e a caminho de um jantar com o Rei Alfonso XIII. O que acha disso, menina? Treze Alfonsos e este, o número 13, é o rei da Espanha.

— Está caçoando, Sr. Britsky. Não sou tão idiota assim.

— E quem é? Por outro lado, não sei direito onde fica a Espanha. Não é junto da França?

— Acho que sim.

— Formou-se na escola secundária, Gertrude?

— Claro.

— Uma coisa engraçada. Posso dar uma aula sobre o mercado espanhol. Fazemos negócios com um tal Dom Francisco Sergova. Ele tem 33 cinemas. Se Jake Stein estivesse aqui, poderia informar quanto esses cinemas renderam no ano passado. Mas isso é tudo o que sei da Espanha... e mais o fato de que exploravam o México, até que foram expulsos de lá.

Aturdida, Gertrude perguntou a Max se a estava levando para casa.

— Estou levando-a para jantar, menina. Esse é o nosso acerto. Vamos para Pickfair, que é a casa chique de Mary Pickford e Douglas Fairbanks, em Beverly Hills. Fui convidado a ir até lá esta noite, a fim de conhecer Alfonso, o rei da Espanha. Não estava interessado, até que encontrei você na praia e decidi exercer o que Clifford Abel chama de meu complexo de Harum El Rashid.

— Não compreendo nada do que está dizendo, Sr. Britsky. Disse que ia me introduzir no estúdio para falar com o diretor de elenco.

— É uma promessa.

— Não vai me levar à casa de Mary Pickford?

— Por que não?

— Oh, não! Só pode ser uma piada.

— Concordo. É uma espécie de piada judia. Mas é para lá que estamos indo, a fim de jantar com Mary Pickford, Douglas Fairbanks e o Rei Alfonso da Espanha, que expulsou a todos nós em 1492... sabia disso?... e agora ele está aqui, não se importa que quase toda a indústria seja formada por judeus. Esse rei é muito liberal, especialmente quando se trata de comer em lugares chiques como Pickfair. Ele nem se importa que Fairbanks talvez seja judeu, o que ouvi dizer que é, mas nunca perguntei a ele.

— Não sei do que está me falando, Sr. Britsky, mas não pode me levar à casa de Douglas Fairbanks do jeito como estou vestida. Olhe só para mim!

— Parece muito bonita.

— Este é meu único vestido.

— Ninguém vai perguntar pelos outros.

— Estou de sandálias.

— Vão pensar que é uma moda nova. Pode estar certa de uma coisa, querida: as pessoas que encontrará no lugar para onde vamos são muito estúpidas para saber o que é elegante e o que não é. E isso inclui o rei. Mesmo que você apareça embrulhada num papel, todo mundo vai puxar o saco de Max Britsky. — Ele fez uma pausa, contemplando-a. – Você é mais bonita do que a maioria. Eles farão com que você seja uma descoberta. A nova descoberta de

Max Britsky. Goldwyn Mayer e Lasky serão informados ainda esta noite, antes de dormirem. Pensarão que se você é minha descoberta, então deve ser deles também. Talvez até você não apareça no Britsky Studio amanhã. Talvez receba uma oferta de verdade, porque o mundo em que vivo é esse asilo de lunáticos. E não importa a maneira como se veste. Já vi Tom Mix aparecer fedendo a estrume e com uma barba de três dias, já vi garotas praticamente sem nada. Que importância isso tem?

Ao virarem para o norte, deixando o Sunset Boulevard e entrando no Benedict Canyon, a súplica de Gertrude baixou para um sussurro final:

— Por favor, Sr. Britsky, deixe-me saltar.

— Está disposta a fazer qualquer ato normal com Max Britsky, mas sente medo de Mary Pickford. Por que não? Está aqui há muito tempo?

— Dois anos.

— Está certo. — Max parou o carro. — Se quer entrar neste hospício, venha comigo. Se não quer, a decisão é sua. Mas, neste caso, pelo amor de Deus, volte para Milwaukee.

— Irei com você — balbuciou Gertrude.

— Ótimo. — Max ligou o carro. — Não vou levar você para uma briga de bêbados. Não será uma festa de Fatty Arbuckle, o Chico Bóia. Não há orgias em Pickfair. Na verdade, eles não servem bebidas alcoólicas. Nem mesmo vinho. O pior que pode acontecer é Fairbanks se meter debaixo da mesa e morder os tornozelos de algumas mulheres.

— Está caçoando.

Havia um carro da polícia com as luzes faiscando na esquina do Benedict Canyon com Summit Drive. Dois guardas particulares, armados de rifles, bloqueavam o caminho estreito, de terra, que subia para Pickfair, a casa da namorada da América e do astro superatlético da América. Um dos guardas deu uma olhada no carro e depois acenou para que seguisse em frente.

— Estacionarão o carro para o senhor lá em cima, Sr. Britsky.

Ao começarem a subir pelo caminho, Max disse a Gertrude:

— Já tem agora a confirmação do meu nome. O lugar lá em cima era uma espécie de cabana de caça, que as pessoas usavam quando vinham caçar em Beverly Hills, não faz muitos anos. Agora, é uma instituição para se meter dinheiro. Se não fosse por Pickfair, o que eles fariam com seu dinheiro? Há poucos anos, Mary Pickford ganhava 25 dólares por semana na Biograph, em Nova York. Ninguém conhecia seu nome. Todos a chamavam de garota dos cachimbos. Fairbanks tinha o nome de Ullman e era um ator de teatro, dos piores que se pode imaginar. Ele fica melhor quando a gente não ouve falar. Os dois se aliaram a Zukor e agora ganham acima de dois milhões de dólares por ano. Não

se preocupe. Dentro de um ou dois anos você poderá estar indo tão bem... ou poderá ter voltado para Milwaukee. Tive uma garota chamada Alexa Vasovic, a quem dei o nome de Natalie Love. Ela poderia ser a maior de todas, mas era louca por sorvete de chocolate. A pobre criança engordou 20 quilos.

Uma coisa terrível, pensou Max, enquanto parava o carro. Pega-se uma garota na praia e se precisa impressioná-la com todos os conhecimentos sobre o cinema. Ela fará qualquer coisa — degradar-se, humilhar-se, provavelmente se deixará açoitar ou até ser alugada, vai se submeter a qualquer espécie de tara, perversão ou brutalidade — só para receber um papel num filme, qualquer papel. Santo Deus, Max teve de perguntar a si mesmo, o que aconteceu? Fui eu quem fez isso? Isso é me dar muito crédito, até demais.

Ele parou o carro, orientado pelas lanternas de atendentes de casaco vermelho.

— Gladys Smith — disse Max, ao ajudar Gertrude a saltar do carro.

— Como?

— O nome de Mary Pickford. Não podemos deixar você como Gertrude de Meyerson.

Estavam sendo conduzidos para a casa e devidamente saudados. Gertrude olhava aturdida para os cachos dourados da namorada da América. Fairbanks abraçou Max.

— Max, Max, é sempre um prazer recebê-lo aqui. E quem é esta encantadora criatura?

Ele cumprimentou Gertrude, beijou-a. Se Mary Pickford notou a areia nos pés de Gertrude, se percebeu as sandálias gastas, perguntando a si mesma quem era aquela vagabunda num vestido de três dólares que Max Britsky pegara em algum lugar e trouxera para sua casa, introduzindo-a entre sedas, visões e martas, uma loura esquelética tremendo em algodão azul... se realmente ela pensou isso, não deixou transparecer. O homenzinho moreno que era Alfonso, rei da Espanha, descendente dos grandes e conquistadores — Cortês e Pizarro, Fernando e Isabel, Torquemada — apareceu em seguida, honrado por ser convidado a uma cabana de caça reformada numa cidade que não existia 10 anos antes. Ele fez uma mesura para os que se curvaram à sua frente, murmurando palavras de satisfação. Sentia-se honrado por ser apresentado a outro homem pequeno, cujo nome era Chaplin... Charlie Chaplin.

— Claro, claro — disse o rei, num péssimo inglês. — Assisti a seu filme.

Ele voltou ao espanhol para informar que assistira *O Garoto.* Maravilhoso, maravilhoso, maravilhoso!. Assim é o louvor da realeza. Tom Mix pairava muito acima do pequeno rei. Hoot Gibson se achava ao lado de Tom Mix. Esses dois homens grandes e viris estavam emoldurados pelas luzes coloridas cintilantes de

Pickfair, iluminando os gramados aprazíveis e as exuberantes plantas semitropicais. Será que o pequeno rei se lembraria que uma vez toda a Califórnia pertencera a seus ancestrais? Max lhe disse em espanhol:

— Este é Tom Mix e este é Hoot Gibson. São famosos atores de faroeste. *En espanol, vaquero. Comprende usted*?

O rosto do rei se iluminou. A multidão ao redor aplaudiu. Extraordinário! Max fala espanhol! Na verdade, era muito pouco e precário, apenas alguma coisa que absorvia.

A mesa enorme estava posta para 16 pessoas, sete de cada lado e mais uma em cada extremidade. Anfitrião e anfitriã ocuparam as extremidades, o rei sentando-se agradecido ao lado de Mary Pickford, com seu intérprete no outro. O rei era muito democrático. Todos comentaram como o rei era democrático. Foi o que lhe sussurraram. Que todos estavam dizendo que era muito democrático. Ele acenou com a cabeça em aprovação. Estava deliciado com todas as mulheres bonitas sentadas ao longo da mesa. Todas lhe sorriam.

Fairbanks fez o maior rebuliço em torno de Gertrude. Seus movimentos exagerados faziam-no parecer um dançarino gracioso ou um ator ridículo, dependendo da posição em que a pessoa se colocava, de reverência ou escárnio. Max não assumia nenhuma das duas. Observava sem julgamento. De certa forma, o tema e paixão de sua vida criaram tudo aquilo e muito mais. Mas por quê e como, não lhe competia decidir. Fairbanks beijou a mão de Gertrude. As unhas da jovem estavam sujas. Quando olhou para as mãos, levada pelo gesto de Fairbanks, todo o seu corpo estremeceu, com uma agonia que Max podia muito bem compreender. Fairbanks piscou para Max, indicando a aprovação do ator para o velho demônio insinuante que Max era. À mesa, Max se sentou ao lado de Gertrude, que tinha do outro um ator alto e bonito, recentemente importado da Inglaterra. Fora oferecido a Max, mas nessa altura não ajudara. Tinha quase 1,90 m de altura. Max aceitava pessoas relativamente altas, mas 1,80 m constituía uma espécie de limite. Além do mais, o homem era um mulherengo, como se dizia. Definindo a palavra, Max dizia que o inglês era capaz de foder os esquilos do parque, se conseguisse agarrá-los. Max não era moralista em questões sexuais, mas sentia desprezo pelo homem que ia para a cama com uma mulher da qual não gostasse profundamente. O ator inglês apresentou-se agora a Gertrude ao subir a mão por sua coxa. Ela sussurrou uma súplica a Max, que explicou que a pessoa, ao se sentar entre os poderosos e belos, tinha de aceitar certos riscos. Depois, ele inclinou-se pela frente dela, sussurrando para o inglês:

— Se tocar nesta garota outra vez, seu inglês filho da puta, colocarei seu nome na lista negra de todos os estúdios da Califórnia.

Ele sorria enquanto falava. O ator alegou prontamente que fora um ato

inadvertido, sem qualquer maldade ou motivo.

— Sei disso, seu cabeça de merda — sussurrou Max, sorrindo novamente.

Um francês alto e corpulento, bigode e cabelos brancos, apresentado como o Conde de Poicte, sem falar uma palavra de inglês, estava sentado diante do rei. Max sussurrou para Gertrude:

— Acho que ele pegou o copo furado. Posso estar enganado, mas... Não, está mesmo com ele.

— Quem é ele e o que é o copo furado?

— Ele é um conde francês. Dourg recolhe gente assim onde encontra. Qualquer um com um título. Olhe só para Charlie Chaplin.

Max olhou para o conde e depois para Chaplin, que acenou com a cabeça.

— Ele concorda comigo. Observe.

Um lacaio uniformizado servia o vinho. Todos os que sabiam observavam o conde. Tom Mix levantou-se e fez um brinde ao anfitrião, em sua voz arrastada. Max sussurrou para Gertrude:

— Não é vinho. Apenas suco de uva numa garrafa de vinho. Fique atenta.

Todos beberam. O rei da Espanha fez uma careta ao tomar a bebida muito doce em seu copo. Mas o Conde de Poicte não chegou a beber. No instante em que levantou o copo, o suco de uva derramou-se em seu colete por uma abertura no fundo. Todos riram, enquanto ele se erguia, aturdido.

— Como eles podem fazer uma coisa dessas? — perguntou Gertrude.

— Trate de aprender, menina. Se quer entrar para a tribo na selva, tem de aprender.

Outro lacaio uniformizado limpou o suco de uva das roupas do conde. Ele tornou a sentar-se, sorrindo tolamente. Não havia intérprete, ninguém que falasse francês. E ninguém para explicar como ele viera parar ali. A refeição continuou, com um burburinho incessante de conversa. Max explicou a Gertrude:

— A maioria das pessoas enche a cara antes de um jantar em Pickfair. Já chegam bêbadas aqui e mantêm um estoque de reserva em seus carros. É uma espécie de jogo de bobo.

Ela não podia esquecer o copo furado.

— O pobre coitado é mesmo um conde de verdade?

— Acho que sim. Ficaria espantada com a quantidade de *shmucks* com um título que aparecem por aqui. É uma grande honra para eles serem convidados a Pickfair. E agora fique calma. Está prestes a ser mordida no tornozelo.

— Como?

Max acenou com a cabeça para a cabeceira da mesa. Douglas Fairbanks desaparecera. O círculo íntimo de Pickfair parara de consumir o sorvete de morango, com creme e cerejas ao marasquino, e aguardava o resultado

inebriante do humor de Fairbanks.

— Ele está debaixo da mesa — sussurrou Max ao ouvido de Gertrude.

Ela gritou e o círculo íntimo desatou em risadas convulsivas.

Mais tarde, no carro de Max, Gertrude Meyerson estava chorando e quis saber para onde era levada.

— Eu gostaria de levá-la para sua casa, mas você me disse que não tem nenhuma. Por isso, lhe oferecerei um lugar para dormir esta noite. Mas por que está chorando? A mordida dele doeu?

— Não. Nem mesmo esfolou a pele.

— Então por que as lágrimas? Não é qualquer garota de Milwaukee que é mordida por um grande astro do cinema.

— Não sei...

— O que não sabe?

— Não sei por que choro, exceto que estou doida, não tenho casa e não tenho dinheiro, não quero pensar nas coisas terríveis que aquelas pessoas fazem, porque talvez seja o caminho certo.

— Que caminho certo?

— Nem mesmo sei o que estou querendo dizer. Nem mesmo sei por que estou com medo, só que não é de você. Não sei por que estou chorando.

— Não se sente afortunada? Depois de dois anos de desespero, tem finalmente a chance de entrar para o cinema.

— Tenho mesmo?

— Eu disse que sim.

— Tentarei parar de chorar.

Ela ficou quieta, enquanto Max guiava o carro pelo passo e descia para o Vale de San Fernando, avançando pela estrada de terra margeada por palmeiras que levava ao estúdio. Ele plantara as palmeiras pessoalmente pelo caminho de acesso, cerca de 400, ao longo do que seria um dia uma larga avenida. As palmeiras fascinavam-no. Max não era um leitor. Em toda a sua vida, jamais chegara a ler um romance autêntico. As leituras obrigatórias dos primeiros anos de escola não passavam agora de uma vaga recordação. Lia roteiros para filmes, é verdade, mas era um ato de disciplina, efetuado sem qualquer prazer. Não tendo antecedentes de leitura e com a educação religiosa truncada ainda muito cedo, Max não fazia a menor idéia do lugar de onde se originavam os judeus. Apesar disso, relacionava-o com palmeiras e com área de deserto. Adorava palmeiras e a variedade de cactos encontrados no sul da Califórnia. A própria região tornara-se para ele um estranho lugar de ódio e amor. Durante os nove

anos em que estava na Califórnia, Los Angeles passara de uma aldeia atrasada e sonolenta para um lugar que se urbanizava da noite para o dia, crescendo com uma violência explosiva. Depois que comprara os 150 hectares no vale, um estúdio atrás do outro viera se fixar ali, cada produtor comprando uma área ampla, em Culver City, West Los Angeles e Hollywood, no Vale de San Fernando. Com os estúdios, vieram estradas pavimentadas e novas casas, milhares de operários e comerciantes, para construir as casas e vender as mercadorias que as pessoas dos estúdios precisavam. Os terrenos áridos e secos que Harry Culver e Burt Gree haviam chamado, eufemisticamente, de Culver City e Beverly Hills se converteram, no prazo de poucos anos, em uma cidade de verdade. Culver City era uma mistura em crescimento, cercando três estúdios, enquanto Beverly Hills se tornara o paraíso residencial da nova indústria, que produzia estrelas, diretores e produtores com a mesma rapidez com que os cogumelos surgiam depois de uma chuva. A maioria era mais bem paga do que muitos magnatas da indústria americana jamais haviam sonhado ganhar.

E quando Gertrude Meyerson, olhando fixamente para a frente, contemplando a escuridão sinistra do Vale de San Fernando lá embaixo, perguntou para onde ia, Max respondeu:

— Para o meu estúdio.

— O Max Britsky Studio?

— É o que me dizem.

— E mora lá, Sr. Britsky?

— Às vezes. Terá um lugar para dormir e amanhã nem vai precisar de um passe para entrar no estúdio. Já estará lá dentro. E amanhã de manhã falarei com Melvin Dubberman, que é o nosso diretor de elenco. E... presto!... você está no cinema. Até lá, fico contente porque parou de chorar.

Nos portões do estúdio, um guarda uniformizado e armado iluminou o carro com uma lanterna, reconheceu Max, acenou com a cabeça. Abriu os portões. Vagamente, ao clarão dos faróis, Gertrude pôde divisar a rua do estúdio, os palcos altos, as massas dos outros prédios, depois uma rua de aldeia pacata, mais adiante, e finalmente um chalé branco, diante do qual Max estacionou. Um interruptor na varanda acendeu as luzes. Max entrou primeiro na recepção.

— Ali é o meu escritório particular — informou ele. — Torne-se uma grande estrela e será recebida ali. Enquanto isso, vamos subir.

Ele subiu na frente pela escada, num lado da sala de recepção, passando pelos móveis do século XVIII, do colonial espanhol, passando por um tapete de tricô e pelo papel de parede listrado e suave, que acompanhava a escada até o segundo andar. Havia dois quartos lá em cima, ambos dando para o pequeno patamar, cada um com seu próprio banheiro. O quarto de Max tinha um tapete

feito à mão, com um desenho grande de peru no centro, sobre o chão de azulejos, cama de baldaquinho e duas arcas de gavetas do início do século XVIII. O outro quarto era mobiliado mais suavemente, também com uma cama de baldaquinho, tapete feito à mão, papel de parede em listras rosas e amarelas. Max observou o rosto de Gertrude ao acender um abajur nesse quarto. As lágrimas e a depressão foram substituídas pela alegria.

— Mas é lindo!

— É o que me dizem.

— E vive sozinho aqui, Sr. Britsky?

— Na verdade, vivo em Beverly Hills, na casa de minha mãe. Mas passo a maior parte do tempo aqui. É muito conveniente. Não precisa pegar o automóvel para ir ao trabalho. Vou buscar um pijama meu para você. Encontrará no banheiro pasta de dente, creme... tudo enfim que precisar.

Gertrude ainda estava parada no lugar em que ele a deixara quando Max voltou com um pijama. Ele se retirou em seguida, fechando a porta. Foi para o seu quarto e também fechou a porta. Abriu a janela para deixar entrar o ar fresco da noite. Adorava o cheiro dos jasmins desabrochando à noite e determinara que um canteiro fosse plantado junto ao chalé. Despiu-se, escovou os dentes, pôs o pijama e deitou-se. Escolheu um charuto cubano, cortou a ponta, acendeu-o, recostou-se em dois travesseiros, tragando a fumaça com intensa satisfação. Divertira-se muito com sua experiência com Gertrude Meyerson. O estúdio acabara de concluir um filme muito caro, intitulado *O Califa*. Era a história de um potentado do Oriente Médio, durante a Idade Média, que se vestia como um simples camponês e circulava entre seu povo, vivendo as aventuras mais violentas e acrobáticas. Como tantas pessoas sem instrução e sem um conhecimento mais profundo da história, Max acreditava na validade das reconstituições infantis de seu estúdio. Até certo ponto, pensava em si mesmo como o califa. Por outro lado, não tivera qualquer intenção de comparecer ao jantar em Pickfair. Possuía um senso intuitivo do que era grosseiro, sem gosto, estupidamente vulgar. Embora tendesse a não julgar os astros e diretores que se tornavam os heróis da cultura e os reis e rainhas populares do século XX, procurava evitar os seus rituais de celebração, sempre que possível. Não se sentia atormentado pela solidão e ainda jantava, pelo menos duas vezes por semana, na casa de Sam Snyder, enchendo o estômago com a pesada comida alemã e a cerveja escura. Até que gastava das poucas noites que passava sozinho no chalé, que era na verdade uma parte integrante do cenário do estúdio. Sally jamais permitira que ele fumasse na cama; e quando o fazia na casa em Beverly Hills, Sarah o censurava com fúria costumeira, que não se arrefecera com a idade. Aquele pequeno chalé era na verdade o seu primeiro lar, o primeiro lugar

que lhe pertencia totalmente e no qual sua palavra era a lei absoluta. De vez em quando, ainda sentia-se tentado a construir sua própria casa em Beverly Hills. Mas sempre que pensava melhor a respeito, acabava desistindo da idéia. Não tornara a casar e não via necessidade de uma casa grande e vazia. Ao longo dos anos, dissera a si mesmo que algum dia ainda encontraria uma mulher que fosse pelo menos tão boa quanto Della O'Donnell. Mas à medida que os anos passavam, Della tornava-se cada vez mais maravilhosa em sua memória e sua substituição cada vez mais improvável.

Mas talvez fosse o afrodisíaco do poder que o impedia de encontrar outra Della O'Donnell, particularmente o afrodisíaco que envolvia um magnata do cinema. Os campos secos de West Los Angeles, com centenas de torres de petróleo, haviam cedido lugar a uma cidade, que se tornara um ímã para mulheres bonitas de toda América e até mesmo do mundo. Vinham para Los Angeles com o sonho de se tornarem estrelas naquele incrível fenômeno novo chamado cinema. Tamanha era a fome e frustração de tais pessoas que venderiam suas almas ao diabo se isso lhes proporcionasse um contrato. No centro de tudo isso, como o senhor supremo do Max Britsky Studio e de mais de mil cinemas, Max precisava apenas levantar um dedo para contar com os serviços sexuais de qualquer uma de centenas de lindas mulheres. Mas ele ia para a cama com bem poucas. Os outros magnatas o superavam nisso. Mas tudo o que acontecia naquele estranho mundo novo de Hollywood assumia proporções legendárias. Como Max estava sempre no meio da legenda, a verdade era submersa pelo mito.

Gertrude Meyerson acreditava no mito e tratou de persegui-lo. Foi bater na porta do quarto de Max, timidamente.

— Entre.

Max era pequeno, mas ela parecia ainda menor, de pijama. As mangas lhe cobriam as mãos, a calça estava enrolada. Ela entrou descalça, parou ao lado da cama, fitando-o.

— A fumaça a incomoda?

— Não. Meu pai também fumava charuto.

— Ele está morto?

Gertrude assentiu.

— Sente-se.

Ela sentou-se na beira da cama e indagou, timidamente:

— Por que acha que não sou atraente?

Ela lavara do rosto a maquilagem barata e malfeita. Era um rosto largo, pálido e triste, os olhos azuis bem separados, a boca cheia, bem delineada.

— Você é uma moça bonita. Nasceu numa fazenda, não é mesmo?

— Perto de Milwaukee.

— Nunca estudou teatro.

— Nunca.

— Simplesmente veio para cá com o desejo de virar uma atriz.

— Porque eu posso. Sei que posso.

— Claro, claro.

— Deixe-me deitar logo na cama com você.

Ela não usava qualquer artifício, nenhuma habilidade, nem mesmo uma noção intuitiva da sedução feminina.

— Quer saber de uma coisa, menina? Minha filha, Marion, tem mais ou menos a sua idade. Alguns homens gostam disso. Faz com que se sintam jovens. Mas eu olho para você e penso que não vejo minha filha há uns oito anos. Isso não fede um bocado? Então eu trepo com uma garota do interior que não sabe de nada e isso me faz sentir melhor? Teria que ter merda no sangue para pensar assim.

Lágrimas afloraram aos olhos azuis-claros de Gertrude.

— Sei que não está acostumada a esse tipo de linguagem — continuou Max. — Minha, mãe costumava dizer que minha boca devia ser lavada com sabão. E sabão bem forte, desses que se usam em cavalos. Escute, menina, você não é uma atriz. É uma coisa de que tenho certeza. Pode ter uma aparência meiga, mas não é assim que estão querendo as garotas neste momento.

Ela começou a chorar.

— Não faça isso, por favor. Já sei o que vou fazer. Arrumarei um emprego para você amanhã. Sabe bater à máquina?

Gertrude sacudiu a cabeça.

— O que sabe fazer? Costurar?

Ela assentiu.

— Muito bem. Vai trabalhar no departamento de guarda-roupa. Começaremos com 35 dólares por semana, o que representa um ótimo salário. Temos meia dúzia de pensões por aqui, no Ventura Boulevard. Arrumarei um quarto para você numa delas, um lugar limpo e decente, com café da manhã e jantar, a 15 dólares por semana. Temos um professor aqui no estúdio, que dá aulas em três tardes por semana. Você começa a estudar e talvez aprenda alguma coisa. A maioria dos atores pode ser formada de *schmucks* de cabeça oca, mas ainda assim não é uma coisa com que se nasça. É preciso aprender.

As lágrimas escorriam agora pelas faces de Gertrude.

— Por favor, pare de chorar.

— Por que está sendo tão bom para mim? — Gertrude conseguiu balbuciar, entre os soluços.

— Porque sou um *schmuck*. E agora pare com essa maldita choradeira e saia daqui.

— E não me quer?

— Esta noite, Gertrude, não quero trepar com ninguém... nem com você nem com a rainha de Sabá. E agora suma daqui e vá dormir em seu quarto!

Foi extraordinário como Max sentiu-se sereno e satisfeito depois que ela se retirou. Saiu da cama, encontrou uma garrafa de xerez importado em cima de uma cômoda, serviu-se de uma dose pequena. Voltou para a cama e recostou-se nos travesseiros, fumando o charuto e tomando o xerez. Não havia como partilhar um charuto; era uma coisa fétida e repulsiva para todos, exceto para o homem que o fumava. A breve presença no quarto da garota de olhos grandes da praia servia para ressaltar esse fato. Max sentia-se melhor do que em muito tempo. O xerez estava doce e saboroso. Tinha um contrabandista sério, de confiança, que só fazia negócios com o seu estúdio; em troca da concessão, trazia o melhor para Max. Havia dois roteiros na mesinha-de-cabeceira esperando uma leitura. Mas Max não sentia qualquer ânimo para ler naquela noite. Sentia uma tristeza pungente, contentamento e descontentamento ao mesmo tempo, pensando na moça loura adormecida no quarto ao lado, meio arrependido por não tê-la aceitado em sua cama, mas ao mesmo tempo pondo Sally em sua cama, a Sally de um passado distante.

Max dormiu até tarde na manhã seguinte. Depois de fazer a barba e vestir-se, foi dar uma olhada no quarto ao lado. Descobriu que Gertrude já saíra. Mas se dera ao trabalho de arrumar a cama. Ele desceu. O estúdio já estava em plena atividade, a secretária em sua mesa, na recepção do chalé:

— Viu...

— Vi, sim, Sr. Britsky. Ela desceu há cerca de 15 minutos. Disse que queria dar uma olhada lá fora.

— Quando ela voltar, avise que estou na cantina, tomando café da manhã. Diga a ela para ir à sala VIP e perguntar pela minha mesa.

Max saiu para o sol forte e brilhante da Califórnia. Aquele era seu domínio, seu mundo, sua criação, aquele vasto conjunto de prédios, oficinas, castelos de *papier-mâché*, cabanas no deserto e ruas suburbanas, guindastes, câmeras, geradores. E nas ruas daquele imenso recinto, o Max Britsky Studio, havia centenas de homens e mulheres — índios, *cowboys*, jogadores, exóticas dançarinas das *Mil e Uma Noites*, hussardos britânicos, carpinteiros, operadores, eletricistas, roteiristas, diretores — e parada em meio à confusão, extasiada, aturdida, encontrava-se uma loura miúda chamada Gertrude Meyerson. Gentilmente, Max bateu no braço da jovem.

— Vamos embora, menina. Eu lhe pagarei o café da manhã e depois

cuidaremos do seu emprego.

CAPÍTULO DEZ

1927

Max aos 48 anos

O dia começou com um escritor. Era um jovem escritor, 28 ou 29 anos, formado na Universidade de Syracuse — um dos lugares fora da gama de referências de Max, vagamente indicativo do mundo antigo. Max indagou onde ficava a universidade e foi informado que era ao norte do Estado de Nova York. O escritor tinha um ar de superioridade mal disfarçada, a paciência que se demonstra em conversa com os ignorantes, os culturalmente deficientes; mas Max já conhecia a atitude e não se ressentia. O escritor, cujo nome era Dudley Langham, já publicara um romance e dois contos em Atlantic. Também escrevera as sátiras para uma das revistas de Ziegfeld. Viera para Los Angeles porque achava, como disse a Max, que o cinema era a forma de arte com maior potencial. Fulton Hazig, o editor do estúdio de Max, contratara-o a 200 dólares por semana. E Hazig dissera a Max:

— Ele é metido a besta, muito inexperiente, mas pelo menos sabe escrever o próprio nome e soletrá-lo corretamente... o que já é alguma coisa, levando-se em consideração o nível que temos por aqui.

Max lera o primeiro roteiro de Langham e pedira para conversar com ele, um homem alto, de pernas compridas, magro, vestindo tweed.

— Não tenho pretensões a ser crítico — disse-lhe Max. — Todo mundo é crítico. Sendo assim, não há necessidade que eu também me torne um.

— Mas gostaria muito de saber sua opinião a respeito.

— Mas isso é crítica. Eu digo que é nojento e isso é crítica. Eu digo que é maravilhoso e também é crítica. Tudo o que posso dizer é gosto ou não gosto. E não gosto. Explicarei o motivo. Para mim, um filme só pode ser uma de duas coisas. Ou o herói, que pode ser homem ou mulher, é alguém que se gosta tanto que se está disposto a morrer se ele morrer, a sangrar quando ele sangra, ou então deve ser alguém que se odeia tanto que se gostaria de matar, caso fosse possível entrar na tela. Esta história... — Max bateu no roteiro de Langham — ... não fez isso comigo. Não amo e não odeio. Em última análise, prefiro tocar vitrola.

— Não está aplicando o seu próprio julgamento subjetivo, Sr. Britsky? Formula uma visão muito simplista da literatura.

Max não pôde deixar de admitir que tal resposta exigia coragem. Meyer ou Zukor expulsariam Langham da sala imediatamente.

— Só que não estamos lidando com literatura — disse Max, com alguma gentileza. — Talvez nem mesmo seja drama, como se faz no teatro. Os filmes são algo mais, histórias contadas em imagens. Pense nisso... histórias contadas em imagens. Tente de novo.

Ele entregou o roteiro, abriu a porta e convidou Langham a se retirar, antes que o jovem escritor tivesse tempo de elaborar uma resposta. Depois, ligou para Hazig e gritou:

— Nunca mais me mande os seus malditos gênios com roteiros!

— Langham?

— É esse mesmo o nome do cabeça de merda!

— Ele tem alguma coisa, Max. E você possui o dom de identificar essas coisas.

Max abrandou.

— Falou com ele, Max?

— Falei.

— Disse a ele o que estava errado? Bem que tentei, mas não consegui atingi-lo.

— Fale tudo.

— Obrigado.

Max desligou, sorrindo e sacudindo a cabeça. Fulton Hazig manipulava-o com a maior habilidade e Max apreciava todos que conseguiam isso. Sam Snyder estava à sua espera na sala de recepção. Pelo menos Sam não precisava manipulá-lo. Podiam dizer um ao outro exatamente o que pensavam. E, agora, Sam lhe disse:

— Não quero que você obrigue Mike Benson a explodir. Ele é um engenheiro brilhante e vem trabalhando 16 horas por dia no problema.

— Não quero acabar com ninguém, Sam. Se estou puto da vida, é porque isso deveria ter sido feito há 20 anos, logo no início. Se Edison se interessasse um mínimo que fosse pela arte, ao invés de se interessar apenas por suas malditas máquinas durante toda a vida, certamente teria conseguido.

— Você está tenso demais, Max. Perde o controle por qualquer coisa. Nunca foi assim.

Snyder jamais perdia o controle. Ao longo dos anos, fora se tornando mais corpulento, a barriga maior, os cabelos grisalhos. Comprava agora a sua cerveja escura em caixas, de uma cervejaria de Seatle. Ao lado dele, Max parecia se

contrair, tornar-se menor e mais magro, independente da quantidade de cerveja que consumia.

— Tem razão, Sam.

Começaram a descer pela rua do estúdio, na direção da Oficina de Som. Era uma espécie de laboratório que Max montara há cinco anos, numa tentativa de vencer o seu rancor pessoal, os cartões de fala. Com o passar dos anos, aumentara sua aversão às interrupções de um filme para se mostrarem os cartões de fala e ao movimento de lábios que não produzia qualquer som. Chegara finalmente ao ponto em que concluíra que se ele não resolvesse o problema, ninguém mais o faria. Construíra então um laboratório no estúdio e contratara engenheiros de som para pesquisar o problema. Naquela altura, no início de 1927, estavam próximos do sucesso, quase prestes a iniciarem um filme de longa-metragem em que os cartões de diálogo seriam substituídos pela fala dos atores. O roteiro específico já fora escrito. Diversos atores que sabiam realmente representar haviam sido contratados. Um dos maiores palcos do estúdio fora preparado para o primeiro filme sonoro.

A amargura atenuada pelo tempo, Max fora persuadido pelos colegas a tornar a contratar Gerald Freedman, que durante os últimos 12 anos fizera uma série de filmes aclamados pela crítica como triunfos artísticos. Max tinha uma opinião pessoal sobre como tais filmes eram triunfantes, mas apreciava a reputação de Freedman e sucumbira às súplicas de Barney Enfield para que o primeiro empreendimento no cinema sonoro fosse cercado por todos os recursos de publicidade que se pudesse comprar ou inventar. Enfield não era mais um agente solitário, mas o chefe do serviço de relações públicas e propaganda da Britsky Productions, que empregava 18 homens e mulheres. Ele pressentia a gigantesca revolução no mundo do entretenimento que seria produzida pelos filmes falados, talvez mais do que Max. Insistira para que, ao ser lançado o primeiro filme falado, houvesse mais fanfarras do que em qualquer outra estréia da história do cinema. Max concordara. O que começara com os cinetoscópios e o divertimento para imigrantes analfabetos em pequenas lojas se transformara numa forma de arte, gerando toda uma nova ordem de críticos; Max estava convencido de que o filme falado completaria a transição. E, agora, disse a Sam Snyder:

— Tem razão, Sam. Ando nervoso demais, mais isso acontece porque quero ser o primeiro. Foi idéia minha e a esta altura já investi mais de um milhão de dólares. Mas todos os estúdios tentam agora encontrar um meio de produzir um filme falado, uma nova invenção. Só que isso não existe. Não é uma coisa que se possa patentear, conforme Freddy vive me dizendo. Portanto, é uma coisa que temos de chegar primeiro ou estaremos no mato sem cachorro.

Andavam pela rua do estúdio, na direção do laboratório de som, parte da população agitada do que Max chamava de sua fábrica de sonhos. Max, como sempre, vestia um terno cinza-escuro, camisa branca e gravata listrada. Sam Snyder estava de jeans e o blusão de trabalho que punha todas as manhãs ao chegar ao estúdio, com um molho grande de chaves e uma lanterna pendurados do cinto. Continuava a não ter um título específico, mas apesar disso era o homem que operava todos os mecanismos daquele vasto empreendimento, com sua própria força de segurança, corpo de bombeiros, usina geradora de eletricidade, abastecimento de água, coleta de lixo, carpintaria, oficina mecânica, garagem com incontáveis veículos, armazém, fábrica de roupas, estúdios de arte, pintores, além das falsas ruas, castelos, cidades, comunidades suburbanas, palcos e escritórios. Ainda calmo e controlado, sem qualquer pressa, ele disse a Max:

— Não estamos em perigo e você sabe disso, Max. Ninguém pode nos liquidar. Já temos 500 cinemas preparados para os filmes falados. Levará pelo menos um ano para que qualquer outro estúdio possa nos alcançar. Portanto, relaxe e deixe que as coisas aconteçam.

— Acha que vamos conseguir? Paguei 50 mil dólares a Mike Benson para vir trabalhar aqui.

— Um dinheiro bem gasto. Ele é muito bom. O que me diz de Jake Stein?

— O que há com ele?

— Foi ontem para o hospital. Sua esposa diz que não dá para operar. O câncer já se espalhou demais. Acho que ele está morrendo, Max.

— Pobre coitado. E me sinto terrivelmente culpado. Jamais gostei dele.

— Deveríamos ir ao hospital.

— Detesto hospitais. Oh, Deus, como odeio hospitais!

— Posso entender. Mesmo assim, ele passou muito tempo conosco. Por que se sente culpado?

— Vou explicar. Durante todos esses anos, nunca disse a Jake duas palavras que não fossem sobre os negócios, nunca fui à sua casa. E na semana passada, quando eu soube que ele estava doente, fui informado que ainda continuava na folha de pagamento com 300 dólares por semana. Nunca pediu um aumento, nunca pediu nada para si mesmo, trabalhou como um escravo... e para quê? Não quero uma coisa assim.

Snyder deu de ombros.

— Conversaremos com a esposa. Veremos o que ela precisa.

Estavam agora no laboratório de som, um prédio quadrado, cinzento, sem janelas, muito parecido com os palcos de filmagens ao longo das ruas do estúdio, só que menor. Deixando a claridade intensa e permanente do sol, eles pararam por um instante à entrada da caverna escura, piscando os olhos, enquanto Mike

Benson os cumprimentava. Era um homem de meia-idade, atarracado, rosto redondo, que tivera sua experiência inicial com Edison, como muitos outros especialistas em som. Estava esperando e apertou-lhe as mãos ansiosamente.

— Desta vez é para valer. — Ele sacudiu a cabeça. — Com toda certeza. Tudo pronto. Os outros já estão aqui.

O laboratório de som tinha uma pequena sala de projeção, com três fileiras de seis cadeiras. Freedman lá estava com seu assistente e o autor do roteiro, Eugene Cape, três sucessos na Broadway e a melhor reputação no mundo do teatro, Fred Feldman, Bert Bellamy, Barney Enfield, Clifford Abel, diretor de arte do filme, e o irmão de Max, Ruby. Max e Snyder ocuparam seus lugares na última fila. Ruby sentou-se ao lado de Max e lhe disse, nervosamente:

— Que história é essa de Jake ter ido para o hospital?

— Foi o que me disseram. Acho que ele está morrendo.

— Morrendo? Como assim?

— Ele tem câncer e está morrendo — disse Max, incisivamente. — Acontece. Se quer falar a respeito, deixe para depois. Agora preciso assistir ao filme.

— Não entendo o que aconteceu. Por que não me informaram?

— Se quer chorar por Jake, acho ótimo. Talvez alguém deva mesmo chorar por ele. Mas não agora.

— Eu só queria saber que história é essa de que ele está morrendo.

— Agora não!

Max já estava irritado. Ruby levantou-se e deixou a sala, dizendo, ao se retirar.

— Preciso ir visitá-lo no hospital.

Sam Snyder especulou:

— Desde quando ele é tão amigo de Jake?

— Os dois sempre foram muito ligados — comentou Bert Bellamy.

— Devemos esperar por ele? — perguntou Benson a Max.

— Não. Vamos começar logo.

— Como quiser. — Benson se levantou e virou-se para os presentes. — Pode haver um problema quando mudarmos os discos. Espero que não, mas é possível. Não é por não compreendermos o problema ou não conhecermos o meio de superá-lo. Apenas tivemos de fabricar cada componente do mecanismo de rotação lenta e algumas peças ainda precisam de mais testes. Assim, peço desculpas antecipadas se houver uma falta de sincronia.

— Nada disso — protestou Max. — Já vi a falta de sincronia mais de 50 vezes e não quero mais desculpas.

Benson suspirou e acenou com a cabeça, encaminhando-se para a sala de

controle. Snyder olhou para Max.

— Está certo, foi grosseria — disse Max. — Mas esse filho da puta está sendo pago para conseguir o que queremos e não para apresentar desculpas. Já me ouviu alguma vez pedindo desculpas por não fazer uma coisa antes mesmo de tentar?

Snyder sorriu.

— Nessa você me pegou.

As luzes se apagaram e os números de identificação apareceram na tela. Depois, o filme correu em branco por alguns segundos. Surgiu em seguida uma jovem atraente, de pé num palco, com quatro plataformas, de alturas diversas. Havia também uma bateria no palco, diversas cadeiras dobráveis e uma pequena mesa. A jovem sorriu, acenou com a cabeça e disse:

— Este é o teste de sincronização número 47. Meu nome é Sandra Johnson. Sou da Metropolitan Opera Company, de Nova York. Fui trazida para cá por sugestão do Sr. Benson, não porque seja um grande sucesso como cantora, mas porque tenho ao mesmo tempo um registro longo e um registro médio. Também somos velhos amigos. Posso dizer isso, Mike? Desculpe. Agora, vamos aos negócios. Começarei por uma canção simples, *Jeannie with the Light Brown Hair*, de Stephen Foster.

Max, escutando boquiaberto, os olhos grudados nos lábios da mulher, procurando pela falha quase inevitável na sincronização, não conseguiu encontrar qualquer indicação. E exclamou, exultante:

— Benson, seu filho da puta, você conseguiu!

— Espere pela transição — pediu Benson.

Depois de Jeannie, Sandra Johnson cantou uma ária de *La Traviata*, em seguida uma canção engraçada de Gilbert e Sullivan. Ela se deslocou enquanto cantava, passando de uma plataforma para outra, correndo alguns passos e parando. Apareceu em seguida um operador de som, pondo o seu equipamento na mesa e explicando:

— Farei diversos sons, visando ao reconhecimento. Primeiro o som, depois a indicação.

— Não estava ouvindo um som por trás? — sussurrou Sam Snyder para Max. — Um som de chiado?

— Mas não tem a menor importância! Que diabo, Sam! Vocês, técnicos, querem ser Deus. Temos um filme falado.

— Isso foi uma porta fechando — disse o técnico de som. Um telefone começou a tocar. — Tenho certeza de que não preciso identificar esse som.

Bert Bellamy estendera a mão para o telefone de controle ao seu lado.

— Essa não! — gritou ele. — Viu isso, Max? Cheguei a estender a mão

para o telefone. Pensei que estivesse mesmo tocando.

— Não posso acreditar — murmurou Max. — Tive a mesma reação. É incrível.

O técnico em som recolheu seu equipamento e depois espalhou algumas cascas de nozes à sua frente, dizendo:

— É preciso andar para fazer esta demonstração.

E ele andou por cima das cascas de nozes a estalarem e saiu da tela. Um preto enorme apareceu na tela. Seu nome era Art Jones e tinha um pequeno papel num filme que era rodado no outro lado do estúdio, sobre a selva africana. Era vagamente familiar a Max.

— Meu nome é Art Jones — disse ele. — Não sou um cantor profissional, mas canto na igreja desde que era pequeno. O principal motivo para minha presença aqui é que tenho uma voz de baixo profundo. Cantarei um velho *spiritual* intitulado *Go Dwon Moses*. O Sr. Benson diz para eu dar tudo o que tenho. Lá vai.

A voz explodiu na pequena sala de projeção, povoando-a com uma presença quase física de som:

— Quando Israel estava na terra do Egito...

A voz espetacular continuou. Benson deixou a sala de controle e foi sentar-se ao lado de Max.

— Há um pouco de ruído secundário — admitiu ele. — Mas não posso evitar, com este registro baixo e o volume extremo. Nunca permitiremos esse volume num cinema e posso praticamente eliminar os ruídos secundários. Ficou atento à transição?

— Quando será? — perguntou Max.

— Quando será? Já ocorreu, meu caro Max. E não foi num intervalo silencioso. Trocamos de disco enquanto Art falava.

— Não é possível!

— Palavra de escoteiro.

Havia lágrimas nos olhos de Max.

— Benson, seu filho da puta!

Ele abraçou Benson e beijou-o no rosto. Os outros, tendo ouvido, começaram a aplaudir. O preto terminou de cantar e quatro casais apareceram na tela, todos falando e gritando ao mesmo tempo, oito vozes investindo contra a capacidade das gravações de captar e clarificar. Funcionava, mas ninguém prestava muita atenção. Todos se agrupavam em torno de Max e Benson.

— Este momento é histórico! — gritou Bert Bellamy.

— Histórico! Max, sabe o que isto significa?

Max não tinha certeza se sabia, embora repassasse o assunto em sua mente

por mais de uma centena de vezes. Talvez melhor do que os outros, ele sentia pelo menos que o mundo nunca mais seria o mesmo, que um novo e um tanto assustador gênio saíra da garrafa e nunca voltaria a ser contido. A vida certamente podia ser exibida e refletida em filmes, mas a condição humana era som. Por toda a sua vida, ele trabalhara com a metade de uma coisa; agora estava completa, integral. O que aconteceria?

— É uma coisa sensacional — proclamou Barney Enfield. — Tem de ser a maior notícia da história do cinema. Vamos promover uma entrevista coletiva e convocar nossos quatro maiores astros para apoiar Max. Chamaremos todo mundo... jornais, revistas, serviços noticiosos...

— Barney, isto é o som — disse Freedman. — Sabe como soam os seus quatro maiores astros?

— Não tenho certeza sobre a conveniência neste momento de uma entrevista coletiva. Talvez devêssemos esperar um pouco.

— Não dá para esperar. Os técnicos sabem. O estúdio sabe. Como se pode esperar?

— O que acha, Max?

— Acho que devemos começar a fazer o filme e deixar que o mundo saiba. O que há para esconder?

— Botar a boca no mundo? — indagou Enfield.

– Estamos todos gritando — respondeu Max, apontando para a tela. — E eles estão nos gritando em resposta. Estou tentando encontrar algum sentido na coisa. Mas é claro que temos de pôr a boca no mundo. Só que estou pensando nos pianistas. Teremos de despedir 500 pianistas. E é uma coisa que detesto.

Todos desataram a rir. Uma grande piada. Só que Max não falara absolutamente como uma piada.

Sam Snyder trocara de roupa. Haviam decidido que o mínimo que podiam fazer, em termos de Jake Stein, quer gostassem ou não dele, era visitá-lo no hospital. Ele estava morrendo. O que arrefecia o entusiasmo pelo triunfo. Stein, como um punhado de outros, estava na companhia praticamente desde o início. A caminho do hospital, no centro de Los Angeles, passaram pela depressão profunda de Cahuenga, as encostas verdes e úmidas de uma chuva, o ar fresco e suave, o céu azul salpicado por algumas nuvens brancas, algo raro na Califórnia. Os momentos intensamente altos e baixos sacudiam suas emoções; ambos estavam calados, pensativos, voltados para dentro.

Em Hollywood, pararam para almoçar num pequeno restaurante chamado Leon's East Coast Deli. Pediram uma sopa de bolinhos de trigo que fez Max

lembrar da cozinha da mãe, só que era muito melhor. Snyder gostou de sua carne assada com batatas. Não havia restaurantes alemães em Los Angeles.

— Por que não usa um dos motoristas do estúdio? — perguntou Snyder, quando Max estacionou o Cadillac imenso no terreno lamacento por trás do Leon's.

— Gosto de guiar. Tinha um motorista lá no Leste, Shecky Blum. Lembra-se dele, Sam?

Snyder balançou a cabeça. Max acrescentou:

— Um sujeito grandalhão. Muito bom com os punhos. Começou com uma carruagem... uma carruagem e um cavalo. O mundo muda muito. Nós nos comportávamos como um bando de arruaceiros. Acertávamos as coisas à força. Lembra daqueles tempos?

— Prefiro esquecer.

— Tentei trazer Shecky para cá. Ofereci um bom dinheiro, disse que podia trazer a mulher, eu arrumaria uma casa para eles. Mas Shecky não quis vir. Disse que perderia o ânimo e acabaria morrendo se algum dia deixasse o East Side de Nova York.

— As pessoas se sentem esquisitas em relação aos lugares. Há quanto tempo estamos aqui, Max?

— Faz 12 ou 13 anos.

— Ainda não me acostumei. Olho para as malditas palmeiras e algarobeiras, e me pergunto onde estou.

— Eu entendo.

— O problema é que você nunca esqueceu Della. — Snyder sentia-se apreensivo ao falar a Max sobre Della, mas achava que tinha a obrigação. — Não pode continuar a viver sozinho naquele chalé no estúdio. Há mais na vida do que o estúdio.

— E é você quem me diz isso.

— O que estou querendo dizer, Max, é que você não pode viver sem uma mulher. Eu o conheço muito bem. Estamos juntos há muito tempo e por isso tenho de tirar essa coisa do peito. E por aqui há mais mulheres bonitas do que em qualquer outro espaço determinado do mundo.

— Pare com isso, Sam. Esqueça.

— Está sentido comigo?

— Quando fiquei sentido com você, Sam?

— Talvez fosse bom se ficasse. Seja como for, eu me senti muito satisfeito com o som. Não foi apenas porque a maldita coisa finalmente funcionou, mas também porque há meses não via você tão feliz.

— E quer saber o que poderia me deixar ainda mais feliz? Um pouco da

comida de Alice. Portanto, pode me convidar.

— Nas últimas três vezes em que convidei...

— Esqueça as últimas três vezes.

— Está bem, está bem. Jante conosco esta noite.

Ao chegarem ao hospital, naquela tarde, foram informados que Jake Stein morrera duas horas antes. A família estivera ali e já fora embora.

O funeral de Jake Stein foi no dia seguinte. Depois, Max voltou ao estúdio, passou duas horas intranqüilas em seu escritório e foi para os fundos do terreno, onde se reconstituíra a *Batalha da Floresta de Argonne*. O filme fora provisoriamente intitulado *Inferno* e a ação se passava num só dia, com uma companhia de infantes americanos na guerra para acabar com todas as guerras. Max detestava filmes de guerra. O horror enorme e monstruoso da Primeira Guerra Mundial afetara-o profundamente, mas o complexo de causas estava além de sua compreensão. Até agora o Britsky Studio não fizera qualquer filme importante sobre a guerra, apenas algumas comédias sobre o exército e os recrutas. Max se deixara levar na conversa quanto ao grande investimento que *Inferno* representava, porque Anthony Clark, seu melhor roteirista, criara uma história que quase não exigia cartões de fala. A história e a narrativa se expressavam em imagens. Para Max, isso constituía um uso quase perfeito do cinema. Embora não gostasse do conteúdo, estava tão ansioso em ver até onde se podia ir num filme sem palavras que decidira produzi-lo.

Hoje, não lhe era difícil, apesar do sol ardente da Califórnia, imaginar-se num lugar em que ocorrera aquela ação lunática. A brisa amena trazia-lhe o cheiro de pólvora, enquanto se explodiam as cargas que simulavam o fogo de artilharia. Aproximando-se da posição da câmara, subindo a plataforma de madeira de quatro metros onde fora colocada para aquela cena, ele descobriu-se a olhar para uma trincheira lamacenta, onde atores em uniformes de soldados da infantaria estavam agachados com seus rifles de baioneta calada. Cargas de pólvora haviam sido postas em padrão complexo diante da trincheira. Quando Max chegou à plataforma da câmera, as explosões se aproximaram da trincheira, simulando um ataque alemão. Mais duas plataformas de câmera proporcionavam ângulos diferentes da cena. Enquanto Max observava, uma fileira de soldados alemães apareceu, avançando através da fumaça e da terra levantada pelas explosões. Gritando pelo megafone, o diretor Gifford Brown disse:

— Vocês estão sendo atingidos, seus filhos da puta! Sete, quatro, nove, dezesseis, vinte e dois, vocês estão mortos! Entenderam? Mortos! Mortos! Mortos!

Os cinco números indicados largaram suas armas, cambalearam e morreram. Brown estendeu a mão e um assistente entregou-lhe uma prancheta, na qual ele leu:

— Dez, doze, quatorze, três! Vocês também, seus filhos da puta!

Mais alemães caíram ao fogo dos homens na trincheira e fragmentos de granadas. Brown devolveu a prancheta ao assistente.

— Minha voz acabou. Mande os filhos da puta da trincheira saírem para o contra-ataque.

A cena continuou. Max permaneceu na extremidade da plataforma, sem atrapalhar, um homem pequeno e magro, num terno de estambre azul-marinho. O diretor e o assistente berravam, as cargas explodiam, os soldados americanos saíram da trincheira para o contra-ataque. O diretor finalmente sacudiu os braços e gritou para que cortassem.

— Armem tudo para o close dos mortos! — gritou ele pelo megafone. — Quero os mortos em posição. Cinco serão suficientes. — Para o assistente, ele acrescentou: — Verifique os filhos da puta. Quero todos bem sujos de terra e ensangüentados. Pete também previu alguns membros arrancados. Quero pelo menos três.

Ele virou-se e viu Max pela primeira vez.

— Olá, Sr. Britsky. Não sabia que estava aqui. Desculpe a confusão, mas esses extras são uns vagabundos. Uns merdas que vieram diretamente de fazendas. Não conseguem parecer vivos e não conseguem parecer mortos.

— Eles bem que tentam — disse Max, suavemente. — Não trabalham muito. Já têm a maior dificuldade em permanecerem vivos... apenas isso.

— Acho que tem razão. Dá licença, Sr. Britsky? Esta cena é complicada.

Max assentiu e deixou a plataforma. Afastou-se lentamente, no silêncio que agora se abatia sobre o Front Ocidental. Temos sonhos bons e maus, pensou. Mas quando se está no negócio de sonhos, fica-se velho mais depressa, os sonhos ruins deixam a pessoa apreensiva. Mas as pessoas continuam a comprar ingressos e isso é o que importa.

Sarah telefonou para o estúdio.

— Há meia hora que tento falar com você. — O tempo não afetara sua visão nem diminuíra o timbre de voz. — E sabe o que me dizem? Tem idéia do que me dizem?

— Não, mamãe, não sei.

— Dizem... não dá para acreditar... que o Sr. Britsky não está atendendo a nenhum telefonema. Não está atendendo! Eu caio morta, tenho um ataque de

coração bem aqui, falando ao telefone, tenho câncer, que Deus me livre, nada importa, porque o Sr. Britsky não está atendendo!

— Disse quem era, mamãe?

— Sabe o que me disse essa *shiksa* que você tem para atender ao telefone? Ela me disse: "Não me venha com essa, dona. Já ouvi a mesma conversa muitas vezes".

— Lamento muito, mamãe. É provavelmente uma empregada nova.

— Diga a ela...

— Por favor, mamãe. Temos 16 telefonistas aqui no estúdio. Esqueça. Estou falando com você agora. Darei um aviso a todas as telefonistas para me chamarem imediatamente, se você ligar, não importa o que eu esteja fazendo.

— Está bem. Tentarei esquecer que não sou ninguém neste lugar *fabissena*. Só telefonei para dizer uma coisa importante a você, mais nada.

— Então diga, mamãe.

— Seu filho e sua filha estão aqui.

— Como?

— Ah, agora você está interessado!

— Pelo amor de Deus, mamãe, do que está falando? Richard e Marion estão aí, na sua casa?

— Isso mesmo. E pode estar certo de que não estão nada amistosos. É uma praga de Deus ter netos assim. Nem mesmo um beijo e ainda me chamam de Sra. Britsky.

— Onde eles estão hospedados?

— No Beverly Hills Hotel. Onde mais poderia ser? Afinal, sua esposa é uma mulher rica... uma milionária, pelo que me dizem... não como sua mãe e suas irmãs, Deus as livre de ficarem confortáveis.

— Mas estão na sua casa agora?

— E onde poderiam estar?

— Peça para esperarem aí. Mandarei uma limusine buscá-los.

Max ficou extremamente nervoso, andando de um lado para outro de seu escritório. Saiu depois para a sala de recepção e disse à secretária:

— Quero a mesa posta para três no refeitório particular. Ninguém mais deve ir lá hoje. Quero ficar a sós com meus filhos.

A Srta. Shelly Greene, a secretária, de meia-idade e solteirona, disse:

— Eu nem sabia que tinha filhos, Sr. Britsky.

O próprio Max mal sabia. Não via os filhos há oito ou nove anos. Mandava presentes nos aniversários e no Natal, mas Sally conseguira de alguma forma que as visitas à Califórnia se tornassem cada vez menos freqüentes, até cessarem por completo. Max tentou lembrar a idade dos filhos agora. Richard

estaria com 24 anos? Ou com 25? Marion era um ano e meio mais moça. Não eram mais crianças. Como estariam? Como conversaria com eles? Sally sempre fora esperta demais para ele. Sempre que ia a Nova York e tentava entrar em contato, era informado que as crianças haviam viajado. E quando se tornaram donos de seu próprio nariz, a decisão passara a ser deles.

— Não querem ir e não posso obrigá-los — dizia Sally. — Não são mais crianças.

Sally tornara a se casar em 1915. Tinha 40 anos na época, mas ainda era esguia e atraente. Como a mãe teria dito, voltara a seu próprio meio, casando-se com o viúvo Felix Upperman, de 55 anos e pai de três filhos. Os Upperman eram uma família de judeus alemães que se instalara em Nova York na década de 1820. Controlavam o Upper-man-Lutze Bank e alguns diziam que possuíam pelo menos cinco por cento das melhores propriedades da cidade. Sally vendera as duas casas na Rua 66 e se mudara para a mansão do marido, na Rua 79. Não fora absolutamente um casamento de oportunismo financeiro por parte de Sally, pois suas ações na Britsky Productions já valiam mais de dois milhões de dólares, para não falar dos outros bens.

Como convinha à sua nova posição na sociedade de Nova York, Sally mandara os filhos para as melhores escolas particulares, Richard para a Academia Phillips, em Andover, Massachusetts, Marion para a escola da Srta. Spence, em Manhattan. Richard fora depois para Harvard e Marion para Wellesley. Assim, os filhos ingressaram em mundos desconhecidos para Max e além de qualquer experiência que lhe permitisse interpretar esses mundos em sua imaginação. A presença deles em Los Angeles, inesperada e sem qualquer aviso, era um choque quase assustador para Max. O choque fora agravado pelo fato de terem ido para a casa em Beverly Hills e não para o estúdio. A casa era sua residência legal, mas a esta altura, depois de anos a trabalhar com Clifford Abel, Max podia distinguir entre as monstruosidades criadas em Beverly Hills e o bom gosto. Era uma noção que podia acrescentar ao seu instinto inato pelo que era certo e errado, o que era bonito e o que era feio. O pensamento de que seus dois filhos, aqueles produtos estranhos, educados e bem criados na sociedade de Nova York, viessem procurá-lo depois de tantos anos através do vasto palácio de Sarah Britsky em Beverly Hills, era quase mais do que podia suportar. Agora que a limusine já partira para buscá-los, Max aguardava nervosamente a chegada ao estúdio. Por mais chiques que fossem, o estúdio certamente haveria de impressioná-los. Aquela vasta instituição para a produção de filmes, o maior e mais produtivo estúdio do mundo, impressionava a todos, reis, presidentes, primeiros-ministros, magnatas. Não havia quem não se impressionasse com a Britsky Productions.

Por outro lado, onde deveria recebê-los? Nos portões, onde todo carro estranho era detido por um guarda armado? Não, concluiu Max, isso seria *gauche*. A limusine os levaria ao escritório no chalé. Era melhor deixar assim. O escritório era mobiliado com simplicidade e bom gosto, o próprio chalé era modesto, importante mas sem apregoar sua importância. Mas ele continuou nervoso, mesmo depois de tomar tal decisão, indo constantemente à janela, a fim de verificar se a limusine já passara pelos portões. E quando finalmente apareceu, ele afastou-se da janela de um pulo, incapaz de suportar a idéia de que os filhos poderiam vê-lo a espiar.

Forçou-se d sentar calmamente à sua mesa. Os segundos foram passando, até que a voz da Srta. Greene soou pelo aparelho de intercomunicação:

— Sr. Britsky, seus filhos estão aqui.

Ela sabia quem Max esperava tão nervosamente, mas a indicação realmente irritou-o. Mas que idiota! Por que ela não disse simplesmente que Richard e Marion Britsky estão aqui? E ele deveria permanecer sentado ou se levantar?

— Mande-os entrar.

E, depois, Max levantou-se rapidamente e contornou a mesa. Sua primeira impressão foi a altura dos filhos. Richard estava um pouco além de 1,80 m; a moça também era bastante alta, talvez com mais de 1,70 m, de salto alto. Ambos tinham a pele clara, ambos tinham os olhos azuis de Max. O rapaz era bonito, no qual Max chamava de jeito *goysha*, a cabeça estreita, o nariz fino e reto. A moça tinha uma beleza austera, muito magra para o gosto de Max, o peito quase liso. Mas, acima de tudo, a impressão de Max foi a altura. Assomavam muito acima dele. Num desses relances de perspectiva de terceira pessoa, que as pessoas ocasionalmente têm, Max viu a si mesmo como o viam, um judeu baixo, magro, meio calvo, o rosto enrugado, nariz aquilino, um homem de meia-idade, relativamente feio. Com a percepção, veio um relance de reconhecimento e lembrança de sua amada Della O'Donnell, que lhe dissera um dia:

— Você parece com São Paulo, Max.

— E quem foi São Paulo?

— Ora, seu tolinho, ele era um discípulo de Jesus.

— E de repente sabe como ele parecia?

— Todo mundo sabe, porque foi escrito.

Mas Max sabia que isso não ocorreria a seus filhos, nem mesmo essa honra dúbia, embora eles pudessem conhecer São Paulo. A mãe de Max sempre afirmara que os judeus alemães não eram absolutamente judeus.

— Como vai, senhor? — disse Richard.

Nenhum dos dois sorriu. Mas Max sorriu. O que deveria fazer? Abraçá-

los? Isso era concebível, mas também inconcebível. Ele estendeu a mão e os filhos apertaram-na. Talvez fossem tímidos com aquele pai de quem mal se lembravam.

— Fico contente por estarem aqui — Max apressou-se em dizer.

Ele não podia falar das coisas mais importantes que sentia: o prazer pela beleza física dos filhos, ao mesmo tempo gratificante e intimidativo, a saudade deles, as fantasias de intimidade e amor em que participavam, o anseio por eles se misturando com sua amargura pela relutância dos dois em vê-lo ou aceitá-lo — nenhuma dessas coisas podia ser dita, não podia falar dos sentimentos mais profundos, apenas do que era vazio.

— Já providenciei tudo para o almoço — disse Max — Passa de meio-dia. Vão almoçar comigo?

Os dois assentiram. Estavam tão contrafeitos quanto Max.

— Fico feliz por terem vindo. Estão sendo muito amáveis. — Max prestava atenção a cada palavra que dizia. Meu Deus, pediu ele, deixe que eu fale correto gramaticalmente. — E depois do almoço eu gostaria de mostrar o estúdio. Gostariam disso?

— Será ótimo — respondeu Marion, com sua voz profunda e sonora.

— Onde estão hospedados?

— No Beverly Hills Hotel — informou Richard.

— O estúdio mantém uma suíte lá. Há ocasiões em que até eu fico no hotel. — Por que ele dissera isso? Pensariam que usava a suíte para um encontro fortuito de uma noite com alguma mulher, o que de fato acontecia. Max apressou-se em acrescentar: — Podem ficar na suíte por tanto tempo quanto quiserem. Tem dois quartos. E não vai custar nada a vocês.

Outra vez uma coisa errada. Eles eram Upperman. Haviam sido formalmente adotados por Felix Upperman há anos; por mais rico que Max fosse, os Upperman eram ainda mais ricos. Que diferença uma suíte de graça no Beverly Hills Hotel poderia fazer para eles?

— Obrigado, mas já nos registramos, arrumamos todas as coisas e só ficaremos por um ou dois dias — respondeu Richard.

— Claro, claro. Por que não almoçamos agora?

Os dois acenaram com a cabeça em concordância. Max saiu com eles para o sol quente. Apontou para o carrinho elétrico parado ao lado do chalé.

— Usamos esse carrinho quando se tem de percorrer uma distância maior. Afinal, pode-se andar por cinco quilômetros e ainda se continuar em terreno do estúdio. Mas o refeitório executivo não é longe. Aquele prédio ali. É chamado de cantina. Tem espaço para 300 pessoas comerem sentadas. Por aqui...

Max parou de falar abruptamente. Respirou fundo, recuperando o

controle.

— Não é como Nova York. Não há restaurantes a que se possa ir a pé. Para os executivos, os astros e estrelas, os diretores, temos uma sala de refeição especial. Mas podem estar certos de que a comida é igual à que se encontra na cantina. Há ainda uma sala pequena e exclusiva, quando se quer ter uma conversa particular durante o almoço.

Max olhou para os filhos. Por que eles não faziam qualquer comentário? Por que não podiam dizer pelo menos que era uma coisa impressiva? Aquele porco gordo do Felix Upperman não tinha nada assim em seu arranha-céu na Nassau Street. Ele não oferecia comida sem ganhar um só cent apenas para que seus empregados pudessem comer decentemente.

A rua do estúdio estava apinhada da multidão da hora do almoço. Embora já tivesse visto a cena milhares de vezes, Max jamais se cansava do desfile de atores fantasiados... *cowboys*, índios, soldados americanos, oficiais alemães, peregrinos com suas espingardas de canos boca-de-sino, moças bonitas em saias compridas ou curtas. Mas, até onde Max pôde perceber, a cena não causou qualquer impressão em seus filhos. Eles reagiam como se cada rua de Nova York fosse povoada daquela maneira, jamais soltando qualquer exclamação de satisfação ou espanto. Pelo menos, pensou Max, o fato de tantas pessoas saírem de seu caminho para dizer "Olá, Max" ou "Olá, Sr. Britsy'" deve impressioná-los. Max avistou Sam Snyder nesse momento e chamou-o:

— Sam! Ei, Sam, venha até aqui!

Richard e Marion viram um homem corpulento e de cabelos brancos se aproximar, a barriga despencando por cima do cinto. Usava um blusão azul sujo de graxa, um jeans velho. Tinha um cinto de ferramentas, com martelo, chave de parafusos e alicate. Aproximou-se sorrindo, a mão estendida.

— Vocês são os filhos de Max. Shelly me disse. Por Deus, eu não seria capaz de reconhecê-los. Eram dois pirralhos na última vez que os vi. Agora... contrate os dois, Max. Ator e atriz principais.

Não havia a menor possibilidade de Max deter Sam Snyder. Ele estava genuinamente deliciado por ver dois jovens tão bonitos. Mas apressou-se em dizer:

— Este é meu amigo e associado Sam Snyder. Meu filho Richard e minha filha Marion.

Richard apertou a mão suja de Snyder com alguma relutância. As mãos de Marion permaneceram abaixadas.

- A verdade é que San Snyder dirige o estúdio — explicou Max. — Faz com que funcione. Terei de fechar se alguma coisa acontecer com ele.

— Mas que exagerado! — exclamou Snyder, jovialmente. — Não passo

de um faz-tudo exaltado. Passei a manhã inteira tentando impedir o nosso gerador principal de enguiçar e nos abandonar.

— E qual foi o resultado? — perguntou Max.

— Dei um jeito. Mais cedo ou mais tarde, porém, teremos de trocá-lo. E é dos grandes, Max.

— O que se pode fazer? — Ele acrescentou, para Richard e Marion: — Geramos nossa própria energia, porque consumimos tanta eletricidade quanto uma cidade pequena. Compensa a longo prazo, mas não há nada no mundo que custe tão caro quanto um gerador. Conversaremos sobre isso depois, Sam.

Richard e Marion se abriram durante o almoço. Não chegaram a mostrar seus corações, mas pelo menos transmitiram algumas informações. Marion estava noiva de Peter Cogsall, filho do Cogsall que era presidente do Merchantman Bank, de Nova York, não tão grande quanto o Chase ou o Morgan, mas também não muito menor. Richard acabara de prestar exames para se tornar advogado. Como o Upperman-Lutze era um banco privado, de investimentos, ele encontraria provavelmente o seu lugar ali.

— E se não tiverem um lugar para você lá — disse Max, tentando transmitir o que pensava como algo sem maior importância — poderá encontrar aqui. Meu velho amigo Freddy Felman dirige o nosso departamento legal. Mas não é um simples departamento legal. Devemos fazer pelo menos mil contratos por ano, para não falar de dívidas, cobranças e uma centena de outras coisas. Fred tem seis jovens advogados no departamento. Bem que podemos aproveitar alguém da família.

Richard sorriu. Era muito polido e bem-educado, concluiu Max, preocupado menos com a relutância em magoar o pai e mais com o que era correto e condizente. Talvez um pouco mais sensível, Marion explicou:

— Sempre tivemos curiosidade por Hollywood. E quem não tem? Ouvimos tantas coisas maravilhosas sobre este estúdio, que tivemos vontade de conhecê-lo. — Uma pausa e ela acrescentou, como se fosse uma lembrança tardia: — E também ver você, é claro.

— Você é uma figura legendária — acrescentou Richard.

— Legendária? Não, estou longe disso.

Max queria atenuar o constrangimento. Eram jovens saudáveis e lindos. Por que não deveria sentir orgulho dos filhos, ter prazer na companhia deles? Eram seus filhos, mas não podiam chamá-lo de papai.

— Podem me chamar de Max — disse ele, gentilmente. — Afinal, já são crescidos.

— Está bem.

— Como está sua mãe?

— Muito bem — respondeu Marion.

— Ela manda lembranças — disse Richard.

— É mesmo? Agradeçam a ela. Estão gostando da Califórnia?

Max fez a pergunta por falta de outra coisa para dizer. Eles não facilitavam a conversa.

— Não estamos aqui há muito tempo...

— Não dá para acreditar nas palmeiras — disse Richard. — Tudo aqui é como um cenário de filme. A gente fica pensando que tudo vai desaparecer se olharmos para o outro lado. O tempo é maravilhoso.

— É verdade, o tempo está sempre maravilhoso — concordou Max. — Gostariam de conhecer alguns dos nomes por aqui... estrelas, grandes diretores? John Gilbert, Mary Pickford, Garbo, Crawford... Posso combinar um pequeno jantar para amanhã ou uma festa, se preferirem.

— Acho que partiremos amanhã — disse Richard. — Há meses que tentamos esta visita, mas era difícil encontrar um tempo em que nós dois estivéssemos livres.

— Compreendo perfeitamente. Mas esta tarde vocês estão por minha conta. Cancelei todos os outros compromissos e gostaria de mostrar tudo o que temos por aqui. Afinal, um dia tudo isto será de vocês.

Richard e Marion ficaram espantados.

— Não tinham pensado nisso? — indagou Max.

— Mas você tem irmãos — disse Richard. — E é uma empresa de capital aberto. Sei que mamãe tem muitas ações...

— Vocês são meus filhos... meus únicos filhos. Claro que é uma empresa de capital aberto, mas tenho 51 por cento das ações. Podem estar certos de que meus irmãos terão o suficiente. Nenhum deles passará fome. Mas o estúdio fica com o meu próprio sangue. Só que ainda não estou morto. Falaremos sobre isso mais tarde.

A atitude de Richard e Marion mudou depois disso, tornaram-se mais afáveis. Claro que queriam conhecer o estúdio.

— Iremos num carro elétrico — disse Max. — Esfria bastante depois de quatro horas da tarde, mas agora ainda está muito quente para se andar por alguns quilômetros. Pessoalmente, gosto de andar. É o único exercício que faço. O golfe... — Ele fez uma pausa, dando de ombros. — Meus colegas que jogavam golfe encontraram alguma dificuldade, pois quase todos são judeus. Os clubes de golfe por aqui são muito exclusivos quando se trata de judeus. O que não é muito diferente de qualquer outro lugar, não é mesmo? Por isso, compramos um terreno e construímos o nosso próprio clube, do qual sou um dos fundadores. Mas não jogo golfe e passo a maior parte da minha vida aqui. Não

consigo pensar em mim mesmo sem o estúdio.

Richard e Marion o ladearam no carro elétrico.

— Não quero aborrecê-los, mas gostaria que conhecessem tudo aqui. É claro que se trata apenas da ponta do iceberg... mas uma ponta muito importante. Abastece as nossas casas, mais de mil cinemas espalhados por todos os Estados Unidos. Somente os prédios e terrenos dos cinemas valem mais de 30 milhões de dólares. E o terreno do estúdio vale outros 10 milhões. Mas é difícil chegar ao valor líquido de tudo. Temos uma folha de pagamento semanal de quase 300 mil dólares. Glenda Lane, nossa estrela de maior sucesso no momento, ganha seis mil dólares por semana, muito mais do que eu próprio recebo de salários. Já calcularam que temos mais de 93 profissões sendo exercidas aqui no estúdio. Tudo o que precisarem... barbeiros, costureiras, médicos, enfermeiras, sapateiros, instrutores de montaria, pedreiros, carpinteiros... Aqui é a oficina de carpintaria. Vamos descer por um momento.

Era um galpão enorme, como uma pequena serraria, um lado aberto para a rua do estúdio. Estava bem suprida de madeira, tendo bancadas de trabalho, serras elétricas, tornos mecânicos, guinchos elétricos e outras máquinas, além dos homens para operá-las.

— Podemos fazer aqui qualquer coisa de madeira — disse Max. — E ficariam surpresos se vissem quanto ferro, aço e pedra se pode fazer com madeira.

Eles seguiram em frente, passando pelos galpões em que estavam guardados mil cenários usados. Pararam para assistir à Primeira Guerra Mundial em progresso, depois para assistir a uma tropa de elefantes e *gurkhas* marchando por uma plantação de cana-da-índia. Passaram alguns minutos numa sala de projeção, assistindo às tomadas do dia. Foram depois a um depósito repleto de antigüidades francesas, inglesas e americanas.

— Quase tudo é autêntico — informou Max. — O que temos aqui vale pelo menos três milhões de dólares.

Não foi uma tarde das piores. Infelizmente, Richard e Marion pareciam não ter qualquer calor nato. Bem que se esforçaram para parecer interessados e cordiais, mas Max não pôde deixar de pensar nos conhecidos gentios que se empenhavam em ser simpáticos só porque ele era judeu. Max não pressionou para que tornassem a se encontrar no dia seguinte. E como os filhos não sugeriram um jantar naquela noite, ele também não fez qualquer menção. Tentou não parecer aliviado quando eles embarcaram na limusine para o regresso ao Beverly Hills Hotel.

Quando Max chegou ao chalé, Shelly Greene passava pó-de-arroz no nariz, preparando-se para ir embora. Era magra, de rosto comprido,

lamentavelmente deslocada naquele turbilhão de mulheres bonitas, geralmente compenetrada. Depois da morte de Della, Max não podia suportar uma secretária que fosse atraente ou propensa a um relacionamento emocional. Mas naquele dia teve a impressão de que a Srta. Greene o fitava com alguma coisa próxima da compaixão. Depois de se despedir, ela acrescentou:

— Espero que tenha passado uma tarde agradável com seus filhos, Sr. Britsky. São muito bonitos.

Max agradeceu. Ela se retirou. Max foi para sua sala e sentou-se à mesa. Tenho vontade de chorar, disse a si mesmo. Gostaria de poder chorar. Uma voz gritou:

— Você está aí, Max?

— É possível.

Sam Snyder meteu a cabeça pela porta e disse:

— Achei que você gostaria de dar uma olhada nas tomadas de hoje.

— Também é possível.

Ao se encaminharem para a sala de projeção, Snyder indagou como fora o dia.

— Horrível. Eles chegaram envoltos em gelo, dois jovens aristocratas do Leste, querendo saber o que o pai judeu ignorante fizera nesta latrina vulgar chamada Hollywood.

— Pare com isso, Max. Os dois me pareceram jovens muito simpáticos.

— Ficaram simpáticos depois que comentei que não tinha ninguém mais a quem deixar a companhia.

— Está sendo duro com eles.

— Por que não? Felix Upperman adotou-os. Richard Upperman. Marion Upperman. Um nome melhor do que Britsky. Ele talvez concorra ao Congresso.

— Upperman?

— Richard. E por que não? Provavelmente não é mais estúpido do que os outros que estão lá.

— Muito mais esperto, se quer minha opinião.

Assistiram às tomadas do dia. Havia uma cena de batalha, os soldados passando pela beira da trincheira e sendo varridos pelo fogo de metralhadora. Brown, o diretor, ficara obviamente fascinado por aquela ação, pois havia diversas tomadas. Depois da segunda, Max levantou-se e saiu. Snyder foi atrás.

— Detesto esse filme — murmurou Max.

— Será uma obra de arte, Max. É o que todo mundo diz.

— A arte que se foda. Para mim, um filme deve fazer as pessoas sentirem que vale alguma coisa estarem vivas. Mas esse sujeito, Brown, tem alguma coisa pela morte. Não sei por que não gosto de diretores. Jamais gostei e agora temos a

merda do Freedman de volta ao estúdio.

— Para um filme.

— Acha que ele é algum gênio, Sam?

— Quem sabe? É o que dizem.

— Não consigo dormir de tanto pensar naquele filme falado. Pense nisso... o primeiro filme falado do mundo inteiro. Esse pessoal de jornal vive me perguntando: por que todos os avanços na indústria vêm dos franceses ou dos britânicos? Pois é besteira e você sabe disso.

— Tem razão.

— Quantas coisas foi você mesmo quem criou, Sam... as câmeras móveis, os arcos, o zoom... Quem pôs uma câmera numa grua? Foi você e não um francês ou inglês. E esse negócio de filme falado vai deixar todos eles de calça na mão. Estamos pelo menos um ano na frente dos outros.

— É verdade.

— Pode apostar tudo o que tem. Agora tenho de jantar na casa de minha mãe, sofrer indigestão e explicar a ela por que seus netos são assim, o que não compreendo melhor do que ela. E amanhã, Sam, deixe a tarde livre, porque temos de ir à casa de Jake Stein.

— Tenho uma porção de coisas para fazer amanhã de tarde, Max. O que há de tão importante era ir à casa de Jake Stein? O pobre coitado está morto e nunca conheci ninguém da família dele.

— Nem eu. Nunca estive na casa dele. Mas estão no *shiva*, que é uma espécie de velório judeu. Quero ir até lá. Há algo esquisito em Jake ficar na folha de pagamento com apenas 300 dólares até sua morte.

— É mais do que ele valia.

— Diz isso porque jamais gostou dele. Jake era um bom guarda-livros. Além do mais, você e eu representamos a companhia. Devemos pelo menos dar uma olhada e dizer que sentimos muito.

– Já falei no funeral.

— Pois então vamos outra vez.

Max sabia vagamente que Jake Stein vivia em Westwood Village, uma pequena comunidade suburbana de Los Angeles, cuja única pretensão à fama era o fato do novo campus da Universidade da Califórnia estar sendo construído ali. Aquela parte de Westwood, ao norte do Sunset Boulevard, era chamada de Bel Air pelos corretores imobiliários. Mas Max jamais conhecera alguém que residisse naquelas colinas baixas, cheias de árvores. Sua visita à casa de Jake Stein era a primeira incursão que fazia à área. Fora informado que Stein comprara oito hectares ali, mas não estava preparado para o muro de blocos de cimento, com mais de dois metros de altura, que cercava toda a propriedade.

Também não estava preparado para os imponentes portões de ferro. Achavam-se abertos e, além dos gramados, ao final de um caminho curvo de cascalho, erguia-se uma monstruosidade arquitetônica, um meio-termo entre um castelo mediterrâneo e uma mansão rural inglesa.

— Essa não! — murmurou Sam Snyder.

— Uma casa suntuosa, piscina, duas quadras de tênis e um gramado que mais parece um campo de golfe... e tudo isso com 300 dólares por semana!

— Freddy vem lhe dizendo há anos, Max, que Jake nos roubava.

— Neste negócio, todo mundo rouba um pouco.

— Eu não roubo e você também não. Tudo isto não é apenas um pouco.

— Acho que tem razão, Sam. Só o jardineiro de uma casa assim levaria a maior parte de 300 dólares por semana. Só que a coisa não faz sentido. Não se pode dizer que ele estava escondendo. É verdade que nós nunca viemos aqui, mas outras pessoas devem ter aparecido.

— Acho que ele só terminou de construir a casa no ano passado.

— Mas por que ele não aumentou o próprio salário? Poderia ter dobrado o que ganhava e eu não me queixaria.

— Ele não sabia disso. Sabia apenas que você não gostava dele. Talvez pensasse que você o despediria se pedisse um aumento. E não poderia mais meter a mão no dinheiro.

— Filho da puta! — exclamou Max. — Mas não adianta xingar os mortos. Vamos falar com a família e acabar logo com isso.

Eles pararam o carro, subiram até a casa e apresentaram seus respeitos à família. Stein deixara uma esposa gorda e com o rosto molhado de lágrimas, uma filha e dois filhos, além de diversos parentes menos afetados, variando de duas irmãs, um irmão e uma mãe encarquilhada e senil, a diversos primos em primeiro e segundo grau. Aparentemente, sua mudança para a Califórnia atraíra também as irmãs, primos e tias. Agora, estavam todos reunidos numa vasta sala de jantar, com uma mesa imensa, quase rangendo ao peso de tanta comida. Um dos filhos de Stein, Herbert, com quem Max já se encontrara uma vez, apenas uma, mas assim mesmo o tratou pelo primeiro nome, se apressou em dizer:

— Max, quero que tome alguma providência. Papai mantinha uma vagabunda em Hollywood Hills. Soube que ele gastou uma fortuna com essa mulher, em jóias e peles. Acho que isso nos pertence.

— É mesmo?

— Claro.

— E como sabe disso?

— Conheço uma amiga dela.

— Se pertence a você, filho, vá pedir a ela. Não tenho a menor dúvida de

que seu pai era um homem extraordinário, se conseguia gastar uma fortuna com alguma vagabunda e ainda era capaz de pagar o jardineiro.

— Como assim?

— Pense a respeito, filho.

De volta ao carro, Max disse a Snyder:

- O que me deixa mais enojado é que todos são judeus.

— E daí? Quer uma raça de anjos, sem nenhum filho da puta? Quer que eu peça desculpas pelo *kaiser*? Está dizendo uma besteira, Max. E sabe disso.

— Claro que é besteira, mas nem por isso deixo de me sentir enojado. Aquele filho nojento de Jake... achando que tenho a obrigação de recuperar o que o pai gastou com alguma puta.

— Foi mesmo demais. Mas quanto ele conseguiu roubar?

— Uma pergunta interessante.

— Não dava para a gente sentir?

— Sabe quanto é o nosso fluxo de caixa, Sam? Quatro, cinco ou seis milhões de dólares por semana, só na América... e talvez a mesma coisa no exterior. Dá para roubar o suficiente para comprar as jóias da coroa britânica e nunca perceberíamos, bastando haver alguém tão esperto quanto Jake Stein para manipular os livros.

Snyder ficou pensando a respeito. Já haviam percorrido a metade do caminho de volta ao estúdio quando ele perguntou:

— O que vamos fazer, Max?

— Não sei.

— Temos de fazer alguma coisa.

— Claro que temos. Pessoalmente, eu gostaria de desenterrar Jake Stein e enchê-lo de porrada, morto ou não. Mas isso de nada adiantaria. Acho que devemos nos reunir com Freddy esta noite e procurar alguma solução.

— Não dá para esperar? A irmã de Alice e o marido acabaram de chegar, na primeira visita à Califórnia, estão me esperando para jantar.

— Não, Sam, não dá para esperar. É como uma banana de dinamite prestes a explodir... se o que estou pensando é verdade.

— O que você está pensando é verdade — disse Feldman a Max, muito sério. — Este tipo de coisa é o pior que pode acontecer num negócio.

— Espere um pouco — disse Sam Snyder. — Conheço a situação desta companhia tão bem quanto você e posso garantir que é muito boa. Melhor até do que apenas muito boa. Não há qualquer outro negócio na América que tenha um fluxo de caixa como o nosso. O que temos a receber é mais do que nossa linha

de crédito. O dinheiro em caixa é considerável e o filho da puta do Jake está morto. Se quisermos uma restituição, podemos processar os herdeiros. Isso é legal? Mesmo que seja, não precisamos. Podemos recuperar tudo o que Jake roubou.

Estavam sentados na sala particular da cantina. O estúdio já fechara. O pessoal da cozinha e os garçons tinham ido para casa. Somente os guardas ainda se encontravam por lá, vigiando os portões e patrulhando o estúdio. Max e Snyder haviam acendido charutos. Observando-os através da fumaça, Feldman especulou se não teria se viciado em nicotina só de respirar o ar próximo a eles durante todos aqueles anos.

— Então por que você e Max estão tão preocupados? — acrescentou Snyder. — Basta repor o que foi roubado e ponto final.

— Não se pode acertar a escrita numa coisa assim enquanto não se souber exatamente quanto foi roubado — explicou Feldman, sombriamente. — E não se pode encerrar o assunto sem mais aquela. Já deveria saber disso, Sam. Somos uma companhia de capital aberto. Teríamos de convocar uma reunião do conselho diretor, apresentar todos os fatos e cifras. Caberá ao conselho decidir quais as providências a serem tomadas. Negligência e má administração já são coisas horríveis, mas pode haver algo muito pior.

— Como assim?

— Não importa o que aconteça, teremos de efetuar uma auditoria imediatamente. E só Deus sabe o que vamos descobrir. Jake não podia estar metido sozinho nisso.

— Por que não?

— Porque não se pode fazer tudo com os livros... não neste negócio. É preciso ter alguém circulando, alguém para lidar com os gerentes de cinemas e com determinados elementos no estúdio. Jake não podia fazer isso. Por um lado, era um verme com quem ninguém iria jogar; por outro, conhecia os livros, mas não sabia nada a respeito da produção de filmes.

— Ruby — disse Max, desconsolado. — Ele está falando do filho da puta do meu irmão.

— Ruby? Mas Ruby é...

— Pode dizer. Ruby não passa de um pequeno vagabundo ordinário. Mas quem acreditaria que Jake Stein, o pequeno Jake Stein, pudesse manter uma puta em Hollywood Hills e enchê-la de jóias? Uma coisa a gente tem de reconhecer em Ruby: ele tem mais classe do que Jake Stein. E há outra coisa de que se pode ter certeza: se Ruby estava metendo a mão no dinheiro, meu irmão Benny também participava da tramóia.

— Você não pode ter certeza, Max — protestou Snyder.

— Não precisa ser gentil comigo, Sam. Estamos juntos há muito tempo para ficarmos cheios de merda um com o outro. Temos uma encrenca de verdade nas mãos e a pergunta é uma só: o que vamos fazer?

— O que quer que façamos, temos de agir depressa — disse Feldman. — No momento, Joe Klepper assumiu o lugar de Jake. É jovem e ambicioso. Se não estava envolvido, não vai demorar muito tempo para descobrir as trapaças de Jake. Há cinco outros homens e mulheres no departamento de contabilidade que podem estar envolvidos ou não vão perceber o que aconteceu. Se alguém mais revelar tudo, nossa posição será insustentável. Temos de denunciar tudo nós mesmos. Quanto a Ruby, Max, há anos venho avisando a você de que ele era desonesto. Mas ainda não temos certeza se Ruby é mesmo culpado, se Benny está envolvido ou qualquer outra pessoa.

— E como podemos descobrir?

— Faltam duas semanas para a reunião do conselho e creio que isso nos dá tempo suficiente. O primo de minha esposa, Arnie Greenberg, está trabalhando aqui em Los Angeles. Seu sócio é Mike Hendon, daqui mesmo. Ambos são contadores autorizados, jovens, honestos, de confiança. Acho que devemos contratá-los imediatamente, pagar uma boa gratificação para que abandonem tudo o mais e trabalhem nisto dia e noite. Eles farão uma auditoria a que só nós teremos acesso. Talvez não consigam levantar tudo nesse prazo, mas poderão pelo menos indicar os fatos principais.

— Pelo menos não continuaremos no escuro — comentou Snyder.

— O que acha, Max?

Max assentiu, com um ar cansado.

— Acho que é o melhor que temos a fazer.

Os outros foram embora e Max voltou ao chalé. Fritzie Cooper, com quem marcara um encontro naquela noite, estava à sua espera. Max não costumava marcar encontros com suas estrelas. Por um lado, sentia profunda aversão às histórias sobre seus contemporâneos nas outras companhias, que intimidavam as pobres, indefesas e inocentes estrelas a partilharem de suas camas. É verdade que ele jamais conhecera uma estrela que fosse indefesa e inocente, mas as histórias provocavam um gosto amargo em sua boca. Por outro, achava que as estrelas eram magras demais. Fritzie Cooper era uma mulher rechonchuda e jovial, de quase 60 quilos, desinibida, que se cansara do cheiro de petróleo e da moralidade de cidade pequena do lugar em que nascera, Findlay, no Estado de Ohio, levando a si mesma e sua capacidade de representar na escola secundária para Hollywood. Max a descobrira como garçonete no Hollywood Boulevard e lhe dera um emprego de coadjuvante. Não houvera qualquer condição. Só mais de um mês depois que ela começara a trabalhar no estúdio é que Max encontrou-

a por acaso e convidou-a para jantar. Depois disso, passara a levá-la para jantar e para a cama uma vez por semana. Max sempre achara difícil acreditar que uma mulher pudesse apreciá-lo por si mesmo. Quando se olhava no espelho, via um rosto de judeu, encovado e preocupado, os cabelos escasseando; mas se olhando no espelho ele nunca via o seu afeto, generosidade ou prazer nas mulheres. A verdade é que as mulheres gostavam dele. Fritzie tinha apenas 25 anos, enquanto Max já estava com 48 anos; mas ela o tratava quase maternalmente. Era o que acontecia com a maioria das mulheres que se envolviam com Max.

Era uma noite quente e agradável, sob o vento que soprava do deserto de Santa Ana. Foram jantar no jardim do Beverly Hills Hotel. Max estava sombrio e Fritzie lhe disse pelo menos cinco vezes:

— Vamos, Max, meu velho, anime-se.

Ela vinha saindo com alguns dos atores britânicos que enxameavam em Hollywood e, como um camaleão, costumava imitá-los, embora sem perceber isso. Contemplando o rosto dela, redondo, rosado, emoldurado pelos cachos dourados, Max sorriu a contragosto. Ela começou a rir, genuinamente feliz. Max sentiu o absurdo. Mas o fato é que, desde o início, seu mundo sempre fora totalmente absurdo.

— Por que não desabafa, meu velho, e conta tudo que o está preocupando?

Max esticou um dedo na direção da jovem.

— Uma fala de *A Namorada de Sanderson.*

— Como soube?

— Sou dono do estúdio, meu bem. Leio os roteiros. Vejo os filmes.

— Oh, Max, deve me achar muito estúpida.

— Ao contrário, acho que você é maravilhosa.

— É mesmo? Jura? Pois então quero um imenso filé de Nova York, com cebolas e batatas fritas.

— É o que terá.

De uma estranha maneira, pensou Max, tudo fazia sentido... ou tanto sentido quanto a maioria das coisas.

Feldman envelhecera. Encolhera ou talvez sua largura o fizesse parecer menor, a largura e a barriga estufada comprimindo-se contra o colete apertado do terno caro, além da franja de cabelos grisalhos em torno do crânio quase todo calvo. Afinal, já se passara um quarto de século desde que Max lhe dissera enfaticamente.

— Quer ser meu advogado, Freddy?

— Preciso falar com meus patrões.

— Que patrões? Está se referindo a Meyer Sonberg e a seu irmão? Você tem mais inteligência no dedo mindinho que os dois juntos. Eles são advogados perdedores, de porta de cadeia, perdem tempo com migalhas...

— Não fale assim, Max.

— Lembra dos tempos da Henry Street, quando os irlandeses da St. Mark's Place apareciam por lá à procura de briga? Não era brincadeira, o pau comia solto. Só que você, quando era apanhado sozinho, convencia os irlandeses a não fazerem nada. Nunca mais vou esquecer isso. Quero um bom advogado na minha companhia, alguém que possa convencer os bandidos a nos deixarem em paz.

Isso ocorrera 25 anos antes, mas Max ainda se lembrava do encontro. Talvez Feldman também se lembrasse, enquanto corria os olhos pelo escritório de Max e depois lhe dizia:

— Mande Shelly para casa.

— Por quê? Ainda são quatro e meia.

— Não vai mais precisar dela hoje. E não quero ninguém por perto... ninguém que possa nos escutar. Mande Shelly desligar o telefone e depois ir para casa.

Max fitou-o em silêncio por um longo momento. Depois, foi até a porta e disse a Shelly que avisasse ao centro telefônico do estúdio que ele não atenderia nenhuma ligação. Feito isso, podia ir para casa.

— Não correrei nenhum risco — disse Feldman. — Não quero que ninguém nos escute. Não que a coisa não vá se espalhar, mas quero que seja da maneira correta e apropriada, não como boato.

— Se pensa que a presença de Greenberg e seu sócio por toda parte, pedindo cada registro e talão de cheques, conferindo todas as contas dos últimos 10 anos, não deixou todo mundo com a pulga atrás da orelha, comentando e especulando, então está louco. E a coisa se agravou há três dias, quando trouxeram para cá cinco jovens bisbilhoteiros, que agem como se fossem os donos do estúdio...

— Fui eu que autorizei, Max. Disse a eles que o tempo estava se esgotando e que deviam me apresentar tudo o que já descobriram.

— E com todo esse segredo, eles tinham coisas concretas para revelar?

— Tinham.

— Muito bem, fale logo. Não fique sentado aí como um juiz idiota. O que descobriram?

— Comecemos por Jake Stein. O levantamento até agora foi só dos últimos sete anos. Nesse prazo, ao que parece... parece apenas, porque não se

trata ainda de uma auditoria meticulosa... que ele roubou perto de cinco milhões de dólares. Quero que compreenda uma coisa, Max: essa é a parte de Jake Stein como o comandante da fraude. Pelo que Greenberg e seus homens descobriram, há mais dois homens diretamente envolvidos e diversos outros indiretamente envolvidos.

— Quem são os dois? Ruby e Benny?

— Exatamente.

— Eu desconfiava que os dois filhos da puta tiravam dinheiro dos cinemas há anos. Mas como verificaram isso numa auditoria nos livros do estúdio?

— É isso o que me assusta, Max. Não pudemos. O que descobrimos foi o outro lado, companhias que não existem apresentando-se como fornecedoras. Por exemplo uma firma chamada Pesquisa de Mercado Criativa, prestando serviços de análise de mercado e consultoria. Pagamos três mil dólares por mês há sete anos. Ruby tem competência para assinar os cheques relativos à distribuição. É uma empresa fantasma, pura e simplesmente. Vamos pegar outro caso. É feito o orçamento de um filme. O diretor é contratado por 50 mil dólares Ele paga 10 mil a Ruby de comissão.

— Tem provas disso?

— Ralph Leone... cinco filmes, cinco comissões, 50 mil dólares para Ruby. Há anos que Ruby trabalha nesse tipo de coisa, junto com Jake Stein.

— E Benny?

— Benny? Porque tenho de lhe contar tudo?

— Porque estou pedindo.

— Está certo. Como sabe, em todas as filmagens externas que fazemos há uma "caixinha" para as pequenas despesas inevitáveis, variando entre 300 a 500 dólares por dia. Serve para subornar os guardas, pagar as casas que aparecem em cena, as pessoas que usamos como extras...

— Está me contando alguma coisa que eu ainda não saiba? — interrompeu-o Max, irritado.

— Calma, calma. O gerente de unidade é quem distribui o dinheiro. Sam Snyder conversou com dois deles. Ambos pagam 50 dólares por dia a Benny. O que provavelmente significa que todos os outros fazem a mesma coisa. O que dá um bom dinheiro... e o pior de tudo, Max, é que todos pensam que você está metido nisso, roubando a companhia.

— Filho da puta! Que mais?

— Quer que eu continue? A coisa é repugnante. Há quatro escriturários que não existem, dois guardas, dois carpinteiros... Jake Stein era um gênio. E ainda nem entramos na distribuição, onde Ruby mandava.

O rosto de Max estava contraído, tremendo. Ele fechou os olhos, sacudiu a

cabeça.

— Meu próprio sangue...

— Calma, Max, por favor — suplicou Feldman. — Precisamos controlar a situação.

— Como? Como? O que podemos fazer?

— O conselho diretor se reunirá dentro de três dias. Você terá de explicar que a morte de Stein e sua casa instigaram nossa ação. E depois revelará tudo o que já descobrimos. Eu apresentarei uma moção para que seja adiada qualquer ação decisiva até que se efetue uma auditoria completa. Vou sugerir também que uma firma respeitável de San Francisco seja contratada para essa auditoria. Provavelmente levará duas semanas e isso nos dará tempo para respirar.

— E de que isso adiantará?

— Neste momento, não sei responder. Quero estudar algumas leis, consultar alguns colegas.

— E o que vai acontecer com os filhos da puta dos meus irmãos?

— Não sei.

— Eles vão para a cadeia?

— Não sei, Max. Dê-me uma chance de pensar a respeito, examinar toda a situação.

Ruby era oito centímetros mais alto que Max. Com as feições lisas, queimado de sol, cabelos escuros encaracolados, corpo rijo, parecia ter muito menos que os seus 44 anos. Algumas das muitas mulheres que entravam e saíam de sua vida haviam comentado que ele não podia ser irmão de Max, pois eram completamente diferentes. Ruby era um autêntico produto de Hollywood. Só havia dois tópicos de conversa em sua vida: sexo e cinema. Suas áreas de interesse eram mais amplas. Jogava golfe e tênis, gostava de estar na companhia de estrelas. Seu nome já estava ligado a meia dúzia de grandes estrelas; havia nisso um pouco de verdade e um pouco de exagero.

Max encontrou-o na quadra de tênis nos fundos da casa em Beverly Hills, impecavelmente vestido em short de flanela branca e camisa branca de mangas curtas, na companhia de três louras risonhas. Ruby, que se divorciara de uma esposa em Nova York e de outra em Los Angeles, contentava-se com uma suíte no Beverly Hills Hotel como sua residência. Ao mesmo tempo, sentia-se em liberdade para usar a imensa casa que Max construíra para Sarah e Freida, a infeliz irmã solteira. Nominalmente, era a residência de Max, só que ele quase não dormia lá. Benny, que dirigia o escritório de Nova York, ainda no Hobart Building, na Rua 14, preferia um hotel à casa de Sarah em Beverly Hills, pois

isso lhe proporcionava plena liberdade para aproveitar as mulheres que o irmão Ruby tão generosamente fornecia. Ruby construíra pessoalmente a quadra de tênis.

— Não lhe custou um níquel — ele explicara a Max.

Sarah descobrira que a visão dos dois filhos mais jovens, empenhados naquele estranho jogo, nos fundos de sua casa, era curiosamente agradável. Mesmo nos dias mais amargos de pobreza, na Henry Street, Sarah jamais se entregara à abnegação. Era espantoso como ela se adaptara facilmente à vida em Beverly Hills. Aos 71 anos, ainda era saudável e vigorosa, determinada a tirar todo o proveito político de seu papel como mãe de Max Britsky. E, como sempre, Ruby era a sua alegria.

Max ficou observando a partida por alguns minutos, viu Ruby devolver uma bola à adversária loura e depois entrou na quadra, dizendo:

— Mande as garotas para casa. Quero conversar com você.

— Sem mais nem menos.

— Sem mais nem menos?

— Pelo amor de Deus, Max, podia ao menos me pedir decentemente.

— Por quê? Por acaso é tão decente que alguém tenha de lhe falar decentemente?

Ruby fitou Max firmemente por um momento, depois suspirou e gritou:

— Muito bem, meninas, é melhor irem para casa. Tenho negócios a tratar com meu irmão.

— Quem vai nos levar de carro? Quer que a gente volte a pé?

Ruby deu uma nota de 20 dólares a uma delas.

— Chamem um táxi. Podem usar o telefone lá dentro. E, agora, tratem de sumir.

Todas fizeram questão de passar por Max bem devagar, falando a ele e não a Ruby:

— Até a vista, Sr. Britsky.

Olhando para elas, enquanto se afastavam, Ruby comentou:

— Que coisinhas gostosas...

A reação de Max ao comentário foi desferir uma violenta bofetada no rosto de Ruby.

— Mas o que deu em você? — gritou Ruby. — Ficou maluco?

— Não levante a mão para mim, seu filho da puta! — berrou Max, quando o irmão fez menção de reagir. — Tente só e vou encher você de porrada.

Ruby baixou os braços, lamuriando-se:

— O que deu em você, Max?

— Uma coisa muito simples: Jake Stein morreu e fizemos uma auditoria.

Ruby ficou atordoado, incapaz de falar.

— Diga-me o que descobrimos, irmãozinho.

— Está bem! Está bem. — A arrogância começava a voltar, depois do choque inicial. — Tiramos um pouco. Aqui e ali. É o que todo mundo faz. Está na própria natureza do negócio.

— Seu patife nojento! Pago a você 800 dólares por semana e mais as despesas, a um *schmuck* que não conseguiria ganhar 50 dólares em qualquer outro lugar. E agora vem me dizer que só tirou um pouco, aqui e ali. Um pouco? Quantos milhões constituem esse um pouco? Tomei conta de você desde o tempo em que mijava na fralda. Dei sua comida. Pus roupas em cima de você. E é assim que me agradece? O que você fez? Tramou tudo isso com Benny, os dois criando o próprio sindicato do crime?

— Calma, Max, calma. Não arruinamos a companhia. Apenas tiramos um pouco da nata. Ainda resta muita coisa.

— Você está certo. Absolutamente certo.

— Então por que toda essa... — Max se virara para ir embora e Ruby apressou-se em acrescentar: — Ei, espere um instante!

— Para quê?

— Um momento atrás você estava prestes a me esfolar vivo.

— É verdade.

— E então?

— Está feito. Não adianta eu ficar tão nervoso. Pelo que posso prever, talvez você e Benny tenham a sorte de serem postos na mesma cela. Terão então muitos anos para pensar a respeito e decidir se é crime ou não tirar só um pouco da companhia.

— Mas do que você está falando?

— De cadeia, irmão... c-a-d-e-i-a. É o que acontece quando se vira um escroque e se é apanhado. E pode estar certo de que é justamente o que vai acontecer com você.

— Está brincando, Max.

— Acha mesmo? Pois espere só para ver.

— Está doido, Max. Não pode meter a mim e a Benny na cadeia. Somos seus irmãos.

— Tem razão, são mesmo meus irmãos.

O conselho diretor de Max, como muitos outros conselhos, refletia não apenas a companhia, mas também outras instituições aliadas. Max era o presidente do conselho, além de presidente-executivo da Britsky Productions. Sam Snyder era

vice-presidente da Britsky e também membro do conselho. Fred Feldman, o terceiro membro do conselho, era secretário da Britskv Productions. Bert Bellamv e Clifford Abel também pertenciam ao conselho. Abel era diretor de arte do estúdio e Bellamy o vice-presidente encarregado da distribuição. Sally, em decorrência de seu acordo com Max e de sua porção considerável de ações, também era do conselho, embora não comparecesse a nenhuma reunião desde o divórcio. Formando um total de nove, havia mais três membros do conselho que não pertenciam à companhia: Kust Avanti, um vice-presidente do Bank of America, Julius Holms, um vice-presidente do Chase Bank, e Royce Byron, um dos muitos vice-presidentes da companhia telefônica.

Os anos haviam proporcionado um ar e uma aparência de prosperidade distinta a Bert Bellamy. Encorpara sem se tornar gordo; os cabelos abundantes haviam passado do louro para o branco; usava um pincenê com uma serena autoridade. Clifford Abel praticamente não mudara; mantinha a sua satisfação e emoção juvenis por cada coisa nova na Britsky Productions. Avanti, meio italiano, meio alemão, era devidamente arredio e desconfiado, como convinha a um banqueiro que representava um dos maiores bancos do mundo. Julius Holms conhecia Max desde os velhos tempos de Nova York, mas também era altamente consciente das forças que representava. Alto, magro, azedo, Royce Byron sempre dava a impressão do grego no acampamento dos bárbaros. No início, a companhia telefônica apoiara o truste e fora fragorosamente derrotada por Britsky, mas o tempo trouxera novas patentes e uma nova cooperação.

Max sugerira a Feldman que, como secretário da corporação, ele era o mais indicado para apresentar os fatos. Ao mesmo tempo, estava consciente de que Feldman era mais simpático e amável do que ele jamais conseguiria se mostrar. Ninguém em seu juízo perfeito poderia pensar em Freddy Feldman em termos de mau procedimento. Além disso, o tratamento legal que Feldman aplicava a tudo ajudava consideravelmente.

Quando ele terminou a exposição. Avanti declarou:

— No momento, expressarei apenas o choque e surpresa normais. Mas gostaria de fazer algumas perguntas ao nosso presidente.

Os outros assentiram. Cada um tinha algo a dizer, mas todos cederam a palavra a Avanti. As pessoas que trabalhavam na companhia tinham alguma indicação da exposição de Feldman. Para os três de fora, no entanto, fora uma surpresa total e chocante. Max levantou-se, acenando com a cabeça.

— Responderei a qualquer pergunta. Nossa decisão é a revelação completa de tudo.

— De quem é essa decisão?

— Minha e do Sr. Feldman. Conversamos a respeito logo que

descobrimos os primeiros fatos.

— E quando você ou o Sr. Feldman descobriram esses desvios?

— Não é bem isso — disse Max. — Depois da morte de Jacob Stein, Mr. Snyder e eu fizemos uma visita de condolências à família, num bairro exclusivo de Los Angeles, chamado Bel Air. Para ser franco, nem eu nem qualquer outro diretor da companhia mantinha relações sociais com o Sr. Stein. Assim, era a nossa primeira visita à sua casa. Antes disso, eu fora informado de que o Sr. Stein não pedira um aumento de salário nos últimos 12 anos. Ganhava 300 dólares por semana, um salário muito baixo para alguém de sua competência e inteligência.

Isso provocou risadas amargas em torno da mesa.

— Um escroque, mas muito esperto — continuou Max. — Não gozava de simpatia na firma e achamos que ele devia pensar que aproveitaríamos o pretexto para despedi-lo se pedisse um aumento. Ele não queria que isso acontecesse. E como supervisionava a folha de pagamento, ninguém comentava o assunto.

— Mesmo assim, você deveria saber. Como isso lhe escapou?

— Somos uma organização muito grande, Sr. Avanti. Muita coisa me escapa. Quando chegamos à casa do Sr. Stein, compreendemos que havia uma discrepância muito grande entre o que ele recebia e o que gastava.

— Você e o Sr. Snyder?

— Isso mesmo.

— E sua providência seguinte foi conversar com o Sr. Feldman?

— Ele é nosso advogado.

— Claro.

Holms, do Chase Bank, perguntou nesse momento:

— Pode fazer alguma estimativa de qual será a cifra total?

— Nesta altura, não. Não me atreveria.

Royce Byron perguntou a Bert:

— Sr. Bellamy, qual é sua avaliação da situação financeira da Britsky Productions?

— Não estamos absolutamente em perigo. Em termos gerais, posso assegurar que nossa receita é suficiente para cobrir a linha de crédito, saldar as despesas em andamento e permitir a continuação das operações. O lucro para o ano de 1927 será provavelmente o maior de nossa história.

— Fico aliviado por saber disso. Muito aliviado. Creio que falo pela maioria ao dizer que essas revelações foram chocantes demais. A magnitude das quantias desviadas é quase sem precedentes nos anais dos negócios modernos...

Max levantou-se abruptamente.

— Espere um pouco, Sr. Byron. Não quero fazer pouco caso do que

aconteceu. A coisa é muito grande. Mas vivi nos tempos de Gould e Vanderbilt. Neste caso, pelo menos os acionistas é que foram roubados, não o público. E como sou o maior acionista, arco com a maior parte do prejuízo.

— Não tem do que se queixar. Sofreu o prejuízo de sua própria família.

— Isso é um golpe sujo! — berrou Sam Snyder.

Avanti interveio:

— Isso não vai nos levar a parte alguma. E até que saibamos de todos os fatos, não podemos determinar uma ação. Se o conselho assim desejar, assumirei a responsabilidade por trazer os nossos próprios contadores. Acho que devemos lhes dar pelo menos um mês inteiro para a auditoria. Posso apresentar essa proposta?

— Claro que pode — disse Feldman. — Alguma objeção?

Não houve nenhuma e a proposta foi aprovada. Concordaram também em uma nova reunião dentro de 30 dias.

— E acho que devemos envidar todos os esforços para que a Sra. Upperman esteja presente — acrescentou Holms. — Seria melhor que tivéssemos uma reunião com todos os membros do conselho presentes.

— Tentarei convencê-la a comparecer — prometeu Feldman.

Antes de se retirar, Avanti disse:

— Espero que compreenda, Max, que nada disso é dirigido contra você pessoalmente. Algumas das melhores pessoas que já conheci têm famílias difíceis. Creio que até eu posso ser incluído nisso. É preciso algumas gerações para separar o joio do trigo e nisso os ianques levam vantagem sobre a gente. Na minha opinião pessoal, a sua administração desta companhia tem sido brilhante.

— É apenas uma tempestade em copo d'água — comentou Clifford Abel. — Eu deixaria que roubassem todo o estúdio se pudéssemos sair com um único grande filme. Quem se importa com o resto?

Julius Holms apertou a mão de Max, efusivamente, antes de ir embora, junto com Avanti. Clifford Abel seguiu-os. Bert Bellamy murmurou algumas palavras e saiu com Royce Byron.

— Ele não precisava sair com Byron — disse Max a Snyder e Feldman. — Foi uma atitude deliberada.

— Claro que foi deliberada — concordou Feldman. — Não seja estúpido, Max, Bellamy e Byron esperam ha anos por uma oportunidade. E não tenho certeza se nossos dois garotos banqueiros ficarão do nosso lado ou se se manterão neutros.

— Bert Bellamy... Santo Deus! Bert Bellamy era como um irmão para mim!

— Ruby também.

— Ainda estamos vivos e esperneando — disse Sam Snyder. Ele parecia contrafeito em seu terno de sarja azul. Só parecia natural e à vontade quando usava jeans de operário, a camisa de algodão enrolada pelos braços musculosos, a barriga caindo por cima do cinto com as ferramentas. Com o colete abotoado, não conseguia respirar. Mas, encerrada a reunião, pôde tirar o paletó e o colete. — Somos nove no conselho. Com Holms e Avanti, temos a maioria, se o pior acontecer. E talvez Sally apareça. E não venham me dizer que uma mulher que viveu tantos anos com um homem não sente mais nada por ele.

Max sorriu pela primeira vez desde que a reunião começara.

— O que você conhece das mulheres, Sammy? Alice. É só isso o que conhece das mulheres.

— Qual é o problema? Alice não é uma mulher?

— Uma verdadeira jóia. A maneira que Deus mais sacaneou foi arrumar para que ela casasse com você e não comigo.

— Você só a conheceu depois que estávamos casados há anos, Max.

— Sei disso. Mas estávamos falando do que Sally sente em relação a mim. Pois vou dizer. Ela seria capaz de me cortar a garganta, mas não ficaria parada a me ver sangrar, porque não gosta de visão de sangue.

— Ora, deixe disso...

Feldman entrou na conversa:

— Especular sobre isso é pura perda de tempo. O que importa é que Max possui 51 por cento das ações. Não sei que tipo de manobra Bert e Byron estão tramando. Mas você tem os votos, Max. Eles podem pressioná-lo até a beira, mas lá você resiste e manda os dois para o inferno.

— Ora, Freddy, não se esqueça de que é com Max que está falando.

— O que você quer que eu diga? — indagou Feldman, quase beligerante. — Há ocasiões em que você é tão esperto que não precisa de um advogado.

— Freddy, Freddy... — Max adiantou-se e passou o braço pelos ombros do advogado. — Este é o momento certo para brigar comigo? Sabe do que estou falando tão bem quanto eu. Sabe muito bem o que Bert e Byron estão tramando.

— Diga o que é.

— Ruby e Benny irão para a cadeia?

Feldman não respondeu.

— Vamos, diga.

— Somente se o conselho decidir lançar um processo criminal.

— E para isso não é preciso a maioria. Basta um membro do conselho. Não estou certo?

— Está.

— Posso então pegar os meus 51 por cento e enfiar no rabo. Não é

mesmo?

— Se o conselho resolver ir de encontro ao seu desejo.

— Quem você estava dizendo para não ser estúpido?

— Sabe o que acabou de fazer, Max — disse Feldman, furioso. — Formulou uma série de suposições de que não posso discordar. E depois tirou uma conclusão que não tem a menor validade. A verdade é que não sabemos o que vai acontecer. Nem mesmo levantamos a possibilidade de Ruby fazer alguma restituição...

— E Benny também. Por que deixar Benny de fora? Mas quer saber de uma coisa, Freddy? Ruby não poderia nem mesmo restituir o dinheiro do café desta manhã. Ele toma dinheiro emprestado de minha mãe para os seus jogos de pôquer. Para começar, você teria de procurar todas as putas de Hollywood para juntar a restituição. E se conseguisse dois cents por dólar, seria um milagre. Um escroque não compra títulos ou ações, não guarda o dinheiro no banco. Ele estoura tudo. Ora, mas que merda! Vamos logo jantar.

Max soube que Benny estava em Los Angeles. Mas até onde foi informado, Benny não se aproximou do estúdio. Ao contrário de Ruby, que passara por duas esposas e dois divórcios, Benny permanecera casado com a mulher que lhe dera três filhos e muita liberdade. Benny era o mais alto dos três irmãos, com 1,88 m, ruivo, sempre requisitado pelas mulheres. Certa ocasião explicara a Max, em detalhes; por que Ruby era um *schmuck* na arte de foder.

— Quando se fica casado, não importa o que aconteça, não se tem um envolvimento emocional — dissera Benny. — E quanto isso custa... um casaco de pele ano sim ano não, um conversível novo nos outros casos? O preço é muito barato. Minha Stella não se incomoda. Posso trepar com todas as mulheres que quiser e até mandar cartões-postais do ato, desde que ela tenha o seu casaco de pele, a casa em Great Neck, a piscina e a quadra de tênis. Do resto, ela não se queixa.

A defesa de Max contra Benny era desligá-lo. Encontrava-se com o irmão quando era necessário, mas sem ouvi-lo ou mesmo vê-lo. Jamais ocorrera a Max calcular o custo dos casacos de pele, conversíveis e as coristas que Benny usava para freqüentar os bares clandestinos e hotéis de luxo.

Assim, quando soube que Benny estava em Los Angeles, Max não fez o menor esforço para uma confrontação. De que adiantaria? No que lhe dizia respeito, ficaria feliz se nunca mais encontrasse qualquer dos irmãos. Haviam sido enviadas cartas a todos os gerentes de cinemas insinuando que haveria processo criminal se fosse constatado qualquer desvio indevido da receita. Todos

os gerentes de produção no estúdio foram informados que se estava efetuando uma auditoria. Não restava a menor dúvida de que Benny estava a par do que acontecia; e o que ele não soubesse, Ruby informaria. Depois de três dias, Sam Snyder informou a Max que Benny voltara a Nova York e estaria no Hobart Building, se o irmão quisesse lhe falar.

— Por que está me dizendo isso?

— O garoto me procurou para saber como você se sentia em relação a ele — explicou Snyder.

— E o que disse a ele?

— É um problema de família, Max. Não posso me envolver. Disse a ele que procurasse você e perguntasse diretamente.

— Sabe muito bem como me sinto. Eu deveria ter enchido os dois de porrada quando ainda eram garotos. Deveria ter imposto a lei a eles. Mas fui negligente... negligente demais.

— Mas você tinha 12 anos na ocasião.

— Nunca tive 12 anos.

- Ele me perguntou se você deixaria que os outros o mandassem para a cadeia.

— Posso impedi-los?

Mas a questão que Max formulava para si mesmo era se queria. Estava profundamente magoado. Já fora magoado antes, mas nunca daquela maneira. Uma coisa era vender entradas de teatro a prostitutas para que sua família pudesse comer. Outra muito diferente era cuidar de todos os seis num estilo com que nunca haviam sonhado, proporcionando empregos regiamente pagos não apenas aos irmãos, mas também aos maridos imprestáveis de duas de suas irmãs, além de construir uma mansão em Beverly Hills para a mãe e a pobre solteirona da Freida, para não falar de Ruby quando não estava instalado no hotel, além de dar mil dólares por semana a Freida para as despesas domésticas — e, apesar disso tudo, aqueles dois vagabundos haviam-lhe roubado dois, três ou até quatro milhões de dólares. Ele não se importava com o dinheiro. Quando em sua vida se importava com dinheiro? Se tivessem pedido... Mas tinham de roubar, transformá-lo num *schmuck* aos olhos de seus amigos, conselho diretor, o pessoal do estúdio, e o resto do mundo. Max já sentia, cada vez que passava pela rua do estúdio, uma centena de rostos a se virarem em sua direção, quase que podia ouvir os comentários:

— Lá vai o maior otário deste país.

A campainha do telefone interrompeu seu devaneio. Shelly Greene informou que sua mãe estava ao telefone. .

— Diga a ela que não estou.

Max voltou a se concentrar em seu problema. Queria que Ruby e Benny fossem para a cadeia?

— Não pode evitá-la para sempre, Sr. Britsky. Ainda é meio-dia e ela já telefonou cinco vezes — disse-lhe Shelly no dia seguinte.

— Sobreviverei a isso, Shelly.

— Não sei mais o que dizer, Sr. Britsky.

— Diga a ela que morri.

— Não posso fazer isso. Sabe que não posso.

— Está certo. Diga a ela que estarei lá esta tarde, por volta das quatro horas.

Ela percebeu a expressão no rosto de Max e disse, tão gentilmente quanto podia:

— Não é um funeral, Sr. Britsky, apenas sua mãe.

— Está enganada, meu bem. É mesmo um funeral.

A irmã Freida recebeu-o na casa em Beverly Hills como se fosse mesmo um funeral. O rosto dela estava inchado, os olhos vermelhos, um lenço molhado enxugava as lagrimas adicionais. Max sempre tivera um sentimento especial por Freida. A vida não fora muito boa para ela. As outras duas irmãs, Sheila e Esther, eram casadas, tinham filhos. Não importava para Freida que os homens com quem casaram fossem, aos olhos de Max, vagabundos e imprestáveis, que não conseguiriam ganhar a vida sem sua ajuda, que nada seriam se não os contratasse como gerentes de cinema. Nada disso significava coisa alguma para Freida. Seu útero era estéril, seu coração era estéril. Nunca se livrara da convicção de que Deus a punia pelo aborto que fizera, apesar da insistência de Max de que Deus tinha coisas mais importantes com que se preocupar. Max cumulava-a de presentes, de dinheiro. Arrumara empregos para ela no estúdio, embora Freida não fosse boa em coisa alguma. Até arrumara homens para apresentar a ela. Mas o corpo rechonchudo e atraente da juventude se transformara numa massa de gordura e nenhum namorado arrumado por Max resistia durante muito tempo.

Agora, quando Max perguntou onde estava a mãe, ela respondeu soluçando:

— Na cama. Onde mais ela poderia estar? Gostaria que estivesse dançando de alegria? Seus dois filhos vão para cadeia como ladrões comuns e você gostaria que ela estivesse dançando de alegria?

— Pare com essa besteira, Freida — disse Max, irritado.

— Claro, claro. O que significa para você meu lindo irmão Benny ir para a cadeia como um criminoso comum?

— Seu lindo irmão Benny e seu lindo irmão Ruby são uns merdas miseráveis e coniventes. A cadeia é boa demais para eles. — Freida desatou a

chorar outra vez. Max abraçou-a e acrescentou: — Está tudo bem, querida. Não precisa se preocupar.

— Vá falar com mamãe. Ela está à sua espera.

Sarah Britsky estava com 71 anos, mas o tempo não definhara seus charmes, como dissera o poeta. Depois de algum protesto e mau humor inicial, Sarah Britsky se integrara em Beverly Hills como um peixe na água. Se Max fosse um filósofo, poderia especular que a mãe possuía a natureza essencial e as qualidades das mulheres que vivem em palácios. Mas como tinha outras coisas no pensamento, sentia-se simplesmente contente por ela estar contente na vasta casa de nove quartos, ao estilo de plantação da Louisiana. Enfrentando a concorrência de outras matronas idosas do recém-criado cenário de Beverly Hills, ela tirara proveito ansiosamente de todas as coisas boas que fluíam para lá de todos os cantos da nação, como os caríssimos cabeleireiros, costureiros, massagistas, maquiladores, peleteiros. Eram os componentes da água faiscante dessa fonte da juventude que se chamava dinheiro. Ela ocupava o maior quarto da casa, com cinco por sete metros, dois imensos armários embutidos que continham pelo menos dois ou três anos de compras. Foi nesse quarto, em sua cama, usando um chambre azul rosa, de seda e cetim, muita renda, que custara quase 200 dólares, que Sarah recebeu o filho. Os cabelos pintados, de um castanho-avermelhado claro, eram ligeiramente ondulados; as faces estavam animadas pelo ruge, os lábios por batom. A colcha de seda e renda se achava dobrada, Sarah se recostava em três travesseiros. O quarto tinha um tapete branco, seda azul como papel de parede, um sofá e duas poltronas.

Vendo a mãe assim, Max sentiu o estômago embrulhado. Mas o que fazer? Não se pode dizer à própria mãe que ela parece uma megera horrenda. E não importava o que ele fizesse, nunca poderia superar o medo profundamente arraigado de Sarah.

— Venha dar um beijo em sua mãe, Maxie querido — murmurou Sarah, enxugando os olhos, mas sem esfregar, o que estragaria a maquilagem.

Max beijou-a, com a sensação de que mergulhava num miasma sufocante de perfume forte.

— Sente-se, Max.

Ele sentou-se numa das poltronas.

— Eu poderia estar morrendo, bem aqui na minha cama, e você não levantaria um dedo para me ajudar.

— Como?

— Quem dá atenção às lágrimas de uma mãe? O mundo continua. Quem ouve? Quem se importa?

— Mas do que está falando, mamãe?

— Está vendo? Eu falo, mas você não escuta.

— Sempre a ouço, mamãe. Mas não sabia que estava doente. Bastava dizer à minha secretária que estava doente e eu viria imediatamente.

— Sabe qual é a minha doença? Estou de coração partido.

Houve um longo momento de silêncio, antes de Max murmurar:

— Ninguém morre de coração partido.

— Mas como pode dizer uma coisa dessas à sua mãe?

— O que você quer, mamãe?

— Quero que seus irmãos, meus dois lindos filhos, não sejam presos.

— Mamãe...

Max parou de falar. Sarah fitava-o fixamente, com a mesma expressão sombria de poder que possuía quando ele era pequeno. Max baixou os olhos e disse:

— Mamãe, seus dois lindos filhos são patifes, ladrões. Quando os ladrões são surpreendidos a roubar, vão para a cadeia. Não é uma coisa que eu ou qualquer outro decida. É a lei do país.

— O que é roubar? Eles pegaram uns poucos dólares. É da família. Da família. Não tiraram nada de estranhos.

— Não foram uns poucos dólares, mamãe. Uns poucos milhões de dólares.

— E daí? Você está passando fome? Sua companhia vai à bancarrota por causa disso? Olho pela janela e vejo você chegar numa limusine Cadillac, com chofer ainda por cima. Para você, o mundo inteiro... fica sentado como um rei lá no vale... mas nada para os seus irmãos. Não pense que não sei. Não pense que Sarah Britsky é uma tola. Sam Snyder você faz um milionário, põe no conselho diretor. E ele nem mesmo é judeu... um *goy*, como Bellamy, que não passava de um reles ator de *music hall*. E Feldman, cujo pai tinha uma confeitaria na Division Street. Você fez todos milionários e eles se sentam no conselho diretor. Não pense que não compreendo, porque Ruby e Benny me contam tudo. Mas para seus irmãos, sua própria carne e sangue, nada, nem uma única ação...

Max interrompeu-a:

— Isso não é verdade. Você tem ações da companhia. E Freida também tem.

— Então sou uma mentirosa?

— Eu não disse que era mentirosa, mamãe.

— E deu ações a Ruby e Benny, por isso sou uma mentirosa.

— Mamãe, mamãe... por que tem de distorcer minhas palavras? Não dei ações a Ruby ou a Benny. Dei a eles bons empregos na companhia.

— E agora, porque eles tiveram de tirar uns poucos dólares seus, você

deve matar os dois. Deve mandá-los para a prisão e matá-los. Em vez disso, mate logo a mim, porque morrerei no dia em que meus filhos forem para a prisão. Eu morrerei.

— Não posso ajudá-los, mamãe. Eles são culpados e têm de pagar pelo que fizeram.

— Ruby diz que a decisão é sua.

— Não, mamãe, não é.

— Ruby diz que é. Diz que você pode negociar. Acredito nele. Se fizer isso com meus filhos, Max, tomo pílulas para dormir. E terá de viver com a minha morte na consciência. Mate seus irmãos e estará matando sua mãe também. Não viverei para ver meus filhos na prisão. — Ela começou a chorar e acrescentou, entre os soluços: — É demais ter de suportar tudo isso. Depois de todo o meu sofrimento, ainda tenho de passar por isso.

Max jantou naquela noite na casa de Sam Snyder. Alice fez *weisswurst* com lentilhas, repolho e torta de maçã. Snyder descobrira uma casa em San Francisco onde fabricavam excelentes frios alemães e recebia uma remessa todas as semanas. Os dois homens se fartaram de comer, ajudando com a cerveja escura alemã que Max tanto apreciava. Pela centésima vez, Alice especulou por que, quando ambos comiam a mesma quantidade, Max permanecia tão magro, enquanto a barriga de Snyder se tornava cada vez maior. Alice finalmente fizera pé firme, não mais permitindo que os homens fumassem dentro da casa. Assim, depois do jantar, os dois saíram para a varanda com seus charutos. Era uma daquelas noites ocasionais de Santa Ana, em que o vento do deserto transforma a noite normalmente fria de Los Angeles em quente e fragrante. Os dois se acomodaram confortavelmente em espreguiçadeiras. A fragrância dos jasmins se misturava com o cheiro agradável de bons charutos. De uma casa próxima vinha o som de uma vitrola tocando Barney Google.

— Estou me sentindo tão bem quanto em qualquer outra ocasião anterior, exceto talvez quando Della estava viva — comentou Max. — Mas já desisti de sonhar que poderei encontrar alguém como Della. Neste momento estou muito feliz... e tudo o que se precisa para isso é de um bom charuto cubano de meio dólar.

— A comida de Alice ajuda.

— Tem toda razão.

— Mas tenho de estragar um pouco o seu prazer. Sally virá para a reunião do conselho.

— Como sabe?

— Freddy me contou. Tentou localizar você esta tarde. Quando finalmente descobriu que tinha ido para a casa de sua mãe, ligou para lá. Mas você já havia saído. — Snyder observava Max atentamente, com uma expressão pensativa. — Não consigo entender, Max. A mulher era apaixonada por você.

— Que mulher?

— Sally. Quem mais podia ser?

— O que o leva a pensar isso? — perguntou Max, quase irritado.

— Está bem, está bem. Não precisa brigar.

— Esqueça, Sam. O dia em que eu começar a brigar com você é porque chegou o momento de deixar a raça humana. É verdade que todo mundo pensa que Sally estava apaixonada por mim e tínhamos uma coisa linda até que estraguei tudo ao trocá-la por Della... só Sally e eu não acreditamos nisso. Sally nunca me amou e acho que também nunca a amei muito. No começo, Sally era tudo que eu não era. Para mim, ela possuía classe e inteligência. Era uma professora. Jamais encontrara uma professora judia antes de conhecer Sally. Sabe quantas professoras judias havia na década de 1890? Nenhuma. E eu era um garoto maluco que tinha de conseguir tudo o que queria, especialmente porque ela não me queria. Sally pensa que casou comigo porque foi pressionada por seus pais, depois que eles concluíram que eu ganharia alguns dólares e que ela estava a caminho de se tornar uma velha solteirona. Mas não foi nada disso. Ela se casou comigo porque eu fazia com que os outros rapazes que conhecia parecessem uns merdas. É isso que ela nunca me perdoou. Passei a vida inteira tentando compreender. Sally era capaz de fazer qualquer coisa, como imaginar aquele nosso primeiro grande filme, mas depois se virou contra mim como uma gata selvagem. Quer saber por que ela me odeia? Porque casou comigo, porque fez uma coisa que nunca poderá perdoar a si mesma.

Max tornou a acender o charuto, que se apagara. Snyder sacudiu a cabeça.

— Não faz muito sentido, não é mesmo, Sam?

— Não, não faz. Já vi muitas mulheres ficarem doidas por você.

- Não fazia muito sentido para mim a princípio, mas estou vivendo com isso há muito tempo. Talvez eu tenha adivinhado certo, talvez não. Digo a mim mesmo que fui bom para ela, mas Sally acha que me comportei como um filho da puta. Quem sabe? Talvez ela esteja certa. Tentei ser bom com minha mãe, mas isso também não adiantou.

— O que sua mãe pensa de tudo isso?

— Diz que vai se matar se Ruby e Benny forem para a cadeia.

— Acredita nisso?

— Minha mãe? — Max sacudiu a cabeça. — Não há a menor possibilidade. Se ela se matasse, quem ficaria aqui para me atormentar?

— Tem razão nisso.

— O que vou fazer, Sam? Sabe tão bem quanto eu o que vai acontecer na reunião. Aparecerão com três ou quatro milhões de dólares que podem ser atribuídos a Ruby e Benny. Freddy me disse que estão fazendo um levantamento dos últimos 12 anos. Graças a Deus que não podem levantar todo o dinheiro que aqueles dois *momzers* pegaram.

— Talvez não seja tanto assim. Apenas um milhão ou por aí. Lembre-se de que a maior parte passou por Jake Stein e assim não será fácil atribuir a Ruby.

— Só que isso não muda nada. Sabe por que Sally está vindo para cá?

— Mais ou menos.

— Aquele marido dela é unha-e-carne com todo grande banco de Nova York. Pode estar certo de que ele vem conversando com o pessoal do Chase. Uma coisa é ser um judeu de classe como Felix, outra muito diferente é ser um garoto da Henry Street, como Max Britsky. Quanto à companhia telefônica, tenho sido uma espinha na garganta deles desde que estouramos o truste. Sally estará aqui porque os seus cinco por cento das minhas ações valem mais de 10 milhões de dólares aos preços de hoje, mas isso não é suficiente para aqueles filhos da puta gananciosos. Querem todo o bolo, querem a companhia... e esta é a oportunidade que esperavam. E vão me dizer: ou nos entrega a companhia ou processamos seus irmãos. E o que vou fazer, Sam?

— Acha mesmo que será isso?

— Tenho certeza.

— Não podem pedir que você entregue a companhia! Isso os poria no nível de Jake.

— Certo. Simplesmente me pedirão para fazer a restituição.

— E você pode?

— Não sei. Não sei o que eles prepararam. Não sei qual é a cifra que vão apresentar. Feldman diz que não resta a menor dúvida de que Ruby e Benny entraram numa conspiração com Jake Stein. Nos termos da lei, isso pode fazer com que Ruby e Benny sejam responsáveis por toda a soma, que pode se elevar a oito, nove ou dez milhões. E como eu poderia levantar dez milhões?

— Max, minhas ações valem três milhões. Venderei tudo amanhã se você precisar do dinheiro para manter o controle.

— Adoro você, Sam, mas não se pode fazer assim. Prefiro abandonar tudo antes de tocar numa só ação sua, de Freddy ou Cliff. Seja como for, se bem conheço aqueles filhos da puta, eles levaram isso em consideração. Vocês não precisariam me dar as ações. Bastaria o direito de voto. Mas eles sabem disso e não deixarão essas falhas. A decisão é minha. Posso dizer a eles que se fodam e fico com a companhia, Ruby e Benny vão para a cadeia e temos o maior

escândalo que esta cidade já testemunhou desde Fatty Arbuckle.

Fred Feldman confirmou o pensamento de Max, dizendo-lhe:

— É melhor você saber logo de uma vez que Upperman está com Sally no Beverly Hills Hotel. Dei um dinheiro ao porteiro para me informar quando eles chegassem e mais um pouco para anotar os nomes de todas as pessoas que forem procurá-los. E ontem à noite eles tiveram um longo jantar com alguém que corresponde à descrição de Bert Bellamy. Meu palpite é de que o pagamento de Bellamy pela traição será o seu cargo, presidente da Britsky Productions.

— Então estão me enterrando antes mesmo de me enforcarem. Como sabem o que decidi? Eu próprio ainda não sei.

— Meu palpite é de que Sally garantiu a todo mundo que você não deixará que Ruby e Benny sejam presos.

— O que Sally pensa? Que sou um sujeito decente? Seria a primeira vez que ela me julgaria assim.

— O que você acha?

— Não sei.

— Ora, Max, deve saber de alguma coisa. Teve quase um mês para pensar nisso.

— Tem certeza de que essa história de conspiração pode ser mantida?

— O elemento de conspiração não é uma coisa que criaram só para nos atingir, Max — disse Feldman, suavemente, como se assim quisesse reforçar a argumentação. — Houve uma conspiração para a fraude. O desvio de dinheiro poderia não ter ocorrido sem a conivência de cada um dos três conspiradores. Não tínhamos certeza disso no início. Mas temos agora. Stein controlava, mas era de certa forma um prisioneiro de seu escritório. Precisava de um homem no estúdio e outro nos cinemas. Portanto, a fraude foi uma conspiração quase clássica. Um dos conspiradores morreu, mas a lei não divide a responsabilidade pelos frutos do crime. Ruby e Benny são responsáveis pelo todo. E, por falar nisso, tem visto Ruby ultimamente?

— Não... nem quero.

— Pois ele foi me procurar. Eu não ia contar a você, mas Ruby perdeu o controle e chorou como um bebê. Suplicou-me que usasse toda a minha influência sobre você para livrá-lo da cadeia.

Max deu de ombros.

— Está certo. Pode usar.

— Não tenho a menor intenção e foi o que disse a ele. De qualquer forma, eu o conheço bem demais para imaginar que alguma palavra minha possa fazer

diferença.

A reunião do conselho foi marcada para o estúdio, na sala de jantar VIP. Max providenciara passes para os quatro membros do conselho que não trabalhavam no estúdio. Enviara o de Sally para o hotel e também providenciara para que uma limusine fosse buscá-la. Estava em sua sala, na tarde da reunião, quando o telefone tocou. Era Pat Maguire, o guarda no portão oeste, dizendo:

— A limusine está aqui com a Sra. Upperman. Devo deixar passar?

— Ela não tem um passe, Pat? Então por que está me telefonando?

— Desculpe, Sr. Britsky. Claro que ela tem um passe. Mas o marido não tem.

— Espere um instante... Quer dizer que o marido está com ela?

— Isso mesmo.

— O Sr. Felix Upperman?

— É como ele disse se chamar.

— Sr. Felix Upperman... Pat, fez muito bem em me telefonar. A Sra. Upperman passa. O Sr. Upperman não. Ele pode esperar no portão até que a Sra. Upperman termine a reunião. Ou você pode telefonar e pedir um táxi para levá-lo de volta ao hotel.

— Não quer que a limusine leve o homem para o hotel, Sr. Britsky? Afinal, nunca soube que tivesse mandado pedir um táxi para qualquer pessoa...

— Pat, a limusine serve aos negócios do estúdio. E não posso imaginar qualquer negócio do estúdio que envolva o Sr. Felix Upperman.

— Mas às vezes pode demorar uma hora até aparecer um táxi, Sr. Britsky.

— Tem toda razão. Às vezes uma hora, às vezes até mais.

Max desligou e sorriu, pela primeira vez em muitos dias.

— As pequenas coisas — disse ele, em voz alta — às vezes são mais importantes que as grandes coisas.

Depois, ele encaminhou-se para a sala VIP. Feldman, Avanti e Sally estavam lá. No instante em que Max entrou, Sally virou-se para ele, em fúria.

— Seu desgraçado nojento! Tinha de humilhar um homem que é muito superior a você!

Max abriu os braços.

— Sally, Sally, eu não sabia que ele ficaria tão magoado. Mas, afinal, ele deve compreender que uma reunião como esta tem de ser absolutamente confidencial.

— Ele não queria participar da reunião. Tudo o que desejava era dar uma volta pelo estúdio, ver as coisas...

— Agora que ele vai assumir.

— Ele nunca visitou um estúdio.

— Pobre coitado. Mas não terá agora bastante tempo para isso?

Sally fez um esforço para se controlar.

— Estou vendo que a Califórnia não melhorou você. Não sei por que eu deveria pensar que pudesse melhorá-lo. Ainda é o mesmo delinqüente deplorável da Henry Street.

E, com isso, ela virou-se, foi para o outro lado da mesa comprida e sentou-se. Para Max, o mais espantoso era constatar como ela mudara pouco. Da mesma forma que Sarah, ela se ajustara muito bem às vantagens da riqueza.

Usava um vestido Chanel, com gola e punhos de cetim, uma echarpe de tricô, um diamante de pelo menos quatro quilates e um colar de pérolas. Os cabelos ondulados não apresentavam qualquer fio branco. Sempre fora esbelta e não mudara muito, apesar de ter envelhecido. Max não podia relacioná-la com a Sally que conhecera há muitos anos. Ocorreu-lhe que, se a encontrasse na rua, poderia muito bem seguir adiante sem reconhecê-la.

Feldman e Avanti observaram a explosão de Sally, aturdidos. Max sentiu-se envergonhado por seu pequeno triunfo vulgar. Aproximou-se de Sally e disse:

— Se quiser, mandarei que deixem seu marido entrar. Ele terá toda a liberdade de visitar o estúdio.

— Vá para o inferno!

Havia um telefone numa mesinha no lado. Max pediu que o ligassem para o portão.

— Pat, o Sr. Upperman ainda está aí?

— Está, sim, senhor. Esperando pelo táxi.

— Deixe-o entrar no estúdio ou diga a ele que pode pegar a limusine para voltar ao hotel. O que ele preferir. Dê um dinheiro ao motorista do táxi pelo trabalho de vir até aqui e depois me lembre de reembolsá-lo.

Max desligou e Sally lhe disse:

— Não adianta, você não é o anfitrião gracioso.

— Faço o melhor que posso.

A sala começou a se encher. O último a chegar foi Franck Humboldt, da firma de San Francisco de Humboldt, Lee & Morrison, contadores. O Sr. Humboldt trazia uma valise e dela tirou nove pastas encadernadas, para os membros do conselho. Feldman explicou:

— Estes relatórios contêm todas as informações pertinentes à causa desta reunião extraordinária, que é o desvio de recursos ao longo dos últimos 12 anos. Examinei o relatório junto com o Sr. Avanti e ambos estamos convencidos de que representa um quadro relativamente completo e objetivo da situação. O Sr.

Humboldt permanecerá na sala ao lado, à disposição para quaisquer perguntas que desejemos lhe fazer. Mas tanto o Sr. Britsky como o Sr. Avanti partilham da minha opinião de que esta reunião deve ser absolutamente confidencial e limitada aos nove membros do nosso conselho diretor. Como o assunto que nos reúne aqui é da maior gravidade, sugiro que os membros do conselho aproveitem a próxima meia hora para examinar o relatório da auditoria. Depois disso, iniciaremos as deliberações.

Max examinou a sua cópia da auditoria. A soma era dr um pouco mais de sete milhões de dólares. Ele sentiu-se um tanto aliviado ao constatar que os auditores haviam ignorado os furtos impossíveis de detectar das bilheterias de cinemas nem sequer aludindo a essa possibilidade. Não tinha a menor dúvida de que haviam ocorrido, mas não havia como prová-los. Ficou fascinado pela quantidade de companhias-fantasmas criadas por Stein e Ruby: uma companhia de aluguel de cartazes, três agências de propaganda diferentes, duas agências de viagens para absorver o custo de centenas de viagens à Europa nunca realizadas, uma empresa de fornecimento de roupas, uma serraria e uma companhia de limpeza industrial. O próprio Max levantara a questão das comissões ilegais. Os revendedores em que o estúdio comprava automóveis e caminhões pagavam uma comissão a Stein. Quando Max ameaçara cortá-los, eles abriram o jogo e acusaram Stein. Mas pelo menos isso não estava na auditoria. O que não impediria que fosse aflorar, assim como muitas outras coisas, se houvesse acusações criminais e uma investigação meticulosa das atividades de Stein, Ruby e Benny.

Quanto mais daria?, pensou Max. Três ou quatro milhões... Ele sacudiu a cabeça, impressionado com a quantidade de dinheiro gerada por aquele instrumento que criara, virando as páginas, até ter uma idéia do lamentável relatório.

Depois que a meia hora transcorreu, Feldman levantou-se e disse:

— O Sr. Britsky pediu ao Sr. Avanti que presidisse esta reunião comigo, pois acha que tem um envolvimento pessoal muito grande para agir de maneira objetiva. Como aconteceu com a nossa última reunião, achei que era melhor não termos a presença de um estenógrafo. Tomarei as anotações necessárias. Estou um pouco fora de forma, mas aprendi estenografia quando estudava Direito.

Avanti aceitou o martelinho de madeira que Max lhe entregou, declarou aberta a reunião, fez a chamada e anotou para o registro que todos os nove membros do conselho diretor se encontravam presentes.

— O Sr. Britsky solicitou que fosse permitido fazer alguns comentários antes de se iniciar a discussão do problema. Alguém tem objeção?

Não houve objeções. Max levantou-se e disse:

— A Britsky Productions tornou-se uma empresa de capital aberto há 12 anos e meio. Desde então, todas as pessoas nesta sala lucraram. Emitimos nossas ações a 10 dólares cada. Hoje, está valendo quatro vezes mais. Pagamos dividendos logo no primeiro ano em que abrimos o capital e nunca mais deixamos de fazê-lo depois disso. Descobrimos agora um desvio de dinheiro que remonta quase ao momento em que nos tornamos uma companhia de capital aberto. Se Stein ainda estivesse vivo e se meus dois irmãos não se encontrassem envolvidos, eu ainda diria para resolvermos a questão internamente. Nada se tem para ganhar com um processo público. O escândalo seria terrível e Deus sabe que esta indústria já sofreu escândalos demais. Posso apresentar um outro aspecto. Uma companhia que sofre esse tipo de fraude e nem mesmo se percebe é um sinal de grande saúde financeira. Portanto, proponho que adotemos o novo sistema de contabilidade sugerido pelo Sr. Humboldt e encerremos a questão. É claro que Reuben Britsky e Benjamin Britsky foram despedidos. Nunca mais voltarão a trabalhar para a Britsky Productions.

Sem pedir a palavra, Byron disse:

— Não houve reflexo sobre a saúde financeira, mas reflete bem a administração. Creio que pode compreender isso.

— Acho que devemos manter uma ordem — disse Avanti, batendo com o martelo de madeira. — Não vamos chegar a qualquer conclusão com gritos ou insultos.

Sally e Snyder estavam pedindo a palavra. Por deferência ao sexo, Avanti deu a palavra a Sally, que falou sem olhar para Max, parecendo genuinamente aturdida:

— Não entendo a sugestão do Sr. Britsky. É admissível que se diga a um homem que rouba nossa casa que vá em paz e fique com o seu saque simplesmente porque uma ação pública poderia nos afetar? O Sr. Britsky pode desconhecer de tal forma o processo criminal na América que não sabe que é obrigatoriamente público? E que esse sistema não pode funcionar sem o envolvimento do público? E devo também mencionar as questões morais envolvidas. Se encobríssemos esse crime enorme, não estaríamos também aderindo a uma conspiração criminosa, tornando-nos cúmplices?

— Tenho de falar neste ponto — interveio Feldman. — Precisamos esclarecer isso imediatamente.

— Eu lhe darei a palavra depois do Sr. Feldman — disse Avanti a Snyder.

— Tenho de esclarecer o problema que a Sra. Upperman levantou — disse Feldman. — Não há qualquer conspiração se decidirmos não processar os irmãos do Sr. Britsky. É um direito nosso. Há precedentes legais em que esse direito foi invocado. Já houve milhares de incidentes similares em que não houve qualquer

processo judicial.

— Mas não desta magnitude — interrompeu-o Julius Holms.

— Talvez não. Mas isso não faz absolutamente a menor diferença. Temos o direito de processar ou de nos abstermos de qualquer ação judicial. Qualquer insinuação em contrário é absurda. Vamos supor que uma esposa esvazie os bolsos do marido enquanto ele dorme. O marido está obrigado a processá-la?

— Um chute no rabo seria mais eficiente — comentou Clifford Abel, rompendo a tensão e provocando os únicos sorrisos que houve na reunião.

Avanti deu a palavra a Sam Snyder, que disse:

— Sou diferente de todos vocês numa coisa. Estou com Max desde o início. Armei o seu primeiro projetor. Ajustei a sua primeira câmara. Acompanhei-o através dos anos, começando do nada e transformando esta companhia numa das maiores da América. Sou um simples operário e passo a maior parte dos meus dias gritando com os idiotas que deveriam manter em funcionamento os equipamentos desta indústria. Mas de uma coisa eu sei. — Ele fez uma pausa, apontando um dedo para Max. — Se for preciso sete milhões de dólares para dar a esse homem um pouco de paz de espírito, então é um preço barato. Que diabo querem que ele faça? Que entregue seus irmãos? Claro que eles são ladrões! Mas também são seu próprio sangue e não se entrega o próprio sangue ao carrasco. É assim que ele se sente e é assim que eu me sinto!

— Essa é muito boa! — exclamou Royce Byron. — Tenho certeza de que Al Capone também tem um irmão.

— Isso é um golpe sujo! — disse-lhe Abel.

Max correu os olhos pela mesa. Clifford Abel estava um pouco embriagado. O que era compreensível. Ele não poderia enfrentar a situação de outra forma. Sam Snyder estava reprimindo o seu desejo de esmurrar cada um daqueles filhos da puta de Nova York, inclusive a elegante Sra. Upperman. O que fizera a ela?, perguntou-se Max. Como gerara um ódio tão frio e implacável? Mesmo se assumisse toda a culpa, aceitando o fato de que a forçara a um casamento sem amor, o que não era absolutamente verdade, a uma união com um vagabundo do Lower East Side, o que era ainda menos verdade, nada disso poderia explicar o ódio de Sally. Nunca a tratara com crueldade, nunca a espancara, nunca a humilhara. Dera-lhe riqueza e a posição social que podia oferecer. Ela se casara depois com um homem que lhe dera o resto, o acesso à alta sociedade da cidade de Nova York. Era mais uma coisa na extensa lista do que Max nunca poderia compreender. Bert Bellamy estava mais tranqüilo e descontraído do que qualquer outra pessoa à mesa, o príncipe regente pronto para assumir o trono. Quantas horas teriam investido para preparar tudo aquilo, planejando cada manobra, cada detalhe? Quando perdera Bert Bellamy como um

amigo, como um aliado? Tudo remontava à época em que o tirara do circuito barato de *music hall*, contratando-o e levando-o pelo primeiro degrau para se tornar milionário? Bert era agora um homem de classe, cabelos prateados por cima do pincenê, terno de colete feito por seu alfaiate em Londres, distinto, apartado da briga desagradável à mesa. Que os outros brigassem. Bert só falaria quando chegasse o momento oportuno. A causa era dar e, ao fazê-lo, acarretar uma redução no tamanho. Ele reduzira Bert Bellamy. Dei a você o que não poderia ganhar sozinho, o que nunca teve inteligência para criar por si mesmo. O bêbado Cliff Abel, Sam Snyder à beira das lágrimas, o gordo Freddy Feldman... todos nós criamos. Fizemos alguma coisa onde nada existia. Mas você seguiu o caminho de Rubby e Benny. Aquela foi a vingança deles e esta é a sua. O simples fato de compreender isso tornou as coisas mais fáceis para Max, embora não fosse algo de que se orgulhar.

Sally sorriu.

— Os James eram irmãos.

Max ouviu-a, mesmo que ninguém mais tivesse ouvido. Royce Byron estava rosnando para Clifford Abel.

— Eu o considero como o rabo de um elefante, meu caro — disse Abel. — As pessoas se interessam pela tromba e pelas presas, mas somente os vermes investigam o outro lado.

— Não vou ficar sentado aqui ouvindo essas coisas! — berrou Byron.

Avanti bateu com o martelo.

— Se for embora, seu idiota, sua maioria maquiavélica se fodeu — murmurou Abel. — Mas não deixe que eu o aborreça, meu caro.

— Tenho mesmo de ficar escutando esse homossexual repulsivo? — perguntou Byron a Feldman.

Feldman gritou:

— Pelo amor de Deus, Cliff, você só está contribuindo para piorar as coisas!

— Poderiam ser piores?

— Cale a boca, Cliff — disse Snyder.

Aproveitando um momento de silêncio, Avanti disse:

— Creio que podemos todos nos lembrar que somos adultos... e isso o inclui, Sr. Abel. Esta é provavelmente a mais importante reunião na história da nossa companhia. Vamos considerá-la como tal. — Ele apontou o martelo para Bert Bellamy. — Acho que o Sr. Bellamy gostaria de falar.

Agora era o momento oportuno. Bert levantou-se devagar, o rosto grave, mas não desprovido de compaixão. E disse, gentilmente:

— Posso compreender os sentimentos de Max. Pedir a um homem para

condenar os próprios irmãos é mais do que obsceno. É anticristão e vil...

Ali estava finalmente, entrando suavemente, como a adaga mais fina e afiada, o joio separado do trigo, a designação imputada ao judeuzinho magro que tivera a desfaçatez de desafiar-lhes a misericórdia.

— ... e eu, pessoalmente, jamais poderia pedir a Max que iniciasse uma ação judicial contra seus irmãos. — Ele fez uma pausa, olhando de um rosto para o outro. — Não obstante, é preciso fazer alguma justiça. É assim que nossa sociedade funciona. Como Max sugeriu, devemos abafar o caso, relegá-lo ao passado, deixar que morra por trás destas portas fechadas. E se o Sr. Feldman concordar com a legalidade da providência, devemos também destruir as minutas desta reunião.

Ele fez outra pausa. Julius Holms gritou:

— Apoiado! Apoiado!

Max sorriu, amargurado. Muito bom, velho amigo, pensou ele. Você sempre fez as rotinas melhor do que eu, especialmente quando apresentávamos os atos de alta classe. E este é o maior de todos.

— Não obstante — continuou Bert — como eu disse antes, é preciso fazer alguma justiça. Não temos o menor desejo de pôr Reuben e Benjamin Britsky por trás das grades e não o faremos. Mas eles devem fazer uma restituição. Não pode haver a menor hesitação a respeito.

Ele tornou a correr os olhos pela mesa, acenou com a cabeça e se sentou.

— Eu gostaria de saber, Bert — disse Feldman —, quantos membros do conselho concordam com a sua declaração. E falo assim porque me pareceu mais uma decisão do que uma sugestão.

— Também consultei advogados. E fui informado que qualquer membro deste conselho... mais do que isso, qualquer acionista... pode apresentar acusações criminais contra os irmãos Britsky.

— Tem razão. Fui bem claro sob esse aspecto nas minhas conversas com o Sr. Britsky. Mas como estou fazendo o registro desta reunião, gostaria de saber o que pensam os outros membros. Posso apresentar uma proposta nesse sentido, Sr. Avanti?

— Uma proposta está em votação.

— Eu apóio — disse Snyder.

— Eu preferia não submeter o assunto a votação — disse Avanti. — Se alguém objeta à proposta do Sr. Feldman de uma votação do conselho queira levantar a mão.

Nenhuma mão se levantou e Feldman começou:

— Sr. Britsky?

— Não.

— Sr. Avanti?

Hesitação.

— É meu primeiro conhecimento da sugestão. Posso esperar?

— Sr. Holms?

— Acho que sim. E gostaria de explicar essa opinião.

— Sr. Abel?

— Claro que não, Freddy. A sugestão é um absurdo total. E você sabe disso.

— Sra. Upperman?

— Sim.

— Sr. Byron?

— Sim.

— Sr. Snyder?

— Claro que não, Freddy.

— E para os anais — arrematou Feldman — eu também me oponho.

Max pediu a palavra.

— Eu disse não à sugestão de Bert. Estou perfeitamente a par da compaixão que ele expressa e é exatamente o que poderia esperar de um velho querido amigo. — Ele se absteve de acrescentar: que por acaso é também o mais safado filho da puta que já conheci. — Mas a verdade é que a restituição de sete milhões de dólares... — Max abriu os braços, sacudiu a cabeça. — Meus irmãos não têm um só níquel. São vagabundos imprestáveis e sem dinheiro. Benny é um jogador de pôquer e vive envolvido com prostitutas... Ruby perdeu pelo menos um milhão nas mesas de jogo em Reno. Eles não podem fazer a restituição.

— Mas você pode — disse Sally.

— Obrigado, minha cara.

— Creio que a restituição é impossível — disse Feldman. — Podemos efetuar uma auditoria em Ruby e Benny, mas isso nada mudará. Se vendêssemos as cuecas deles, poderíamos fazer algumas centenas de dólares... e não conseguiríamos mais nada. Pessoalmente, não vejo a menor necessidade de restituição. Temos uma companhia grande, saudável, poderosa. Todos os outros estúdios por aqui... Fox, Metro, Columbia, Warner... perderam milhões de dólares em filmes ruins, decisões erradas. Está na natureza do negócio. As receitas devem ser geradas com um grau de risco. Não fabricamos automóveis. Fabricamos filmes. Pode parecer incrível dizer que sete milhões de dólares não fazem a menor diferença, mas vão compreender que é justamente o que acontece se examinarem os balanços desta companhia. Não faz a menor diferença. Portanto, proponho que este conselho, tendo em vista os anos de dedicação do Sr. Britsky à companhia, vote contra a apresentação de acusações criminais a

Reuben e Benjamin Britsky.

— Apoiado! — gritou Abel.

— Antes de se realizar qualquer votação — interveio Royce Byron — eu gostaria de lembrar ao conselho que a decisão da maioria não será compulsória. Como acionista, ainda manterei o direito de preferir uma ação criminal.

— É essa a sua intenção? — perguntou Avanti.

— Claro que é... a menos que seja feita a restituição.

— Já discutimos essa questão. Não há a menor possibilidade de restituição.

— Tenho certeza que há.

O joio do trigo, pensou Max. Ele gostava de Avanti. Sentia-se contente por Avanti não estar participando da manobra. Quem estaria então... Bert, Sally, Byron e provavelmente Holms? Devia ser isso. Eles haviam planejado cada passo — não Bert agora, não seu velho companheiro, mas Royce Byron, Nova York, Wall Street, a companhia telefônica, todos os vilões do mercado de ações. Bert tinha de sair cheirando como uma rosa. Era o único que poderia se sentar no lugar do piloto.

— Então nos explique como, Sr. Byron — disse Avanti.

— Terei o maior prazer. A pessoa mais interessada em manter os irmãos Britsky fora da prisão, a pessoa que mais tem a ganhar com isso é o Sr. Britsky, nosso presidente. O Sr. Feldman assegura-nos que a companhia não foi afetada. Eu gostaria de saber se os acionistas concordariam, se tal garantia lhes fosse oferecida. Pessoalmente, eu me sinto lesado, em termos morais e financeiros. Portanto, para que os criminosos não sejam processados e paguem sua dívida com a sociedade, é preciso que a restituição seja efetuada. Como os culpados não podem fazê-lo, então a outra parte interessada, o Sr. Max Britsky, deve assumir o ônus.

Houve o maior tumulto, meia dúzia de pessoas falando ao mesmo tempo, Avanti batendo com o martelo, Max recostando-se na cadeira e observando os membros do conselho, escutando as palavras iradas, quase com indiferença. Restaurando finalmente um arremedo de ordem, Avanti pediu uma votação da proposta, mesmo que não fosse compulsória.

Max, Snyder, Abel e Feldman votaram pelo encerramento da questão e contra qualquer ação judicial.

Max, Sally, Holms e Byron votaram contra essa proposta.

Avanti não votou. Quando Feldman pediu-lhe que manifestasse a sua preferência, ele explicou que seu banco concedera uma vultosa linha de crédito à Britsky Productions e por isso não era apropriado que votasse — certamente não sem consultar a alta direção. Por isso, devia abster-se. E acrescentou:

— Posso garantir, quase com toda certeza, que San Francisco me aconselharia à abstenção numa questão dessa natureza.

— Mas a votação é apenas uma formalidade — disse Byron. — Não há qualquer possibilidade do Sr. Britsky evitar o problema.

— No final das contas, tudo depende de mim — concordou Max. — Vamos pôr as cartas na mesa. A Britsky Productions me paga um salário de dois mil dólares por semana. É muito bom, mas várias de nossas estrelas ganham mais. Também cobro algumas despesas ao estúdio... o carro do estúdio quando o uso, alguns almoços e jantares de negócios fora do estúdio... nunca mais 200 dólares por semana, quase sempre menos. Entrego mil dólares por semana à minha mãe, para as despesas domésticas. O resto... se escoa depressa. Sou um homem acessível, ajudo atores desempregados e obras de caridade, a quantidade surpreendente de pessoas que precisam de algum dinheiro emprestado. Nada sobra. Não sou pobre. Tenho cerca de 80 mil dólares na minha conta bancária. Mas sete milhões de dólares... é um dinheiro que não possuo.

— Está querendo nos enganar — protestou Byron.

— O Sr. Britsky tem um senso de humor muito desenvolvido — comentou Sally.

— Acho que eles estão se referindo ao fato de que você possui 51 por cento da Britsky Productions, Max — disse Bert.

— Sei disso. Como a Sra. Upperman comentou, tenho muito senso de humor.

Snyder fez menção de dizer alguma coisa, mas Max estendeu a mão para silenciá-lo.

— Espere um pouco, Sam. É a minha vez de falar. Fiquei escutando em silêncio, mas agora quero falar. — Ele tornou a virar-se para Bert. — Vamos deixar toda a merda de lado, Bert. Não sou um idiota. Portanto, vamos falar *tachlis*. Certo? Chega de merda. Você planejou tudo antes de entrar... você e essa estranha que já foi minha esposa, junto com esse sujeito da companhia telefônica. *Ahf an tisch*... deve se lembrar bastante do iídiche para compreender isso. Estão me agarrando pelos colhões e não posso fazer porra nenhuma. — A linguagem era em benefício de Sally. E Max arrematou: — Portanto, digam logo o que querem e vamos acabar com isso. Já estou de saco cheio de toda essa merda.

— Está certo, Max. É melhor assim.

— Tem toda razão.

— Queremos sete milhões de dólares de suas ações... na cotação do mercado, para ser entregue à companhia. Depois, queremos a sua renúncia pois achamos que as novas condições seriam rigorosas demais para que continuasse a

ser produtivo.

— Quem está querendo isso?

— Sally, eu e Byron.

— Quem fica com o meu cargo?

— Eu. Teremos os votos para isso.

— Não terá. Ainda posso obter a maioria.

— Não, não pode. Vai nos dar uma procuração que garantirá a maioria. Sem negociação, sem barganha. O que está em jogo é muito alto e estamos dispostos a ir até o fim. Ou você concorda ou saímos daqui e vamos direto para o gabinete do promotor distrital do condado de Los Angeles, levando o relatório de Humboldt e iniciando a ação judicial. A esta altura, é duvidoso que você possa sobreviver ao escândalo e continuar a dirigir a companhia. A vida não está acabada, Max. Você sairá dessa com mais de 100 milhões de dólares.

— Bert, Bert, você é um filho da puta paciente. Há quanto tempo planejava isso?

— Desde que Ruby, Benny e Jake começaram a roubar. Primeiro, tentei avisá-lo. Depois, decidi aproveitar a oportunidade. Se Jake não tivesse morrido, eu teria agido no próximo ano.

— E agora você e minha querida Sally ficam com tudo.

— Mais ou menos.

— Muito bem, Bert, você ganhou, fica com tudo. Inclusive com Max Britsky no outro lado, que não é um dos homens mais agradáveis para se ter como inimigo. Veremos o que o futuro nos traz. Neste momento, não quero mais falar nem olhar para você ou para essa puta que é a sua cúmplice, Freddy!

A mesa se mantivera silenciosa, tão silenciosa quanto o mar sem vento. Feldman disse agora:

— O que é, Max?

— Prepare os documentos para esse filho da puta. A reunião está encerrada.

E, com isso, ele saiu da sala.

CAPÍTULO ONZE

1937

Réquiem

Max morreu discretamente, sentado na última fila do Cinema Bijou, na West Brodway, na cidade de Nova York, por volta das quatro horas da tarde, no ano de 1937. Tinha 58 anos. Como a autópsia revelou posteriormente, sofrera dois enfartes e provavelmente não tomara conhecimento do ataque inferior ao que o matara. Morreu discretamente, arriado na cadeira, como se estivesse dormindo. Todos comentaram que era típico de Max morrer assim, sem dar trabalho a ninguém.

Max deixara Los Angeles duas semanas depois da reunião do conselho diretor em que Bert Bellamy o substituíra como presidente da Britsky Productions. Os amigos ficaram esperando que Max desfechasse alguma contra-ofensiva, que derrubaria Bellamy e o levaria de volta à liderança da companhia. Mas nada disso aconteceu. Max fez as malas e deixou Los Angeles. A partir daquele momento e até o dia de sua morte, nunca mais falou com qualquer pessoa da família, inclusive a mãe. A Britsky Productions foi uma das poucas companhias que sobreviveram à quebra da Bolsa de Nova York e à depressão que se seguiu. Max nunca teve falta de dinheiro. Na verdade, era muito rico. Instalou-se numa suíte no velho Murray Hill Hotel, na esquina da Park Avenue com a Rua 39. Nunca mais voltou a Los Angeles. Não fez qualquer tentativa de voltar ao cinema, assim como também não se interessou por qualquer outro empreendimento financeiro. Andava muito, sempre fascinado pela cidade que o produzira, espantado com as mudanças que haviam ocorrido durante a sua ausência. Ingressou no clube Players e tornou-se uma presença familiar, um homenzinho numa vasta poltrona de couro, lendo seu jornal, fumando um charuto, tomando uma cerveja. Mas não convidava a qualquer intimidade. Deixavam-nos em paz, com exceção de umas poucas pessoas que o conheciam.

Ia a quase todas as estréias, tanto de peças teatrais como de filmes, sempre com uma mulher atraente, geralmente de meia-idade. As mulheres eram amigas antigas dos tempos dos estúdios em Nova York, extras, coadjuvantes, mulheres casadas e divorciadas, casadas e abandonadas, às vezes jamais casadas. Todas

gostavam da companhia de Max, pois ele gastava generosamente, não julgava ninguém, não reabria feridas antigas. Algumas também estavam um pouco apaixonadas por ele, mas sabiam que Max era um homem solitário e assim permaneceria.

Cerca de uma vez por ano, no começo, Sam Snyder ou Freddy Feldman apareciam em Nova York. Max os levava a bons restaurantes e ouvia as notícias da Califórnia. Mas poucos anos depois que Max voltou a Nova York, Feldman deixou o estúdio e Sam Snyder nocauteou Bert Bellamy, em decorrência de uma discussão em plena rua do estúdio. Apesar de toda a sua gordura, Snyder era um homem muito forte. Bellamy sofreu um talho no rosto e perdeu um dente. Não apresentou uma acusação de agressão, mas era evidente que os dias de Snyder no estúdio estavam encerrados. Ele abriu uma oficina particular e inventou diversas melhorias para a câmera. Fred Feldman abriu uma firma de advocacia em Los Angeles. Clifford Abel incendiou o estúdio de arte da Britsky Productions e partiu num cruzeiro ao redor do mundo. Nunca ficou provado que ele era o incendiário, mas era um segredo que todo mundo sabia.

Na América, o público tem memória curta e ninguém jamais sentiu curiosidade pelo que acontecera a Max Britsky. Ele preferia assim. Se consultasse um psiquiatra, saberia que vivia em estado de depressão. Mas provavelmente teria negado. Ressaltaria que não se sentia particularmente deprimido, mas também não se interessava muito por qualquer coisa. Como os últimos anos de sua vida foram os anos da Depressão, ele era constantemente procurado por pessoas que precisavam de dinheiro. Jamais repeliu uma solicitação de contribuição para alguma obra de caridade, sempre tinha um bolso do casaco repleto de moedas de meio dólar, pelo que tornou-se conhecido de todos os mendigos entre Park Avenue e a Nona Avenida, ao sul da Rua 42. Sua fortuna se reduzira a poucas centenas de milhares de dólares — o que era compreensível, já que determinara a Fred Feldman que continuasse a pagar à sua mãe 500 dólares por semana e dera vários milhões de dólares.

Depois da morte de Max, um repórter do New Yok *Times* foi procurar Clifford Abel, que voltara a Nova York. Abel estava com 62 anos. Achava que estava bastante rico e muito velho para voltar à arquitetura. Abriu um estúdio, procurava por peças da Broadway para fazer os cenários. O repórter encontrou-o no estúdio.

— Estamos tentando reunir algo mais que o obituário normal sobre Max Britsky. É verdade que o conheceu bem?

— Pode-se dizer que sim. Conheci Max em 1912. Trabalhamos juntos durante os 15 anos seguintes. Max não era um homem fácil de se conhecer... quando se vai mais a fundo, além da superfície. Creio que ele só teve dois

amigos íntimos em toda a sua vida, eu próprio e Sam Snyder.

— Gostava dele?

— Adorava, respeitava. Foi um grande, embora sem ter qualquer noção de sua grandeza.

— Gostaria que explicasse isso.

— Vou tentar. Mas tem de pensar em Max como eu pensava nele. Eu via Max não naquele horrível terno de sarja azul que ele sempre usava, mas numa túnica de seda e cetim. Ele monta num cavalo branco e usa um turbante adornado de diamantes e rubis. É seguido por 12 bestas de carga, com sedas, especiarias e outras coisas maravilhosas. Claro que isso é um pouco de fantasia. Serei mais objetivo. Max trouxe alguma coisa nova ao mundo. Por causa dele, para o melhor ou para o pior, o mundo nunca mais voltará a ser como antes. Sei que houve outros, é claro, porém Max estava sempre um passo à frente. De quantos homens se pode dizer isso?

****

Revisão: Argo – www.portaldocriador.org